Eduardo

A guerra não declarada na visão de um favelado

Depois das vocações amputadas aos milhares nas áreas saqueadas pela ganância burguesa, aquele que poderia ser um advogado é transformado num traficante de drogas. Aquele que poderia ser um juiz é convertido num assaltante de bancos. Aquela que poderia ser uma médica é reduzida a garota de programa. Aquele que poderia ser um empresário de sucesso, gerador de oportunidades para os seus iguais, é metamorfoseado no servente de pedreiro ou no ajudante geral. Por fim, aquele que poderia ser um ser humano feliz e produtivo, engrossa as estatísticas das deficiências físicas dolosas ou das mortes violentas em consequência da **Guerra Não Declarada.**



Eduardo

A guerra não declarada na visão de um favelado

Não podemos ser pedintes. Quem pede, fica na mão do opressor, quem exige, amputa as mãos do opressor!
Quem pede, não tem chances. Quem reclama aquilo que é seu moralmente, tem uma chance. Adivinha quem o sistema prefere: o Eduardo contestador ou o Eduardo engessado mentalmente por suas táticas sádicas?
O Eduardo faminto e despolitizado não faz estragos consideráveis, entra num mercadinho na tentativa desesperada de suprimir uma de suas necessidades fisiológicas e termina num caixão, remontado em pequenos pedaços como um quebra-cabeça. Já o Eduardo faminto e pensante não age por instinto, é capaz de articular ideias e planejamentos e vir até a implodir o Congresso Nacional, com todas as suas toneladas de excremento em seu interior.

Eduardo

A Guerra não Declarada na Visão de um Favelado

1ª edição

São Paulo

Carlos Eduardo Taddeo

2012

Ficha Técnica

Direção Geral: Carlos Eduardo Taddeo
Artes Gráficas: Willian Domingues (Mandrake)
Foto da Capa: Tiago de Jesus
Direção e Criação Capa: Carlos Eduardo Taddeo
Diagramação: Fatima Taddeo

ISBN 978-85-914040-0-1 2012

Vendas online pelo site www.rapnacional.com.br
Pelos telefones 11-56615061 / 11-969497810
Pelo email: aguerranaodeclaradanvduf@yahoo.com.br

Dedicado
à todos os invisibilizados do Brasil.

Sumário

Prólogo

Pense na atitude mais atroz que poderia ser tomada por um exemplar da raça humana. Pra te ajudar a raciocinar, vou citar mais adiante, alguns modelos de atrocidades praticadas por tiranos de todas nacionalidades em esfera municipal, estadual, nacional, continental, intercontinental e mundial (não necessariamente nessa mesma ordem). Pra te ajudar a raciocinar, vou citar mais adiante, uma pequenina amostra do showroom de perversidades da espécie "pensante" que domina o planeta, aquela que segundo alguns estudiosos, ainda continua em constante evolução. Antes de prosseguir, aviso que o que você vai ler a frente é tão somente, a descrição de uma porção irrisória das muitas ações que fizeram com que o homem ocupasse o patamar mais elevado da natureza.

O ser, no topo da cadeia alimentar, foi capaz de: a mando de reis invadir terras já habitadas, massacrar os seus legítimos donos e depois dividir o fruto de seus crimes entre os membros de cortes; eliminar a cultura milenar ancestral, a língua e os deuses de nativos e coagi-los a aceitar a catequização do homem branco ocidental; devastar países subdesenvolvidos para pilhar as suas riquezas naturais; deixar populações inteiras famintas, ao ponto de praticarem canibalismo.

O ser, no topo da cadeia alimentar, em face de sua intolerância racial, foi capaz de: dizimar nações que se opuseram a submissão; segregar povos, isolar grupos étnicos e até colocá-los em câmaras de gás com o propósito de promover execuções em massa; escravizar no Brasil, por mais de 350 anos, em engenhos de cana de açúcar, plantações de algodão, lavouras de café e casas-grandes, milhares de pessoas sequestradas de suas terras natais; libertar os sobreviventes da escravidão oficial sem pagar-lhes qualquer tipo de indenização; negar a importância cultural do povo negro no desenvolvimento e progresso da pátria brasileira; não assumir a dívida social histórica com os descarnados e despelados vivos em pelourinhos, que com sangue, suor e morte, ergueram os impérios da elite local.

O ser, no topo da cadeia alimentar, em face de sua ganância e egoísmo, foi capaz de: matar presidentes de Estados Falidos para instalar no poder, fantoches que atendessem aos interesses de corporatocracias; financiar golpes de Estado para a derrubada de líderes socialistas; arrasar inocentes e o meio ambiente do terceiro mundo, despejando em rios e no ar, os lixos tóxicos proibidos em regiões desenvolvidas; forjar atentados terroristas para justificar ofensivas à pontos geográficos estratégicos; viciar multidões com drogas lícitas e ilícitas; envenenar multidões com alimentos produzidos a base de substâncias químicas nocivas a saúde.

O ser, no topo da cadeia alimentar, foi capaz de: transformar pessoas despossuídas em servos e em extensões do maquinário de linhas de produção; alienar os mais carentes, para que estes aceitassem sorrindo, serem massacrados; entorpecer neurônios hipnotizáveis para que dessem audiência a programações

voltadas a incultura e a promiscuidade sexual; promover nos quatro cantos do globo terrestre a destrutiva e mortífera injustiça social; impedir os mais pobres de terem acesso ao estado democrático de direito de suas respectivas nações; impedir os mais pobres de terem acesso aos mecanismos sociais necessários para a evolução pessoal, profissional e coletiva; impedir os mais pobres de terem liberdade individual e de participarem de cenários políticos; impedir os mais pobres de se manifestarem e interferirem na administração pública.

O ser, no topo da cadeia alimentar, em troca de poder, foi capaz de: emburrecer os desassistidos para transformá-los em analfabetos funcionais; metamorfosear crianças em homicidas, latrocidas, traficantes e sequestradores; usar as ferramentas de sistemas prisionais, como instrumentos de vingança contra as crianças forçadas a manusear fuzis; usar o corpo de meninas na primeira infância para atrair visitantes estrangeiros; roubar órgãos de jovens carentes e transplantá-los em receptores milionários do primeiro mundo; usar o nome de Deus para incinerar supostos hereges em "fogueiras santas"; usar o nome de Deus para promover cruzadas sangrentas; usar o nome de Deus para fazer com que cofres transbordassem com fortunas profanas adquiridas por meio da fé dos mais humildes e ingênuos. O ser, no topo da cadeia alimentai, por sadismo, foi capaz de: criar e abater animais com crueldade para comercializar a sua carne, sangue, leite e pele; arrancar os membros de vítimas torturadas e fazê-las comer; estuprar famílias inteiras na frente de prisioneiros, para obtenção de informações; usar homens, mulheres e crianças como cobaias vivas em pesquisas e testes científicos mórbidos, sem uso de anestésicos; abrir o tórax de pessoas consideradas de etnias inferiores e depois jogá-las em banheiras, para verificar o quanto demoravam para se afogar; extenuar cidadãos em campos de trabalhos forçados, até que os seus corpos esqueléticos tombassem exauridos e falecessem.

O ser, no topo da cadeia alimentar, foi capaz de: sancionar leis que legitimassem a concentração de terras e renda; sancionar leis que legitimassem a ação de esquadrões da morte em áreas devastadas pela miséria extrema; aprovar decretos que legalizassem a força bruta dos batalhões estatais; aprovar normas que permitissem a agentes de segurança, impunemente, espancar adolescentes, até os olhos saltarem de suas órbitas oculares; ratificar regras que absolvessem monstros fardados, que a serviço da burguesia, chutam barrigas de grávidas até fazê-las abortar, para depois bater com as cabeças dos fetos no asfalto.

O ser, no topo da cadeia alimentar, foi capaz de: proibir as drogas para lucrar rios de dinheiro com a indústria da proibição; deflagrar e propagar a síndrome do pânico para lucrar somas vultosas, instituindo a indústria do medo; deflagrar Guerras Não Declaradas, para que países como o Brasil possam aniquilar todos os emoldurados dentro do estereótipo elitista do bandido padrão, sem que o colossal derramamento de sangue seja configurado aos olhos da comunidade internacional, como um genocídio; deflagrar Guerras Não Declaradas, para que países como o Brasil possam manter médias anuais de mortos, muito acima dos indicadores de nações assoladas por conflitos reconhecidos, sem que o seu rótulo de paraíso pacífico seja sequer arranhado.

Como havia escrito, esse breve relato foi apenas um demonstrativo, altamente resumido, sobre a grande variedade de atos assombrosos promovidos pelos nobres senhores ditos civilizados e escolhidos a dedo pelo criador. Foi apenas um demonstrativo, altamente resumido, de parte da psicopada, daqueles que há milênios controlam as faixas populacionais enclausuradas na miséria absoluta. Com essa limitadíssima explanação, espero ter contribuído com o pedido que te fiz no início do prólogo deste livro. Depois de ter pensado na ação mais diabólica que uma mente humana pode produzir, peço que agora a multiplique por um milhão. Multiplicou? Más notícias, mesmo realizando essa operação matemática, você não chegou nem perto das hediondidades que o cérebro doentio de um opressor é capaz de produzir na busca desenfreada por ascensão. As patologias de um ser corrompido pela cobiça insana, resultam em aberrações que até Deus duvidaria! *E* são justamente essas aberrações e as suas consequências desastrosas para as favelas, que eu pretendo dissecar em minha abordagem sobre a pátria de chuteiras, metralhadoras e prostituição infantil.

Por se tratar de um dossiê fiel à todos os aspectos sórdidos das catástrofes e crises humanitárias que nos assolam, é preciso ser cauteloso quanto a segurança daqueles que absorverão as minhas informações. E é por isso, preocupado com aqueles que nenhum governante se preocupa, que propus o pequeno teste. A finalidade de meu exercício mental é evitar que as pessoas facilmente impressionáveis sejam acometidas por um súbito mal-estar ao lerem as páginas a seguir.

O conteúdo da obra: **A Guerra Não Declarada, Na Visão de Um Favelado** volumes I e II, definitivamente não é indicado para aqueles que são sensíveis a sangue. O conteúdo da obra: **A Guerra Não Declarada, Na Visão De Um Favelado** volumes I e II, definitivamente não é indicado para aqueles que são sensíveis a verdade. Caso você se enquadre dentro de uma destas classificações, recomendo que pare de ler imediatamente.

Se você estiver lendo este trecho significa, que por sua conta e risco, você se assumiu preparado ou preparada para viajar comigo ao epicentro de nossas mazelas sociais. A sua companhia me alegra muito, pois num cenário de completa privação financeira, alienação e deseducação estratégica, é difícil encontrar pessoas dispostas a encarar a verdade dos fatos. Num cenário de dominação quase que total, é difícil encontrar pessoas dispostas a desafiar as letras parciais e excludentes dos regimes tirânicos que rasgam as carnes dos favelados. Só de ter chegado até este ponto do livro, você já demonstra ser uma pessoa corajosa e descontente com as normas de conduta humana pré-estabelecidas pela playboyzada.

Em tempos de opressão, como o que vivemos neste instante, um favelado semianalfabeto que resolve escrever dois livros, jogando toda a sujeira de seu país no ventilador, só tem um propósito: revolucionar. A minha marcha **pessoal contra as desigualdades e** injustiças sociais começada no rap, dá agora, através da literatura, **o** seu segundo passo. Desta forma, agradeço desde já, por poder contar com você nessa marcha contra os inimigos dos menos favorecidos. Apenas os que enxergam a engenharia macabra do sistema, são capazes de se interessar por obras desse porte.

Apenas os que reconhecem o quanto são mutilados pela **Guerra Não Declarada,** arquitetada pelos estrategistas dos bairros nobres, são capazes de dar atenção aos escritos de outro favelada. Bem-vindo ao combate, onde a única chance dos invisibilizados contra as artilharias estatais e burguesas, está na conscientização. Bem-vindo a realidade cáustica, genocida e favelizadora, segundo a versão de um autêntico favelado.

Meu nome é Carlos Eduardo Taddeo, mas pode me chamar de Eduardo. Meu currículo profissional não é muito extenso: sou um rapper ativista e nem é por formação acadêmica, mas sim por autoproclamação. Não estudei em Harvard, não sou cursado, pós-graduado, mestrado ou doutorado em nenhuma disciplina e por nenhuma faculdade renomada. Aliás, por nenhuma faculdade renomada e por nenhuma sem renome também. Sendo bem franco, eu nunca nem entrei em uma universidade. A bagagem cultural que propicia a minha inserção no ramo literário, foi formada pelas informações negadas ao coletivo popular, que por livre e espontânea vontade, eu adquiri de maneira clandestina e marginal. A bagagem cultural que propicia a minha inserção ao ramo literário, foi formada pelo legado deixado pela vivência cotidiana no interior da hecatombe brasileira. Esta última, bem mais do que me trazer experiências sobre a temática, me fez um perito no assunto.

Assevero sem medo de errar, que hoje sou um autodidata em morticínio. É bem verdade, que do alto da minha 5ª série não concluída do ensino público fundamental, nunca publiquei teses ou dissertações, porém, sou mais capacitado para escrever sobre a atmosfera agonizante abaixo da linha da pobreza, do que qualquer sociólogo playboy que estuda a crise humanitária nacional através de livros e computadores! Eu não assisti filmes, documentários ou matérias jornalísticas sobre a **Guerra Não Declarada** do Brasil, eu estou 24 horas diárias dentro de suas trincheiras. Eu estou 24 horas tentando me proteger das agressões bélicas de um impiedoso exército rival. In felizmente, eu sou morador cativo do parque onde as anomalias maquiavélicas guiadas por cifrões, se divertem aflorando as suas psicopatias mórbidas.

Por estar no olho do furacão dos desastres não naturais promovidos pelo opressor, eu me senti na obrigação de manifestar a minha revolta por meio de uma outra vertente além da música. Por ser outro refém que sente os estilhaços das armas estatais e burguesas na pele, me senti na obrigação de levar ao público em geral, minha visão particular sobre a edição verde e amarela do holocausto dos judeus.

Repórteres já falaram ou escreveram sobre as agruras que devastam os solos minados segregados do país do carnaval, entretanto, o fizeram através de mãos e línguas viciadas, manipuladas, obedientes e serventes aos propósitos dos ricos parasitas. Até os dias atuais, os confrontos armados incessantes que alguns ignoram, só foram debatidos por um prisma artificial e conveniente: a visão dos dominantes. O massacre dos fracos e oprimidos, condenados aos morros, as favelas, aos conjuntos habitacionais inabitáveis, aos cortiços, aos viadutos, as caixas de papelão, etc., sempre esteve linkado a narrativa deturpada de abutres coligados aos assassinos sociais.

Entre erros e acertos, o que você lerá nesta obra, será a opinião autêntica em primeira pessoa, de um genuíno fruto da exclusão e marginalização social. Eu sou

um legítimo correspondente de guerra. Eu sou um correspondente de guerra que foge completamente do convencional. Eu não chego depois que os corpos estão no chão, estou no campo de concentração antes, durante e depois da matança. Eu sou o único correspondente de guerra do universo que está aprisionado aos campos de refugiados e aos campos de batalha, junto com todos que foram, são e serão severamente supliciados. O único do universo que foi sentenciado a morrer da mesma forma cruel e desumana, que as vítimas barbarizadas sobre as quais escreve.

Definitivamente, não apresento nenhuma semelhança com os correspondentes da BBC, da CNN ou da Rede Globo, que usam as desgraças alheias para angariar audiência, anunciantes e autopromoção. Divulgarei sim ao longo de meus dois livros, uma infinidade de tragédias sociais e de pensamentos altamente inflamáveis aos escravizadores, mas como forma de uma militância solitária. Como forma de uma militância solitária que visa, exclusivamente, despertar nos sistemas nervosos centrais engessados por constantes lavagens cerebrais, o inconformismo, **a** sede de **justiça,** a compulsão pela defesa de direitos, a solidariedade aos irmãos de **calvário,** o desejo pelo saber e a ânsia pela paz. A verdadeira paz, não a paz tumular!

Além de alertar sobre os perigos referentes à leitura, o exercício mental proposto logo no início deste livro, teve um outro propósito: tentar trazer o leitor para o meu clima hostil e pessimista em relação à playboyzada. Nada é mais ideal, do que dividir o meu assombro referente ao tema, com aquele que ao longo de dias ou meses terá a companhia de minhas reflexões no ônibus, no metrô, na hora do almoço no emprego, no intervalo escolar, num barraco de compensado ou madeirite, no pátio de um pavilhão, numa cela de delegacia ou num centro de detenção provisória.

Ao passar da casa dos trinta anos, é normal nos considerarmos tarimbados, preparados e experientes no que diz respeito à maioria das questões mundanas^ Essa fase da vida desperta a maturidade em quase todas as pessoas e com ela aquela velha sensação do: eu já vi de tudo, nada mais me surpreende. Partindo deste princípio, sou forçado a presumir e a assumir, que talvez eu tenha algum desvio mental que me tire dos trilhos da normalidade, afinal, atingi essa faixa etária, mas não fui agraciado com tal amadurecimento. Quanto mais eu tomo conhecimento sobre as táticas empregadas pelo homem para a conquista do planeta, mais eu fico abismado e nauseantemente surpreso!

Esse meu diagnóstico pessoal é multiuso, ele tem duas funcionalidades, serve para a minha própria avaliação e para a chegada a uma temerosa conclusão: não existem limites para a depravação dos adoradores do capital! Eu diria mais, esses seres abomináveis conseguiram a proeza de involuírem para um outro estágio ainda mais putrefato da humanidade, já corrompida pelo ódio ao próximo. Estão num patamar superior quando se trata de somas materiais, mas quando o assunto é QI (Quociente de inteligência), se encontram num plano sensivelmente decadente e atrasado em relação aos demais.

Mesmo sabendo que a finalidade monetária está embutida em cada ato monstruoso, admito que eu nunca consegui entender realmente os conflitos milenares entre exércitos; a voracidade alucinada por supremacia e riquezas abundantes; a lógica dos genocídios e da arruinação econômica de povos; as razões

que desembocam em regimes que promovem o separatismo por etnias e classes sociais; a luta de classes; a intolerância a pluralidade racial, cultural e religiosa; o preconceito, o racismo, a escravidão, a exploração, o comércio de seres humanos, etc... Eu admito que realmente nunca consegui compreender os cérebros psicóticos da única espécie em todo o reino animal, capaz de derramar o sangue de seu semelhante em nome de vantagens mercantis.

As leituras que fiz sobre a origem das civilizações e posteriormente, sobre a composição das sociedades, reinos, impérios, colônias, repúblicas, tiranias, ditaduras, etc., bem mais do que me presentear com esclarecimentos, me brindaram com diversas dúvidas. Ao caminhar por ruas revestidas com vestígios de cadáveres, ao sentar em frente à TV e ser bombardeio por notícias que me trazem aberrações maquiavélicas produzidas pelos animais "inteligentes" ou ao ser convidado para mais um, entre tantos funerais anuais de conhecidos, prontamente flagro a minha consciência me auto questionando:

- Qual o significado de uma existência tão daninha ao seu próprio habitat? Qual o sentido de tanto derramamento de sangue? De tanto sofrimento? De tanta miséria? De tanta injustiça? De tanta ambição? De tanto egoísmo?

Lamentavelmente, eu tenho todas essas perguntas e quase nenhuma resposta. Não pense que isso se deve ao fato de eu ser uma pessoa ingênua. Nada disso... Os caixões lacrados que testemunhei descendo em covas, desencadearam em meus neurônios uma aptidão nata para desmistificar falsos heróis e derrubar lendas plantadas, o problema, é que mesmo munido com um extenso conhecimento adquirido através de quilos de pólvora, não é fácil entender o comportamento de um endinheirado de forma integral. Não é fácil desenvolver a sapiência psiquiátrica necessária, para identificar a deficiência que impede que o hormônio da saciedade financeira seja produzido no hemisfério cerebral esquerdo de 10% dos homens. É simples compreender o motivo para a barbárie, mas não a sua lógica. E uma missão complexa, encontrar algum resquício de coerência num morticínio que elimina milhares, para que um inseto peçonhento milionário aumente os dígitos de uma fortuna, a qual ele não conseguirá gastar nem se reencarnar mil vezes.

Vai ver, eu sempre tive dificuldades para compreender o porquê das pessoas que tiveram aulas de boas maneiras praticar desumanidades de proporções bíblicas, devido à formação final do meu caráter num gueto ala Varsóvia chamado: Grajaú. O Grajaú é um bairro periférico paupérrimo da zona sul de São Paulo, que a exemplo de todos os seus iguais, foi originado a partir das políticas sociais discriminatórias, delineadas sob medida para os esquecidos. Com uma população estimada em mais de quinhentas mil pessoas, a maioria refugiados nordestinos, o meu campo de concentração é o distrito mais populoso da cidade e o que também abriga o maior número de crianças. Esse mini país que concentra 4.460 moradores por quilômetro quadrado, ocupa atualmente o 4º lugar no ranking dos bairros mais violentos de São Paulo, ostentando uma média vergonhosa de 88,3 mortes violentas por cem mil habitantes! Para você ter uma ideia da dimensão da mortandade, na

região de Pinheiros, bairro de classe média localizado a poucos quilômetros de distância da minha área de risco, o índice é de 10 mortes por cem mil habitantes. A média mundial, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é de 28,8 mortes por grupo de cem mil habitantes.

Como que eu poderia ser íntimo do sentimento nefasto que leva um porco desalmado, bem resolvido financeiramente, a transformar meninos e meninas em farelos de ossos em troca de um Land Rover, se no meu mundo paralelo, de renda per capita que não chega a RS 300 por mês, o sonho de consumo máximo é ao final de trinta anos de trabalho comprar uma casa própria e um carro? Quando eu escrevo "carro", entenda: um automóvel usado, antigo, popular e com um motor que nem chega a mil cilindradas. Quando cito a palavra "casa", também não estou me referindo a uma maravilha arquitetônica com trezentos metros de área construída, planejada por arquitetos italianos e com decoração futurista da Casa Cor. Morar num quarto, cozinha e banheiro, sendo de sua propriedade, já traria contentação para muitos dos que hoje residem nas margens da represa Billings. Já traria contentação para muitos dos que hoje residem nas margens da represa Billings, em cômodos infestados por insetos e ratazanas do tamanho de gatos adultos. Por falar em represa, isso me faz lembrar, que provavelmente eu deva ser o único correspondente de guerra do universo, que mora numa área de manancial invadida!

Nos cinturões de pobreza como o Grajaú, os homens não desejam exterminar inocentes para se tornar banqueiros, donos de cadeias de restaurantes com marca franqueada ou para abrir capitais na bolsa de valores. Nos cinturões de pobreza como o Grajaú, as mulheres não objetivam enterrar centenas numa vala comum, visando se transfigurar nas amebas consumistas que detonam cartões de crédito em compras na Oscar Freire ou no templo de luxo (muambas do Paraguai) da Daslu. Negativo! Nesses ambientes deploráveis e abandonados pelas políticas públicas, as pessoas quando transgridem o código penal, o fazem numa escala de danos infinitamente inferior a do playboy e para poder ter acesso a produtos alimentícios de primeira necessidade. Nesses ambientes deploráveis e abandonados por políticas públicas, as pessoas quando transgridem o código penal, buscam entrar na sociedade de consumo ofertada na televisão ou se aproximar de direitos fundamentais e invioláveis, como: saúde, moradia e educação.

Testemunhar e participar das ambições modestas de meu povo, por si só já justifica a minha falta de entendimento sobre o sentimento de egoísmo apocalíptico. Por mais que existam ambições na mente de um cidadão despossuído, o seu processador neural não é capaz de encontrar um sentido racional para as contas multibilionárias. Por mais que eu tente, o meu processador neural nunca vai me trazer explicações aceitáveis para a atitude abominável do ditador auto perpetuado no poder, que embolsa empréstimos internacionais fazendo com que a sua própria etnia vire refém eterna de países ricos.

E bom que se diga que além da genética, existe uma outra explicação técnica para a nossa falta de compreensão a respeito da sanha materialista dos genocidas: a cobiça foi anulada propositalmente nas cabeças dos desprivilegiados. Dentro do caldeirão em que derretemos imersos no ácido que cai de forma ininterrupta das

presas afiadas das bestas, estrategicamente nos doutrinaram a crer que a ganância é um dos maiores e piores pecados capitais! No fundo eu acredito piamente nisso, o problema é que por trás do "nobre ensinamento", as intenções não são nada nobres. Essa instrução dada "gratuitamente" pelo burguês, não objetiva nos tornar homens de princípios e valores irretocáveis, mas sim, fazer com que nos contenhamos em subsistir sendo nutridos a base de migalhas. Mas sim, fazer com que nos conformemos em subsistir sendo nutridos a base de migalhas, enquanto os idealizadores do dogma saboreiam caviar. A tática indutiva é tão somente uma maneira de eliminar a concorrência por riquezas e de implantar generalizadamente entre as favelas, morros e habitáculos populares, o conceito deturpado de "justiça", que aponta como moral e admissível, meia dúzia de famílias chicoteando a totalidade das famílias famintas.

Tenho que dar o braço a torcer, o plano funcionou! Nos corredores da morte, apelidados de comunidades, a avidez materialista encontra-se num grau extremamente mais moderado comparado aos bairros nobres. Por mais que os propósitos da tal doutrinação que limita as nossas ambições não sejam nada benévolos, eles acabaram por me trazer algo útil... Esse convencimento em massa, conveniente aos ricos, serviu para que eu enxergasse em meio ao fogo cruzado, a importância das coisas que não carregam preços embutidos.

Depois de cada visita a parceiros reclusos, esperando por anos o dia de seus julgamentos, aprendi a ver o valor da distância de uma cela. Ao observar os olhos lacrimejantes de pessoas segurando alças de caixões de parentes, aprendi a ver, ainda mais, o valor de minha família. Ao presenciar as cerimônias fúnebres de excluídos, chacinados pelas tropas de elite da polícia, aprendi a ver o valor da salvação física e ideológica proporcionada a mim pelo Rap nacional verdadeiro. A playboyzada visando nos afastar de seus bens patrimoniais imorais, acabaram por me fazer reconhecer os bens que de fato valem pra nossa felicidade: família, saúde, ideologia e liberdade. Ter dinheiro não adianta nada se você não tem um desses bens! Quero ver o dinheiro te trazer felicidade se, por exemplo, você não tiver as pessoas que você ama para compartilhá-lo ou se você não tiver saúde para gastá-lo.

Igual a qualquer Homo Sapiens normal, eu quero ter uma boa condição financeira, porém, não preciso residir em palácios e apostar nas roletas dos cassinos de Las Vegas para ser feliz. Sou sincero em afirmar que possuo um tipo de ambição bastante comedida. Não fiz voto de pobreza, mas também não sonho com fortunas. As fortunas são sujas! Não é necessário ser um intelectual, para saber que não existe uma soma estratosférica de grana ganha de forma justa!

As ondas de Benjamins Franklins ocorrem apenas nas torrentes de sangue! É ciência exata: um homem só terá uma mansão de um quilômetro, se milhares de outros homens morarem em barracos de quatro metros quadrados. Um homem só terá bilhões investidos em uma conta bancária, se milhares de outros homens permanecerem com centavos em seus bolsos.

O mundo tem riquezas suficientes para serem divididas entre todos os seus habitantes. Para que a paz e a harmonia reinem, basta que os exemplares poderosos da tal espécie "pensante" cheguem a um consenso comum, onde todos admitam

conquistar, armazenar e consumir somente aquilo que é suficiente para uma existência saudável e confortável As armas serão abaixadas e as bandeiras brancas hasteadas, no dia em que as amebas capitalistas entenderem que não existe lógica em uma única pessoa possuir dez casas e vinte carros. No dia em que as amebas capitalistas entenderem, que quando um lado consome demais, o outro consome de menos. Quando um lado evolui demais, o outro progride de menos. Quando um lado prospera demais através de tragédias alheias, os atingidos pelas tragédias colocam as balas nos pentes e saem para adquirir reparação social. Enquanto essa data iluminada de conscientização e conciliação não chega, eu permaneço sabatinado pelas as minhas pesadas artilharias de indagações internas:

- Qual o significado de uma existência tão daninha ao seu próprio habitat? Qual o sentido de tanto derramamento de sangue? De tanto sofrimento? De tanta miséria? De tanta injustiça? De tanta ambição? De tanto egoísmo?

Seres Evoluídos?????

No planeta existe cerca de um milhão e setecentas mil espécies conhecidas e catalogadas pela ciência. Segundo os prognósticos de alguns estudiosos da área, esse número poderia facilmente chegar a soma de cinta ou até cinquenta milhões. Já pensou? Vamos considerar por um minuto, a macro hipótese da presença de cinquenta milhões de espécies em nossa companhia. Explico o porquê disso... Utilizar esse montante estrondoso, levantado no meu imaginário, serve para nos dar a perfeita dimensão daquilo em que nos transformamos. Somos a única classe de seres, entre todas as que habitam o mundo (uma em possivelmente trinta ou cinquenta milhões), com noção da própria existência, capaz de se comunicar através da fala, dotada de "inteligência superior" e a única que não vive em harmonia! E olha que eu não estou nem me referindo a harmonia com as demais espécies e sim com nós mesmos. Não para por aí... No reino **animal,** apenas a raça humana possui a mórbida particularidade de matar por sadismo!

Será que os seres humanos são mesmo dotados de "inteligência superior"? E afinal de contas, o que seria essa tal "inteligência superior"? Seria por acaso, ter a percepção da urgência da humanização e pacificação das sociedades e propositalmente não colocar em prática ações filantrópicas e pacifistas com o temor da perda de fontes de renda? Invejo a ignorância dos animais irracionais, que não adquiriram o conhecimento que converte a violência em negócio. Invejo a ignorância dos animais irracionais, que não aprenderam a lucrar em cima do cadáver do mais indefeso.

Um leão não tira a vida de outro ser para massagear o próprio ego, para se sentir superior ou para enriquecer, ele mata por sobrevivência, para oferecer proteção aos familiares, pela defesa de seu território, para saciar a fome ou para procriar. Ele mata, sem nenhuma consciência do que seja a morte e sem nenhum entendimento do que seja sequer a dor. Por outro lado, o pior produto final da evolução arranca corações de dentro de cavidades torácicas para se deliciar com o sabor da vitória monetária. Aliás, na visão de parte de nossa raça, os caixões lacrados ou a ausência deles fazem conexão direta com as concepções de triunfo ou fracasso. Ver o nosso semelhante se curvando e implorando misericórdia por sua vida, proporciona a doentia sensação de poder. Essa demente sensação transmitida pela vítima agonizando banhada em sangue, funciona como um tônico revigorante para muitos de nós. Coloca os algozes e carrascos no patamar dos imortais, dos reis, dos imperadores e dos deuses. Dentro da deturpação provocada pela banalização da violência, o que assassina é o forte, o que é assassinado é o fraco, um ser desprezível que se assemelha aos micróbios.

O comprometimento mental acarretado pela cultura da brutalidade, nos separa um dos outros por graus de agressividade. Essa separação funciona como um atenuante ou um agravante de nossa culpabilidade. Os menos doentes destroem a

humanidade de forma passiva, enquanto os mais combalidos a destroem de forma ativa. Cada devorador do mundo, tem a sua área de atuação. Uns atingem apenas a própria casa ou o bairro onde moram, outros destroem cidades, países, continentes e os mais poderosos tentam plagiar o meteoro que extinguiu os dinossauros. O raio de destruição de cada ser brutalizado é proporcional ao tamanho de sua riqueza e influência. Quanto maiores elas forem, maior será o alcance de suas ações corrosivas. A metodologia e as ferramentas de devastação são varia das, mas o resultado é quase sempre o mesmo: o desmembramento de um semelhante em troca de vantagens financeiras.

Com um revólver, bombas atômicas, armas biológicas ou simplesmente com a nossa indiferença, é fato, todos nós, de uma forma ou de outra, sujamos as nossas mãos de sangue. Poucos se tornam cópias de Hitler, mas diversos não se importam em comprar uma camiseta da multinacional que escraviza e mata crianças em linhas de produção. Poucos seriam insensíveis ao ponto de jogar mísseis balísticos com ogivas nucleares sob as cabeças de milhares de civis, mas diversos não se comovem com os meninos e meninas famintos fazendo malabarismo ao lado dos faróis de trânsito das grandes metrópoles.

Independente de onde cada um de nós se encaixe na escala de psicose, uma coisa é certa: todos temos um arquivo dentro do cérebro com uma gaveta repleta de sentimentos agressivos contra aqueles que julgamos responsáveis por nossa situação de vida. Eu mesmo não me considero ultraviolento, mas guardo nos meus arquivos pessoais muita revolta e ódio contra os inimigos naturais dos homens pobres. Tenho uma aversão incontrolável aos políticos, a polícia e aos abastados que se abstém de suas responsabilidades sociais.

Somos como bombas relógio ambulantes esperando a hora apropriada para a explodir! Somos como bombas relógio ambulantes, aguardando o motivo que desperte o nosso eu sociopata adormecido. A genética e o ambiente ao qual estamos inseridos, nos agracia com uma propensão nata paia apertar gatilhos. Todo homem é um assassino por natureza, amar ou não na cara de um inimigo, é um detalhe que fica na absoluta dependência da terapia motivacional recebida ao longo da turnê pelos campos minados. Alguns degolam aqueles que olham para o seu rosto ou lhes xingam, enquanto outros só esquartejarão imbuídos por sentimentos de vingança contra um agressor que tenha causado um grande dano a ele ou a um de seus entes queridos. Matar e algo tão natural de nossa espécie, que eu acredito que o façamos mentalmente umas dez vezes por dia. Pelo menos uma vez na vida. um ser humano já desejou o fim trágico de outro. Isso, é vontade de cometer um homicídio!

A educação e a absorção de preceitos morais, são os aparatos inibidores de nossa fúria matadora. Sem normas reguladoras, você contaria até dez para cravar um punhal no peito daquele que lhe ofendeu ou agrediu? Acho que não. A normatização e a colocação do ato de matar em um código criminal, contribuiu para um certo controle de nosso instinto. A inclusão de algumas regras sociais em nosso meio ambiente temerei, impediu que o assassinato fosse banalizado ao ponto de se tornar o único dispositivo para a resolução de todos os problemas dos humanos. Nunca é demais lembrar, que as tais normas mencionadas tão abrangem os tiranos, que com

suas ideologias estúpidas e crenças absurdas varrem etnias completas do mapa mundi e também os burgueses munidos de advogados renomados, especialistas em encontrar brechas jurídicas para as limpezas sociais de seus clientes.

Quando afirmo que todos de nossa espécie são assassinos naturais, não estou me deixando de fora dessa conclusão. Penso em matar constantemente! Digo mais, se eu deixasse a minha sede por justiça social dominar a minha razão, a estas horas estaria num presídio de segurança máxima, condenado como um Serial Killer de opressores. Confesso que quando vejo uma criança ingênua segurando um fuzil AK 47, lutando numa guerra que não é dela, pronunciando palavras de ordem que ela desconhece o significado e defendendo o patrimônio de quem nunca apertou a sua mão e jamais lhe mandará uma rosa para servir de adorno em seu caixão, sinceramente, o meu sangue ferve e o desejo de vingança física se torna natural. O olho por olho e dente por dente, nesses instantes parecem fazer muito sentido. Diante dessa situação, a primeira coisa que me vem a mente, é que alguns políticos desgraçados estão mais do que fazendo hora extra no plano carnal. Entretanto, mesmo sendo nobre e profundamente justificável, esse pensamento logo passa. Faz parte de um momentâneo abalo psicológico e emocional. Assim que recobro o juízo, volto a acreditar que a revolução de que tanto precisamos, carece mais de difusão e assimilação de cultura, do que de decapitações.

Graças ao saber absorvido nas ruas devastadas por décadas de omissão e descaso, aprendi que no cenário de caos é só o homem polido e civilizado que lucra com as armas e a diplomacia realizada através da pólvora. Somente os "cultos" e bem-sucedidos, protegidos por decretos que asseguram a impunidade, são capazes de fazer bom uso da violência. Nós, os favelados, por conseguinte, seguimos a filosofia de conquista dos ricos, imitamos os seus passos sem ao menos entendê-los, porém, nunca marcamos pontos no escore desse jogo. Os cidadãos comuns e marginalizados, normalmente, apenas exibem em suas biografias, históricos de fracassos em combates pessoais contra o mundo fazendo uso de artefatos bélicos. Desta forma, não tenho motivo algum para associar a luta armada à uma transformação social positiva. Os nossos golpes de Estado devem ser executados com a infiltração de representantes autênticos no cenário político e não com a amarração de 20 quilos de dinamite no pescoço de um presidente. Por mais que essa seja a nossa vontade.

Quando afirmo que todos de nossa espécie são assassinos naturais, de forma alguma estou colocando os ricos e os mais necessitados no mesmo patamar. As pessoas simples dos bolsões de exclusão e eliminação, carregam um diferencial que as leva, de uma forma positiva, à um nível de ingenuidade quase similar ao das outras cinquenta milhões de espécies pacíficas: das desconhecem o significado do poder extremo! Não sentem necessidade de dominar, pilhar e massacrar em larga escala os seus semelhantes! Não sabem e nem querem saber, qual é a serventia ou a satisfação de se ocupar o posto de escravizador de esfomeados.

Ao passo que os moradores dos bairros de luxo são obcecados por impérios, nas áreas de assolamento, a ideia de realização pessoal por meio de bens materiais, como descrito anteriormente, se resume a compra de uma residência e de um veículo

automotor. As disparidades entre as ambições dos playboys e as dos desassistidos, mostram que mesmo toda humanidade sendo formada por uma genética com propensão a assassinar, os boys e os favelados são seres completamente distintos. Vou mais longe: trata-se de duas espécies diferentes.

A noção de valores ao ser despertada durante o processo evolutivo, criou uma bifurcação que dividiu os Homos Sapiens. Essa divisão, na minha modesta opinião, mais do que provocar uma desagregação fundamentada em condições econômicas, deu origem a dois conjuntos de humanos biologicamente dessemelhantes: as pessoas normais e os maníacos por papel moeda! Seguindo o conceito de Darwin, aqueles que se tornaram compulsivos por riquezas, passaram às suas futuras gerações o maldito vício por posses, já os que não foram dominados pela avidez patológica por dinheiro, transmitiram aos seus descendentes um desejo de consumo extremamente mais moderado. Este racha evolutivo fez com que os cativos da penúria se tornassem pessoas infectadas pela ganância primária, aquela onde se almeja comer bem, se vestir bem, morar bem, etc., ao tempo em que os nobres se transformaram em corpos gangrenados pela cobiça desenfreada por supremacia. Nós, os habitantes das favelas e bairros periféricos, nos mantivemos na condição de Homo Sapiens, enquanto os corrompidos pelo tilintar das pepitas de ouro, involuíram para uma nova categoria, a qual eu tenho a desonra de batizar neste livro com o nome de: **HOMO MONEY!**

O parente nefasto da raça humana, o "homem dinheiro", tem apenas uma razão para a sua existência: juntar somas vultosas em uma instituição bancária! Essa aberração da natureza vive dentro de um transe capitalista, com o intuito de aumentar absurdamente o volume de seus ganhos. Subsiste nesse estado de total submissão ao sentimento materialista, durante toda a sua insignificante vida. Não se satisfaz com uma moradia, por maior e mais confortável que ela seja. Para que o contentamento seja alcançado, tem de haver inúmeras propriedades, de preferência espalhadas por vários países. Não se satisfaz com um veículo, por mais sofisticado que ele seja. Para que o contentamento seja alcançado, tem de haver diversos, de todas as cores e modelos, de preferência os mais caros e imponentes, que deixem claro de que extirpe o possuidor faz parte.

Na corrida dos milhões, bilhões ou trilhões, onde correm os que sofrem de cifrãonite aguda, não existe ética ou pudor. Esta modalidade competitiva, repleta de concorrência desleal, é uma luta de vale tudo no sentido mais amplo do termo! E válido o lucro através da escravidão, da exploração, da destruição ambiental, do prejuízo a saúde pública, da eliminação em massa de inocentes e da extinção de animais. Ganhar dinheiro é um círculo vicioso e alucinógeno, que leva os esquizofrênicos Trumps, Gates e Batistas da vida, à um estado de demência mental tão profundo, que os impossibilita de enxergar o limite e o óbvio: os seus rendimentos ultrapassaram a mil anos luz as suas necessidades.

Depois de conseguidos todos os bens possíveis para a comodidade, segurança e o deleite de qualquer ser terreno normal, as bestas do capitalismo, sem ter mais o que comprar ou onde investir, começam a colecionar papel moeda como um hobby ou um esporte. Passam todos os minutos de suas existências vazias, doa a quem

doer, como moscas varegeiras atrás de mais carniça para acomodar em cofres fortes. Pelo ato de desperdiçar as suas passagens na Terra, trancafiados em escritórios ganhando valores impossíveis de serem gastos, serão considerados por outros imbecis, como gênios das finanças. Como prêmio por não terem visto os filhos crescerem, não terem aproveitado de forma sadia e sensata os prazeres que os seus rios de grana poderiam ter lhes propiciado e não terem usado os seus recursos abundantes para o bem comum, serão contemplados com os títulos de: "grandes homens de negócio".

Por trás das nomenclaturas pomposas de empresários do ano, esconde-se o verdadeiro diagnóstico de cada fissurado em notas de cem: desequilibrado mental! Quem ama o dinheiro é doente, não doa a parte excedente de sua fortuna para os necessitados e também não usufrui dela. O capital para essas amebas, que me perdoem as amebas, que ainda tem uma função fisiológica e social (a de dar dor de barriga), serve exclusivamente para a remediação transitória da possessão por cifrão. São como dependentes químicos, se ficarem vinte quatro horas sem contabilizar um centavo a mais, entram em crise de abstinência e se suicidam.

Comumente, um Homo Money segue nessa saga incansável até acordar num asilo sem a titularidade de seu talão de cheque dez estrelas, após ter sido interditado por parentes que o consideraram caquético e incapaz de gerir as empresas da família. A maioria dos sovinas morre trilionário, mas sem acesso ao objeto de sua devoção e adoração: os seus trilhões!

Sabemos que no decorrer de toda a evolução, os humanos e os animais avarentos (os ricos) se limitaram a desenvolver fórmulas que trouxessem algum tipo de bem estar individual duradouro. Até aí, tudo bem... Querer ser feliz, é algo congênito do Homo Sapiens e do Homo Money. Concordo que todos somos iguais nesse aspecto! Eu quero ter uma vida sem privações como o homem das cavernas quis e como o homem do futuro provavelmente almejará. No entanto, o que nos distingue um dos outros, é a forma como agimos para atingir a chamada satisfação pessoal e aquilo que mentalizamos como metas para a vitória. Não são todos, como o Eduardo, que se contentam ou se sentem realizados habitando uma casa humilde no violento bairro do Grajaú na cidade de São Paulo. Por exemplo: eu quero as minhas filhas estudando em escolas decentes, minha esposa de automóvel zero e empresariar algum negócio rentável, mas sinceramente, não vejo a coerência de um investimento de bilhões de dólares no exterior. Ainda mais, se a quantia exorbitante for fruto da morte cruel de incontáveis marginalizados.

Dentro da minha ingenuidade, parecida com a das 50 milhões de espécies pacíficas, ainda não consegui compreender que lucro trás para uma nação ter em seu domínio campos de concentração, que aplicam regimes morticidas em cidadãos por serem de outras etnias. Não consegui assimilar a lógica da segregação de pessoas por raça, religião, nível social e cultural. Não consegui enxergar o valor dos dividendos ganhos em operações que escravizam menores de idade, em porões imundos de indústrias. E também não consegui entender a eficácia de se impor opiniões e vontades a povos, por intermédio de viaturas. Até porque, nesse caso, a obediência acontece via pavor e não via respeito ou apoio.

Sou tão ingênuo se comparado a um Homo Money, que em pleno fogo cruzado do século XXI, tento me vingar das injustiças sociais sem granadas ou submetralhadoras, apenas sendo um militante partidário do pacifismo! Penso eu, que para construirmos as revoluções, existem dois tipos de tijolos: as armas e o diálogo. As insurgências populares brasileiras com o emprego da violência, nos deram amostras imagináveis e inimagináveis da inutilidade dos confrontos sangrentos para os enclausurados na miséria. Ao final dos combates, os exércitos oficiais sempre degolaram os líderes das tropas rebeldes e expuseram as suas cabeças em praças públicas para propagandear o feito.

Por mais que o gás lacrimogêneo dos batalhões de choque entupa as minhas narinas, permaneço acreditando na força da conversação e da imposição. Sei perfeitamente que os nossos inimigos não querem negociar com um representante da favela, entretanto, raciocino da seguinte maneira: eles podem até não receber um de nós em seus gabinetes, podem até não ouvir as reivindicações de 30 de nós, mas será que conseguem ignorar milhões de vozes gritando as mesmas palavras de ordem? Será que conseguem ignorar a força de milhões de excluídos organizados, imbuídos dos mesmos sentimentos e ideais? Creio que não!

Não tenho vocação pra santo, porém, não sonho em ser mais um revolucionário a frente de seu grupo de esquerda assistindo os seus discípulos sendo massacrados cm ligares ermos ou torturados em salas de delegacias por investigadores impiedosos. Não sonho em ser mais um revolucionário vendo todos os que acreditavam em sua ideologia, enfeitados com algodão na boca e nariz, antes mesmo da causa defendida sequer ter sido ouvida pela classe dominante. Não quero presenciar a dizimação de minha geração pobre, em conflitos desiguais contra os monopolistas das riquezas coletivas, para quem sabe, o meu tataraneto poder viver numa atmosfera sem balas traçantes.

Eu sonho com a paz pra hoje, imediata! Aliás, pra ontem! Quero as bandeiras brancas sendo tremularias em prol das crianças que eu vejo nas ruas de terra, correndo descalças atrás de pipa ou jogando bola a poucos metros do tráfico de drogas. Quero as bandeiras brancas sendo tremuladas em prol das crianças que na idade pré-escolar, já sabem operar armas de uso restrito das forças armadas, já conhecem histórias abomináveis sobre as ações policiais, já falam na gíria e sonham em ser como as pessoas de suas quebradas que se destacaram no crime. Eu quero mudanças que transformem a vida daquele que, na data atual, sonha em ser um traficante de sucesso com dezenas de biqueiras, com o controle de vários bairros, com dinheiro, paiol de furadores, mulheres e respeito.

Não é correto pensar nas gerações futuras, sem antes olhar para aqueles, que nesse exato instante, estão sendo induzidos a ser os assaltantes com disposição pra invadir o Bradesco metralhando vigias, gerentes e quem vier pela frente. É injusto pedir para meninos e meninas sufocados pela violência do presente, que deem as suas vidas em troca de uma paz que poderá ser realidade daqui a 200 anos.

Todo processo de pacificação começado em guerra, já nasce predestinado ao fracasso! Por isso, tento silenciar as Ponto 40 e as AR-15, somente por um fio condutor: a informação. Seja essa informação vinda de uma biblioteca comunitária

construída pelos moradores do bairro ou fruto da troca de ideias entre parceiros de sofrimento. Seja essa informação encontrada numa letra consciente de Rap ou num livro velho emprestado por um mano. Não importa a nascente ou a forma de transporte para os cérebros dos menos favorecidos, o que importa é ter acesso a esse bem poderoso e valioso. O saber dos reféns da sujeição é a base para deitar ditadores na lona! Num universo equilibrado sob pilares de parcialidade, a frase: **NOS ARMAR CONTRA OS ADVERSÁRIOS** tem de ser escutada com os ouvidos da razão e não da emoção. Nos armar contra os adversários, tem que significar: ampliar os nossos conhecimentos, para sabermos quais são os nossos direitos e assim lutarmos por eles.

Nesse meu ideário, tem um pormenor que merece ser exaltado: o fato de eu não por fé que tenhamos um efeito favorável ao ritmo de rajadas de pistolas semiautomáticas, não quer dizer que eu pregue um debate ameno ou aceite qualquer esmola como compensação ao que nos é devido. Negativo! Quando aperto a tecla da ineficácia das Glocks para esse fim, apenas estou atestando a nossa falta de estrutura armamentista e mental para chegarmos à um êxito com essas ferramentas e também antevendo a torrente de retaliações que seriam geradas, as quais seria impossível comportarmos. Traduzindo: penso que dentro de um combate franco com o uso de fuzis de assalto, pra cada opressor no túmulo, teríamos milhares dos nossos sepultados em covas rasas. Não vale a pena!

Abdicar das PDW 2000 não é aceitar a paz dos entorpecidos pelo mundo feliz e surreal, vendida pelas emissoras de televisão. Não é aceitar a paz dos pseudo-intelectuais otários e sem opinião, que reverberam a doutrina daqueles que barbarizam o seu próprio povo. Quero um mundo sem violência sim, desde que ele gire na órbita do humanismo e da igualdade. Na minha concepção, a palavra paz, corresponde a: justiça social! Não adianta andar em ruas que **não** estejam respingadas de sangue inocente, com a barriga roncando de fome. Não adianta não sofrer violência policial, morando num assentamento clandestino em baixo de lonas. Residir em um barraco feito de tábuas de caixotes de feira, é sofrer violência. Ser alfabetizado em pocilgas, para posteriormente ocupar subempregos, é sofrer violência. Não ter acessibilidade à uma rede de saúde que ofereça tratamento digno as pessoas enfermas oriundas das classes mais carentes, e sofrer violência. Não receber nos plenários do corrompido judiciário brasileiro, julgamentos justos, é sofrer violência. Portanto, como é fácil concluir, a violência não se restringe ao ato de fazer o outro sangrar. Tratados pacificadores falsos, não tem validade abaixo da linha da indigência.

Confundem-se aqueles cidadãos pobres que acreditam gozar de uma certa paz, porque os seus bairros periféricos apresentam baixa incidência de homicídios. Erroneamente, essas pessoas creem que vivem vidas tranquilas e afastadas das zonas de conflito. Esse engano se dá, por conta de uma forma de raciocinar individualista. São homens e mulheres que não veem ou não compreendem, que fazem parte de uma nação sendo diariamente aniquilada de forma feroz e arbitrária nos quatro cantos do país. Por não terem desenvolvido um senso de união e integração, tornaram-se incapazes de perceber, que o cadáver do favelado dilacerado nas ruas

do Piauí, é um atentado contra todo um seguimento social, esteiam os seus pertencentes no Paraná, no Amazonas, no Ceará, etc.

Somos milhões e não somos um para torcermos por clubes de futebol, no entanto, na hora em que os grupos de extermínio entram em ação, somos sempre um e não milhões. E mais do que vital que um pensamento seja espalhado pelas áreas ignoradas em anos não eleitorais: todos os que vivem às margens da sociedade, sem exceção, formam um único povo. Todos os que vivem às margens da sociedade formam a nação dos esquecidos.

Pros que se consideram parte integrante desse coletivo, não existem demarcações ou fronteiras. Não posso me sentir em paz em São Paulo em face da ausência de corpos desfigurados na minha rua, se minha gente a todo momento é enterrada em cemitérios clandestinos no Rio de Janeiro, na Bahia, em Minas Gerais, etc. Com tudo, não basta ceifarmos o individualismo, cada um de nós tem de se autoproclamar embaixador da verdadeira paz e se manifestar a seu favor.

Um aviso importante aos interessados em ingressar nessa cruzada: os que decidirem se engajar devem no mínimo estar preparados para os rótulos de criminosos, terroristas e falsos moralistas. Pois são esses alguns dos termos acusatórios utilizados costumeiramente, para tentar desqualificar e rebaixar os revolucionários que não se curvam e acatam a pacificação oferecida pelo opressor. Eu mesmo sou considerado uma ameaça a sociedade, por tentar impor através de discursos ásperos e contundentes, as minhas ideias de um mundo justo. Enquadraram os meus pensamentos no código penal, mais precisamente no artigo 286: apologia ao crime. Tentaram me dar uma pena que variava de três a seis meses de prisão, sob a alegação de eu ter incitado publicamente o cometimento de um delito hediondo. A minha infração assustadora em questão, foi sugerir a todos os cidadãos humildes, que estes exigissem a aplicação na prática de seus direitos fundamentais, para que desta forma, um dia pudéssemos viver em uma civilização harmônica e igualitária. Numa terra dominada pelos Homo Money, incentivei abertamente os meus irmãos favelados a pleitearem uma civilização harmônica e igualitária, semelhante as dos animais impensantes das já referidas outras 50 milhões de espécies.

O pior é saber, que eu não sou taxado de bandido de alta periculosidade por reivindicar para meu povo uma cartilha de mil páginas recheadas de direitos e sim porque que cobro que os direitos vigentes se transformem em deveres reais do Estado genocida. Fui convertido a inimigo público n° 1 do Brasil, por colocar o dedo na ferida! Por colocar o longa-metragem de terror nacional em exibição. Eu sou o mau elemento que tira a sujeira que foi empurrada para debaixo do tapete! Eu sou o mau elemento que joga a merda no ventilador! Eu sou a mosca que pousa na sopa dentro do prato de porcelana chinesa, para gritar para os sobrenomes de ouro, que algumas mentes pensantes dos pontos críticos sabem que estão algemadas a uma guerra infindável. Eu sou a mosca que pousa sobre o caviar, para gritar para os sobrenomes de ouro, que diversos negligenciados sabem de onde parte os bombardeiros que os ataca impiedosamente e sabem que fazem parte de um exército desorganizado e em desvantagem, que computa novas baixas de prisioneiros a cada

hora.

Para os administradores do sistema burguês, cometo uma violação gravíssima, ao apontar que por sermos os escravos que nunca serão libertos pela vontade do escravizador, não temos motivos para comemorações e sorrisos. A minha injusta criminalização acontece, porque dentro de uma política de analfabetização, uma afirmação factual desse quilate pode culminar nos distúrbios populares que esquartejariam a ordem pública. A velha ordem pública: dos favelados produzem e os abastados prosperam e desfrutam!

Os servos dos senhores de engenho da atualidade (a chamada classe patronal), através de minhas injeções de ânimo, podem vir a requerer melhorias de vida. Algo que seria altamente prejudicial ao funcionamento dos atuais e múltiplos regimes tirânicos. Como as minhas frases com gírias, palavrões e revolta, que alguns invejosos do Hip Hop tentam diminuir para mera exposição gratuita de violência, podem interferir diretamente na engrenagem da sociedade escravagista, elas são convenientemente marginalizadas.

Sou um pesadelo para o Homo Money, porque além de não vender propaganda enganosa ao meu povo, ainda tento acordar os sobreviventes dos fronts de batalhas da maldita hibernação do conformismo, causada pela ingestão diária do sonífero distribuído pelos poderosos psicóticos. Tento acordá-los do sono da crença cega naquele que tem maior patrimônio, melhor formação acadêmica, maior formação cultural e principalmente naqueles que controlam os meios de comunicação.

O meu plano ambicioso e audacioso, consiste em impregnar um turbilhão de interrogações no sistema nervoso de cada morador da favela. Não quero tornar os meus ouvintes e leitores incrédulos, mas pretendo fazê-los conservar os seus desconfiômetros ligados e na voltagem máxima. Está mais do que na hora de aprendermos que a certeza sobre um fato ou um tema, só é possível depois de sanadas todas as nossas dúvidas. O ponto final tem que ser aceito após a inserção de vários pontos de interrogação. Não é uma regra gramatical, mas é uma regra de sobrevivência da vida real.

É imprescindível que criemos o hábito de questionar, investigar e avaliar. É vital que criemos o hábito de duvidar de tudo que nos é imposto como lei, norma, dever e obrigação. Chega de sermos as ovelhas que os pastores maléficos conduzem para as direções e destinos que mais lhes convém. Temos que entender, que a verdade é algo raro, quase em extinção no mundo moderno. Temos que entender, que em qualquer situação em que um rico esteja envolvido, ela pode ser tão sólida quanto amido de milho com água.

Não podemos ficar um minuto de guarda abaixada, afinal, habitamos o planeta globalizado dos interesses financeiros, em que os fins estabelecidos pelos “dotados de inteligência superior”, justificam os meios. Habitamos o planeta, onde as farsas de introdução de subdesenvolvidos em novas culturas, culminaram em países europeus sem qualquer riqueza natural, oferecendo as suas populações excelentes níveis de desenvolvimento humano, ao tempo em que nações repletas de petróleo, ouro e diamantes, apresentam as mais altas taxas de mortalidade em reflexo da miséria.

Antes de adotarmos um dogma de um Homo Money, temos que levar em consideração, que a fonte que o gerou, trata-se de um monstro mesquinho que usa joias originadas em áreas de conflitos, onde crianças famintas matam e morrem para que pedras preciosas possam ser vendidas em joalherias requintadas. É mais do que obrigatório que tatuemos em nossos neurônios: a boca de um opressor só pronuncia uma palavra, se a mesma garantir lucro!

Falando na falta de compaixão dos milionários capazes de qualquer artifício para multiplicar as suas fortunas, há um certo tempo atrás, li num livro de Jean-Jacques Rousseau, uma colocação que me fez refletir: **um animal é incapaz de passar sem inquietação por um exemplar de sua espécie morto**. Com base nesse pensamento, faço um questionamento: como que um norte-americano pode se considerar superior a um bicho selvagem da floresta, que exibe a solidariedade como seu impulso natural, colocando sem nenhum peso na consciência a chave na ignição de seu BMW abastecido com o petróleo de sangue de chis iraquianos?

Quando o Homo Money notou que só a aversão exacerbada aos seus quase semelhantes e o emprego de seus projéteis de chumbo encamisados e expansivos, não eram suficientes para a chegada ao poder, tratou logo de se servir de um outro mecanismo primordial para qualquer conquista: a mentira. Nos casos em que só a força não é o bastante piara colocar outros*homens em estado de servidão, o adicionamento da inverdade toma-se vital piara se alcançar o resultado desejado. Os efeitos da oratória podem ser mais aterradores do que os de um comboio de tanques militares. Hitler por exemplo, subiu ao posto de chanceler alemão, porque hipnotizava multidões com suas frases persuasivas.

A mentira é o ingrediente centrai de algumas fórmulas miraculosas de sucesso! Falsários e estelionatários estão em todos os setores aplicando golpes em lebres desprotegidas e acuadas. Quando menciono as palavras: estelionatário e falsário não estou me referindo a aquele que coloca a sua fotografia três por quatro numa carteira de identidade falsificada e vai fazer compitas num hipermercado, estou fazendo menção aos abutres da política, que com suas farsas e crimes premeditados, seduzem e trucidam eleitorados. Estou fazendo menção aos charlatões que usam a cruz e as páginas da bíblia, para do púlpito de seus templos luxuosos, as saltar discípulos sem ter de empunhar armas de fogo. Refiro-me aos falsos profetas, que através dos recursos lógico-racionais ou simbólicos de uma boa comunicação, convencem os mais ingênuos a comprar imagens de santos como talismãs milagreiros. Falo dos empresários exploradores, que sonegam de seus empregados informações sobre os seus direitos trabalhistas e sobre o real valor de sua mão de obra. Falo dos empresários de comunicação, que conseguem por vias nenhum um pouco ortodoxas, concessões do governo federal para montar emissoras de TV. Falo dos empresários de comunicação, que após a inauguração de tais difusoras, passam a praticar a manipulação via satélite, com vistas a atender os partidos que tenham colaborado para as suas criações. Falo das emissoras de rádio e televisão, que são criadas sob o pretexto mentiroso da utilidade pública. Falo das emissoras de rádio e televisão, que são criadas sob o argumento, de que uma vez em funcionamento, operarão dentro de uma linha educativa preocupada com a moral e os bons

costumes da família, com a formação dos jovens, com valores educacionais, religiosos, de cidadania e civilidade, mas na prática apresentam uma grande distância entre o discurso e as ações. Na prática padronizam o comportamento dos telespectadores e enxurram os lares com uma programação de péssimo nível cultural e de qualidade. Na prática expõem conteúdo impróprio para crianças em horários infantis e injetam em telespectadores doses cavalares de promiscuidade, violência e pornografia através de novelas ridículas. Na prática se utilizam de publicidade sedutora de bebidas com pessoas seminuas e com biotipos atléticos, para induzir jovens a acreditar que o álcool proporciona momentos de felicidade e descontração e que aqueles que tem o hábito de beber são saudáveis e descolados.

Por ter a exata noção do peso da mentira na balança do egoísmo, aprendi sozinho a me calçar e a me defender das línguas ferinas com o escudo da interrogação. Tenho certeza absoluta, que por trás de toda ação burguesa, existe uma motivação capitalista. Sendo assim, para a preservação da integridade física e mental do homem pobre, é mais do que vital apurarmos em cada ato de um boy que testemunhamos, qual é e aonde está o propósito prejudicial para os excluídos!

Dentro de uma atmosfera materialista como a que vivemos no terceiro milênio, nem os relógios trabalham de graça! Sabedor de que na era digital as gotas de altruísmo, normalmente vem dos rios das más intenções, procuro questionar e examinar meticulosamente a mídia, a imprensa, os políticos, a polícia, os comerciantes, os
industriais, os banqueiros, os investidores, os livros, os professores, os filmes, os videoclipes, as religiões, a história, etc... Enfim, os traços da "evolução" da espécie que mata movida por moedas, me transformaram em um upo de Sherlock Holmes nato. Estou sempre querendo saber o porquê e a motivação de cada atitude que afeta a minha gente, ainda mais aquelas que são denominadas como: beneficiadoras da humanidade. Como escrevi antes, qualquer afirmação, principalmente as partidas das bocas sujas dos Homo Money, merecem uma apreciação aprofundada e uma cuidadosa apuração. Se agirmos de forma contrária a esse modo de procedimento, seremos sempre as marionetes manipuladas para o entretenimento dos algozes endinheirados.

Não estamos num jogo amistoso! O quadro de horror ao qual fomos enraizados, não faz parte de um roteiro de ficção. Os inimigos das favelas e dos bairros periféricos, não são vilões de histórias em quadrinhos. Os déspotas que a séculos arrasam gerações de desprivilegiados, não são personagens de uma teoria da conspiração. Os dramas que vivemos, não são invenções e não estão limitados as minhas letras consideradas extremistas e radicais por ignorantes. Quando apertamos o Stop dos ~~p~~rotestos, paramos a denúncia, mas nunca a decomposição dos corpos. Os nossos adversários existem, são de carne e osso e matam! Matam, preferencialmente, as nossas crianças na primeira infância!

E um fato incontestável: os homens se dividiram geneticamente entre os Homo Sapiens e os Homo Money e os primeiros foram emburrecidos para não chegar a nenhuma das conclusões que acabo de listar. Lamentavelmente, ~~muito~~s de nós foram convertidos em androide de cérebros lavados! Tanto é verdade, que

constantemente trombo pessoas que habitam barracos, que são desempregadas, que passam fome e que constantemente são agredidas pelos esquadrões burgueses da morte, me classificando como um mero sensacionalista, por relatar as mazelas que nos vitimam!

As pessoas de baixa renda estão enfermas, necessitando em caráter de urgência de uma desintoxicação. Ou vomitamos toda a cultura oficial corrompida e tendenciosa, engolida de forma homeopática ao longo de nossas vidas ou nos sufocamos com ela! Os heróis são os bandidos! Os que foram pintados como monstros, são os reféns de crises humanitárias pré-fabricadas por elites sanguessugas. A nossa festejada paz nacional, é uma das demonstrações mais bizarras de desrespeito as liberdades e direitos individuais dos homens. O "cessar fogo brasileiro", é talvez, a maior afronta no globo terrestre aos parágrafos da Declaração Universal Dos Direitos Humanos!

Por intermédio do Rap rotulado como Gangsta, do qual eu tenho muito orgulho de fazer parte há mais de vinte anos, o locutor do inferno aqui, tenta demonstrar que não há a menor possibilidade da retirada dos dedos dos gatilhos em um panorama repartido a espada, a faca, a caneta e a BROWNING entre oprimido e opressor. Nesse cenário de alta dramaticidade, injustiça e ausência de piedade, a riqueza sempre será fruto direto da pobreza e a felicidade repugnante dos poucos, todavia, será consequência da tristeza cotidiana dos muitos.

Todas as mentes sensatas reconhecem, que a base da violência mundial está fincada na luta de classes, exatamente como descreveu Karl Marx e **Friedrich** Engels em um dos tratados mais influentes do mundo, o revolucionário Manifesto do Partido Comunista. Concordo plenamente com essa dupla, quando enfaticamente declaram, que a história de toda sociedade existente até hoje, tem sido a história de luta entre o homem livre e o escravo, entre o patrício e o plebeu, entre o senhor e o servo. Dentro do tipo de convívio articulado pelos anticristos, a única ligação restante entre os humanos apontada pelos pais do socialismo científico e endossada por mim: é o laço frio do interesse.

Acusam-me de ser exageradamente pessimista por um simples motivo: eu não conduzo nenhuma pobre alma ao erro! Eu não monto teses de supostos finais felizes, tomando como base a esperança forjada em soluções sobrenaturais. Prefiro ser rotulado como aquele que só enxerga o lado maquiavélico das pessoas e das situações, do que ser um comercializador de ilusão! Sou mal compreendido ou perseguido internacionalmente, porque deixo claro que estamos a anos luz da paz e que provavelmente nunca cheguemos nem próximos desse estágio de concórdia.

O meu pessimismo não provém de uma noite de insônia, do tédio ou de um súbito surto de mau humor, de é o resultado imediato do meu senso analítico em ebulição. É uma reação a comprovação de que estamos imersos até os pescoços num impasse de dimensões gigantescas, que freia e sempre freará todas as expectativas de um mundo pacífico. Na mesa de negociações para o levantar das cortinas de fumaça expelidas por restos de cidadãos carbonizados vivos, como não podia deixar de ser, sentam-se dois grupos: os favoráveis ao voo da pomba branca e os contrários. O citado impasse se dá, porque os que formam o time dos

partidários da paz são os mutilados que perderam parentes ou pedaços de seus corpos em guerrilhas urbanas. São os que caminham de maneira defeituosa, devido as balas de grosso calibre alojadas em seus ossos. São os que tem o tamanho, o peso e a capacidade de aprendizagem e produtividade sabotados pela má-nutrição derivada da privação diária de uma alimentação nutritiva. Já a agremiação dos desfavoráveis a proposta do abaixar armas, é composta pela escória que produz o caos e depois se beneficia com o continuísmo das calamidades públicas.

Se partirmos do pressuposto que o maremoto de lágrimas é uma estratégia fundamental para os negócios da burguesia e para a manutenção de países ricos nos postos de potências mundiais, logo constataremos, que os opositores da paz jamais suspenderão fogo. Portanto, diante de tal conclusão, não crer na possibilidade real do fim dos combates mortais, não é mero pessimismo ou sensacionalismo de letra de Rap Gangsta. é dar sinais de que as minhas funções cognitivas estão em pleno funcionamento! É demonstrar inteligência suficiente para assimilação do suprassumo da obviedade: a paz não traz lucros para os poderosos, desta forma, eles nunca terão um ataque de benevolência e num passe de mágica transformarão os nossos campos de martírio em paraísos de contos de fadas. O rabecão rebaixado com o peso proveniente do excesso de corpos, é um investimento que oferece ótima liquidez a esses canalhas desalmados!

Não se iluda com os ternos engomados e com as falas desenvoltas sem erros linguísticos dos seres "civilizados" que habitam os metros quadrados de alto padrão, por baixo das máscaras cortêses e inofensivas que nos são vendidas como o estereótipo da honestidade, se escondem uma legião de canibais comedores de carne humana! Ser educado por uma família estruturada e disciplinado nos melhores colégios que o dinheiro pode pagar, não significa adquirir os valores morais que anulam o egoísmo doentio e congênito. Ser educado por uma família estruturada e disciplinado nos melhores colégios que o dinheiro pode pagar, significa: aprender a ordenar e a administrar cativos e senzalas.

Desde o berço, as bestas capitalistas são apresentadas a filosofia de vida Homo Money. Desde o berço, os corações petrificados são familiarizados com a filosofia responsável por ativar, ainda mais, as suas trágicas propensões naturais. Crescem como aprendizes do curso didático intensivo que ensina que: **aquele que tem um centavo, deve matar para ter dois, aquele que comanda uma cidade, deve matar para controlar várias e aquele que dirige um país, deve matar para dominar todos os continentes.**

Para se chegar a um estado de paz é preciso, antes de mais nada, de uma imensa reformulação social, que começa com o asseguramento real a todos dos direitos à vida, à liberdade, à igualdade e à dignidade. Digo, asseguramento real, porque na teoria, nós brasileiros temos uma das constituições mais imparciais, retas e modernas do planeta. Os nossos legisladores são peritos na arte de escrever e publicar textos que não serão cumpridos. São peritos na arte de escrever e publicar textos que servirão apenas para encher linguiça!

Infelizmente, como é fácil perceber, a reforma estrutural que tanto necessitamos, passa exatamente pela mão do opressor. A abençoada mudança radical que

representa vida e morte, cabe justamente ao amaldiçoado Homo Money, que nunca soube conjugar o verbo amar quando se trata das pessoas das esferas menos favorecidas! Cabe justamente a aquele, cujo super "cérebro racional" surgido sobre a parte pensante primitiva, o faz adorar somente os seus bens patrimoniais ilícitos!

Pergunto, como que eu posso ficar estático, aguardando a misericórdia dos assassinos que dirigem Bendey, após conhecer as suas fichas criminais completas? Como que eu posso sonhar com mudanças sodais, após ter feito um raio X detalhado sobre a personalidade deformada, inescrupulosa e egoica, comum em cada tirano? Seria leviandade de minha parte propagar o otimismo, depois de ter traçado os perfis de nossos verdugos.

Os playboys, além de ter gelo correndo nas veias, são psicoticamente e psicologicamente egocêntricos! No passado, uma das muitas provas que traduzem o nível de egocentrismo desequilibrado dos Homo Money se materializava nas palavras do ex-ditador da Coreia do Norte Kim H-Sung, que costumeiramente alegava que o sol nascia quando ele despertava. Na ideologia megalomaníaca dos papa defuntos, quando se trata de enriquecimento, os plurais do coletivo são atropelados pelo singular do eu. Eu sou o melhor, eu mando, eu conquisto, eu escravizo, eu executo, eu sou o foco dos olhares e atenções.

Visando a chegada ao ponto mus elevado de suas ambições, os viciados cm papel moeda, durante o que chamam de progresso pessoal, substituem instintiva e gradualmente os pronomes pessoais: nós, vós, eles e elas, pelos possessivos: meu e minha! E assim, com o decorrer de anos, estão libertos, física e espiritualmente, de qualquer sentimento benigno que possa obstacular as suas finalidades mercantilistas.

Cada cédula que é depositada em uma conta bancária, corrompe um fragmento da já pouca sensibilidade dos que involuíram para a classe estúpida dos louvadores do senhor dólar. Quanto maior a fortuna, menor a probabilidade de solidariedade e comiseração a terceiros! Isso explica, o porquê dos que detém recursos ilimitados para subjugar o próximo, não lastimarem o sangue derramado abaixo da linha da indigência, sendo ele saído de cadáveres de crianças, doentes, idosos ou deficientes físicos! Para os seres tomados pela compulsão ao capital, as nossas piores mazelas não são passíveis de comoção! Por seus ideais de prosperidade, nos oprimem, nos exploram, nos privam da cultura e nos exterminam.

No conhecimento vulgar da nobreza, os que permaneceram no patamar de Homo Sapiens estão nivelados aos insetos. Ninguém se constrange ou sente remorso por pisar numa pulga! Quando as castas dos dominantes ordenam as suas tropas de covardes fardados que promovam diligências chacinadoras nas ruínas da sociedade, acreditam que estão livrando o prostíbulo tropical de espécies equivalentes a moscas. Em resumo, creio que esses poucos detalhes que expus a respeito das capivaras dos meliantes, sejam argumentos suficientes para uma projeção futurista não muito animadora!

Bom, de acordo com a teoria Eduardista, todos os homens são originários de um erro da mãe natureza. De uma forma ou de outra, os seres surgidos do infortúnio do destino tornaram-se violentos. A noção de valores, juntamente com a compulsão por riquezas, nos diferenciaram comportalmente e nos separaram por classes sociais.

E por fim, o rico ganancioso é o pior produto final dessa "evolução" desastrosa. Em resumo, seria essa a minha visão sobre o processo evolutivo das espécies! Em meio ao absurdo e a coerência, deduzo que no mínimo beirei a lógica. No entanto, entre as duas espécies inteligentes, uma permanece enigmática: os Homo Sapiens, particularmente os do Brasil.

As características egoístas do Homo Money são tão marcantes, que se torna simples em demasia desvendá-los, já em relação aos que foram reduzidos a servos locais, minhas análises ainda não foram muito conclusivas. Mesmo conhecendo a quantidade e a qualidade dos raios alienadores e a falta total de acesso a uma educação pública transformadora e agregadora, não consigo entender onde se equilibra a nossa paralisia colossal.

Seríamos profundamente bondosos e alegres, ao ponto de não nos rebelarmos contra os inimigos dos cidadãos invisíveis nem quando as suas navalhas rasgam as nossas peles e tendões? Seríamos tão ingênuos, ao ponto de ignorarmos a força que tem a maioria condenada a subsistir nas selvas de madeirites e compensados? Nos faltaria amor pelos nossos iguais? Teríamos medo de lutar? Não reagiríamos as ofensas e agressões burguesas por sermos mais resistentes a dor e ao sofrimento?

O não despertar da revolta ou a contenção da revolta, que **dever**ia ser um sentimento inerente ao estado natural de cada favelado, permanece uma incógnita para mim. Todos os dias eu me pergunto:

- **Caralho, como que o povo que habita um dos países mais ricos do mundo, admite ser massacrado pela fome, pela corrupção e pela artilharia estatal?**
- **Qual catástrofe ainda falta, para que por instinto esses homens e mulheres carentes saiam às ruas para reclamar aquilo que é seu por direito?**
- **Porque será, que a nação dos exclusos responde tão bem (para o opressor) aos efeitos da desinformação?**

A reação que a privação da cultura causa em nosso país, é absolutamente anormal! Já li a respeito de tribos que nunca folhearam uma revista ou assistiram um telejornal e nem por isso perderam o impulso espontâneo pela sobrevivência. Os cidadãos negros chicoteados por capitães do mato até os ossos das costas ficarem a mostra, não eram letrados e nem por isso deixavam de lutar pela liberdade.

Assumo, que nesse sentido, a minha pesquisa antropológica focada no gueto é incompleta, ela aponta que somos uma massa de manobra em virtude da incultura, mas não esclarece porque os favelados tupiniquins são mais suscetíveis a domesticação do que as vítimas da miséria de outras partes do mundo. Temos em nosso território turístico uma situação ímpar: milhares de esfomeados agonizando em razão da escassez de produtos básicos, numa pátria farta de riquezas. Acredito, que esse cenário em outras regiões do globo terrestre, certamente causaria algumas convulsões populares com greves, passearas, quebra-quebra, deposições e eliminações imediatas de parlamentares e chefes do Poder Executivo!

Sentirei-me um Che Guevara, se em algum momento da história eu conseguir

fizer o mais humilde se perguntar:
- Como que uma pessoa só com duas pernas, dois braços como eu, pode dominar milhões, contra as suas vontades?
- Até onde vai a nossa covardia? Porque tememos um homem ou grupo de homens?
- Porque deixamos um tirano ou um conjunto de ditadores no poder, se não concordamos com as suas ideias de governo?
- Porque não promovemos em todas as esferas políticas, uma série sistemática de impugnações de mandatos, sobre os asnos que não cumprem as suas obrigações?

Sentirei-me um Carlos Lamarca, se em algum momento da história, eu fizer o mais desprivilegiado entender que temos de executar cobranças metódicas, inflexíveis e diárias sobre aqueles que ocupam cargos com o desígnio de nos representar.

Todo favelado deve compreender, que os vermes instalados nas casas legislativas e executivas, nos atingem 24 horas por dia com as suas posturas criminosas. Desta forma, é mais do que temerário, para não se dizer suicídio, esperar quatro anos de governo de um canalha, para nas urnas das eleições futuras tentar corrigir um erro. É um atentado contra a nossa própria existência, não supervisionar um setor de suma importância para a população, que foi convertido em investimento financeiro. É um pedido, quase que formal, de extinção de nossa espécie, não exigir prestações de contas de um setor que foi transformado em sinônimo de guinada de carreira profissional e de ganhos espetaculares.

Pra você ter uma ideia de quão corrompido é esse ramo degradado, os candidatos em suas campanhas eleitorais não se preocupam em apresentar plataformas de governo, mas em explicitar a sua honestidade ou na maioria das vezes, em tentar provar a inocência em determinados processos. Aliás, na política brasileira, honestidade e retidão não são obrigações morais, mas qualidades!

Toda vez que deixamos de enquadrar os porcos que nos conduzem como peças inanimadas por um tabuleiro macabro, apertamos um pouco mais a corda de nossas forcas! Não podemos nos manter inertes estando presos em um tipo de jogo War da vida real, cm que o adversário impiedoso destrói implacavelmente os nossos exércitos com os seus dados viciados. Não podemos, numa espécie de Banco Imobiliário nada divertido, assistir passivamente **o** enriquecimento de nossos rivais, enquanto somos mastigados e engolidos pela penúria.

Sentirei-me um Karl Marx, se por um pequeno instante, eu conseguir fazer os habitantes das comunidades carentes enxergarem que no mundo de "paz" que nos é oferecido, o pobre só tem papéis inglórios de coadjuvância a desempenhar. No mundo de "paz" que nos é oferecido, cabe ao que vive à margem da sociedade o papel de proporcionar o bem estar para o mais abastado; de ouvir injúrias, calúnias e difamações e ficar calado; de não opinar e participar das decisões sobre os planejamentos delineados para a sua classe; de obedecer sem questionamento as ordens que lhe são dadas em galpões de subempregos; de ser reduzido a matéria

prima estúpida e ignorante das indústrias de consumo, do terror e da política; de ser detido, encarcerado, julgado e condenado por conta do tom de sua pele ou da textura de seu cabelo e de ser fuzilado por tentar suprir as suas necessidades fisiológicas.

A sanha por poder **é** uma endemia global, que exige trivialmente que a classe dominante escravize homens, que as terras desses sejam tomadas, que os recursos naturais dessas terras sejam expropriados, que os bens existentes sejam pilhados, que os direitos sejam violentados, que impostos sejam criados e cobrados dos sobreviventes em meio aos escombros e que os opositores a essas pretensões sórdidas sejam incinerados! A estratégia da ascensão por intermédio da brutalidade é aplicada em larga escala desde que o mundo é mundo. Ao longo da história dos homens, o genocídio foi fiador de impérios, reinados e papados. Foi o fiador de guerras em nome da independência e soberania, em nome de saques, em nome de conquistas, em nome da virtude, em nome da igreja e de Deus.

O massacre de seres humanos em larga escala, patrocinou regimes monarquistas, presidencialistas, parlamentaristas e tirânicos. Hasteou e tremulou as bandeiras do comunismo, socialismo, nazismo e fascismo. Hasteou e tremulou a bandeira democrática, liberalista, conservadora e reacionária. A violência como ferramenta, garantiu o domínio do planeta aos Sumérios, Egípcios, Flindus, Acadianos, Chineses, Israelitas, Babilônios, Hititas, Olmecas, Maias, Assírios, Gregos, Fenícios, Cartagineses, Romanos, Macedônios, Persas, Nazcas, Bizantinos, Teotihuacans, Árabes, Vikings, Toltecas, Astecas, Otomanos, Incas, Portugueses, Espanhóis, Britânicos, Austro-Húngaros, Soviéticos e Norte-americanos. Em outras palavras: a violência, como ferramenta, garantiu o controle absoluto sobre os mais fracos, a todos os poderosos que se predispuseram a matar em ritmo industrial.

Obviamente os Homo Money brasileiros não poderiam fugir as regras do universal esquema de aniquilamento em troca de supremacia. Desta forma, as suas buscas insanas por acúmulo de capitais transformaram o nosso país de praias paradisíacas, clima agradável e povo hospitaleiro, em uma imensa zona de conflitos!

O transtorno obsessivo-compulsivo da High Society nacional por carros fortes entupidos com seus malotes de cédulas de injustiça, deflagrou uma guerra sem precedentes. A compulsão de nossa playboyzada por fortunas extraídas de lágrimas, deflagrou uma guerra caracterizada por uma covardia imensurável: a de ser onipresente, incessante, duradoura e ao mesmo tempo se esconder sob a farsa de um simples problema de segurança pública.

Por mais que os capitalistas do Brasil sejam cotidianamente equiparados a macacos pelos gringos, os canalhas locais demonstram ser exemplares perfeitos da raça que involuiu dos Homo Sapiens. Mostram-se em magistral sintonia com os pares que devoram indefesos mundo afora. Aliás, os capitalistas do Brasil não ficam em nada a dever aos coirmãos estrangeiros. Assim, como os assassinos em série do exterior, os homicidas Made in Brazil são dotados de cerca de 100 bilhões de neurônios que processam incansavelmente pensamentos de destruição ao próximo.

Como você pode perceber, eles não são geneticamente inferiores, **como afirmam as** populações dos países desenvolvidos. Igualmente a todas as elites do planeta, os ricos do país do carnaval fazem parte da "raça evoluída" que usa a "inteligência"

para acomodar em seus cofres as somas que financiariam a paz mundial. Os que são subdesenvolvidos somos nós, os moradores dos habitáculos inabitáveis.

Nós, é que felizmente, não "progredimos" para o patamar dos inúteis gênios das finanças! Nós, é que felizmente, não "progredimos" para o patamar aos concentradores de renda e tesouros nacionais, que usam as "faculdades intelectuais" para apertar as teclas de aparelhos telefônicos a governadores que elaborem planos de esterilizações contra as manchas de seus cartões postais!

A chama da batalha motivada pela ganância que, como uma tocha olímpica levada por atletas, varou os tempos, não é uma exclusividade do primeiro mundo. A mesma chama milenar que no passado derretia cadáveres na pira, hoje, na era contemporânea, carboniza corpos maciçamente em nosso território entorpecidamente contente. A mesma chama milenar que no passado carbonizava existências, hoje, em nosso território reduz a cinzas inocentes e culpados nas ruas dos bairros pobres, nas ruas dos bairros ricos, nos barracos, nas mansões, nos condomínios fechados, nos clubes de campo, nos tribunais, nas prisões, etc...

Ninguém está a salvo! Ninguém é meio espectador! Todos somos soldados esperando a hora de entupir o pente da pistola pra entrar em combate! Todos somos mutilados pelos embates cruentos! Todos somos adaptados à atmosfera de ódio extremo! Todos nós brasileiros vivemos pacificamente em guerra, num "paraíso" que cheira a carne humana queimada, misturada com borracha de pneus.

Eu, você ou o bacana da cobertura de luxo, mesmo diferenciados por níveis de consciência, somos aberrações originadas da cultura da violência surgida nos primórdios da humanidade. Crescemos sendo doutrinados a "pensar" que o guerreiro que arranca cabeças é um sinônimo de nobreza e coragem, ao passo que o avesso as adagas cravadas nos peitos de rivais, é um homem sem honra! A exemplo de todas as nações regidas sob a batuta do materialismo e do consumismo, fazemos parte de um antro, onde as armas são glorificadas e consideradas meios válidos para as vitórias. A exemplo de todas as nações regidas sob a batuta da barbárie, fazemos parte de um antro, onde as punhaladas e as perfurações a bala compram passaportes para as conquistas monetárias!

Estamos em Guerra

Não é necessário uma declaração expressa partida do Congresso Nacional, para que a nossa república "democrática e soberana" quebre oficialmente, todos os dias, o tratado multilateral de renúncia a guerra chamado: **Pacto Briand Kellog** ou **Pacto de Paris**. Não foi preciso uma assinatura de um presidente num papel timbrado com um brasão, para que os dirigentes de nossa "pátria feliz deixassem de honrar, desde o ato de adesão, o acordo de paz firmado por reis, imperadores e presidentes, que colocou todas as guerras do mundo fora da lei e de justificativas.

A nação dos analfabetos funcionais não é e nunca foi administrada por pessoas incapazes de interpretar textos. Logo, deduzo que cm 10 de abril de 1934, ao confirmar o apoio do Brasil no ajuste condenatório ao belicismo, o então chefe máximo Getúlio Vargas não cometeu o ato falho de não ler o documento que assinava. Logo, deduzo que a então autoridade máxima, não cometeu o ato falho de não prestar atenção nos trechos onde o seu idealizador incluía entre as determinações: os massacres internos responsáveis por aniquilar povos sem expressividade política, originários do próprio país dos agressores. Absolutamente, não foram esses os casos! Não só a maior autoridade nacional, como também o topo da pirâmide da época, compreendeu que Frank Billings Kellog previa cm sua compilação de ideias, o renúncio da guerra como um recurso para o solucionamento de conflitos. Sejam eles quais forem e em que âmbito ocorrerem! Mais do que isso, a mensagem foi tão bem assimilada por nossos carrascos, que estes a usaram como pano de fundo para a criação e o patenteamento de uma fórmula ideal para a promoção de assolações sem o despertar da ira e das críticas da comunidade internacional: o genocídio descaracterizado!

Ao introduzir a sua rangiam num pedaço de papel oficial, o então presidente não o fez para tomar o seu país signatário da conciliação mundial entre os homens, mas para ratificar aos olhos estrangeiros a falsa oposição dos Homo Money brasileiros a beligerância. De fato, quando se trata de declarar guerra aos gringos que sequestram as nossas crianças para leiloá-las como mercadoria destinada ao trabalho forçado e a prostituição, os canalhas que nos governam são ultra pacifistas, não provocam sequer uma pequenina crise diplomática, agora, quando o assunto é deslocamento de pelotões de fuzilamento para os bolsões de pobreza, os mesmos gastam tonéis de tinta esferográfica rubricando avais para ataques!

Ao embarcar na moda da camuflagem, os membros do executivo, legislativo e judiciário ficaram livres para, simultaneamente, através de atos estatais hediondos e clandestinos: fortalecer o corporativismo entre o Estado e a burguesia parasita, realizar lavagens étnicas e sociais, por em vigência, via terror, o seu controle de massa e arregimentar a opinião pública. Dito de outro modo, ficaram livres para implantar a famosa lei do mais forte. Ficaram livres para implantar a regra universal e

atemporal do: ou se adapta ao sistema ou **Mão na cabeça filho da puta e Rá-tá-tá!**

Os esquartejamentos encobertos de favelados, além de colocar a terra dos executores numa posição "contrária" aos confrontos armados, a agraciou com o título cínico: de paraíso tropical! Quando se faz um bom trabalho de anti-publicidade, os resultados colhidos são magníficos. Uma explosão em Bagdá dá ao Iraque a conotação de sucursal do inferno, enquanto o déficit para cobrir a demanda por covas nos deixa nos trilhos do pacifismo!

As razões **motivacionais** para a carne putrefata de cidadãos transfigurados em carniça são tão bem disfarçadas, que a grande maioria da população, incluindo muitos parentes de vítimas, acreditam que fazemos parte de um país alegre, do qual a "felicidade nata" destacada em pesquisas e rankings é uma referência para o exterior. A maioria da população, incluindo parentes de vítimas, acredita que a política pública criminosa, as leis injustas e a aplicação dessas normas corrompidas de forma arbitrária e inexorável, não se enquadram como extermínio de inocentes e muito menos como crimes de guerra!

A metodologia do esconde-esconde é tão eficaz, que deu sustentação até para o surgimento de um chavão popular conformista: "o Brasil é abençoado por Deus, aqui não existem furacões, terremotos, erupções vulcânicas e nem guerras"! Acho que eu não preciso expressar que eu discordo literalmente em gênero, número e grau desse senso comum. E nítido, que no que se refere a catástrofes naturais fomos privilegiados geograficamente, já no quesito: desastres não naturais, aí são outros quinhentos... Aí, a chapa esquenta!

As nossas aflições não derivam de problemas administrativos inevitáveis em regiões em desenvolvimento, mas sim de atos insensíveis de genuínos criminosos de guerra! As nossas aflições são procedentes das maquinações de autênticos estrategistas militares, cuja meta é a conversão de seres humanos em escravos, em geradores de ganhos e em consumidores munidos de vontades pré-fabricadas!

O grau de excelência desses matadores frios é tão alto, que mesmo tendo produzido uma quantidade de caixões suficientes para encabeçar a lista das maiores hecatombes mundiais, esses senhores sequer têm antecedentes criminais. O grau de excelência desses sequestradores de intelecto é tão alto, que mesmo estando à frente de um sistema econômico que elitiza a propriedade privada e os meios de produção, esses senhores são tidos como modelos primorosos de honestidade.

O país que "abdicou da guerra como um instrumento de política nacional", finda todos os embates ideológicos nascidos na distribuição de renda desproporcional por intermédio de carnificinas de reclamantes. Em tempo algum, o uso da força bruta foi ou é substituído pelo diálogo entre tirano e tiranizado. Em tempo algum, o uso da força bruta foi ou é substituído por debates entre políticos e seus eleitores. Em tempo algum, o uso da força bruta foi ou é substituído por ações filantrópicas visando a implantação de projetos assistenciais que incluam no contexto social, de forma verdadeira e definitiva, os cidadãos em completo abandono. E por falar em "ajuda pública a carenciado", vale ressaltar, que o assistencialismo das célebres siglas partidárias no poder, estranhamente costumam ter a coincidente duração de quatro

anos. Porque será?

Em uma nação governada com a mão de ferro da ditadura instalada por trás da cortina de fumaça da “democracia”, a mínima discordância na metodologia governamental, implica em punição severa ou em pena capital. As “garantias fundamentais” expostas na carta magna são inconstitucionais para o povo, que no processo político ocupa o posto de expectador e não de participante. Um exemplo clássico desta afirmação, é a usurpação de nossa liberdade de expressão. Qualquer morador de uma comunidade carente que se muni de um megafone e tenta expressar as suas ideias ou lamentações, é violentamente reprimido com rajadas de metralhadoras, disparadas por integrantes de uma tropa de choque.

Não podemos subir no trio elétrico para conclamar a todos os sobreviventes que se unam e combatam os regimes despóticos em vigor, mas estamos liberados para correr, pular, sambar e cantar atrás dos blocos. Vivemos a política do “circo e pão” plagiada da antiga Roma, onde os imperadores, temendo possíveis revoltas populares, introduziam a diversão como calmante coletivo. O tal entretenimento consistia em dar pães para plebe, enquanto ela se distraia assistindo duelos mortais entre feras e gladiadores, em estádios como o Coliseu.

A proibição da intelectualização é a grande responsável pela produção do fenômeno: recreio em meio as labaredas do caos! Durante o transe psicotrópico da folia, o mau burguês age intensamente! Aliás, justiça seja feita, se tem uma palavra que jamais pode ser usada para descrever um Homo Money brasileiro em busca de seu pote de ouro, essa palavra é preguiçoso! Os sociopatas da elite não descansam! Os sociopatas da elite não tiram folga!

A incultura somada ao contentamento induzido, formam o campo favorável para o florescimento da distorção. Com os olhos vendados por purpurinas e lantejoulas, o povo, mesmo vivendo entrincheirado, não se sente imerso em uma zona de combates.

Nem poderia ser ao contrário, afinal, o desenho da guerra que nos foi e nos é vendido nas poucas aulas que temos antes de abandonar a escola, nos livros contados a dedo que lemos e nos raros documentários que assistimos, foge completamente daquilo que presenciamos no Brasil. Aprendemos desde cedo, que nos fronts de batalha oficiais, não existe carnaval e micareta. Desta forma, se as escolas de samba estão nas avenidas e os trios elétricos estão circundando as orlas das praias, logo, tudo está “às mil maravilhas” na terra do Penta.

Sem mísseis caindo do céu e bombas atômicas pulverizando civis, não há como não julgar lunático e extremista, o rapper saído do cômodo do cortiço do centro de São Paulo, quando este assegura que não só estamos em guerra, como somos reféns do modelo de conflito mais cruel de toda a história da humanidade.

Os judeus sabiam que havia um plano para a sua eliminação, já os brasileiros esquecidos não ganham nem o benefício de poder ficar a par da verdade funesta! Só o fato da Guerra Não Declarada de nosso país, não dar aos aniquilados a chance de se defender, de empreender fuga ou de ao menos se despedir de entes queridos, já a faz gravitar num patamar de malvadez até então nunca visto pelo homem.

Que fique claro, os nossos campos de batalhas não são os mais férteis só porque

são camuflados e clandestinos, são os mais férteis por serem os mais produtivos e também por reunirem todas as modalidades de horror dentro de um só palco. Quando se trata de esquartejar a paz no sentido figurado ou literal, os opressores nacionais são os maiores especialistas do planeta no tema. São os maiores especialistas do planeta, com um detalhe que nunca podemos nos esquecer: tudo isso, sem ao menos usar um carro de combate convencional ou uma mina terrestre.

Como é possível, que os mestres em uma matéria, não sejam associados ao campo em que atuam? Como podem agir debaixo de nossos narizes e passarem tão despercebidos? Juro que eu não me conformo com essa situação! Um dos meus maiores sonhos, é fazer com que os mesmos transmissores que disseminam a alienação, informem a todos, que os senhores das armas nacionais não são personagens de nenhuma lenda urbana. Os senhores das armas nacionais são tão ou mais genocidas do que Joseph Stalin, Mao Tsé-tung, Adolph Hitler, Chiang Kai-shek, Hideki Tojo, Pol Pot, Yahya Khan, Josip Broz Tito, etc... Assim como esses famosos demônios em formato de Homo Money, os matadores Made in Brazil executam constantemente atentados contra a humanidade.

Os crimes contra a paz praticados livremente e impunemente todos os dias pelos ricos nas ruas brasileiras, se fossem cometidos na década de 1940 seriam passíveis de julgamentos no tribunal de Nuremberg. O tribunal de Nuremberg foi uma corte constituída em caráter provisório em 20 de novembro de 1945 na cidade alemã de mesmo nome, para julgar as atrocidades cometidas durante a segunda guerra mundial.

As penas aplicadas aos monstros nazistas seriam perfeitamente cabíveis aos nossos supliciadores. Imagino, sem a falsa máscara do puritanismo, quantos dos tiranos considerados fictícios por emburrecidos não seriam condenados a forca. Quantos não sentiriam uma certa dificuldade em engolir saliva a caminho do cadafalso. Quantos não seriam vendados e fuzilados em praça pública. Quantos não seriam queimados vivos por suas blasfêmias.

As monstruosidades inomináveis camufladas com o véu da política pública são tio graves, que os praticantes deveriam ter seus atos sob apreciação do Tribunal Penal Internacional, o órgão incumbido de julgar indivíduos acusados de genocídio, crimes de guerra e contra a humanidade.

Os carniceiros bem vestidos e educados acomodados em SUVs caríssimas, dirigidas por motoristas particulares, estão numa posição tão confortável, que não precisam sequer se submeter aos tratados que regulamentam os conflitos armados. Os homens que diariamente, através do controle de órgãos repressores, aplicam atividades homicidas massificadas em favelas e periferias brasileiras, são os únicos generais da face da Terra imunes aos artigos da Convenção de Genebra. São os únicos que podem se dar ao luxo de carbonizar os parágrafos que decretam as normas para as leis relativas aos direitos humanitários em tempo de guerra. São os únicos que trucidam o acordo universal que rege o comportamento dos exércitos envolvidos em confrontos internos ou externos.

Por fim, os idealizadores dos nossos campos de extermínio, são os únicos tiranos, que de forma oficial, não violentam os acordos de paz estabelecidos pelas

autoridades internacionais, simplesmente, porque a mortandade que praticam está conexa à uma guerra fechada, obscena e particular. A mortandade que praticam está conexa à uma guerra para gringo não ver.

Derramamento de Sangue às Escondidas.

Os estrangeiros, em suas visitas ao Brasil, deveriam substituir o bronzeador e o protetor solar pela substância Luminol, usada pelos peritos criminais para revelar resquícios de sangue através de um efeito químico gerador de luz. Desta forma, bastaria **que** eles borrifassem os seus frascos a esmo para conferirem o nosso genocídio. Bastaria pulverizar o produto pelas ruas brasileiras, para que eles tomassem ciência, de que cada metro quadrado do país contém uma cena de crime bárbaro.

Os nobres turistas ficariam perplexos ao verificar, que em qualquer pedaço de solo brasileiro em contato com essa solução, se acenderia uma luz azul fosforescente em reação a vergonha nacional, antes oculta e maquiada. Aliás, se chovesse Luminol em nossa "pátria pacífica", não seríamos conhecidos como o país verde por causa da floresta amazônica, seríamos conhecidos como o país azul por nosso absurdo índice de mortalidade.

O emprego desse artifício pelos gringos em férias, mais do que expor as chacinas da "potência emergente", demonstraria o quanto eles foram enganados por seus agentes de viagens. Após a overdose de realidade, deduziriam que a nossa tragédia social não lembra, em nada, os panfletos com belezas naturais e povo hospitaleiro, expostos nas agências de turismo. Veriam que não existe nenhum pajé disposto a dar-lhes um cocar e os convidá-los para fumar um cachimbo da paz.

Os europeus ou norte-americanos, se sentiriam lesados, verdadeiros idiotas e vítimas de propaganda enganosa, afinal, pagaram por um pacote repleto de encantos em uma agradável estadia num lugar utópico e receberam uma temporada de contagem de cápsulas de balas de revólver pelo chão, numa filial do Afeganistão ou do Iraque.

Quem, em sã consciência, gostaria de passar seus dias de folga em Ruanda em 1994, durante o famoso massacre de Ruanda? Provavelmente ninguém. Acredito que nem mesmo os correspondentes de guerra. Mas **é** justamente o que acontece com o estrangeiro que nos visita! O roteiro turístico promete uma viagem feliz, com passagem pelas praias cinematográficas mais lindas do planeta e colocam o seduzido no olho do furacão! No epicentro de um mega-morticínio!

No Brasil, até existem alguns programas destinados a visitantes internacionais, que oferecem um tour por favelas sem o domínio do tráfico de drogas, entretanto, no momento, a minha abordagem foca em outra direção. Nesse instante, não escrevo sobre os aventureiros que consideram a nossa miséria exótica e que são atraídos por prazeres e diversões que só um Estado falido pode proporcionar. Nesse instante, escrevo sobre aqueles que desconhecem a fundo as crises humanitárias que

nos assolam. Aqueles que pensam, que a capital de nossa selva armada e mortífera é Buenos Aires e que macacos e cobras circulam livremente por povoados em companhia de indígenas.

Assim como em Ruanda, os ricos nos dividem em grupos, para que economizemos a sua munição nos exterminando. Lá, a colonização alemã e posteriormente, o domínio belga, germinaram e proliferaram o ódio entre as duas etnias que habitavam o país; os Hutus, maioria absoluta com 85% da população e os Tutsis, somados em cerca de 14%. O branco europeu optou por exercer seu governo colonial naquela região, de forma indireta, por meio de líderes tribais Tutsis. Em consequência do beneficiamento, os componentes dessa etnia foram selecionados para a ocupação dos cargos da administração estatal, para o treinamento militar e para o acesso exclusivo a educação. A colonização criminosa, ao privilegiar um grupo em detrimento de outro, gerou enormes diferenças sociais e culturais, além de, é claro, uma imensa e desastrosa raiva crescente. A intervenção do europeu usurpador, estuprador, pilhador e sequestrador, produziu em 12 semanas, a morte por facões, enxadas, machados e outros objetos cortantes, de mais de 800 mil Tutsis. Tudo isso, sem me esquecer da participação sepulcral da ONU (Organização Das Nações Unidas), que na eminência da carnificina, ao invés de intervir para demover os radicais de suas intenções, preferiu salvar os brancos que lá estavam e retirar os seus soldados de capacetes azuis da zona de abate.

Fiz este breve relato sobre o genocídio de Ruanda, porque o considero muito parecido com o genocídio nacional que permanece invisível aos olhos míopes dos terráqueos desenvolvidos. Considero a analogia entre os dois massacres bastante pertinente, pois mesmo apresentando métodos diferentes de execução em massa, as causas e os atores contidos em ambas as catástrofes, são assustadoramente semelhantes.

O motivo central da desunião dos povos pobres, tanto lá quanto aqui, foi, é, e sempre será consequência direta da influência e de sua manipulação por parte dos ricos e poderosos.

O genocídio brasileiro é bem verdade, não mata 800 mil pessoas em 12 semanas, **ele é** um pouco mais sutil, frio e calculista, mata lentamente, para produzir, despercebidamente, o mesmo resultado em alguns anos.

Admito que ao fazer o comparativo entre esses dois modelos de estupidez humana acima da média, o que mais me chamou a atenção não foram os pontos idênticos, mas a diferença monumental de perversidade intrínseca em cada barbárie. O que mais me assombrou, foi concluir que a solução final articulada nas altas rodas da sociedade tropical, é anos luz mais maquiavélica e assassina do que a africana!

A carnificina implantada no seio do país aspirante a uma vaga permanente no G8 (grupo dos 8 países mais ricos), contém um agravante que a torna sensivelmente mais sórdida do que a de Ruanda, em razão das mortes ocorrerem de forma individualizada e menos intensa, o caráter de holocausto é retirado da super lavagem étnica e social brasileira.

Uma vez desmembrada, a imolação sistemática dos excluídos é reduzida a uma sequência infindável de simples homicídios eventuais. Quando se converte um

ardiloso plano de extermínio, em um mero quadro alarmante de violência urbana com assassinatos distintos, isolados e sem ligações uns com os outros, o massacre continuo é descaracterizado. Este artifício o faz ser perpetuado!

O conflito ruandense realmente era selvagem e implacável, mas entre os seus propósitos diabólicos não estava presente o de durar para sempre! Já ao aniquilamento de favelados do Brasil, não cabe tal afirmação! A matança, sem ares de matança planejada, deixa o genocídio da burguesia secreto, permitido e inextinguível.

O método mais eficaz para se manter a todo vapor a produção de atos hediondos de um regime tirânico, é implantar no imaginário popular, justificativas camufladoras que colaborem para a sua aceitação geral. Para tanto, basta que as autoridades introduzam nas mentes alienadas a cínica alegação; de que o mar de sangue, cm que as pessoas de menor poder aquisitivo naufragam, é causado por ocorrências e circunstâncias surgidas em face de desavenças corriqueiras e naturais, presentes no cotidiano das grandes metrópoles.

Depois da distorção da tragédia premeditada e da implantação de sua "inevitabilidade", os membros da classe dominante, a exemplo dos Hutus, ficam livres para amolarem os seus facões e os usarem até a perda do fio de corte!

O lado oculto de suas ações animalescas previamente arquitetadas, lhes dá a benesse de poderem nos exterminar a bel prazer e ainda serem isentados de suas culpas e das respectivas penalidades devidas.

Dentro da metodologia de assolação por mim descrita, os mentores intelectuais não são ao menos ligados aos seus delitos, afinal, até que se prove ao contrário, não estamos diante de um processo ultra bem elaborado de eliminação em escala industrial, mas de infelizes fatos lamentáveis, comuns nos dias contemporâneos.

A velocidade em que aconteceram as baixas em Ruanda, é a materialização do sonho de consumo burguês. Todos os governantes plutocráticos ao redor do mundo, objetivam esse tipo de limpeza étnica instantânea. Os pobres, nos quatro cantos do globo terrestre, são tidos como as pragas que impedem a evolução e o crescimento das nações. Deste modo, a tática para a solução do tal problema, é pulverizar toda a gordura excedente e desnecessária (POBRES), deixando vivas, apenas, as unidades suficientes para o preenchimento dos cargos ligados aos afazeres humilhantes, degradantes e desumanos.

Impedidas de declararem guerra abertamente aos indesejáveis, as "pátrias pacíficas", como o Brasil, fazem uso de dispositivos diabólicos diretos e indiretos, para conduzir os marginalizados aos caixões doados e lacrados.

Dentro do roll repleto de técnicas de destruição, a menina dos olhos dos ditadores, como já descrito por mim, é a geração de ódio entre as pessoas vítimas do mesmo cenário de exclusão.

Este plano consiste em separar cidadãos carentes em grupos, quadrilhas, organizações, gangs, etc., injetar raiva, rivalidades e animosidade incondicional, para que ecloda um déficit de padres para atender a demanda por missas de sétimo dia. O reflexo desse estímulo a nossa ruína, pode ser conferido 24 horas por dia nas nossas praças de batalha, batizadas erroneamente com a denominação de bairros.

Assim como em Ruanda, estamos nos despedaçando mutuamente por indução do inimigo. Estamos banhando em sangue: as pessoas de nossa mesma raça, que falam o mesmo idioma, que são nossos vizinhos, nossos colegas de escola **ou** de trabalho. Estamos banhando em sangue: as pessoas da rua de cima, da outra favela, do outro barraco, do outro X ou da outra cela.

Fazemos exatamente o que o sistema quer e com um adendo: para a formação do nosso próprio calvário, agimos em perfeita sintonia com os covardes fardados. Tomo a liberdade de ser ainda mais incisivo... De posse de nossos intelectos sequestrados, conseguimos a execrável façanha de levarmos tantos favelados para os túmulos, quanto a força homicida e repressora do Estado. Não acredita? Faça as contas.

Sendo o recurso do emprego da substância Luminol, algo limitado ao campo do surrealismo, poderíamos torcer para o surgimento de um acontecimento mais palpável e concreto, que viesse a contribuir com a apresentação ao mundo de todas as vertentes da Guerra Não Declarada promovida pelos boys. Uma inesperada falha operacional na engrenagem da dissimulação, já traria um resultado bastante satisfatório.

Para que os primeiro-mundistas, representados na forma de turistas entendessem a dimensão de nossa hecatombe clandestina, bastaria uma greve dos recolhedores de corpos do IML (Instituto Médico Legal). Em 12 semanas teríamos, seguramente, um número bem expressivo de cadáveres se decompondo em nossas ruas. Em 12 semanas teríamos, seguramente, um número de mortos suficiente para ultrapassar, com folga, as estatísticas de qualquer área em conflito oficial ao redor do planeta.

Por mais ineficiente que seja este serviço público, deixando mortos por mais de 18 horas em baixo de jornais presos ao chão com tijolos, ainda assim, chegam a recolher os defuntos antes que apodreçam por completo. Agem em tempo hábil para se evitar o acúmulo de carne humana se transfigurando em carniça e conseguir jogar a sujeira para debaixo do tapete.

Se as vítimas do "pacifismo nacional", permanecessem pelo menos por um mês insepultas, teríamos uma grande alteração no perfil de nossos visitantes estrangeiros. No lugar dos pervertidos sexuais e pedófilos, a pátria de chuteiras, prostituição e fuzis, atrairia os estudantes de medicina legal.

Os futuros legistas do exterior, não precisariam mais estudar em restos mortais contrabandeados do mercado branco do terceiro mundo, bastaria arrumar as malas e subir a bordo da primeira classe, para desembarcar num inédito e inesquecível Workshop. Bastaria arrumar as malas e subir a bordo da primeira classe, para desembarcar num inédito e inesquecível Workshop, onde fariam intercâmbio cultural diretamente com os mutilados por tudo o que há de mais moderno e sofisticado no ramo armamentista.

Com a paralização desses profissionais, a nossa paisagem não ficaria em nada a dever, com a que se via em Ruanda em 1995, um ano após o massacre.

Teríamos bolsões de pobreza cobertos por corpos esquartejados, que estariam jazindo no mesmo local onde caíram sem vida. Cabeças decapitadas, ceifadas por

facões, postadas a quilômetros de distância de seus donos. Teríamos um imenso jardim de ossos, com milhares de crânios expressando a dor de seus abates. Contaríamos aos milhares, os esqueletos de crianças descarnadas por insetos e animais, depois de seus falecimentos brutais. Os sobreviventes teriam de varrer de varrer de suas portas e calçadas pedaços de seres humanos reduzidos a amontoados de matérias abstratas, como se fossem folhas secas caídas de árvores no outono.

A enorme quantidade de os saturas ressecadas pela luz solar, em pouco tempo se tomaria a marca indelével de nossa nação. Em pouco tempo, se tornaria o nosso patrimônio histórico e cultural.

Os palcos das maiores chacinas, se converteriam nos pontos mais visitados pelo público estrangeiro. Os guias turísticos não perderiam mais tempo exaltando as belezas de nossa fauna e flora, usariam o período em companhia dos forasteiros, apenas para contar-lhes histórias sobre os assassinados e as diversas formas que a máquina governamental, a serviço da playboyzada, usa para aniquilar marginalizados sociais.

O DNA dos incontáveis óbitos da legião dos apátridas invisíveis, ficariam eternamente incrustados no maldito solo, que desde o útero materno os rejeitou e sabotou todas as suas chances para existências plenas, produtivas e prósperas.

Bastariam 30 dias de greve dos recolhedores de corpos, para que os milhares de massacrados e seus incalculáveis ossos se fundissem e produzissem o nosso memorial do genocídio não seria um belo muro de mármore preto, com dezoito metros de comprimento, com os nomes de cada finado como é o memorial dos veteranos do Vietnã, mas sem dúvida nenhuma, sena um monumento da verdade. Aliás, nem se quiséssemos daria para plagiar os norte-americanos nesse modelo de homenagem póstuma. Dentro do ritmo e da voracidade em que os opressores bebem sangue e mastigam carne humana, dezoito metros não seriam suficientes para incluir nem as iniciais dos mortos. Uma coisa **é** certa, em 30 do que uma espécie de mausoléu, teríamos a nossa situação de guerra reconhecida.

A maneira mais respeitosa de se tratar a memória de uma pessoa assolada por grupos de extermínio ou pela nossa própria ignorância, não é ascender velas ou fazer orações diárias em seu nome, é não esquecer o porquê de seu fim trágico e torpe e quem foram os articuladores para a **descida** de sua urna funerária **numa cova (caso** haja esse privilégio).

Mais do que manter as vítimas presentes entre nós através de lembranças, temos que mantê-las vivas por meio de nossa luta por justiça! Nenhuma execução de um enclausurado abaixo da Unha da miséria absoluta, pode ser em vão! Nenhuma execução de um ser enclausurado abaixo da linha da miséria absoluta, pode passar batido!

Quando expresso a palavra justiça ligada a dizimação do povo pobre, ela está conectada a um pensamento muitíssimo amplo... Na minha concepção, fazer justiça nesse sentido, não é só punir o canalha fardado que desfere as rajadas, mas também os idealizadores do plano de extermínio. Justiça não é só castigar com uma temporada na prisão o tentáculo, mas também implodir de maneira completa, o maquinário colossal que o controla. Implodir o maquinário colossal que produz o

genocídio, travestido de crise de segurança pública.

Falando em justiça, no quesito: hospitalidade ao estrangeiro eu serei justo com a terra do samba. Se por um lado, existe uma chuva de munições que atendem as especificações da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte), por outro, a pátria de chuteiras, prostituição e fuzis, oferece um cardápio recheado de atrativos aos adeptos da perversão.

O circuito de diversão para depravados é tão tentador, que se fosse propagandeado de maneira explícita, haveria um congestionamento de aviões nos céus brasileiros, tamanha seria a quantidade de interessados.

A partir de agora, incluo no capítulo os degenerados que consideram a degradação moral e social de nosso "maravilhoso território", algo exótico e prazeroso.

O fluxo de turistas cresceria substancialmente, se os comerciais voltados a fisgá-los, divulgassem que as leis de segregação racial, as chamadas leis "Jim Crow" dos estados sulistas norte-americanos, vigoram no Brasil. Quantos membros da Ku Klus Klan (KKK) não se sentiriam em casa, em um país em que brancos ricos e negros não estudam nas mesmas escolas, não frequentam os mesmos restaurantes e lanchonetes, não se hospedam nos mesmos hotéis, não moram nos mesmos bairros e não ocupam os mesmos cargos? Aqui, as placas: SOMENTE PARA BRANCOS - são ainda mais segregacionistas, do que as do sul dos USA. As placas norte-americanas excluíam os afro-americanos, já as placas brasileiras, além de excluir os afro-brasileiros, excluem também todos os pobres. Em nossa arena letal, a frase: SOMENTE PARA BRANCOS - ganhou uma nova roupagem. Foi adaptada a uma linguagem subliminar de fácil compreensão. Tão fácil que até analfabetos são capazes de decifrá-la em segundos, sem maiores dificuldades. Nos dizeres internacionais, onde antes se lia: SOMENTE PARA BRANCOS hoje, aqui se lê: Daslu, Maserati, Hilton, Fasano, Vila Nova Conceição (o metro quadrado mais caro de São Paulo), Campos do Jordão, Ipanema, etc... E não para por aí... O pacote turístico do universo da "felicidade contagiante", exclusivo para os membros da Klan, ainda presenteia o intolerante racial com mais uma surpresa: a qualquer hora e lugar, o racista branco pode colocar o gorro cônico e linchar ou enforcar um cidadão negro ou um favelado, enquanto a sua cruz arde em chamas, sem precisar se preocupar com a instauração de um inquérito policial ou com a abertura de um processo judicial. A falta de preocupação penal se dá simplesmente porque, para os nobres que falam o idioma dos dólares e dos euros, matar um afro-descendente ou um homem sem posses, no dito pais "abençoado por Deus", não constitui crime! Exatamente como nos Estados Unidos de até meados da década de 1970. Os canalhas ricos do motor da América-Latina, para total satisfação dos "ilustres hóspedes", conseguiram recriar o clima insuportável de impunidade, iniquidade e separatismo étnico, instalado no século XX em lugares como o Alabama, Geórgia, Kansas, Mississipi e Texas, entre tantos outros.

No lugar das vísceras dilaceradas pelas Browning ponto 50, os cafetões da elite exibem para os estrangeiros, as nossas crianças em poses eróticas, em catálogos virtuais via internet, com milhares de fotografias. As oferecem como mercadorias

de Sex Shop, destinadas a proporcionar prazer a vermes obscenos e despudorados que desejem fazer um passeio sexual pela selva da orgia.

Distorcem a nossa cultura, para transformá-la em chamariz de estupradores milionários. O folclore nacional, depois de deturpado, perde o seu valor como arte, tradição e costume.

Em reação as doses acachapantes dessa demolição cultural, o país, habitado na sua imensa maioria por pessoas honradas, ganha o formato de um grande prostíbulo, ideal para se deixar a lascividade dos bacanas fluir. O país, habitado na sua imensa maioria por pessoas honradas, ganha o formato de um antro pecaminoso, onde tudo é permitido.

Comercializam o carnaval, a marca registrada de um povo, como um grito a promiscuidade! A nossa festa popular de maior representatividade, é reduzida ao feriado do pecado da carne e da libertinagem! Nessa adaptação vendida ao exterior, são anulados os trabalhos de pesquisa do carnavalesco sobre o assunto abordado pela escola de samba; a importância da agremiação para a sua comunidade e para a identidade da nação; a beleza plástica das fantasias e alegorias; a musicalidade dos sambistas e ritmistas; a poesia do samba enredo; a alegria dos passistas e o trabalho de um ano ininterrupto feito nos barracões.

Após os danos causados pelo processo de desfiguração cultural e de depreciação da imagem do Brasil, as pupilas dos gringos passam apenas a captar uma região bela por natureza, ocupada na sua maioria, por selvagens pacíficos. As pupilas dos gringos passam apenas a captar um lugar aprazível, onde os nativos do sexo masculino calçam chuteiras e tocam pandeiro, enquanto as mulheres usam micro biquínis, são vulgares e prontas desde as suas tenras infâncias para serem sodomizadas.

Pros que vivem além de nossas fronteiras, o país da bola e da bunda é reluzente. Pros que vivem além de nossas fronteiras, o país das Ml6 e M4 é latente. As gavetas fétidas e geladas dos rabecões superlotados, são pinturas realistas que só podem ser apreciadas por um seleto público local: as mentes indomáveis!

Somente o desconhecimento sobre a magnitude de nossa guerra camuflada ou a abominável conivência de líderes mundiais, pode explicar a ausência de sanções do Conselho de Segurança da ONU (órgão internacional incumbido de gerenciar graves violações dos direitos humanos pelo mundo e que tem o poder de autorizar possíveis intervenções militares em qualquer país) e a falta de embargos econômicos, comerciais e financeiros ao Brasil, por parte dos países poderosos.

Não entendo os critérios adotados pela ONU e as nações desenvolvidas, para se impor penalidades aos países e supostos criminosos, que segundo as suas "brilhantes análises", representam perigo eminente a humanidade.

Por exemplo, ao tempo em que festejam a nossa réplica do Jardim do Éden e seus déspotas genocidas, punem e recriminam o Irã, por seu presidente Mahmoud Ahmadinejad não aceitar as exigências para abortagem de seu programa de enriquecimento de urânio. Programa este, que ao invés de ser usado na construção de armas nucleares, pode muito bem ser empregado para fins pacíficos na produção de energia nuclear. No caso iraniano, existe uma série de dúvidas a respeito dos reais

propósitos para a empreitada, entretanto, no caso brasileiro, as intenções nefastas dos assassinos sociais estão pra lá de bem evidenciadas!

Só um rápido esclarecimento: num cenário composto por potências repletas de ogivas, todas as nações têm direito de ter bombas atômicas! É mais do que justo que essa prerrogativa seja democratizada! Destruir apenas os arsenais das regiões pobres, é uma das muitas maneiras de expandir a dominação dos ricos e bem armados!

Continuando... Porque será que os nossos governantes têm total anuência da comunidade internacional, se todos se emolduram perfeitamente dentro do termo: **PERIGO EMINENTE À HUMANIDADE?** Mais do que isso, eles são graduados e pós-graduados em terrorismo interno! Representam um perigo elevadíssimo a existência de seu próprio povo pobre. Despejam as suas bombas letais, naqueles que não possuem baterias antiaéreas para se defender dos bombardeios. Naqueles que, sequer, conseguem compreender o motivo de estarem sendo atacados.

Será que os autoritários norte-americanos que ditam as normas globais, não percebem que a nossa democracia é tão ditatorial para os seres vitimizados pela penúria, quanto o antigo regime de Fidel Castro, que motivou o seu embargo sobre Cuba? O governo brasileiro, da mesma forma que o cubano, nunca respeitou os direitos fundamentais de sua população e sempre executou de forma maciça e sem qualquer julgamento, os seus opositores.

Por qual razão então, o Brasil mantendo em vigência um regime totalitarista, semelhante ao instalado na ilha caribenha, pode usufruir do comércio das superpotências mundiais e de empréstimos do Banco Mundial e do FMI (Fundo Monetário Internacional)? AH, lembrei! Porque nunca desapropriamos áreas férteis ocupadas ilegalmente por empresas e propriedades estadunidenses ou europeias e tão pouco, nacionalizamos as fábricas e refinarias de petróleo dos proprietários do mundo.

A terra, onde os bosques "tem mais vida", pode se dar ao luxo de massacrar e tiranizar a sua gente sem despertar a aversão e a censura universal, por se tratar de uma lucrativa e vantajosa colônia do primeiro mundo. Por se tratar de uma lucrativa e vantajosa colônia do primeiro mundo, que por meio de presidentes fantoches empossados e financiados com o capital estrangeiro, entrega de bandeja aos investidores de nossas desgraças, todos os seus recursos naturais. Além do mais, como que a nossa escassez, indigência e assolação, poderiam ou podem causar algum impacto emocional fora do perímetro verde e amarelo, se são justamente consequências diretas da antiga colonização realizada pelos saqueadores do Velho Mundo e da neoexploração promovida atualmente por norte-americanos e europeus?

Diante desse imensurável mar de hipocrisia, o mais estarrecedor foi tomar conhecimento sobre os cerca de 1,2 mil soldados brasileiros, designados para integrar a Força de Paz das Nações Unidas no Haiti, antes do fatídico e suspeito terremoto que destruiu boa parte daquele país. Digo suspeito, porque segundo um relatório da marinha Russa do Norte, que desde 2008 monitorava as atividades navais dos norte-americanos no Caribe, o sismo teria sido provocado por testes

bélicos efetuados pelos Estados Unidos.

Não posso afirmar que os carniceiros de Washington D.C tenham tecnologia suficiente para provocar um mega tremor desse porte, mas que eles teriam e tem interesses financeiros, políticos, geográficos e militares de sobra para almejar ocupar e controlar aquela região, disso eu não tenho a menor dúvida. Tanto é verdade, que a sua "ajuda humanitária" chegou ao Haiti armada e em companhia de empreiteiros fazendo cálculos sobre os lucros da reconstrução, exatamente como ocorreu na Europa e Japão, pós segunda guerra mundial. Conhecendo a história indecorosa dos imperialistas, não seria nenhuma surpresa pra mim se a tragédia for mesmo de sua autoria.

Bom, de volta aos nossos "bravos heróis"... A missão destes "distintos combatentes" era desarmar as milícias e restaurar a democracia naquele cenário desolador. Só não é cômico, por ser trágico! Com que moral, um país que impõem um avassalador regime de exclusão social, exterminador de milhares de vidas por ano, envia tropas para uma zona de conflito com o "intuito" de estabelecer a paz? Como, que um governante máximo, que conserva em sua pátria setores que são completamente equiparáveis aos Estados Fracassados (denominação dada aos países em que o Estado não consegue controlar o seu território e fornecer serviços básicos a população), pode ter a audácia e a petulância, de supostamente, querer instaurar a ordem em qualquer lugar da face da Terra? Quantos bairros brasileiros, negligenciados pelo poder público, apresentam índices de desenvolvimento humano, violência, desemprego, analfabetismo, falta de moradia e fome, semelhantes aos de Porto Príncipe? Os soldados de capacetes azuis deveriam estar desembarcando com toneladas de alimentos e medicamentos de primeira urgência, no país da terceira, das novas sete maravilhas do mundo. Aquele, que não apresenta nada de maravilhoso para os seus habitantes! Um presidente, antes de enviar os seus batalhões para o exterior para fazer média internacional com a ONU tinha, no mínimo, que ter instituído a democracia, a liberdade individual e o cessar fogo em seu próprio campo minado. E a ONU, por sua vez, deveria recusar qualquer expedição militar partida de regiões que não manifestam como interesse nacional, a promoção do bem-estar em nenhum ponto do planeta, mas, tão somente, a intenção de conquista de uma cadeira permanente no Conselho de Segurança. Mas, tão somente, a intenção de conquista da valorosa e imponente cadeira, que garante direito a voto e a veto nas resoluções que regem o cenário mundial.

Creio eu, que não deva ser difícil presumir, que qualquer tipo de governo, que tenha o objetivo sincero de participar da construção da inalcançável paz global, começaria a obra no seu próprio quintal.

A primeira exigência que uma entidade destinada a cuidar da segurança do mundo deveria fazer aos chefes dos 15 países membros de **seu** conselho, tanto os cinco permanentes (Estados Unidos, França, Reino Unido, Rússia e República Popular da China), quanto os dez países rotativos, eleitos por sua Assembleia Geral para mandatos de dois anos, é que todos, sem exceção, estivessem com os três pilares da civilização moderna em vigência e em pleno funcionamento em seus territórios: a democracia, os direitos humanos e a paz. Essa condição imprescindível,

obrigatoriamente deveria ser estendida, também, aos países que não são membros do Conselho, mais que manifestam desejos voltados a contribuir com a ONU para o estabelecimento da concórdia e da tranquilidade em regiões conflituosas.

Só esse tipo de imposição pode garantir que a "abnegada ajuda humanitária", não faça parte de um jogo de interesses. Não faça parte de um jogo de interesses, em que o maior interesse, ou na maioria das vezes, o único interesse, é apenas a obtenção de ganhos com a criação de uma falsa imagem filantrópica de determinada nação.

Com a adoção desse método preventivo, evitaria-se as frequentes ocorrências de contradições embaraçosas, como por exemplo: o envio de tropas do exército, por um país totalmente devastado pela violência como o Brasil, para socorrer outro país totalmente arruinado pela violência como o Haiti.

Quando afirmo que estamos em guerra, a minha opinião toma como base os tratados universais uni, bi, tri, multilaterais antiguerra, trucidados por policiais capangas da elite brasileira e o dissolvimento de inúmeras convenções pacifistas, realizado por planos de segurança bipolares aplicados por detentores de cargos públicos, teoricamente voltados a propagação da harmonia social.

O método de administração dualista, responsável por eternizar os combates, tem por objetivo oferecer a população tratamentos distintos, com referência no padrão econômico de cada um. O saldo disponível pessoal, define o enquadramento no polo positivo ou negativo. A política estatal dos dois polos, em resumo, significa: na extremidade positiva, garantir a defesa da vida e do patrimônio dos privilegiados financeiramente e na extremidade negativa, o enterro precoce dos que vivem a margem da sociedade.

Para o delírio da classe AAA, enclausurada em seus edifícios de luxo, o polo negativo ainda é apresentado em duas versões: **pobres nascidos e pobres que estão pra nascer!** Na primeira, são organizadas diligências policiais chacinadoras e na segunda, é sugerida a legalização do aborto, sob pretexto de controle de natalidade. Segundo a crença de alguns dos nossos mais "respeitados dirigentes", só aplicação do aborto em massa em mulheres pobres conteria o surgimento de novos criminosos e a proliferação da violência. De acordo com esses canalhas, somente a adoção de uma doutrina filosófica, aos moldes da limpeza étnica pretendida por Adolph Hitler e por seus correligionários do nacional-socialismo alemão, faria surtir um efeito para a contenção do ritmo alucinante de escavação de covas. Esses crápulas se referem as áreas carentes como fabricas de bandidos e insinuam que os menos favorecidos seriam geneticamente propensos a comportamentos desregrados e delituosos. Afirmações desse teor já não espantam mais, num panorama onde secretários de segurança assumem publicamente os critérios da justiça brasileira estabelecidos no famoso dois pesos e duas medidas.

Tornou-se uma praxe vê-los discorrendo de maneira enfática que: um tiro em Copacabana é diferente de um oro na favela da Coreia. Vê-los discorrendo de maneira enfática que: as consequências processuais e penais de uma lesão por arma de fogo em um rico, diferem drasticamente do efeito judicial, por conta do mesmo ferimento, em uma pessoa de condição modesta. Fisicamente, os projéteis balísticos

provocam os mesmos estragos, socialmente, os danos são completamente dessemelhantes.

De fronte das evidências em formato de dizimação de levas de indefesos, mesmo correndo o risco inevitável de ser desacreditado e propositalmente mal-interpretado pelos androides mentalmente dominados, não posso me furtar em sustentar, com toda a minha convicção, que subsistimos em trincheiras improvisadas!

Por mais que as "autoridades" e os "pensadores" burgueses tentaram, através de uma educação corrosiva, das ondas eletromagnéticas de rádio e TV e de porta-vozes mentirosos, no caso específico de um favelado chamado Eduardo, os filhos da puta fracassaram! A ação reagente do meu sistema nervoso produziu um efeito inesperado. A injeção de emburrecimento não findou ou diminuiu a minha capacidade de percepção e raciocínio lógico, ao contrário: a aperfeiçoou! Pro menino que nasceu no cortiço e que nunca entrou num recinto de ensino superior, o racismo, o nazismo, o terrorismo, o extermínio, o separatismo, a luta de classes, a escravidão contemporânea, as penas capitais, a tortura, a desigualdade e a tirania do paraíso tropical sul-americano, são chagas que não estão nem um pouco encobertas. Pros meus olhos, essas malditas mazelas brilham como luz néon! Por ser do seleto grupo dos que enxergam por trás das costuras das necropsias, declaro sem medo de errar: que no Brasil **a pomba branca tem dois tiros de Fal no peito!**

Falar sobre a **Guerra Não Declarada,** talvez não a encerre, todavia, retira o manto de inverdade de cima das incessantes rajadas de tiros. A paz começa a ser confeccionada, quando uma situação de emergência é admitida e quando os seus idealizadores são reconhecidos como tais.

O País pacífico mais violento do Mundo.

No contexto de lutas, oposições e disputas armadas, em que todos os povos do mundo estão e sempre estiveram mergulhados desde a origem da humanidade, o Brasil se destaca por algumas particularidades sem precedentes na história, como: a de ter o povo pacífico mais violento do mundo (quando se trata de auto-aniquilamento) e de ser a região sem guerra declarada, onde mais morrem pessoas vítimas de arma de fogo.

Para se ter uma ideia da real proporção de nosso quadro alarmante, segundo a mais antiga base de dados a respeito de mortes no país o Datasus, do Ministério da Saúde, iniciada em 1979, no final do ano de 2008 chegamos ao número "invejável" e inacreditável de 1 milhão de mortos em consequência da violência. Foram necessários 27 anos de intensa guerra civil, para que Angola atingisse tal marca! Com base num levantamento da agência internacional AFP (Agence France-Presse), nos primeiros cinco anos de intervenção dos Estados Unidos em solo iraquiano, foram totalizadas 97.639 mil baixas. Este número nos dá uma média de 19.527 mil óbitos anuais. Seguindo ainda dentro da linha comparativa, no mesmo período de 365 dias, em que, no Iraque em guerra, morreram 19.527 mil pessoas entre civis, militares norte-americanos e soldados das forças de segurança, aproximadamente, 50 mil brasileiros foram assassinados em nossas ruas "pacatas". Por favor, não se confunda... Na soma mórbida que estou expondo, não estão contabilizados os que per deram a vida em acidentes de trânsito, em nossas rodovias esburacadas e mal sinalizadas. Nesta obra, as estatísticas citadas representam apenas os que sucumbiram as execuções sumárias, arbitrárias e extrajudiciais de nosso inigualável estado "democrático de direito".

Devido a nossa aclimatação ao caos provocado pelos Homo Money, nos acostumamos ao ambiente de selvageria a tal ponto, que acabamos dando crédito e vasão as tais alegações das: tragédias inevitáveis. A banalização da polícia científica batendo cartão nas comunidades sepultadas pela indiferença, nos traz o conformismo débil diante da situação. A quantia aterradora de cinquenta mil mortos anuais, não choca aqueles que desde quando se entendem por gente, são mutilados pela guerra mais cruel de todos os tempos. Estrategicamente, fomos habituados as linhas de tiros, para justamente julgar natural, uma cifra que não é comum, nem mesmo cm confrontos oficialmente deflagrados.

Eu, assim como você leitor, obviamente não me assusto quando os âncoras dos telejornais divulgam o balanço anual da guerrilha urbana, no entanto, deveria. E sabe porque eu deveria? Porque precisamos de apenas 4 anos para alcançar as 200 mil mortes ocorridas em 24 anos de conflitos entre a Indonésia e o Timor Leste.

Precisamos de apenas 4 anos, para alcançar as 200 mil mortes ocorridas em 10 anos de conflitos entre a União Soviética e o Afeganistão. Em um ano, a nossa **Guerra Não Declarada** mata mais do que o conflito de 15 anos entre a índia e o Paquistão, responsável por 38 mil cadáveres. Necessitamos de menos de 30 dias, para produzir o número de falecidos do maior atentado terrorista da história mundial: o ataque às torres gêmeas do World Trade Center.

Os brasileiros, que representam 3% da população mundial, concentram 9% dos homicídios cometidos no planeta.

Se cinquenta mil mortos, não é um dado estatístico normal para confrontos escancaradamente deflagrados, imagine para civilizações tidas como pacíficas, modernas e a caminho do desenvolvimento pleno?

Comprovadamente, a contabilidade da carnificina atesta a existência de um Estado de Sítio, bem contrário ao que está previsto no art. 136 da Constituição Federal.

O Estado de Exceção brasileiro, que aliás, não tem nada de caráter provisório, foi decretado de forma ilegal há tempos, contra aqueles que o Poder Executivo, legislativo e burguês, considera como os maiores entraves para a manutenção da ordem, que eles esperam ver culminar no florescimento da cobiçada nação branca e rica. O Estado de Sítio deveria ser um dispositivo usado pelo presidente da república, em casos de ameaça a ordem constitucional democrática, calamidade pública e ameaças derivadas de forças estrangeiras.

Definitivamente, as forças estrangeiras neocolonizadoras não se enquadram como uma ameaça ao arranjo constitucional democrático e a paz social da playboyzada. Na visão de nossos algozes, principalmente do presidente da república, as graves instabilidades institucionais e as calamidades de grandes proporções, são provocadas pelas crianças mestiças das áreas críticas das cidades.

Para o êxito da absurda defesa nacional, que atende a 10% da população, as varejeiras estatais manobradas pela alta classe, mesmo sem o respaldo de qualquer parágrafo de um livro de regras sociais do planeta, invadem moradias, realizam detenções sem ordem judicial, proíbem reuniões e manifestações públicas, impedem o acesso à conteúdos impróprios para cidadãos com tendências insurgentes, esquartejam, degolam, enforcam, fuzilam e ainda ocultam os corpos. Os cadáveres dos excluídos são ocultados, para que depois das matanças a corporação de homicidas e seus patrocinadores se divirtam, enquanto mães colam panfletos com fotografias em postes ou formam associações de pessoas que tiveram os filhos desaparecidos.

Retomando o texto um pouco mais atrás sobre o que representa o maior risco para a criação do mundo ideal dos endinheirados, caso você tenha ficado surpreso com a colocação: **crianças mestiças das áreas críticas das cidades -** não se preocupe, pois a sua surpresa é completamente natural. A sua surpresa é completamente natural, porque em guerras convencionais, os meninos e meninas locais não são os alvos a serem abatidos. Isso me faz lembrar de um outro pequenino detalhe: normalmente nas guerras convencionais, os quadros alarmantes nas extensões atacadas, são ocasionados por tropas vindas do exterior. A prática mais

corriqueira de imperialistas e capitalistas internacionais, é reduzir a cinzas, regiões e multidões fora de suas demarcações fronteiriças e não calcinar as terras das quais são pertencentes. É só no vale encantado, que fornece matéria prima para multinacionais a preços de bananas, que o infortúnio público é gerado pelo governo local e por seus homens de negócio.

Na história mundial, temos notícias de líderes tirânicos que até escravizaram e aniquilaram compatriotas por longos períodos, no entanto, em lugar algum tivemos a destruição metódica de um povo por todos os momentos de sua história e por todos os monstros desprezíveis que ocuparam o posto de chefe máximo.

No Brasil, é cultural desde o ancoramento da primeira maldita caravela, que para se alcançar o patamar das grandes potências, é preciso controlar a proliferação dos mal-nascidos através de espadas, garrunchas, tanques de guerra ou fuzis 762. Como você está comprovando, a característica mais significativa de nossa tormenta de sangue, é a sua identidade própria. Somos um caso ímpar dentre todos os surtos de ignorância levados ao seu ápice militarizado.

O diferencial da floresta solidária a colonizadores e neocolonizadores, não se restringe a clandestinidade de seus combates e as chacinas que resultam em cinquenta mil caixões anuais (de acordo com dados oficiais), na direção da singularidade Brasilis, a um outro aspecto que se destaca: o Brasil é uma espécie de coliseu global. O Brasil foi convertido em uma das arenas mais adequadas para digladiação entre as feras oriundas de todas as partes do planeta. Além de promover guerrilhas peculiares, o nosso "amado país" é um tipo de tabuleiro de jogo de guerra, onde os jogadores nativos abastados e também os estrangeiros montam estratégias para retaliar os mais fracos em troca de fortunas e futuros pomposos.

A humanidade vive apreensiva e temerosa com a possibilidade do advento da terceira guerra mundial. Nós, os brasileiros, não precisamos temer essa possibilidade, pois a globalização do horror fez de nossas planícies esverdeadas, o anfiteatro de um genuíno embate universal.

A diferença na nova batalha generalizada, é que representantes de vários países participam da formação do front, mas apenas os civis nacionais é que vão pra vala comum.

Veja alguns exemplos... Da América do Sul, temos a contribuição da Colômbia e da Bolívia com a sua cocaína. O Paraguai colabora com o envio de maconha. A Europa, além das drogas sintéticas vindas mais precisamente da Holanda, se encarrega de nos embebedar com os produtos importados de quatro das cinco maiores fábricas de bebidas alcoólicas do globo terrestre. A União Soviética foi extinta, mais antes nos enviou milhares de fuzis AK Kalashnikov. A Áustria nos presenteia com as suas famosas e letais pistolas Glock. No continente asiático, a Índia e a China cooperam aumentando o seu consumo de alimentos, com isso, os preços sobem em todo o mundo e consequentemente, a cesta básica nas favelas diminui. O Oriente Médio entra em cena com a alta do barril do petróleo, motivada por sua escassez e pela instabilidade política de seus produtores que, mais do que inflacionar valores de combustíveis, aumenta os preços de todos os seus derivados, defasando um pouco mais o nosso obsceno salário mínimo de fome. Ainda no

Oriente Médio, Israel toma parte de nossa festa beligerante, ensinando táticas antiterrorismo por meio de sua polícia secreta (Mossad), para as tropas de elite brasileiras aplicarem nas vielas dos bairros periféricos e morros. O vizinho situado na América do Norte, os Estados Unidos, além de nos agraciar com seus famosos rifles AR-15 e as suas cadeias de fast-food com iguarias gordurosas, viciantes e fatais, nos brinda com a norte-americanização e a exploração de nosso povo feita através da imposição de sua cultura, da brutalidade de suas empresas e da desonestidade de seu sistema capitalista eliminacionista. Tudo isso, sem, é claro, deixar de citar o serviço extra nos necrotérios nacionais, financiado pela indústria da proibição das drogas criada pelo Tio Sam.

Nunca é demais salientar, que os países produtores das substâncias marginalizadas, encontram-se nas posições de ameaça a humanidade, devido a uma estratégia empresarial norte-americana. Mais à frente nesta obra, dedicarei a esta temática alguns capítulos mostrando quem ou o que, na minha modesta opinião, deveria ser realmente temido pelos pais dos jovens.

Enquanto isso, retornemos ao livre mercado da morte ou se preferir: a mundialização e concentração das tragédias num âmbito armado, ingênuo e idiotizado.

Através do Banco Mundial e do FMI, ambos com 184 países associados, praticamente o mundo inteiro interage em nossa atmosfera explosiva, por meio dos indigestos "empréstimos" que exigem severas contenções de gastos públicos. Pros banqueiros internacionais, os neocolonizadores que vivem de taxas e juros, saúde e educação não são considerados investimentos. Só lembrando... Que o "apoio financeiro" partido dessas instituições, acontece mediante as épocas de crises. De acordo com o nosso atual querido governo, o Brasil já teria superado a sua má fase econômica, se encontrando hoje na privilegiada condição de emprestador de verba a territórios quebrados. Isso mesmo que você leu: emprestador internacional da verba que deveria estar sendo destinada a obras sociais e não estar sendo utilizada para financiar propagandas partidárias.

Nessa exposição, eu não posso me esquecer dos investidores individuais, fixados nas zonas industrializadas com produtos internos brutos (PIB) estratosféricos. Estes educados senhores ajudam a manter o funcionamento de nossos cemitérios oficiais e clandestinos, usando a sua super renda per capita para comprar títulos da dívida pública interna. Esses títulos são emitidos pelos governos, para que os recursos provenientes de sua compra sejam investidos no povo. Na teoria funciona assim, já na prática, ao final as somas angariadas terminam em contas fantasmas situadas em paraísos fiscais, os investidores recebem de volta o dinheiro investido somado aos maiores juros extorsivos do mundo e os despossuídos, que não se beneficiaram com a operação, arcam com os custos do resgate do papel. Resultado: mais recessão, mais desemprego e aumento vertiginoso da miséria.

Estar na posição de uma espécie de vaso sanitário do planeta, esclarece muita coisa, mas não elucida todos os pormenores da questão. Até porque, existem diversas nações que também são usadas como depósitos e consumidoras de lixos e ideologias estrangeiras, mas que passam longe de apresentar os nossos índices de

violência. Se a atual intromissão internacional (principalmente a dos Estados Unidos e da União Europeia) em nosso meio ambiente, não configura como o motivo central para o ligamento dos fornos crematórios, então, qual seria a mola propulsora para o desencadear de tantas mortes bárbaras? Qual seria a real explicação (ou explicações), para a combustão que incendeia o pavio da banana de dinamite chamada Brasil? A injustiça social, que faz de homens famintos: ladrões, sequestradores, traficantes e latrocidas? O sentimento de impunidade, tão comum em uma das pátrias mais corruptas da Terra, acostumada a absolver canalhas que compram iates por meio de merendas escolares com prazo de validade vencido? A política convertida em balcão de negócios? A sensibilidade de gelo do topo da pirâmide? A generalizada falta de senso de união dos brasileiros invisíveis? O código penal de 1940, que como afirmam os grã-finos: é um compêndio de leis arcaicas e brandas? O sistema carcerário falido e incompetente, usado não como instrumento ressocializador, mas como uma ferramenta retaliadora? O desemprego urbano e rural? A alienação e o controle de grande parte dos sistemas nervosos da legião de excluídos? A falta de acesso à educação e a cultura? A ausência aguda de políticas públicas e de planejamentos sociais? A herança maldita da estrutura organizacional do período colonial e escravagista? Ou o acesso irrestrito as armas de fogo? Eu, Eduardo, assiná-lo com um X, em todas as alternativas ligadas a malvadez burguesa. Afinal, as fortunas exorbitantes só são possíveis em ambientes duramente castigados por ações mesquinhas.

São nos dias de incivilização total, que os sovinas gananciosos ganham passes livres para eliminarem concorrentes, sem ter que se preocuparem com a opinião popular. São nesses dias, que a competição pelos tronos fica imune a regulação feita pela ética e o pudor. Quanto mais se degrada uma localidade, mais as atitudes vis se tornam empreendedoras e lucrativas nesse lugar. Os elitizados, como era de se esperar, desconsideram por conveniência os pilares concretos do caos e formulam as desculpas que melhor atendem aos seus interesses financeiros e filosóficos. Não seria nada inteligente ou benéfico para o gráfico de suas contas, justificar os resíduos de massa encefálica colados em cada metro quadrado do país, com a alegação de que eles são frutos diretos da desigualdade social promovida pelos bacanas. Sendo assim, a saída mais acertada para a saúde de seus bolsos, foi desviar o foco... Foi voltar todas as atenções para o antigo código penal e as armas em circulação. A matemática da operação é bem simples, primeiro deturpam a culpabilidade, em seguida a dividem em duas frentes e em segundos os bodes expiatórios estão prontos. O processo é mais rápido do que fazer miojo! Desta forma, enquanto os incultos embarcam no conto da carochinha, que atribui a culpa dos massacres a quantidade de instrumentos portáteis de morte em trânsito e a um conjunto de leis que supostamente estimularia o crime devido a sua teórica suavidade, os donos das mansões ficam isentos de suas responsabilidades.

Para que a mentira ganhe ainda mais credibilidade diante dos sobreviventes dos genocídios, além da criação dos bodes expiatórios, basta que os canalhas ricos se prestem ao cúmulo de simular cruzadas contra aquilo que foi metamorfoseado em cancro nacional. E adivinha? Foi exatamente o que fizeram! As pistolas, revólveres,

submetralhadoras e metralhadoras passaram a ser as bolas da vez, de mais uma das incontáveis lutas cenográficas "em busca da paz". Ao invés de contribuírem para a promoção da cidadania do povo pobre, para que assim houvesse uma maior preservação de vidas humanas perdidas estupidamente, as mentes sádicas hipnotizadas por cifrões, cínica e falsamente, decidiram desarmar a população. E de repente, da noite para o dia, os controladores de fantoches instituíram no imaginário coletivo, que a grande vilã do Brasil era a arma, um pedaço de ferro inanimado e não o ambiente de penúria absoluta que faz a pessoa que a carrega apertar o gatilho e descarregar até a última bala de seu pente, tambor ou fita.

A epidemia de amnésia temporária fez com que boa parte dos brasileiros não fosse capaz de concluir o óbvio: que um desempregado, ao ver os seus filhos chorando de fome, irá assaltar com uma faca, uma chave de fenda, um paralelepípedo ou com os próprios punhos. Definitivamente, a explicação para a nossa destruição em massa, não está limitada nos artefatos utilizados para a propulsão de projéteis sólidos. Aliás, em localidades pacíficas, esses objetos são até usados como enfeites de parede. O incriminamento total das armas de fogo, mesmo elas tendo sua parcela de culpa, é algo tão ridículo que ultrapassa as raias da hilaridade! É tão cômico, que me faz lembrar de uma piada sobre um marido como, que ao flagrar a mulher na cama com um amante, troca a cama no lugar da adúltera.

O tal duelo contra as "inimigas n° l" da nação, não foi insuflado e implantado para servir exclusivamente como uma máscara para os fomentadores da **Guerra Não Declarada**. Negativo! Esse megaplano funcionou, também, como uma estratégia empresarial de parte das víboras do livre comércio. Era uma grande tacada mercadológica, da porção aristocrática prejudicada pelas traçantes retalhando o céu.

Existem os playboys que lucram com a violência: a indústria do pinico e a política. E aqueles que perdem com as paradas cardíacas, ossos fragmentados e tecidos humanos desvitalizados a base de pólvora, o exemplo mais emblemático, é o ramo turístico.

As redes hoteleiras, as empresas aéreas e outros setores interessados, estabeleceram e potencializaram a luta hipócrita não para buscar a pacificação geral, mas como um pretexto para aumentar os lucros de seus negócios operando no vermelho. Queriam os pobres desarmados, para que o país economizasse os cerca de 5% do PIB jogados no lixo anualmente com a violência. Isto é, queriam que o país economizasse os quase RS 100 bilhões, que segundo um levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), são perdidos pelo setor público e privado em consequência da violência.

Já que toquei no assunto... Aproveite para somar ao temeroso desembolso de quase RS 300 milhões diários incinerados pela violência, os cerca de quase RS 100 bilhões que se esvaem todo ano pelo ralo da corrupção e o montante incalculável que os indivíduos mortos deixam de gerar ao país que os assassinou e você terá uma noção parcial de quantas escolas, hospitais, metrôs, creches, parques, centros culturais, etc., deixam de ser construídos em razão da tradição de desperdício de vidas e do dinheiro do contribuinte. Sem contar as despesas com seguradoras, empresas de proteção pessoal e equipamentos de segurança, cada brasileiro, rico ou

pobre, arca com no mínimo R$ 20,00 mensais dessa fatura vergonhosa.

Com esse saldo a disposição da sociedade, problemas crônicos como: a super população vivendo nas ruas; a superlotação dos presídios, hoje comportando 500 mil internos; a reforma da previdência social ou o fracasso na erradicação de doenças preveníveis e curáveis, que arrasam crianças sem acesso ao saneamento básico e a água potável, seriam facilmente solucionados.

Retornando aos propósitos da parte da classe AAA lesada... Eles queriam os bilhões de dólares que são perdidos com a debandada de visitantes estrangeiros para lugares mais seguros no exterior. Queriam de volta aos seus restaurantes cinco estrelas e Shopping Centers, os clientes que trocaram os passeios recreativos, por sessões de psicoterapia em clínicas psiquiátricas ou pelas visitas as farmácias atrás de Prozac, Lexotan, Frontal, entre outros medicamentos, a fim de amenizar as crises geradas pela síndrome do pânico e fobia social. Traduzindo: queriam todos os desnutridos pela dieta nacional hipocalórica e hipoproteica, com chances zero de rajar os narizes empinados dos moradores dos condomínios fechados.

No dia 23 de dezembro de 2003, o combate travado entre Golias versus Golias, se tornou oficial com entrada em vigor de uma regulamentação chamada de: "O Estatuto do Desarmamento". O combate travado entre Golias versus Golias, se tornou oficial com a entrada em vigor da lei federal que proibiu o porte de armas por civis, salvo os casos onde houver a comprovação de ameaça de vida da pessoa. Ao mortal comum, mesmo com uma arma devidamente registrada, foi limitado o direito de apenas mantê-la no interior de sua residência e local de trabalho, desde que seja ele o responsável legal pelo o estabelecimento ou empresa. A partir da sanção 10.826, os únicos que, por lei, passaram a poder andar armados no Brasil, foram os homens e mulheres que formam a malha protetora da playboyzada. Em outras palavras, a partir da sanção 10.826, os únicos que, por lei, podem colocar uma arma na cintura e atirar em pessoas é a polícia e as guardas patrimoniais da elite. Aquilo que foi festejado e alardeado como uma conquista do povo, na verdade não passava do primeiro knockdown de alguns membros do governo e a elite, nos maxilares de outros membros do governo e a indústria do medo, liderada pelas fábricas armamentistas, responsáveis por inúmeras doações para campanhas presidenciais.

Logo após o Estatuto do Desarmamento, testemunharíamos um novo cruzado no ringue da farsa e da hipocrisia: O nascimento da Campanha Do Desarmamento. Em conjunto com esse duro golpe nos fabricantes de morte, veríamos também o surgimento dos postos de recolhimento de armas espalhados por diversas cidades brasileiras. Nesses estabelecimentos, a expectativa de parte dos escravizadores era que os cidadãos pobres entregassem de forma voluntária, em troca de uma pequena indenização monetária paga pelo Ministério da Justiça, o arsenal despejado nas ruas pelas indústrias armamentistas. Por um ressarcimento quase simbólico, a playboyzada queria comprar de volta as máquinas de desfigurar semelhantes, que nos foram vendidas por eles mesmos. Para a playboyzada era interessante possuirmos armas, quando estas eram usadas, exclusivamente, em nosso massacre. Assim que elas, em nossa companhia, começaram a pular por cima do muro de

Berlim do Apartheid social e racial, deixou de ser um bom negócio para diversos abastados.

O Estatuto do Desarmamento e a Campanha do Desarmamento, como previsto pelos neurônios sensatos, mesmo recolhendo cerca de 500 mil peças, não conseguiram provocar nem ao menos, um desarme parcial da população. Escrito de outro modo: Esses dois mecanismos não foram eficazes para conter os gastos derivados das batalhas de classes e para atrair novos gringos pervertidos para confortáveis férias pornográficas.

O quadro dramático se manteve instável e inalterável, porque como disse antes, a questão da violência não está ligada ao arsenal acomodado nas ruas, mas sim, a distribuição de renda e oportunidades amplamente desiguais. Um outro fator também colaborou, sobremaneira, para que a quantidade de quadradas e fuzis em poder de crianças e jovens não diminuísse: O excepcional trabalho de reposição da indústria bélica local. A indústria bélica nacional, sempre se destacou por configurar entre as maiores produtoras do mundo em armas de pequeno porte e também por despejar no mercado interno, grande parte de seu material letal de forma direta e indireta.

Neste segundo método (indireto), a tática é exportar o armamento para os países do Mercosul, onde os produtos podem ser comprados sem maiores dificuldades para que, assim, eles retomem pelas fronteiras do país via contrabando. Para cada Luger, Smith & Wesson, Mauser, Beretta, apreendida ou entregue de livre e espontânea vontade para órgãos governamentais, 50 ferramentas nacionais da Boito, da Forjas Taurus, da CBC, da Rossi e da Imbel, são injetadas nas nossas praças de **Guerra Não Declarada.**

Ao constatarem que as pesadas investidas não foram suficientes para, sequer, mandar o adversário para as cordas, a parte da burguesia que toma prejuízo com o campo minado de sua própria autoria, articulou a solução definitiva para a paralisação das linhas de produção das fábricas trilionárias, que mais contribuem com a arte tumular no Brasil: uma "consulta popular". As "mentes brilhantes", ávidas por ganhos maiores, viram na inocência e desinformação do povo, a possibilidade derradeira para a proibição total da fabricação e do comércio de armas e munições em todo território brasileiro. Por meio do uso dos ingênuos, que pensariam estar exercendo o direito de exprimir a sua opinião livremente, os empresários do setor turístico acreditaram que os seus oponentes seriam nocauteados e jogados a lona. Então, mais uma vez, um circo em que nós sempre somos os palhaços foi armado! Ficou estabelecido que todos os nativos deveriam sair de suas trincheiras, para através de um estratégico plebiscito, responderem nas urnas sim ou não para a seguinte indagação: O comércio de armas de fogo e munição deve ser proibido no Brasil?

Por mais que os motivos da elite que lutava contra os senhores das armas não fossem nada nobres e não contivessem qualquer resquício de humanismo, era fácil prever que teriam um apoio popular quase que integral. Afinal, quem não quer viver num mundo sem carabinas e oitões refrigerados? Que morador da periferia não quer sair para comprar pão de manhã e não ter que desviar seu caminho dos corpos de

adolescentes crivados de balas sendo devorados por insetos necrófagos?

Foi como escolher entre o diabo e o demônio! Os favoráveis a proibição (a high society que visava somente lucros) argumentava que as armas de fogo são as maiores responsáveis pelas mortes de jovens no país, já os opositores (a indústria bélica que visava somente lucros) defendia a tese de que a proibição tiraria dos homens de bem o direito à vida e a legítima defesa.

No dia 23 de outubro do ano de 2005, aconteceu o infame e mal-intencionado referendo. Segundo os simpatizantes da ideia de uma população desarmada, foi a última cartada do país para tentar tirar de nossos bairros os cerca de 15 milhões de tatuadores de pólvora queimada em epiderme humana. Segundo os simpatizantes da ideia de uma população desarmada, foi a última cartada da sociedade civil para impedir que o setor armamentista continuasse a contabilizar somas estratosféricas por intermédio da dor e do sangue dos marginalizados, encerrados nos habitáculos feitos a partir de caixotes de feira e latas de tintas.

Interesses sórdidos a parte, era realmente a primeira vez na história brasileira que essa indústria da morte sentava no banco dos réus de uma espécie de júri popular. Um lugar onde, confesso, eu sempre quis vê-la. E não somente ela, como também: os fabricantes e fornecedores de cigarro, de álcool e os ricos, que são os mentores por trás de todas as tragédias que nos martirizam. Não considero que a explicação para a nossa hecatombe esteja num livro de normas sociais antiquadas, tão pouco imputo toda a culpa das carnificinas a artilharia presente em nosso mapa, porém, isso não quer dizer que eu exima os projetistas, engenheiros, executivos, representantes e revendedores de uma Taurus da vida, de suas participações ativas e comprometedoras em nosso circuito de catástrofes. As armas de fogo, com certeza, não geram as crises humanitárias, mas sem dúvida, os seus **fabricantes** são uns dos que mais investem e lucram com a abertura das temporadas de hostilidades.

Quando um campo é fértil para autópsias, o semeamento desses itens faz a alegria dos legistas! Já em situações contrárias, os mesmos carecem semanalmente de um lustramento a base de WD-40, para não enferrujarem por falta de uso.

De maneira inédita, a importância dos tais engenhos mecânicos mortíferos, oficialmente estava em xeque. Uma enorme interrogação pairava sob o céu ensolarado: afinal, a convivência dos cidadãos com os malditos instrumentos de agressão era algo maléfico ou benéfico?

Depois de centenas de chacinas, de milhares de eliminações sumárias, extermínios e genocídios direcionados, principalmente as zonas de esquecimento, a sociedade como um todo, enfim, discutia e debatia abertamente o tema de gravidade imensurável.

Os veículos de comunicação conseguiram fazer o impensável... Fizeram algo que eu, particularmente, nunca esperei que fizessem... Conseguiram fazer com que um assunto de grande importância social, econômica e política, enfim, dividisse espaço nos botequins com as conversas sobre futebol.

Num abatedouro de homens, onde as instituições são altamente corruptíveis, onde predomina uma indecente disparidade de renda entre a classe dominante e a dominada e uma tradição cultural de disseminação de contrainformação e

ignorância, foi surpreendente presenciar essa temática à baila nas camadas menos favorecidas e politizadas. Infelizmente, discutir uma matéria não significa compreendê-la.

Os brasileiros mais inocentes, com os seus cérebros lavados desde a saída do útero materno, além de não serem capazes de enxergar a disputa financeira por baixo da farsa, chegaram a ter as suas esperanças na extinção da violência alimentadas e intensificadas. Acreditaram ver se acender uma pequena faísca no final do túnel, que automaticamente se converteria num canhão de luz, assim que os rolos compressores estatais esmagassem todas as armas irregulares do Brasil. Essas pessoas eram as que haviam embarcado na já citada lenda urbana da playboyzada, que faz das docks, Sig Sauer e semelhantes, os motivos exclusivos para que os indicadores sociais apresentem a média nacional de 50 mil mortos anuais. A mesma média que coloca o Brasil com os seus 136 óbitos diários em face da tirania e da opressão, como a pátria que ostenta uma das cinco maiores taxas de assassinatos do mundo.

Na véspera do plebiscito era quase que unânime, que o plano inescrupuloso se tratava de uma oportunidade de ouro, para que tossem alteradas as estatísticas que apontam que os residentes do país pacífico são os que têm mais probabilidades no planeta de morrerem vítimas de arma de fogo. Era quase que unânime, que tal evento se tratava de uma oportunidade de ouro, para que fossem revertidas as estatísticas que alardeiam que a expectativa de vida em nossos bolsões de indigência não ultrapassa a faixa etária dos 25 anos de idade.

Para não perder o costume farei um rápido comentário... A expectativa de vida no Iraque, ocupado militarmente pelo exército norte-americano, é de 66 anos (homens) e 68 anos (mulheres). No Afeganistão, tido pela Unicef como o pior lugar do mundo para uma criança nascer, as pessoas sobrevivem até os 43 anos. Pegando carona nesse ensejo, além do comentário vou fazer uma previsão catastrófica: se o ritmo de mortandade a que estamos expostos não for desacelerado com investimentos maciços no potencial dos rejeitados sociais, em breve os idosos serão peças de acervos de museus! Se a cadência frenética de descida de caixões em covas não for inteligentemente freada, certamente, no futuro, os nossos descendentes se assustarão ao ver alguém com rugas e cabelos grisalhos.

Ao ser apertado o último enter da "festa da democracia", só restava a nação, que "participou ativamente" das decisões do rumo de seu país, aguardar o esperado e sabido resultado. O dever cívico e patriótico estava cumprido. Entretanto... **SURPRESA!** Algo deu errado! Estranhamente, mais de 60% dos consultados votaram contra a proibição.

E Claro que nem eu ou você estava lá na apuração conferindo os números contidos nas urnas eletrônicas. Não sei o quanto o lobby da indústria armamentista e a corrupção poderiam ter influenciado ou distorcido o resultado do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), mas sei que se a opinião popular tivesse sido ouvida e respeitada, o quadro final seria completamente inverso. Tendo em vista que os raios hipnóticos da alienação nessa época tendiam para a criminalização das "Guns", logo presume-se, que o propósito de todos robotizados pela mídia não poderia ser, de forma

alguma, a absolvição dos brinquedinhos sem graça. Até porque, sejamos francos, só existe um beneficiário com a liberação das armas regulares: a indústria bélica. Na minha modesta concepção era mais do que óbvio, que a resposta majoritária a pergunta que aparecia no visor da máquina de votação seria **"Sim".** Para o cidadão comum, aquele que não objetivava ganhos monetários com a palhaçada, seria uma atitude um tanto masoquista optar pela presença das armas oficiais em seu convívio, tendo ciência de seu histórico como provedoras de sofrimento e destruição para as periferias. Quando tomei conhecimento do triunfo esmagador do **"Não",** fiquei demasiadamente intrigado. Honestamente não consegui e ainda não consigo digerir, que por uma diferença de cerca de 27 pontos percentuais a mais, ficou decretado que o desejo do coletivo nacional é pró-belicismo.

O remate para a trama foi tão sem lógica, tão contraditório e tão sem cabimento, que aguçou de maneira instantânea e sobre-humana o meu senso crítico, criando um enorme debate interno em minha consciência. Antes de bater o martelo na dedução mais sensata: **FRAUDE** prontamente me pus a pensar, se existiria algum sentido racional para a nossa gente ter contribuído para um término tão agradável para os investidores do genocídio.

Bom, vejamos... Analise Eduardo: qual o interesse do povo das favelas, dos cortiços e das casas de alvenaria equilibradas em barrancos íngremes, na continuação da fabricação e venda de revólveres, pistolas e metralhadoras, em nosso território? Solidariedade a indústria nacional, que tanto os escraviza? As pessoas excluídas e negligenciadas, num estalo de dedos, teriam sido tomadas por uma endêmica pré-disposição a ajudar o ramo da morte e desta forma resolveram sacrificar-se para que os mega empresários do setor mantivessem o alto padrão de suas existências vazias e mesquinhas? Pouco provável não é mesmo?

O homem pobre, que representa a maioria absoluta da população, não votaria a favor da legalidade das armas por um simples mais bastante relevante momo: as únicas armas que financeiramente ele pode adquirir são as ilícitas. Não há razão inteligente para um ser reduzido a condição de favelado lutar pelo armamento em conformidade com as leis, sendo que ele não dispõe do montante financeiro exigido para a sua compra, registro e expedição do porte.

Agora eu é que te pergunto leitor: há algum resquício de coerência, no ato de nós, os menos favorecidos, colaborarmos com a permanência desses objetos legalizados, quando jamais faremos uso dos mesmos para a nossa proteção pessoal? Para respondermos a essa questão, temos duas alternativas: Ou nos guiamos pelo trilho verdadeiro da má-fé, ou adotamos a estrada fantasiosa da onda tsunâmica de benevolência que teria inundado os bairros suburbanos nesses dias.

Nem o ser mais altruísta do mundo teria em seu coração tanto amor ao próximo, ao ponto de acordar cedo, pegar filas quilométricas em baixo de chuva e sol, para que o homem de posses pudesse ter o privilégio de comprar a sua PT 765, fazer o registro, tirar o porte e depois usá-la contra os filhos das famílias mais humildes.

E por falar em licitude, isso me faz lembrar, que na periferia eu nunca vi um porte de arma ou uma arma registrada. Todos os manos armados que eu encontrei na minha vida, traziam consigo máquinas com numerações raspadas, mesmo os que

não eram do crime.

A aberração apresentada no fechar das cortinas dessa encenação grotesca, é um insulto à inteligência popular! E uma declaração documental, de quanto a capacidade cognitiva dos oprimidos é subestimada e desdenhada pelos opressores. Vou mais além... Esse desfecho pútrido e inesperado, é a prova incontestável de que tudo não passou de um grande teatro capitalista e eleitoreiro. Tudo não passou de um grande teatro capitalista e eleitoreiro, usado por alguns setores comerciais para uma disputa camuflada pela hegemonia e o monopólio das finanças locais e igualmente utilizado pelo governo fraudulento e mafioso da época, como um atalho oportunista para a consolidação de uma imagem mentirosa de gestor honesto e altamente democrático.

A meta estatal foi aproveitar a armação do circo para causar a falsa impressão, de que os "bons samaritanos" da administração pública tentaram livrar o povo da violência, mais o povo, por "livre e espontânea vontade", assim não o quis.

Era aquela velha história do: vamos deixar os despossuídos acreditarem que não são meros expectadores no maldito picadeiro. Vamos deixar os esfomeados felizes, dando-lhes a ilusão de que eles têm voz e força para interagirem e interferirem diretamente na condução de seus próprios destinos.

A maior conclusão que se tira desse espetáculo de astúcia e mau-caratismo, é que a indústria do sangue (a vitoriosa) gera mais divisas aos poderosos, do que o ramo turístico e que os custos da barbárie são ínfimos em relação aos lucros obtidos com os caixões lacrados.

Hoje, quando se discute a questão da segurança pública, as classes mais abastadas, além de se esquivarem empurrando o fardo dos 50 mil mortos anuais para o código penal e as armas em circulação, ainda anexam a sua explanação descarada, o fato inverídico, dos menos favorecidos terem escolhido viver numa atmosfera armada até os dentes.

Na atualidade, a famosa "Campanha Nacional do Desarmamento" serve apenas para ser usada como pano de fundo em anos eleitorais, em programas de auditório, comerciais de rádio e televisão e, principalmente, em horários políticos. A exemplo da farsa original, todas as suas iguais nunca avançaram um milímetro na direção do cessar fogo.

A conversão de temas vitais para o crescimento do país, em portais de angariação de votos e multiplicação de fortunas, mais do que jogar luz sob o nosso estágio de nação falida embalada em propaganda enganosa, torna inteligíveis as feridas que fazem com que seja mais fácil escorregar em sangue e tropeçar em corpos irreconhecíveis no Brasil, do que nas pátrias devastadas pelos combates oficiais.

Ao usar como ponto de referência, a taxa de 50 mil homicídios anuais do massacre confeccionado pela elite, estou tomando **como** base os bancos de dados divulgados e possivelmente adulterados pelo Ministério da Justiça, Ministério da Saúde, Secretarias de Segurança dos Estados e por órgãos de imprensa aliados das agremiações políticas da situação.

Estou me fundamentando em números que, ardilosamente, podem ter sido maquiados para baixo, para que as mazelas noticiadas favoreçam ou prejudiquem legendas partidárias A ou B. Por exemplo: disseminar informações atestando a

redução das baixas em razão da violência, é muito benéfico para o Pronasci (Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania), que foi criado pelo governo federal com o objetivo de diminuir os índices de homicídio das regiões metropolitanas brasileiras. Por outro lado, a coisa muda de figura se as manchetes derem conta de um crescimento anual na casa dos 5%. Nenhuma afirmação é 100% confiável, num cenário em que a dona morte convencional, aquela de capuz e foice na mão, foi substituída pela pena capital de temo e caneta Mont Blanc entre os dedos. Precisar uma contagem estatística dessa natureza, é quase que uma proeza digna de troféu, num ambiente onde o material usado como parâmetro é extraído dos inquéritos policiais e das declarações de óbito inseridas no Sistema de Informações de Mortalidade (SIM).

No âmbito em que os esquartejados, degolados, carbonizados, baleados, etc., num passe de mágica costumam se transformar em boletins de ocorrência de acidentes, suicídios, legítima defesa policial e de crimes passionais, chegar a soma real dos enterrados pela selvageria burguesa é uma tarefa para os paranormais.

Tradicionalmente, no panorama carnavalesco, nenhum delegado de carreira da polícia tem por hábito apresentar para o secretário de segurança ao qual está subordinado, relatórios contendo mostras de elevação da criminalidade em sua jurisdição. Sendo assim, para que as exposições escritas expressem as melhoras significativas do tal: servir e proteger que desembocarão em situações mais confortáveis e em promoções para muitas das nossas "destemidas autoridades", alguns pauzinhos são mexidos... Alguns cadáveres são desovados por viaturas descaracterizadas em perímetros de competência de outros DPs e alguns alfinetes pregados no mapa da guerrilha urbana são mudados de lugar.

No Brasil, os gráficos vestidos com a roupagem da manipulação, sempre foram ótimos transmissores de sensíveis "aumentos de produtividade" das forças repressoras e de governantes.

E impossível não suspeitar da veracidade dos dados que totalizam a leva de supliciados agraciados pelo rigor mortis, tendo como uma das poucas fontes os órgãos públicos, que são sinônimos de mercantilismo.

Aqui, a atribuição social de uma delegacia policial, não é desenvolver atividades de polícia judiciária ou apurar infrações penais, é contribuir financeiramente através do dinheiro arrecadado por intermédio de propinas, usurpação e corrupção, com os políticos que nomearam o delegado para o cargo. Muitas das chefaturas foram loteadas e arrendadas aos servidores adicionados aos quadros da polícia civil, que se comprometeram a pagar luvas e a contribuir mensalmente com a chefia da tal máfia.

Um detalhe... Para o bom andamento desse tipo de negócio, é imprescindível que as contas sejam mantidas sempre em dia. Isto é, é imprescindível que os pelotões de fuzilamento, semanalmente, invadam os morros para extorquir as pessoas do tráfico de drogas ou para limpar as carteiras dos trabalhadores enquadrados nas madrugas, ao chegarem de seus serviços.

Os valores captados após serem embolsados pelos articuladores da transação, são empregados no financiamento de caprichos luxuosos e nas campanhas daqueles que, ao serem eleitos, como primeira providência tomada, dão continuidade ao

esquema.

Mesmo os supostos informes corretos sobre a brutalidade propalados por telejornais, revistas eletrônicas, imprensa escrita diária, revistas semanais, institutos de pesquisa, partidos políticos da situação e seus opositores, são de deixar qualquer estrangeiro do primeiro mundo boquiaberto. A taxa nacional que, teoricamente, beira os 26,0 homicídios por 100 mil habitantes (forjada ou não), leva a uma situação de atonia, os franceses acostumados a conviver com uma média de 0,7, os alemães com os seus 0,6 e os ingleses com 0,3 por 100 mil habitantes. Nem os norte-americanos, familiarizados com um registro local de 6 assassinatos por 100 mil e a exterminar metade da população global, ficam imunes ao espanto. O assombro se quadruplica, quando são contabilizados na conta, apenas os jovens entre 15 a 24 anos. Os olhos arregalados nesse caso, se devem ao fato da mortalidade juvenil atingir a impressionante marca de mais de 50 mortes por 100 mil habitantes. Não pense que os sustos acabam por aí... Os cabelos dos gringos, dos pés à cabeça, também ficam arrepiados quando são traçados: o perfil das vítimas e a geógrafa da matança. Os estrangeiros ficam pasmos quando vem à tona o "quarteto fantástico": jovem, negro, pobre e morador de favela.

Agora mais perplexo, estarrecido e de queixo caído mesmo, fica aquele mais observador que se atenta para um fato singular: que nas áreas com guerras declaradas, para se chegar ao patamar de nossos algarismos intoleráveis de abatidos em combate é preciso, no mínimo, a presença de mísseis teleguiados, tanques de guerra, caças supersônicos e de exércitos regulares nas ruas.

A verdade, é que um dossiê detalhado sobre os regimes de opressão e genocídio que diuturnamente nos assolam, impressionaria até os maiores generais à frente das legiões militares mais sanguinárias da história. Gengis Khan, imperador do povo Mongol, considerado por historiadores o líder do grupo de soldados mais feroz, impiedoso e sedento de sangue de todos os tempos, ficaria estupefato com a nossa contabilidade mórbida. Primeiro: ao verificar o volume do mar de lágrimas derramado na ilha da fantasia moderna e segundo: ao certificar-se de que a imensa massa líquida despejada por milhares de olhos de marginalizados, não provém de invasores **que** tentam conquistar os nossos tesouros e nem, tão pouco, de nativos de países os quais estamos em desavença, mas sim, da ação de seus próprios compatriotas!

As lágrimas que umedecem os dias difíceis das zonas de exclusão, são derivadas da ignorância capitalista dos que vivem sob a trilha sonora do mesmo hino dos escravizados, torturados e prematuramente assassinados!

As Raízes de Nossa Tragédia Social

Os atuais conflitos armados ao redor do mundo, se fundamentam em seis pilares, são eles: **guerras** contra o terrorismo; **guerras** por diferenças étnicas e religiosas; **guerras** por recursos naturais, como reservas de petróleo e diamantes; **guerras** separatistas, onde rebeldes lutam pela independência de seus povos; **guerras** motivadas pela pobreza e **guerras** relacionadas a segurança global.

Cada país envolvido em combates sangrentos, reúne uma ou duas dessas motivações. O Brasil agrupa todas!

Guerreamos contra o terrorismo imposto aos bairros miseráveis pelos capitães do mato, a mando da burguesia. **Guerreamos** contra os que discriminam o grupo populacional desfavorecido, com base na posição social, na cor da pele e em traços físicos. **Guerreamos** por terras e pelos recursos e riquezas naturais subtraídos do povo e distribuídos de forma desigual. **Guerreamos** contra o separatismo de classes, que nos expulsa dos centros nobres, científicos, comerciais e industriais das capitais e nos aprisiona em favelas localizadas em zonas distantes das grandes metrópoles. No modelo de segurança global verde e amarelo, os hectares dissolvidos pela **Guerra Não Declarada,** para os quais fomos e ainda somos enviados, não são protegidos pela ONU A proteção a pólvora vem de outras siglas, das iniciais nascidas em celas de presídios, em consequência de sessões de abusos e maus-tratos. Por fim, **guerreamos** diariamente contra a fome e a favor do direito universal à vida.

De todas as batalhas a que somos convocados pelo sistema a lutar, a maior delas é a por justiça social. Essa, uma contenda que começou a ser travada por cada brasileiro, mesmo sem alistamento, em 22 de abril do ano de 1500.

Seria falho de minha parte narrar o nosso eterno estado de confrontos decretado moralmente, sem mencionar as suas origens. Sem mencionar o ciclo de fertilização do óvulo que produziu o zigoto de nosso calvário. Por isso, vou me reportar ao infernal ciclo colonial nacional. Vou retroceder à um dos períodos mais sórdidos da história da humanidade. E nesse espaço de tempo em especial, que se encontram as raízes das hediondidades praticadas na era informatizada.

Um genuíno rapper revolucionário, não poderia ignorar esse passado lastimável afinal, trata-se do alicerce que sustenta as tragédias contemporâneas, trata-se da pilastra de amparo, da nossa condição de 10° país mais desigual da Terra.

Aviso ao leitor, que diferente dos textos escolares escritos para atender a interesses racistas e elitistas, meu relato não será romanceado. Atos despóticos não serão ocultados ou adulterados para que ganhem ares de nobreza, tão pouco, vilões canalhas serão adornados para exibirem a magnificência de heróis.

Os homens brancos, que no maior crime da história universal, invadiram terras habitadas por seus legítimos donos e mudaram o destino de diversas maiorias do

planeta, são colocados nos lugares de destaque dos livros didáticos. Aqueles que escravizaram e chacinaram quase toda a população africana e ameríndia, são descritos em letras garrafais como: descobridores, conquistadores, colonizadores, desbravadores, evangelizadores, imperadores, homens bons e reis. Nunca como: saqueadores, estupradores, escravizadores, invasores, alienadores e genocidas. As suas operações desumanas são maquiadas e passadas oitocentas horas por ano nos recintos estudantis, de forma enganosa e criminosa, para iludir as crianças das periferias.

As leis de Diretrizes e Bases da Educação estabeleceram, de maneira não oficial, que o crédito dos indígenas e africanos na construção e desenvolvimento do país deve ser dado, injustamente, para os usurpadores europeus. Entre os quase 300 objetivos do Plano Nacional de Educação (PNE), ações afirmativas, como a devida reparação cultural aos que foram reduzidos à condição de mercadorias, não foram previstas.

Aqueles que tiveram arrancadas a sua juventude, saúde e vida em canaviais, cafezais, minas de ouro e diamantes, casas grandes e senzalas, eram, são e continuarão sendo expostos oficialmente por historiadores a serviço dos ricos, de forma interiorizada e secundária. Continuarão sendo expostos, oficialmente por historiadores a serviço dos ricos, como: meros figurantes! Dentro do euro-conspiração contra os povos não brancos, a depreciação do valor dos cativos é tão maciça, que as suas participações nos materiais de "instrução escolar" ficam cerceadas a duas palavras: ESCRAVOS e SELVAGENS. Na narrativa deturpada de nossa história, os papéis de protagonistas serão sempre entregues aos algozes que começaram as edificações das crises humanitárias de nossos tempos.

Desde o jardim de infância aprendemos mentiras! Fomos criados sob mentiras! Vivemos sob mentiras!

A maquinação brutal usada para quebrar o nosso elo com o pasmado, foi aplicada com tanta eficácia, que nenhum habitante da favela é capaz de dizer, ao certo, de que tribo ou país a sua gente é originária. Os que têm a pele clara acreditam descender de portugueses, á os com a pele escura têm consciência que boa parte de seus genes vem do continente africano, mas não sabem precisar de que país. Poucos conhecem o significado real do povo brasileiro: uma etnia surgida de um misto de avareza, materialismo, sofrimento, escravidão, ódio, preconceito, racismo, discriminação, violência, medo, dor e sonhos de liberdade. Se fossemos seguir o exemplo de Alex Haley, autor do Best-Seller NEGRAS RAIZES, que nesta obra traçou a sua genealogia a partir da captura, por traficantes negreiros, de seu trisavô Kunta Kinte na África, fracassaríamos! Somos os miscigenados sem identidade! Impedidos de ter acesso ou de reconstituir a nossa própria história, fomos obrigados a engolir a trama elaborada ardilosamente para nos ludibriar.

Os nossos educadores foram e são cuidadosamente treinados e selecionados para nos transformar em robôs de carga impensantes, especializados para os serviços braçais indignos. Para os alunos dentro do curso preparatório para puxador de carroça de papelão, não era, não é e nunca foi vantajoso divulgar quais as reais motivações das nações conquistadoras do Velho Mundo (continente europeu), que

velejavam pelos oceanos sedentas por poder.

A explicação para a lavagem neural em favelados, deve-se ao fato da classe escravagista da atualidade ser formada pelos descendentes dos beneficiados pelas antigas coroas.

Os engenhos de outrora, são as grandes redes de hipermercados de agora! Os aldeamentos de outrora, são muitas das catedrais luxuosas de agora!

Qual seria a recompensa dos nobres do terceiro milênio, em revelar aos famintos cadavéricos, que os seus cofres com gargantilhas de esmeraldas e anéis de brilhantes, tiveram como primeiro empurrão de incentivo a dominação e a matança em escala industrial de legiões de indígenas e de homens, mulheres e crianças, desterrados da África? Qual seria a recompensa em revelar, que a religião, da qual vários pobres são devotos fiéis, se beneficiou da mesma carnificina, roubo e exploração? Qual seria a recompensa em revelar, que a narrativa dos acontecimentos escrita com penas de ganso, canetas tinteiro, máquinas datilográficas e computadores, apresentam tais brutalidades como sinônimos de bravura, somente por ter sido elaborada pelas mãos dos homicidas e posteriormente de seus filhos, netos, bisnetos, tataranetos?

Assim que adentramos em uma sala de aula, o ensino público inicia o processo de deterioração e europatização de nossos neurônios. Assim que adentramos em uma sala de aula, o ensino público começa a enfiar em nossas cabeças, que "seres gentis" da Europa viajaram meses, sem esperar nada em troca, com incumbência ilustre de: evangelizar, civilizar e dividir o seu progresso com as raças não brancas, tidas como inferiores. E que por tamanho "feito humanitário", em sinal de eterna gratidão, obrigatoriamente, temos de amá-los, reverenciá-los e cultua-los. Afinal de contas, "devemos" a estes "caridosos cavalheiros" a nossa condição de vida, tecnologia, cultura, religião, idioma, nomes, costumes, filosofias e ideologias. De acordo com os "ensinamentos" que absorvemos nas classes superlotadas e caindo aos pedaços; se não fosse a "encantadora" interferência desses piratas, ainda estaríamos pendurados em cipós e caçando pássaros com zarabatanas!

A meta do subjugo psíquico, sempre foi entorpecer os nossos cérebros, para que em meio à louvação ao inimigo, nunca fossemos capazes de elaborar um simples comparativo que nos fizesse perceber o óbvio: que os festejados latrocidas do passado, carregam uma extraordinária carga de parentesco com os abutres da atual classe AAA.

Só mesmo em meio ao torpor da desinformação, se é possível não somar o dois mais dois, que aponta como resultado, que: toda grande fortuna e poderio da era capitalista estão enraizados nas desgraças provocadas pela expansão marítima do mercantilismo.

Imersos nesse intenso e inevitável processo de inculturamento realizado pelos ramos da árvore genealógica dos antigos monstros, envelhecemos sem compreender, que no chamado: período das grandes navegações nenhuma tripulação jamais entrou em suas malditas embarcações, com o pensamento filantrópico de apresentar aos povos nus das selvas, programas humanísticos e civilizatórios. Envelhecemos sem compreender, que nenhuma tripulação jamais entrou em suas malditas embarcações, com o pensamento filantrópico de apresentar

programas que proporcionassem aos habitantes das extensões invadidas: desenvolvimento humano, econômico e social.

O propósito genuíno dos reis diabólicos desses dias, estrategicamente, nos foi omitido ou transmitido com forte teor de suavização e distorção. Nas raras vezes em que o tema: “motivação dos mercadores cristãos” entra cm pauta numa sala de aula, a abordagem nebulosa dos mestres se encarrega de inserir altas taxas de complexidade ao assunto, fazendo com que os alunos fiquem confusos. Por não entenderem uma vírgula da lição, todos acabam perdendo o interesse por ela. Cada criança, adolescente ou adulto desinteressado sobre a sua própria história, representa um ponto a mais para os opressores!

De forma alguma, os nossos senhores autorizam que fique explicitado ao coletivo popular, que o desejo pulsante dos impérios da ganância era unicamente: ampliar os seus domínios pelo mundo através da invasão, ocupação e colonização de novas terras, através do irreversível estado de sujeição de nativos, conseguido por meio da violência, do escambo e do cristianismo, através da transferência para os seus reinos de toneladas de matérias primas extraídas das florestas e por fim, através da execução de todos os ditos bárbaros, que se opusessem aos grilhões da escravatura e a catequização cristã.

Nunca foi essencial para a passagem de série, ter o conhecimento de que uma colônia, nada mais era, do que uma área administrada contra a vontade dos habitantes locais, por um bando de ladrões com poder militar. Nunca valeu nota dez no boletim, saber que o compromisso das famílias reais com as regiões invadidas se resumia, exclusivamente, na retirada de suas riquezas através do uso forçado de cativos. Ou que dentro da intervenção predatória que fez do Brasil, para sempre, um território tipicamente fornecedor de materiais animais, vegetais e minerais para o exterior, as únicas coisas que o explorador forneceu ao indígena, ao mestiço pobre e ao cidadão negro, foram as ferramentas para o trabalho e a ração para a manutenção de suas vidas precárias.

Justiça seja feita... Por outro lado, tem algo que na escola, todavia, fizeram questão que decorássemos: a retórica de que as monstruosidades desse passado nauseante, não são responsáveis por danos ocorridos no presente e futuro. É primordial nos fazer acreditar, que o passar dos anos foi um tipo de lâmina mágica, que cortou o cordão umbilical que liga as catástrofes aos seus genitores!

Bem diferente, e bota diferente nisso, do que afirmam os escritos corrompidos de Tuvalu à Caracas, a amável presença europeia não foi uma dádiva dos céus aos moradores de nenhum lugar! Ao contrário! Foi uma praga! Um desastre! Os corsários europeus não salvaram os chamados selvagens ao aportarem em seu universo pacífico e modificarem drasticamente a sua organização social.

A última coisa que os membros de uma tribo precisavam, era de uma corja de malfeitores os raptando, demarcando as suas terras, demolindo as suas habitações para a construção de igrejas, batizando as suas aldeias e eles próprios com nomes europeus, devastando o seu ecossistema, os obrigando a trabalhar, os fazendo adorar um Deus caucasiano loiro de olhos azuis, praticando sexo com as suas e esposas e os exterminando com as suas armas de fogo, cruzes e doenças.

Entende o absurdo? Querem que nos sintamos em dívida com os nossos antigos escravizadores, quando, inquestionavelmente, o objetivo do desembarque desses porcos imundos no tal Monte Pascoal, que um dia se tornaria a pátria do futebol, dos fuzis e da prostituição, foi apenas extrair tudo o que havia de mais valioso em nosso meio ambiente!

Quando nos referimos aos brancos europeus dessa época, não há o que glamurizar ou fantasiar. Não há como dourar a pílula!

Por mais que se tente eufemizar a barbárie, nos cantos das lindas pinturas a óleo que registram tais "momentos gloriosos", sempre haverá o borrão da verdade! Sempre haverá a nódoa que mostra, que o controle opressivo sob uma região livre só tinha uma finalidade: enriquecer, de maneira ilícita, um reino composto por tiranos megalomaníacos!

É pertinente ressaltar, que nessa direção, todas tiveram bastante êxito, já que os que promoveram a difusão do horror pelos mares nos séculos XV e XVI (Portugal, França, Holanda, Espanha e Inglaterra), tornaram-se grandes potências mundiais. O mesmo não se pode dizer dos hectares devastados por suas doses de ambição.

Depois da retirada dos carregamentos In Natura que construíram as bases do imperialismo e as cidades mais imponentes do continente europeu, os escombros deixados pelos saqueadores deram luz a diversos países degradados e assolados pela mais profunda miséria. Um deles é o Brasil!

Por trás da falsa bandeira da expansão da fé, estava a bandeira fria do comércio! A mesma afirmação vale para o fenômeno, que anos mais tarde seria conhecido como: Neocolonialismo! A título de esclarecimento, o neocolonialismo foi uma reinvasão aos territórios arruinados, realizada sob a inverossímil e descarada alegação de que os capitalistas do primeiro mundo visavam edificar as suas filiais e investir em regiões subdesenvolvidas, com o "bondoso" intuito de espalhar o progresso técnico e científico.

As nações que se industrializaram às custas das colônias sugadas, roubaram tanto almejando produções cada vez maiores, que nem se deram conta de que apenas a Europa não seria suficiente para suprir tamanha oferta. Desta forma, para que os lucros fossem aumentados e os estoques não fossem perdidos, era necessária a ampliação do mercado consumidor. Era preciso, com urgência, que uma nova demanda fosse criada! Foi daí que surgiu a "ideia genial" de converter os colonizados sobreviventes, em consumistas vorazes de suas próprias riquezas naturais "manufaturadas". Hilário! Primeiro os bandidos arrebatam as matérias primas, depois que inundam a Europa com os bens de consumo provenientes delas, regressam as zonas aniquiladas com os depósitos dos navios abarrotados de quinquilharias para nos vender. O pior de tudo, é que a exemplo dos índios que aceitavam os seus espelhos, anzóis e bijuterias em troca de seu esforço físico, igualmente, nós do presente, aceitamos os seus computadores, celulares e pares de tênis. Não é raro encontrar quem trabalhe seis meses, de domingo a domingo, para pagar as prestações de algum item supérfluo!

Conclusão: os donos do planeta, que alcançaram tal posto por meio do sofrimento e do sangue das populações do terceiro mundo, nunca inauguraram uma

sucursal em nosso solo com a expectativa de promover o bem-estar de todos!

Tanto quanto a justificativa dos navegadores das majestades, a atual justificativa de difusão geral de benignidade, não passa de uma desculpa ridícula para a continuação das ondas intermináveis de pilhagens. Não passa de um artifício torpe, daqueles que conservam em suas mentes satânicas, um pensamento muito recorrente dentro das pátrias ricas: o da mítica superioridade genética e cultural do homem branco cristão. Nas civilizações que formam o contemporâneo clube seleto dos poderosos, é comum os habitantes se considerarem pertencentes a uma espécie de superraça, que teria recebido o direito divino de governar e civilizar as etnias pagas e inferiores. Induzir-nos a identificar pontos gloriosos e heroicos nas ações asquerosas de nossos gestores no período colonial, imperial ou republicano, é o mesmo que nos forçar enxergar lados positivos na ação do esquadrão da morte, que derruba a porta de um barraco e chacina uma família inteira, porque o filho adolescente roubava toca CDs.

Fomos coagidos a admitir como descobridores, vermes que ingressaram em territórios já habitados. O termo "descobrimento", tão usado pelos corpos docentes, designados para lecionar para as populações marginalizadas, tem como fim determinado, descartar a existência dos verdadeiros donos da terra. Absolutamente, o Brasil não era um matagal despovoado a espera da chegada de forasteiros.

Existe uma gritante discordância terminológica entre a realidade e a historiografia nacional, no que se refere ao sentido de invasão criminosa e descoberta.

Como é possível que os professores, seres vitais para a formação de um cidadão, obedeçam a ordens de ensinar com conteúdos falsos ou parcialmente corrompidos, a parcela mais carente da sociedade? Sei perfeitamente que muitos são desfavoráveis a prática e não se amotinam as regras sujas por receio de perder o emprego. E até compreensível, mas não aceitável! Afinal, esse é um tipo de temor, que quem exerce tal cargo, não pode se dar ao luxo de possuir! Quando no portão da escola, os pais dão tchau para os filhos e os entregam aos cuidados de um educador, eles estão depositando toda a sua confiança nessa pessoa. Eles esperam que na balança das decisões, a constituição perfeita da personalidade de uma criança pese muito mais, do que o medo de uma possível exoneração. Por representarem uma das mãos mais importantes que seguramos na transição de nossa infância para a fase adulta, não é permitido que esses profissionais sofram com o dilema do bem pessoal, em detrimento do bem universal! Sonegar informações verídicas por determinações governamentais, é o mesmo que um cirurgião na hora da operação se recusar a usar todos os utensílios médicos disponíveis para salvar um enfermo, porque lhe fora recomendado conter gastos em se tratando de cidadãos negros.

Mais do que qualquer um, esses arquitetos de gente deveriam saber que com ou sem conivência no esquema de macro emburrecimento para a servidão total, ocupam uma posição chave dentro das pretensões burguesas. Pois são eles que mantem contato direto com as vítimas! Todo receptor inocente, intoxicado em âmbito escolar, tem como transmissor do pior veneno animal, o professor da rede pública. O mentor do método que transforma crianças pobres em analfabetos

funcionais e o sistema, mas o executor é aquele que passa os deveres de casa. Para destruir pequenos favelados, não é preciso que os mestres apertem as mãos dos manipuladores dos cordéis das marionetes sociais, mas apenas que reproduzam o bê-á-bá do rapto cerebral. Só de não reproduzir o tal bê-á-bá sórdido, já estão trabalhando a favor das mudanças sociais. Se me fosse delegada a missão de instruir, a primeira coisa que eu faria era expressar a plenos pulmões para os meus alunos, de preferência na presença dos pais:

- Os piores planos de assalto divulgados pela mídia sensacionalista, não se comparam aos temerários "planos nacionais de educação"!

Plagiando os "propagadores" da fé cristã e do progresso técnico e científico, os que projetam essas tramoias educacionais, tanto quanto os que as aprovam, em tempo algum pretendem fazer com que os flagelados pela miséria ascendam economicamente e principalmente, mentalmente.

Jamais foi ou será uma intenção do Estado, converter um excluído pelas desigualdades em uma pessoa que pensa por si própria, debate, questiona, se opõe, se revolta, analisa, pondera e manifesta ideias de justiça. Dentro do ideário de nossos reguladores comportamentais, os indigentes têm de formar um rebanho homogêneo e uniforme de cordeirinhos amansados, aptos para pastarem por toda a vida com seu temperamento dócil, sob as ervas daninhas das informações e dos dogmas pré-estabelecidos. Todos aqueles que não buscarem aprendizado em outras frentes, como a literatura marginal, estão condenados a fazer parte do time dos iletrados que detêm a posse de um certificado de conclusão do ensino médio.

O plano de controle a que me refiro, não é uma teoria conspiratória de minha autoria! Para comprovar o que digo, basta pedir para um estudante da 8ª série de uma escola pública estadual ou municipal, escrever uma frase ou ler um texto.

Somente num contexto de sequestro de intelecto generalizado, livros, cartilhas e apostilhas, podem usar impunemente a palavra "descobridor" para fazer menção às aberrações malignas que se instalaram e fincaram suas cruzes em continentes com populações estimadas cm milhões. Apenas no Brasil, calcula-se que houvesse cerca de cinco milhões de índios. Fico imaginando, quais seriam as palavras de um deturpador da história em um depoimento numa delegacia, caso eu invadisse sua residência habitada por toda a sua família? Será que ele também legitimaria a minha ação e me classificaria como um honroso desbravador?

Falei a pouco sobre o ato de cravar o símbolo máximo do cristianismo ao solo... Esse costume tinha o mesmo significado da bandeira cravada na lua ou no topo do Monte Everest, marcava a conquista total! Por essa constatação, fica fácil perceber de onde os políticos envolvidos no mensalão do Democratas (DEM) se inspiraram para cometer crimes e em seguida orar para Deus em agradecimento a graça alcançada.

Em caráter de urgência, é preciso que os que povoam as áreas de risco conheçam a autêntica história brasileira, para que juntos, todos os sucessores dos antepassados nos postos de trabalhos forçados possam, ao menos, reparar a injustiça cultural que

paira propositadamente sobre os verdadeiros heróis.

Pela memória dos que mesmo tendo os corpos descarnados por chibatas mantiveram as suas mentes libertas, temos de exigir que os deturpadores parem, imediatamente, com a euro contaminação dos cérebros dos descendentes desses antigos guerreiros.

Não sonho em ver pessoas das favelas se municiando com manuscritos, iconográficos, pergaminhos, periódicos e livros raros, para depois soltar balões e rojões em comemoração às vitórias de seus ancestrais em batalhas mortais, mas para serem tomadas por sentimentos de orgulho, auto-estima e revolta. Para serem tomadas por sentimentos que as façam olhar com repúdio para as placas e os monumentos que festejam fraudes.

Quero que os moradores dos casebres, fixados nos limbos sem valor imobiliário, constatem a assombrosa inversão de valores e concluam o óbvio: que as rodovias, avenidas, praças, ruas e órgãos públicos, deveriam homenagear os que tentaram resistir as presas afiadas da opressão e não os opressores!

As minhas convicções me fazem trabalhar arduamente para que, um dia, se torne tão natural quanto respirar, pais e mães dentro de barracos orientando os filhos para que, ao mirarem no passado, venerem os que configuram conexos ao termo: dizimado. Pois mesmo sendo apresentados pejorativamente como: selvagens estúpidos - o seu empenho e a rendição inegociável nos embates contra colonos e senhores de engenho são as lições mais valorosas que podemos tirar do antigo ciclo de indecência.

Trabalho arduamente, não só para que as novas gerações reverenciem as pessoas que fizeram a diferença no passado, mas também para que, ao focarem no presente, respeitem e idolatrem aqueles que acordam às quatro da manhã para lavar privadas e sustentar famílias com salários de fome. Pois mesmo sendo apresentados desdenhosamente como cidadãos de segunda classe, esses guerreiros das favelas são exemplos vivos de persistência e determinação!

As crianças das zonas de abandono devem ser imunizadas contra as doses cavalares de verborragia que nos fizeram crer, que na antiguidade monarcas e nos dias de hoje a burguesia parasita dominavam e dominam o povo, porque seria uma vontade dos céus. Nem os reis e tão pouco os seus descendentes, são predestinados por forças sobrenaturais a governar. O poder que uns possuíram e outros ainda possuem, sempre foi e sempre será arbitrário!

Por natureza, não somos os súditos que devem obedecer, cegamente, a montes de lixo que respiram, porque foram denominados como soberanos, muito menos, somos vegetais inanimados que devem se calar e dar licença, para que as bestas e os fatos memoráveis, somente para os contemplados pelo autoritarismo carniceiro, sejam materializados em diversos formatos e deixados para a posteridade.

Tão obsceno quanto os crimes coloniais, é ter em dizeres celebrativos os nomes de jesuítas, colonizadores, bandeirantes, donatários, reis, imperadores, regentes, governadores gerais, coronéis e "revolucionários", que lutaram a favor das elites. E imoral que as nas públicas, por onde transitam os netos e os bisnetos de índios e escravos africanos, não sejam batizadas com os nomes e apelidos de seus ancestrais.

Não sejam batizadas com os nomes e apelidos de homens e mulheres que lideraram as fugas e os levantes indígenas e negros, que formaram quilombos, que sabotaram as plantações de café e os engenhos de cana-de-açúcar da classe senhorial, que mataram escravocratas e capitães do mato ou que se suicidaram a hm de evitar serem propriedades negociadas em anúncios de jornais. Deveríamos morar em endereços que exaltassem combatentes cativos como: Maria Felipa Aranha, Manuel Calafate, Alufá Pacífico Licutan, Ahuna, Adelina, Dissalu, Luís Sandim, Nicoti, Pai Inácio, Feliciana Ferreira da Cruz, Emiliano Felipe Benício Mandacaru, Malunguinho, Preto Cosme, entre tantos outros. Em cada motim popular dissolvido pela tirania real e pela negação cultural, temos milhares de modelos de honra que fazem jus às folhas de metal pregadas nos altos dos postes.

As manipulações de fatos e a criminalização de militantes engajados em causas sociais, não se restringem ao ciclo das invasões. No século XX, o método de macular a imagem daqueles que dão a própria vida para que os menos favorecidos tenham os seus direitos humanos e civis respeitados, converteu os guerrilheiros Lamarca e Marighella, em inimigos da nação. Aquele que doa o seu último suspiro e a sua derradeira batida no coração, para que um refém da intolerância racial étnica, religiosa e de gênero possa sentir o sabor da igualdade, **não** merece o rol dos marginalizados! Se houvessem bibliotecas nos bairros pobres com acervos documentais sobre o passado nacional, com certeza não precisaríamos nos limitar ao Harlem, ao Alabama ou a África do Sul, para encontrarmos exemplos de coragem e firmeza vindos das camadas populares. Bom acho que você leitor deve imaginar o porquê da ausência das cruciais' bibliotecas em nossas vizinhanças...

Mais uma vez, não existem vantagens aparentes para os neoescravagistas, em divulgar relatos sobre rebeliões servis bem-sucedidas ou sobre a organização estrutural sustentável dos quilombos. Por qual motivo arriscariam mexer em um time que está ganhando há séculos? Socializar a informação é um perigo para a atual aristocracia. Vai que os neoescravos produtivos, domésticos, de ganho e aluguel, se conscientizam que é possível sobreviver sem a exploração patronal e procuram a independência real. Vai que começam a reivindicar o que lhes é devido. Ou vai que começam a fazer como muitos dos nossos, que esperavam o cair da noite para entrar em fazendas, com objetivo de incentivar os irmãos de tortura nas senzalas a aderirem a pensamentos de auto emancipação.

Um país, formado na sua imensa maioria por uma prole coisificada pelos meios de comunicação em massa, escolas, igrejas e palanques eleitorais, torna-se um celeiro de bizarrices inacreditáveis!

O poder de persuasão do sistema de valores padrão é tão absoluto sobre as nossas cadeias neuronais, ao ponto de fazer com que admitamos como parte de nosso patrimônio histórico, uma estátua de dez metros de altura de um bandeirante chamado Borba Gato, instalada num bairro que carrega o nome de uma capitania hereditária: Santo Amaro! Como que a maior população de afrodescendentes do planeta, pode aceitar que os branqueadores culturais esculpam, modelem, fundam e revistam com pedras de basalto, a figura de um assassino de seus antepassados? Como que a maior população de afrodescendentes do planeta, pode aceitar que os

branqueadores culturais, exponham em praça pública a escultura de um monstro, cujo propósito de seus serviços era dar cabo de tribos indígenas, para depois tomar as suas terras e metais preciosos e atacar quilombos para capturar ou matar escravos fugitivos? A afronta é tamanha, que até me estranha, que aos pés da "obra de arte" não tenha um índio ou um homem negro enforcado ou linchado.

A leitura subliminal que faço desse ultraje, me diz claramente que os inimigos não se arrependem por suas atrocidades! Ao contrário, eles se orgulham tanto, que sentem a mórbida necessidade de extravasar esse sentimento, esfregando seus ditos "trabalhos artísticos' e homenagens póstumas em nossas caras. Solenizar as monstruosidades seria o acabamento final!

O endeusamento dos massacradores, no lugar dos massacrados, é a premiação do lado que fica vivo para elaborar a narrativa dos acontecimentos. Desta maneira, sem nenhum opositor para contestar a versão oficial em razão de terem sido sufocados no próprio sangue, nasce à rua bandeirantes, o bairro bandeirantes, a Rodovia dos bandeirantes, o hospital bandeirantes, os brinquedos bandeirantes, a universidade bandeirante, o palácio dos bandeirantes, a TV bandeirantes, etc... Caramba! Por tantos gestos de gratidão, só posso crer que esses psicopatas, com suas expedições militares, devem ter contribuído, sensivelmente, com os brasileiros aspirantes ao topo da lista dos milionários da revista Forbes.

É um disparate acatar passivamente, que os administradores das cidades habitadas por novas gerações de quilombolas, que há décadas lutam para que o dia da Consciência Negra se torne um feriado nacional, glamurizem aqueles, que dentre o leque de crueldades, foram responsáveis pela destruição do Quilombo dos Palmares. Imagina você, no dia 20 de novembro, data da morte de Zumbi, o mártir da luta contra a escravidão, caminhando na Rua que carrega o nome de: Domingos Jorge Velho em homenagem ao bandeirante desgraçado, contratado pelo governo de Pernambuco e pelos senhores de engenho, para aniquilar o maior símbolo de resistência a favor da liberdade no Brasil. Nada mais sugestivo, do que o tal endereço estar situado no município de Franco da Rocha, caracterizado por abrigar unidades prisionais construídas, justamente, para encarcerar os miscigenados pobres.

Falando em feriado... No feriado de Tiradentes, era bom ter em mente que a Inconfidência Mineira não foi uma revolta das massas chicoteadas, mas apenas uma manifestação elitista, que visou o fim da opressão portuguesa que atrapalhava os negócios da classe dominante local. Logo, os traidores de vossa majestade, não almejavam acabar com a exploração social que tanto maltratava a parcela populacional discriminada. Como você pode perceber, o domínio mental coletivo foi articulado e empregado com um grau tão elevado de maestria, que além de não manifestarmos divergências contra os informativos fabricados, ainda entronizamos quem sequer lutou por nossas causas! Sem qualquer tipo de pesquisa, adotamos como libertadores, personagens que nunca expressaram ideias abolicionistas! Sem qualquer tipo de investigação, canonizamos religiosos de batinas, que pelos pecados cometidos, devem estar queimando no inferno até hoje!

Só o colírio da desmistificação é capaz de realizar a assepsia da desenganação nos olhos iludidos. Só o colírio da desmistificação é capaz de fazê-los enxergar

verdades inconvenientes, como a que nos mostra, que se de um lado os bandeirantes exterminavam inocentes **com** seus mosquetes e arcabuzes, do outro, a Companhia de Jesus os assolava com a sua conversão forçada ao catolicismo. Conversão forçada esta, que carregava um único propósito: manipular o **maior** número de pessoas para explorá-las. Uma vez domesticado e enfeitiçado pela nova religião, nenhum homem se insurgia contra as ordens de ter de transportar nos ombros, por quilômetros, dezenas de quilos de mantimentos. No instante em que um eclesiástico europeu pisou no Brasil, o nativo teve roubado um direito, que na atualidade, todos os brasileiros têm (desde que não sejam cidadãos negros): a liberdade de crença e asseguração do livre exercício de diversos cultos. Relembrando, desde que não sejam cultos africanos! Os tais "benditos e santificados" eram tão "bons" para com os nativos e mais à frente para com os africanos, que eles supunham NÃO TER ALMAS, que um deles que fosse flagrado adorando deuses não permitidos por suas leis, estava sujeito ao temível julgamento do Tribunal da Inquisição. O promotor de uma cerimônia religiosa indígena ou procedente da mãe África, cometia uma infração contra a fé cristã. Dependendo do nível de gravidade da "conduta transgressional", punições severas eram aplicadas!

Apenas como nota... Por muito tempo, ao redor do mundo, a fogueira foi o destino dos que desafiaram a autoridade dos papas.

É óbvio que muitos se opõem a minha linha de raciocínio, alegando falta de documentos comprobatórios, que atestem a violência praticada pelos jesuítas em nossas províncias. Como um profundo entusiasta da liberdade de expressão, eu respeito todos os argumentos e seus argumentadores, até porque, a minha tarefa aqui é me ater a fatos concretos e não promover campanha infundada contra nenhuma entidade. Eu não tenho a pretensão de liderar um movimento herético, mas de fazer parte de um universo formado por livres pensadores. Entretanto, mesmo que não se prove a ocorrência de sessões de violência física do tipo espancamentos e incinerações, a violência psicológica é inegável!

Partindo do princípio, de que não existe uma civilização superior à outra, apenas diferente, impor a um povo uma nova cultura em prejuízo da sua já existente, foi um ato digno dos maiores ditadores de todos os tempos. Os militares dos anos de chumbo, assim como Hitler, foram condenados pela opinião pública por atitudes iguais a esta! Talvez **eu** seja louco, mas considero um ato criminoso, alguém segurando uma bíblia, entrar sem ser convidado em um povoado, levar os seus moradores para aldeamentos e depois obrigá-los a participar de suas crenças, a ignorar seus deuses e a compactuar com a ideia de serem servos leais de colonos e de uma monarquia. As antigas missões jesuíticas, que atropelaram a pluralidade cultural e religiosa de inúmeros povos, no presente, configurariam no mínimo, como corrupção de menores, já que em função das dificuldades em se convencer adultos a se deixarem controlar, os alvos preferenciais eram as crianças. Vou mais longe... Entre a vasta legião de escravizadores, no meu modo de ver, os missionários eram os piores! Explico porquê... Um homem escravizado pela força, um dia pode vir a se revoltar **e** numa oportunidade fugir ou atacar seu algoz, por outro lado, aquele que foi fisgado pela alienação, continuará eternamente colhendo cana-de-açúcar,

café e algodão, por pensar ser pecado manifestar insubordinação as ordenações de seus donos.

Com escrituras sagradas ou espingardas, todos, sem exceção, eram conquistadores! Todos, sem exceção, de uma maneira ou de outra, colaboraram para transformar a América numa filial do velho continente. Todos, sem exceção, ajudaram a implantar a fábula que proclamou que tudo que é belo e evoluído é europeu e branco! Todos, sem exceção, foram fundamentais para que a primeira guerra oficial cm nosso solo fosse travada e vencida pelos forasteiros. Por consequência das invasões brutais dos navegadores e das "santidades', anos mais tarde, a floresta tropical seria apresentada a primeira guerra declarada contra um habitante nascido no Brasil: "A GUERRA JUSTA"! Em síntese, a tal "guerra justa" era uma carta branca dada pelo governo português aos seus representantes, para que eles torturassem ou assassinassem todos os que reagissem contra os chicotes e os "ensinamentos divinos".

Sinceramente, gostaria muito de recorrer a algumas guerras que eu considero serem demasiadamente justas! Nada justo é saber, que hoje, se eu buscando proveito próprio atirar num coração, serei classificado como um fora da lei, sendo que no passado, dependendo do meu sobrenome ou apadrinhamento, tal atitude me renderia uma vida de esplendor, luxúria e soberba, em confortáveis propriedades protegidas pelo Estado.

Não faz muito tempo, a nobreza e os seus aliados, recebiam gratuitamente da coroa, extensas glebas de terras usurpadas, que vinham acompanhadas de documentos e de um brinde especial: a garantia real de que os despejados jamais reaveriam os metros de chão que lhes fora roubados.

A questão agrária brasileira é responsável por parte do amor incondicional da playboyzada por policiais. Nós da periferia, erroneamente, achamos que a totalidade do afeto dos senhores pelos seus leões de chácara se deve a gratidão pelo assassínio descomedi do de pessoas atingidas pela carência material, energética, social, de rendimento e de bens e serviços essenciais. Estamos redondamente enganados! A odiosa adoração vem do macro extermínio e do eterno agradecimento aos grupos militares, que ao dizimarem forças rebeldes, ajudaram as elites a conservarem os seus patrimônios ilícitos. O fator que assegurou que os hectares roubados pelos ricos não fossem recuperados pelo povo, atendia pela alcunha de: guarda nacional. A guarda nacional era a famigerada polícia do governo e dos latifundiários, encarregada de sufocar todas as revoltas populares que ousassem a reivindicar a igualdade entre os homens. Como nos descrevem as cicatrizes nos corpos dos despossuídos atuais, o bastão letal do: abafa foi passado de tropa em tropa, até chegar às mãos dos componentes das novas ramificações da velha guarda. Foi passado de tropa em tropa, até chegar às mãos dos matadores de indomesticáveis, camuflados por siglas legitimadoras do uso da violência desproporcional, conhecidas por: GOE, GATE, DEIC, Depatri, COE, ROTAM, RONE, BME, CME, GOTE, BOPE, ROTA, GRT, CIOE, etc... Seria da hora assaltar um banco e depois poder contar com todo o efetivo repressivo do país, para impedir que os proprietários do dinheiro o recuperassem! Infelizmente, esse decreto não escrito, só tem validade para os

monopolistas do poder!

A saga dos deturpadores de fatos, não se encerrou. Neste exato momento, a história contemporânea está sendo escrita dentro dos mesmos moldes de falta de lisura. Em mais um pacote bomba de ações, do compasso corrompido que desenha esse círculo vicioso, a mão de obra escrava das comunidades carentes, continua desenvolvendo e ampliando a riqueza do país, enquanto os méritos referentes aos feitos contemplam os suseranos que vivem à custa alheia.

As tesouras de ouro, agora cortam fitas vermelhas para as inaugurações de bustos em argila, cera, madeira, bronze e mármore, daqueles que autorizaram operações chacinadoras em penitenciárias e áreas negligenciadas pelos governos. As tesouras de ouro, agora cortam as fitas vermelhas que homenageiam aqueles que fundaram fábricas para explorar trabalhadores pobres; que legislaram leis par ciais; que usaram os plenários dos tribunais de justiça para catapultar o seu preconceito étnico e de classe; que durante mandatos políticos ergueram palácios com o dinheiro da aposentadoria de idosos e deficientes físicos; que frequentaram o museu do Louvre, com a verba de merendas escolares; que se hospedaram, com recursos financeiros do Ministério da Saúde, no hotel Burj Al Arab em Dubai, ao tempo em que, em estado terminal, em salas de UTI, as suas vítimas agonizavam à espera dos medicamentos que nunca chegariam aos depósitos dos hospitais do SUS (Sistema Único de Saúde); que mantiveram e ainda mantêm cm paraísos fiscais, trilhões em subornos, pagos por empreiteiras, que após financiarem campanhas eleitorais, recebem como reembolso, vitórias em licitações para a elaboração de obras públicas faraônicas. Yale ressaltar, que é desta forma que surgem as pontes que ligam nada a lugar nenhum e os inacabados prontos socorros, postos de saúde, centros educacionais, conjuntos habitacionais e presídios.

No caso das prisões, nunca é demais salientar, que a demanda por cela é orquestrada e dirigida pelas próprias autoridades! Estrategicamente, os detentos brasileiros são abandonados em condições de cárcere terríveis, que estimulam a revolta e a destruição das cadeias onde cumprem penas para que, assim, empresas corruptoras possam fazer reformas superfaturadas ou construir novos estabelecimentos correcionais. Tente lembrar, quantas vezes em matérias "jornalísticas" sobre rebeliões, você viu as negociações começarem antes dos colchões serem queimados? Aposto que nenhuma! As conversações realizadas, a fim de dissuadir os líderes de motins de seus objetivos, só tem início quando a imprensa chega ao local e os repórteres fazem o link com as suas emissoras. Antes disso, do carcereiro ao presidente da república, todos observam pacientemente a demolição e especulam a gorda comissão que vão tirar do rescaldo dos destroços.

De volta ao eurocentrismo, é bom que se diga que ele não se manteve **vivo** apenas dentro da alfabetização nacional reservada aos favelados ou dentro do modo característico de criação de novos pseudo-redentores como os que acabei de expor. A coletânea de preceitos do antigo regime continua a se manifestar e a modelar toda a nossa realidade pós-colonização". A população prossegue dividida entre: o clero, que não conduz fiéis ao paraíso, apenas alivia as suas carteiras; a nobreza, que permanece debruçada em sua inutilidade e o terceiro estado falsamente alforriado,

que sustenta os ricos e as igrejas.

O único dado positivo da europatização a ser exaltado, está no conjunto de ideias igualitárias e socialistas, nascidas de antigos filósofos como Platão e Aristóteles, repassadas ao mundo pelo fenômeno que abalou a Europa do século XVIII: o "Iluminismo"! Pros filhos da burguesia, esse ideário chegou via sala de aula ou biblioteca particular, já para a maioria dos filhos da miséria, o fio condutor foi outro: o "RAP"! O estilo musical, predominante nos bairros negros dos Estados Unidos, ao ser introduzido nos campos de concentração, campos de extermínio e campos de trabalhos forçados do Brasil, provocou uma revolução popular sem precedentes. Após o desembarque em São Paulo, do protesto ritmado, rimado e carregado de doses filosóficas iluminadas, há mais de trinta anos atrás, as mentes de vários excluídos, até então, voltadas para a diversão e futilidades, passaram a tomar ciência de sua situação socioeconômica discriminatória. Esse despertar da razão gerou uma corrente inquebrável de militantes e ativistas, dispostos a enormes sacrifícios para anular a invisibilidade social do motor da nação. Mesmo com a educação convencional nos tendo omitido dados sobre os valores iluministas, o instinto de sobrevivência fez com que os nossos apelos reivindicatórios parecessem reflexões saídas dos textos de: John Locke, Voltaire, Montesquieu, Denis Diderot, Rousseau, entre outros. O que os protozoários nocivos que regem o Estado não podiam imaginar, é que quando a escola se nega a injetar ideias liberais antiditaduras nas cabeças de desprivilegiados, a lei das ruas o faz. É uma tendência natural!

A semente plantada pelo RAP fez germinar os pensadores dos barracos, que pleiteiam: a igualdade jurídica; a liberdade religiosa, cultural, de expressão e de ir e vir, o direito à vida e à dignidade; oportunidades que permitam a elevação social e o crescimento intelectual; a representatividade proporcional de seus pares em todos os âmbitos nacionais; a revisão da história e a proteção contra todo e qualquer tipo de opressão. Sem esse aprendizado marginal adquirido por meio dos discos de vinil, das rádios comunitárias e dos bailes blacks, eu continuaria com a mentalidade do ginásio, acreditando que todos os nomes propagandeados pelos planos educacionais dos inimigos eram os dos mocinhos do longa-metragem de drama

e terror! Graças ao intercâmbio cultural entre os guetos, aprendi que nem eu nem você e nem qualquer morador da periferia, deve alguma coisa aos insetos peçonhentos, que deixaram como herança aos afro-brasileiros e ao povo pobre em geral, o estágio abaixo da linha da indigência!

Nesse negócio sórdido, os credores são os que muitas vezes têm de apelar para o cozimento de gatos e cães vira-latas para suprirem à carência de alimentos!

Não temos nenhuma promissória de gratidão para ser executada. É o oposto! São as oligarquias, descendentes dos genocidas estupradores e ladrões, que estão em débito conosco. Eles é que devem amar os nossos ancestrais! Eles é que deveriam estar venerando as imagens de nossos antepassados, imortalizadas em trabalhos de escultores consagrados! Eles é que, obrigatoriamente, devem ressarcir os milhões de parentes dos antigos escravos, que foram tratados como animais e bens materiais por suas famílias. Quando cito o termo ressarcimento, não estou falando somente da coletivização do trabalho, da terra, da habitação, dos alimentos, da saúde, da

liberdade, da democracia e da paz, mas, sobretudo, da correção da história brasileira!

Para que os povos do presente encontrem a justiça plena, é preciso que os guerreiros do passado sejam moralmente indenizados!

Por ser também um europatizado, eu terminarei esse capítulo dizendo que um pensamento meu, vai de encontro com o de um europeu chamado Jean-Jacques Rousseau... Igual a ele, eu tenho certeza, que se no dia em que o primeiro Homo Money gritou: “essa terra é minha” aqueles que o ouviram, tivessem arremessado sob sua nuca uma pedra e o matado, teríamos evitado quase todas as guerras, milhares de assassinatos e a proliferação do egoísmo que afunda a humanidade na pobreza quase que absoluta!

As Raízes de Nossa Tragédia Social Parte II (A herança)

Vamos ser francos, não há como discordar de Malcolm X quando este afirmava que: o homem branco europeu da época das invasões era um "demônio"! Pois como vimos no capítulo anterior, quase todos os povos do planeta, que no passado sentiram os efeitos de seu cérebro doentio obcecado por poder, riquezas e propagação da fé cristã, até os dias atuais encontram-se em completas ruínas.

Depois de séculos de exploração, destruição e morte, os habitantes do "Novo Mundo" foram entregues a cenários desoladores de miséria, descaso e abandono, os quais dariam origem as suas pátrias. As gerações posteriores ao mega desastre não natural, tornaram-se independentes em civilizações arrasadas, confeccionadas pela opulência de antigos e novos imperialistas. Ganharam a soberania parcial, sob territórios que se encontravam no patamar de Estados balidos. Assumiram as cadeiras de presidente, os tronos de rei e as chefias de parlamentos, quando a parte majoritária dos tesouros locais, já havia sido saqueada. Quando os hectares de extração, haviam se tornado inóspitos até para os próprios nativos. Fazendo uma analogia com os seres humanos: do processo embrionário, passando pelo gestativo, até chegar ao nascimento, as regiões que hoje compõem o grupo das nações mais pobres e atrasadas do planeta, tiveram as suas formações altamente sabotadas e comprometidas pelo sistema colonial mercantilista.

Para a grande maioria das populações desses países, com anomalias fetais letais, a quebra da aliança forçada com os seus saqueadores representou tão somente, a rotulação por uma nova designação genérica classificativa. Representou a substituição do indicativo glamouroso "Novo", usado para denominar as terras conquistadas, pelo verbo depreciativo "Terceiro", usado para denominar as terras devastadas. A partir das proclamações das "independências", as zonas de extermínio, progenitoras dos países marcados por defeitos congênitos como: economias em frangalhos e progresso humano subdesenvolvido não mais seriam conhecidas como "Novo Mundo" e sim, "Terceiro Mundo"!

Com o fim do processo de transição do "Novo Mundo" para o "Terceiro Mundo", muitos dos colonizados e escravizados se desvencilharam das garras dos regimes tirânicos, em compensação receberam as suas bandeiras e hinos, em estágios bem próximos aos da pré-história. No momento da desassociação entre dominado e dominador, enquanto os usurpadores desfrutavam das eras industriais e até espaciais financiadas por defuntos desossados, diversos dos cidadãos lesados, que tiveram o crescimento social de sua etnia paralisado, no momento em que as caravelas atracaram em suas praias, fabricavam armas artesanais para caçar nas selvas. É fato, todos os países "libertos" após a apropriação indébita de seus

patrimônios pelos invasores, largaram na corrida global de um ponto jurássico e evoluíram e ainda evoluem, a passos de tartaruga.

Depois do estrago causado pelos maníacos entorpecidos pela doença incurável da posse, o que sobrou para os moradores locais, foi um resquício do que fora o seu paraíso antes do aparecimento da moléstia partida do exterior. Restou um ambiente desconhecido e desfavorável. Restou um pedaço de chão sem valor, onde desde então, as pessoas humildes se esforçam para sobreviver dentro do mais profundo retrocesso. Do massacre e pilhagem em diante, as legiões de sequelados lutam apenas por conquistas primárias, como: saciar a fome. Nos pontos geográficos que outrora "eram" as lavouras das pátrias ricas, as conquistas tecnológicas, medicinais e sociais, foram e são, praticamente, inexistentes.

Na mesa de negociação, o opressor pode abrir mão das extensões ocupadas, mas nunca do lucro proveniente delas. Na queda de braço entre os movimentos de emancipação e as respectivas coroas diabólicas, os nativos adquiriram as declarações de independência que tanto sonhavam, mas em troca, tiveram de assistir passivamente, o restante de suas terras natais serem loteadas e vendidas pelos ladrões. Quando um fragmento do domínio estrangeiro se vai, com ele se vão todos os bens portáteis do perímetro aniquilado! As riquezas que não podem ser transportadas de imediato, são arrendadas para as indústrias multinacionais dos brancos. Foi por este duto que brotaram os poços de petróleo ingleses na África e as minas lusitanas de ouro e diamantes no Brasil.

Outra maneira encontrada pelos assassinos, para continuarem a lucrar com as desgraças implantadas por eles mesmos, foi através da reconstrução dos setores demolidos. Como escrito anteriormente: essa é uma prática muito usual no capitalismo moderno, primeiro jogam as bombas e depois mandam as empreiteiras. E assim, logo que os habitantes das regiões recém "alforriadas" empoçaram os seus governantes, estes senhores foram forçados a buscar ajuda financeira nos bancos internacionais dos mesmos homens brancos responsáveis por suas tragédias. Detalhe... Para a concessão dos empréstimos, que gerações e mais gerações de famintos morreriam tentando pagar apenas os juros, havia somente a velha exigência impositiva das forças parasitárias: **corte dos gastos em áreas sociais como educação, saúde, moradia, segurança, transporte, saneamento básico e urbanização.** Para a rápida aprovação de crédito, bastou aos novos líderes deixarem como caução, a pequena parcela de soberania conquistada.

Com o passar do tempo, um complicador trouxe ainda mais agravantes as situações aviltantes de algumas das novas localidades "autônomas"... Muitos de seus dirigentes aproveitaram-se da típica instabilidade turbulenta e desregrada, comum nos lugares de baixa renda, fraqueza em recursos humanos e vulnerabilidade econômica, para tornarem-se tão tiranos quanto os seus antigos amos e para usarem as verbas conseguidas junto aos banqueiros brancos, em aplicações pessoais, em agências de outros banqueiros brancos. Num ramo onde o forte nunca foi a honestidade e a ética, os banqueiros adoradores de cifrões, fizeram desse modelo de operação o carro chefe de suas instituições bancárias, e dos ditadores mais sanguinários da história, os seus clientes preferenciais. Quem mais faria jus ao tapete

vermelho e a champanhe gelada, do que os homens que numa ponta geravam e ainda geram rendimentos aos bancos emprestadores e na outra aos bancos de investimentos.

Todos os processos de emancipação política, daqueles que integram o mapa mundi da penúria, tiveram uma certa similaridade. Todos menos um: o do Brasil! No nosso caso, a independência nada mais foi, do que uma manobra da amaldiçoada corte! Através de um mecanismo de pura astúcia, a família real manteve um português no controle da eterna colônia e ainda recebeu, por meio de chantagem, dois milhões de libras esterlinas, para reconhecer a "autoridade suprema" do novo Estado. Comumente contamos piadas sobre os portugueses os colocando como idiotas, mas foi o Brasil, que ao se tornar "livre", proclamou como imperador o filho do rei que regia a metrópole que o espoliava! Contudo, tirando esse pequeno pormenor, os efeitos do grito de D. Pedro, às margens do riacho Ipiranga, seguiram fielmente o padrão terceiro-mundista.

A exemplo do ocorrido com outras massas de desprivilegiados, a independência para os brasileiros famintos, não significou o nascimento de uma pátria livre, soberana e com direitos e chances iguais para todos! A ruptura com os laços coloniais, não alteraram em nada a conjuntura degradante em que se encontravam os escravos, os indígenas e os mestiços pobres. Não fora conferido as chamadas minorias, nenhum tipo de liberdade moral, intelectual, política, financeira ou administrativa.

O 7 de setembro, o qual muitos da periferia saem às ruas com bandeirinhas para assistir desfiles de bandas militares e tanques de guerra, era e é um pacote de benefícios, que ofereceu e oferece cobertura integral apenas para elite. A tal "independência ou morte", simbolizou o fim do controle português sobre os brasileiros ricos e não, a extinção da dominação dos homens que ficaram milionários com o apoio português, sobre os mais necessitados. Em resumo, a independência do Brasil como um todo, representou a fundação do país com a maior população escrava das Américas; a inauguração da dívida externa nacional e a nossa elevação para o estatus de reserva extrativista do mundo, já que todos os governos que nos reconheceram como povo receberam alguma vantagem comercial.

Os fatores que descrevi, são factualmente as raízes mundiais do subdesenvolvimento! Relatei em uma linguagem sintetizada, nada menos, do que o elemento determinante para a constituição da distância abismai entre as nações castigadas por crises humanitárias e as superpotências do primeiro mundo. Colocando de um modo mais simplório: sem a covarde intromissão da peste vinda em navios do Velho Continente, possivelmente, hoje, a África e a América Latina e Central, ostentariam as maiores economias e os melhores indicadores sociais do globo terrestre.

A ambição esquartejou o equilíbrio da natureza! No século XXI, a ligação mais forte que se pode observar entre o presente e a época das colonizações europeias, são as condições precárias de vida das pessoas que vivem nos bairros negligenciados. O impacto do autoritarismo e do sadismo das realezas, é atemporal! Fazendo uso de um provérbio popular: os dominadores comeram a carne, para que os frutos de sua

árvore genealógica, roessem o que sobrasse dos ossos. Aquele que carrega os genes dos primeiros flagelados, sempre estará fadado a ser devorado pelas bestas carnívoras acumuladoras de capital. Sempre estará fadado a ter subtraído de si, até o seu último átomo de riqueza! E uma espécie de maldição hereditária que os excluídos carregarão, enquanto trafegarem pelo plano carnal.

Quando eu examino o ranking mundial dos menos desenvolvidos, automaticamente me vem uma constatação:
- O homem rico também foi capaz de criar a vida!

Por meio das missões "civilizadoras" e "evangelizadoras", os povos primordiais de cada terra destroçada, foram europatizados, subjugados e violentados, num processo vil, que eliminou todos os seres originais e criou diversas etnias deturpadas. Como eu escrevi antes, os brasileiros fazem parte desse grupo miscigenado, com o sangue imundo de seres maquiavélicos! Mais do que isso, somos a maior nação multicolorida concebida à força no mundo. Deveríamos lamentar todos os dias, que os genes de índios guerreiros e nobres africanos, tenham sido maculados com a junção de genes de criminosos do passado!

De todas as etnias afetadas pelas ações mercantilistas, os negros são os que melhor exprimem o legado de horror deixado pelo período colonial! Os descendentes do povo, que após a dizimação dos indígenas, foi arrastado da África à força para o Brasil para os substituir em todas as frentes de trabalho, são as provas vivas do crime de proporções bíblicas cometido pelos europeus.

A cultura oficial, numa abordagem descompromissada, assume a contragosto, quase quatrocentos anos de escravidão brasileira, mas em contrapartida, empenha-se cm ocultar de todas as formas, os seus detalhes macabros. Temendo a eclosão de novos grupos propensos a adesão do discurso indenizatório, é determinado aos "historiadores" que fabriquem a versão do: "foi um mal necessário". E determinado aos "historiadores" que passem uma borracha no pré-escravismo e principalmente, naquilo que alguns estudiosos denominam como o "pós-escravismo".

É de grande valia para a ordem nacional, que os afrodescendentes desconheçam, que para que dez milhões de africanos fossem traficados para a América, um número bem superior a essa cifra foi aniquilado na travessia. E de grande valia para ordem nacional, que os afrodescendentes não saibam que a abolição não promoveu a igualdade e tão pouco fez cessar, efetivamente, o preconceito racial no contexto social.

As novas gerações, procedentes dos homens capturados em suas terras natais por semelhantes da mesma cor e trocados por tecidos, aguardente, tabaco e armas, devem processar em suas massas cinzentas apenas duas informações relacionadas ao assunto: "a dívida histórica foi paga com a promulgação da Lei Áurea" e "não existe mais racismo no Brasil".

Quando se obtém êxito em engessar as mentes dos parentes daqueles que ficavam pendurados pelos testículos em moendas, cria-se uma aceitação compulsória, quase que geral, do cenário literal de discriminação e anula-se qualquer tipo de pendência secular. Com a fundação desse circo ardiloso, diversos sorrisos

são abertos de ambos os lados, mas só uma casta sai ganhando.

Enquanto alguns afrodescendentes desinformados não se autodeclaram negros, não se sentem marginalizados e acreditam ser uma mera fatalidade a demografia dos bolsões de miséria apresentar a predominância populacional de sua etnia, a playboyzada respira aliviada por compreender, que o dia do acerto de contas nunca chegará! E bota alívio nisso... Os senhores de engenho do presente, mais do que ninguém, sabem o que representaria para os seus extratos bancários ter de conjugar o verbo retribuir. Os passageiros dos jatinhos particulares, têm total ciência de que o termo "reparação", engloba muito mais do que o pagamento de dias trabalhados! Da maneira que o tema surge nos meios de comunicação, é vendida uma falsa impressão de que as associações da parte prejudicada, formadas por pessoas conscientes, reclamam indenizações relativas apenas a direitos trabalhistas! Terrível engano!

Por mais que o país tenha empregado a mão de obra do povo negro, durante séculos, por 16 horas diárias na produção de suas riquezas, a contribuição dos cativos não se restringiu a área econômica. Mesmo sem as armas de fogo, que no passado implantaram o eurocentrismo e sem o poder das indústrias cinematográficas, fonográficas, literárias, alimentícias, têxtil, etc., dos Estados Unidos, que no presente promovem a norte-americanização brasileira, os homens aprisionados em senzalas influenciaram sensivelmente a cultura nacional! O negro, além de ajudar a construir o Brasil, colaborou para a formação de sua identidade! A africanidade está tatuada na religião, na música, na literatura, no vestuário, na língua falada, no vocabulário, na ciência, no modo de ser e de raciocinar de quase todos os brasileiros. Aos olhos do planeta, a nossa "amada pátria" é vista como uma pátria negra! Quando os habitantes de outras regiões do mundo pensam cm nosso "território feliz", a primeira imagem que vem à cabeça, é a do menino de pele escura chutando uma bola!

Como o leitor pode perceber, só a negativa institucionalizada da afrocooperação no progresso, na cultura e na formação da sociedade local, já fornece materialidade suficiente para a formulação de ações de cobrança. Portanto, seria um desatino colossal, autênticos militantes da causa, conformados com prêmios de consolação! Aqueles que, como eu, têm um apurado senso de justiça, não querem as migalhas que caem das mesas surgidas através dos calos nas mãos de nossa gente. Querem as mesas e se possível, com as cadeiras! Porque nos contentaríamos com remunerações ligadas a atividades físicas, se a dívida não se baseia apenas nisso? Em resumo, mesmo que por algum milagre houvessem recompensas pelos anos de trabalho estafante **e** até pela participação cultural, ainda sim, seriam insuficientes para a quitação **completa** do saldo devedor. Para a minimização do estrago hereditário imensurável, além do reconhecimento e da valorização dos serviços prestados a nação, é preciso ressarcimento pelos danos físicos e morais!

Diferente das explicações dos dicionários, a palavra escravidão, não denota somente sujeição, servidão e falta de liberdade... Denota sequestros, assassinatos, estupros, torturas físicas e psicológicas, separações de famílias, induções à suicídios e rebaixamento de seres humanos ao nível de animais e bens materiais. Com um

adendo... Tudo isso em larga escala!

O meu conceito de pena reparatória, abrange a epopeia de sofrimento e humilhações por inteiro. Começa no rapto em solo africano, passa pelos expedientes nas lavouras, minas e casas grandes e se encerra no pós-abolição fictícia! E tem mais... Na calculadora do Eduardo, os juros e as multas referentes a falta de pagamento pelos opressores, não são calculados sob 357 anos de escravidão, mas em cima de 481. Pois confrontando o primeiro carregamento de escravos chegados ao Brasil em 1531, com a época amai 2012, esse é o tempo real da escravatura por aqui! Na minha fatura estão as grossas correntes que no litoral africano apertavam os pulsos, os calcanhares e os pescoços de pessoas atordoadas e aterrorizadas, que sequer compreendiam que estavam sendo comercializadas. Pessoas estas, que sequer podiam imaginar o destino cruel que as aguardava e que sequer podiam imaginar, que nunca mais veriam o seu povoado e os seus familiares novamente. Na minha fatura, estão os incontáveis impulsos dolorosos transmitidos aos cérebros inocentes, assim que os ferros em brasa provocavam a destruição de todas as camadas de pele dos rostos confusos, que eram marcados como gado. Analise e depois responda pra você mesmo: se fosse humanamente possível materializar esses episódios iniciais em uma soma monetária, qual seria a quantia financeira correspondente a esses fatos? Eu penso num conjunto estratosférico de dígitos! E me atrevo a presumir, que a sua conclusão caminhe lado a lado com a minha. Bom, se a conta já é impagável agora, no momento em que estamos apenas no princípio do crime, imagine na hora que nós entrarmos com os antepassados da maior parte do povo brasileiro, nas embarcações da morte! Vou prosseguir nessa contabilização mórbida e ao final, creio que você concordará comigo, que não existem valores em espécie no planeta, suficientes para arcar com a merecida gratificação!

Te convido agora, para fazermos um breve passeio, para refrescarmos as nossas mentes...

Adentramos em um navio negreiro! Estamos no mês de setembro do ano de 1865. A exatos 15 anos, foi aprovada a Lei Eusébio de Queiroz, que "extinguiu" definitivamente o tráfico negreiro. No país que mais burlou tratados antiescravismo, esse texto num papel timbrado não representa problemas para os infratores.

A partir de agora somos componentes de uma das chamadas "levas de escravos"! Nesse instante, fomos reduzidos à pedaços de carne sem sentidos, que serão transportados em porões fétidos como carga!

Se você acredita em Deus, é uma boa hora pra começar a rezar, afinal, de cada 100 que embarcam nessa viagem, 60 pisam em terra firme. Não é a toa que o apelido desse tipo de transporte é tumbeiro! Normalmente, dos 600 que entram na tumba flutuante, 360 ouvem a frase: "terra à vista"!

Para que não engordemos o elevado índice de mortalidade, os nossos organismos devem estar preparados para tolerarem o espaço reduzido, o calor insuportável, a sede, a fome, as epidemias ocasionadas pela falta de higiene, os espancamentos e os duelos tribais, bastante comuns numa órbita onde são amontoadas pessoas de diferentes culturas.

Caso você seja uma leitora, prepare-se também para ser violentada por toda a

tripulação, pelo tempo que durar a navegação. Daqui pra frente, sendo do gênero feminino, a violência sexual será uma constante em sua vida!

Dormir nunca é uma boa ideia, pois é nessa hora que as baratas, as moscas e os ratos, aproveitam para se alimentar em nossas feridas. Devemos evitar ao máximo que isso ocorra, afinal, eles são agentes transmissores de doenças e nós sabemos o destino dos enfermos... AH, você não sabe? Os moribundos são jogados ao mar, para aliviar o peso da embarcação! Por muitos e muitos anos, homens, mulheres e crianças negras, boiando ainda vivos em mares revoltos, fizeram parte do cardápio da fauna marítima!

Pro mercador europeu, a personificação do demônio, o navio negreiro funciona como um selecionador natural dos mais fortes. Aqueles que sobrevivem ao doloroso percurso, seguramente estão aptos a lidar com qualquer tarefa árdua imposta por seus senhores. O pior é saber, que assim que formos submetidos as ordens e aos castigos impiedosos do homem branco que nos comprar, os dentes dos tubarões parecerão afagos de nossas carinhosas mães. Bastará uma semana aos cuidados de um feitor, para preferirmos termos sido devorados pelos maiores predadores dos oceanos.

Depois de tortuosos e aflitivos 40 dias, a âncora é jogada! Aos berros de "anda negro imundo" e a base de chibatadas, somos levados aos galpões dos portos. Esses galpões têm uma particularidade... Eles se parecem e muito, com um estabelecimento, que infelizmente, os nossos descendentes conhecerão algumas décadas a frente: "a prisão"! Por ora, a sua função não é correcional, mas sim, camufladora! É preciso disfarçar o nosso estado físico deplorável. Se por algum motivo, a ficha ainda não caiu, eu explico... Os subjugadores, nos metamorfosearam em instrumentos de trabalho. Para eles somos equipamentos irracionais e sem coração, trazidos para América para serem vendidos! Não se vende um carro, sem antes dar um polimento para deixá-lo com aparência de novo. Para que as "mercadorias" não percam o seu valor de mercado, nos dão alimentos para recuperarmos parte do peso perdido, raspam nossos cabelos, passam óleo de palma em nossos corpos e esfregam raízes em nossas gengivas. Num negócio em que a igreja leva 5%, a queda de preços seria um sacrilégio!

Como o processo de embelezamento não visa o nosso bem-estar, se prepare para encarar todas as intempéries climáticas, vestido com uma ceroula e um lenço amarrado na testa. Basta apenas um retoque final e já partiremos rumo a uma praça pública, onde acontece os leilões de seres humanos... **TCHIZZZZZZZZZZ...** Pronto! Fala a verdade, dessa vez a queimadura com ferro em brasa nem doeu. Esse fenômeno, se deve ao fato de estarmos anestesiados, devido ao volume intenso de suplícios que sofremos até então.

Começou o leilão! Para sua segurança, é aconselhável deixar as dezenas de olhos que te fitam inspecionar todas as partes do seu corpo, como se verificassem a um cavalo. Os homens e as mulheres com portes físicos mais avantajados são os mais caros. Serão destinados às lavouras: o campo de trabalhos forçados mais implacável da história. Nesse corredor da morte, o excesso de afazeres, somado a uma alimentação precária e a violência dos capatazes, debilitam a nossa saúde a tal ponto,

que nem por uma obra divina conseguimos resistir por dez anos. Os que tem a pele mais clara e se comportam de uma forma menos arredia serão usados nos serviços domésticos, o **que,** absolutamente, não significa uma expectativa de vida maior! Mesmo com melhores vestimentas e alimentação, definharão devido ao Banzo (saudade da África e da família). Muitas vezes, a depressão e a melancolia não carecem de 6 meses para libertar a alma de um corpo fustigado.

- Dou-lhe uma, dou-lhe duas, dou-lhe três... Vendido para o cavalheiro de chapéu.

A nossa breve amizade termina aqui! Quer dizer, todos os laços fraternos, sejam eles de afeição ou consanguíneos, terminam aqui. Essa é a última vez que nos veremos. A última vez que os pais olharão para a sua prole. Não há como conter as lágrimas presenciando a cena indescritível de filhos pequenos sendo separados das mães, que aos prantos se contorcem pelo chão, implorando cm seu idioma para que não os tirem de suas companhias.

Só falta agora alguns trâmites burocráticos, como a assinatura do contrato de compra e venda e o recolhimento da nota fiscal e estaremos livres... Livres para partir a pé e amarrados em carroças, rumo as fazendas, de onde só sairemos por meio da morte ou de uma fuga.

Em respeito a todo martírio que juntos vivemos, peço encarecidamente que você compreenda que: trocarão o seu nome e sobrenome; que te descarnarão em público para dar exemplos aos iguais a você, do que acontece aos insubordinados; que te explorarão até o esgotar de suas forças; que te submeterão as situações mais vexatórias e humilhantes que uma pessoa pode suportar, mas só te vencerão quando fizerem as suas raízes serem anuladas nos arquivos de sua memória! Um de nós, só está morto, quando o desejo de liberdade e justiça morre em nosso espírito. Gostaria muito que você contrariasse as estatísticas e conseguisse permanecer vivo até o dia 13 de maio de 1888, para conhecer a verdade. Nesse caso, o conhecimento da verdade não libertará ninguém!

É claro que o pequeno passeio de barco e, posteriormente, a nossa venda como objetos inertes foram situações ficcionais... De todo modo, essa forma de ilustração, serviu para exemplificar, que dentro de uma política negacionista, somente a possibilidade surreal de entrar em uma máquina do tempo e reviver na própria carne as agruras mencionadas, faria com que todos enxergassem, realmente, o que foi a escravidão. Levar um tiro é completamente diferente de ler sobre um tiro!

Apenas um deslocamento entre as eras seria capaz de fazer com que se tornasse consenso entre as comunidades pobres, que não se pode deixar que a educação convencional apague ou romanceie essa mácula na evolução ou na involução nacional. Apenas um deslocamento entre as eras seria capaz de fazer com que se tornasse consenso entre as comunidades pobres, que não se pode permitir que a contrainformação atue para remover a mancha da servidão, da ficha de antecedentes criminais do Brasil.

Infelizmente, sem o carango do "De Volta Para o Futuro, os cidadãos marginalizados se encontram completamente órfãos para formar opiniões acertadas

acerca da temática. Por total desconhecimento de causa, são levados a erros grosseiros, como acreditar, que na atualidade a mega população de famélicos, a favelização das periferias e a explosão da criminalidade, nada tem a ver com as casas grandes e senzalas. Por total desconhecimento de causa, são levados a erros grosseiros, como acreditar, que a escravatura foi realmente abolida e que a libertação dos cativos teria sido um ato de solidariedade da "bondosa monarquia". Eu mesmo cresci crendo, piamente, que a princesa Isabel era a grande redentora da população negra. Se eu não tivesse me afastado das armas, das drogas lícitas e ilícitas, renegado grande parte do ensinamento escolar e adotado um hábito bastante incomum nas favelas: o de ler jamais teria descoberto que o "13 de maio" é uma farsa!

O conhecimento de rua, não me fez um extremista ultrarradical, mas um inconformado nato, disposto a combater com unhas e dentes, qualquer tipo de mentira criada pelo despotismo burguês! Os livros surrados dos sebos incutiram no meu genoma, a necessidade de trazer à tona a contraversão da história. Os livros surrados dos sebos incutiram no meu genoma, a necessidade de tirar as ataduras que cobrem as feridas que nunca cicatrizam. Não posso aceitar, que dos poucos que com orgulho se autodenominam: negros muitos tenham como a sua salvadora, a tal regente do império, que pela causa abolicionista fez, tão somente, um rabisco numa folha de papel!

Para se compreender a promulgação da Lei Áurea é preciso, antes de mais nada, se entender o contexto em que ela foi decretada.

Após a Independência dos Estados Unidos (1776), a Revolução Francesa (1789) e principalmente, o levante de escravos que resultou na independência do Haiti (1804), os pensamentos iluministas, entre eles: o abolicionista passaram a exercer uma enorme influência nos países ocidentais.

No decorrer de décadas, dos canaviais aos setores mais requintados da sociedade brasileira, a tríade: igualdade, fraternidade e liberdade foi arregimentando mais e mais adeptos, até conceber um sólido e permanente movimento abolicionista.

Junto ao crescimento do ideário libertário, cresciam as fugas em massa dos cativos, os quilombos e as pressões da Inglaterra, maior potência capitalista da época e maior parceira comercial e agiota do Brasil, após o seu rompimento com Portugal. Os ingleses exigiam ferozmente, que o governo brasileiro extinguisse o tráfico negreiro.

Os britânicos não eram abolicionistas por razões humanitárias, mas econômicas! Com o advento da revolução industrial, eles precisavam de novos mercados para empurrar seus produtos, desta forma, enxergavam na população escravizada e nos seus senhores, um campo fértil e promissor.

Uma vez substituído o trabalho servil pelo assalariado, os homens negros e seus antigos donos teriam dinheiro para adquirir as suas manufaturas. O primeiro grupo receberia pagamentos por seus serviços, enquanto o segundo, não mais gastaria as suas finanças comprando gente.

Acuado e sem alternativas, em 1831, o império local foi obrigado a celebrar um acordo (o qual não cumpriria), onde ficou estabelecido que daquela data em diante, o comércio intercontinental de africanos estava terminantemente proibido e que

todos os escravos que entrassem no país estariam livres.

Como não era um hábito da corte carnavalesca respeitar decretos favoráveis a qualquer tipo de emancipação, no ano de 1845, os ingleses se viram forçados a promulgar uma lei chamada: "Bill Aberdeen", que dava a sua marinha, plenos direitos de perseguir e abater os navios contrabandistas, mesmo em portos nacionais.

Em consequência das intervenções militares britânicas, cinco anos mais tarde seria sancionada a lei Eusébio de Queiroz, cujo desígnio foi encerrar, definitivamente (novamente), o tráfico negreiro em nossa pátria. Perceba que essa norma, surge apenas, para ratificar o feito produzido pelas armas e imposições inglesas. O resultado prático do dificultamento na travessia dos tumbeiros, foi o inflacionamento do valor do escravo vindo de fora e o nascimento da comercialização inter-regional e interprovincial de seres humanos. Com o aumento substancial dos preços, os africanos e os afrodescendentes se transformaram numa espécie de artigo de luxo, inviável para a maioria dos senhores.

Paralela aos acontecimentos do Brasil, explode uma crise no sistema colonial da Europa, que torna a mão de obra do imigrante barata e atrativa. Desta maneira, para a totalidade dos fazendeiros, contratar europeus "brancos"' passa a ser mais compensador, do que comprar um escravo. Em outros capítulos desta obra, falarei mais detalhadamente sobre essa contratação de europeus brancos.

O homem sequestrado da África, nesse momento da história, representava um investimento pouco rentável e com enormes riscos de perda, pois consumia alimentação, podia adoecer, demandava funcionários para vigiá-lo e fazè-lo produzir, podia ainda empreender fuga e vir a falecer num período de cinco a dez anos, em decorrência dos trabalhos inumanos, da saudade ou dos castigos recebidos.

Nessa conturbada atmosfera, diversos dos antigos escravocratas, não só deixam de manifestar objeções a libertação em massa, como passam a apoiá-la. O alforriamento total nesse instante se apresenta como a solução, para se evitar desavenças entre as famílias ricas, como por exemplo: os corriqueiros conflitos originados com as invasões de escravos fugitivos de propriedade do vizinho (A), nas terras do vizinho (B). Já que agora não eram mais úteis, os ocupantes das senzalas e troncos deveriam ir embora, com uma mão na frente e outra atrás, para que eventuais prejuízos aos ex-amos fossem evitados.

Com a adesão de boa parte da sociedade, cada um defendendo os seus interesses, no ano de 1860, a abolição da escravatura era a palavra de ordem! Com o apoio maciço de intelectuais, artistas, jornalistas, parlamentares e militares, entre outros, o paraíso tropical racista testemunhava algo parecido com o que vimos nas campanhas pelas Diretas Já e pelo Impeachment do ex-presidente Collor.

A essa altura, praticamente o único grupo que ainda se mantinha contrário ao desejo geral de liberdade eram os cafeicultores. A explicação se devia ao fato do café representar a base da economia brasileira da época. As fortunas oriundas dos cafezais, eram suficientes para que os barões financiassem a continuidade da escravidão.

Para tentar amenizar o clamor popular e adiar ao máximo o alforriamento oficial,

o "governo redentor" deu duas cartadas finais... Criou a "Lei do Ventre Livre (1871)", que declarava livres todos os nascidos de mãe escrava a partir de sua promulgação e ainda permitia que aquele que juntasse dinheiro comprasse a sua alforria e a "Lei dos Sexagenários (1885)", que declarava livre os escravos com mais de 65 anos. A elaboração dessas normas, não visava unicamente enganar e inquietar o movimento civil, mas, também, libertar os escravagistas da obrigação de sustentar os novos cativos e os idosos que conseguissem a proeza de envelhecer.

Quando lemos que o branco roubava a liberdade do negro e depois vendia a ele, se este conseguisse comprá-la mesmo sem emprego remunerado, ficamos perplexos. A tal perplexidade ocorre em razão de esquecermos, que essa é uma prática normal em nossas vizinhanças. É só prestarmos atenção, que veremos todos os dias senhoras de cabelos brancos ou jovens esposas aflitas, juntando moedas para pagar os advogados de seus filhos e maridos, para tentar tirá-los de cadeias!

A desesperada manobra imperial, além de não ter sido suficiente para acalmar os ânimos, produziu um efeito colateral: revelou a todos os partidários dos princípios abolicionistas, que o governo estava cedendo. Daí pra frente, as manifestações se intensificaram criando uma tendência incontrolável, que mais cedo ou mais tarde culminaria na libertação à força dos escravos, na deposição da monarquia e na morte certa de todos os membros da realeza. Um levante aos moldes do ocorrido no Haiti, estava prestes a explodir. Os homens negros estavam prestes a dominar o trono!

Ciente de que era impossível conter a insurgência total de um contingente escravizado tão numeroso, a princesa tomou a única providência que ainda a manteria no poder: atendeu a ordenação popular!

E, assim, no dia 13 de maio de 1888, por livre e pura pressão dos cidadãos negros, dos movimentos abolicionistas e dos estrangeiros, a regente do império: Isabel Cristina Leopoldina Augusta Micaela Gabriela Rafaela Gonzaga de Bragança e Bourbon, assinou com uma pena de ouro, a Lei Aurea.

Provavelmente você deve ter achado, que este trecho que fala sobre o contexto o qual a Lei Aurea foi decretada, tenha ficado parecido com os textos de um livro de história... De fato, sem as distorções seria bem próximo a isso que estudaríamos no ensino fundamental e médio. Sem a manipulação branca das informações, qualquer criança saberia, que bem diferente do que nos empurraram goela a baixo nas salas de aula, a abolição não foi uma doação da monarquia e sim, uma conquista popular. A festejada Lei Aurea foi assinada, porque o império não conseguiu abafar as convulsões populares! Os cidadãos negros, são os principais responsáveis por esse episódio! Muitos deles, através de batalhas travadas contra os seus carrascos, já tinham se feito livres de fato, o "precioso documento", só lhes concedeu a liberdade de direito.

Sem os aspectos que formaram a conjuntura que descrevi, com certeza, ainda hoje, estariam desembarcando novos lotes de pessoas em nossas praias. Ainda hoje, haveriam os criatórios, onde eram realizadas relações sexuais forçadas entre escravos, para que os filhos resultantes dessas violações fossem vendidos. Ainda hoje, seres humanos seriam contados em senzalas por um feitor-mor. Opa! Cometi

um ato falho! Os seres humanos pobres ainda são contados... Só que agora a contagem é feita em presídios e pelos agentes penitenciários!

A princesa "redentora", "libertadora" e "salvadora", simplesmente reconheceu uma situação que já existia. Ela, apenas, deu a situação respaldo de libertação jurídica. Ela, apenas, simulou a abolição da escravatura de forma documental, no último país da face da Terra a manter um regime de escravidão africana. Ela, apenas, libertou os senhores de escravos das responsabilidades futuras sobre seus ex-servos e seus possíveis atos criminosos fora de seus domínios.

Se tem duas palavras que não combinam com o enredo "final" desse processo de "libertação", são: filantropia e doação.

A nobre "redentora" era tão caridosa que se esqueceu de adicionar alguns itens básicos a liberdade "dada de presente". Dentro dessa tal lei, tida como um donativo real, não havia nenhum artigo ou parágrafo prevendo que os homens "libertos" deveriam ser integrados a sociedade, ter direito à cidadania e a ascensão social. Não havia nenhum artigo ou parágrafo prevendo que as pessoas "alforriadas" deveriam ser recompensadas pela contribuição dada a pátria que tanto as desprezou, as desprezava e as desprezaria por toda a eternidade. Aliás, a sonhada norma, que demandou séculos de derramamento de sangue para ser aprovada, continha somente dois artigos. Isso mesmo que você leu!

Após quase 400 anos de violência, exploração, cárcere privado **e** opressão, a primeira lei que, teoricamente, favorecia o povo negro, se resumia em dois míseros artigos;

Art. 1º É declarada extinta desde a data desta lei a escravidão no Brasil.
Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário.

A emancipação jurídica, não emancipou qualquer cidadão negro da condição de subalterno, imposta pelo dominador! Ela formalizou a entrega de milhões de vítimas à própria sorte, as sentenciando às favelas, aos subempregos, ao desemprego, à mendicância, ao iletramento operacional, à delinquência, ao banco dos réus, às instituições prisionais, aos níveis precários de saúde e aos calamitosos índices de mortalidade. Aqueles que não haviam ganho a liberdade, também não receberam de "vossa majestade" nenhuma carta de doação, lhes conferindo a posse de capitanias, sesmarias ou até mesmo de quilombos. Falando em quilombos, nesse exato momento, algumas comunidades negras lutam judicialmente para que se cumpra o direito constitucional de ocupação das regiões em que eram localizados os antigos focos de resistência. Os "alforriados" não foram presenteados com propriedades, cavalos, gado, galinhas, porcos ou sementes. Não receberam pelos dias trabalhados. Não lhes foi dado qualquer tipo de seguridade social e, muito menos, cargos remunerados. Enfim, os "filantropos da corte" não elaboraram uma única providência, que promovesse a introdução da imensidão composta por novas "pessoas livres" à sociedade.

O direito de ser livre conquistado na marra, significou: milhares de penas perpétuas nas masmorras da carência absoluta.

Os que sobreviveram ao sal e o sumo de limão, jogados sob as fraturas expostas provocadas pelos porretes dos capitães do mato, passariam a vagar desorientados e sem perspectivas de vida, a procura de ambientes que oferecessem menor rejeição. Mal podiam imaginar, que enquanto eles, seus filhos, netos, bisnetos, etc. respirassem, estariam condenados a brutal hostilização, por conta de seus traços físicos e da quantidade de melanina em seus corpos. Da primeira geração de libertos às gerações subsequentes, todas viveriam, infinitamente, sob as amarras do ódio e do preconceito racial.

A escravatura se adaptaria aos tempos de "alforria", em todas as culturas de todos os países. No Brasil, ela sofreria mutações, ganharia novas denominações, mas manteria a sua força de atuação, mesmo depois que legisladores fossem forçados por movimentos negros, a assegurar à população mais castigada pelos heróis dos livros didáticos, direitos e garantias fundamentais, iguais aos dos homens brancos.

A abertura dos portões das fazendas, não foi suficiente para fazer com que os ex-escravos se sentissem parte integrante da nação erguida sob os ossos de sua gente. Ao tempo em que eram retirados os grilhões dos pés, fortificavam-se os grilhões sob a cor da pele. Os descendentes dos africanos desterrados, sucumbiriam a um processo de despatriamento, que jamais os deixaria se considerar pertencentes a sua própria pátria.

A negação à cidadania, os transformaria numa espécie de estrangeiros, na terra onde suas mães os trouxeram à vida. Não eram africanos, porque não haviam nascido na Africa e não eram brasileiros, porque os membros da elite, muitos deles amamentados por amas negras, preferiam a morte a aceitá-los condo compatriotas.

Uma rápida explicação... Não estou insinuando que os homens negros sonhavam com o amor do opressor ou com a integração à sua corja de sádicos, nada disso! Não queriam visitá-los aos domingos levando uma torta de maçã, ao contrário, queriam linchá-los e enforcá-los, a exemplo do que faziam os capangas dos senhores de engenho. Contudo, para serem inseridos oficialmente na sociedade branca e para se sentirem parte dela, precisavam ser aceitos nas suas escolas, universidades, empresas, órgãos públicos, política, etc... Ainda nos dias atuais, sem as concessões da classe dominante, não há como se alterar a condição espectral dos que compõem os cinturões de miséria. Em síntese, em qualquer época, um afrodescendente a par da real trajetória de seus antepassados, nunca se sentiu filho do país que, ora enclausurou seu povo em senzalas, ora cm guetos, prisões de segurança máxima e urnas funerárias. Todo habitante da periferia sabe bem o que estou falando, afinal, nos sentimos como verdadeiros penetras numa festa!

Volto aqui a destacar a importância do RAP no desenvolvimento da identidade dos jovens da periferia. Dos anos 80 para cá, não existiu no Brasil um instrumento de transformação, que colaborasse tanto para a afirmação da juventude pobre e afra, quanto a trilha sonora das favelas. Através das rimas ousadas dos rappers (especialmente os considerados radicais como eu,) crianças, adolescentes e adultos, começaram a conhecer parte de sua verdadeira história e a ter acesso a personagens, até então, mantidos no anonimato. De uma hora para outra, aqueles que não tinham nomes e feitos grandiosos para celebrarem e se espelharem, foram agraciados com:

Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, Anastácia, Nelson Mandela, principal representante do movimento antiapartheid e primeiro presidente negro da África do Sul, Malcolm X, o Dr. Martin Luther King e o seu famoso discurso; "I Have a Dream" (Eu Tenho Um Sonho), os militantes dos Black Panthers (Panteras Negras) entre vários outros por mim não mencionados. Depois de descobrirem que os seus ancestrais, mesmo tendo vindo para América acorrenta dos como animais, eram reis, rainhas, príncipes, princesas e grandes guerreiros, inúmeros descendentes passaram a valorizar a negritude e a expor com orgulho um estilo de vida próprio, traduzido em penteados, vestimentas, linguajar, música, atitude e ideologia. A canção marginalizada dos Eduardos da vida, fez com que muitos entendessem que não somos dejetos sociais, expelidos após a mastigação e a digestão dos 10% que dão as cartas no poker da ganância. Daqueles que foram afetados e contagiados pelas notas musicais geradas nos PCs instalados em barracos e pelas narrativas escritas por mãos de semelhantes, poucos ainda tentam fugir da opressão, renegando a sua cor e se auto intitulando: PARDO.

No tópico "História Negra", o rap fez o papel dos livros escolares. Foi atuante e incisivo, onde os educadores foram passivos e omissos. Os moleques semianalfabetos, trajando toucas, bonés, lenços e calças largas, deram à população dos morros e bairros esquecidos, aquilo que jamais se pensou que ela poderia ter: AUTO-ESTIMA! A última coisa que se podia esperar de uma pessoa flagelada pelo descaso público, levada a um estado de brutalização total, e que ela, um dia, viesse a ter amor e respeito próprio. Não é mera falácia minha... Diante do gigantismo da problemática, operamos um milagre com as nossas canetas, microfones e coragem. Quebrando todos os prognósticos e projeções, fizemos com que, hoje, se tornasse comum nas chamadas áreas de risco, a circulação de garotos com cabelos Black Power, vestidos com camisetas que carregam dizeres do tipo: 100% Negro!

Todavia, não podemos nos satisfazer com conquistas parciais. Ter noção sobre as nossas raízes e orgulho étnico é um grande passo rumo ao patamar ideal de justiça, mas, ainda assim, é uma tímida evolução dentro da distância que temos de percorrer. Mesmo com avanços e algumas demonstrações esporádicas de consciência a respeito do assunto, não deixamos de formar o clube dos cérebros mais escravizados de todos os tempos! Nós, os cativos assalariados, trabalhamos, moramos, nos vestimos, nos alimentamos de maneira igual ou inferior aos escravos do passado, custamos bem menos aos patrões e, ao final, nos comportamos de maneira mais dócil e obediente. Comparados a eles, somos absurdamente mais domesticáveis!

Em navios negreiros ou lavouras, os homens preteridos pela história branca, lutaram incansavelmente contra o sistema tirânico de sua época. Durante o período apresentado como: escravidão oficial existia um sentimento único entre os martirizados: a sede por liberdade. Esse sonho coletivo era tão intenso, que fazia com que todos se juntassem para tramar contra os seus algozes. Eles eram servos por coação física e não porque admitiam ser chicoteados. Os seus pensamentos, nunca foram dominados. Ao refletir sobre esse entrosamento de ideias em tomo de um objetivo, sinto uma inevitável inveja! E difícil imaginar uma obstinação geral desse porte, quando se vive numa atmosfera desunida, em que se um operário ousar

a danificar, deliberadamente, uma das linhas de produção desumanas da classe patronal, será prontamente delatado por um encarregado, tão escravo, quanto o sabotador.

Bem mais do que estudar sobre personagens e seus feitos, temos que adotar os exemplos que nos mostram o tamanho de nossa força. O povo quando se revolta e age torna se, praticamente, invencível! O Quilombo dos Palmares, sem armas equivalentes aos dos adversários, conseguiu resistir durante 65 anos. Este tipo de refúgio, entre outras coisas, nos dá mostras de que podemos ser autossustentáveis. Entre outras coisas, nos dá mostras de que somos capazes de gerir os nossos negócios e destinos e de que as consequências de nossas rebeliões podem ser benéficas!

Está na hora de anularmos este contrato social unilateral, assinado há séculos atrás. Os nossos filhos e netos não podem viver em uma sociedade, onde os direitos dos afrodescendentcs, dos indígenas e dos mestiços pobres, estão condicionados as vontades dos novos senhores de engenho. Onde os direitos dos menos favorecidos e marginalizados, estão condicionados aos caprichos dos novos senhores de engenho, os agora, senhores dos bancos, das indústrias, do comércio, da política e da alta classe. A indignação tem que nos incomodar diuturnamente, como se fosse uma febre de 40 graus.

Não podemos esquecer, por um segundo, que fazemos parte de um dos inúmeros povos sequelados pelo egoísmo abominável do homem branco europeu do passado. Temos de resistir aos raios hipnóticos da alienação lançados pelas escolas e veículos de comunicação e tentar recuperar o que parece irrecuperável. Eu moro em um lugar, onde se você deixar de pagar uma dívida de um real, abrem o seu crânio com uma faca de pão igual a uma melancia. Não posso aconselhar os frutos de uma das maiores catástrofes da humanidade a deixar quieto. Se fomos ensinados a não perdoar o mano que nos deve uma moeda, então porque devemos relevar as contas da burguesia? Porque devemos relevar quase 500 anos de racismo, preconceito e desigualdade?

Creio que neste ponto do capítulo, o leitor já tenha percebido que eu não terei êxito na missão de contabilizar o saldo devedor da playboyzada. Não só eu, como qualquer um que tente fazer esta soma, fracassará!

Chegamos ao X da questão! Não é preciso ser um expert em matemática, para compreender que nesse tema, não há maneira de nos aproximarmos de valores monetários corretos. Desta forma, conclui-se: já que não podem acertar a pendência com maços de dinheiro, é obrigatório que a amortizem com a inserção do povo desassistido na estrutura socioeconômica e cultural do país. Essa solução não cobre, sequer os juros da dívida, mas, ao menos, se apresenta como a única opção com algum teor reparatório. O pior é saber, que mesmo saindo tão barato para os canalhas, eles se recusam a promover a quitação. Digo barato, porque só no Brasil que a democratização dos meios de ascensão pessoal e profissional, é considerada um tipo de reembolso. Em países civilizados, a evolução da nação é um dever do Estado!

Os opressores deveriam soltar caixas e mais caixas de rojões, por exigirmos

como indenização aquilo que já deve ser nosso por direito. Se fossemos pleitear a justiça ao pé da letra, os vermes do topo da pirâmide teriam que enviar frotas de carros-fortes com destino às favelas. Isso, sem me esquecer das chaves dos automóveis blindados e das coberturas de luxo!

Será que, no mínimo, não merece oportunidades iguais, um povo que teve cerca de 10 milhões de antepassados sequestrados de seu continente para serem consumidos pela rotina exaustiva e assassina do chamado Novo Mundo? Será que, no mínimo, não merece oportunidades iguais um povo que teve riscado do mapa dinastias, tribos, clãs, deuses, religiões, nomes, idiomas, dialetos, costumes, tradições e a sua soberania? Será que, no mínimo, não merece oportunidades iguais um povo que foi doutrinado por uma igreja, que não fazia objeção ao escravismo, a acreditar que aqueles **que** tentavam fugir das correntes eram indignos da graça de Deus?

Um rápido comentário... A concepção de pecado por parte do clero nesse ciclo medonho era hilária, para não se dizer, assombrosa. Escravizar, representava uma obra divina, enquanto a insurgência contra as sessões públicas de tortura nos pelourinhos, era tida como uma transgressão dos preceitos religiosos.

Esse povo merecia, no mínimo, que o Estatuto da Igualdade Racial, aprovado pela Comissão de Constituição e Justiça do Senado no dia 16 de junho de 2010, após dez anos de tramitação no Congresso, garantisse percentuais de vagas em seu favor em universidades, partidos políticos, empresas, órgãos governamentais e canais de comunicação.

O dia 16 de junho de 2010, assim como o dia do sancionamento do projeto pelo presidente da república, 20 de julho do mesmo ano, são mais algumas datas à serem jogadas no baú das conquistas pouco comemoráveis! Fazem parte do velho esquema de concessões do opressor, realizadas para atender à dois propósitos: acalmar reivindicantes e simular vitórias populares. Lembra das jogadas da Lei do Ventre livre, Lei Dos Sexagenários e da Lei Áurea? É bem por aí...

Nós, os militantes da causa, não podemos baixar a guarda da convicção nem por um piscar de olhos, pois estamos lidando com raposas demoníacas, dispostas a tudo para fugirem de suas responsabilidades.

Se acreditarmos em suas palavras, teremos até de ignorar a existência dos negros. Afinal, de acordo com os seus geneticistas, eles não existem no campo genético. A moda atual entre as "mentes brilhantes" da burguesia, é confundir a todos, fazendo uso do discurso que anula o conceito de raças. Segundo os interessados em não promover qualquer tipo de compensação, geneticamente só existe a raça humana, seria injusto beneficiar alguém, com base em suas características físicas. Garanto que na visão da polícia, não existe uma raça única! Na hora cm que os robôs fardados engatilham as suas armas e as descarregam nas costas de um menino negro, o fazem visando um membro da raça negra! Da mesma forma, quando o empregador racista reprova um candidato negro a um cargo em sua firma, o faz em sinal de repúdio a raça negra. Porque a cor da pele não pode valer como critério de inclusão, quando ela é parâmetro para exclusão daqueles que carregam o fardo mais pesado deixado pelo período colonial e imperial?

Não podemos perdoar o que houve aqui! Não há como se fazer uma Comissão

de Verdade e Reconciliação, nos moldes da CVR. sul-africana, esperando que agressores e agredidos deem as mãos! Aliás, das mãos dos novos escravizadores, devemos exigir assinaturas em tratados de natureza indenizatória e não gestos de afinidade, amizade ou confiança.

Eu não podia falar sobre as nossas praias com grãos de chumbo e águas cristalinas, contaminadas por carne humana em decomposição, sem antes dar crédito aos seus idealizadores. Eu não podia falar sobre o fogo que desintegra os corpos castigados pelo cotidiano impiedoso, sem antes dar crédito aos precursores do nosso inferno! Seria um grande lapso de minha parte, deixar de mencionar a contribuição criminosa dos brancos europeus do passado, para o nosso estado de **Guerra Não Declarada!** Eles são a pedra fundamental da tragédia contemporânea que nos sufoca!

Temos uma política totalmente desonesta, uma burguesia sanguessuga que vive da exploração dos menos favorecidos e uma polícia racista, despreparada e genocida, mas não podemos ignorar onde tudo começou.

A "nobre" classificação brasileira, como o 10° país mais desigual do planeta, está ligada como irmãos Siameses as mentes psicóticas dos estrangeiros gananciosos, que descarrilaram os vagões do trem do destino de inúmeras nações.

O processo sócio histórico, comum em todas as ex-colônias, no Brasil centralizou nas mãos das oligarquias a riqueza, a distribuição de renda, a informação e os poderes de decisões governamentais. Restando ao povo a pobreza crescente, a marginalidade, o desemprego, os cargos braçais, os piores salários e todas as facetas da violência. As capitanias hereditárias e as sesmarias dadas de presentes à donatários e colonos, assim como todas as prerrogativas provenientes delas, foram repassadas por vias ilícitas (não por direito de sucessão) de pai pra filho. Da mesma maneira, o preconceito, a discriminação e a miséria ultra extrema, que degolava as antigas maiorias dominadas, também se enquadraram, perfeitamente, no conceito de hereditariedade.

Além dos bens materiais e a ausência deles, uma outra espécie de herança foi transmitida ao Homo Sapiens e ao Homo Money do futuro: "a lei geral de acumulação capitalista"! Por trás de todos os sistemas de governo, este regime monetário, cruel e desumano, foi disseminado como uma peste. Independente do modo administrativo: colonial, imperial ou republicano a base da organização social em vigor, sempre foi a acumulação de capital correspondente ao acúmulo de indigência. Em outras palavras: fortunas milionárias num polo e escravidão, desinformação, embrutecimento e degradação moral no outro.

O desiquilíbrio geral entre escravizadores e escravos, colocou o rico na era globalizada do livre mercado gerindo seus negócios para obtenção de lucros e patrimônios, enquanto os pobres vivem como camponeses da época feudal, trabalhando em fazendas e empresas, apenas para prover ganhos aos donos ilegítimos dos meios de produção.

No Brasil "emergente", tido como a potência que erradicará a miséria em 2016, ainda é flagrante uma das maiores características coloniais: "o privilégio do nascimento e do sobrenome". A aristocracia nacional conservou a antiga crença, de

que os seus pares foram selecionados a dedo pelo criador. Fico pensando... Que tipo de Deus escolheria a escória da humanidade para dirigir os verdadeiros homens nobres?

Para o entendimento completo do quanto o nosso drama atual está enraizado ao ciclo sombrio das invasões e dizimações, basta nos ater ao fato de que a sesmaria é a base de todo o sistema de propriedade no Brasil e a origem do latifúndio. Partindo deste ponto, é só somar a repartição absurda das terras usurpadas dos nativos, com a libertação fictícia do povo negro esquecido até mesmo pelos grupos abolicionistas, que você compreenderá com exatidão a fonte das disparidades sociais e culturais que nos assolam. Aliás, com este pequeno cálculo matemático, entre outras coisas, você também compreenderá que as classes inferiorizadas nunca foram alforriadas.

As conspirações elitistas nos sabotaram, intencionalmente, durante toda a nossa trajetória e desenvolvimento, nos permitindo ocupar, no máximo, os postos de novos "ladinos" (escravos aculturados). Os brasileiros das favelas e cortiços podem lavar o carro do boy, passar a sua roupa, servir a sua mesa e até falar a sua língua, mas jamais, almejar o seu padrão de vida.

A transferência do passado para o presente do ódio étnico-racial, da exploração e da concentração de bens, mais do que gerar bairros de um mesmo município com índices de desenvolvimento humano absurdamente diferentes, gerou uma incessável luta de classes entre os beneficiados pelo processo sócio histórico e os injustiçados. E é justamente essa luta de classes, descrita como fantasia de esquerdista, que faz com que, todos os dias, algumas das pessoas destituídas de identidade e cidadania ganhem as ruas para roubar celulares ou para colocar quilos de explosivos nas cinturas de gerentes de joalherias! Pode soar como exagero... Mas cada cantada de pneu de um carro em fuga ou cada rajada de metralhadora dos PMs em seu vidro traseiro, tem conexão direta com um reino depravado!

É obvio que a composição total de nossa selva armada e injusta, marcada pela inoperância do poder público, não se limita as práticas asquerosas dos pervertidos e totalitários de antigamente! Hoje, uma nova seita maléfica de poderosos se empenha para reverberar as atitudes dos monstros de outrora. Hoje, uma nova seita maléfica composta por estupradores, pilhadores, exploradores e assassinos, se empenha para assegurar que a violação constante dos direitos dos menos favorecidos à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, iniciada no desembarque de Pedro Álvares Cabral, não seja findada.

Quem preserva a robustez da violência superlativa, sistêmica e institucionalizada, que desintegra o atual tecido social, é a nova safra de inúteis. A mesma que garante a nossa estada, anualmente, nos postos de liderança do ranking de corrupção do relatório da Transparência Internacional. É importante destacar, a nossa "gloriosa" e inabalável supremacia nesse estudo estrangeiro, pois o mesmo, aponta os países em guerra como os mais corruptos do mundo! Neste caso, as posições de liderança, comumente ocupadas pelo Brasil, seriam meras coincidências? Tenho certeza que não.

Bem, finalizando... Somos uma nação como a maioria das ex-colônias do

homem branco demoníaco do passado: abençoada pela generosidade da mãe natureza e amaldiçoada pela ambição da esfera dominante!

A Aquarela Pós-Colonial.

Talvez eu tenha me equivocado ao usar o termo "pós" no título desse capítulo, afinal, ainda somos uma colônia! Podemos nos dias de hoje, não formarmos mais a colônia exclusiva de Portugal, mas somos o núcleo de extração dos norte-americanos e da União Europeia. A maior diferença do novo período de subserviência, é que agora os milionários brasileiros, além de comprar documentos de libertação, podem se aliar aos dominadores estrangeiros, para mandar os reféns do fiasco educacional para os seus Gulags. O canalha subdesenvolvido pode ser sócio do canalha do primeiro mundo, em empreendimentos que ferem todos os parágrafos da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

O país pseudo-industrializado exportador de matéria prima, ainda mantém em suas lavouras e galpões de montagens em série, milhares de seres nivelados aos povos mesopotâmicos. Quando digo nivelado, não faço menção às suas descobertas e avanços científicos, mas ao modo de vida rústico característico dos povos antigos. Os homens das favelas fazem parte de uma linha **de** sucessão, que sempre configurou dentro de um limbo existencial. Somos a casta que progrediu à margem do progresso! Ao tempo em que os pilhadores davam passos em direção **à** clonagem, à nanotecnologia **ou à** biotecnologia, éramos corroídos pela estagnação e a decadência.

Não fomos beneficiados com a destituição de tiranos e ditaduras. Não ouvimos o grito da independência e o anúncio da república. Não fomos noticiados sobre a "democratização" do país, a perda da democracia e a "redemocratização" de nossa própria pátria. Historicamente, participamos do processo de "crescimento" do Brasil, na posição de burros de carga! Tanto no passado, quanto no presente e certamente no futuro, os figurantes foram, são e serão proibidos de opinar e intervir nos rumos políticos e sociais de sua nação.

Os textos que deram formas à todas as constituições federais, não tiveram a nossa autoria. Tão pouco demos palpites sobre os conteúdos das leis, decretos, jurisprudências, portarias, resoluções, que encarceram, anulam e executam pessoas carentes e que garantem aos bacanas, todo o aparato e a força estatal para a proteção de seus patrimônios. A nossa gente marcou presença nas casas legislativas nacionais, batendo a massa de cimento e assentando os tijolos para o levantamento dos prédios. Raramente compusemos as mesas diretoras ou preenchemos as vagas em qualquer gabinete.

O estado democrático de direito nascido do poder patriarcal, nos tornou eleitores e elegíveis, quando as urnas já haviam provocado um dano irreversível! Quando não era mais possível caçar o poder absoluto e os títulos de nobreza e posse, concedidos no início do patrimonialismo. Quando a cordialidade alucinógena, já se

fazia enraizada no perfil psicossociológico de cada brasileiro pobre. A população manipulada, foi adestrada a se distanciar da política e a se aproximar do carnaval, para que os larápios ficassem à vontade para lapidar o seu antro de corrupção, de favores interpessoais e fraudes.

Nas plantas e maquetes da sociedade brasileira próspera, não foi reservado nenhum lugar para a nossa classe. Um ambiente multicultural e pluriétnico, nunca esteve nos planos das famílias poderosas. Era como se os projetistas do país perfeito, planejassem ao final da empreitada, embarcar todos os descendentes das raças subjugadas e inutilizadas num navio e enviá-las para a Africa. Tencionavam seguir o exemplo das nações evoluídas, que exportam os materiais que não podem ser reaproveitados. A ideia de descarte parecia sobremaneira, com a que a playboyzada executa ao término das obras de alto padrão:

- Então nordestino, acabou o serviço? A mansão tá pronta? Então toma essa merreca e vaza pra favela pra passar fome com a sua família.

Como é sabido, não foi possível se livrarem dos indesejáveis! Largados a própria sorte, alguns morriam de fome, enquanto outros matavam para findá-la.

Suprimida a ideia da travessia de volta pelo Atlântico a bordo dos tumbeiros, outra saída nesse sentido seria articulada... Os afortunados elaborariam o projeto definitivo para o convívio com as diversidades sociais, culturais e raciais. Logo, todos os menos favorecidos conheceriam o rígido pacote de normas escritas e não escritas, que legitimaria o controle das massas, através dos mecanismos legais de violência exagerada e letal. Por meio desse artifício, ficou sancionado no Brasil, que os líderes intelectualizados da plebe devem receber linchamentos morais antes e depois de serem assassinados; que os infratores das regras sociais devem ser punidos arbitrária e absurdamente, mesmo que seus crimes sejam motivados por necessidades fisiológicas como a fome e que a mão de obra deve ser inculta, para cumprir o papel exaustivo e repetitivo cabido ao maquinário, sem expressar questionamentos. Em outras palavras: pólvora e cela, para todos os que pensam ou se rebelam contra o sistema! Nesse ponto, tomando como base a matança de negros e índios protagonizada pelos antepassados dos opressores na era colonial, tenho que admitir que os brasileiros pobres deram sorte, que essa espécie de solução final ficou condicionada à alguns fatores.

Uma vez definido o espaço geográfico a ser ocupado e as tarefas a serem realizadas, passamos a constituir o exército invisível dos serventes de pedreiro, pedreiros e mestres de obra, que deixam os barracos dos subúrbios ainda de madrugada, para erguerem as estações de metrô, as escolas, os hospitais e os viadutos, que depois de prontos, ganham placas dando todos os créditos da construção à arquitetos, engenheiros, prefeitos ou governadores e suas agremiações políticas. Passamos a constituir o exército invisível dos ambulantes, carroceiros, pedintes, menores abandonados, carregadores de água, empregados domésticos, porteiros, garis, carteiros, moto-boys, etc... Nos transformaram no contingente fantasmagórico, que na prática, não tem liberdade individual, liberdade de expressão, pensamento e fé, liberdade de ir e vir, direito à propriedade e justiça, direito à vida,

à infância e à educação digna e de qualidade. Em vingança a alforria forçada, os escravizadores condenaram todos os "libertos" e suas gerações futuras, à invisibilidade pública, à estigmatização e à discriminação. Desta forma, biologicamente somos seres humanos, enquanto, socialmente não existimos! Não povoamos o imaginário da aristocracia dominadora. Sem as granadas com os pinos retirados, nós não somos visualizados mentalmente e fisicamente pelos patifes de Rolex.

E o que isso quer dizer?

Quer dizer, que quando escreveram o artigo 6º da carta magna de 1988, os seus idealizadores não tiveram a pretensão de prover qualquer tipo de assistência para a legião de famélicos, simplesmente, porque ela não habitava nenhum dos conscientes ou subconscientes dos legisladores. Quer dizer, que o inimigo não desenvolve e aprova leis, para que os despossuídos se aproximem da longínqua cidadania, mas para que as suas garagens ganhem novos utilitários de luxo.

Com qual finalidade fariam normas para atender aqueles que eles julgam não existir?

Para a burguesia e seu Estado genocida, só deixamos o cosmo espectral, quando somos presenteados com antecedentes criminais. Ao assinarmos as confissões pós-tortura em distritos policiais, ganhamos vida oficialmente. Saímos da escuridão e passamos a ser enxergados por todos, em todos os setores sofisticados da sociedade. Nesse ponto encontramos um lado benéfico na violência que nos obrigam a praticar; ela surge como um instrumento de afirmação e inclusão. É um grito de:

- **Hey, arrombados malditos, eu existo!**
- **Hey, arrombados malditos, eu também quero usufruir das benesses do paraíso tropical.**

O fenômeno Ghost é tão acentuado, que no lançamento de novos empreendimentos imobiliários, os pobres contratados para segurar setas e cartazes ou distribuir panfletos, precisam estar com maquiagem de palhaço ou roupas coloridas para chamarem a atenção. De outra maneira, não seriam vistos pelos clientes pretendidos pelos donos do negócio. Os olhos dos boys são programados para não verem favelados, por isso é preciso que os corretores de imóveis destruam a imagem convencional da miséria e construam uma imagem cênica para por no lugar. Existe algo mais humilhante, do que nos vestirmos desta forma vexatória, para enriquecermos patrões vendendo seus produtos?

Na órbita que gravitam os grã-finos, os espectros não podem ser visíveis! Para que o ambiente não seja "poluído" com nossa presença, devemos sair dos guetos apenas para trabalhar. Só lembrando, que para eles, não somos pessoas, somos funções sociais. Aceitam conviver conosco, desde que subamos pelos elevadores de serviço e não tenham que nos desejar bom dia. No Brasil moldado para o deleite dos ricos, aos cidadãos sem poder aquisitivo, que apresentam um certo grau de adaptabilidade aos desmandos e caprichos elitistas, é aberta a exceção de poderem permanecer na cozinha lustrando os talheres e os cristais. É aberta a exceção de poderem varrer o chão dos palacetes, catar as bostas dos cães de guarda e até dividir

com estes, os ossos que sobram dos banquetes. Sem os **Piá, Piá, Piá,** das ponto 50, são quase nulas as chances de escaparmos dos cargos subalternos e das sequelas mortíferas da indiferença.

O discurso mais usual entre aqueles que nos fizeram reféns na selva capitalista, é o que culpabiliza cada indivíduo flagelado por sua situação aviltante de vida, ao passo que isenta as instituições públicas e privadas. Seguindo esse sórdido raciocínio, as crianças das favelas seriam as únicas responsáveis pelo trabalho, prostituição, delinquência e abandono infantil. Não cabendo nenhum ônus do colapso social, ao infame contexto socioeconômico burguês. Esse pensamento oligárquico que nomeia a leva de bodes expiatórios, é um tanto contraditório, para não se dizer; descarado. Como que as pessoas que foram limitadas a expressar suas vontades apenas por meio de representantes eleitos, que teoricamente, tomam decisões cm seus nomes, podem conduzir os seus destinos de forma independente? Se não nos deram condições de gerir os rumos do país, como **é** possível que gerenciemos o nosso presente e futuro? Quando vencemos a miséria por conta própria, a vitória é atribuída ao Estado! Quando sucumbimos a miséria, os mesmos alegam, que a causa seria a nossa propensão natural para o fracasso! De acordo com a tese das famílias dominantes, além de respondermos diretamente por nossa precariedade material, também responderíamos pelos índices alarmantes de violência.

Só esclarecendo, no Brasil, a palavra violência restringe-se as agressões físicas e psicológicas cometidas por cidadãos pobres. Sendo assim, exclui-se do vocabulário local e do conhecimento popular, a violência política, religiosa, institucional e cultural. Até porque, seria mais complicado arrumar laranjas pra segurar as broncas desses tipos de modalidades. Por exemplo, não dá pra jogar nas costas de um favelado, o massacre de intelecto realizado pelos órgãos de comunicação. Pra que uma mentira produza frutos, é preciso que no mínimo, ela tenha argumentos que colem. Por isso nos empurraram a fatura dos atos brutais derivados da criminalidade. Mesmo tal acusação sendo infundada e inverídica, muitos, incluindo boa parte dos moradores das favelas, a engoliram. E desde então, ficou definido, que no tocante ao surgimento dos campos de batalhas nacionais, seríamos nós, os favelados, únicos e exclusivamente, os culpados! Como é possível que tenhamos inventado, protagonizado e propagado a hecatombe, sem ter posto as mãos no Joystick direcionador?

Há controvérsias... E eu as apresento com todo prazer.

O "recanto da felicidade", onde as crises são apelidadas de marolinhas, foi desenvolvido sob toneladas e mais toneladas de gases corporais, saídos por orifícios de peles rachadas de cadáveres, em estado de putrefação avançada. A derrama infindável de sangue que respinga os nossos rostos, não nasceu nos dias atuais, trata-se de um fenômeno histórico, inaugurado na dizimação indígena. O universo militarizado que hoje abraça as ruas brasileiras, é o resultado direto, de um jeito típico de se fazer política, baseado na injustiça e na carnificina de indefesos. E uma forma tirânica de governo, que durante o colonialismo, o monarquismo, o coronelismo, a ditadura militar e as ditaduras presidencialistas elitistas, foi sendo cultivado e aprimorado, para garantir que as peças se mantivessem estáticas nos seus

"devidos lugares". É o reflexo da ideia clássica dos senhores de engenho e barões de café, de que a camada escravizada só apresenta bom comportamento e subordinação, via chicotadas. É o reflexo da ideia clássica da aristocracia, de que o Estado deve ser necessariamente autoritário e repressivo no trato com a massa de manobra. De que o Estado, no que se refere aos desprovidos de direitos políticos civis e sociais, deve exercer o papel do pai ausente e negligente.

Aos filhos bastardos, nenhum tipo de assistência, apenas punição! Os impostos cobrados destes desprezados, devem ser convertidos, unicamente, em força bruta contra os mesmos. Os impostos cobrados destes desprezados, devem servir, unicamente, de ração para alimentar o monstro abstrato que beija somente um tipo de mão. Devem servir, unicamente, para alimentar o monstro abstrato que foi constituído para regular a revolta e a penúria dos mais humildes e assegurar a longevidade da escravidão.

A ideologia que gerou as síndromes do pânico e os estresses pós-traumáticos da era contemporânea, bem mais do que distorcer as causas para o tesoureiro do Bradesco enrolado em fita crepe implorando misericórdia, nos doutrinou a entender como justa, uma estrutura social que privilegia por meio de arsenais bélicos, 10% da população. Nos doutrinou a entender como justa, uma estrutura social, que privilegia 10% da população, ao tempo que cala, enjaula, explora **e** chacina milhões de nós. Aceitamos conviver pacificamente com a dominação despótica, que suprime a base de balas e de grades de ferros de penitenciárias, todas as pessoas de baixo poder aquisitivo e escolaridade. Admitimos as hemorragias internas de nosso povo, provocadas por munições estatais dilaceradoras de órgãos, como se fossem punições merecidas. E tudo isso, porque os noticiários, as escolas e os formadores de opinião em geral, nos venderam o dogma, de que, a guerrilha urbana e rural do Brasil, se deve aos habitantes das áreas castigadas pelo descaso. Mesmo, que todos os dias descêssemos de vans nos bairros dos boys, em trinta manos armados com submetralhadoras, dando rajadas em viaturas e invadido hotéis cinco estrelas, ainda assim, estaríamos há anos luz de patentear as motivações para os conflitos.

A violência, como já escrito por mim, é uma obra nefasta com um só autor: a classe AAA! Nas entrelinhas dos corpos de indigentes a espera de parentes ou sendo fatiados como mortadela em faculdades de medicina, está escrito: manutenção do monopólio do poder.

A limpeza étnica e social e o amansamento de multidões famélicas insatisfeitas, só são realizáveis através de incentivos ao crime, de policiais psicóticos despreparados e de representantes corruptos do executivo, legislativo e judiciário, fazendo as vezes de carrascos com suas assinaturas. Portanto, o fim da barbárie não está relacionado ao mitológico desarmamento das favelas, mas sim, à redistribuição de renda, ao fim dos privilégios aos bem-nascidos, à uma profunda transformação do sistema educacional e à criação de oportunidades iguais de ascensão intelectual e profissional para todos. A **Guerra Não Declarada,** é muito mais um problema ligado a engenharia da marginalização e exclusão, do que propriamente um problema de segurança pública.

Na atmosfera cínica, enquanto o mérito pelas conquistas nos são negados, as

tragédias são debitadas em nossa conta.

Da mesma maneira, que o país bonito por natureza foi erguido sem a nossa supervisão, o seu quadro de pobreza e violência extrema também o foi. As cidades projetadas, onde o centro urbano e financeiro comporta as casas grandes e os bairros afastados e miseráveis abrigam as senzalas, não surgiram com o nosso consentimento e aprovação. Não recebemos convites para o "Buffet". Nos obrigaram a propiciar um Buffet de gala para os convidados. Os exploradores do passado, que ainda nos assombram com seu legado de estupidez, preconceito, ganância e covardia, não desembarcaram na África e falaram para os nativos:

- Vocês aceitam viajar conosco, para juntos construirmos uma nação justa e igualitária num lugar distante?

Da mesma maneira, não disseram para os indígenas:

- Salve nativos. Viemos em paz, para dividir com vocês os pontos positivos de nossa evolução.

As palavras proferidas pelas bocas sujas dos algozes, foi algo mais ou menos como:

- Macaco africano, estuprei sua filha e sua mulher e vou amputar seu pé se tentar fugir.

- Selvagem filho da puta, trabalhe senão eu arranco a sua pele.

Basta olharmos ao nosso redor nas ruas, para testemunharmos o quanto não interagimos nos caminhos adotados pelo Brasil racista. As esculturas que imortalizam os estupradores demoníacos, bem mais do que significar troféus de triunfos e desrespeito, sinalizam a nossa imutável condição de mortos vivos sociais! Mostram que o sistema transitou do regime de escravidão, para o trabalho livre assalariado, mas sem permitir que se extinguisse a cultural sociabilidade de classes, definida entre a família senhorial e a criadagem! Sem abrir brechas, para que tomássemos parte das discussões e decisões a respeito das políticas públicas. Quer dizer, sem dar aval sequer, para que pertencêssemos a sociedade civil.

Na aquarela embalada em tecido gangrenado, tanto o panorama, quanto as práticas e os personagens, são os mesmos da época das chibatas, apenas os respectivos nomes foram alterados. Por exemplo: escravidão virou emprego "remunerado", antes pagavam a vista pelo cativo, agora pagam em parcelas mensais e o substituem por outro mais apto quando bem entendem; senhor de escravos virou patrão; capitão do mato virou polícia; homem branco virou playboy; escravo virou cidadão de renda modesta; casa grande virou mansão, condomínio de luxo e edifícios sumptuosos; senzala virou favela, casebres da periferia e cortiços; tronco e pelourinho se transformaram em sistema carcerário e navio negreiro foi convertido em viaturas da polícia.

No dicionário, a palavra democracia significa: **sistema político fundamentado no princípio que a autoridade emana do povo e é exercida por ele ao investir o poder soberano através de eleições periódicas livres e, no princípio da**

distribuição equitativa de poder.

Talvez, em países civilizados seja essa a sua essência, já no antro pecaminoso, estabelecido sadicamente sob três pilares: poder, dinheiro e prestígio é preciso que se faça uma pequena correção nessa explicação. No trecho “emana do povo”, deve-se incluir a palavra: “rico”.

A maior característica da era pós-colonial, é o aspecto camaleônico governamental. A força estatal multifacetada, coloca em vigência, de forma simultânea e harmoniosa, diversos regimes de dominação. Se antes os nossos antepassados conviviam com o escravismo, hoje nos curvamos a dezenas de tipos de normatizações em vigor. Os ditos “homens livres” do terceiro milênio, são manipulados pelo escravismo, nazismo, autoritarismo, absolutismo, fisiologismo, imperialismo, totalitarismo, pela cleptocracia e plutocracia, entre tantos e tantos outros. Um burguês sanguessuga, exercendo integralmente e literalmente a sua cidadania, talvez possa considerar a minha alegação estranha e até fora de concordância. Diversos modelos administrativos ao mesmo tempo? Como pode? Essa estranheza é compreensível, vinda de um ser que vegeta acomodado dentro de redomas de concreto e alarmes, situadas nas áreas em que o tal estado democrático de direito funciona perfeitamente. E no interior de um lar feito de chapas de compensado, que podemos verificar acertadamente, a existência dos diversos planos governamentais de controle, personalizados e direcionados especificamente, para as regiões marginalizadas. É desse ponto de insignificância social, que ficamos boquiabertos com a constatação dos regimes que são talhados meticulosamente e sob medida, levando em consideração aspectos como: a cor da pele, a demografia, a geografia, a faixa etária e o CPE Foi em um desses ambientes inóspitos, que eu conclui, que nos celeiros de experimentos chamados: bairros pobres é bem capaz que as mentes doentias das amebas gananciosas tenham testado todas as fórmulas imagináveis de controle coletivo arbitrário e abusivo. Confesso, que por ser um dado bastante subjetivo, eu não posso dar a ele 100% de precisão, porém, sem pensar, eu tenho totais condições de efetuar uma outra afirmação com margem de acerto beirando os 1000%... De todos os planos elaborados pelo homem, visando regular o comportamento de outros homens, o único que nunca visitou o fabuloso reino das mães solteiras, foi a tal democracia originária da Grécia antiga. Tá bom, tá bom... Pra não cometer nenhuma injustiça aqui, sou forçado a admitir que uma parte da invenção dos gregos foi apresentada sim para as legiões de invisíveis: o lado discriminatório que proibia os escravos de participarem das decisões, por não serem considerados cidadãos.

Os habitantes da galáxia da fome, frutos daqueles que no século 18 não foram contemplados com a chegada dos direitos civis; que no século 19 não conheceram os direitos políticos e que no século 20 não conquistaram direitos sociais, foram introduzidos a uma deformação completa, do modo de organização social conhecido como: democracia. Aquilo que também deveria configurar como: repartição igualitária dos serviços e bens públicos foi restringido ao acesso à uma urna eleitoral. Ao perguntar para as pessoas humildes **o** que representa a democracia, a resposta mais habitual é: “o direito de votar”. O pior não é saber, que só uma

pequena fração do regime nos foi dada como esmola e sim, ter pleno conhecimento de que os valores morais, éticos e cívicos da esmola, igualmente, são completamente deturpados. A vertente conhecida como: democracia representativa (a esmola) que é alardeada em comícios por canalhas como uma mega conquista emancipatória do povo, é uma ficção!

Nos deram direitos políticos simbólicos, que não nos permitem interagir nos assuntos de interesse comum das famílias abaixo da linha da pobreza.

Somos acessórios vivos, que elegem representantes que não nos representam. Somos acessórios vivos, que elegem "autênticos homens do povo", que nunca visitaram um morro (salvo em épocas de eleições). O voto, para os seres humanos anônimos, se resume a escolha do playboy menos ruim, filiado a uma das máfias partidárias opressoras.

Formamos uma multidão sem voz, que foi induzida a não ter partidos políticos do coração, mas times de futebol, para que assim, somente façamos piquetes, passeatas e quebra-quebra, contra as más fases dos clubes do peito. Formamos uma multidão sem voz, que foi induzida a jogar ovos em jogadores, no lugar de protestar contra o mau uso do dinheiro público, a corrupção ativa e passiva, as remessas ilegais de verbas para o exterior, as formações de quadrilhas de colarinho branco, os desvios de recursos de obras públicas, as evasões de divisas, etc... Formamos o grupo dos bonecos de ventríloquo, que foram instigados a se preocuparem com o paredão do Big Brother, ao invés de pensar em formar siglas genuinamente compostas por revolucionários nascidos em manjedouras de madeirite e latas metálicas de tinta.

Bem diferente do que declara a propaganda falsa do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), não temos o poder de escolha do futuro nas pontas de nossos dedos. Em nossos dedos, temos calos em consequência da exploração econômica, gatilhos em razão da opressão política e botões de controles remotos em face da dominação cultural.

Na tal da "democracia" adotada como regime oficial da aquarela pós-colonial, os esquecidos exercem direta e indiretamente tanta "soberania'*, que nas cadeiras dos órgãos legislativos e executivos, os únicos favelados que tem chances de se sentar, são os que ganharam fama por causa de carreiras como músicos ou esportistas. Fora essas exceções, a palavra: favelado só aparece nesses recintos por acidente em algum projeto social ou propositadamente em leis cruéis e classistas contra os mesmos. Sonho com a chegada do dia, em que todo morador de uma zona de exclusão compreenda, que os mandatos que gentilmente cedemos aos que nem ao menos entendem o dialeto das quebradas, servem tão somente para que instituam legalmente o nosso próprio extermínio!

O interior de um lar feito de compensados, é um verdadeiro observatório. Desse local estratégico, os telescópios além de captar os regimes individualizados e a ausência dos indivisíveis e universais parâmetros éticos, jurídicos e políticos, captam a existência de dois países distintos, coexistindo sob uma mesma bandeira. Desse local estratégico, os telescópios captam o Brasil oficial **dos que tem tudo,** habitado por 19 a 20 milhões de abastados, agraciados pela democracia representativa e a realidade alternativa **dos que não tem nada,** composta por cerca de 170 milhões

de assolados por todas as formas de tiranismo (uns mais outros menos).

De um lado da intransponível fronteira política, social e econômica, temos um plano terrestre ultramoderno, desenvolvido pelos maiores nomes mundiais da arquitetura e urbanismo e, de outro, um caldeirão efervescente, pontuado por centenas de assentamentos improvisados. O lado sombrio da intransponível fronteira, é reservado ao caldeirão efervescente, pontuado pela presença forçada de milhares de serviçais e operários, cujo único desígnio, é manter o motor das finanças burguesas em pleno funcionamento. A disparidade entre as duas galáxias é tão grande, que tanto os ocupantes do planeta fome, quanto os do planeta riqueza, não se veem como conterrâneos, se veem como estrangeiros, inimigos, adversários, alienígenas, espécies diferentes classificadas como: inferiores e superiores. Quando analisamos a relação fria e comercial entre dominados e dominadores, percebemos que nem ao menos falamos um mesmo idioma. Nos pântanos, onde os subjugados repousam por algumas horas antes de bater os cartões de ponto, a língua falada é a dos empregados, dos consumidores, dos telespectadores e dos eleitores, já na morada dos bem remunerados, os necrólatras que veneram corpos desfigurados de pobres, usam a linguagem desumana do capitalismo imperativo e coercivo.

Definitivamente, as pessoas desprivilegiadas que foram reduzidas a material orgânico para estudos de sociólogos, antropólogos, psicólogos e economistas, não são compatriotas dos milionários que amam tanto os mortos, ao ponto de até sentirem atração sexual por eles.

Esse separatismo documentado por inscrições em universidades, registros de empresas nas Juntas Comerciais, passagens em DPs e matrículas em presídios, serve para o desmantelamento de dois mitos populares: o orgulho de ser brasileiro e o povo brasileiro é patriota, mas, apenas na copa.

No Brasil, ninguém tem orgulho de ser brasileiro! O pobre odeia o país que o renega e o trata como componente de carne e osso do maquinário das indústrias, enquanto o boy odeia o país que não executa de maneira rápida e enérgica as manchas de seu cartão postal.

Em relação ao folclórico patriotismo enrustido que, supostamente, aflora durante o campeonato mundial de futebol, este se deve puramente ao nacionalismo pré-fabricado pela mídia e pelos patrocinadores da competição. Para angariar audiência e vender televisores de última geração, é preciso criar uma euforia passageira que dure exatos 30 dias. Levantada a taça, acabam-se as propagandas e as bandeiras saem das janelas das casas e das antenas dos carros.

Para definir de maneira mais fidedigna estes dois mundos ambivalentes abaixo da camada de ozônio, é necessário recorrer a visão fantasiosa das religiões e tomar emprestada a fábula do céu e o inferno! É exatamente isso... Num extremo, o paraíso, no outro, as trevas que carbonizam almas!

E por falar em religião, acredito que, em havendo um Deus, não seja determinação sua, que uma parte da humanidade deve escravizar e aniquilar, por meio de privações, a porção sem força política e financeira.

Servir e ser servido, não é o sentido da vida! A lógica racional da passagem pelo plano carnal, não é encontrar alguém que reúna predicados para tornar-se seu servo!

Tão pouco, esperar que alguém encontre em você, os predicados que te faça um servo!

Não é natural, que a infraestrutura de nossos bairros, não objetive o desenvolvimento humano, mas apenas a conservação de humanos subdesenvolvidos forçados a exploração trabalhista. Não é natural, que o nosso espaço físico resuma-se em um depósito de mão de obra especializada, que é invadido pelo braço armado e sanguinário do Estado quantas vezes os senhores das guerras desejarem.

Os suseranos, os vassalos, a planície dos nobres e a terra dos servis, onde os equipamentos públicos; postos de saúde, estabelecimentos escolares e centros culturais despontam como sinônimos de fracasso, são aberrações!

Reza a lenda, que Jesus teria dito, que os ricos, com sua ganância e egoísmo, dificilmente entrariam no reino dos céus. Ok! Será que ao ver a materialização da nova Sodoma e Gomorra, cujo o acesso dos homens justos se dá, unicamente por portais denominados como áreas de serviço, o maior revolucionário de todos os tempos ainda usaria a palavra: dificilmente? Acho que não. E quase certo, que diante de tal situação ele providenciasse, urgentemente, uma carga extra e bem generosa de fogo e enxofre. Creio eu, que o ícone máximo do conceito de amor ao próximo, pensaria um bilhão de vezes em se deixar crucificar, depois de conhecer os tiranos do Brasil oficial. Depois de conhecer aqueles, que não se chocam e nem se compadecem com os esquálidos maltrapilhos, rodeados de moscas, que peregrinam noite e dia de saco em saco de lixo, em busca de algumas gramas de alimentos. Nenhum santo, em sã consciência, se sacrificaria por monstros, que ao se confrontarem com tal cena, agem como se estivessem olhando para os gráficos de suas empresas no azul. Agem? Dizer que um rico vê o balanço positivo de seus negócios, quando por milagre enxerga um idoso recolhendo latas de alumínio, não é metáfora, é expressão no sentido literal! As mazelas sociais que corroem a nossa pátria fantasma, não abalam os opressores, porque foram criadas intencionalmente por eles!

Pra que o consumo médio diário do cosmo da fartura seja de 3315 calorias por habitante, é preciso que os seres do universo paralelo convivam com uma dieta de 1200 calorias há cada dois dias. Pra que um tirano pilote o Arash AF-10, é crucial que sejamos esmagados como animais em ônibus caindo aos pedaços. É o superávit do déficit! A riqueza de uma nação, é igual ao cobertor pequeno, que ao cobrir a cabeça descobre os pés e ao cobrir os pés descobre a cabeça. Ela é suficiente para suprir as necessidades básicas de todos, por outro lado, não consegue sustentar uma população inteira de milionários.

As grandes potências mundiais, não são formadas por pessoas com saldos bancários estratosféricos equivalentes, mas por classes médias. Isto é: a riqueza de uma nação, é o bastante para que todos tenham um padrão mediano de vida. Colocando de um outro modo: a solução não está em enriquecer os muitos, mas cm anular e reverter o processo de enriquecimento ilegal e imoral dos poucos. Retirando o fruto do roubo da parte de cima e o aplicando na parte de baixo, com o tempo, naturalmente, os dois polos se encontrarão numa linha de chegada: a igualdade.

E aí que reside o nosso maior problema.... Dentro da filosofia do livre mercado e acumulação insana de capitais adotada por aqui, o investidor e o especulador, não baixam suas febres por dinheiro, entrando em campo almejando adquirir uma casa modesta, um carro popular e um bom emprego, para viverem em conformidade com os seus vizinhos. Nesse caminho sem volta que é o vício patrimonial, os encéfalos de asno remediam as suas crises de abstinência, amontoando papel moeda proveniente da destruição de concorrentes, sendo eles desconhecidos, vizinhos, amigos ou parentes. Como escrito anteriormente: assim como um dependente químico carece todo dia de sua dose intravenosa de cocaína, o organismo dos dejetos materialistas necessita que o volume de seus bens cresça diariamente. E assim, como um dependente químico é capaz das atitudes mais intempestivas e violentas para conseguir um pino, os dejetos materialistas são capazes das atrocidades mais bizarras e mesquinhas para beberem o néctar de suas existências medíocres. Para que a ânsia repulsiva por notas de 100 seja momentaneamente sanada, caem em desuso, atributos do tipo: lisura, lealdade, idoneidade moral, comportamento ilibado e, principalmente, misericórdia daqueles que surgem como obstáculos para o alcance de metas. A exemplo do futebol, o capitalismo é pura competição! Pro Corinthians ser campeão, o Palmeiras, o São Paulo e o Santos, obrigatoriamente tem de perder e vice-versa. Pra corja ornamentada com pedras preciosas de sangue triunfar, é imprescindível que a imensidão de favelados continue na condição de favelados!

Para saúde dos cofres dos condomínios fechados, nós, os espectros indesejáveis, devemos ficar imóveis e silenciosos cm nossos barracos, sonhando com as formas variadas de messias que um dia surgirão do nada para nos salvar. O "messias" de BMW, que trará a cesta básica; o "messias" da igreja, que em troca de suaves prestações na terra, nos "dará" um cantinho no céu; o "messias" da política, que depois de distribuirmos os seus chaveiros e tremularmos bandeiras com sua fotografia no sol e na chuva, assim que eleito, nos "presenteará" com casas próprias e por fim, mas não menos importante, o messias, que numa data especial, retornará do vale dos mortos e promoverá um resgate geral dos que foram bonzinhos.

Para que o equilíbrio econômico articulado pelos magnatas não seja modificado, 20% das crianças devem nascer de mães adolescentes. A cada mil nascimentos de pobres, vinte bebês devem morrer na mesa de parto ou minutos depois no berçário. Até os 5 anos de idade, 200 crianças devem falecer vítimas de epidemias e doenças erradicadas há séculos, em países de primeiro mundo. A partir do fim da primeira infância, os pequenos devem ter contato com drogas lícitas e ilícitas. Muitos devem ser espancados por pais alcoólatras ou molestados por pedófilos, para que fujam, se abriguem nas ruas e futuramente se tornem drogados, criminosos ou prostitutas. Os cidadãos marginalizados devem ter como válvula de escape para o seu quadro de sofrimento, a realidade paranoica oferecida por substâncias alucinógenas e a realidade brutal oferecida pelos armamentos de grosso calibre e pelas explosões de paredes de empresas de valores. Os casais carentes devem procriar na velocidade de coelhos, para o quanto antes, a mulher largar os estudos para se tornar dona de casa e o marido para se tornar ajudante geral ou latrocida.

Cada fuzil ou vassoura na mão de uma pessoa excluída, atende a um propósito

elitista. Nenhum boy chega ao topo, galgando degraus de altruísmo. O ponto mais alto, só é atingido pelas escadas das desgraças alheias. As nossas desgraças!

Os herdeiros formados em Princeton e Harvard, não ocuparam o alto escalão da máquina pública para fazer caridade, mas para construir um sistema que lhes desse status de semideuses, para erguer um sistema onipotente, onipresente e onisciente, que eternamente regerá a vida de toda a população, de acordo com os critérios e as conveniências dos mais fortes.

A renda per capita, de menos de um salário mínimo, da porção majoritária da população anulada, é uma das provas incontestáveis, de que o sistema de domínio não foi instituído para atuar no calvário periférico como uma ferramenta em favor do povo e sim, como uma pena capital aplicada em Slow Motion para o operariado e em alta velocidade para os "transgressores das leis". Traduzindo: na aquarela pós-colonial, a significação fiel de sistema para os favelados é: incentivo ao crime (a morte instantânea) e indução a servidão (a morte lenta)! Traduzindo: na aquarela pós-colonial, para aqueles a quem foram delegados apenas deveres e obrigações relativos aos serviços braçais, o sistema não passa de um rival asqueroso, que se solidifica em formato de corporações desonestas e exploradoras, sádicos fardados, tribunais de justiça parciais e preconceituosos, penitenciárias superlotadas, necrotérios, cemitérios, e por fim, em ossuários coletivos.

A mentalidade dos dominantes de agora, é a extensão dos pensamentos de seus ancestrais, que se sentavam ao ar livre para aproveitar os domingos, assistindo capitães do mato descarnando escravos fugitivos recuperados. Dentro da ideologia burguesa, forjada no preconceito e na cegueira por poder e riqueza, nunca existiu e nunca existirá expectativas de crescimento acadêmico, profissional e social para a massa de manobra! Está gravado nos ensinamentos assimilados por cada opressor, que uma concessão a nosso favor, tritura o equilíbrio econômico genocida, que banca toda a sua pompa! Todos sabem, desde o útero de suas mães, que o mórbido equilíbrio econômico que só favorece apostadores de turfe, se manteve e se mantém de pé, porque os contratos sociais que os verdugos dos necessitados assinaram por nós, jamais tiveram como finalidade a redução das desigualdades. As letras frias dos códigos de conduta, ética e honra, foram escritas para formarem os pactos unilaterais que nos condenaram à inexpressividade perpétua. Foram escritas para formarem os pactos unilaterais, que nos condenaram à condição de animais de desestimação que falam.

De todas as tragédias provocadas pelo maldito equilíbrio beligerante entre o mundo formal, situado no ano de 2012 no século XXI e o mundo informal, onde, se os calendários marcassem a data de 1912, ainda assim, estariam em conformidade com o atraso que o assola, indubitavelmente, a maior delas foi a nossa quase que total domesticação! Por favor, não entenda de forma errada a minha colocação... O tipo de domesticação a que me refiro, é a domesticidade do balançar da cabeça em sinal de concordância e subordinação, mesmo quando sentimos no tom de voz do inimigo, a intenção suja da humilhação gratuita:

- **Fulano, esfregue esse chão mais uma vez que não ficou bom.**
- **Fulano, o brilho que você deu no meu carro pode ser melhor.**

- **Sim, senhor. É pra já patrâozinho!**

Não confunda esse tipo de domesticação, com aquela que o homem executa com um cão em troca de companhia. Até porque, seria redundante citar, que a última coisa que um playboy deseja em sua vida vazia e artificial, é passar mais tempo do que o necessário ao lado de um de nós. Da minha parte o sentimento é recíproco!

De qualquer maneira, esse asco que opressor sente pela esfera encarregada das funções subalternas e pouco rentáveis, nos apresenta mais uma das grandes contradições da "querida" aquarela pós-colonial. Os mais desprezados, criminalizados e odiados pela sociedade burguesa parasita, são justamente, os trabalhadores indispensáveis para ela. Todo ricaço oriundo da classe inútil, tem nojo de apertar a mão de um caminhoneiro fruto da classe útil, porém, não viveria muito tempo com um bom padrão de vida, se o sindicato do primeiro, instaurasse uma longa greve. Igualmente, nenhum dos executivos que se negam a dirigir frases cordiais à moto-boys, sobreviveria em seus negócios sem a agilidade e prestatividade desses profissionais. Imagino a madame perua tendo de estragar nos afazeres domésticos, as suas unhas pintadas com esmalte a base de ouro em pó.

O lado mais sinistro das demonstrações diárias de ódio e preconceito por parte da elite, é que na maioria das vezes, o prazer psicótico dos patrões em colocar pobres em situações constrangedoras, não é percebido pelas vítimas. Quantos vídeos não são postados semanal mente no YouTube, com filhinhos de papai ridicularizando as empregadas da casa por causa de seus erros de português? Nas tais cenas, essas mães e esposas, sem se dar conta das intenções diabólicas de exposição escarniosa, sorriem e demonstram achar a brincadeira engraçada. Chegam até mesmo a deixar transparecer uma certa felicidade, pelo simples fato de estarem participando dos momentos recreativos da família "superior". Num exemplo hipotético, se tomássemos as dores de uma delas e arrebentássemos a cara de um desses bostas, é bem capaz que esta saísse em sua defesa, alegando que tudo não passou de diversão! É bem provável, que esta saísse em sua defesa, alegando se tratar de um bom menino! Escrevo isso baseado em fatos concretos e não em suposições.

(Quase todos os...
Falta última página do capítulo)

A Torre de Babel Horizontal

Imagine o que aconteceria, se fossemos ao manicômio judiciário e pedíssemos pro paciente com a saúde mental mais debilitada por distúrbios psicóticos, para que elaborasse um modelo de organização social para o Brasil como um todo? Seguramente, o resultado seria catastrófico! Guardadas as devidas proporções, como o fato de não termos ido a nenhum sanatório delegar funções, foi exatamente o que aconteceu por aqui. Diversos psicopatas subcriminais, aqueles que não tem passagens pela polícia e que encobrem com crostas de comportamentos acima de qualquer suspeita, as suas personalidades dissociais e amorais, se uniram para construir em posição horizontal, uma obra com propósitos similares ao da Torre de Babel. Infelizmente, tiveram bastante sucesso em seus planos! A empreitada tornou-se o cenário, onde as pessoas comuns são levadas a desorientação e a desorganização, enquanto os psicopolíticos, psicoindustriais, psicoempresários, psicocomunicadores e psicobanqueiros, chegam aos céus na terra.

Antes de levar adiante o meu dossiê sobre os estragos provocados pela fundação dessa premeditada babel segregada, quero dizer que eu não estou exagerando quando afirmo, que a natureza destruidora dos ricos, os coloca no estágio mais avançado da psicose! Ao respondermos à um questionário de um psiquiatra, é provável que o meu ou o seu perfil, se enquadrem em uma ou duas das questões. Já no caso dos passageiros dos jatos particulares, a coisa muda significativamente de figura. Na escala Hare ou PCL (Psychopathy checklist), desenvolvida pelo psicólogo canadense Robert Hare, hoje, o principal método para a avaliação e identificação de traços de personalidade prototípicos de psicopatia, eles atendem a todos os requisitos. São superficiais, eloquentes, visam benefício próprio e auto-satisfação; são egocêntricos, megalomaníacos, cínicos, parasitas, frios, insensíveis, mentirosos, manipuladores, impiedosos e desprovidos de amor ao próximo; não sentem culpa, arrependimento, compaixão, remorso, alcançam as suas metas de poder e prazer por métodos e caminhos sórdidos, inescrupulosos e antiéticos e por aí vai... Acredite em mim... Os maiores psicopatas não estão nas cadeias ou internados em instituições para tratamento específico, estão nas mansões e no universo corporativo. Um sequestrador ou um assaltante de bancos, mesmo focados em seus objetivos e em meio a adrenalina de suas ações, são capazes de sentir dó e serem misericordiosos com as suas supostas vítimas. Bem diferente do boy, em seu escritório acarpetado e refrigerado, que através de contratos, projetos de lei, ações judiciais, propositadamente faz com que famílias percam a guarda de filhos, porque não podem sustentá-los.

Reforço as minhas palavras... Não existe um cérebro sedento por conquistas financeiras, que ao ser analisado por psicólogos, neurologistas e psiquiatras, não seja diagnosticado com graves problemas de insanidade. Só um alerta... Por mais que os

ricos se enquadrem no quadro clínico descrito por mim, esses tumores malignos que "pensam", não são iguais aos loucos convencionais. Por exemplo; eles não rasgam dinheiro! Aliás, eles amam tanto o papel moeda, que para preservá-lo em seus cofres e em paraísos fiscais, foram capazes de levantar as fronteiras sociais imaginárias da injustiça e deflagrar a **Guerra Não Declarada**, que sentenciou os dois Brasis à destruição.

Todas as estatísticas e informações funestas que apresentarei ao longo desta obra, tiveram como ponto de partida o apartheid social e racial deixado como herança maldita pelos antepassados psicóticos dos atuais crápulas no comando.

Todas as tragédias que se abatem sobre nós, foram originadas no conceito obsceno, que viajou entre os tempos doutrinando gerações e mais gerações de tiranos desequilibrados a acreditarem, que os subalternos não são gente! Além de apresentar a fonte demente dos dramas que nos corroem, os dados do dossiê Eduardo, também servem para comprovar, que só o aprisionamento no nível máximo da desinformação transforma em cordeiros pacíficos os componentes de um povo completamente massacrado e anulado por seus pseudo-líderes e pelos detentores do monopólio do poder.

Os números sepulcrais que margeiam a nossa realidade causticante, atestam motivos de sobra, para o surgimento de grupos rebeldes dispostos a executarem golpes de Estada Dez por cento das mazelas que nos atingem, seriam suficientes para um homem da Al-Qaeda apertar o botão do detonador e se explodir em nome da libertação dos indefesos. Se tivéssemos um resquício da politização dos meninos de doze anos da Faixa de Gaza, não aceitaríamos que os opressores se apoderassem ilegalmente das terras, dos meios de produção e dos lucros provenientes de ambos, ao passo que nos limitam a viver em função de fortificá-los cada vez mais. Não compactuaríamos, nem mesmo, involuntariamente, com a ideia de a nossa exclusão política e social, ser a mola mestra de um sistema que não admite intervenção por parte da plebe.

Só o completo desconhecimento sobre os ataques dos inimigos em diversas frentes de batalha, justificam o não nascimento de células terroristas formadas por revolucionários das favelas, casas de alvenaria e cortiços. Por exemplo: só não tem vontade de pegar em armas e destronar tiranos, aquele que não sabe, que todo o esplendor e luxo da alta classe, são responsáveis diretos por nossa situação sufocante de indigência. Só não tem vontade de pegar em armas, aquele que não sabe, que a nossa desinformação, falta de cultura e acesso à um ensino de qualidade, são responsáveis diretos pelo atual quadro da política nacional, composto por playboys governando em prol de playboys. Só não sente vontade de pegar a 12 cano cerrado para promover reparação social, aquele que não sabe, que quanto menor é o grau de escolaridade, maior é a quantidade de filhos para passar fome; que quanto menos abastada é uma família, maior é a porção de bocas para alimentar e que 17% das casas nos bairros pobres, é habitada por uma adolescente grávida, em conformidade com o temerário controle de natalidade burguês.

Certa vez, trombei um gringo fã de rap nacional no aeroporto de Guarulhos, que me disse:

- Eduardo, em meu país (Alemanha), onde as pessoas têm ampla consciência política e social e pleno conhecimento sobre os seus direitos, metade das barbaridades que acontecem no Brasil, faria brotar um exército guerrilheiro em cada rua.

Os Bin Laden da vida, não derrubam prédios porque são loucos, mas porque querem manifestar discordância contra os regimes totalitários que jogam pétalas de rosas, para que dizimadores de civilizações subdesenvolvidas repousem seus pés maculados com carne humana.

A minha postura ultra esquerdista, causa de espanto para muitos, não faz parte de uma pose teatral para chamar atenção e acabar dando entrevista no programa do]ô. A minha linha de procedimento firme e incorruptível, é a expressão fiel do inconformismo de uma pessoa, que não ignora que estão covardemente nos exterminando nas ruas, nas residências, nas escolas, nos hospitais e no sistema prisional. E a expressão fiel do inconformismo de uma pessoa, que não ignora que estão aniquilando os cidadãos invisíveis com ações e falta de ações governamentais, com a indústria da violência, com a indústria do entretenimento, com a indústria da proibição das drogas, com a indústria do turismo sexual infantil, com a indústria do voto, com a indústria alimentícia, com a indústria farmacêutica, com a indústria de bebidas alcoólicas, com a indústria do tabaco, com a inoperância dos órgãos públicos, com a desestruturação familiar; com a truculência, a intolerância e o racismo da polícia, promotores, defensores públicos, juízes, desembargadores, agentes penitenciários e diretores de presídios e por fim, com a indiferença letal da burguesia, que numa ponta elabora o texto poético do Estatuto da Criança e do Adolescente e na outra, elimina os seus "protegidos" através da subnutrição extrema, de enfermidades tratáveis e curáveis, do abandono de intelecto e do inflacionamento de menores abandonados, delinquindo para suprir o vício do crack. É a expressão fiel do inconformismo de uma pessoa, que não ignora que supliciam os ectoplasmas que respiram, com o desemprego aos desqualificados (tom de pele mais escuro e morador de favela) e menos experientes; com cargos exaustivos, desumanos e ridiculamente remunerados e com os constantes apelos consumistas realizados pelos veículos de comunicação, que fazem com que sejam corriqueiros os arrastões nos prédios de bacanas.

Qualquer um que perceba, que o "estado democrático de direito o presenteia com uma liberdade individual, em que estranhos situados nas áreas nobres do mapa ditam a sua hora de comer ou não, de dormir ou não, de sorrir ou não, de estudar ou não, de trabalhar ou não, de se viciar ou não, de se embriagar ou não, de progredir ou não, de ser preso ou não, de ter filhos ou não, de morrer ou não, fatalmente terá um surto de revolta correndo como um trem bala por sua corrente sanguínea.

Perante as catástrofes contidas nos indicadores sociais, tendo o mínimo de acesso a cultura ideal, seria muito mais comum que formássemos grupos como: Hamas, ETA, Sendero Luminoso, Movimento Revolucionário Tupac Amaru, etc., do que quadrilhas de assaltantes.

Os homens que desejam e exigem a retirada das algemas dos pulsos de seus

iguais, devem ser vistos como: personalidades polêmicas e assustadoras apenas para os neosenhores de engenho. Os que permanecem amansados, encontram-se nessa condição letárgica, somente porque ainda não visitaram os sebos. A primeira revolução pessoal que ocorreu comigo após entrar em um desses lugares, foi perceber que a minha vocação na área da música, não era para seguir os passos pops e felizes dos Beades ou do Michael Jackson, mas trilhar os tortuosos caminhos das pedras, percorridos por Mahatma Gandhi, Karl Marx, Engels, Marighella, Lamarca, Zapata, Che Guevara, Martin Luther King, Malcolm X, Oskar Shindler, Steve Biko, Nelson Mandela, George Jackson e Zumbi.

Os livros não formam apenas pensadores, formam homens com obsessão por justiça. Por isso, ao contrário de muitos, que usam a favela como escada para alcançar o público das patricinhas, meu intuito não é a promoção por meio da dor e das lágrimas da minha gente e sim, não medir esforços para que surja uma massa de pessoas com senso crítico e analítico, impossível de ser manobrada.

Pra desespero dos opressores, meu pacto firmado com a favela e de verdade e é vitalício!

Recebemos a contemporânea segregação racial, social e geográfica de braços abertos. A desgraça produzida pelo mercantilismo e capitalismo, que deveria ter a conotação de uma praga apocalíptica, foi ingerida por nós à força, embalada nos dedos da velha luva cirúrgica conhecida como: o “mal necessário”! Para que nos acostumássemos com os açoites proferidos pelos variados tipos de tentáculos da opressão, fomos doutrinados pela religião, pela comunicação e pela educação pública, a acatar o subjugo e a nossa inferiorização, como a única alternativa para o desenvolvimento humano e o crescimento da “nação emergente”. A dominação neural a que fomos submetidos, nos fez e nos faz crer, que se pode haver democracia em uma pátria favelizada invadida por ar e por terra, por helicópteros blindados e caveirões. A dominação neural a que fomos submetidos, nos fez e nos faz crer, que mesmo com a ausência total de marginalizados nas discussões sobre os fatores que perpetuam as desigualdades e a **Guerra Não Declarada,** a elite econômica lutará pela ascensão de seu setor servil mecanizado. Não só demos credibilidade aos dogmas inseridos na lavagem cerebral, como passamos a nos sentir parte do submundo degenerado onde nos encarceraram e a agradecer pelas chibatadas diárias. Hoje, são muitos os moradores das zonas de tiro ao alvo dos nobres, que quando olham para as centenas de barracos amontoados, veem uma comunidade e não um desastre habitacional, premeditado diabolicamente por nossos inimigos. Hoje, muitos de nós pensam, que os senhores de escravos da classe patronal, ocupam um lugar de importância vital para a sociedade, exercendo a “ilustre função” de: giradores da roda da economia e geradores de empregos para população carente.

A espécie de Síndrome de Estocolmo que implantaram em nossa mente, faz com que não nos revoltemos contra os nossos algozes, mesmo quando os seus abusos e maus-tratos fazem o nosso próprio sangue nos asfixiar. Esse tipo de chip soldado em nossas cabeças, nos coage a nutrir em nossos inconscientes, admiração aos psicopatas bem-sucedidos e a sensação de culpa por nossas tragédias pessoais respeito por nossos exploradores é tão exacerbado, que chegamos a endeusa-los.

Quando um deles transita pelos corredores fétidos dos galpões de trabalho escravo, os funcionários olham para baixo em sinal de reverência, nos moldes dos que são feitos aos reis e chefes de estado. Fazemos semblantes de medo, idolatria e inferioridade, para homens cujo "feito extraordinário", foi comprar o maquinário que lhes garantiu ganhar mil vezes mais, do que aqueles que manufaturam os produtos de suas fábricas. Em qualquer parte do processo industrial ou comercial não há justiça!

Um patrão não pode ser equiparado a um Deus, por fazer um metalúrgico produzir 4 carros por mês no valor de RS 100 mil, pagando-lhe em troca, três salários mínimos e com descontos. Ele deve ser considerado um tirano mau caráter e tratado como tal! Desde quando me conheço por gente, vejo os tais chefes oportunistas tirando proveito dos que foram forçados a migrar de suas cidades natais e dos que foram impedidos de estudar e de se profissionalizar e ao mesmo tempo, sendo revestidos por nossa ignorância com invólucros de filantropos. Conto aos milhares as ocasiões, em que os meus olhos míopes testemunharam a chegada de pais de colegas, exauridos depois de 12 ou 14 horas de tarefas árduas, mas, felizes e agradecidos a Deus, por incorporarem o mercado de trabalho escravagista.

E fato, nos transformaram nas vítimas estigmatizadas, que acham que merecem subsistir rodeadas por uma áurea discriminatória e sob as rédeas dos mais fortes. É um crime hediondo contra nós mesmos, continuarmos dizendo amém a essa intensa dominação! Para sobreviver nos fronts de batalha, é primordial que tenhamos em mente, que não existem patrões ou parlamentares bons. Todos, generalizadamente, são cascáveis que se alimentam de nossos infortúnios. É vital, que o quanto antes, façamos uso de pensamentos como os do anarquista francês Pierre-Joseph Proundhon (1809-1865):

Quem quer que seja, que ponha as mãos sobre mim para me governar, é um usurpador e um tirano. Eu o declaro meu inimigo!

Ser governado, é ser cuidado, inspecionado, espionado, dirigido, legislado, regulamentado, identificado, doutrinado, aconselhado, avaliado, pesado, censurado e mandado por homens que não têm nem o direito, nem o conhecimento, nem valor para fazê-lo.

De acordo com o raciocínio desse grande pensador, todas as formas de governo (mesmo as mais justas) interferem na liberdade individual. Partindo desse princípio, imagine os danos causados pela interferência das administrações conduzidas por ditadores, a serviço dos frequentadores das colunas sociais brasileiras. Se fosse possível, que Proundhon viesse a conhecer aqueles que gerenciaram, gerenciam e infinitamente gerenciarão o nosso caos, garanto que ele, imediatamente, suspenderia a declaração de inimizade contra os seus governantes, por achá-los meros aprendizes no ramo da opressão.

As ditaduras ao redor do planeta, sempre foram fenômenos esporádicos. Um tipo de peste, que ora esteve presente e atuante num lugar, ora em outro. É provável, que todos os países, em um determinado momento, tenham sido dirigidos pela ferocidade de maníacos. Porém, por mais duradouras que fossem as regências

efetuadas por mãos de ferro de lunáticos, nenhuma foi eterna. Todavia, houveram guerras e revoluções para derrubá-las. Em todos os pontos do mapa mundi, passada as épocas de terror, os princípios da liberdade, igualdade e fraternidade, sempre prevaleceram. Quer dizer, em todos os pontos, menos em um: o Brasil. O nosso belo país, foi o único lugar do globo terrestre que se tornou exceção à regra. O único lugar que não seguiu a inclinação mundial. O vento da tirania, que em outras regiões se portou como passageiro, fincou raízes em nosso solo, desde o primeiro minuto das grandes invasões. O despotismo dos psicopatas brasilis, não fez parte de um período trágico, usado positivamente na transição de um ciclo de barbárie para a democracia. Até porque, nunca houve uma transição real das trevas do jugo, para a luz dos direitos! O despotismo dos psicopatas brasilis, foi no passado, o alicerce da cínica pátria de chuteiras e é no presente, o sistema operacional que a controla. Simplificando: formamos a nação exclusiva, que em todos os dias de sua existência, foi implacavelmente tiranizada! Da antiga nobreza à burguesia atual, todas as classes dominantes formaram uma única e atemporal organização criminosa.

A instituição "oculta" e com vários estatutos, a qual podemos chamar de: C.O.R (Crime Organizado dos Ricos) por meio da atuação em carnificinas, alienações, corrupções, elaborações de regras tendenciosas e proibições de ocupações de posições chave no poder político por excluídos, garantiu para as famílias privilegiadas e suas empresas, os lucros da partilha desonesta dos recursos nacionais e a construção de uma ilha da fantasia, exclusiva para associados de alto padrão. Cada troca de coroa ou faixa presidencial, foi milimetricamente planejada, para que essa ilha da fantasia dos ricos, continuasse boiando sob um mar composto pelo nosso sangue.

Vou contar um segredo... Um dos meus maiores sonhos, é deletar toda a linguagem de programação que nos conduz como ovelhas, pelas vielas desvalorizadas dessa ilha maldita. Sendo você leitor, um dos reféns da estrutura atroz cm vigor, acredito que já tenha entendido o porquê desse meu sonho. Caso não tenha compreendido, não se preocupe, pois o que não falta adiante nesse livro, são relatórios detalhados sobre a babel segregada, para bem mais do que te ajudar a entendê-lo, te fazer querer participar dele.

Quando loucos por papel moeda, roubam pra si o direito de supervisionar e direcionar a formação de uma nação, fatalmente, algumas das consequências produzidas por seus devaneios torpes, aparecerão no rol das tragédias. Agora, quando estes mesmos loucos por papel moeda, além de roubarem o tal direito, estabelecem regimes personalizados e ainda erguem mundos diferentes ocupando o mesmo mapa, o resultado é um só: um país inteiro consumido e corrompido por catástrofes movidas pela mesquinhez!

Conheça um pouco mais sobre a obra prima dos únicos insanos que não rasgam dinheiro. A obra-prima da playboyzada (o Brasil do separatismo, dos campos de concentração, dos trabalhos forçados e dos impiedosos extermínios burgueses e estatais) é uma zona de alegria ou de horror, dependendo do ponto de vista, situada na área centro-oriental da América do Sul. A pátria das contradições e incoerências, onde os discursos e as ações não sintonizam as mesmas estações, localiza-se numa

região estratégica para as potências imperialistas, que desejam ditar as regras do continente, através de fantoches financiados com o capital estrangeiro ou por meio de bases militares. Ocupa uma extensão territorial de 8.514.876.599 km^2, compreendida entre favelas com cômodos minúsculos e milhares de ocupantes, contrastando com imensos latifúndios despovoados e mansões com quarteirões de área construída e poucos moradores. Tem uma população estimada em cerca de 190 milhões de pessoas, desmembrada criminosamente, entre abismos classistas, definidos pelo alfabeto da imbecilidade e do egoísmo: AAA, AA, A, B, C, D e E. Tem imensas reservas de riquezas naturais, que assim como os lucros provenientes de suas mega-exportações de carne bovina, frango, soja, frutas, suco de laranja, café, açúcar, aviões, etanol, etc., só são socializadas "voluntariamente", por opressores amordaçados e vendados dentro de fossas usadas como cativeiro. Os representantes, os quais demos procurações para "lutarem em nosso favor" por uma divisão igualitária de renda, chances e serviços públicos, só se empenham na causa, quando estrelam vídeos amadores, implorando aos familiares para que paguem resgates. Nunca é demais ressaltar, que nessas situações, as famílias abastadas, no lugar **de aceitar** as imposições dos que foram levados ao crime, preferem chamar a Divisão Antissequestro. Fazem isso, não por ser mais seguro para a vítima, mas para não terem de sacrificar seus bens patrimoniais. Em tais condições, muitos de olho na herança, até dão graças a Deus e não negociam pra ver se o parente morre.

De volta a "terra encantada"... Sem esse tipo de pequeno incentivo, os opressores lutam com tanto afinco pela repartição de seus capitais, que no momento em que escrevo essas linhas, os rendimentos de 1% dos mais ricos da aberração criada pelos poderosos, são maiores do que os ganhos de 50% dos mais pobres. Enquanto cerca de 190 mil pessoas ocupam os postos de milionários ou quase milionários, outras 24 milhões "sobrevivem" com uma renda per capita mensal de *R%* 70,00. Se por um lado, ao focarmos no poder aquisitivo dos cidadãos marginalizados a matemática da desigualdade apresenta poucos dígitos, por outro, quando o assunto é violência contra pobre, os algarismos dessa mesma ciência de cálculo tomam proporções inacreditáveis, para uma civilização situada mais de 500 anos à frente da era medieval.

A exemplo de outros povos ao redor do mundo, que ficaram famosos devido ao volume de crueldades a que foram submetidos, os habitantes do calvário estagnado, que não faz parte do desenvolvimento anunciado pelos canais de notícias, são literalmente massacrados pelos chefes máximos do poder executivo e suas bancadas. Aqueles que nem desconfiam que o "crescimento da nação" significa: bilhões para indústrias e bancos locais e do exterior, ao invés de aumentos salariais para trabalhadores, formam a versão moderna dos coreanos dizimados por Kim II Sung, dos haitianos dizimados por François Papa Doc Duvalier ou dos cambojanos dizimados por Pol Pot.

Por entender, que as câmaras de gás e os fornos crematórios infringiriam, demasiadamente, os tratados internacionais sobre leis e crimes de guerra, a burguesia abriu mão de alguns métodos nazistas de execução em massa e aderiu a um estilo de morticínio com uma leve inclinação para o stalinismo. Para não chamar atenção para

a sua limpeza social, os boys acharam mais adequado aplicar nos infratores de suas regras, as penas capitais que se podem esconder por trás da crise de segurança pública. Para não chamar atenção para a sua limpeza social, os boys acharam mais adequado extinguir "indiretamente" a parcela dos indesejáveis que não quebram as normas, através da fome, das moléstias e do trabalho escravo.

Nas estatísticas da barbárie de nosso paraíso de clima quente, só são veladas por volta de 140 pessoas por dia, porque os estudos e as análises que as elaboram, usam como critério de avaliação, somente as fichas dos óbitos ocorridos por conta da força física e das armas de fogo. Certamente teríamos o dobro das 4200 baixas mensais divulgadas, se na soma desses quadros numéricos fossem computados os falecimentos derivados de males provenientes da fome ou da má alimentação, da falta de saúde pública, do stress relativo às preocupações ligadas à miséria, da exploração desumana e da drogadição lícita e ilícita de nossa juventude. Em 99% das vezes em que as crianças da periferia morreram por inanição, não tratou-se de mortos por causas naturais, mas de assassinatos *frios* e calculados cometidos pela classe dominante! Aliás, para que essa continha aumente consideravelmente, não é nem necessário recorrermos aos gêneros de assolamento a que fomos ensinados a ver, como etapas finais "naturais" do ciclo da vida. Os demonstrativos relativos ao tema, já sofreriam um tremendo inchaço de mortandade, se adicionássemos a eles, as cifras obscuras da própria violência física e armada que não são contabilizadas. Não há como se enxergar a verdadeira cara do país em que vivemos, sem somar aos índices forjados da matança burguesa, os defuntos esquartejados, que são enterrados aos pedaços em cemitérios clandestinos. Sem somar os desaparecidos, que depois de terem os bolsos depenados pela polícia, terminam com os seus cadáveres desovados e ocultados para sempre em matagais de difícil acesso. Ou sem somar os corpos parcialmente carbonizados dos indigentes solitários, que por não serem reclamados por parentes, acabam comprados pelos reitores das grandes universidades, tratados com substâncias que os isentam da putrefação e em seguida, devorados pelos estudantes da nata da sociedade.

A terra, que foi confeccionada para ser um colírio apenas para os olhos da elite e dos forasteiros, ocupa segundo o relatório de 2011 do Programa Das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), a "honrosa" 84ª posição no 1DH (índice de Desenvolvimento Humano). O IDH é um método de medição comparativa, realizado entre 187 nações, para determinar o nível de desenvolvimento econômico de cada país e a qualidade de vida oferecida as suas respectivas populações. O IDH varia de 0 (nenhum desenvolvimento humano) a 1 (desenvolvimento humano completo). A pontuação de cada país, é obtida a partir da avaliação dos índices de alfabetização, riqueza, expectativa de vida e natalidade. Desta forma, quanto mais o score se aproxima do 1, melhor é a colocação no ranking. Enquanto os playboys das coberturas de luxo, nas orlas de nossas praias paradisíacas, marcaram 0,718 pontos, a ditadura cubana abocanhou o 51° lugar marcando 0,776. Nuestros hermanos argentinos e uruguaios, eternos rivais no futebol, nesse campo também deram de goleada em nossa "pátria emergente", ficando respectivamente com a 45* posição e a 48ª. Uma pequenina observação: a lastimável classificação verde e amarela, é

motivo de orgulho e comemoração para alguns políticos. Talvez fosse o caso, se nos encontrássemos em uma região paupérrima e totalmente castigada por calamidades naturais como: seca, terremotos, maremotos, tomados, etc. Nos estados falidos, a explicação para o desenvolvimento humano medíocre, está muitas vezes ligada a escassez de recursos ou a fenômenos destrutivos da mãe natureza. Definitivamente, se tem duas coisas das quais o nosso país não é vítima; é da falta de riquezas e da fúria da natureza.

Ter, escandalosamente, uma das maiores populações famélicas do planeta, é uma opção da plutocracia que nos domina. Mesmo sendo comparada à tribos de bárbaros ao desembarcar nos aeroportos das "civilizações mais evoluídas", a playboyzada local prefere prorrogar por tempo indeterminado a nossa estada no 3º mundo. Tirar o Brasil desse estágio, representa a perda do monopólio do poder e das fortunas para os ricos. Dito de outra forma: enquanto os pratos de comida por aqui tiverem a conotação de conquista, os ricos serão ricos.

Está mais do que na hora, das pessoas da periferia entenderem a razão de suas situações precárias de vida. A nossa gente deve ter pelo menos, o direito de decidir se quer formar ou não um "povo pacífico". Antes de aceitarem, que preguem em seus peitos os rótulos do pacifismo da conveniência, todos devem conhecer os pormenores do universo que os abriga. Todos devem saber, que o lindo país, que segundo alguns versos e prosas é abençoado por Deus, foi mergulhado propositadamente pelas mãos burguesas, num contrassenso demoníaco que o faz ser, ao mesmo tempo, tão rico e tão pobre.

E inquestionável... Todas as desgraças que marcam as nossas trajetórias, foram arquitetadas pelos cérebros avarentos dos Homos Money. A nossa falta de acesso à empregos descentes, à educação de qualidade, moradia e alimentação, sempre foi reflexo das políticas públicas voltadas para a perpetuação da desigualdade. Historicamente, as metas governamentais nunca focaram na retirada, parcial ou integral, de cidadãos das situações financeiras desesperadoras. Os gastos públicos mal realizados, o desperdício da verba dos contribuintes, com parlamentares em número não **condizente** com **as** necessidades sociais e o rombo nas finanças nacionais produzido pela corrupção ativa e passiva desses mesmos canalhas, são provas cabais, de que o objetivo dos controladores, todavia, foi a manutenção da concentração de renda e a conservação de um cosmo abaixo da linha da pobreza, habitado pela mão de obra invisível.

A conta é bastante simples... Recebemos humilhantes R$ 622 de salário mínimo, porque, entre outras farras com o dinheiro do povo, insetos imundos são muito bem pagos para coçarem o saco em cargos inúteis, junto com dezenas de assessores e secretários.

Elevaríamos o piso salarial nacional para uns R$ 3 mil num estalo de dedos, apenas cortando os gastos públicos ineficientes e extinguindo 99% dos postos improdutivos e desnecessários de senadores, vereadores e deputados estaduais e federais, que só servem para receber benefícios e devolver favores monetários aos que financiaram as suas eleições.

Não ocorreu de maneira acidental, o disparate infame que faz com que uma

economia que configura entre as dez maiores do planeta, ostente bairros que apresentam índices de desenvolvimento humano semelhantes ao do Afeganistão e Niger. A nossa situação de miserabilidade não é um acidente de percurso! Os pobres, só são pobres, porque são vítimas de uma conspiração elitista. Sem a intervenção da maquinação burguesa, o mega potencial natural de nosso país, não permitiria que houvessem pessoas castigadas pela privação quase total.

De acordo com dados de uma empresa de consultoria britânica, o país classificado em 84° no 1DH 2011, ocupa a 6ª posição mundial, quando o tema é economia. O nosso PIB (Produto Interno Bruto) é maior do que o de oito dos dez países mais bem colocados no IDH. A Noruega, que tem o melhor IDH do mundo, ocupa a 25ª colocação na corada das finanças. Qual será o segredo norueguês? Nenhum. O seu sucesso é decorrente do sentimento de coletividade nacional, da divisão justa de renda, dos gastos públicos responsáveis e, principalmente, de um fator determinante: lá, os cargos parlamentares não são remunerados. Os que se engajam em causas políticas, o fazem por vocação e não por ganhos de ordem monetária. Se seguíssemos essa receita, da noite para o dia, entraríamos no time do primeiro mundo.

Somos milhões, que deveriam constantemente se perguntar: como que uma nação, que no aspecto econômico deixa para trás potências como a Itália, a Espanha, a Inglaterra e o Canadá, pode se desenvolver de maneira menos satisfatória do que Cuba, que vive há décadas em um declarado sistema de ditadura? Ou melhor, como é possível, que regiões, que não tenham recursos naturais e que sejam obrigadas a importar quase todos os itens de suas cestas básicas, estejam no grupo dos países desenvolvidos e nós de fora? O dia em que esse tipo de dúvida passar a residir nas mentes que habitam as favelas, estaremos perto de enxergar o gerenciamento desonesto, assassino e corporativista praticado pelos ricos. O dia em que esse tipo de dúvida passar a residir nas mentes que habitam as favelas, estaremos perto de entender, que o carro de fórmula 1 chamado Brasil, está nas mãos de pilotos que não desejam conduzido à linha de chegada.

Enquanto a administração nacional em vigência, for a dos lordes das guerras, as contas nunca vão bater. Os fundos da firma carnavalesca, sempre sofrerão sérios desfalques. Continuaremos a ter reservas cambiais e a produzir receitas semelhantes ou até maiores do que várias pátrias poderosas, ao tempo, em que a população carente subsiste como se habitasse as localidades mais miseráveis da face da Terra. A discrepância entre riqueza e desenvolvimento, é o maior símbolo da imoral e mafiosa distribuição de renda realizada pela alta classe brasileira. A natureza destruidora e egoísta dos bacanas, é a única explicação plausível, para que uma extensão de proporções continentais tão próspera, esteja sempre nas piores posições dos medidores mundiais de desigualdade.

Os mesmos que manipularam o povo a acatar, a limpeza social armada como uma nobre cruzada contra o crime, nos fizeram crer, que o universo degradado que nos moe como pedaços de carne sem valor, está em acordo com a vontade de Deus. Esse mecanismo de ludibriação, serve para fazer com que não nos rebelemos e também para que não tenhamos grandes expectativas sobre os nossos pseudo-

líderes.

Todos os que são reféns nos pontos de exclusão, devem decorar em seu hemisfério cerebral direito, que; o nosso país é extremamente pobre e que as condições inumanas de nossa gente, fazem parte de um quadro de infelicidade, que demanda muito tempo para ser revertido pelos "nobres bondosos".

Desta forma, se faz "necessário" que um partido fique no poder por dezenas de anos, que não hajam cobranças para soluções instantâneas e que as pessoas só esperem grandes melhorias pessoais, vindas de seus próprios esforços em subempregos e não do Estado. Até porque, o Estado só tem dever de auxiliar o cidadão em épocas de eleição. Fechadas as urnas, o discurso muda para: o Estado não tem obrigação de sustentar ninguém.

Demos vasão a essas mentiras, porque fomos ensinados a adotar como fio condutor das informações apenas os homens de posses. Mesmo que eles sejam asnos, as suas palavras são as que valem! Não importa que eu tenha o maior intelecto do mundo (não é o caso), se eu não estiver trajando um terno caríssimo, poucos aceitarão as minhas ideias. Se eu exigir mudanças e um opressor afirmar que estou fazendo apologia ao crime, infelizmente, inúmeros de nós embarcarão na sua acusação.

Só para pôr mais uma pitada de pimenta no molho... Vale lembrar, que o IDH brasileiro, ainda ocupa essa "honrosa posição", por conta de uma tímida elevação de renda em milhões de lares, provocada por um programa de assistencialismo esmola, chamado "Bolsa Família". O qual não chega nem perto de amenizar um pouco do gravíssimo e proposital problema da fome!

Quero deixar claro, que não compactuo com a ideia "assistencialista" governamental, de transferência de merreca. Tão pouco elogio esse tipo de "ação emergencial" de nítida intenção eleitoreira.

Não precisamos de esmolas! Precisamos de condições para prover a nossa subsistência de maneira digna e ascender social e intelectualmente. A consequência direta desse "amparo", não é a erradicação da falta de alimentos e a geração de oportunidades, é a trava mental colocada nas cabeças dos mais desprivilegiados. A consequência direta desse "amparo", é a mais profunda paralisação da iniciativa. Por uma quantia irrisória, os governantes fazem com que milhares de pessoas permaneçam estáticas, dentro de níveis sociais agonizantes e abram mão de direitos, dos bens e serviços públicos e da fatia merecida das riquezas nacionais. Esse projeto confeccionado para ter a duração dos mandatos dos interessados, não visa de forma alguma a retirada definitiva de excluídos dos patamares de ampla vulnerabilidade, mas tão somente, o surgimento da valiosa empatia, que fideliza o eleitorado ao partido dos "bons samaritanos". Até porque, se assim não o fosse, haveriam programas complementares sendo aplicados simultaneamente ao pagamento do "benefício". Trocando em miúdos; o "Bolsa Família", não é uma medida provisória que foi criada para atender o mais carente, até que este fosse inserido no mercado de trabalho. Os valores são pagos mensalmente pelo governo federal, estritamente para comprar à prestação, a popularidade de presidentes, como: Luiz Inácio Lula da Silva.

Por dar um cartão magnético amarelo e apenas impor como condicionalidade, que as crianças em idade escolar tivessem 85% de presença em sala de aula e que as mães de crianças de 0 a 6 e as gestantes cumprissem o calendário de vacinação e a agenda pré e pós-natal, o ex-metalúrgico, que assumidamente realizou duas gestões pró banqueiros, foi praticamente canonizado. Em troca de uma mixaria insignificante, a maioria das pessoas das periferias passaram a acreditar, que durante o seu mandato, havia um verdadeiro homem do povo no poder.

Qualquer pilantra no Ministério do "Desenvolvimento Social e Combate a Fome e a Pobreza", sabe que o "Bolsa Família" não promove o acesso a rede de serviços públicos, como: os de saúde, educação e assistência social; não combate a fome; não produz segurança alimentar e nutricional e muuuuito menos, estimula a emancipação sustentada de alguém. É incontestável... Um auxílio desse porte, é insuficiente para assegurar o direito universal à alimentação, para romper o ciclo de miséria entre gerações e para contribuir com a conquista da cidadania pelos que compõem a parcela mais penalizada da população. Como que o montante ínfimo, cedido estrategicamente, para uma família com renda per capita mensal de R$ 70,00 por pessoa, pode provocar alguma transformação em suas vidas?

Escrevi antes e reafirmo: não precisamos de esmolas! O povo necessita **em** caráter de urgência, de muito mais do que algumas cédulas de dez reais. E bota muito mais nisso!

Nos cálculos do Departamento Intersindical de Estatísticas e **Estudos Socioeconômicos** (Dieese), no ano de 2011, o salário mínimo ideal teria de ser de R$ 2.293,31. Como vê, a distância entre a realidade e aquilo que os nossos senhores consideram o bastante para suprir as determinações da Constituição Federal, é abismai.

Penso, que os canalhas que nos "representam", antes de nos presentearem com as suas soluções inescrupulosas, deveriam testá-las na própria carne. Será, que o aclamado ex-presidente Lula, conseguiria viver trinta segundos com os recursos do Bolsa Família?

É natural que aquele que está sendo corroído pela fome, se sinta feliz ao receber algum dinheiro, mesmo que a quantia em questão, não dê nem para comprar uma cesta básica completa. No entanto, é justamente aí, nas reações de aprovação, que mora o problema! Os abutres são nutridos pelas ondas da felicidade fabricada que irradiamos. Quanto mais felizes nos mostramos, mais nos posicionamos à frente dos pelotões de fuzilamento!

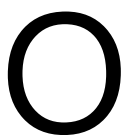
Enquanto estivermos emitindo sinais de contentação, significa que ainda não fomos capazes de compreender, que o valor "dado como assistência", é pra lá de ridículo, comparado ao débito que o governo e a elite têm conosco. Significa que ainda não nos demos conta, de que a soma inexpressiva posta nos nossos bolsos, faz parte de uma jogada de mestre, elaborada para encobrir a incompetência, a preguiça e a corrupção parlamentar e governamental.

Ao tempo, em que, os devotos dos "novos santos" da administração pública vão crendo em milagres, as suas existências vão sendo extintas pela genocida falta de políticas sociais, de geração de empregos e de investimentos em áreas carentes e

barbarizadas.

O efeito desastroso da política: do toma umas moedas, cala a boca e me elege pra quantas reeleições eu desejar se traduz em pessoas comuns tendo que se armar e travar guerrilhas urbanas e rurais, para ter o privilégio de colocar alguns grãos de arroz e feijão em seus pratos. Se traduz em pessoas comuns dando mais de 70% de aprovação para os governos que os mantiveram e os mantem aprisionados em cinturões de penúria, em um dos países mais ricos do mundo. Se traduz na Torre de Babel Horizontal, onde os poderosos alcançam, através de nossas desgraças, os céus na terra.

Por trás dos números oficiais...



O visitante estrangeiro, que decidir usar a sua câmera digital para registrar uma boa lembrança de seu passeio por nossas trincheiras deve, obrigatoriamente, dar um zoom na lente e fazer um enquadramento bem fechado em cada foto. Se ao tirar a sua bateria de fotografias o visitante não tomar essa precaução, correrá o risco de levar para casa, além de imagens das bundas das mulheres de biquínis, alguns fantasmas que costumam aparecer como vultos para assombrar os cartões postais. São eles: os espectros sociais saídos das zonas de exclusão!

No Brasil, é praticamente impossível capturar uma paisagem em ângulo largo, sem a invasão de uma favela ou de seus moradores. Observando essa constatação pelo prisma da denúncia, encontramos nela um lado positivo: os espectros sociais funcionam como estatísticas vivas! Quando passam com seus isopores contendo cervejas ou sorvetes, diante das cadeiras de praia das "raças superiores" se embebedando com caipirinha, dilatam as suas pupilas com envio de mensagens desagradáveis. A cada grito de: OLHA O CREMOSO os figurões assustados ouvem: formamos a multidão de famélicos esmagados na parte inferior da pirâmide social; 1 em cada 3 brasileiros vive nas classes D e E ou 1 em cada 3 brasileiros é subnutrido. Lamentavelmente, em tais episódios, logo os batimentos cardíacos dos gringos voltam para aceleração normal, pois rapidamente percebem que as remessas de informações indigestas são feitas involuntariamente. Percebem, que muitos dos espectros sociais nem sabem que são espectros sociais. Assim que se encerram os tremores nas mãos, a primeira coisa que dizem baixinho entre si é:

- Graças a Deus, que esses seres desconhecem as causas de suas desgraças!

- Graças a Deus, que esses seres são analfabetos, semianalfabetos ou analfabetos funcionais.

As maiorias reféns da "democracia" institucionalizada pelas minorias privilegiadas, bem mais do que ser afetadas pela defasagem material acentuada, são destroçadas pela repugnante escassez de letramento. Dentro de um sistema desigual, é vital para os nossos carrascos, que todos que sobrevivem no estágio de mendicância, preferencialmente, não consigam somar 2+2. Para isso, o alto escalão da sociedade investe os seus esforços em dois tipos de planos "educacionais": **Plano A e Plano B.**

No **Plano A,** impedem uma enorme parcela produtiva de pôr os pés nas classes escolares durante a idade apropriada, para depois, cinicamente oferecer-lhes ingresso em algum modelo de ensino para adultos após os 40 anos de idade, exatamente quando os seus destinos já estão desenhados. Cabe um comentário... Num país,

onde o trabalhador que sopra a vela de aniversário pela quadragésima vez, passa a ser discriminado ferozmente, não é lá muito vantajoso se alfabetizar nessa faixa etária, com expectativas profissionais!

E no **Plano B,** para que não hajam divergências e polêmicas com a comunidade internacional, os crápulas deixam os estudantes dos morros, casas de alvenaria e cortiços se matricularem, para em seguida os forçar a abandonar os estudos precocemente ou a concluí-los sem qualquer preparo para o mundo exterior.

E permitido que você tenha fome e até reclame dela, mas não que você conheça o mecanismo que a produz. Mais mórbido do que não ter o que comer, é não fazer ideia de onde está a nascente de seu vazio estomacal.

E fato, só há uma forma infalível para se fazer uma potência se desenvolver muito aquém de suas capacidades, sem despertar o estouro cotidiano de revoltas armadas por parte dos prejudicados: sabotando a educação. Se eu me baseasse somente nos números dos pesquisadores da Campanha Latino-Americana pelo Direito à Educação (CLADE) e nos dados da Organização Das Nações Unidas para a Educação Ciência e Cultura (Unesco), eu já seria forçado a reconhecer que os psicopatas da elite tiveram e ainda tem bastante êxito em sua sabotagem educacional.

Acredito que você já deva ter notado, que eu não sou lá muito chegado em abraçar conteúdos de notas oficiais. Pois normalmente, elas não refletem situações verídicas! Desta forma, mais uma vez seguirei os meus instintos e me reservarei o direito de não me fundamentar em histórias pra boi dormir. A coisa é muito pior do que aparenta ser! De acordo com os dados de alguns órgãos estrangeiros obtidos de fontes nada confiáveis, tais como: o governo federal 11% da população brasileira é analfabeta.

Na visão distorcida dos especialistas do exterior, a gerência sovina da burguesia é responsável por uma legião de cerca de 20 milhões de pessoas, de 15 anos de idade em diante, que não sabem ler e escrever.

Seguindo as conclusões desses estudos, devidamente direcionados, no ranking global de analfabetismo, em percentuais, ocupamos a 6ª posição da América Latina, já quando as análises têm como critério a quantidade de pessoas, somos os campeões disparados da modalidade na América Latina. Já quando as análises têm como critério a quantidade de pessoas, participamos "com louvor" do grupo das 11 nações do planeta com mais de 10 milhões de não-alfabetizados.

O quadro educacional nacional é tão dramático, que mesmo com os nossos líderes forjando um panorama surreal, ainda assim, a economia tupiniquim no G8, figura no G11 do analfabetismo. Bom, se as cifras declaradas são catastróficas, imagine as cifras obscuras da educação.

Será que são apenas 11% dos brasileiros, que no dia 08 de setembro, o Dia Internacional da Alfabetização, não tem o que comemorar? As vítimas do método de aprovação automática em vigor em alguns estados, me dizem que não. O estrago é sensivelmente maior do que o anunciado! Os índices locais que apontam o grau de analfabetismo, são colhidos de farsas.

Para a formulação das estatísticas do MEC (Ministério da Educação), cedidas "gentilmente" para os institutos internacionais, o que vale são as matrículas, não o

aprendizado. Não interessa se os alunos passam o seu tempo na ociosidade aprendendo a jogar bolinhas de papel uns nos outros, o que importa, é que eles respondam na hora da chamada:

- **Fulano?**
- **Presente professora.**

Fulano tá fora da lista dos analfabetos.

Com progressão continuada ou não, a meta não é ensinar, é apenas maquiar a realidade, acomodando estudantes dentro de um prédio durante algumas horas. E a metodologia do fingimento. O Estado brasileiro finge que educa, enquanto o mundo finge que acredita! O mais grave de tudo isso, é que as consequências desse fingimento só serão percebidas quando os meninos e meninas das áreas de risco entrarem na fase adulta.

Lembra do "Bolsa Família"? O obsceno "auxílio" contribui para que os pais mantenham os filhos em estabelecimentos formadores de analfabetos funcionais, sem manifestar qualquer tipo de objeção. Afinal, a qualidade do conjunto das normas pedagógicas não é lá essas coisas, mas o lado financeiro "compensa". É o emburrecimento coletivo, feito à base de chantagem!

Moral da história: com isso, os dominantes formam um rebanho amansado, que quando crescem (se crescem), sequer imaginam o sentido da palavra cidadania e ainda ganham pontos com as nações desenvolvidas exibindo "melhoras na temática", através da alta taxa de manutenção de crianças dentro de pocilgas sem professores.

Ao lermos nos tendenciosos informes de associações ligadas ao governo federal, que 11% da população é analfabeta, temos uma falsa impressão de que esse cancro se limita a bater apenas nas portas dos cerca de 20 milhões de cidadãos citados acima. Somos estimulados a pensar, que em proporção à uma população estimada em 190 milhões, até que o problema não é tão grave, pois teoricamente sobrariam por volta de 170 milhões de pessoas instruídas. Que piada!

A matemática é bem diferente!

O nosso engano se dá, porque as raposas parlamentares não costumam propagandear junto com os indicadores de analfabetismo, os indicadores de alfabetismo. Eles omitem que em nossa terra carnavalesca, só 25<í o da população brasileira adulta é plenamente alfabetizada.

Façamos aqui uma pequena continha para entendermos o que se esconde por trás da severa ausência de divulgação a respeito do Brasil alfabetizado... Por estarmos falando de adultos, primeiramente temos de retirar dos 190 milhões de habitantes, 61 milhões de crianças e adolescentes de 0 a 17 anos de idade. Feito isso, obtemos como resultado; uma cifra na casa dos 129 milhões. A partir deste número, calculamos os 25% de alfabetizados, algo em tomo de 32 milhões de pessoas. Uma vez encontrada a porção dos devidamente educados, basta subtraí-la e chegamos ao verdadeiro tamanho do precipício que tentam ocultar; **aproximadamente, 97 milhões de brasileiros, maiores de 18 anos, tem algum déficit educacional.** Ou melhor; **aproximadamente 97 milhões de brasileiros, maiores de 18 anos,**

não conseguem compreender o teor de um texto simples. Não se esqueça, que nesses 97 milhões, não estão computados os mais de 30% de crianças que estão fora do ensino fundamental e nem os mais de 78% dos adolescentes que não frequentam as aulas do ensino médio. Entendeu como as coisas mudam de figura, se verificadas por um ponto de vista diferente do da presidência da república?

Numa pátria, onde dos analfabetos absolutos; 67,4% são negros ou pardos, qualquer político que se atreva a festejar evoluções relativas ao ensino nacional, merece no mínimo ser linchado. Não digo que deveríamos matá-lo e nem deixá-lo desmaiado, ao contrário, deveríamos durante as sessões de porradas conservá-lo bem consciente, pro lixo humano poder ouvir quando gritássemos:

- **Filho da Puta, nós sabemos que você é um mentiroso!**
- **Nós sabemos, que somente 10,7% dos estudantes da zona de Guerra Não Declarada chamada Brasil, cursam o ensino superior e que desses, 75,5% estão na rede particular.**

É transparente como água, que não existe qualquer intenção dos ricos em investir no capital brasileiro com maior garantia de retorno: o capital humano marginalizado.

Somos os devotos de novos santos, que devem crer que estão inclusos num Programa de Aceleração do Crescimento, mesmo com pátrias extremamente mais pobres como: a Colômbia, o Equador, o Panamá e Cuba, apresentando índices de alfabetização infinitamente superiores aos nossos. Detalhe, quando menciono a Colômbia, estou falando de uma região mergulhada na narcoguerrilha e perseguida e dominada politicamente pelos Estados Unidos. Seguindo nesse sentido, destaco novamente Cuba, que apesar de sua ditadura, apresenta indicadores de analfabetismo em torno de 0,2%.

Como afirmei antes, as estatísticas oficiais nos colocam como o 10° país mais desigual do planeta.

Por si só, como é sabido e notório, esta classificação vexatória assumida pelos "nobres dirigentes", está crivada de agravantes... Recapitulando... Comprovadamente, o Brasil possui riquezas naturais suficientes para promover a igualdade e com folga a fartura de alimentos para todos os seus habitantes. Diferente de países destroçados pela fome, por suas geografias físicas muitas vezes não oferecerem condições ideais para a agricultura, a pecuária e o extrativismo vegetal e mineral, o problema aqui nada tem a ver com escassez de recursos, mas com o desiquilíbrio intencional na distribuição destes fomentado pelos psicopatas subcriminais. Por esses aspectos e alguns milhares de outros que deixei de escrever, fica mais do que evidente, que a "honrosa" posição na tabela, não condiz com as potencialidades da pátria amada e idolatrada.

Cheguei no X da questão... Se o 10° lugar no ranking das desigualdades, já exibe uma discrepância enorme com relação ao potencial do gigante latino-americano, pense no tamanho dessa disparidade, na hipótese de tal colocação ter sido construída sob dados forjados. Mais uma vez, o precipício é um pouco mais profundo do que aquilo que nos é vendido! Somos o 10° mais injusto em matéria de repartição de

renda de acordo com os controladores de mentes, não de acordo com a realidade ácida.

A minha intenção nesta obra, além de corrigir mais essa deformação monumental, é requerer para o país pacífico mais violento do mundo, outro título do acervo das aberrações: o de um dos líderes (se não o de líder) nos quesitos: miséria e concentração ilícita de renda!

Entretanto, antes de ajudar a provar por A+B, que os dados que foram costurados em nossos neurônios são ficcionais, quero usar esses mesmos dados contra as frentes rivais. Quero envenená-los com o seu próprio veneno! Até porque, se assim eu não fizer, estarei contribuindo para a construção das argumentações favoráveis aos meus opositores. Seria muito fácil para os simpatizantes das amebas capitalistas os defenderem, alegando que as minhas acusações são embasadas em achismos inconcretos. Não cometerei este erro! Até porque, ao admitirem a colocação do Brasil no ranking da desigualdade social, os bacilos perfumados com Imperial Majesty, já estão admitindo com ela, um dos piores quadros de calamidade pública que se tem notícia no mundo.

Para que eu ou qualquer outro favelado aponte a elite brasileira como a espécie mais daninha de nosso meio ambiente e as suas ações sádicas, como parte integrante do grupo dos atos mais nefastos já produzidos pela raça humana, não é necessário recorrer a tese Eduardista que será exibida mais a adiante, basta acatar os seus indicadores sociais relativos a pobreza. A teórica população com 28,8% de pobres e indigentes, que os políticos da situação orgulhosamente exibem, é mais do que a comprovação da inaptidão dos playboys em governar, é uma autêntica confissão de culpa do genocídio local premeditado. E um certificado lavrado pelo tabelionato do diabolismo, de que há em pleno funcionamento, uma maquinação brutal, repressora e egoística, que prospera por meio das desgraças fabricadas que tanto assolam o povo reduzido a gado.

Como você pôde perceber, mesmo sem a inclusão dos meus argumentos, a característica mais marcante da terra do futebol, não é o seu verão caliente e sim, a sua injustiça social!

Um aviso... Também no que se refere a quantidade absurda de homens, mulheres e crianças, afetados por privações decorrentes da insuficiência financeira, é de praxe que os economistas e pesquisadores **a** serviço dos assassinos sodais, apresentem panoramas estarrecedores envoltos em descaradas embalagens suavizadoras e otimistas. Quando o Instituto de Pesquisa Aplicada (1PEA), uma fundação pública federal vinculada à secretaria de assuntos estratégicos da presidência da república, assegura que teríamos um contingente de cerca de 54 milhões de pessoas abaixo da linha da pobreza, sendo 24 milhões delas em situação de indigência, o propósito não é atestar uma das maiores crises humanitárias do planeta, mas nos fazer pensar, que por volta de 136 milhões de cidadãos vivem de maneira decente. O propósito é criar uma corrente de ingênuos, que dão crédito a fábula que diz: que o apêndice conhecido por desigualdade, maior empecilho para que deixemos a UTT do subdesenvolvimento, é uma mera fatalidade que será vencida em pouco tempo com a nossa fé, trabalho duro e perseverança. A

doutrinação maléfica dos desumanizados, visa induzir as criaturas que caminham 24 horas por dia em solos minados, a pensarem que estão trilhando o itinerário da vitória!

Pegando um gancho nos indicadores descritivos acima, que nos mostram a concentração de renda e a exclusão social tão festejadas por presidentes em seus pronunciamentos a nação, quero dizer que eu, Eduardo, genuíno favelado, contesto todos os diagnósticos partidários sobre o perfil da miséria brasileira.

A política econômica local, não se baseia apenas em gerar somas vultosas para poucos através dos caixões lacrados dos muitos, mas em reescrever e escrever a história seguindo as orientações da nata da sociedade.

Na visão aristocrática, não é preciso realizar obras sociais para o povo, basta explanar de uma tribuna o conto de fadas que ele deseja ouvir. O povo quer ouvir, que ele está migrando das classes D e E para a C. O povo quer ouvir, que o seu poder de compra está sendo ampliado e que em breve poderá financiar eletrodomésticos. O povo quer ouvir, que o seu país, proporcionalmente a sua imensa população, tem uma soma aceitável de pessoas sobrevivendo nas garras da privação total. Então se é isso que o povo quer ouvir, as línguas mentirosas da nobreza falam!

Os homens e mulheres humildes, que se contentam com as tabelas e gráficos dos opressores, seguem boiando numa utopia maligna, até o dia em que as suas esperanças são revestidas pelo chumbo dos grupos de operações especiais dos burgueses. Antes que eu fosse arrancado a força dessa perigosa fantasia alucinógena pelos fuzis dos braços armados da playboyzada, optei por me dar o cartão vermelho desse jogo macabro e sem Fair-Play. Se o meu destino está marcado para cruzar com as munições estatais, que assim seja, porém, uma coisa é certa, a carne que elas perfurarão e transfixarão, forma conjunto com um cérebro que conhece a verdade! Eu sei o que eles fizeram no carnaval passado! Sei o que fazem no carnaval presente. E sei, o que farão no carnaval futuro.

De antemão, peço desculpas por ser repetitivo, mas por força do precioso hábito de não acreditar em canalhas, sou levado pela milhonésima vez a manifestar a minha discordância aos relatórios ilusórios timbrados com o brasão da república. Tanto no tocante à números, quanto no que concerne a debochada face positivista contida em cada novo parecer, as estatísticas nacionais de pobreza se enquadram como novas lendas urbanas e rurais. E é com todo prazer que faço uso dessa obra literária para desmenti-las.

Negativo irmão... As propagandas governistas não são verdadeiras! Não vivemos no 10° país mais desigual da face da terra. Não temos a porção de pobres e indigentes apontados pelos inimigos e inegavelmente também não estamos saindo de nenhum estágio de miserabilidade, seja ele moderado ou extremo.

Aliás, nessa direção é justamente o inverso... A cada milésimo que passa, somos devorados mais e mais pelo apetite voraz desse monstro gerado pelo ímpeto ganancioso dos Homo Money. Engana-se, se você acha, que cheguei a essa conclusão porque detonei algumas enciclopédias de ciências sociais... O que me trouxe a luz da razão, foi abrir os olhos e olhar para o inferno a minha volta. As

ruas, vielas, viadutos, albergues, etc., nesse sentido, oferecem informações extremamente mais seguras para análises científicas, do que os tendenciosos e parciais órgãos governamentais e institutos de pesquisa. Para que até a vítima mais lesada pela deseducação, confronte e desmascare os "intelectuais" formadores das opiniões convenientes para as bancadas poderosas, não é preciso nem que ela faça continhas nos moldes da que fizemos mais atrás sobre a educação, carece somente que ela passe a entender os critérios que definem as categorias que nos dividem entre indigentes e pobres e depois compare se os algarismos expostos nos outdoors da imprensa comprada, batem com o seu juízo claro e sensato. E uma atividade simples e muito benéfica. Resume-se em botar para funcionar o nosso senso crítico e analítico. Em aderir a arte de desconfiar. Em mudar radicalmente a nossa postura perante os dogmas dos mais abastados.

Por exemplo, ao vermos na TV a notícia plantada, que dá conta de que a saúde avançou, em vez de abrirmos sorrisos, estúpida e instantaneamente, temos de tirar a prova lembrando automaticamente do atendimento precário e animalizado dos hospitais dos bairros negligenciados. O representante do rico declara que os alunos têm dois professores em sala de aula, em vez de aplaudirmos, estúpida e instantaneamente, temos de tirar a prova indagando os estudantes pobres para ver se tal alegação é verdade de fato. Com urgência, devemos inundar o nosso DNA com doses cavalares de suspeita. Ainda mais, em se tratando de temas ligados aos bolsos de nossos carrascos.

Para que escritor e leitor reflitam conjuntamente a respeito da veracidade das retóricas oficiais sobre a miséria, faço questão, de a seguir, mostrar quais são os conceitos mundiais usados para a medição da carência material, econômica e social.

Universalmente, aquilo que se entende por pobreza, é a tradução de um patamar de sobrevivência cujos ganhos monetários de um cidadão, não são capazes de lhe garantir de maneira satisfatória, alimentação, água, luz, moradia, lazer, transporte e vestuário. Já a indigência, é descrita por uma situação a qual o indivíduo e impedido de produzir uma renda que arque, minimamente, com os custos de uma cesta alimentar, que atenda às necessidades calóricas essenciais para a manutenção da vida. Sejamos francos... Se fizermos um exame tomográfico do Brasil, usando fielmente essas informações, serão poucos os compatriotas que não se enquadrarão dentro desses dois modelos de escassez. Verdade seja dita, nós da periferia, se forçarmos o cérebro à procura de um mano que não enquadre nesses parâmetros, fundimos a massa cinzenta. Posso garantir, sem qualquer tipo de exagero ou sensacionalismo, que no meu círculo de amizades, não tem ninguém que sustente satisfatoriamente a sua família.

Como escrito por mim há pouco: até o mais castigado pela educação corrosiva, ao tomar conhecimento do conteúdo levado em conta na metodologia global para a apuração da pobreza, torna-se apto para desmentir os semideuses. Ao ver com quantos paus se faz um necessitado, qualquer homem ou mulher, que esteja em pleno gozo de suas faculdades mentais, abruptamente, tem os seus pensamentos sequestrados pela maravilhosa dona dúvida. Por via de regra, a princípio todos ficam como eu fiquei: perplexos e atormentados por uma série básica de constatações e

perguntas do tipo: Ué, se todos aqueles que se emolduram nessas especificações são pessoas carentes, então a multidão nacional de desamparados é muito maior do que a quantia propagada! Ué, como será que os canalhas da elite chegaram a somatória de pobres e indigentes apresentada pelos canais de comunicação do governo? Ué, quando foi que entrevistaram todos os moradores das periferias, favelas, cortiços e os desabrigados em geral para fazerem a diferenciação? Depois de uma boa ducha de desalienação dada pela bula internacional, o número de 54 milhões de pobres alardeado por asnos mentirosos, passa a não ter mais nenhum poder de convencimento.

Se tomarmos como base a fraude oficial, menos de um terço de nossa população sobreviveria em condições precárias. Com isso, somente um cidadão a cada quase quatro, seria pobre ou indigente. O que, sinceramente, não é bem o que observamos nos metros quadrados das zonas de combate.

O rap me deu o privilégio de esquadrinhar pessoalmente grande parte do mapa nacional. Através da música de protesto, pude ir a campo de norte a sul, leste a oeste, para executar o meu trabalho de demolição de dados falsos. As minhas andanças Brasil afora, me permitiram constatar, ao vivo e em cores, que o belo país do comercial do Ministério do Turismo, é uma imensa periferia repleta de favelas. Todavia, nem seria preciso ter entrado em um ônibus de viagem ou em um aviào, para que eu obtivesse tal comprovação. Bastaria ter navegado em um dos sites que oferecem imagens de satélites. Com o uso desse artifício, todos podem esmiuçar estado por estado e ver que a maioria quase que absoluta das cidades brasileiras, são tomadas por imensos bolsões de pobreza, afastados das áreas centrais.

Graças ao regime separatista de classes, fica fácil dimensionar, comparar e fazer uma ideia quantitativa aproximada da porção de pobres e indigentes em relação aos ricos. Sabendo que o inchaço populacional concentrado nas regiões marcadas pelo abandono estatal, é o reflexo direto da segregação gerada pela constante valorização das regiões que abrigam os centros comerciais, industriais, financeiros e culturais, logo deduzimos, que os que foram empurrados para fora das redomas de progresso, não tinham o visto de permanência, também conhecido como: dinheiro.

A cada zoom nas imagens feitas por satélite, nos deparamos com a predominância aguda dos incontáveis bairros, vilas e morros, onde o déficit de moradia foi contornado sem nenhuma política ou planejamento habitacional. Os lugares que o Poder Público renegou, tiverem de crescer e se desenvolver sem arquitetos, engenheiros e urbanistas. E foi precisamente essa particularidade, que resultou num incômodo efeito colateral para as "autoridades": o desamparo ao produzir o caos, gerou com ele um extenso demonstrativo visual ao ar livre, que revela sem cortes e maquiagem, a fatia marginalizada da nação e o seu estado social.

Se de um lado, a iniciativa e a nossa autogestão na construção civil nesses pontos, não foram eficazes para findar o drama da falta de lares, por outro, a estruturação por conta própria deu luz às anomalias habitacionais inconfundíveis, que nos possibilitam em milésimos de segundos identificar as condições financeiras de seus ocupantes. Deu luz à mais de 16 mil favelas e a milhares de "casas" construídas em locais de quase nenhum valor imobiliário ou em setores de proteção ambiental. As

residências inconfundíveis são autênticos refúgios improvisados, erguidos desordenadamente para solucionar, das formas mais bizarras, criativas, precárias e desumanas, a questão do desabrigo. Na maioria absoluta dos casos, os construtores dessas moradias emergenciais, não puderam se dar ao luxo de respeitar a distância entre vizinhos exigida por lei. Isso fez com que a arquitetura da necessidade as equilibrasse umas sob as outras, formando assim, um verdadeiro castelo de cartas, à espera da vontade de São Pedro para desmoronar. Dos domicílios mais rústicos, feitos de caixotes de feira e latas de tintas, aos mais sofisticados, compostos por tijolos, todos carregam um tipo de selo de autenticidade da miséria. Alguns deles são: constituição de maneira artesanal pelos próprios moradores, ausência de saneamento básico, privação de um CEP, falta de reboco e pintura, localização em ruas não asfaltadas e sem iluminação, vergalhões saindo nas partes superiores das colunas, mesmo tendo sido construídos há décadas e por aí vai...

Enquanto os territórios de abundância seguem as tendências multicoloridas do mercado de decoração, a ação do tempo faz com que nas áreas de carência, prevaleça os tons desbotados de vermelho dos blocos cerâmicos e de marrom das tábuas de madeira. A coloração do panorama, também é uma forte aliada para aquele que busca encontrar a verdade. Quando a paisagem começa a ficar meio bicromática, significa que você está entrando em uma área reservada aos flagelados pelo capitalismo predatório.

Se ligou, como o método Eduardo para averiguação de nível de poder aquisitivo é simples e completamente seguro? Não requer prática e nem tão pouco habilidade. E só tapar os ouvidos para as pesquisas encomendadas pelo governo, olhar para as moradas "populares", depois para os palacetes e casas de padrão mediano e se deixar levar pela obviedade. Se o ambiente em que um homem reside, reflete a sua situação econômica, definitivamente, a nossa população não é formada por uma maioria de classe média, como atestam as lideranças petistas.

As mansões dos condomínios fechados e os imóveis bem estruturados, numericamente, não fazem frente aos barracos de madeira localizados nos morros, sob os mangues, em meio a matagais ou nos terrenos íngremes do enorme canteiro de obras inacabadas, denominado de: periferia. Muito menos se comparam a quantidade de casebres, cortiços e conjuntos habitacionais de péssima qualidade, levantados às pressas pelas secretarias de habitação em épocas eleitorais.

Os generosos quilômetros preenchidos pelos genéricos da terminologia; habitação, equipados com telhas de amianto e o curto espaço ocupado pelas residências cobertas com telhas francesas, portuguesas, romanas e coloniais, nos dão totais possibilidades para intuirmos, que; a porcentagem de pobres e indigentes no Brasil, ultrapassa e muito, os cerca de 28,8% anunciados nos meios de comunicação. Entre os dados oficiais e o meu senso crítico e analítico sem interesses lucrativos, prefiro confiar mil vezes no meu olhômetro e no meu chutômetro.

Só esclarecendo... Sei que o apartheid social e racial não produziu uma separação perfeita. É bem verdade, que não há de fato dois grandes polos 100% homogêneos, formados por despossuídos de um lado e abastados de outro. Essas duas realidades diferentes costumam interferir uma na outra, gerando o contraste que põem favelas

nas proximidades de luxuosas torres residenciais e comerciais e lares bem-acabados a poucos quarteirões de barracos de madeira. Porém, a interferência em ambas situações, não é tão acentuada ao ponto de prejudicar a nossa contagem.

Nos bairros de alta classe, os borrões de miséria são grãos de areia perto das moradias chiques. Da mesma forma, nos cinturões de exclusão, as habitações confortáveis, caras e ostentosas, não passam de gotas d'água no mar de favelização.

Por eu, assim como o governo, não ter sob os meus domínios declarações relativas à ganhos monetários dadas por cada brasileiro, não posso precisar fidedignamente a porção pontual de pessoas abaixo da linha da pobreza e da indigência. Sendo assim, na ausência do manifesto individual de cada habitante do país, a visão de 360° sob as ruas do antro de orgia, matança e sofrimento, torna-se a fórmula mais adequada para a retratação, em dados estatísticos, da pobreza nacional.

Não há a menor possibilidade dos números apresentados por nossos inimigos estarem em conformidade com o cenário social. Para que estes fossem rigorosamente exatos, seria necessário que entrevistadores, designados pelos maníacos por cifrões, tivessem batido em nossas portas para perguntar quanto ganhamos, quanto gastamos e quando comemos? Sendo bem sincero, eu jamais vi na minha vizinhança, algum pesquisador dessa natureza com uma prancheta e uma caneta atrás da orelha. Vou mais além... Se quer tive notícias de um mano meu que fora abordado por um deles. Portanto, só existem três mecanismos para a elaboração desse tipo de dossiê: as entrevistas, as especulações e as farsas. Na discussão levantada por mim, as entrevistas são descartadas, afinal, nem o Eduardo e nem o Estado as fizeram. Das duas opções restantes, a especulativa é minha, enquanto, a fraudulenta, como não podia deixar de ser, fica com o nosso "amável governo".

A complexidade de um tema dessa magnitude, mais do que inundar os meus pensamentos com dúvidas a respeito da origem e veracidade das informações oficiais, me atormenta com outros pontos colossais de interrogação...

Tudo bem, vá-lá... Vamos supor por um minuto, que de fato, tenhamos os tais 54 milhões de pobres e indigentes, alegados e comemorados por nossos algozes... Aí vem as minhas perguntas... Se os malditos e imprestáveis governantes, têm amplo conhecimento de quantas são as vítimas da penúria e nem consideram um número tão elevado assim, então porque não se mobilizam e criam projetos capazes de as resgatar de maneira perene das classes D e E? O que estão esperando para retirar a multidão famélica, que na opinião dos ricos nem é tão multidão assim, do tal denominado pela elite: patamar africano? Eu particularmente, não gosto desse termo aplicado usualmente pela burguesia, pois acho que o patamar africano é o padrão apresentado hoje pelos europeus, que saquearam e continuam saqueando o continente berço da humanidade.

De volta ao Brasil... É mais rentável mentir que existam cerca de 136 milhões de habitantes vivendo na classe média em diante, do que assumir a gravidade do problema e agir para corrigi-lo.

E bastante comum, testemunharmos os nossos "grandiosos líderes" se contradizendo em comunicados à nação. Esses vermes têm tanto apreço pelo povo,

que não se dão, ao menos, o trabalho de ler com antecedência as falas preparadas por seus assessores. Sem o devido cuidado com a leitura, entopem os nossos ouvidos com suas gafes macabras. Por exemplo, num discurso afirmam: que o assistencialismo esmola atende à mais de 12 milhões de famílias **(cerca de** 40 milhões de pessoas), que sem o "crucial auxílio" NÃO TERIAM COMIDA NA MESA, em outro dizem: que devido a ajuda do "Bolsa Família", estes brasileiros estão deixando os estágios mais baixos da miséria e entrando na classe C.

Peraí, se temos 24 milhões de pessoas em situação de indigência, como que o "Bolsa Família atende a cerca de 40 milhões de cidadãos, que sem o seu "precioso amparo", não teriam comida na mesa?

Peraí, como que um benefício emergencial, cuja finalidade é suprir a carência alimentar, pode elevar o poder de compra de um cidadão, ao ponto de catapulta-lo para um grau social superior?

Não é possível, alguém melhorar a sua condição social, recebendo uma quantia que não enche uma cesta de compras. Não é possível, alguém elevar a sua condição social, sem o acesso a cultura, a educação, a saúde e a moradia. A introdução de alguns itens da cesta básica, contribui no máximo, para matar parcialmente a fome.

Como será que se sentiriam os beneficiados pelo "nobre programa" de transferência de renda, que deixam o nordeste fugindo da maior concentração de miséria do Brasil e acabam nos lixões das cidades grandes do Sudeste, disputando restos de comida com ratos, cavalos, cães e insetos, ao saberem que de acordo com os critérios governamentais, eles compõem a **"NOVA CLASSE MÉDIA".**

E algo tão medonho, que eu não sei o que é mais espantoso: **um** país rico como o nosso convivendo com um flagelo social, que faz seres humanos se desprenderem do autor espeito, da autoestima e se guiarem apenas pelo **instinto primitivo** de **sobrevivência, rasgan**do sacos de lixo na captura de sobras de alimentos ou a tentativa vil
dos dominantes em camuflar essa tragédia com mentiras descabidas.

Será que nos países civilizados e desenvolvidos as pessoas que contam com níveis razoáveis de vida e consumo reviram lixeiras?

Será que nos países civilizados e desenvolvidos as pessoas que contam com níveis razoáveis de vida e consumo pegam em meio a dejetos, ossos de frango ou porções deterioradas e azedas de macarrão, arroz e feijão, para em casa lavá-los, temperá-los e servi-los aos filhos no jantar? Negativo!

É apenas a **"NOVA CLASSE MÉDIA"** brasileira**,** que visita as salas de emergência dos Prontos-Socorros com intoxicação alimentar, provocada pela ingestão das ceias propiciadas pelos aterros sanitários.

É apenas a **"NOVA CLASSE MÉDIA"** brasileira, que visita os plenários dos tribunais de justiça, para ser defendida por incompetentes advogados do Estado, por ter cometido crimes de "alta periculosidade" como: o furto de uma lata de leite em pó num hipermercado.

À Espera de um Milagre... Até Quando?

A injustiça social fulminante, de um dos líderes do ranking das desigualdades, estapeia os nossos rostos diariamente. Ora com enganações de todas as ordens, ora com cenas bizarras, que exprimem o vergonhoso contraste socioeconômico.

Confesso que fico extremamente desesperançoso em relação ao nosso avanço rumo à um estado igualitarista, quando vejo que a chegada nesse marco depende da boa vontade de homens, que não se constrangem em circular com Ferraris e Lamborghinis, próximos à legiões de crianças abandonadas, caminhando famintas e sob os efeitos prejudiciais do consumo de cola, éter, esmalte e crack.

Confesso que fico extremamente desesperançoso em relação ao nosso avanço rumo à um estado igualitarista, quando vejo que a chegada nesse marco depende da boa vontade de homens, que não perdem o apetite, mesmo vendo pelas janelas dos restaurantes cinco estrelas, as mãos estendidas das mães com filhos de colo, que imploram a compaixão dos transeuntes.

Nesses instantes de reflexão concluo que, sem planos de insurreição, ficamos unicamente à espera de um milagre.

Quando não se considera seriamente a ideia de uma convulsão popular, apenas os eventos sobrenaturais tornam-se capazes de modificar positivamente uma pátria depravada. Apenas os eventos sobrenaturais tornam-se capazes de modificar positivamente o cenário absurdo, onde apresentadores de televisão pleiteiam o direito de ostentar relógios Rolex nas vistas dos esquecidos. Nessas condições, só um fenômeno miraculoso pode transformar o cenário absurdo, onde os filhinhos de papai se sentem lesados, por não poderem esfregar livremente os seus pertences chiques, na cara dos que enchem sacolas com frutas, legumes e vegetais semiestragados pegos no chão do Ceagesp, para depois da retirada das partes apodrecidas, vendê-los em barracas improvisadas em bairros situados a duas horas ou mais do centro. É válido dizer, que esse tipo de comércio é bem típico entre os contemplados pelo "alívio imediato da pobreza", promovido pelo gangsterismo presidencial. Normalmente, quem não tem nada, costuma expressar gestos comunitários, ao tempo, que os seres de posses, poder e influência, são individualistas e materialistas.

Igual a todos os seres humanos, as pessoas carentes têm defeitos, entretanto, poucos de nós conseguiriam se sentir gente, ostentando bens na frente de quem come lixo. Poucos de nós seriam tão sórdidos, como um apresentador de TV, para exigir a presença de mais policiais assassinos nas ruas, para podermos pôr os braços para fora das janelas de carros com joias que marcam as horas. Bem mais ultrajante do que tais atos hediondos de egoísmo e falta de sensibilidade, é ouvi-los declarando

amor incondicional ao país. Bem pior do que as ações nefastas, é vê-los colocando a cereja no bolo, com as declarações mentirosas de patriotismo. Quando o rico se declara patriota, ele está manifestando o seu amor pelas montanhas, floresta, clima tropical, etc... Quando um favelado exalta o seu patriotismo, este está gritando: eu amo a minha gente.

Pra mim, não faz sentido ter orgulho da biodiversidade nacional e horror aos conterrâneos desprivilegiados. Na minha opinião, a maior riqueza do Brasil não está na selva amazônica, mas nas favelas! Diferente dos hipócritas que adoram as rochas, eu nunca me considerei um patriota, até porque, num contexto abrangente, é muito difícil gostar de seu corredor da morte. Contudo, no final, veja você que ironia do destino, acabo prezando mil vezes mais a maldita terra dos múltiplos regimes, do que o boyzão gritando gol da seleção em frente à um telão da globo. E sabe o porquê disso? Porque eu não quero mais uma taça Fifa, eu quero que seja findada a situação calamitosa, que todos os dias envia os meus iguais para serem periciados por legistas.

Acabo sendo mil vezes mais patriota, porque o meu sangue sobe ao ver o meu povo, ainda na primeira infância, condenado ao fracasso e a um fim violento.

Acabo sendo mil vezes mais patriota, porque o ponteiro do termômetro do meu ódio ultrapassa os 40 graus celsius, quando eu assisto os meus irmãos e irmãs de trincheira vendendo chocolates, balas de goma, castanhas e refrigerantes nos semáforos.

Acabo sendo mil vezes mais patriota, porque o ponteiro do termômetro do meu ódio ultrapassa os 40 graus celsius, quando eu assisto os meus irmãos e irmãs de trincheira lavando para-brisas e fazendo malabarismo com pedaços de cabo de vassouras e bolinhas; exibindo receitas de doenças graves, para causar comoção e conseguir uns poucos centavos; pedindo água para os zeladores de prédios de luxo ou estacionamentos, para tomarem banho; fazendo a higiene pessoal em chafarizes de praças; tendo que defecar e urinar ao ar livre como bichos; derretendo as suas preciosas vidas em cachimbos e em vitrines vivas do descaso.

Acabo sendo mil vezes mais patriota, porque o ponteiro do termômetro do meu ódio ultrapassa os 40 graus celsius, quando eu assisto os meus irmãos e irmãs de trincheira sendo os indesejáveis, que quando entram em estabelecimentos comerciais, são prontamente expulsos para que não afugentem a freguesia; sendo alimentados com doações de igrejas, esmolas ou através de pequenos delitos; vestidos com roupas e calçados roubados ou doados, com décadas de uso; tendo que apertar os gatilhos dos modernos instrumentos mortíferos injetados habilmente por seus fabricantes nas favelas, para poderem se enquadrar dentro das exigências da cadeia consumista; executados a sangue frio por pelotões de fuzilamento estatais, em razão da origem social e da cor da pele; empunhando armas de grosso calibre, coloridas com tinta spray, para que os universitários filhinhos de papai, possam ter o privilégio de cheirar cocaína.

Acabo sendo mil vezes mais patriota, porque o ponteiro do termômetro do meu ódio ultrapassa os 40 graus celsius, quando eu assisto os meus irmãos e irmãs de trincheira amontoados como objetos inanimados em celas superlotadas; esperando anos por julgamentos; sentenciados a penas desproporcionais às infrações

cometidas, por não poderem arcar com as custas de um defensor particular; envelhecendo atrás de grades, mesmo depois de quitadas as "dívidas com a sociedade"; cumprindo regimes disciplinares diferenciados (RDD), em masmorras federais; tendo os seus restos mortais velados cm caixões de papelão e enterrados em sepulturas sem esculturas tumulares, fotografias ou nomes (isso quando algum osso é encontrado para jazir em paz); sonhando em trocar as caixas de papelão apelidadas de lar, por metros quadrados cercados por compensados.

Acabo sendo mil vezes mais patriota, porque em minha concepção, por seus crimes contra a humanidade, os Ted Bundy da elite merecem sentir nos pescoços o peso da lâmina cega de uma guilhotina.

Aquele que realmente ama o seu país, antes de pensar na fauna e na flora, luta pela preservação da espécie mais importante de todas: o ser humano. Antes de pensar na fauna e na flora, luta para que os dirigentes que acendem os pavios da **Guerra Não Declarada** do Brasil, sejam na pior das hipóteses, destronados.

E por falar em patriotismo, como será que um ou uma "estadista", que jurou erradicar a fome de seu povo, por amor a sua nação, pode deitar a cabeça no travesseiro e ter um sono tranquilo, sabendo que um contingente maior do que a população de vários países não tem acesso a cesta biológica básica? Sabendo que esse contingente dorme ao relento, em calçadas sujas e frias e que se protege do inverno rígido, aquecido com o calor de cobertores populares toscos e de fogueiras?

Como que alguém, em quem foi depositada a confiança de parte da nação, pode cochilar na rede de uma fazenda, enquanto os que esperam pela salvação prometida em sua propaganda eleitoral gratuita, fecham os olhos e sonham com dias melhores respirando monóxido de carbono, emitido pelos escapamentos dos veículos que trafegam a poucos centímetros de suas camas improvisadas? Prontamente, a primeira resposta que o nosso raciocínio lógico elabora para essa série de perguntas é: o mau-caratismo. E um argumento correto, porém, um tanto evasivo... A explicação transcende um pouco a mera falta de caráter...

Não se trata apenas de um isolado desvio de conduta de um tirano, que usou os mais carentes como escada para alcançar um generoso salário, regalias indecorosas e o cobiçadíssimo: foro privilegiado mais precisamente, da aplicação das ocultas regras da engenharia dos negócios e da política nacional. Fora as famosas índoles pervertidas, outros dois motivos esclarecem o porquê dos parlamentares, de esquerda e de direita, não terem insônia com o quadro alarmante daqueles, que em meio ao barulho ensurdecedor de buzinas, ronco de motores e estômagos, definham sem provar do raro sabor da cidadania. Vamos a eles...

Primeiro: pros industriais, mega-comerciantes, banqueiros, empresários e investidores estrangeiros, que patrocinam as campanhas das corridas eletivas, essa parte da plebe é descartável, por praticamente, não participar da economia nacional. No limbo do limbo existencial, ao qual a classe mais baixa dos cidadãos invisíveis é forçada a subsistir, o estilo de vida semivegetativo tem produção e consumo próximos ao zero. Então, já que quase não geram receitas, tanto faz se estão famintos ou alimentados, abrigados ou desabrigados, vivos ou mortos. Para o mundo corporatocrático comandado pelas empresas privadas, que tem todos os

políticos como seus representantes nas casas executivas e legislativas, os seres que só consomem com a ajuda humanitária das almas caridosas que varam as madrugadas distribuindo pães e sopas, não tem utilidade.

E **segundo:** os rejeitados que perambulam sem rumo pelas vias públicas não votam. Todo inseto bisonho autoproclamado: "homem ou mulher do povo" tem completa ciência de que os aprisionados no ponto mais necrotizado da dessocialização não possuem, sequer carteira de identidade, quanto mais um título de eleitor. Sabem, que mesmo porventura, alguns o possuindo, ainda assim, não estão aptos para elegerem ninguém, pois a maioria esmagadora formada por "imigrantes" (refugiados de guerra), encontra-se há quilômetros de distância dos cartórios eleitorais onde os tais documentos infrutuosos estão inscritos. Para que os criminosos de colarinho branco pudessem contar com essa faixa populacional, rebaixada a uma multidão de cadáveres vivos, seria preciso que ocorressem três milagres: que muitos dos destroçados pela "democracia brasileira" passassem a dispor de saldo em caixa para efetuar viagens as suas terras natais, visando cumprir "deveres cívicos"; que fosse possível, diariamente, transferir títulos para zonas eleitorais compatíveis com os que vivem como nômades, morando cada hora em baixo de um viaduto localizado em um ponto diferente do país e que por fim, as pessoas barbarizadas pela indiferença tivessem despertadas em suas mentes, sem um pingo de esperança nos homens, nas instituições e no futuro, ondas de estímulos para o exercício do "magnífico" direito ao voto. Portanto, em face do dispêndio e da trabalheira de se deixar subnutridos em dia com a justiça eleitoral, é mais simples e conveniente riscá-los das projeções de crescimento.

Por não apertarem as teclas das urnas eletrônicas nos locais de origem, devido a ausência forçada e nos lugares em que sobrevivem como animais, por falta de endereços fixos, zonas eleitorais móveis e vontade, essas pessoas são completamente dispensáveis!

Como não contribuem diretamente com o empossamento de vereadores, deputados estaduais e federais, senadores, prefeitos, governadores e presidentes, não fazem parte dos planos de nenhum escalão parlamentar.

E assim, também para o mundo da política, direcionado pelas empresas privadas, aqueles que foram afastados da identidade cidadã, não tem serventia.

Prova maior da descartabilidade dessa camada social, é a forma como as autoridades e a sociedade civil, que tem poder de interferência e veto, lidam com a questão: quem não gasta e não vota, é privado da alimentação, recebe pedras de crack, garrafas de pinga e vai viver nos centros de confinamento das áreas centrais. Cachaça, fome e crack, são ótimos aceleradores para a conclusão da limpeza étnica e social pretendida pela burguesia.

Escrever sobre os meus semelhantes em estado de miséria absoluta, me fez lembrar de um programa de rádio com um nome bem sugestivo e sarcástico, chamado de: "CAFÉ COM A PRESIDENTA".

Pergunto-me, que café?

Sra. presidenta, de acordo com os seus próprios dados forjados, 24 milhões de pessoas não tomam café!

Que tal se mudássemos o nome do programa para: FOME COM A PRESIDENTA LOGO CEDO apesar de 'Vossa excelência" não passar fome.

Cabem outras sugestões, do tipo: CATAR PAPELÃO COM A PRESIDENTA para, quem sabe, conseguir comprar um prato de comida num restaurante popular ao final da tarde.

Ou até mesmo: FINGIR DEFICIÊNCIAS FÍSICAS COM A PRESIDENTA para, através da comiseração alheia, ganhar os trocados que patrocinarão algumas doses de aguardente.

Mesmo eu, por meus princípios morais de auto respeito e autopreservação, sendo totalmente contra as drogas e o álcool, por considerá-los armadilhas do sistema que destroem os nossos corpos e debilitam as nossas mentes, nos afastando das convicções ideológicas necessárias para uma revolução ou até para uma pequena reformulação social, quem sou eu, para formar qualquer juízo de valor, cm relação ao homem que se embriaga para fugir do calvário impiedoso. Quem sou eu, para julgar quem fuma pedra para escapar das torturas diárias confeccionadas pelos presidentes, que degustam cestas de café da manhã extraídas da privação do café da manhã dos outros. Quem sou eu, para condenar aquele que dá uns dois para viajar para o mundo dos sonhos, onde não há injustiça social e má distribuição de renda. Onde os cidadãos não são valorizados pela marca do carro ou das roupas, mas sim pela decência. É de meu total conhecimento que, infelizmente, a nossa nave só aterrissa nesse planeta, tendo altas dosagens de alucinógenos como combustível.

Verdade seja dita... Muitos de nós, que não se enquadram no patamar mais desolador da carência material, talvez nem aguentasse a pressão e acabasse se jogando em baixo dos pneus de um ônibus.

Não são todos que conseguem suportar o pesado fardo de viver como homens das cavernas, exclusivamente, em função de sanar a necessidade primária da alimentação. Não são todos que aceitam, passivamente, serem descarnados por uma tragédia produzida pela administração desonesta e antidemocrática dos recursos naturais.

Não posso garantir, que ao ver a fome anulando a capacidade de aprendizagem e as atividades inerentes a vida nos corpos de minha família, não recorreria as armas e posteriormente, a violência. Em tal circunstância, a chance de eu balançar uma latinha com moedas à espera de outras, enquanto a aristocracia divide as riquezas coletivas e planeja a nossa escravidão em clubes de campo jogando tênis, é de uma em um milhão.

Se já não admito a fome causada pela fúria da natureza ou por guerras declaradas, como poderia conviver harmonicamente, com a fome gerada pela inoperância proposital das políticas governamentais e por fraudes na rede de distribuição de alimentos?

Farsa + Fraude = Poder

A farsa que mascara a dimensão da carnificina, não está impressa apenas em materiais publicitários de campanha ou na ponta da língua dos oradores eloquentes que almejam votos. Está plantada também, nas primeiras páginas dos jornais de grande circulação e em seus portais de notícias na internet.

Outro dia me deparei com uma dessas manchetes tendenciosas e enganosas de ano eleitoral, que demonstram o quanto o atual governo federal e a imprensa marrom, sua aliada, nos julga débeis, bestializados e ingênuos. Em tom de histeria positiva, um artigo escrito com artimanha, anunciava ao povo em geral uma nova "boa nova", que não passava de mais um dos inúmeros insultos a inteligência do homem pobre... Segundo a tal matéria, rascunhada no Palácio do Planalto, em cinco anos, 30 milhões de pessoas haviam migrado das agonizantes classes D e E, para o oásis de paz e calmaria da classe C. Logo que bati os olhos no título em negrito do "acontecimento histórico", comecei a sentir um forte odor de falcatrua no ar. Afinal, para que 30 milhões de compatriotas pudessem ter dado esse salto, antes seria preciso tê-los incluído em programas sociais, oferecido-lhes acesso irrestrito aos bens públicos e sobretudo, proporcionado-lhes igualdade de oportunidades em todas as áreas imprescindíveis para o desenvolvimento humano, intelectual e profissional. Creio, que as pinturas do realismo expostas nas ruas, nos mostram claramente, que a "elevação" descrita, não deixou uma mísera pegada nesse caminho.

Nem bem, eu tinha terminado de ler a reportagem indutiva, quando do fundo do meu subconsciente, meu cérebro instintivamente me enviou uma mensagem: **huummmmmmmmmm**, aí tem pegadinha! Lamentavelmente, ele estava coberto de razão! Tinha mesmo! O mega resgate social festejado, se resume em um ousado e descarado estratagema, arquitetado para encher planilhas e cabeças desatentas com resultados ilusórios.

Trinta milhões de brasileiros "atingiram a classe C", porque os requisitos estatais para a mudança de nível social não adotam recomendações internacionais, tais como: o aumento substancial de renda e consumo, e o progresso pessoal relativo a cultura e a educação. Em nossa terra alienada, feliz e dançante, os critérios que apontam o grau de miséria, pobreza e ascensão, diferem, colossalmente, dos que são usados como parâmetros comparativos pelos órgãos estrangeiros de pesquisa. As massas cinzentas do poder, versadas em maquinações, desenvolveram para o Brasil uma verdadeira pérola para apurações nesse sentido.

Aconselho a você leitor, por precaução, tomar alguma providência contra náuseas e vômitos.

Estômago preparado? Então vamos nessa... Oficialmente, em nosso país, é considerado indigente o cidadão cuja renda mensal individual não ultrapasse: RS

70,00 e pobre, o cidadão cuja renda mensal individual não ultrapasse R$ 151,00.

Para os governistas e para os jornalistas, economistas e coordenadores dos institutos produtores de estatísticas guardados em seus bolsos, basta o ganho per capita/mês de uma pessoa exceder o patamar fixado em R$ 70 para que ela deixe de viver em completo estado de indigência e transpor a quantia per capita/mês de R$ 151, para que ela abandone o es tatus de pobreza. Impressionante!

Isso significa, que aquele que passou a somar 1 real a mais no seu orçamento, dependendo do quadro em que se encontrava, deixou de ser miserável ou pobre.

O cálculo é bastante simples: R$ 70 + RS 1 = a um "ex-miserável" e, RS 151+ R$ 1 = a um "ex-pobre" ou a um "classe média".

Essa matemática horripilante é a maneira descoberta pelos ricos para nos chamar de imbecis com outras palavras. Com esse modo criativo, fica totalmente descomplicado solucionar o problema da carência financeira no Brasil. Aliás, se as víboras locais quiserem, podem até exportar essa tecnologia para o resto do planeta e assim, ajudar a extirpar essa chaga maldita de toda a humanidade. Os chefes de Estado das nações do Terceiro Mundo devem ter se lamentado muito, por não terem tido essa ideia há mais tempo.

Quem disse que os brasileiros são atrasados?

É bem verdade, que os boys não se destacam nos congressos mundiais de medicina, que o grau de excelência de suas faculdades não os colocam entre as 100 melhores do globo terrestre e que eles jamais passaram perto de receber um prêmio Nobel por seus feitos, no entanto, temos de dar o braço a torcer... Os filhos da puta inventaram o método miraculoso, que extingue o maior drama de todas as civilizações em todas as épocas. "Parabéns"!

Quem diria? Era tão fácil, que até eu me envergonho por não ter pensado nisso.

Também, como que eu iria imaginar, que para a "extinção da fome", da indigência e da pobreza, bastava convencer os famintos, de que, mesmo ingerindo por dia uma quantidade de alimento insuficiente para sustentar uma solitária num intestino, eles "evoluiriam socialmente". Também, como que eu iria imaginar, que para extinção da fome, da indigência e da pobreza, bastava convencer os favelados, de que, mesmo morando em barracos infestados de insetos nas margens de córregos pútridos, se eles adquiriram um celular ou uma televisão de 32 polegadas para quitar em prestações, eles "evoluiriam socialmente".

Será, que se escalas nacionais de indigência e pobreza, fossem estabelecidas em um salário mínimo, algum canalha boca de urna e lobista do governo, ousaria empregar a palavra "ascensão", ao fazer referência a moradores de comunidades negligenciadas? Tenho certeza absoluta que não!

E só num país corrupto e injusto como o Brasil, que os programas de combate a fome e a miséria, não se fundamentam em medidas de inclusão social, mas em técnicas de persuasão.

Os poderosos devem raciocinar da seguinte maneira: depois que 39 seguidores da seita norte-americana Heavens Gate (Portões dos Céus) cometeram suicídio por acreditarem que uma nave extraterrestre, localizada atrás do cometa Hale-Bopp, iria levá-los para um nível superior, tudo é válido!

Quando os **contadores** de lorotas são habilidosos, as pessoas sem malícia caem como coelhos nas emboscadas. Por exemplo: ao decretarem tais patamares como medidores e indicadores de graus de escassez, fazem a população adotar um número fantasioso e menor de flagelados. Fazem com que os menos informados considerem qualquer medida governamental que eleve mediocremente a renda pessoal ou familiar, uma ação concreta, rumo ao amplo e abrangente igualitarismo. Fazem com que os contemplados pelo assistencialismo de segundas intenções, vejam os políticos da situação e seus partidos como heróis e símbolos da luta popular.

Sob o torpor das overdoses de fabulação, diversos experimentam a falsa impressão, que os coage a acreditar, que o trabalhador remunerado com um salário mínimo de fome, não é tão desfavorecido assim e, portanto, está sendo imunizado contra os dramas proporcionados pelos que parasitam o trabalho alheio e saqueiam os recursos públicos.

Sob o torpor das overdoses de fabulação, muitos desempregados ao conseguirem uma vaga no mercado formal, são tomados por um surto de alegria, por acharem que automaticamente serão teletransportados das profundezas da mais ardente penúria, para o sossego de um "nível superior".

Entendeu porque citei há pouco o episódio ocorrido com a Heavens Gate?

As mentiras dos políticos são as naves fictícias, que os cordeiros crédulos pensam que os levarão pra longe do mundo impuro e imperfeito. O problema é que a semelhança entre a seita de fanáticos e a inconsciência de classe dos despossuídos, vai até o final... No fim, aqui, como lá, todos morrem sem atingir o objetivo prometido pelo grande líder.

Num panorama onde a má-fé vale cargos importantes e os cargos importantes valem compras em joalherias de Paris, devemos redobrar a atenção.

Os ilusionistas, para assegurarem o convencimento geral sobre a "redução" do desequilíbrio dentro da sociedade, além das táticas por mim relatadas, usam outros modelos de truques, como: juntar as rendas individuais dos membros de uma família, para determinar um padrão de poder aquisitivo irreal, baseado na somatória dos ganhos de todos na casa. Nesse seguimento, chamado de: definição de classes por renda familiar mensal, são consideradas famílias de nível E, aquelas cujos proventos do mês, não transponham o valor de R$ 803,00 e de nível D, aquelas cujas remunerações em um período de trinta dias fiquem limitadas a R$ 1.114,00. Se nos guiarmos por essa metodologia de apuração, o que já era assombroso, degringola de vez, pois constatamos que as famílias das periferias, na sua maioria, estão demasiadamente distantes de atingir a letra D do alfabeto do capitalismo selvagem. Como é de conhecimento popular, essas famílias são constituídas, em grande parte, por uma mãe solteira com pouca escolaridade, responsável por 3 a 4 filhos. Tradução: majoritariamente, as habitações precárias são chefiadas por mulheres que sustentam a todos, trabalhando em subempregos recompensados com um salário mínimo. Entretanto, no lugar de mirarmos nos que "ainda" não atingiram a marca estipulada para a "salvação", sugiro que foquemos na terceira letra do abecedário do egoísmo, onde, teoricamente, estariam alojados os que foram salvos.

Vamos simular uma situação hipotética, para checarmos a veracidade dos

argumentos, daqueles que alicerçados na estratégia da renda familiar, atestam a existência de uma população médio-classista maior do que a porcentagem de cidadãos pobres e indigentes. Imagine que uma das famílias comuns das áreas de exclusão, citadas há pouco no exemplo, tivesse sido refrescada pelos "ventos da bonança", trazidos pelo "milagre econômico nacional" com o seu "crescimento em ritmo chinês" e começasse a desfrutar de uma renda mensal por volta de uns R$ 1.200,00, que de acordo com os critérios governamentais, a classificaria como classe C... Imaginou? Tudo bem! Agora leitor, responda pra você mesmo, com esse numerário ridículo, seria possível, que aquela mãe solteira com 3 a 4 filhos, arcasse com despesas referentes a alimentação, vestuário, lazer, cultura, educação, esporte, aluguel, água, luz, telefone, internet, prestações de eletrodomésticos ou automóveis? Para te ajudar na resposta, acrescento que qualquer residência mediana, localizada nas extremidades dos municípios, tem um aluguel médio de RS 750,00. Com toda franqueza, a tal família, por ter elevado timidamente o seu poder de compra, passou a se enquadrar nos moldes de uma família de classe média? É óbvio que não! Até para os padrões dos países subdesenvolvidos, o tal exemplo caracteriza estado de pobreza. E, parece que alguém está mentido pra gente!

E tem mais... No caso de toda essa artilharia de alienação e inverdades falhar na missão de fazer as pessoas carentes acreditarem em suas supostas melhoras de vida e avanço, os ricos maquiavélicos apelam para uma fórmula derradeira e dão o golpe de misericórdia! Sem misericórdia, inventam novas classes sociais que se adequam aos bolsos dos "felizardos". Se os esfomeados não vão até os estágios de prosperidade, os estágios de prosperidade vão até os esfomeados! E assim, para o surgimento e manutenção da sensação coletiva de progresso e desenvolvimento, nascem as classes cl, c2, c3, c4, c5, c6, c7, c8, etc...

É fenomenal como os peritos em controlar mentes nos massacram e depois camuflam o genocídio com a criação de órgãos públicos inúteis, planos governamentais ineficazes e frases bonitas e de impacto. Algumas dessas frases, de tão ditas e escritas, ficaram impregnadas no imaginário social. E uma pena que o povo por inteiro, ainda não saiba interpretá-las corretamente.

Quando dizem: o Brasil, hoje, apresenta estabilidade política e econômica, significa que a política e a economia permanecem estáveis; a primeira, corrupta e incompetente e a segunda, estagnando homens, mulheres e crianças na penúria.

Quando dizem: o Brasil, hoje, tem alto potencial de consumo, significa que os mais pobres e ingênuos são incitados a se endividarem, comprometendo as suas remunerações com futilidades pagas em 64 parcelas recheadas de juros, para que assim, o comércio e a indústria burguesa continuem com as suas sanhas exploratórias fortes e atuantes.

A lavagem cerebral funciona como um cabresto. A lavagem cerebral funciona como um desativador de revolta da multidão má nutrida. Ninguém se rebela contra aquilo que não crê ser um problema. Qual homem sem cultura, cuspiria na mão que ele julga tê-lo alimentado? É o escambo moderno!

A pessoa trucidada pela miséria, recebe grãos suficientes para que os seus batimentos cardíacos não cessem e em troca, não importuna os "salvadores da

pátria", com manifestações, protestos, passeatas e piquetes.

Desta forma, antes do natal de 2010, enquanto o novo cidadão classe média" gastava o seu tempo tentando imaginar de que maneira administrar a sua "fortuna", o governo ficava livre para, conforme os números divulgados pela ONG Transparência Brasil, desperdiçar com o Congresso Nacional: RS 11.545,04 por minuto. Antes da visita do bom velhinho à Câmara dos Deputados e ao Senado Federal, enfiávamos anualmente no rabo de cada um dos 81 senadores cerca de: R$ 33,1 milhões. Antes da visita do bom velhinho à Câmara dos Deputados e ao Senado Federal, enfiávamos anualmente no rabo de cada um dos 513 deputados federais cerca de: RS 6,6 milhões.

Assustador não é mesmo?

Mais assustador, é se eu disser, que diante da atual conjuntura, esses eram "bons tempos" que não voltam mais... Infelizmente, o que era terrível, evoluiu para o escabroso! Os tais "bons tempos", foram deletados com a chegada de um trenó da alegria, repleto de presentes. Os tais "bons tempos", foram apagados em dezembro de 2010, quando os parlamentares reajustaram os próprios salários em 61,83%, os equiparando aos R$ 26.723,13 recebidos mensalmente, pelos Ministros do Supremo Tribunal Federal (STF). E não é tudo... Aproveitando que os marginalizados estavam contentes e eufóricos, o agrado, igualmente, foi estendido ao Presidente da República, ao Vice e aos Ministros de Estado.

A festa não para por aí... Uma outra maquinação oficial se encarregou de não deixar nenhum "representante do povo" de fora da orgia. Como a Lei Maior do Brasil, escrita por mãos racistas, vincula os ganhos de vereadores aos de deputados estaduais e os de estaduais aos de federais, um efeito cascata assegurou que toda a corja de parasitas tivesse motivos de sobra para soltar fogos no réveillon mais feliz de suas vidas inúteis. Os insetos peçonhentos fizeram barba, cabelo, bigode e pelos pubianos! Nas casas onde um projeto tramita por décadas para ser transformado em lei, bastaram 22 minutos, para que essa gritante violação da ordem moral e civil fosse aprovada. No momento em que o "novo cidadão classe média" contava moedas para tentar comprar um peru e um panetone para a ceia, foram conectados os fios da bomba, que ao explodir, provocou um impacto anual nos bolsos dos brasileiros (contando estados e municípios) de quase 2 bilhões de reais. Quero deixar claro, que nesse valor exorbitante, não estão computados os custos aos cofres da União com a corrupção, os milhares de titulares de cargos públicos nomeados na base do afilhadismo, os desvios de verbas, as licitações fraudulentas, os enriquecimentos ilícitos e tão pouco, as despesas com os cartões corporativos do gabinete presidencial.

Só para fazer um registro comparativo, o benefício de um aposentado que contribuiu com a maldita Previdência Social por 30 anos, no caso das mulheres e 35 anos no caso dos homens, dificilmente chega a custar aos cofres públicos RS 10 mil por ano. E detalhe... Com a expectativa de vida oferecida pela violência burguesa exportada para as favelas e pelo sucateamento da saúde pública, é raro o INSS (Instituto Nacional de Seguro Social) pagar aposentadoria à um trabalhador das áreas abandonadas, por mais de três verões.

Se a despesa nacional com os aposentados já é extraordinariamente baixa em relação aos onerosos e dispensáveis parlamentares, o que dizer dos gastos economizados com aqueles que foram forçados a entrar e permanecer no mercado informal e não irão se aposentar. Ou, o que dizer dos gastos economizados, com aqueles que buscam o auxílio doença ou a aposentadoria por invalidez e são reprovados pelos "peritos" viciados. É recomendado ANMP (Associação Nacional dos Médicos Peritos da Previdência Social) que considerem um homem apto ao trabalho, mesmo que este tenha tido as duas pernas e braços amputados.

Reafirmo: a aplicação da assistência fajuta e a exposição de seus resultados inverídicos, são materiais de hipnose coletiva. Servem unicamente para conservar legendas partidárias e tiranos nas posições estratégicas, de onde através do achaque ao povo, inflam as contas do empresariado, dos donos do comércio e das multinacionais.

Quando dizemos amém a esse tipo "ajuda humanitária", estamos compactuando sem saber, com um governo que ao invés de combater a pobreza, represando a sangria de dinheiro público consumido por parasitas eleitos e não eleitos, preferiu e prefere "erradica-la" nos abobalhando.

Enquanto deixarmos descarregadas as baterias do bom senso e de nossos desconfiômetros, os inimigos dos menos favorecidos empurrarão goela à baixo, 24 horas por dia, novos gráficos de tramoias encomendadas em organizações não idôneas.

Controla-se a educação, a mídia, o voto e pronto... Os nossos cérebros reduzidos à encéfalos de gado, passam a armazenar entre as células nervosas, blocos de informações deturpadas, dando conta de que o Estado, a elite e os políticos lutam por nossos interesses. São esses, alguns dos ingredientes de um bolo, que quanto mais cresce, menos é dividido.

E um equívoco mortal, enxergarmos carrascos como protetores. A High Society não se importa se eu ou você abriremos a geladeira e não encontraremos um tomate podre para a janta. Se eu ou você cometeremos latrocínios ou sequestros, para podermos ter o tênis da marca badalada anunciado na TV como item obrigatório para afirmação pessoal. Ou se eu ou você velaremos os nossos filhos estraçalhados pelos cães dos pelotões de elite, que adoram postar em sites de horror, vídeos contendo a execução de crianças pegas no artigo 33 da Lei de Drogas.

As pessoas da atmosfera do medo têm de entender o quanto antes, que a burguesia com os seus fantoches de terno e gravata é composta exclusivamente, por adversários do povo. Os seus discursos e "ações sociais" são falsos! Os seus apelos em busca da democratização das riquezas nacionais são farsas!

A nossa verdadeira ascensão implica em redistribuição de renda. A nossa verdadeira ascensão implica na derrubada de castelos. Vulgarmente falando, a nossa verdadeira ascensão implica em meter as duas mãos nos bolsos dos que patrocinam as campanhas eleitorais.

Sejamos francos, no país da lei de Gérson (lei da vantagem sobre os outros), tem cabimento um playboy financiar a campanha de um presidente, para após a sua eleição, o mesmo atacar as finanças do bancador? Acreditar nessa possibilidade é

mais tolice do que esperar no natal e na páscoa, à chegada do Papai Noel e de um coelhinho com ovos de chocolate.

Não é preciso ser economista para concluir, que as transformações sociais exaltadas por aquele, que é considerado por muitos, como o melhor governo federal de todos os tempos, passou a anos-luz de dar início a repartição financeira necessária para um recuo real da desigualdade brasileira.

Está mais do que na hora de rejeitarmos as propagandas enganosas. Quem ganha um salário mínimo é pobre! Quem passa à ganhar R$ 152 mensais ainda se encontra em um estágio profundo de indigência! Os pacotes emergenciais da presidência, não conseguiram se quer, oferecer aos seus beneficiários o **DHAA** (**Direito Humano à Alimentação Adequada**). Na Declaração Universal Dos Direitos Humanos, mais precisamente no seu artigo III, está escrito de maneira ultra legível que: **"toda pessoa tem direito à vida".** Sendo o alimento um componente vital para a vida humana, a alimentação torna-se um direito universal inviolável. Qualquer homem ou mulher que assuma o poder, tem anexo à ele a incumbência de extrair o carma da fome e da miséria da população de baixa renda. Conservar as barrigas do povo cheias é uma obrigação moral daqueles que administram as fortunas geradas pelos impostos. De forma alguma, um prato de comida sobre a mesa, pode ser interpretado por nós, como um ato de caridade praticado pelas "ilustres autoridades".

A educação nacional ao ser sabotada, fez com que diversos inocentes fossem ensinados a ser pedintes! Quem pede, não exige! Ao contrário... Recebe aumento ilusório de poder aquisitivo, é manipulado a vibrar com um pequeno acesso à bens de consumo duráveis baratos e a se sentir parte do mundo desenvolvido, porque lhe convenceram que a atuação dos dirigentes da nação, superaram todas as suas expectativas de vida, mesmo com todas as suas esperanças frustradas por slogans governamentais, como o da: "superação das expectativas de vida" dá para calcular a carga de densidade dramática que permeia as zonas de combate.

Pergunto: mesmo com o intelecto sequestrado, colocar em uma estante uma televisão de tela grande acompanhada de um aparelho de DVD, superou as expectativas de vida de quem? Foi pra isso que um dia votamos no "homem do povo", ex-líder sindical, ex-metalúrgico e ex-proletário? Elegemos o exemplar de nossa gente pobre e humilde, que tinha o dom de representar as massas carentes frente a tirania patronal, para podermos ter o "privilégio" de falar da janela de um barraco em um telefone celular pré-pago?

O conceito da elite e de seus cães adestrados a respeito do sentido básico da inclusão social, é uma escandalosa ofensa à nossa capacidade de reflexão.

Divirjo completamente das prioridades estipuladas para nós favelados, pela corja de assassinos sociais frios e covardes. Afirmo com toda convicção, que eles desconhecem quais são os anseios reais de boa parte dos cidadãos marginalizados.

Muitos aprisionados em cortiços, favelas, casebres e celas, podem até sorrir com um iPod novo, mas sabem que só terão as suas expectativas de vida verdadeiramente atendidas, quando houver uma política séria e justa de distribuição de renda; reforma agrária, tributária e social; universalização dos direitos civis, políticos e sociais;

generalização dos bens e serviços públicos; reversão do dinheiro do contribuinte em melhorias para o contribuinte e exorcização por completo da corrupção cultural e institucional.

No lugar de deixar o cinismo dos vermes asquerosos somente agredir as minhas faculdades cognitivas, o usei como uma super injeção de estímulo, para lutar, árdua e incansavelmente, em busca do fim do sono hipnótico de boa parte de minha gente. Eu o usei como uma injeção de estímulo, para lutar, árdua e incansavelmente, para que os menos favorecidos compreendam, que dentro do panorama ideal, teremos não só a Samsung 3D Full HD, como também qualidade no ensino fundamental e médio. Teremos não só a lavadora de
roupas Electrolux, como também, como regra, acesso à educação de nível superior. Teremos não só o computador Intel, como também a casa própria, os bons empregos, a previdência social e um futuro digno para as próximas gerações.

Se as limitações de minha significância permitirem, quero ser um dos titulares no time dos que colaborarão para a quebra irreversível do encanto maléfico, que impede que os fracos e oprimidos tomem conhecimento da ciência exata criada nos gabinetes diabólicos.

Quanto mais as pessoas repletas de direitos balançam as suas cabeças em sinal de positivo para as violações governamentais, mais receberão "prêmios de consolação".

Chega do: tá ruim mais tá bom. Não tem nada de bom!

Nas senzalas nos deram as partes menos nobres dos porcos, nos adaptamos e inventamos a feijoada, agora querem que nos adaptemos com os eletroeletrônicos, que são as sobras da riqueza. Advirto de antemão, que essa adaptação contemporânea é indigesta e não tem, nem de longe, o sabor inigualável da maravilhosa feijoada.

Não podemos ser pedintes. Quem pede, fica na mão do opressor, quem exige, amputa as mãos do opressor! Quem pede, não tem chances. Quem reclama aquilo que é seu moralmente, tem uma chance. Adivinha quem o sistema prefere: o Eduardo contestador ou **o** Eduardo engessado mentalmente por suas táticas sádicas? O Eduardo faminto e despolitizado não faz estragos consideráveis, entra num mercadinho na tentativa desesperada de suprimir uma de suas necessidades fisiológicas e termina num caixão, remontado em pequenos pedaços como um quebra-cabeça. Já o Eduardo faminto e pensante não age por instinto, é capaz de articular ideias e planejamentos e vir a implodir o Congresso Nacional, com todas as suas toneladas de excremento em seu interior.

Achou exagerada a ideia da implosão? Ela será bem real e normal, se um dia os despertadores da revolução acordarem o exército adormecido.

Os políticos, melhor do que ninguém, sabem que uma vez unidos e bem orientados, se assim desejarmos, produzimos um domingo sangrento todo fim de semana com os seus corpos. Se assim desejarmos, os arrastamos pelas ruas e os penduramos nas marquises de prédios com ganchos presos aos seus maxilares.

O fator que evita que as cabeças desses porcos sejam decepadas e expostas no alto de postes, é a disseminação da ignorância fabricada.

De todas as mazelas que nos afligem, a ignorância fabricada talvez seja a única que não esteja anexada à um banco de dados oficiais. Temos números sobre o analfabetismo, a miséria, a pobreza, etc., mas não temos tabelas que nos expressem em algarismos, a gravidade desse mal. Infelizmente, eu também vou ficar devendo uma cifra que aponte fielmente a quantidade exata de afetados pelas doses de convencimento danoso.

De todo modo, os meus estudos e pesquisas me fornecem totais condições, para que eu faça algumas considerações acerca do assunto... Dentro do conceito de dominação dos boys, a multidão de menos favorecidos não pode sair do transe. Não pode, de jeito nenhum, perceber o tamanho de sua grandeza e força. Enquanto formos devorados por esse tipo de coma induzido, os neoescravizadores e seus patrimônios edificados a base de exploração estão a salvo.

A convivência, quase que pacífica, entre a massa manobrada e o contingente dominador, é mantida por uma espécie de pilha, cuja carga dura até a hora em que pararmos de acreditar que a nação está em franca ascensão. Dura até a hora em que pararmos de acreditar, que mais cedo ou mais tarde, por encanto, a fartura cairá como meteoritos nos braços de todos.

O que nos coloca em estado absoluto de exclusão, não é propriamente o acesso precário aos objetos de primeira necessidade e sim, a educação concedida na dosagem certa para produzir subalternos invisíveis. Cada cidadão pobre parece ter no mínimo, uma defasagem de conhecimento beirando à casa dos 90%. Com os 10% assimilados, quando muito, aprendemos a ler e a escrever. A ausência da importante porcentagem negada nas “casas públicas do saber”, faz com que a maioria de nós não perceba que a pobreza e a indigência, historicamente, foram produzidas, conservadas e perpetuadas.

Agradecendo as Chibatadas

Em meus muitos momentos de depressão, depois dos inevitáveis socos nas mesas de indignação, surgem os questionamentos que me dão calafrios... Quando será que entenderemos, que a riqueza do patrão é nossa também? Que a ordem vigente é mantida por nossa paralisia? Que a relação entre favelados e governo, não pode se restringir a espera da "solidariedade"? Não temos que ficar dentro de um barraco aguardando esmolas, temos que exigir os padrões de vida descritos na Constituição Federal. A tal: "filantropia governamental" é inconstitucional!

A nota promissória que os estadistas assinaram com o povo, não prevê a nossa transformação em pedintes, mas em cidadãos. Enquanto não aprendermos, que quem tem direito não pede, exige, continuaremos festejando a evolução ficcional, ao passo que o topo da pirâmide comemora o crescimento hiper-real de seus negócios e dividendos. Continuaremos festejando a aquisição de celulares, ao passo que o topo da pirâmide comemora a encomenda de jatinhos, helicópteros e lanchas velozes.

Confesso, que nos meus surtos de revolta, um dos pontos da alienação coletiva que mais me tira do sério, é o agradecimento pelas chibatadas.

Mano, juro pra você, que eu conto os segundos pra que chegue o dia, em que o inconformismo se espalhe como bactérias pelo ar. Para que desta forma, todos os supliciados pelas políticas parciais, percebam que no Brasil das fábulas, quem cresce são os milionários. Para que desta forma, todos os supliciados pelas políticas parciais, percebam que os espectros das regiões fantasmas, não participam dos "triunfos" anunciados em cadeia nacional.

Por exemplo; nas letras miúdas do tal: "Grau de Investimento" que colocou o Brasil como confiável para o mercado financeiro e bom pagador de sua dívida pública, os olhos prudentes leem apenas uma coisa: o país controlou os seus gastos públicos, privilegiando interesses estrangeiros em detrimento dos nossos.

A locomotiva emergente da América do Sul, não recebeu a nobre classificação porque gerou milhares de empregos, erradicou a fome, reduziu as desigualdades, matou menos crianças com sua polícia, encarcerou e condenou um menor número de favelados, empurrou menos pessoas para informalidade, aumentou substancialmente nossos salários ou promoveu melhorias na saúde e educação, mas porque, para não comprometer o pagamento de sua "dívida externa", deixou de investir ou investiu menos do que deveria, em áreas sociais que beneficiariam o povo.

Só mesmo a propagação do inconformismo coletivo como bactérias pelo ar, faria com que os olhos cegos por toneladas de areia vissem, que por trás do marketing dos; 35% da nação com acesso a internet e dos 32 milhões de brasileiros que ingressaram no mercado consumidor, só existem ruínas.

Só mesmo a propagação do inconformismo coletivo como bactérias pelo ar, faria com que os olhos cegos vissem, que por trás das previsões otimistas das revistas de economia (peritas em criar falsas atmosferas promissoras sob encomenda), mora a realidade acachapante que insiste em nos mostrar, que países que apresentam rendas per capitas próximas à do Brasil, mantém índices de pobreza abaixo dos 10% de suas populações. A Bulgária ilustra bem a minha afirmação... Somente 4% de seus habitantes estão abaixo da linha da pobreza. Os países que possuem quantidades de pobres e indigentes proporcionais a terra do carnaval, exibem rendas per capitas contabilizadas em um terço da nossa.

Além de parar de agradecer as chibatadas, temos que parar de deixar as soluções relativas a amenização da pobreza, serem desenvolvidas pelos que apenas fazem ideia do que seja a privação total. Nenhum estudioso do tema torna-se mais qualificado, do que um despossuído autêntico, para lidar com a questão. A faculdade dos barracos é responsável pela única sapiência válida realmente nesse assunto. A revolução é de dentro para fora e não ao contrário! Só quem brincou no esgoto a céu aberto; só quem liberou o cadáver de um parente todo remendado no IML; só quem presenciou PMs podres revirando a sua casa atrás de drogas e armas; só quem esperou anos a fio por uma progressão de pena, é capaz de apresentar soluções que ajudem a resolver essa problemática.

O que ainda me traz um alento, é ter consciência de que somos a massa dominada que diz obrigado pelos rasgões deixados pelos chicotes, por coação intelectual e não por vocação. Excluído não é otário, é criminosamente desinformado. Todos nos campos de combate têm noção do que é certo ou errado, justo ou injusto.

Não acredita? Faça um reste... Primeiro: explique para um morador de rua, a nossa condição burra de horta dos povos do primeiro mundo e em seguida, pergunte se ele concorda em exportar as suas matérias-primas a preço de banana para depois de sua manufatura, comprá-las a peso de ouro?

Aposto e ganho, que a resposta seria um sonoro:

- Cê é looouuucooo!

Falando em exportações... Peço licença ao leitor para fazer um rápido comentário sobre o tema. Já que os negócios internacionais aparecem para nós, os mais humildes, como um dos garotos propaganda do "progresso", não me custa citar nesse vale das sombras, um outro vale que exemplifica sobremaneira como são mantidas as relações do Brasil com as civilizações ricas e poderosas. É com "orgulho" que trago ao palco das aberrações, o famoso Vale do Silício. Vale do Silício, é o nome dado à região da Califórnia, onde estão concentradas as maiores empresas de informática dos USA. Cerca de 90% do silício utilizado por essas empresas na fabricação de componentes de informática, é vendido pelo Brasil, detentor da maior reserva de silício limpo do mundo. E não é tudo... A melhor parte vem agora... O nosso país em "franca ascensão", depois de exportar a tonelada do silício bruto à US$ 60,00 e comprar os produtos produzidos com a sua riqueza natural aos olhos da cara, importa a mesma tonelada refinada por US$ 600 mil. Os

marginalizados são enganados por face da falta de informação e quanto aos playboys?

O valor agregado pelos cinco grupos que detém a tecnologia de refino de silício no mundo é de USS 599.940,00. Essa, é a quantia agregada pelos países, que bem mais do que fazer propagandas mentirosas, investiram de fato em tecnologia, em pesquisas e em capacitação profissional de sua gente.

Dentro de minha total incompreensão sobre essa questão específica, pergunto: já que não se pode usufruir da tecnologia dos estrangeiros sem pagar encargos desmedidos, não seria mais apropriado para uma nação "emergente", desenvolver a sua própria tecnologia?

Acho muito estranho, que os dirigentes de um país que "cresce" em todos os sentidos e em um ritmo absurdamente acelerado, ao invés de buscar independência e autos suficiência investindo em pesquisas e nas mentes e carreiras de seus jovens, optem por continuar sendo tratados como líderes de tribos selvagens, que desconhecem o quão é valioso aquilo que lhes pertence. Optem por ser tratados como líderes de tribos selvagens, que em pleno século XXI, ainda continuam dando aos estrangeiros quilos de ouro em troca de quinquilharias.

Quando você estiver em campo testando o grau de ingenuidade do povo, aproveite para verificar quantos passaram a ser felizes, do dia em diante, em que o xaveco da "expansão econômica" foi jogado.

Quinze minutos de enquete num bairro pobre, são suficientes para que qualquer pessoa entenda a necessidade aguda em a maioria ocupar o seu lugar de direito. A questão aqui, não é brigar pelo poder, é lutar por sobrevivência!

Enquanto não formos capazes de nos unirmos para elaborarmos táticas de mudança, não deixaremos a terrível condição de fantoches. Um triste registro: normalmente os fantoches são assassinados lentamente, através de sanções de leis e emendas constitucionais.

Está na hora dessa gente bronzeada mostrar o seu valor. Não com os pés, mas com o cérebro! Uma população com a nossa inteligência, não pode permanecer eternamente mumificada. O quanto antes, os prisioneiros da **Guerra Não Declarada** devem compreender, que são prisioneiros de uma guerra genuína. O quanto antes, os prisioneiros da **Guerra Não Declarada** devem compreender, que assim como ocorrido em todos os conflitos ao redor do mundo, os aprisionados de nossos fronts, não serão resgatados pelo helicóptero do Rambo.

Costumeiramente em campos de batalhas, os que se portam como fracos e inofensivos são "convidados" a cavarem as próprias covas e a pularem dentro com os corpos encharcados com líquidos inflamáveis, para serem tostados.

É o ciclo natural da vida... Aqueles que se deixam fazer de objetos inertes, ficam proibidos de opinar até mesmo dentro de suas casas. Não podem evitar que o arquiteto do burguês, os presenteiem com sua ideia de moradia e decoração. Quem não pensa como deveria, é convertido em máquina e posteriormente, em número de estatística.

Durante o tempo de permanência entre os vivos, figura entre os mortais esperando centavos governamentais, ao tempo que os parlamentares reajustam seus

salários exorbitantes. Durante o tempo de permanência entre os vivos, veste a camiseta do partido político da situação, ao tempo em que as suas obras sociais, chacinam nas periferias os diamantes brutos do Brasil: as crianças.

Já seria trágico, se admitíssemos apenas o loteamento de nosso país e a entrega dos lotes de mão beijada aos novos colonizadores... Infelizmente, a nossa absurda obediência resulta em coisas bem piores...

O conteúdo do Pen Drive anexado em nossas cabeças, nos doutrinou a viajar muito além da velocidade permitida na estrada do conformismo. Nos fez aceitar passivamente, que as nossas riquezas naturais de maior valor, sejam diariamente jogadas no lixo. Nos fez aceitar passivamente, a dizimação dos meninos e meninas das zonas brasileiras de abandono.

A desinformação nos dilacera com tanta ferocidade, ao ponto de fazer com que os mesmos cidadãos, que diante de um ato ofensivo, abusivo e agressivo contra uma criança, saiam em sua defesa e pratiquem justiça com as próprias mãos, não se manifestem, quando um rico, por meio de sua engenharia da submissão, a barbariza.

Antes de ser terminada a frase: "a nação brasileira é composta por uma maioria classe média" - um filho de uma família marginalizada grata pelos açoites, tem uma parada cardiorrespiratória em consequência do descaso estatal.

No ritmo em que os móveis de terceira linha são financiados, os garotos e garotas na faixa etária do 0 aos 6 anos de vida (período considerado por especialistas como essencial para o desenvolvimento integral do ser humano) vão sendo devorados pela anemia, diarreia, ulcerações bucais e gastrointestinais, deficiências de crescimento, lesões cutâneas, entre outros males, causados pela falta de vitaminas. Isso, quando a carência de vitamina A não causa a cegueira total em nossos pequenos. Não sei precisar a quantidade de olhos afetados na primeira infância, mas faço uma ideia de quantos estão afetados na fase adulta.

De acordo com o relatório anual da Unicef; "Situação Mundial da Infância", simultaneamente, aos nossos gritos de "VIVA A NOVA POTÊNCIA GLOBAL", aproximadamente 11,5 milhões de crianças ou 56% das crianças brasileiras de até 6 anos, vivem em companhia de famílias cuja renda mensal, fica abaixo de meio salário mínimo per capita/mês. Simultaneamente, ao nosso tremular das bandeiras dos algozes, as crianças negras encontram-se com 70% mais possibilidades de viver na miséria e pobreza, do que as crianças brancas. O mesmo se observa para as crianças das áreas rurais.

Podíamos, quem sabe, usar os nossos PCs comprados em crediários intermináveis nas Casas Bahia, para mandar spams informando à todos, de que; na "fase áurea" de nosso amado país, as crianças nos pontos de exclusão, têm o dobro de chances de morrer em comparação as crianças ricas. Informando à todos, de que; a taxa de mortalidade infantil entre os filhos de mães negras é cerca de 40% maior do que entre os filhos de pessoas brancas. Em relação aos indígenas, essa taxa sobe para mais de 100%, fazendo com que 48,5, em cada 1000 nascidos vivos, morram no primeiro ano de vida.

Enquanto os herdeiros dos monopolistas dos patrimônios coletivos e da informação nacional, exercem o direito irrevogável de serem crianças, se divertindo

em playgrounds vigiados por câmeras e seguranças armados, a multidão mirim dos cinturões de angústia e violência, é exterminada na prostituição, na criminalidade, no trabalho escravo, em frente à TV e nas salas de deseducação pública.

O belo e bem redigido Estatuto da Criança e do Adolescente, é ineficaz para proteger os filhos dos favelados da fome, da pedofilia, dos livros escolares, do incentivo incessante à delinquência ou do desserviço educativo prestado pelas emissoras de televisão. Os seus parágrafos dão forma a um texto morto, inútil contra as balas perdidas e os projéteis direcionados, disparados das janelas das viaturas da polícia. Disparados por atiradores com obsessão compulsiva por arrancar litros de lágrimas de nossos olhos, em despedidas de caixões brancos.

Paralelamente ao adestramento de nossos neurônios, foram instituídas as normas sociais que estabeleceram os filhos dos bacanas que desfilam com casacos de pele em Campos do Jordão, como o padrão único de inocência e pureza. Ficou determinado em lei válida, mais não escrita, que somente as crianças e os adolescentes de alto padrão, são inimputáveis. Ou seja, são isentos de penas até os 18 anos de idade.

Acatamos a implantação do consenso nacional, formalizado pelos endinheirados, de que os nossos filhos já nascem degenerados, violentos e promíscuos. De que, imediatamente ao corte do cordão umbilical, tornam-se merecedores de leis e punições severas.

Muitos de nós, além de não repudiarem ou questionarem tais disparates, passaram a fortalecer o ideário elitista, que prega que, mesmo as crianças negligenciadas não possuindo desenvolvimento mental completo para compreender o caráter ilícito de seus atos, devem ser julgadas como adultos em tribunais de justiça; condenadas como adultos por juízes desonestos e, por fim, trancafiadas em armazéns de carga viva como adultos ao lado de adultos.

Para aqueles que consideram os meninos e meninas dos morros, conjuntos habitacionais e cortiços, criaturas hediondas, o tempo máximo de 3 anos de internação de um menor infrator numa "instituição de reeducação", é muito curto. Como dizem os playboys e os seus bonecos de corda à frente dos telejomalecos movidos à desgraças alheias: é um castigo demasiadamente leve. Como dizem os playboys e os seus bonecos de corda à frente dos telejornalecos: é um verdadeiro convite ao infringimento do código penal.

Os crápulas nutridos com croissant salpicado de pó de ouro, há décadas sonham em, no mínimo, introduzir a prisão perpétua no sistema de justiça criminal brasileiro. Desta maneira, os "sortudos", que por milagre, escapassem das penas capitais aplicadas cotidianamente nas áreas de abandono, permaneceriam enclausurados de forma inofensiva nos calabouços da imoralidade nacional, até os seus últimos dias. Deixando assim, os "retos" moradores dos condomínios luxuosos, livres da expectativa aflitiva de uma visita inesperada no meio da madrugada, feita por um indesejável.

A Constituição Federal, o Código Penal e o Estatuto da Criança e do Adolescente, são perfeitos no que tange a playboyzada.

Quando os ricos vão às ruas, em busca de assinaturas que inflem abaixo-

assinados para que a maioridade penal seja xerocada do padrão indiano (7 anos de idade), os alvos visualizados são os pequenos descalços, empinando pipas em cima das lajes dos lares inacabados. As legislações específicas planejadas por essas mentes diabólicas, não abrangem os seres visíveis. A verdade, é que nos devaneios de suas psicoses, os membros da classe dominante gostariam de ver em vigor oficialmente no país, dois estatutos diferentes assistindo as crianças brasileiras. Gostariam de poder conta com o ECA para os filhos de papai e um sistema rígido, semelhante aos das nações que julgam crianças pela índole e gravidade do crime cometido, para os que brincam abaixo da linha da indigência.

Duas observações... Primeiro: esquecem que grande parte dos países que adotam os citados sistemas rígidos, oferecem alternativas para que as suas crianças nao sejam criminosas. E segundo: esquecem que a sua utopia maquiavélica reside exclusivamente no campo da teoria, pois na prática, a terra dos múltiplos regimes, ao tempo que assegura infância aos riquinhos, devasta com regras clandestinas e arbitrárias os que não frequentam a Disneylândia.

Não creio, que os alienadores não se recordem, que quando bem entendem, promovem as suas caças as bruxas. Não creio, que os alienadores não se recordem, que quando bem entendem, abrem as suas temporadas de caça armada contra as crianças e adolescentes carentes. Basta um vampiro social sentir sede de sangue, para que surja uma artificial histeria coletiva, legitimadora de ações aterradoras contra os filhos da penúria. Os bacanas são mestres em comover e mobilizar a opinião pública, fazendo com que quase todos aceitem o seu ódio de classes e preconceito "camuflados", como medidas positivas para a questão da segurança. Para dar vazão a trama, os matadores profissionais precisam apenas que dois agentes interajam num mesmo tablado: um cadáver da alta sociedade e um menor vindo de um barraco de madeirite. Pronto! A merda tá feita! Com a tragédia anunciada em baixo dos braços, os falsos moralistas passam a debater o tema em programas de auditório e em poucas horas recebem o apoio incondicional de boa parte dos favelados para pressionar deputados e senadores, a fim de que modifiquem às pressas o artigo da Constituição que fixa a maioridade penal em 18 anos. Durante os períodos de clamor popular pré-fabricado, uma porcentagem expressiva do povo, conduzida como gado, se alia aos que transformam os seus iguais em bandidos e exigem a cabeça de um irmão de sofrimento que foi instigado pela burguesia a gritar:

- Vai cusão, dá o relógio e não reage, se não eu reparto seu crânio em dois!

Será que a dona de casa da periferia, correria para prestar a sua solidariedade sincera aos ricos, se entendesse, que quando a playboyzada coloca as camisetas brancas com fotos de vítimas da violência e interdita as avenidas reivindicando revisões do Código Penal, ela não está cogitando, em nenhum momento, a possibilidade das alterações almejadas alcançarem os seus "santificados" filhinhos?

Pros donos do Brasil, aqueles que ainda recebem mesada, são imaturos para responder criminalmente por suas atitudes, sejam elas quais forem: drogar uma amiguinha para estuprá-la, estourar uma lâmpada fluorescente no rosto de um homossexual ou incendiar um mendigo dormindo num banco de praça.

Os gritos de justiça desses pais dissimulados, tem como propósito a eliminação de um inimigo: a molecada, que nós, dos pontos desvalorizados, vemos improvisando brincadeiras em regiões sem quadras poliesportivas ou sem parques de diversão com gangorras, balanços e escorregadores.

A criançada em situação de risco, é o foco central do ataque da "nobreza"! É dela que os ordinários das mansões querem se vingar! São aqueles que um dia nos fizeram chorar ao encontrá-los pela primeira vez numa maternidade, que a sociedade branca quer enjaulados como animais atrás de grades.

Nesse tópico, a epidemia de glaucoma disseminada nas comunidades pobres, tem efeito duplamente satisfatório para os carrascos... Impede que muitos compreendam que quando um de nós é violento, é porque violentaram nossos direitos antes e impede que diversos vejam que os boys só querem a diminuição da idade penal, porque sabem perfeitamente, que os seus herdeiros jamais sentarão nos banco dos réus.

Os exploradores de gente simples, agem como se o ambiente degradado que nos cerca, acelerasse o processo de conversão de uma criança em adulto. Como se o convívio diário com atrocidades, nos desse subsídios extras, desde a primeira infância, para melhor entendimento daquilo que é legal ou ilegal.

As lágrimas e os corpos baleados de jovens conhecidos, tem o poder de entristecer e deprimir, não de substituir, antes do tempo, a doce ingenuidade infantil por consciência social e por valores morais e éticos.

Os aristocratas porcos pensam, que as primeiras palavras pronunciadas por nossas crianças não são mamãe e papai e sim, cocaína e metralhadora. A sádica clientela da Daslu, acha que elas não sonham com videogames de última geração, mas com um plano perfeito para um assalto à um carro-forte ou à uma carreta com carga numa rodovia. Acreditam piamente, que em suas pequenas mentes, personagens como Chapeuzinho Vermelho e Peter Pan, perderam espaço para a imagem do advogado competente.

Se não fosse politicamente incorreto, os genocidas declarariam abertamente os seus desatinos... Perguntados sobre o porquê da necessidade de tratamentos punitivos distintos entre meninos e meninas de classes sociais diferentes, responderiam sem pestanejar:

- As crianças de nível A, são completamente inocentes... O contexto regrado e harmonioso, ao qual estão inseridas, impossibilita o afloramento de qualquer tipo de comportamento antissocial.

- Logo pela manhã, acordam, tomam um belo café reforçado e saem na companhia de motoristas e de carros com seguranças fazendo as suas escoltas, com destino aos melhores colégios particulares do Brasil. Depois de um dia exaustivo, assimilando os ensinamentos dados pelos melhores profissionais que o dinheiro pode pagar, retornam para as suas famílias e lares bem estruturados. Porém, antes do lazer, ainda encontram tempo para a leitura de livros, pesquisas na internet e para fazer os deveres de casa. Pontualmente, às 21:00, sem terem assistido nenhum programa de TV não recomendável as suas idades, rezam e como anjos vão dormir. Aos fins de

semana, completam as suas atividades em acampamentos educativos e nas férias aproveitam para associar o divertimento ao aprendizado, realizando viagens internacionais aos lugares históricos estudados em sala de aula.
- Os adolescentes de nível A, também não ficam atrás...
- Se divertem com pessoas qualificadas em recintos respeitosos, ouvindo boa música...
- De forma alguma ficam em portas de bares consumindo álcool e drogas.
- Jamais puseram as suas delicadas mãos em armas ou tiveram motivações psicológicas ou financeiras, para quebrarem as normas e desafiarem as autoridades.
- Por outro lado, as crianças das favelas convivem desde o nascimento com tiros, policiais e traficantes armados rondando de motocicleta as vielas das comunidades...
- Elas assistem, quase que diariamente, pessoas sendo executadas a sangue frio pelos tribunais dos bairros.
- Os seus próprios pais muitas vezes são alcoólatras e viciados em crack. Estão presos ou enterrados.
- Portanto, independente de quantos anos tenham, pelas altas doses de experiências violentas vividas, esses pivetes sabem intimamente o que é matar, roubar ou se drogar.
- Fato, que os deixa com plenas capacidades psíquicas, para ter ciência de seus atos e das consequências provenientes deles.
- Digo mais...
- Eles gozam de tanto discernimento acerca do assunto, que praticam crimes hediondos estimulados pela certeza de que se forem presos ficarão internados por no máximo três anos.
- Jogam com o regulamento.
- São frios e calculistas!

Se não houvesse o temor de represálias partidas de organizações de direitos humanos, com certeza, ouviríamos todos os dias manifestações desse tipo em todos os canais de comunicação. Pois é isso, que os lixos pilotando fortunas de quatro rodas, gostariam de vomitar em nossos ouvidos. Esse é o conteúdo que está represado, contra as suas vontades, em seus sistemas nervosos, lapidados pela discriminação étnica e de classe.

Por fim, um outro argumento amplamente difundido pelos cavaleiros montados em cavalos árabes, é o de que se um adolescente (pobre) de 16 anos é considerado apto para votar, também deve o ser para assumir e pagar por seus erros. É fácil encontrar a lógica escondida dentro dessa aparente contradição relatada por algumas línguas da burguesia. A explicação é simples: os políticos liberam parte dos menores para exercerem o seu "dever cívico", na sórdida esperança de lucrarem de alguma forma com os seus hormônios em ebulição e seus cérebros em formação. Os seus neurologistas de plantão sabem que esta é uma época, onde as estruturas mentais que inibem a intempestividade ainda não se consolidaram. É uma época, onde a

razão costuma disputar palmo a palmo com a emoção irresponsável e descontrolada, a regência dos raciocínios. Por mais que nesse momento de transição, o voto seja facultativo (não obrigatório), não se pode desprezar e descartar um suposto eleitor fortemente influenciável. Um suposto eleitor, que normalmente, em face de não ser chefe de família, não sente toda a intensidade do desamparo estatal. Um suposto eleitor, que normalmente, por contar com aquele famoso apoio dos pais, formador de uma película quase que impermeável, não é atingido diretamente pelo comportamento indecoroso dos canalhas à frente de cargos públicos.

Um tanto contraditório não é mesmo? A suscetibilidade à influenciação que é tão apreciada num polo é ignorada e não aceita num outro.

Não estou afirmando que todos adolescentes sejam ingênuos e despreparados mentalmente para participar dos assuntos polêmicos do país. Porém, é mais do que notório, que aos 16 anos de idade, não são todos que estão interessados em problemas sociais e nos dilemas de como resolvê-los. É fato, nessa fase, muitos estão mais preocupados com namoradas, vaidade, sites de relacionamentos, amigos e diversão. Nessa fase, muitos estão corretamente, cumprindo as obrigações referentes a condição existencial do período: sendo adolescentes!

Pra finalizar, penso que a faixa etária que não é habilitada para assumir a direção de um veículo, não pode ser apta para ter a tal responsabilidade criminal.

Permitir que substituam as medidas Sócio Educativas, usadas para ressocializar menores que cometem atos infracionais, por sentenças em presídios, é o mesmo que pegarmos as mãos de nossos filhos enquanto o governo segura os pés e arremessá-los em valas comuns.

Na hora em que a sociedade civil, como um todo, for convencida de que a maioridade penal deve ser baixada, podemos **colocar rou**pas nas mochilas dos garotos dos morros e dizer:

- Tchau moleque! Daqui uns quinze anos a gente se vê!

Faço aqui, uma trágica previsão do futuro: se continuarmos agradecendo as chibatadas, esse triste dia fatalmente chegará!

Se continuarmos agradecendo as chibatadas, os assassinos sociais jamais suspenderão fogo contra as crianças dos bolsões de pobreza.

Jamais paralisarão as artilharias covardes, do maior extermínio de crianças em andamento no planeta.

Não Somos Cidadãos de 2ª Classe, inferiores e descartáveis.

Temos que parar, o mais rápido possível, de adicionar ingredientes à sopa de sangue que alimenta os psicóticos abastados. Admitimos que nos deseduquem, nos desnutram, nos alojem em locais inóspitos, nos alimentem com substâncias nocivas aos nossos organismos, nos alienem, nos adoeçam para enriquecer a indústria farmacêutica, nos transportem como animais, nos escravizem, nos julguem, nos encarcerem em masmorras, nos introduzam em estados democráticos de direito racistas e tirânicos, nos chacinem e que desovem os nossos restos mortais no meio de matagais ou no fundo de córregos.

E tudo isso porque? Porque nos fizeram acreditar que somos cidadãos de 2ª classe, inferiores e descartáveis. Porque nos fizeram acreditar que os incultos e iletrados circulam num campo, onde o solo fértil só faz florescer os “serial killers” que deixam as cidades turísticas em estado de choque.

Definitivamente, o povo não merece que tanques da marinha invadam seus bairros ao lado dos caveirões do Bope, para descarnar suspeitos de terem ateado fogo em automóveis.

Os meninos bomba, que mandam passageiros descer de ônibus para usá-los como barricadas em entradas que dão acesso à favelas, não surgem espontaneamente. São produzidos em escala industrial, por engenheiros sentados em suas poltronas presidente, a quilômetros de distância do olho do furacão. Os homens que jamais deixaram uma pegada no barro da periferia, mas que comandam todos os passos dados dentro dela, após tomarem as devidas precauções para que os supliciados pela miséria não compreendessem a gênese da violência, criminalizaram a pobreza e conseguiram a proeza de nos coagir a acatar a sua criminalização.

Entre uma gozada e outra nos bacanais feitos a bordo de iates em alto mar, os Donald Trump locais entenderam, que se conseguissem vender os menos favorecidos para todos, como os bodes expiatórios do caos, receberiam junto com a chave do país, o aval popular para extermínio daqueles cujo o desenvolvimento orgânico foi “corrompido pelo ambiente de privação”. Acertaram na mosca... Depois de uma reportagem na Veja aqui, um discursinho na Globo ali, uma matéria na Isto é lá e alguns melodramas na Record acolá, a permissão foi concedida. A permissão foi concedida e com dois agravantes; por tempo indeterminado e até pelos favelados.

Com a licença para executar em mãos, a polícia, o tentáculo armado da burguesia, ganhou carta branca para livrar as ruas arborizadas, fechadas irregularmente com portões automáticos e bases de observação, das ervas daninhas que assombram a vizinhança sofisticada. Ganhou passe livre para fechar o espaço aéreo dos arredores onde as operações militares são realizadas e reduzir a massa de carne moída, inocentes, culpados, crianças, adultos e idosos, sem o impertinente registro de imagens por parte das emissoras de televisão. Não pense você, que as carnificinas endêmicas abalam a credibilidade presidencial... Negativo! A criminalização de invisíveis, feita em doses hipnóticas cavalares, não só faz com que as matanças promovidas por tropas de elite

percam a conotação de massacre, como principalmente não sejam associadas aos ditames partidos do Palácio do Planalto.

E foi assim, aproveitando que os tiros de fuzil não haviam arranhado a sua alta taxa de aprovação perante a "nova classe média feliz", que o ex-líder sindical esquerdista, que não é bobo nem nada, correu para eleger uma sucessora com bastante espaço craniano para o seu posto.

Hoje, na terceira gestão presidencial consecutiva do PT, os "ex-pobres e indigentes" beneficiados com o "alavancamento do poder de consumo", enfim, podem comprar à vista ou a prazo, os lençóis que são usados para embalar os pedaços de corpos de diferentes donos, para levá-los ao asfalto em colaboração ao rabecão que não pode adentrar as chamadas áreas de risco.

Não posso deixar de usar essa obra para aproveitar o momento épico, em que a sociedade machista do Brasil, pela primeira vez em sua história entrega o cargo mais importante da nação aos cuidados de uma mulher, para através de uma pequena constatação dar as boas-vindas a "querida presidenta".

- Dona Dilma Rousseff, uma das características mais comuns em zonas que abrigam conflitos deflagrados e generalizados, é a proibição da realização de cerimônias fúnebres. Somente em países verdadeiramente em guerra, um cadáver permanece no lugar que tombou até que os insetos devorem o seu último átomo de tecido muscular.

- Portanto, ao assumir as rédeas do front de batalha, faça diferente de seu criador; não finja que não estamos em guerra!

- Mesmo eu sabendo, que existem boas chances de seus planos governamentais se resumirem em artimanhas para o reembolso dos investidores de sua campanha, espero que a senhora freie o sequestro do intelecto do povo cometido nos recintos escolares, para que daqui há alguns anos, surja uma geração politizada e credenciada para construir a paz, a justiça social e sobretudo, para não ceder nunca mais a chefia do país à pessoas de sua espécie.

- Por favor, quando estourarem os escândalos da corrupção que leva as pessoas à indigência e em seguida, as armas, não use a estratégia do; "EU NÃO SABIA", ou a da; "A CULPA É DO MEU ANTECESSOR".

- Até porque, não fica bem copiar ou jogar o B.O nas costas do padrinho.

A paz de chumbo quente confeccionada por agentes homicidas do Estado, que diversos de nós compraram junto com a balela do "super crescimento nacional", é algo inadmissível até para os padrões medievais.

A criminalidade se combate com dispositivos como: educação, incentivos e alternativas para a reinserção social e não com ondas tsunâmicas de assassinatos brutais! Os imbecilizados que criticam o meu trabalho, ideologia e postura, costumam torcer o quando exprimo esse tipo de raciocínio. Chegam ao absurdo de me acusar de defensor de bandidos. O que é surpreendente, afinal, em toda a minha trajetória e discografia, eu nunca defendi um playboy ou um político. Perdoo os impensantes que me perseguem, pois sinto que suas palavras se originam na ignorância e na pressão de uma atmosfera desumanizada. São frutos da crença estúpida, que ensina que a pacificação mora depois do sufocamento de meninos humildes com sacolas plásticas. A condenação aos dogmas da sociedade que não preserva e não recupera seus filhos, apenas se vinga deles, não é de minha autoria. Faz parte do ideário do mundo civilizado. Asseverar que as ações da polícia contra jovens estimulados a transgredir as regras, são arbitrárias, covardes e

abusivas, não é fazer sensacionalismo isolado cm letra de rap, é fazer coro com as denúncias de parentes de entes mortos e com os apelos de entidades de direitos humanos como: a Anistia Internacional e a Human Hights Watch.

E muito provável que alguns cantores alegres do "movimento hip hop" desconheçam por exemplo: que o relator especial da ONU sobre Execuções Arbitrárias, Sumárias ou Extrajudiciais, participa da mesma opinião que a minha. O sr Philip Alston após fazer um rolê em nossa terra hospitaleira para assassinos, criticou duramente os índices alarmantes de homicídios cometidos pela polícia brasileira e afirmou categoricamente, que os inquéritos que "investigam" os extermínios envolvendo policiais, nunca resultam em punições. Mesmo estarrecido com a maneira indiscriminada com que as autoridades do Brasil executam pessoas nas favelas e depois se safam com o apoio da mídia e a omissão do Ministério Público e do Judiciário, o funcionário da ONU conseguiu controlar o tremor dos dedos e redigiu um relatório que resultou em 33 recomendações ao governo. Entre elas, estava a redução da impunidade. Preciso dizer que o governo não cumpriu nenhuma das recomendações? Acho que não. Porque os representantes do Estado se preocupariam em seguir tais conselhos, sendo que, boa parte do povo assimilou a ideia vendida pelos intelectualoides criados à leite Nan, de que, o tráfico em pequena ou grande escala, o assalto à mão armada ou não, o furto famélico ou não, são todos passíveis de pena capital? Porque os representantes do Estado se preocupariam em seguir tais conselhos, sendo que, boa parte do povo assimilou que os que destoam do preceito do; aniquilar em prol da ordem pública, são tidos
como terroristas?

Independente dos bombardeios dos "formadores de opinião", que preferem permanecer idiotizados e idiotizando com o repasse da fábula dos eletrodomésticos baratos, eu não posso consentir, que as pessoas carentes que eu jurei pra mim mesmo defender a todo custo, sejam iludidas e enganadas.

Aí irmão, não é correto, que governadores e secretários de segurança tracem metas pautadas em ações de pirotecnia e de confrontos letais, para o estabelecimento de um convívio social pacífico e harmônico. A garantia da ordem pública e a elucidação de crimes, nada tem a ver com chacinas. Para qualquer nação signatária da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a média oficial de óbitos promovidos pelo Estado nas grandes cidades do Brasil, é um atestado de genocídio. Não e normal, nem em quadros de guerras declaradas, que forças governamentais destinadas a servir e a proteger cidadãos, ostentem como padrão de qualidade e eficiência, a marca anual da polícia brasileira; cerca de três mil mortos.

Você não pode ver ou ouvir, mas nesse exato momento estou gargalhando pra não chorar! Peço desculpas, mas não resisti... É que ao escrever os assustadores algarismos assumidos da carnificina produzida pelos órgãos repressores, lembrei de algo mais assustador; eles representam uma quantia ínfima da colaboração da polícia, com o fornecimento de material para a medicina legal. Eles refletem, tão somente, os vestígios de massa encefálica, que por circunstâncias alheias as vontades dos comandantes dos batalhões, não foi possível limpar.
Os três mil mortos por ano, por mim descritos, simbolizam as raríssimas baixas que não deu para empurrar para as cifras obscuras.

Quando fica inviável alegar que a causa mortis de um favelado se deu por bala perdida ou disputa entre traficantes por pontos de drogas, entra em cena o famoso; "Homicídio Legalizado".

Os Homicídios Legalizados" são aqueles que nos registros das delegacias de polícia ganham

a classificação de: Auto de Resistência. Nessas tais resistências à prisão seguidas de morte, em 46% dos casos, os corpos apresentam 4 ou mais impactos de bala. Apresentam sinais claros de uso excessivo da força bruta e a presença de fortes indícios de execução sumária. É bom lembrar, que na somatória dos "Homicídios Legalizados", que nos instruíram a aceitar com extrema naturalidade, não foram adicionados os resultados catastróficos das ações das milícias formadas por policiais e dos esquadrões da morte. Instituições essas, com sinal verde para a matança e livres de órgãos reguladores que as disciplinem e apurem as suas infrações penais.

O perfil psicótico do agente de segurança, anexo ao corporativismo dos corregedores que ligam para o denunciado mandando queimar o arquivo denunciante, revelam contra quem o sistema de eliminação foi arquitetado.

Não é preciso que um relator da ONU ou de qualquer outra associação contra a violência, nos aponte que no Brasil existe uma política de extermínio sob medida para os que vivem abaixo da linha da pobreza. Basta verificarmos os indícios que são esfregados em nossos rostos diariamente. Basta verificarmos os homens com identidades funcionais usando o aparato mortífero e o respaldo do aparelho estatal, para salvaguardar os bens dos ricos e invadir barracos. Basta verificarmos os crápulas fardados executando filhos na frente de pais, pais na frente de filhos, maridos na frente de mulheres e mulheres na frente de maridos.

Os cadáveres em caixões pretos de papelão, não são mostras de eficácia da malha 'protetora da sociedade", mas demonstrativos do grau de ódio, intolerância e preconceito da playboyzada inútil contra os menos afortunados.

Os donos da imprensa mercantil, ao se apropriarem de nossos pensamentos, transformaram a inoperância preventiva, ostensiva, repressiva e investigativa das corporações de carrascos, em atos solidários e virtuosos.

Enquanto muitos seguem acreditando que as Unidades de Polícia Pacificadora (UPPS) atuam para devolver o controle das comunidades aos moradores, o plano de limpeza étnica e social, visando receber a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, segue a todo vapor. A Fifa e o Comitê Olímpico Internacional (COI), para que os eventos aconteçam, em se tratando de países desenvolvidos, exigem a construção de estádios modernos e melhorias relativas a transporte e acomodação. Agora, quando as festas vão rolar no terceiro mundo, as exigências, além das citadas, ganham a companhia da famosa e assassina: "urgência em resolver o problema da segurança pública".

Em outras palavras:

- Aí boys do Brasil, se quiseram eventos dessa magnitude, é vital que os freezers mortuários fiquem abarrotados de tórax costurados.

Um aviso... Homens de negócio, pressionando autoridades para que os seus soldados ajam de forma mais enérgica contra indesejáveis, não é exclusividade de vésperas de grandes acontecimentos mundiais. Com ou sem calendário esportivo, é comum que grandes empresários e banqueiros liguem para prefeitos, governadores e presidente e encomendem diligências chacinadoras nas áreas onde os habitantes estejam interferindo negativamente em seus bolsos. O caminhão da loja de móveis não pode fazer entrega em determinada localidade, um telefonema e 15 corpos depois, o problema está resolvido. Em Estados como; o Rio de Janeiro e São Paulo, é notório que essas pressões surtem efeito. As polícias carioca e paulista são consideradas as mais violentas do mundo!

Só recapitulando: os agentes da lei de RJ e SP, fazem jus ao título, sem que sejam computadas as mortes atribuídas aos exterminadores encapuzados, aos milicianos, aos policiais em horários de folga e os homicídios não solucionados.

Os laudos necroscópicos nacionais revelam bem mais do que corpos com pelo menos um disparo na cabeça em 61% dos casos, ou com sinais claros de disparos à queima roupa, revelam o porquê, de liderarmos com folga, o ranking mundial de abatidos por armas de fogo.

O Brasil é campeão global nesse quesito, não só por nos dizimar em favelas, mas porque nos ensinaram a ver a nossa própria eliminação como pilares para a edificação da paz.

Se o fato de não ficar calado, em memória dos anônimos torturados e mortos, denota predisposição ao terrorismo, então que nós pobres sejamos todos terroristas.

Não **é** metáfora minha, as metralhadoras dos covardes só se calarão, quando os poucos indignados contaminarem a todos, com os seus pensamentos libertários. As metralhadoras dos covardes só se calarão, quando as revoltas individuais se transformarem em causas coletivas.

Não adianta mantermos o costume infrutífero de nos revoltar atrás de quatro paredes ou somente na vizinhança, é obrigatório que os nossos gritos ganhem as cidades, tomando proporções de atos públicos. Os inimigos devem saber, que nós estamos a par de sua violência institucionalizada.

Aquele que não quer em seu histórico familiar uma marca eterna deixada pelas chacinas, execuções sumárias, torturas, mortes sob custódia e pelos abusos de poder dentro ou fora de estabelecimentos penais, deve conhecer o pântano capitalista e egoísta que forma os bastidores de sua pátria.

O homem que consegue olhar para a casa das máquinas que propulsionam o seu país, se torna automaticamente anárquico ao cabresto estatal e burguês que o manipula. Pois nesse valioso instante, ele vê que por baixo das promessas eleitorais, do assistencialismo mal-intencionado e das pacificações, se esconde um mundo marcado pelo egoísmo, pela divisão, pela injustiça e pelo sofrimento. Ele vê, que a nação mais cristã da face da Terra, é a mais pecadora, de acordo com as leis bíblicas, que igualam todos perante a Deus.

Aqui, além dos seres humanos não serem iguais, dependendo do volume de suas carteiras, perdem até o direito de serem filhos do criador. Isso, sem falar no obsceno acúmulo patrimonial, uma falta grave, largamente condenada pelo cristianismo primitivo.

Os parafusos da armação que sustentam a lona do picadeiro do terror, foram apertados para que surgisse das cinzas, plagiando o mitológico pássaro Fênix, uma "sociedade igualitária" bem distante da desejada pelo filósofo chinês; Confundo (551 a.C. 4 9 a.C).

O grande pensador, que dizia frases como: **quem de manhã compreendeu os ensinamentos da sabedoria, à noite pode morrer contente** e que sonhava com um lugar imaginário, onde houvesse lar e trabalho para cada pessoa infartaria ao se deparar com a organização social dos "filantropos" do "Bolsa Família". Infartaria ao se deparar, com a organização social fundamentada na corrida insana e doentia por capital e lucro, no esbanjamento e na falta de isonomia.

Infelizmente, no papel de hospedeiro e transmissor de más notícias, eu não posso evitar que os novos Confúcios tenham paradas cardíacas. Não posso me silenciar. Está encravada no meu DNA a obrigação de informar para cada refém da playboyzada, que dentro da engrenagem que move o Brasil, não há espaço para paz social, ações comunitárias, ajuda mútua e distribuição justa de bens.

Entre os impostos, os salários de fome e as munições traçantes, os nossos senhores desenvolveram um modo particular para a nossa subsistência, cujo qual é crime, infração, transgressão, imoralidade ou pecado, se rebelar e se insurgir. Fundaram um abatedouro demarcado por fronteiras, repleto de mentes dominantes e dominadas, programadas para depreciar a solidariedade e a compaixão e superfaturar a importância dos bens materiais.

A ideia confúciana de sociedade de abundância com ausência de noções de propriedade, é esfacelada cotidianamente pela realidade suja, que acentua cada vez mais a separação da população nacional entre patrões e empregados, entre presas e predadores. A idade do outo foi abortada pela era das grades de ferro e das urnas funerárias.

Quem tem um profundo desapego ao dinheiro, tem o poder de enxergar o valor das coisas que não se compram. Nesse ponto, eu me considero um sortudo... As mansões nunca me atraíram, como as lutas em benefício do povo. Sempre acreditei que os carros e as motos não podem estar à frente das conquistas políticas e sociais. E da hora ter um automóvel, entretanto, mais a hora ainda, e ter asfalto na rua para esse automóvel trafegar e uma casa com garagem para estaciona-lo.

Um dos meus maiores sonhos, é conseguir convencer a massa periférica, de que o sinônimo literal de riqueza, não é uma RI ou um Audi A6 com vidros filmados, mas o saber. A informação pode até não ampliar os dígitos de sua conta bancária, porém, modifica radicalmente sua posição no tabuleiro da vida. Um cidadão informado não se sente inferior a outro homem, mesmo que este tenha cem palácios. Após um banho de cultura, você passa a entender em que sistema seu planeta invisível gravita. No entanto, como todo bom remédio, a instrução tem lá as suas contraindicações... A ingestão em alta dosagem pode provocar efeitos adversos tais como: insônia, náuseas, crises alérgicas, palpitações, taquicardia, distúrbios nervosos, mudanças repentinas de humor e perda de apetite.

No Brasil, a ignorância, dentro de uma perspectiva de abrandamento de dor, é até vista como uma dádiva! Com ela, dormimos, por pensar que o Estado genocida um dia nos salvará. Sem ela, é ódio e inconformismo 24 horas diárias, por saber que o Estado genocida em breve nos matará. Por saber, que quando o fizer, só com muita sorte, os assassinos com distintivos estarão entre os 10% dos policiais que são julgados ou dos 1% que são condenados. O dito popular: "o que os olhos não veem o coração não sente", não se enquadra no meu perfil. Tenho obsessão pela verdade, por mais podre que ela se apresente. Não tenho problemas em viver com o coração acelerado por descargas de adrenalina. Nasci para ser o extremista que vai na dianteira, carregando uma lanterna para iluminar a trilha que leva os indefesos para longe do perigo.

A canção dos guetos, me fez devoto da fraternidade e do cooperativismo. Me inspirou a concluir por instinto de sobrevivência, que os que são assolados pelos regimes tirânicos delineados para a sua classe e etnia, devem lutar por uma nova ordem diferente da vigente. Devem seguir os rastros de seus antepassados camponeses e escravos e aniquilar os preceitos e as tradições consagradas, os privilégios constituídos e os poderes existentes. A canção do gueto, também me mostrou o alto preço que o povo excluído paga, por não ter o destronamento da burguesia como um ideal comum.

Representamos na atualidade, uma das poucas gerações que não pegou em armas com o intuito de retirar escravizadores de suas zonas de conforto.

O resultado de nem termos tentado michar as algemas que impedem o amotinamento geral, é a ausência de um minuto de cessar-fogo, em mais de 500 anos de nossa história europatizada e

norte-americanizada. O resultado de nossa aceitação e inoperância, é um país livre e democrático na vanguarda da América Latina, que mais do que superlotar presídios e áreas de risco, consegue a façanha de hiper-lotar cemitérios.

No paraíso tropical o PAG mais urgente, é o Programa de Aceleração de Cemitérios. Quando o inseticida social das autoridades de segurança é borrifado, é preciso improvisar novos solos para abertura de covas. Muito se fala sobre déficit prisional, habitacional ou educacional, mas pouco se comenta a respeito da falta de metros quadrados para atender a demanda de enterros de desprivilegiados. Os cemitérios brasileiros, simplesmente não comportam mais vítimas de mortes violentas! Se os coveiros recebessem um adicional no pagamento por cada assassinado que descem nas cordas para as sepulturas, ficariam milionários. Aliás, se o Brasil ganhasse um dólar por cada crítica emitida por organizações de direitos humanos, nacionais e internacionais, ultrapassaríamos facilmente o PIB dos Estados Unidos.

Os comentários desfavoráveis se dão, porque os defensores dos direitos do homem e do cidadão, estão cientes, de que a “emergente futura potência mundial” mantém um sistema penal seletivo, articulado, para nos criminalizar, preservar o patrimônio privado e controlar as insurgências dos pobres por meio da intimidação.

A propaganda de terror, que 500 mil presos são coagidos a protagonizar em antigas construções caindo aos pedaços, incapazes de oferecer as mínimas condições de higiene, salubridade e dignidade, funciona como um freio ABS para o ímpeto de quase todos. De fato, o estado deplorável das celas abarrotadas com pessoas condenadas sem acompanhamento jurídico ou aguardando julgamento respaldadas pela “Defensoria” Pública, assusta... No entanto, também serve para pulverizar alguns mitos do folclore da elite, como por exemplo:

- **Os menos favorecidos são geneticamente propensos ao banditismo.**

O número de detentos brasileiros, prova que essa teoria preconceituosa não procede, afinal, a quantia de encarcerados não chega a representar 1% das pessoas abaixo da linha da pobreza.

- **A repressão violenta e as penas mais severas diminuem a criminalidade.**

Quem é da periferia conhece desde criança os três fatores básicos de risco à que está exposto aquele que delingue: as atrocidades letais da polícia, a negação à julgamentos justos e imparciais e a morte em vida como um número de matrícula prisional da terceira maior população carcerária do mundo.

Qualquer punição rigorosa de uma pátria desenvolvida, comparada as sentenças extrajudiciais que são aplicadas em nossas ruas, é uma brincadeira de criança.

Conclusão: os homens e mulheres, que burlam as normas da sociedade branca, não o fazem por ignorar a relação custo-benefício de se desafiar o sistema brasileiro de justiça legal e ilegal ou porque gostam de viver perigosamente, o fazem, porque a sabotagem social que os vitimou, ceifou todas as oportunidades de progresso pessoal, ao ponto de deixá-los sem outras alternativas e nada a perder. Quando se está com fome, não há tempo hábil para se temer as matracas dos gambés ou o martelo do juiz. Nessas horas, a mente só se concentra no mecanismo imediato, que pode fornecer a opção que alimentará a boca que clama por comida.

Colocando de outra maneira: os juristas podem aprovar a prisão perpétua e a pena de morte que mesmo assim, um cidadão levado a completa invisibilidade social, terá motivações de sobra para jogar uni playboy no porta-malas de um carro e exigir as senhas de seus cartões magnéticos.

Os endinheirados têm a doce ilusão, de que se os infratores ficarem enjaulados até o fim de seus dias, o problema da violência está solucionado. Esquecem que o capitalismo que tanto amam, é perito em substituir esfomeados finados ou contando dias de prisão em rabiscos em chinelos, por renovadas legiões de esfomeados com Sig Sauers nas mãos. Enquanto houver o capitalismo selvagem, haverá a troca sistemática de um violador do Código Penal por outro. Os boletins de ocorrência só mudarão de nome.

Os comentários desfavoráveis se dão, porque os defensores dos direitos do homem e do cidadão sabem, que os matadores de aluguel com carteiras funcionais, respondem por boa parte dos 50 mil cadáveres anuais de nossa **Guerra Não Declarada.** Sabem, que as belezas da terra carnavalesca, linda e exuberante, são proibidas para os próprios construtores da nação. Principalmente para a parcela da população adulta economicamente ativa, que não pode se dar ao luxo de bater um cartão de ponto. As praias paradisíacas do Nordeste ou o Pantanal Mato-Grossense, são locais interditados, preferencialmente para os milhões de brasileiros desempregados. Para esse grupo, mais do que qualquer outro, não são dados vistos para o eco-turismo na Floresta Amazônica. Para esse grupo, mais do qualquer outro, não existe marketing convidativo o chamando para conhecer a vida noturna e a gastronomia de São Paulo ou as cidades históricas do país. Os pontos turísticos carregam um aviso subliminar, cujos frequentadores assíduos de agências de emprego são os mais aptos a lerem: É **TERMINANTEMENTE VEDADA A ENTRADA DE PESSOAS NÃO REMUNERADAS MENSALMENTE.**

Que bom que essa mensagem excludente, só atinge à 6,2% dos trabalhadores!

Calma! Estou sendo sarcástico!

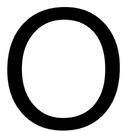
É lógico, que aqueles que mentem, dizendo que as pessoas que sustentam os filhos com sobras achadas em lixeiras integram a "nova classe média", não usariam da boa-fé para lidar com esse tema. A taxa de desemprego do Brasil, apresentada pelos veículos de comunicação em conchavo com o governo, é outra manifestação de zombaria e ofensa a inteligência popular. As estatísticas são completamente fora de sincronismo com a realidade. Os "institutos de pesquisa", para satisfazer a clientela renomada, utilizam-se de metodologias bizarras e inconclusivas. De forma proposital, formulam os questionários e os meios de apuração tendenciosos, que deságuam nos malfadados indicadores fraudulentos. As tramas cínicas desenhadas no balaio de ratos, objetivam anexar as reflexões dos menos cultos à um campo de surrealidade e por consequência do apagão mental quase total, gerar os mares de calmaria fictícia, onde os canalhas gostam de velejar.

Por exemplo: nas temerárias análises sobre o desemprego nacional, os departamentos de jogar areia nos olhos do povo, classificam na condição de: OCUPADO tanto o indivíduo, que nos sete dias anteriores a entrevista (que nunca ocorre nos bairros pobres) possui trabalho regular remunerado, quanto o que se sustenta exercendo funções irregulares. Isso, desde que ambos, nesse período estipulado pelo opressor, não tenham procurado empregos diferentes. O registro cm carteira, não é o critério usado pelos coletores de informações para determinar se uma pessoa é ocupada ou não. No "universo da alegria", um cidadão só ganha a atribuição de autêntico desempregado, se nos sete dias que antecedem uma das tais enquetes, tiver escutado algumas vezes: "no momento não estamos pegando ninguém, mas preenche uma ficha e deixa aí" e não tiver realizado nenhum tipo de serviço. Pros nossos algozes e seus "cientistas sociais", toda ocupação, seja ela formal ou informal, é considerada um emprego. Para os seus bancos de dados, qualquer bico diário como: catar latinhas de alumínio, é válido. Perguntam para o entrevistado:

- **Nos últimos sete dias, o senhor trabalhou?**
- **Sim, eu tomei conta de carros por toda a semana.**
- **Durante esse tempo, o senhor tentou mudar de ramo?**
- **Não.**
- **Ok. Meus parabéns... O senhor é uma pessoa super-empregada!**

Após a indagação (se houver indagação) de mil pessoas nos centros urbanos e industrializados, é extraída a média percentual, que refletirá a situação geral. Se de mil pessoas, 62 afirmarem ler os classificados de empregos, então apenas 6,2% do povo brasileiro está desempregado! Quando os cães infiéis vêm à público para alardear feitos nessa área, sempre cometem um pequeno lapso e omitem, convenientemente, que o resultado líquido da soma dos ocupados, não é constituído apenas de cidadãos com garantias trabalhistas asseguradas pelo Estado. A queda momentânea de memória dos governistas, ocorre justamente para nos afastar do óbvio: o drama atinge muito mais do que 6,2% da população economicamente ativa do país. Contudo, temos dois caminhos para chegar à essa dedução, sem que seja necessário que os inimigos nos contem a verdade... Podemos averiguar o tufão de disparidades entre as estatísticas distorcidas e a realidade, calculando a mão de obra na informalidade, as pessoas na criminalidade e os moradores de rua, que subsistem com esmolas e restos encontrados em sacos de lixo. Ou podemos averiguar a tempestade de mentiras, nos apoiando numa contradição estampada diante de nossos olhos: se todo empregador é obrigado por lei a pagar à seus funcionários no mínimo o piso salarial de R$ 622,00 e 54 milhões vivem abaixo da linha da pobreza com uma renda per capita/mês de RS 151,00, logo, é concluível, que os adultos dessa faixa populacional não firmaram nenhum contrato de trabalho. Só por este pequeno, mas eficiente exercício infantil, fica evidente, que a porcentagem de desempregados no Brasil, não condiz com as aberrações difundidas.

Todos os Nossos Fuzis em Troca da Educação de Qualidade.



O correspondente de guerra habitual, veste o seu colete à prova de balas escrito reportagem, pega carona nas viaturas dos assassinos e vai colher o conteúdo de sua matéria. Sente-se realizado, quando os rostos desfigurados pelos grossos calibres repressivos, transformam-se em manchetes de capa.

O correspondente da **Guerra Não Declarada,** veste a sua camiseta 100% favela, fixa os olhos em sua gente sendo assolada constitucionalmente e inconstitucionalmente, por uma estrutura de dominação impiedosa e vai colher o conteúdo de seu manifesto. Sente-se realizado, quando os que ainda não foram desfigurados pelos grossos calibres repressivos, mais do que ouvir as suas músicas ou ler os seus escritos, passam a compreender que vivem em contagem regressiva para um desfecho sinistro. Passam a compreender o perigo eminente que correm e o quanto estão indefesos, por não fazerem parte ou serem representados nos pontos que são estratégicos para a mudança.

A salvação geral do povo, se assemelha a salvação de um doente com câncer. Quanto mais cedo se diagnostica o tumor maligno, maiores são as chances de cura. Quanto mais cedo se diagnostica a razão da ruína, mais cedo é corrigida a paralisia comportamental que a fabrica e a conserva.

Por advogar em causa própria, a minha missão transcende a mera exposição de estatísticas e as denúncias contra os nossos aniquiladores. A finalidade do correspondente da **Guerra Não Declarada,** além de rasgar o véu de sujeira que encobre o purgatório carnavalesco, é fazer com que as fraturas que foram expostas, convertam-se em chagas insuportáveis e comecem a figurar no patamar das hediondidades intoleráveis. A minha meta é contribuir para que os desassistidos comprovem, que os programas assistencialistas eleitoreiros, são os cheques que compram o silêncio dos mais fragilizados. No minuto em que os aceitamos no formato de gestos de solidariedade governamental, involuntariamente, vendemos a nossa alma para uma gang de diabos. O problema, é que esses diabos a que me refiro, são bem diferentes do convencional da mitologia. Os diabos de carne, osso, terno e gravata, se apoderam das almas, mas em troca, não dão as vidas de glamour, sonhos e realizações previstas na lenda. É o oposto, eles proporcionam padrões existenciais tão medíocres, que a alimentação se torna a única prioridade dos subjugados.

Não posso descansar cm paz, enquanto não for consenso no universo fantasmagórico, que os famintos necessitam de comida na mesma medida que precisam de educação de qualidade. A cesta básica que vem desacompanhada do principal pilar da inclusão social, não tem nada de igualdade e respeito como é dito na propaganda. O cenário das barrigas cheias e mentes vazias, não é sinônimo de progresso e sim de eternização da submissão.

Para nos impormos frente aos inimigos e reavermos a parte da riqueza nacional que nos cabe,

é crucial que os moradores das áreas de abandono tenham a educação como um patrimônio inegociável! Em cada permuta, onde, inconscientemente aceitamos abrir mão do saber, retrocedemos três décadas em nosso desenvolvimento. Todo e qualquer problema social, encontra a sua solução na amplitude do conhecimento.

Um povo devidamente educado não se sujeita à fome, às doenças curáveis, aos péssimos atendimentos hospitalares e ambulatoriais, à falência do sistema carcerário, ao sucateamento do transporte coletivo, às moradias precárias, ao negligenciamento de seus bairros pelo poder público e muito menos, à falta de representatividade nos altos escalões da política, da justiça e do mercado de trabalho. Um povo devidamente educado não admite ser pedinte, sparring, joão bobo, cobaia viva das multinacionais ou cobaia morta dissecada por alunos de medicina.

Na hora que obrigarmos a corja de safados que nos domina, a universalizar a educação decente, o planeta invisível engolirá o mundo oficial, onde são assinadas as sentenças de execução. Proclama remos a nossa primeira independência, fundaremos a primeira sociedade democrática e conquistaremos os nossos primeiros direitos civis, políticos e sociais. A informação é a luz que te tira da escuridão dos figurantes e te coloca como um dos protagonistas da história. Uma vez amparados pela instrução adequada, os cidadãos marginalizados ganham amplas condições de emergirem das profundezas do esgoto à que foram mergulhados, para se inserirem realmente na sociedade. Deixam de formar a massa de manobra atrelada as ideias predatórias dos rivais, para asfaltar os caminhos do futuro com as suas próprias ideias.

Considero o acesso total e irrestrito a cultura, a maior conquista de um povo, pois é através da cultura, que surge a conscientização e os desejos de mudança. É nela que se aprende, que a condição de favelado não é uma situação natural ou ocasional e sim, algo imposto premeditadamente pela burguesia.

Sem o poder dos livros e o apoio dos professores por vocação, a cidadania é anulada, afinal, sem ter ciência de sua importância, abrimos mão desse bem valioso. Todavia, veja bem... Quando digo educação, não estou falando exclusivamente da construção de escolas para a alegria das empreiteiras aliadas do governo. Até porque, sozinhos os prédios bonitos e bem equipados, não fazem diferença. Me refiro ao aparato educacional, material e humano, que aparece como principal indicador no ranking de IDH mundial. Para que ocorra a evolução sonhada, é preciso ter objetos e instalações de ponta, associados à profissionais gabaritados, bem remunerados e motivados, e a uma autêntica filosofia de aprendizado, que pare de adestrar os pobres para servirem mesas e responderem sim Sr. e não Sr. Os mestres devem mostrar para as crianças da periferia, que as vitórias pessoais não têm apenas como fios condutores os serviços braçais vexatórios, humilhantes e mal recompensados, mas também, o trabalho intelectual.

Todos os países avançados tiveram como base de seu crescimento, além da melhoria na distribuição de renda, investimentos maciços na educação de seu povo. Uma pátria que opta por competir com as grandes nações mantendo uma população escrava de iletrados e analfabetos funcionais, está fadada não só a fracassar, como a afundar cada vez mais na areia movediça dos conflitos armados.

Nenhuma meta evolutiva (se houver uma) será atingida, enquanto dois planos educacionais distintos estiverem vigorando abaixo do sol escaldante de nossos verões sangrentos. Enquanto os filhos de papai forem preparados para ocupar cargos de comando em empresas e na política e os filhos do cosmo alternativo forem orientados e treinados para operarem empilhadeiras, ficaremos estacionados no terceiro mundo.

Nas histórias das guerras, são poucos os países beligerantes que se tornaram potências. Desses poucos, o que todos tinham em comum, eram os seus adversários. Ao contrário da pátria de chuteiras, fuzis e prostituição infantil, os que ergueram impérios através de rajadas de metralhadoras escolheram destruir outros povos e não o seu.

É possível até se arcar com os custos da barbárie incutido nos combates, mas não com as faturas da ignorância extrema.

O universo que discriminam e iluminam a base de giroflex de viaturas, **é** onde se encontram as maiores chances do Brasil. Quando nos jogam no lixo, jogam na latrina global as possibilidades de triunfo do país.

Os grandes líderes mundiais, por via de regra, não criam barreiras intransponíveis para a sua gente. Qualquer ser à frente da regência de uma nação, que prive os seus compatriotas carentes de uma formação acadêmica, é um déspota carniceiro desinteressado na prosperidade do coletivo.

A mãe que chora copiosamente ao lado do filho tendo as roupas cortadas pelas tesouras dos peritos da polícia científica, perde um ente querido, já os 190 milhões de irmãos de pátria, perdem os benefícios que foram roubados e mortos junto com a sua graduação, pós-graduação, especialização, doutorado e mestrado.

É lógico que essa constatação, não representa um drama pessoal para nenhum playboy. O subdesenvolvimento dos bairros nobres é completamente adverso daquele que assombra os nossos centros de confinamento.

Não podemos esperar empenho para a alteração do panorama socioeconômico e educacional, vindo de homens, cujo subdesenvolvimento brasileiro, lhes permite colocar em suas salas obras de arte que enfeitaram antigos castelos. Na era consumista, não existem atos de patriotismo. O endinheirado que admira o progresso, prefere curtir férias no exterior contemplando o progresso estrangeiro, do que pressionar as autoridades no seu bolso ou injetar parte de seus lucros estratosféricos, para que sua terra natal avance. A educação que na sua boca é descrita como prioritária, não passa de um discurso vazio, carregado de más intenções capitalistas. Para os semideuses dividir o saber, é o mesmo que por um oitão na testa e puxar o gatilho. Ou o mesmo que escrever o nome por extenso na linha pontilhada de uma certidão de transferência de patrimônio.

Desta forma, quanto mais tempo demoramos para nos rebelar, por mais tempo permitimos que essas mentes malévolas nos impeçam de dispor da única ferramenta verdadeiramente capaz de reduzir a pobreza.

Não podemos mais deixar, que os tiranos genocidas façam desse direito universal, uma seleção artificial das espécies.

Uma seleção artificial que assegura criminosamente; portas abertas e postos de chefia para os herdeiros de fortunas e privilégios, que estudam nos melhores colégios particulares; fazem os melhores cursinhos pré-vestibulares e entram nas universidades públicas que deveriam ser destinadas ao povo.

Uma seleção artificial que assegura criminosamente; portas fechadas e subempregos para os herdeiros da colonização dos estupradores, que estudam em precárias escolas municipais e estaduais; que dificilmente concluem o ensino médio; que dificilmente fazem pré-vestibulares; que dificilmente passam na prova do Enem ou em vestibulares; que dificilmente ganham bolsas do Prouni e que dificilmente entram em faculdades públicas ou viram bolsistas em universidades privadas.

Estou cansado de ver a educação na favela sendo encarada como um ciclo de perda de tempo, necessário somente para que consigamos o certificado escolar que a classe patronal nos exige.

Gostaria muito de ver os manos de trinta anos ou mais, retornando às salas de aula com expectativas de se engajarem em grupos de pensadores que tencionam extinguir os trabalhos escravos e não o fazendo apenas para trocarem os seus trabalhos escravos por outros, que os possibilitem custear mais prestações de celulares.

Para sobrevivermos na sociedade dos certificados comprobatórios, que classifica o ensino fundamental como analfabetismo, o médio como semianalfabetíssimo e o superior concluído em instituições baratas como analfabetismo-funcional, é obrigatório que troquemos os nossos conceitos e postura.

Primeiro é essencial que entendamos que a lógica da **aquisição** da erudição, não é decorar matérias escolares para se alcançar uma graduação e posteriormente apresentar documentos pedidos em fichas de solicitação de emprego, mas sim, chegar a plenitude do desenvolvimento humano. E segundo, depois de reconhecido o real fim determinado do único escudo capaz de brecar os tanques do exército, os táticos móveis e os caveirões, é vital que nos tornemos compulsivos pelos estudos.

A defasagem intrínseca no conteúdo do ensino destinado aos cidadãos dos bolsões de miséria, garante aos ditadores sedentos por corpos mutilados, que o véu da sujeira permaneça intacto encobrindo o purgatório carnavalesco.

As feridas que fazem uma das regiões mais ricas do planeta agonizar, só ficam abertas para os que desligam as TVs e foleiam as enciclopédias. Nem o cartão magnético da assistência social, tem o poder de cegar os leitores vorazes. Com fome ou sem fome, abrigados ou desabrigados, fora da cadeia ou encarcerados, empregados ou desempregados, eles sabem como funciona a sala das máquinas que os empurra para a degola. Eles sabem que o Brasil é o emergente de crescimento e progresso fantasiosos, que busca em vão, através de uma falsa autopropaganda internacional de país sério com economia sólida, acobertar o seu regime de morticínio, a sua desigualdade social, os seus preconceitos e o seu racismo. Sabem, que o que atrai estrangeiros para as nossas belezas naturais, não são as campanhas publicitárias do Ministério do Turismo, mas a reputação brasileira de zona libertina, acolhedora de turistas sexuais e empresas exploradoras.

Somos o porto seguro dos pedófilos e das transnacionais, que procuram lugares no globo terrestre, onde recebam incentivos fiscais para subjugar o povo local, roubar as suas riquezas e poluir o seu meio ambiente, sem restrições ou multas.

Nem os coágulos cerebrais provocados por coronhadas da polícia, impedem o homem informado de atestar que os "dirigentes" Made in Brazil são cafetões que vendem para os gringos a nossa floresta Amazônica, via corporações nacionais mantidas com capital estrangeiro. São cafetões que vendem a mão de obra dos menos favorecidos para as super marcas mundiais, para que nos galpões de suas filiais, estes trabalhem como robôs cm ritmos alucinantes e exaustivos, sejam remunerados com migalhas e multipliquem as fortunas de patrões norte-americanos e europeus. São cafetões que vendem as crianças das zonas carentes para que sejam violentadas, escravizadas, forçadas à se prostituir, usadas em rituais macabros, ou para que tenham os seus órgãos arrancados e implantados em receptores ricos, no mercado clandestino de transplantes.

Quero apenas salientar, que o comportamento abominável de nossos "líderes", não é uma

exclusividade brasileira, trata-se de uma prática secular tradicional em todas as nações do terceiro mundo. Os Estados falidos controlados por vermes corruptos, somente seduzem os investidores internacionais, quando imploram para que venham novamente os colonizar e estuprar suas mulheres. Os sanguessugas demoníacos das civilizações desenvolvidas, apenas se interessam pelos países que lhes oferecem como atrativo; o domínio das finanças e a saúde e os genitais de seu povo. As sucursais das grandes indústrias, só são instaladas nesses territórios, se for permitido que as suas plantas e funções sociais sigam as especificações de campos de concentração. As sucursais das grandes indústrias, só são instaladas nesses territórios, se ao ficarem prontas, deixarem os exploradores com a "agradável sensação"' de donos de Gulags particulares. Na globalização articulada pelos imperialistas, cabe as regiões arruinadas, o papel de mola propulsora de prazer e bem-estar das pátrias poderosas.

Tudo o que foi escrito até aqui, não é nenhuma novidade para os membros da elite. Simplesmente, porque eles foram educados de maneira apropriada. Esse diferencial, faz com que os que caminham sobre pisos de mármore, tenham a exata noção da existência da **Guerra Não Declarada,** travada entre as classes abastadas e o Estado contra as pessoas abaixo da linha da pobreza e da indigência.

É chegado o momento da legião de supliciados verificar que o quadro crítico que a assola, não provém de uma conspiração dos deuses, mas de uma série ininterrupta de atentados bem planejados partidos dos bairros de alto padrão e de todas as esferas políticas. É chegado o momento de conseguirmos ler e interpretar o rótulo do veneno que estamos bebendo, antes que a auto dosagem cause um dano irreversível.

É um absurdo imensurável, em pleno século XXI, ainda formarmos um exército desorientado, que não tem ideia de que está sendo massacrado 24 horas por dia pelos que fingem demonstrar compaixão por seus dramas e perdas. Formarmos um exército invisível, que agradece as chibatadas embaladas em subempregos e que por seus soldados terem sido encharcados com complexos de inferioridade, se contenta com as quirelas da riqueza do paraíso tropical.

O Prostíbulo.

A face mais cruel e criticada de qualquer guerra, é a barbárie praticada contra civis. No entanto, um ato abominável em especial, quando ocorrido em países subdesenvolvidos, passa despercebido pelos radares sensores e reprovadores da comunidade internacional. Uma das maiores transgressões aos direitos da pessoa humana, não repercute na opinião pública mundial, como as invasões norte-americanas ou os largamente noticiados "atentados terroristas" executados por fundamentalistas, porém, tem o poder de destruição similar ao do holocausto judaico.

A agressão colossal as prerrogativas universais a que me refiro, é a violência sexual coletiva contra mulheres e crianças. Refiro-me a hcdiondidade sem tamanho, que é classificada por muitos "intelectuais", como a violação menos danosa dos universos de hostilidades armadas e generalizadas.

A negativa sobre a real dimensão desse tópico e a ausência de publicidade acerca dos estragos causados por tais monstruosidades, funcionam como estímulos, para que nas zonas de combate, os estupros se tornem epidêmicos e fatais.

Enquanto o tema não recebe a importância devida nas mesas de debates e planilhas de prioridades de "autoridades" e chefes de Estado, milhares de vítimas aprisionadas nas garras da estupidez beligerante são pulverizadas! Umas são violentadas até entrarem em óbito, outras são metralhadas por resistirem ao sexo forçado e diversas morrem cm decorrência de suicídios ou do contágio de doenças sexualmente transmissíveis.

Ao tempo que a mórbida e delicada matéria segue sem a apreciação e o reconhecimento devidos, as raras sobreviventes dos femicídios, são transformadas por seus altos comandantes em escravas sexuais.

Sobreviver, definitivamente não é sinal de sorte para quem foi atingida por essa catástrofe não natural, articulada pelos "senhores cultos".

Nos campos minados, a interpretação literal de fuga da morte por violência sexista, **é** ser explorada sexualmente durante anos até ser libertada cm companhia de inúmeros filhos gerados pelos abusos e de sequelas permanentes a saúde.

O tormento diário, perpetrado por encéfalos cultivados dentro da civilidade materialista, egoísta e perversa, não resulta apenas em mutilações genitais, cicatrizes, gravidezes indesejadas, abortos espontâneos ou propositais, mas também, em desenvolvimento físico comprometido e traumas psicológicos intratáveis.

Historicamente, o abuso sexual massivo, sempre foi uma nefasta característica de todas as guerras declaradas e não declaradas. Sempre foi uma verdadeira arma do exército dominador contra os reféns dominados. Sempre foi a fórmula mais repugnante encontrada por sádicos, para impor aos adversários derrotados a humilhação perpétua!

No âmbito das mentalidades bestializadas, os egos dos tiranos megalomaníacos são massageados com as cenas de soldados vencidos, assistindo em silêncio suas mulheres e filhas fazendo as vezes de prêmios para o batalhão dos vencedores. No âmbito das mentalidades

bestializadas, os egos dos tiranos megalomaníacos são massageados com as cenas de soldados vencidos, assistindo em silêncio suas mulheres e filhas entrando para a galeria de troféus de batalha de crápulas.

Não existe nada mais vexatório para um grupo de pessoas, do que não poder impedir, que uma parte de seu contingente seja metamorfoseada em depósito de esperma. Do que não poder impedir, que uma parte de seu contingente, entre em trabalho de parto para o nascimento de bebês concebidos no subjugo. A fecundação forçada, coroa o pior rebaixamento moral que um ser humano pode impingir à outro.

Ao lermos o conteúdo introdutivo desse texto, a primeira impressão que se tem, é de que o escritor está expondo detalhes sórdidos colhidos exclusivamente nas disputas entre tropas regulares e rebeldes em territórios estrangeiros... Certo? Não. Erradíssimo!

Não estou falando somente do massacre imposto pelos japoneses à cidade de Nanquim, da II guerra mundial, da guerra de Bangladesh, da guerra da Bósnia, do genocídio em Ruanda ou de recentes confrontos travados na querida mãe Africa. Os pormenores mencionados por mim, abrangem também um outro lado da **Guerra Não Declarada** brasileira... Jogam luz sobre a vergonhosa posição do Brasil, como um dos países que mais violenta mulheres e crianças no planeta!

No picadeiro bélico, que concentra todos os aspectos das guerras elaboradas pela única raça abaixo do sol, capaz de arquitetar a dizimação de seus próprios semelhantes, é óbvio, que a tal crueldade execrável não poderia faltar.

Seguindo a lógica dos combates, os nossos dirigentes especialistas em atritos étnicos, religiosos, econômicos, sociais, territoriais e ideológicos, se especializaram no extermínio de inocentes através das conjunções carnais por coação. Muito mais do que dominar a arte bizarra, eu diria que eles se tornaram experts no assunto.

O nível de perfeição atingido nessa direção foi tão acentuado, ao ponto de hoje, a burguesia local ser uma das poucas cm todo o globo terrestre, a se dar ao luxo da prática, sem ter que mandar capangas fardados derrubarem portas para sequestrarem mulheres, a fim de faze-las se sujeitarem infinitamente aos caprichos luxuriosos de porcos asquerosos. Aliás... Uma das poucas do globo terrestre, a se dar ao luxo da prática, sem precisar do estouro de uma temporada de convulsões. Enquanto muitos exércitos estrangeiros dependem de períodos de turbulências para realizar as suas operações libertinosas, um método peculiar desenvolvido pelos estupradores sociais brasileiros, os permite em dias de guerra ou paz, sistematicamente e impunemente, estuprar, supliciar e ainda dividir com os maníacos do exterior, as vítimas raptadas nas periferias.

Quando digo; “método peculiar”, por favor, não pense em ações ocultas. Até porque, se tem uma coisa que a elite descendente direta dos colonizadores depravados nunca necessitou para manter viva a tradição de seus antepassados, foi dispor do artifício da camuflagem. Para os olhos populares lunatizados, a violência sexual em massa, sempre esteve restrita aos eventos que eclodem além das nossas fronteiras. Quando eu digo; “método peculiar”, entenda que a “nobreza” nacional goza de ampla liberdade para esse tipo de crime, porque empacotou os estupros em larga escala de seus fronts, na velha embalagem distorcida dos problemas sociais inevitáveis. Entenda que a “nobreza” nacional goza de ampla liberdade para esse tipo de crime, porque empacotou os estupros em larga escala de seus fronts, na velha embalagem denominada de: “PROSTITUIÇÃO”.

Enquanto nos horrorizamos com as manchetes transmitidas pela CNN, atrocidades do

mesmo quilate infestam os quilômetros quadrados de nosso solo toxicamente contente. Nos emocionamos e choramos ouvindo os depoimentos de senhoras sudanesas dados ao programa 60 minutes, sem nos tocarmos, de que habitamos uma espécie de Darfur da América Latina. Sem nos darmos conta, de que somos a xerox em verde amarelo da região à oeste do Sudão, que na atualidade é conhecida por seu implacável genocídio e por seu alto índice de abusos sexuais cometidos contra pobres do sexo feminino. Mesmo sendo cópias idênticas, é válido ressaltar, que os dois panoramas apresentam algumas disparidades... Entre elas, a mais marcante, **é** que ao tempo em que o governo sudanês se compromete perante as nações desenvolvidas e aos órgãos internacionais investigar, apurar e punir os casos de estupros, os nossos líderes canibais, além de não firmarem compromissos nessa direção com nenhum país ou entidade, se quer reconhecem publicamente, que tal desgraça aconteça no maldito calvário ensolarado.

Contesto os estudiosos que afirmam que a situação no Darfur representa a maior crise humanitária do século XXI. Só a admissão da catástrofe por parte dos ditadores e as promessas de esforços para a reversão do quadro dramático, já coloca os nossos irmãos do outro lado do Atlântico num patamar mais favorável do que o brasileiro. Lá, eles conhecem o mal que os aflige e por isso conservam a esperança de que um dia o martírio terminará. Aqui, o martírio foi adaptado aos parâmetros da normalidade da sociedade moderna. Aqui, o martírio nos foi vendido com status trabalhistas, definidos pelo Ministério do Trabalho e Emprego.

Em nosso continental Estado falido, as agressões sexuais em ritmo industrial contra excluídos, foram descaracterizadas pelos boys ao extremo. O absurdo é tão grande, que no senso comum, as profanações que o mundo se habituou a sentenciar como crimes de guerra, não chegam nem a ser consideradas infrações da lei, da moral ou dos bons costumes.

As mesmas mentes que desprezam com ímpeto os estupros individuais ocasionais, foram adestradas para julgar normal, uma parte expressiva das classes D **e** E sendo vitimada pelos estupros sociais, suavizados pelo véu da "fatídica prostituição".

Nas aulas sobre o tema **ESTUPRO,** omitiram cinquenta por cento da disciplina. Nos apresentaram apenas a vertente do algoz que encurrala a presa e mediante grave ameaça ou violência, a coage à realizar seus desejos obscenos. O outro lado desta moeda imunda; o meretrício, foi desagregado do vocábulo. Esses cinquenta por cento, além de serem desvinculados do termo, foram revestidos com uma roupagem que isenta o Estado e a elite de responsabilidades e transfere toda a culpa pela tragédia, à uma suposta promiscuidade pessoal, incrustada no íntimo de cada dama da noite. A infantaria dos aliciadores e cafetinadores, eliminou do lado da moeda anonimizado, aspectos como: abuso, constrangimento e imposição da vontade alheia e inseriu os falsos preceitos que formam a pedra fundamental da naturalização do antro de devassidão. Nos enfiaram goela abaixo, que toda pessoa que "opta" por trocar favores sexuais por qualquer tipo de favorecimento, o faz de maneira consensual e consciente. Nos enfiaram goela abaixo, que a sociedade civil e o governo não contribuem para tal decisão e que ambos só não interferem no quadro de abusos, porque aqueles que se prostituem, de acordo com a Constituição Federal, são livres para fazer com os seus corpos o que bem entender. Seguindo as afirmativas dos "filantropos" da alta classe, os ricos seriam solidários as vítimas, somente não as ajudariam, por estarem com as mãos atadas. Coitadinhos!

Os meus olhos estão até lacrimejando!

As teses imundas da burguesia estimularam diversos a encararem o drama vivido por incontáveis mulheres e crianças, como consequências diretas de suas deliberações isoladas,

particulares e livres de pressões vindas do mundo exterior. Apesar dessas ideias terem sido amplamente disseminadas pelos maníacos do parque (versão luxo), elas não foram suficientes para me convencer. Crianças e senhoras com roupas provocantes e maquiagem chamativa, não brotam nas esquinas do nada. Da mesma forma, que nós, homens pobres, não nascemos com inclinação ao banditismo, as jovens das favelas não saem do ventre materno com índoles de puta. A explicação para o fenômeno que as coloca nuas rodando em postes, não é a obsessão por transas, mas a usina aristocrática de tragédias humanas! Por trás de cada uma delas, existe a interferência nociva da mesma sociedade civil e governo, que alegam não ter poder de intervenção.

Os "puritanos" que exprimem frases do tipo: ISSO É UMA VERGONHA, são os que afiançam de quinze a vinte visitas diárias de oprimidas à motéis. Uma parte desses falsos moralistas, participa da festa dos prazeres licenciosos, em razão dos lucros oriundos da terceira indústria mais rentável do planeta, enquanto a outra, a adere pelo simples gostinho de arruinar ainda mais a passagem da turma dos invisíveis pelo plano terreno.

A condição de vida precária, patrocinada pela alta classe em conjunto com os planos governamentais fraudulentos, é o fator preponderante que as coloca de quatro, por 5 ou 10 reais, à disposição de um "cliente".

Como você leitor pode ver, tal quadro não nos remete à nenhuma modalidade de sexo consentido. Elas não escolheram as luzes vermelhas das boates... Os palcos dos shows de sexo explícito, foram transformados no único portal de fuga da penúria. Logo, aquilo que nos acostumamos a chamar de: prostituição infantil e adulta, não passa da versão não contada do estupro. Não passa do estupro social endêmico, orquestrado pela degeneração mórbida da burguesia. Mulheres da periferia em meio a neblina da madrugada, se oferecendo para motoristas e pedestres, representa o rebaixamento moral que o exército dominador impõe aos vencidos. Representa a fertilização das gerações, que em carne e osso, personificam o maior desrespeito a honra dos prisioneiros e prisioneiras da **Guerra Não Declarada** do Brasil.

Os dominadores, "pacificamente", usurpam as nossas riquezas, nos fazem cativos em campos de trabalhos inglórios, subtraem a nossa liberdade física e mental, perfuram nossos corpos a bala e por fim, como mais um instrumento de seu ódio e vingança, violentam compulsivamente uma parcela das guerreiras dos bolsões de miséria. O pior de tudo isso, é que nós, habitantes dos bairros esquecidos, sem qualquer análise prévia sobre o tema, adotamos a intolerância e o preconceito pré-fabricados, como a forma ideal para se lidar com o tema. Muitos condenam as personagens que aprenderam a classificar como vadias, vagabundas, mulheres de vida fácil e absolvem os verdadeiros culpados por suas ruínas.

Entre os que fogem das batidas do martelo do povo, estão os atores conhecidos como: "clientes". Inacreditavelmente, indulgências são conferidas aos pecados daqueles que criam as demandas por acompanhantes menores de idade.

E escassa a quantidade dos que compreendem que sem os "cidadãos de hem", consumidores de sexo pago, não estaríamos brigando pela liderança mundial no quesito: profissionais mirins do sexo.

E escassa a quantidade dos que compreendem, que as garotinhas de 6 anos só fazem ponto em ruas imundas ou nas orlas das praias, porque existe a procura constante e doentia dos senhores pedófilos de "conduta ilibada" por seus "serviços".

Confesso, que ao pensar nesse modelo de "cliente", não consigo evitar de imaginar o que

acontece com um estuprador flagrado na favela e desejar o mesmo, para todos os boys que sustentam esse tipo de imolação de desassistidos. Quanto mais exemplares desses forem esquartejados, mais crianças sorrirão! Homens capazes de fazer mal à pequenos seres ingênuos e desprotegidos, não merecem a benesse da respiração. Fazem jus, no mínimo, no mínimo, a serem enterrados vivos e lúcidos. Essa é a minha sincera e honesta opinião, a qual assino em baixo e por ela aceito todas as consequências. Aliás, acredito que todos, que assim como eu, não vêem as mulheres dos morros, favelas e cortiços como cachorras, pensem desta maneira. Tenho muita estima pela minha gente! Quando olho para as mulheres pobres, não vejo piriguetes ou popozudas... Vejo a continuação das mães e filhas negras que resistiram bravamente a truculência de senhores de engenho e barões do café, para que as suas proles um dia fossem livres. Vejo a continuação das partidárias do feminismo, que entre mordidas de cães policiais, socos e pontapés, defenderam ferozmente a igualdade de direitos e status entre os gêneros masculino e feminino.

Os pontos desregrados e devastados por embates internos com calamidades dessa natureza, normalmente chamam a atenção global, devido as altas taxas de contaminação precoce de suas populações infantis e juvenis, pelo vírus HIV Mais do que se destacar por seu grande número de soro positivos infectados antes da puberdade, o Brasil se sobressai aos demais na questão da violência sexual, por apresentar uma postura singular, agravante e sem precedentes na história dos territórios envolvidos em derramamentos de sangue contínuos... O Brasil se sobressai aos demais na temática, por ser **o** único país rico, que em cadência de linha de produção, agencia e explora as suas próprias filhas na prostituição. Majoritariamente, as nações onde ocorreram ou ocorrem essa cremação da Declaração Universal dos Direitos Humanos eram e são ilhas de pobreza.

Nos palcos destroçados por bombardeios, os estupros em grandes proporções, sempre partiram de invasores ou de organizações paramilitares locais, sem ligações com o Poder Público. Também nesses lugares, tais fatos, todavia, despertaram sentimentos de ódio e indignação, tanto nas vítimas afetadas diretamente, quanto

em seus conterrâneos. O mesmo não se aplica a "super potência latino-americana".

Nas trincheiras brasileiras, existentes somente nos cérebros pensantes, esse delito gravíssimo, além de ser praticado por estrangeiros e pelos abastados irmãos de pátria das que tiveram e tem os corpos objetizados, a torpe violação ainda conta com a conivência integral da máquina estatal e do sistema político.

Nas trincheiras brasileiras, existentes somente nos cérebros pensantes, esse delito gravíssimo causa inconformismo e revolta, exclusivamente, naquelas cujos órgãos genitais foram e são mercantilizados, em seus parentes e nos raros cidadãos que não embarcam na suja banalização, que legaliza a apropriação material de mulheres e faz de atos de assédio e molestamento físico, uma profissão.

Na terra carnavalesca, os "compatriotas" 5 estrelas das meninas marginalizadas, além de não manifestar expressões de repulsa, contribuem ativamente com o cenário alarmante, não só estuprando, como incentivando e promovendo as sessões de abusos.

Diferente de alguns generais, os nossos carrascos não usam garotas pobres como escudos contra os pelotões adversários, as usam como manequins de vitrine, para atrair os locadores temporários de três de seus orifícios. Os piores rivais das favelas, não precisam estar portando fuzis ou granadas para lesionarem quantas paredes vaginais seus pintos aguentarem, basta terem algumas cédulas de dinheiro em seus bolsos.

A Onu recomendou que todos os envolvidos em crimes sexuais cometidos em conflitos armados, fossem levados ao Tribunal Penal Internacional de Haia na Holanda. Se fossemos seguir sua recomendação, precisaríamos de pelo menos uns 19 milhões de bancos de réus para julgar e condenar toda a alta classe brasileira. Para julgar e condenar os 10% mais privilegiados da nação, pela criação, implantação e funcionamento do prostíbulo nacional. Por terem feito da mercadologização das partes íntimas de inocentes, uma das bases de nossa "sólida" economia.

Por causa do grande empenho dos magnatas tupiniquins, hoje, em nosso belo paraíso tropical, a prostituição simboliza uma das alças de sustentação de ramos variados como: o das agências de turismo, transportes aéreos, hotelaria, restaurantes, entre outros. Os lucros extraordinários de negócios bilionários, estão condicionados as existências miseráveis de muitas brasileiras mal nascidas. Contraditório! Porém comum nos universos sem lei. Nas arenas de batalha, os sobrenomes das famílias tradicionais evoluem e se fortificam escorados em nomes e sobrenomes, que muitas vezes, não tiveram o privilégio de constar em certidões de registro civil.

Os "respeitosos" frequentadores das páginas das revistas de futilidades e fofocas, garantiram ao Brasil, o selo internacional PP+ (País Prostíbulo). Entretanto, como não fica bem para um postulante à uma cadeira permanente no Conselho de Segurança da ONU, ter as finanças "lícitas" atreladas à uma atividade deplorável desse naipe, os estupradores sociais adotam algumas medidas hipócritas, para teoricamente, efetuarem a dissociação. A primeira delas, é fingir uma postura decorosa contrária ao comércio de gente e a segunda, articular uma falsa cruzada contra a faceta mais suja do mundo dos negócios. Desde que os nossos governantes demonstrem um cínico grau de descontentamento com o mercadão brasileiro de seres humanos, organizações como: a ONU, o Banco Mundial e o FMI, não se oporão verdadeiramente contra o mar de violações. No máximo, essas instituições elaborarão os seus famosos relatórios inúteis sobre a problemática.

Especificamente falando de ONU... Eu tenho uma grande desconfiança, de que os seus representantes devam se divertir bastante nos bordéis nacionais ou se deliciar com as crianças exportadas para o exterior. Pois só esse tipo de conduta justifica a ausência de um caminhão de sanções e de intervenções militares, à uma das nações que mais afronta a **Convenção Para a Repressão do Tráfico de Pessoas e do Lenocínio (1949)** e a **Convenção Sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher** (1979). É inconcebível pensar, que os homens à frente do órgão que tem a missão de zelar pela segurança global, se deem por satisfeitos com políticas públicas sofríveis, que não exibem qualquer intenção de erradicação ou até mesmo de atenuação, de uma das manchas mais vergonhosas da administração burguesa brasileira.

No pacote dos ditos populares, existe um que nos diz que; as putas são descaradas... Contudo, ao remexermos esse excremento formo a acertada convicção, de que os putos que as forçam a abrir as pernas, ultrapassaram e muito, os limites da definição do termo: descaramento. Os putos internacionais conseguiram essa proeza, se omitindo diante dos estupros em massa e os putos nacionais, por recrutarem e treinarem as herdeiras das mazelas dos guetos para o servilismo degradante e por posteriormente, fecharem a catástrofe com chave de ouro, com a sua luta fictícia e despudorada, desenhada para iludir desinformados.

Na correria atribulada do dia a dia, entre contas, dívidas e o nervosismo gerado pelas incertezas quanto ao futuro, ficamos fora de sintonia com o mundo externo às nossas residências. Deixamos de estar a par das últimas notícias, do canalha que se elegeu, dos novos projetos sociais em vigor, etc...E é exatamente nesse momento, de justa desatenção, que os inimigos se

aproveitam para introduzir no imaginário popular, as suas batalhas inverídicas contra o mal. Semanalmente, não é uma, nem duas, nem três, as ocasiões em que os tele jornais da imprensa marrom, dão ênfase ao “empenho” do governo para extirpação dessa chaga. Com as nossas cabeças transbordando de problemas, não nos aprofundamos na questão para levantarmos a quantidade de simbologia e efetividade contida em cada ação fajuta. E, assim, terminamos por acatar a ideia, de que os homens que ocupam os postos dos altos escalões em todos os campos, realmente estão preocupados em reprimir a exploração sexual e preservar a integridade física e mental, daquelas que tiveram o azar de nascer em famílias de baixa renda.

Ao tempo em que digerimos o descaso estatal e burguês, temperado com a magia das propagandas enganosas, é colocada em andamento nos aeroportos e estabelecimentos comerciais mantidos com a destruição dos habitantes do patamar da indigência, a única campanha governamental no combate à exploração sexual de crianças e adolescentes: folhas de papel com avisos escritos em inglês e espanhol, informando que a prostituição infantil no Brasil é crime e teoricamente, dá cadeia. As lixeiras e os bueiros entupidos, mais do que nos mostrar o apreço da humanidade por panfletos informativos, nos revelam a sua eficácia como ferramenta exclusiva de uma luta.

Francamente, não era de se esperar outro tipo de procedimento, partido de um sistema que confeccionou detalhadamente a fama internacional brasileira de país libertino, sem regras e punições. A imagem de local onde tudo é permitido, não incomoda a playboyzada! A má reputação, que para os países civilizados seria um motivo de vergonha, pra legião de genocidas é uma fonte inesgotável de alegria. Enquanto algumas nações passam anos estudando a psicologia do consumidor para fisgá-los oferecendo-lhes produtos e atrações de seu interesse, os senhores de nosso caos só precisam aguardar que o seu eterno comercial gratuito produza o efeito esperado.

Dentro de uma estrutura arquitetada para importar o turista de sua terra natal para a cama de um inferninho com uma criança, uma circular informativa não serve sequer, para cumprir a função de dispositivo de prevenção. No mais tardar, os vermes que nos visitam pela primeira vez, com o intuito de se lambuzarem num tour sexual, ao lerem o seu conteúdo exibirão semblantes de surpresa e decepção... Porém, com hora exata para expirarem.

Infelizmente, para os cidadãos honrados das favelas e muito mais para as vítimas e seus familiares, esse ligeiro mal-estar causado nos pervertidos sexuais e pedófilos, que usam o terceiro mundo para dar asas as suas fantasias eróticas e fetiches, não é duradouro. Pouco tempo depois da leitura, os gringos depravados que jamais ousariam praticar tais atos horrendos em suas respectivas pátrias, descobrirão que no Brasil, as letras frias do código penal, só valem para esfomeados. Descobrirão que no Brasil, para assegurar que os Jack estripadores voltem sempre, a elite executa todos os tipos de métodos inimagináveis para burlar “proibições”.

Na extensão territorial “abençoada por Deus”, só existem restrições, se os ricos desejarem restringir. Só existem restrições, se elas não atingirem as carteiras dos abusadores sociais! Bastará o estrangeiro simpatizante desse crime, colocar as bagagens no saguão de um dos milhares de hotéis conveniados à rede de prostituição brasileira, para que a sua momentânea frustração ocasionada pelo aviso, dê lugar a felicidade desmedida. Detalhe... Para que o tratamento VIP comece, o safado nem precisara pedir informações sobre a Disneylândia do deleite, cochichando no ouvido do carregador de malas no elevador. Detalhe... Para que o tratamento VIP comece, o safado nem precisará usar do artifício de tentar corromper a arrumadeira com seus dólares, em

troca de carícias. Algo comum, que quando acontece, as trabalhadoras são aconselhadas por seus patrões a não prestar queixa em delegacias. Em tais circunstâncias, as desobediências resultam em demissões por justa causa. Durante o preenchimento da ficha cadastral no balcão, o "nobre hóspede", junto com as chaves do quarto, receberá do recepcionista, por orientação de seus chefes, todas as dicas de como encontrar as belezas e prazeres naturais, que um forasteiro vem de tão longe para degustar. Além de um atendente munido com uma lista contendo telefones de agenciadores de crianças de programa e os endereços de todos os prostíbulos da região, dos mais sofisticados e luxuosos aos mais simples e modestos, o visitante ainda contará com um serviço especializado de táxi, onde os motoristas foram convertidos pelos opressores, em verdadeiros guias da orgia sexual. Cercado por todo o aparato produzido pelo centro obsceno de apoio ao turista, o estrangeiro inimigo está pronto piara se divertir no submundo dos estupros aceitos socialmente. Está pronto para conhecer as diversas casas noturnas do exército dominador, em que as pequenas meninas pobres vestidas somente com lingeries, fazem performances de pole dance, agarradas a barras verticais de metal, presas do chão ao teto. Está pronto para aplaudir as meninas de até 8 anos de idade, que em cima de palcos infestados de fumaça de cigarro, despem sensualmente seus corpos ainda em formação, para que um crápula nacional ou internacional, as escolha como se fossem produtos expostos em gôndolas. Se o forasteiro estiver numa maré de sorte, pode até curtir à noite inteira sem gastar nada. Para isso, é preciso apenas estar numa das boates que aumentam o nível de coisificação das crianças as sorteando como brindes de fita e ser contemplado. Correção... Quase sem gastar nada! Da conta dos drinks e dos pinos não há como escapar. Nem da conta e nem dos próprios. Por determinação dos proprietários dos campos de sexo forçado, as garotas arrancadas das periferias, devem induzir os "clientes" a consumirem doses e mais doses de bebidas alcoólicas e drogas. As sedes pornográficas só devem ser saciadas, depois que os membros da escória estiverem completamente bêbados, drogados e depenados.

Uma imensa parcela das meninas prostituídas Brasil afora, nem ao menos teve a primeira menstruação ou ouviu falar em libido sexual. As necessidades biológicas em relação ao sexo, não se fazem presentes em seus corpos frágeis. Muitas nem entraram na puberdade. Muitas nem desenvolveram seios, bundas ou pelos pubianos. A maioria absoluta delas, raptadas ou compradas na segunda infância (idade que compreende dos 7 aos 11 anos de vida), saiu de casa completamente virgem. Portanto, não tinham qualquer noção do que era o sexo. Ainda acreditavam que os bebês eram trazidos por cegonhas. Mesmo hoje, sendo diariamente violentados em cômodos de motéis ou em ruas escuras, esses anjinhos não têm e jamais poderão ter a real compreensão da significação e importância da sexualidade. Crescerão traumatizados e sempre a ligarão à atos depravados, violentos e desumanos. Nunca a associarão ao amor ou à construção de uma família.

Algumas das nossas irmãs de sofrimento brincavam de boneca, quando os problemas socioeconômicos e familiares, as enviaram para as vielas sombrias das bocas do lixo. Outras, haviam acabado de largar a mamadeira, quando pelo "delito" de comporem uma redoma de privações, foram sentenciadas a permanecerem trancafiadas em masmorras da indecência, até os atrativos "juventude e beleza" serem extintos. Ciclo, cuja duração gira em torno de 10 a 15 anos. Vencido este prazo, vão para a sarjeta como se fossem pedaços usados de papel higiênico.

A prostituição infantil é uma via de mão dupla... De um lado, ficam as escravas sexuais que podem voltar para casa e de outro, as que são mantidas em cárcere privado. As que estão inseridas na segunda categoria, recebem uma carga dobrada de sofrimento. Os estupros em série sofridos,

são somados a violência desmedida da sobrevivência, em cativeiro. Uma vez em confinamento, os seres em início de desenvolvimento, passam por uma espantosa mutação comportamental. São introduzidos num processo de crescimento ultra acelerado, que em 24 horas, transforma crianças, em mulheres adultas. Depois da primeira noite de violações, fica transparente como lágrima, que os abraços e beijos da mãe, a alegria das brincadeiras com os irmãos e vizinhos, a liberdade de correr, pular e sorrir, foram enterrados juntos com o curto passado. No novo destino sombrio, vivem vidas mortas, acorrentadas pelos pés em cubículos frios, sujos, fétidos, úmidos e escuros. São drogadas, alcoolizadas, mal alimentadas, aterrorizadas e constrangidas por cafetões a findar o apetite sexual, mórbido e doentio, de dezenas de insetos, em troca de um prato de comida e um teto.

Em pouco tempo de casa, elas aprendem que aquela que engravida, sem qualquer assistência ou supervisão médica, terá de fazer um aborto por meio de fórmulas caseiras. Os fetos, que prejudicam o bom andamento dos negócios, devem ser assassinados com substâncias estupefacientes legais e ilegais ou esquartejados dentro do ventre materno com agulhas de crochê. Ao contrário disso, a jovem mamãe será agredida até a morte!

Morrer, é o verbo mais conjugado nessa atmosfera! Quem tenta fugir, morre! Quem se nega a se prostituir, morre! Quem se rebela contra os rígidos ditames, cria problemas e questiona as ordens impostas, morre! Morrem também, as que foram negociadas e não fazem valer as palavras empregadas pelos "pais" aos donos dos prostíbulos, no ato de suas vendas. Lentamente, lâminas afiadas separam o crânio da espinha dorsal, da filha que não cumpriu a garantia dada por seu genitor, de que se tratava de uma menina muito obediente e carinhosa, que faria os "clientes" subirem pelas paredes.

Um triste registro... No lamaçal pecaminoso da Terra Brasilis, não é raro que inúmeros "pais" sejam autoridades no assunto. Vários têm amplo conhecimento de causa em relação ao quanto de prazer as filhas podem proporcionar à terceiros, pois os próprios violentam as coitadas desde antes do desmamamento.

Caso, a música alta e a agitação dos chamados puteiros não sejam do agrado do "nobre hóspede", para o seu maior conforto e satisfação, o mesmo poderá optar por receber meninas ou meninos em domicílio. Quer dizer... Poderá optar por receber meninas ou meninos nos aposentos das redes hoteleiras, que desrespeitam as leis que "punem" a facilitação da prostituição e a corrupção de menores e a lei que não permite a entrada de menores de 18 anos nesses lugares. Os pequenos reféns da miséria, passam pelas recepções dos hotéis cinco estrelas, sem que haja qualquer constrangimento ao seu condutor. A placa: SORRIA VOCÊ ESTÁ SENDO FILMADO não tem a função de intimidar um estuprador abonado. As câmeras de vigilância são instaladas para a prevenção de outros tipos de crimes e para a identificação de outros tipos de "criminosos"... Elas servem somente para observar se os funcionários furtam objetos, comem alimentos ou se eles cometem a transgressão considerada por 10 entre 10 patrões, como a mais grave de todas: diminuem o ritmo de trabalho. Se um forasteiro manter relações sexuais com uma criança no corredor de um hotel, é muito provável, que a única atitude tomada pelos proprietários, seja assistir batendo punheta. A discrição e o sigilo absoluto a respeito do crime, se caracterizam como serviços extras oferecidos aos endinheirados.

Se a opção Delivery também não for de seu agrado, o canalha pode escolher sair à caça em outros circuitos. Pode ir pessoalmente contratar uma ou duas, ou três das crianças dos pontos de prostituição ao ar livre, mapeados há décadas pelo Ministério Público de cada grande capital

brasileira. Em 937 dos nossos 5.565 municípios, um harém de cerca de 500 mil mini odaliscas, o espera para fazê-lo se sentir um verdadeiro sultão.

O acolhimento afetuoso do pornô-turismo local, reserva ao interessado, seja ele gringo ou não, uma imensa variedade de opções dos que não tiveram opções. Em oferta no Sex Shop nacional, encontram-se a disposição e a pronta entrega, crianças de todos os sexos, cores, tamanhos e faixas etárias. Cada uma tentando vencer um drama pessoal, através de um drama ainda maior!

Tem as que foram para às ruas se prostituir fugindo de famílias desestruturadas e da violência dos pais. Tem as que eram molestadas sexualmente pelos próprios parentes dentro de casa. Tem as que foram colocadas nessa vida pelos próprios pais para ajudarem no sustento da família. Não é raro, sabermos de casos na periferia de pessoas passando fome, que incentivaram a ida de filhas às casas noturnas ou pessoalmente, bateram nas suas portas para oferecê-las. Tem as que foram abandonadas. As que representam a segunda ou terceira geração de crianças prostituídas na família. As que vieram de outros estados a procura de trabalho na cidade grande e acabaram por falta de qualificação profissional, nas garras dos cafetinadores da classe AAA. As que alimentam bocas a quilômetros de distância, enviando mensalmente parte do dinheiro ganho à terra de origem.

Em oferta no Sex Shop nacional, encontram-se todos os pequenos que estão fadados à não conhecerem outra forma de sustento na vida, a não ser através de sua auto comercialização e auto mutilação. Em oferta no Sex Shop nacional, encontram-se todos os pequenos que estão fadados a serem eternamente escravos do sexo!

Os turistas macacos velhos, que de tanto nos visitarem, já possuem vistos de violentadores, sabendo da fama do judiciário no que concerne a impunidade aos ricos, dispensam os préstimos dos agenciadores bilíngues e fazem as suas propostas indecentes diretamente as crianças do exército vencido. Sentem-se protegidos pelo peso de seu passaporte. Sentem-se protegidos pela condição de convidados.

Justiça seja feita... O nosso governo não envia convites por escrito para o exterior exprimindo abertamente as suas intenções malévolas: VENHAM TRANSAR COM AS CRIANÇAS POBRES. Os convites para orgia são subliminares e vão submersos nos apelos do Ministério do Turismo: "venham conhecer os encantos do Brasil". É de conhecimento público transnacional, que em nossa república de bananas "intelectuais", deformadores de opinião, açoitam a prática. Pros dirigentes do país prostíbulo, é mais lucrativo resguardar um homem trazendo seus dólares para serem gastos, do que a saúde e a dignidade das filhas da pátria. A cumplicidade dos partidários do continuísmo do suplício de flageladas, aparece escancarada em declarações oficiais do tipo:

- **A prostituição não é crime no Brasil!**
- **Portanto, o visitante de fora que paga por sexo, não viola nenhuma das leis que regulam o comportamento sexual dos cidadãos.**

Para os nossos líderes desavergonhados, o turismo sexual só se configura, quando um estrangeiro sai de seu país com esse propósito expresso. Desta forma, a solução para a coibição, seria a contratação de um batalhão de cidadãos com o poder de ler pensamentos, para deixá-los como sentinelas nos aeroportos. Afinal, eu não vejo outra maneira para descobrirmos qual é o gringo que desembarcou planejando estuprar as nossas crianças, antes de o fazê-lo. Eles

normalmente, não seguram placas com os dizeres: **EU SOU ESTUPRADOR.** Penso, que uma enquete de boas-vindas dificilmente surtiria efeito...

- **Por favor, o senhor veio ao Brasil fazer turismo sexual?**
- **Não.**
- **Muito obrigado por seu tempo.**

Quem sabe, ao pisarem em solo brasileiro, os turistas poderiam preencher cartas de intenções...

Eu, John, declaro de próprio punho, que vim para a América Latina, abusar sexualmente de crianças em estado absoluto de miserabilidade.

Por isso, clamo aos órgãos de segurança, que me enquadrem no código penal brasileiro.

Sem mais para o momento.

Pra piorar, a cúpula dos idiotas com MBA atolado no rabo, na ânsia de fortificar a defesa dos frequentadores de seus parques de diversões para adultos, propagam a lenda inverossímil, de que são as mulheres que se prostituem que procuram os gringos e não o inverso. Querem que acreditemos, que todos, sem exceção, vieram inocentemente conhecer o Cristo Redentor e acabaram cedendo as tentações da carne, devido as investidas das "vagabundas" que querem receber em dólar. Querem que acreditemos, que todos, sem exceção, vieram inocentemente fazer turismo empresarial em São Paulo e acabaram cedendo as tentações da carne, devido as "vagabundas" que querem arrumar o casamento que tele transporta a felizarda para uma vida de sonhos, em montanhas cobertas de neve.

A mentira plantada serve para fazer com que o povo, quando aviste um pervertido desses circulando por aí, não veja um maníaco sexual e sim um homem polido, ajudando a movimentar a forte economia do país.

Enquanto uns embarcam numa odisseia pornográfica atravessando nossas fronteiras para saciar suas perversões, outros nem precisam se dar ao trabalho de sair dos seus respectivos países para consumirem os "produtos Made in Brazil". Essa regalia se deve a vocação e o sucesso do burguês brasileiro, como exportador de crianças fragilizadas socialmente. Curiosamente, o país da bola envia ao exterior, muito mais crianças destinadas à escravidão sexual, do que jogadores de futebol. No campo do abuso sexual, a elite coloca a pátria amada e idolatrada entre os maiores exportadores de cativas e cativos mirins do planeta! E um alerta... Em se mantendo a cadência de embarques em navios cargueiros, ônibus de viagem, carros e aviões, logo, logo a playboyzada dará a nossa nação a "invejável" posição de n° 1 na modalidade.

Esse tipo de exportação é a que mais cresce no país, mas, estranhamente, não é frequentemente noticiada ou mencionada nos comunicados oficiais do governo federal. Não entendo o porquê, de um governo que gosta tanto de ostentar o volume de seu comércio com os estrangeiros, desprezar em seus discursos, a transação que mais contribui para o superávit de sua balança comercial. No quesito exportação, não existe páreo para prostituição! Dos produtos in natura aos semimanufaturados, passando pelos manufaturados, nada se compara a ela. Nesse setor, abastecemos o mundo inteiro, sem precisar importar uma menina que seja para as Vilas Mimosas nacionais. Viva! O Brasil, além de autossuficiente em petróleo, é também autossuficiente em jovens prostituídas.

Sinceramente, esse capítulo não é fácil de escrever!

É impossível fazer uma abordagem sobre um assunto tão repugnante, como a prostituição coerciva de favelados, sem ficar enojado. Sem ficar com vontade de atirar na cabeça de alguns filhos da puta. Na cabeça dos filhos da puta que saem de países desenvolvidos, para aquecer e perpetuar o mercado brasileiro de exploração sexual infantil. Dos filhos da puta que se aproveitam da indiferença do Estado em relação aos que vivem em situação de mendicidade, para retirar do amparo dos pais, filhas que mal sabem falar e remetê-las ao primeiro mundo como encomendas inertes da FedEx. Dos filhos da puta que fazem uso de crianças em casas de prostituição. Dos filhos da puta brasileiros, que são "clientes" dessas crianças e dos filhos da puta do governo que fecham os olhos e deixam que de acordo com os relatórios inúteis da ONU, quase 500 mil delas sejam devoradas lentamente por pedófilos desgraçados.

É impossível fazer uma abordagem sobre um assunto tão repugnante, sem ficar enojado com o nosso nível de ignorância e desinformação. Costuraram os nossos olhos, por isso não vemos que a acompanhante adulta, antes de ser a prostituta maior de idade, com ares de mulher fatal, foi uma pobre menina seviciada pelo sistema.

Não vemos, que um programa não se resume à um contrato de trabalho por 1 hora entre duas pessoas... Trata-se de um evento que integra uma engenharia complexa, que permite à vários cafetões imundos, financiar os estudos de suas filhas nas melhores escolas do planeta, através do lucro oriundo de penetrações em cavidades vaginais e anais infantis.

Não vemos, que à cada RS 1,00 recebido por uma criança de "vida fácil", para deixar um lixo humano ejacular no interior de seu corpo, outros nove vão pra conta da "empresa". Outros nove vão para o fundo de assistência ao grã-fino aproveitador!

Os boys impõem o sexo comercializado como a única forma para que as nossas meninas consumam as fantasias das novelas, depois tornam-se seus cafetões e "clientes" e por fim, nos manipulam à tratá-las como objetos sem valor.

Aceitar a prostituição como instituição legal, é o mesmo que conferir as mulheres da periferia vitimadas pelo drama, a condição de inferiores. Admiti-la como uma escolha independente, daquela que se apoia na janela de um carro para mostrar os peitos e acertar detalhes sobre uma transa, é admitir que uma sucessão impiedosa de infrações contra quem foi privado das garantias familiares e sociais, permaneça impune e atuante. Já passou da hora de todos invisibilizados compreenderem, que nesse segmento, os estupradores não tiram as roupas das mulheres, eles tiram a comida. Fato, que naturalmente as obriga a tirar as vestimentas.

Por ter duas filhas, não há como me expressar sobre esse vendaval de negligências e crimes, sem pensar: e se acontecesse com uma delas? Sem me perguntar: como um adulto pode manter relações sexuais com uma criança? Como que empresários bem-sucedidos, podem se aproveitar da miséria alheia para aprisionar parte de nossa gente num universo de sujeira e imoralidade ainda maiores do que as já habituais? Como que alguns "pais" são capazes de vender as filhas, carne da sua carne, para mercadores de seres humanos? Como que alguns "pais" podem vender as filhas, sangue do seu sangue, sabendo que irão revendê-las como objetos para donos de prostíbulos, camuflados com a denominação de casa de massagem. Ou sabendo que irão revendê-las como produtos destinados a curtição mórbida de famílias poderosas. Na alternativa 2, elas são compradas por endinheirados para serem dadas de presente à filhos, sobrinhos e netos, para que estes as violentem e as espanquem milhares de vezes, de todas as formas, tanto quanto as suas imaginações sádicas permitirem. Neste caso, assim que os herdeiros enjoam ou ganham novos

"presentes", as que ficaram obsoletas são repassadas por seus pais, tios ou avós, para os bordéis mais próximos.

Por amar a Gabriela e a Duda incondicionalmente, não posso aceitar que um homem que se diz pai, ao invés de pegar uma arma e assaltar, opte por deixar que agenciadores tirem fotos de suas filhas nuas e em poses eróticas para montar mostruários, com a intenção de oferecê-las à futuros compradores. Um homem que toma essa atitude, não se porta como pai, se porta como um cusão, covarde e sem escrúpulos! A sua condição social é justificativa para ações impensadas, mas não para a transferência de seu fardo para as costas de quem nem consegue se defender. Não é dando as nossas crianças em sacrifício, que anularemos o quadro de penúria à nossa volta. Se um dia, eu e minha família estivermos passando fome, não prostituirei minhas filhas... Farei túneis sentido aos cofres das empresas que transportam valores ou deixarei uma boa parcela da classe patronal amarrada e encharcada de álcool no meio de suas salas de estar. Enquanto as minhas mãos forem fortes para torturar um opressor torturador, nunca permitirei que a burguesia macule as suas histórias dessa forma. Entre ver as duas mortas de fome ou sendo estupradas, prefiro enterrá-las esqueléticas, pele e osso, num caixão preto de papelão.

Quero deixar claro, que o ato que julgo e sentencio aqui, é o do homem ou da mulher, que com total conhecimento, entrega os filhos para prostituição. Não condeno aqueles, que ao ouvir os roncos agonizantes dos estômagos de sua prole, se desesperam e vão para o acostamento de uma rodovia, implorar para que elas sejam adotadas por alguém, aparentemente em melhores condições financeiras.

E de conhecimento público, que o fator econômico, é o fator determinante para que as meninas profiram frases do tipo;

-E aí tio, quer se divertir?

No entanto, um chefe de uma família assolada pela privação, pode escolher cometer um crime bárbaro contra a sociedade genocida e estupradora, no lugar de martirizar a sua própria filha. Conheci centenas de parceiros que colocavam revólveres nas cinturas e aceitavam desafiar a morte, para que os filhos tivessem comida no prato. Quando os boys estraçalham a nossa autoestima e nos forçam à delinquir, devemos substituir os ataques contra nós mesmos por ataques contra eles.

Ao decidir vender sua descendente direta aos mercadores do sexo, sob o argumento, de que longe do ambiente deplorável em que vive, ela terá uma existência melhor, o pai ou mãe cometem o pior erro de suas vidas. Pois não existe um ser humano que possa ser feliz com a mente tomada de assalto por sentimentos como: o medo, a solidão, a raiva, a culpa, a tristeza e a saudade. Pois não existe um ser humano que possa ser feliz, com a carne sendo exposta à uma

infinidade de obscenidades e maus tratos. Por mais que esteja faminta, nenhuma criança deseja ser levada para longe dos pais e ser estuprada por décadas. Na África os nativos passavam por épocas horríveis de seca e fome e nem por isso queriam ser escravos nas terras dos brancos onde haviam alimentos.

Sei perfeitamente que os homens e mulheres abaixo da linha da pobreza, não têm condições reais de assegurar aos seus filhos: alimentação saudável, saúde de qualidade, lazer e diversão, educação de bom nível, cultura e segurança. Sei perfeitamente, que ultrapassa o limite de suas capacidades, afastá-los da discriminação, da exploração, da crueldade, da iniquidade e da opressão. Porém, não podemos permitir passivamente, que com tantas violações à dignidade de

nossas crianças carentes, o Estado em conjunto com os playboys, ainda as violente sexualmente. É obrigatório que lutemos com unhas e dentes, facas ou pistolas, para livrá-las dessa sina macabra fabricada intencionalmente. Se for preciso, temos de dar as nossas vidas em troca de suas honras. Por mais que nas periferias, favelas e locais afastados dos centros urbanos, não haja nenhuma infraestrutura pata uma subsistência descente; por mais que o governo e o topo da pirâmide não demonstrem qualquer preocupação com o planejamento familiar das famílias esquecidas, negando informações e acesso aos métodos contraceptivos que previnem as gravidezes indesejadas, ter uma boca a menos para alimentar porque a entregamos à prostituição, é inaceitável! Aposto sem medo de perder, que em tal hipótese, a criança envolvida acharia menos doloroso, se os pais repartissem a sua cabeça em duas com uma enxada. Assassinar uma filha para vê-la livre da fome, dependendo da perspectiva que se olhe, a tal medida extrema pode até ser vista como um gesto de amor. Agora, conduzi-la à uma esquina para que financie o luxo de seus carrascos, não tem qualquer vestígio de humanismo. Não esqueçamos que as mães cativas, na época da colonização, assassina**vam** os filhos para que eles não fossem escravizados.

Imagine você leitor ou leitora segurando em suas mãos uma cédula de R$ 20, proveniente da comercialização da criança que te chamou de papai ou mamãe.

Imagine você leitor ou leitora segurando em suas mãos uma cédula de R$ 20, proveniente da comercialização da criança que confiou em você; que te amou; que acreditou que estaria protegida em seus braços; que na hora do pavor gritou por você e que te considerava o homem ou mulher mais importante do mundo.

Como é possível pôr na boca, mastigar e engolir, um grão de arroz ou feijão comprado com esse dinheiro maldito?

Pra mim, é simplesmente inconjecturável!

Não estou de forma alguma jogando pedras no lado mais fraco da corda e eximindo a responsabilidade ou diminuindo a culpabilidade do lado mais forte e rico. Apenas, estou mostrando qual deve ser a postura de um verdadeiro pai ou mãe na minha visão.

Por demandar uma overdose de consciência política e social, momentaneamente, um salvamento em massa nessa direção está descartado. Da noite pro dia, é bem difícil formular uma ação que impeça o sistema de tirar proveito da carência financeira para provocar distúrbios no desenvolvimento físico-motor, intelectual e afetivo-emocional das filhas das mães solteiras, das abandonadas, das viciadas em drogas lícitas e ilícitas, etc... Entretanto, nas casas com um homem na chefia podendo exercer o papel de para-raios das mazelas, muitas meninas podem ser salvas já. Basta o pai assumir a imolação pra si!

Sendo a criança flagelada a matéria prima da prostituição infantil, toda família que se nega a vender uma das nossas para as quadrilhas especializadas, golpeia as articulações desse comércio repulsivo. Golpeia os aliciadores, a freguesia, os donos das pocilgas que aceitam menores de idade e todas as esferas da polícia, que em troca de propina e sexo, dão segurança e mantêm o funcionamento desses matadouros.

Quanto mais pessoas se opuserem desta forma, menos a sociedade invisível terá de esperar pelas iniciativas dos membros das Casas Legislativas, para a criação e sanção de leis que combatam severamente essa praga nacional. Menos aguardaremos por resoluções vindas dos omissos governos municipais, estaduais e federal, que sempre lidaram com a temática, apresentando farsas e fórmulas repressivas que criminalizam as vítimas e isentam os infratores.

As medidas governamentais se resumem a prisões e espancamentos de crianças prostituídas

e na citada distribuição de panfletos. O objetivo governamental não é matar uma de suas galinhas de ovos de ouro e sim, dar uma falsa resposta ao grande público.

Ah, quase ia me esquecendo... E por falar em hipocrisia, o país em guerra que é um dos que mais violenta prisioneiras, no ano de 2000 criou o "Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual Infantil". O que será, que uma nação, que segundo alguns estudos, ostenta uma multidão de cerca 1,1 milhão mulheres comercializando seus corpos diariamente, tem pra comemorar no dia 18 de Maio?

Por favor, peço que não se apegue aos números levantados por especialistas, pois provavelmente são imprecisos. Nesse terreno não há possibilidades de se chegar à cifra exata. Não são todas que permanecem vivas tempo suficiente para serem contadas. E não são todas que assumem que foram forçadas a trilhar o caminho da depravação. Em determinadas situações, algumas deixam os lares dizendo aos familiares que vão trabalhar em empregos normais. Para dar veracidade a afirmação, chegam a comprar carteiras profissionais e a falsificar os registros.

A prostituição é sem dúvida um absurdo assombroso, construído sob vários absurdos! Desses absurdos, talvez o que mais me chame a atenção, é o principal agente motivador das fugas de casa que terminam em zonas de meretrício. Não consigo digerir a cena da alma inocente tendo que buscar abrigo no comércio do sexo, para se refugiar das vontades indecentes daquele que deveria ser o seu pai herói, protetor, exemplo e mentor. Não consigo digerir a cena da alma inocente tendo que buscar abrigo no comércio do sexo, para se refugiar da ira da mãe que não deu crédito às suas denúncias. As vítimas dos abusos sexuais incestuosos, levam anos para vencer o pânico derivado de ameaças do tipo:

- Conta pra sua mãe, que eu mato ela e você.

Se após reunirem forças para delatar o agressor, não receberem apoio, o medo e a depressão, fatalmente, acarretarão em suicídios ou em evasões definitivas.

Num mundo, em que seres humanos jogam filhos em rios e lixeiras, os torturam e facilitam as suas entradas em universos libidinosos, os animais nos dão lições sobre o significado do amor maternal e paternal. Por exemplo, na minha casa tem uma cadela chamada Raquel, é o cão mais dócil que eu já vi, praticamente nunca latiu para estranhos. O seu temperamento calmo e afetuoso, durou até o nascimento de sua ninhada. O instinto de mãe fez com que ela se tornasse extremamente agressiva e avançasse em todos que vinham ver os filhotes. Até eu que fiz os partos, fui olhado com desconfiança em certos momentos. Assim que os cachorrinhos foram embora, como num passe de mágica, ela voltou ao seu estado normal. Moral da história, enquanto uma parte da "raça humana" é capaz de aniquilar a carne de sua carne, um cachorro, por impulso espontâneo, independente de reflexão, mata e morre para livrar seus filhos do perigo. Talvez, se a Raquel pudesse falar, ela me pediria para corrigir os que chamam de animais esses "pais" anormais. Realmente, é um insulto aos animais fazer tal associação. Na verdade, não só à eles, como também aos insetos, aos vermes, ao excremento, ao lixo, etc...

Me faltam adjetivos pejorativos para denominar o "homem" que violenta a própria filha ou que sente desejos sexuais por ela. Só de pensar num "pai" cometendo tamanha barbaridade, eu já me sinto precisando falar com um psicólogo. Se eu me sinto assim, imagine como se sentem aquelas que depois dessa etapa de sofrimento, ao invés de um acompanhamento clínico, são abandonadas pela família, pelo Estado e pela sociedade civil. Quando eu digo sofrimento, não entenda uma sessão de estupro, entenda uma infância ou uma infância e adolescência de estupros.

A terapia que as meninas transferidas pelos "pais" para o Brasil prostíbulo recebem, é a dois e em cima de uma cama forrada com lençóis manchados de esperma. As crianças que se abrigam da perversão de seus "genitores", em quartinhos nos fundos de cabarés, não passam pelo Setor de Sexologia do Instituto Médico Legal. Não são encaminhadas pela justiça para à equipe do Centro de Estudos e Atendimento Relativos ao Abuso Sexual. E não tem seus direitos e garantias fundamentais assegurados pela Constituição Federal, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, pela Unicef ou por organizações não governamentais. Ao escaparem do ciclo de terror vivido em seus lares, deixam para trás a infantilidade, para se tornarem os brinquedos de prazer dos amaldiçoados que podem pagar.

É óbvio, que todos nós diante de uma das tantas matérias jornalísticas com esse teor, já pronunciamos a famosa pergunta: como que um "pai" pode fazer isso?

Além dessa pergunta, aproveitei para elaborar outras, não tão comuns...

Como que alguém pode fazer programas com meninos e meninas?

Como que uma pessoa sendo pai, pode ser "locatário" de criaturinhas com idades semelhantes a de seus filhos?

Como que os gringos e os brasileiros, podem chegar em suas casas com o suor e o cheiro de pequenos inocentes colados em suas carcaças pútridas e sem qualquer constrangimento, olhar nos olhos de seus herdeiros?

Será que durante a penetração da vagina de uma pré-adolescente, nenhuma dessas aberrações humanas pensa que poderia ser uma filha sua, satisfazendo sexualmente um outro escroto? Sendo mais uma dama da noite, que devido a fatores culturais, econômicos e sociais, é obrigada a se deixar tocar e a tocar em órgãos genitais. Sendo mais uma dama da noite, que devido a fatores culturais, econômicos e sociais, é obrigada a fazer sexo anal e oral com depravados e a permitir que esses seres imorais a lambuzem com suas salivas peçonhentas.

Será, que essas aberrações humanas não medem, o quanto os seus programinhas de fins de expediente contribuem para que esse cancro nacional não seja dissolvido?

É claro que tais ideias, não circulam pelas mentes que se regozijam com o sofrimento alheio.

Os playboys sabem que os fatores culturais, econômicos e sociais que afetam as nossas mulheres e as catapultam para o abate, jamais atingirão as suas. Sabem que os seus padrões financeiros lhes dão imunidade à todas normas oficiais relativas ao comércio de sexo. E que as calamidades que as suas transas perpetuam, sempre baterão somente nas portas dos barracos.

Mais do que o sentimento de impunidade, o colete à prova de justiça que usam, também é revestido pela indiferença de quase todos brasileiros. Quem liga, se eles entram em seus automóveis de luxo e assobiam para as coitadas que serão contaminadas com suas doenças venéreas? Eu ligo! E digo mais... Como o leitor já deve ter notado, para esses casos eu sou totalmente a favor da pena capital! E com bastante generosidade nos requintes de crueldade! De preferência, que a morte seja dolorosa e em Slow Motion. Para esses covardes, nada menos do que cabos de vassouras, tacos de beisebol ou galhos de árvores sendo enfiados em seus canais retais, enquanto a favela grita bis.

Se as crianças cativas na prostituição fossem filhos de abastados, seguramente não teríamos centenas de shopping centers da indecência espalhados por nossas cidades. Não as veríamos seminuas a céu aberto, exalando o cheiro forte de perfumes baratos. Não veríamos algumas usando perucas e sandálias com saltos de 15 centímetros, tentando parecer mais velhas para agradarem à gostos específicos. Não teríamos uma multidão de prisioneiras de uma guerra burra,

a mercê do frio, da chuva, do medo, do preconceito, da depravação e da violência da sociedade corrompida, materializada em sexo de sádicos, botinadas e tiros de gambés e em espancamentos de filhinhos de papai. O Brasil não seria a Darfur da América Latina e a casa de diversões proibidas do planeta. Se na mão que caminhássemos pelas ruas, fossem as riquinhas que levantassem as saias e ofertassem as suas bundas por dez conto, as campanhas pelo fim da exploração infantil, da violência sexual contra crianças e adolescentes e do pornô-turismo, há muito já teriam ultrapassado os limites dos discursos e das folhas de papel. Há muito, as brasileiras já teriam deixado de ser catalogadas nos pacotes de férias das agências estrangeiras de viagem.

No período colonial, o termo "homem bom" era empregado ao branco cristão proprietário de grandes extensões de terras. Em nossa era, esse termo designa o cidadão reto, religioso e solidário que se envolve em causas sociais. Os "homens bons" da alta roda, são os que organizam levantes falsos contra as hediondidades ocorridas no seio das guerrilhas urbanas. São pessoas que usam o poder financeiro e a influência política, para deixarem as regras do jogo em conformidade com os "princípios morais". As suas línguas vivem carregadas de frases de ordem, que são prontamente disparadas, assim que os fatos de grande repercussão acontecem. De suas bocas ouvimos; que a maioridade penal deve ser diminuída, que a solução para a violência é a adequação do código penal ultrapassado a realidade atual e que os crimes hediondos devem ser punidos com prisão perpétua ou pena de morte. Ao vê-los vociferar as suas groselhas adocicadas com toneladas de racismo e ódio de classes, a pessoa menos informada chega a ter a ilusão de se tratar de pessoas justas e caridosas, preocupadas com o bem-estar coletivo. Um triste engano!

Felizmente, os cérebros livres dos efeitos malévolos da alienação inimiga, não padecem do mal do sono hipnótico. Os rostos dos "virtuosos", modelados por cirurgiões plásticos e esteticistas, são incapazes de gerar nos pensadores céticos, a confiança em suas declarações. Por mais que façam suas caras de santos e ergam suas ONGs "sem fins lucrativos", financiadas com gordas verbas saídas dos bolsos dos contribuintes, eu sei, que a devoção para um futuro pacífico se manifesta em ações concretas e não em fingimento ou na defesa de interesses convenientes. Aquele que tem aversão ao sórdido, odeia e reprime tudo que caminhe nesse sentido, não apenas o que lhe convém. Conclusão: os boys não são homens bons! Não estão nem próximos dessa categoria. Homens bons combateriam a exploração sexual infanto-juvenil, no mínimo, com o mesmo afinco que combatem os crimes patrimoniais. Sendo a hediondidade, o requisito motivacional para as cruzadas burguesas contra a criminalidade, estamos de fronte de uma outra mega contradição de nossos senhores. O que seria mais hediondo do que a indução de crianças pobres à prostituição? Creio que a humanidade demorará milênios para encontrar algo que se emparelhe à essa perversidade.

A verdade, é que se os que adoram encenar papéis de justiceiros quisessem realmente preservar a liberdade, as instituições, a manu**tenção** da ordem pública e a proteção das pessoas, abominariam tudo aquilo que se configura como barbárie. Os estupros sociais estariam encabeçando as suas falsas lutas puritanas e moralistas.

Não é estranho, uma classe tão bem-educada, acostumada à se engajar em contendas épicas contra o poder público, cobrando combates enérgicos à delitos violentos, não vestir branco, exibir faixas ou tremular bandeiras, quando o assunto é essa selvageria contra as nossas crianças?

Por qual razão, a "nobreza", que de forma notória nos vende a ideia de sua indignação à brutalidade, não propõem a implantação no código penal de penas mais duras para os maníacos que aprisionam e obrigam sofredoras mirins a aceitar serem violentadas continuamente por

tempo indeterminado?

Porque não protestam e fazem piquetes, para que os ditos "clientes" desse hipermercado de almas desafortunadas, tanto os internacionais, quanto os nacionais, sejam punidos com a pena de morte ou prisão perpétua?

Creio que ao longo desse capítulo, a resposta para todas essas perguntas já tenha sido dada, porém, não custa repeti-la... O combate à prostituição em geral, não desperta qualquer interesse por parte dos ricos, por tratar-se de uma prática exclusivamente financiada por eles e que só vitima os menos favorecidos. Os laços que ligam o grupo dominante às suas abusadas, são unicamente de prazer, benefícios e alta lucratividade (para os primeiros, é lógico). Por que motivo, as famílias abastadas combateriam um negócio que não lhes traz qualquer tipo de prejuízo? Por moralidade, compaixão e civismo? De forma alguma. Essas palavras não estão inclusas no vocabulário dos nascidos em berços de ouro! O homem de posses só se manifesta contrário aquilo que lhe provoca danos físicos, morais ou materiais. Qualquer crime perde seu status de perversidade e repugnância, quando não atinge os condomínios fechados, as coberturas de luxo, os haras, os helicópteros, os iates e os jatos executivos. Qualquer crime perde a sua significação de barbárie, quando tem os despossuídos como alvos. Isso explica o porquê, dos mesmos manifestantes que pleiteiam a eliminação da inimputabilidade penal dos adolescentes pobres, não exigirem que as veias dos braços dos devoradores de infâncias miseráveis, sejam espetadas por agulhas de injeções letais.

A premissa da riqueza, é amar o dinheiro! Quem o ama, não o rasga e não o queima. Anular de vez a venda de corpos de meninos e meninas das favelas, é incinerar ou retalhar, uma das mais graúdas fontes de prosperidade dos ditadores. Só mesmo rendimentos superlativos e a crença absurda na inferioridade das pessoas carentes, podem justificar a posição de cumplicidade da burguesia, diante da única modalidade hedionda que foge da mão "pesada" da justiça.

Em face do silêncio dos "magnânimos superiores", com muito custo, fica detido por 3 anos, o aliciador que induz e facilita a entrada de uma criança na prostituição; o gigolô que com coronhadas e choques elétricos, impede que ela abandone a "profissão"; o dono do estabelecimento que estimula e tira proveito do abuso sexual de menores de idade; o mercador do sexo infantil, que exporta meninas dos morros para os bordéis da União Europeia e o mercador do sexo infantil, que as trafica internamente. Quando escrevo que só com muito custo os culpados vão para a cadeia, essa minha observação se equilibra em um fato em especial: nesse ramo das hediondidades, é mais do que comum, que os criminosos, porventura presos, respondam os seus processos em liberdade.

Será que os que se beneficiam desse comércio infame, não merecem penas mais rigorosas? Será que as monstruosidades que cometem, não fazem jus a passeatas, a gritos de ordem ou a invasões do Congresso Nacional por aprovações de emendas constitucionais?

Vejamos, se as atrocidades que os malditos realizam contra os filhos e filhas da periferia, se enquadram no rol dos crimes de menor potencial ofensivo...

Uma criança forçada a se prostituir a partir dos 6 anos de idade, aos 14, terá sido estuprada por 8 anos seguidos. Obrigada a fazer 15 programas diários ao longo desse tempo, terá sido vítima de estupro de vulnerável pelo menos 43.000 vezes. No artigo 217-A da lei 12.015/2009 contra crimes sexuais, o estupro de vulnerável se caracteriza na conjunção carnal ou na prática de outro ato libidinoso com menor de 14 anos. Dito popularmente... Qualquer tipo de ato sexual realizado com uma criança é estupro e não prostituição! Se seguirmos ao pé da letra o texto do artigo 213

da mesma lei, veremos que juntamente com as crianças, as adolescentes e as mulheres levadas pela miséria aos palcos de streeptease, também estão sendo estupradas pela elite do país. Afinal, todas estão sendo constrangidas mediante violência ou grave ameaça, a terem conjunções carnais ou a praticarem ou permitir que com elas se pratiquem outros atos libidinosos.

Se a prostituição no Brasil tivesse a sua real conotação enquadrada pelo código penal, somente por um dia de abuso, os algozes dessas crianças, adolescentes e mulheres, teriam de ser apenados há centenas de anos de prisão. Em 24 horas, os exploradores infringem diversas vezes os artigos 213 e 217-A. Isso, sem mencionar as transgressões dos artigos do capítulo V dessa mesma lei, que falam sobre o lenocínio e o tráfico de pessoas para fins de prostituição ou outras formas de exploração sexual.

Tomando como base as punições formuladas pela própria playboyzada violadora de leis e excluídas, por cada penetração vaginal ou anal, sexo oral ou masturbação, na pior das hipóteses, os envolvidos diretos: cafetão e cliente, deveriam ser condenados a cumprir em regime fechado, no mínimo 8 anos, no caso de crianças e adolescentes e 6 anos no caso de adultas. Só um adendo... Tais sentenças são referentes a cada ato sexual e nelas não estão computados os períodos extras de cárcere condizentes com as qualificadoras do crime em questão (lesão grave ou morte). Multiplicando as punições mínimas previstas na legislação penal, pela média nacional de 15 programas diários, o dono de uma zona teria de ser sentenciado a um tempo de 120 anos de reclusão pelos danos causados em um dia a uma criança ou adolescente e a 90 anos pelos estragos produzidos a uma mulher adulta. Sempre lembrando, que em tais simulações de penas, não estão adicionados os agravantes.

Na vertente camuflada do estupro, os exploradores que enriquecem a base das tragédias que abraçam parte de nossa gente, assim como os seus fregueses, tinham que cair urgentemente, porém, não sozinhos...Afinal, no lado camuflado da moeda das obscenidades, o sexo forçado é um verdadeiro trabalho de equipe! Quando uma menina é coagida a tirar suas roupas e a se submeter às ordens pervertidas de um ser imundo, coletivamente ela está sendo violentada pelas famílias tradicionais da High Society, pelo Estado, por um suposto familiar que a vendeu, pelo aliciador, pelo dono do inferninho que a comprou, pelo apreciador e consumidor da imoralidade, pelos policiais que chegam a recapturar fugitivas e as reconduzi-las aos açougues de carne humana e pelos membros da indústria turística, entre tantos, tantos, tantos e tantos outros. Todos os envolvidos deveriam estar com o cú na mão dentro de um pavilhão de seguro, temendo a explosão da rebelião que culminaria em suas cabeças decapitadas dentro de sacos pretos de lixo.

Ao olharmos pela janela do carro ou do busão, garotas à venda numa esquina, no lugar de pensarmos em promiscuidade e ambição, devemos pensar na quantidade de violência ao qual foram sujeitadas.

A garota de programa da periferia não deu para milhares de homens em troca de somas em dinheiro, ela foi estuprada por tarados travestidos de cidadãos exemplares milhares de vezes. Ela foi estuprada pelas pessoas acima de qualquer suspeita, que se valem da prostituição fixada num limbo jurídico, para darem vasão as suas fantasias doentias.

Não há diferença entre aquele que paga para fazer sexo com uma criança e o que invade uma residência para molestar um bebê de 4 meses. São farinhas que merecem ir para o mesmo saco!

Não importa o que os continuadores dos escravocratas tenham redigido, fixado, revisado ou atualizado nos códigos civil, penal, processual ou na Constituição Federal... Não sou guiado por nenhum dos preceitos deturpados instituídos pelos dominantes e sim pelo meu senso de análise

e reflexão! Não preciso de uma publicação no Diário Oficial da União, para reconhecer uma atitude criminosa. Não preciso que mestres em direito escrevam textos empolados criminalizando uma conduta, para considerá-la, de acordo com os meus princípios morais, uma transgressão da ordem social. O boy não é meu tutor! Tenta, mas não manipula meu raciocínio. A sua disseminação de ignorância coletiva, não exerce qualquer influência sobre a minha pessoa. O meu cérebro é completamente emancipado de seu domínio. Não tomo seus conceitos e crenças como base para julgar o que é justo ou injusto, certo ou errado, perverso ou não, hediondo ou não. O meu ponto de vista é totalmente independente da visão inimiga.

Desde o ciclo das chibatas e troncos, quando por lei, um homem negro era proibido de aprender a ler e a escrever, o opressor se previne para evitar o surgimento de um pesadelo: marginalizados instruídos! Ao impedirem que os invisibilizados tivessem acesso à cultura, os senhores de engenho antes e os patrões agora, eliminaram de suas respectivas épocas, o perigo dos anulados socialmente formularem as suas próprias opiniões. No ideal de convívio harmônico entre classes, estipulado pelas oligarquias locais, o homem simples deve subsistir enjaulado no clube dos escravizados mentais. Seguindo o manual do bom robozinho, ele deve comprar cegamente as ideias que lhe são oferecidas, nunca divergir de seus donos e jamais se insurgir contra o sistema que o oprime. Se o branco com alto poder aquisitivo, diz que a filha do favelado se prostitui por que é uma piranha, então, é uma piranha. Se o branco com alto poder aquisitivo, diz que a culpa da vida deplorável das supliciadas é consequência de seus supostos desvios de caráter, então é, pronto e acabou. Este fenômeno se chama submissão pela ignorância.

Para se ter uma noção do que estou falando, o submetimento por falta de conhecimento está tão enraizado nesse tema, que é normal vermos aquelas que tiveram os seus destinos amplamente comprometidos por razões externas as suas vontades, adotando posturas autodepreciativas do tipo:

- Eu sou rodeada por desgraças por causa da minha sem-vergonhice.

As redes neuronais tecidas seguindo os critérios dos ricos, servem para fazer com que muitos de nós aceitem que seja hediondo, quando um favelado faz um playboy de refém em uma mansão e um acidente, quando um PM fuzila uma criança de colo no morro.

As redes neuronais tecidas seguindo os critérios dos ricos, servem para fazer com que seja hediondo quando um menor atira na cabeça da madame para roubar sua bolsa fútil de 50 mil dólares e natural quando a burguesia devasta as filhas da periferia, sob o argumento da: inevitável coisificação e comercialização de gente carente.

Os responsáveis pela neutralização da faculdade de reflexão de boa parte das cabeças abaixo da linha da pobreza, tem ciência de que sem informação, não se pode discordar dos que foram endeusados. Tão pouco, destroná-los da condição de deuses.

O endinheirado culto sabe, que pode furar a minha carne com balas e lâminas, pode carbonizar e esquartejar meu corpo ou me aprisionar, mas se no meu cérebro houver uma gota de saber, não poderá me fazer acreditar em suas fábulas. Se no meu cérebro houver uma gota de saber, não poderá me amansar para que eu aceite passivamente a sua sociedade hipócrita.

O aprendizado que absorvi na vivência à margem do estado democrático de direito, me tornou um privilegiado. Hoje, minha carne, pele, nervos e ossos, são de propriedade do governo, no entanto, a minha massa cinzenta é blindada e impenetrável contra todas as farsas dos tiranos.

Desta forma, onde o "nobre" polido escreve "prostituição", eu leio estupro, tráfico de seres

humanos, cárcere privado, agressões, tentativas de homicídio, homicídios, corrupção de menores e tantos outros crimes, que nem estão previstos nos códigos que nos regulam. Desta forma, o assunto que pros bacanas não é importante, pra mim é o assunto que deve estar em pauta e com carimbo de urgência, em qualquer debate sobre o futuro da nação.

O único tentáculo do abuso sexual infantil que os boys sentem a necessidade de combater, é a pedofilia cibernética. Como não poderia deixar de ser, a postura combativa dos "homens bons da elite" nesse caso, se dá por motivos pessoais e não pelo cumprimento de deveres cívicos e patrióticos. São intolerantes a esse braço da máquina burguesa de estupros sociais, em razão de uma pequenina particularidade: ele oferece perigo eminente a todas as crianças, sem distinção de raça, cor ou condição financeira, que estejam na frente de um computador conectado à internet. Por conta da precaríssima inclusão digital realizada no país, adivinha quem são as presas mais vulneráveis da Web? Pra te ajudar, vou lembrá-lo de que os meninos e meninas das favelas, normalmente não possuem computadores munidos com webcam e conexão banda larga. Vou lembrá-lo, de que os pequenos moradores dos barracos, raramente podem pagar por uma hora de navegação numa Lan House. É exatamente o que você está pensando... As presas mais vulneráveis da Web, são os filhos da alta classe.

Diferente do recrutamento tradicional, o aliciamento virtual não tem como porta de entrada a situação de risco social, mas o inofensivo PC acomodado em cima de um rack. A vítima não precisa estar passando fome para ser fisgada, basta estar passeando sem a supervisão de um adulto no universo digital. Esse aspecto inusitado, fez da luta contra os pedófilos cibernéticos, a ordem do dia, de todos os dias brasileiros. Por ser o único crime sexual com força para adentrar um condomínio fechado, rapidamente a playboyzada o popularizou.

Em pouco tempo, o povo por inteiro aderiu a essa campanha parcial contra a pedofilia, promovida pelas autoridades e a sociedade civil de alto padrão. Até aí, maravilhoso! A não ser por um probleminha: a mola propulsora para a adesão de cada esfera. Enquanto nós marginalizados participamos com pensamentos comunitários, visando o bem-estar geral das crianças, sendo elas pobres ou ricas, a escória da humanidade pretende proteger somente as mais privilegiadas. Quando os ricos vestem a camiseta com o slogam: "todos contra a pedofilia" eles estão lutando, exclusivamente, contra a faceta do crime que pode vir a invadir os seus lares pelos cabos de fibra óptica e arrebatar os seus herdeiros. A posição dos endinheirados a favor de uma legislação especial que puna com rigor abusadores de crianças, objetiva dar cartão vermelho somente para os pervertidos que podem topar com seus filhos em salas de bate papo, nas redes de relacionamento como: Orkut e Facebook ou em blogs pessoais.

É fato, os olhos que brilham com cifrões, não estão nem um pouco preocupados com as meninas e meninos carentes que são sequestrados para serem fotografados e filmados, ao passo, que são violentados por horas. Se a pedofilia, se restringisse aos casos das garotas e garotos pobres, estuprados grupalmente aqui e em países estrangeiros, para que as imagens sejam comercializadas pelos quatro cantos do mundo no mercado pornográfico, com certeza, o tema nem seria abordado na grande mídia. Talvez, sequer tivéssemos ouvido a tal palavra ser pronunciada.

Estranhamente, a classe tão bem-educada, que se abstém das discussões acerca da prostituição, muda radicalmente de conduta exibindo uma opinião bem menos conservadora e um tanto mais agressiva, quando o assunto é o sapato que aperta o seu calo. Já que no mundo High Tech nem o garoto protegido por todo aparato das empresas de segurança está seguro,

reivindicam a cadeira elétrica para os sádicos, que nos chamados chats destinados ao público infantil, forjam nomes e idades se passando por crianças, para persuadirem as pequenas presas sem malícia a fornecerem dados pessoais ou familiares, emails ou contatos de comunicadores instantâneos como: ICQ ou MSN.

Em resumo, o sistema de dois pesos e duas medidas dos ricos egoístas funciona assim: processos respondidos em liberdade para praticantes de hediondidades em áreas de exclusão e pelotão de fuzilamento para os infratores que supostamente podem conquistar a confiança de seus filhos e convencê-los a se exporem nus em frente à uma webcam ou a marcarem encontros longe de suas vistas.

Fico imaginando, qual seria a reação de uma família pobre acometida por esse drama, se soubesse, por exemplo, que a missão da badalada Comissão Parlamentar de Inquérito relativa ao tema, é apenas arrancar essa erva daninha do jardins dos nobres. Não importa as mentiras que sejam propagandeadas em reportagens televisivas, o único modelo de pedófilo que a CPI usada para fortificar carreiras políticas quer tirar realmente de circulação, é o que deixa frases nos monitores das crianças abastadas. Por mais que os relatórios contenham recomendações à diversos órgãos para que investiguem, fiscalizem e punam todos os abusos infantis, o objetivo central do blá, blá, blá do Poder Legislativo, é dar um xeque mate nos psicopatas sexuais com potencialidade para gerar momentos trágicos no topo da pirâmide.

E óbvio, que eu também quero a cabeça desses filhos da puta penduradas em postes, até que os urubus dilacerem o último pedaço. Só que o termo pedofilia, abrange muito mais do que um tarado atrás de um mouse e um teclado, fazendo propostas indecentes para crianças com bons níveis sociais. O assédio adulto, que em inúmeras ocasiões termina com as mesmas se auto fotografando e transferindo via Bluetooth arquivos de cunho erótico para destinatários asquerosos, é só a ponta do Iceberg. Metaforicamente falando, a pedofilia é uma grande árvore de frutos podres, sustentada por diversas raízes. O cyber desgraçado que persegue intelectos sem maldades, é tão somente, uma delas.

Na luta patrocinada pelo boy, que só pensa na sua prole, é ignorado que a prole da periferia é a pasta base das quadrilhas de pedófilos, chefiadas por policiais, políticos poderosos, magistrados e membros do alto escalão da sociedade. É ignorado, que a prole da periferia é o insumo humano usado pelas organizações que formam os nós de uma rede com milhões de filiados, que se aproveitam da característica de território sem lei da internet, para cometerem as suas crueldades.

Pedofilia entre outras coisas, significa: a existência de uma mega teia, que fatura bilhões com incontáveis sites de conteúdo pornográfico infantil extraído da penúria, habilmente hospedados em servidores de países com pouca ou nenhuma fiscalização. Pedofilia entre outras coisas, significa: a demanda pela produção sistemática de filmes e fotografias amadoras, com a presença de crianças pobres forçadas a manter relações sexuais entre si. Significa a troca continua de arquivos, contendo a exploração da sensualidade infantil de pequeninos excluídos confinados em cativeiros. Significa: meninos e meninas arrancados de seus familiares, sendo molestados ao vivo em frente à uma câmera de computador, para a audiência de uma plateia seleta de pervertidos ao redor do planeta. Significa: o agendamento frequente de encontros entre estupradores e os personagens das páginas eletrônicas obsessivamente acessadas. Por fim, significa: o encontro entre os estupradores e os anjinhos, que mais se aproximam dos atores de suas fantasias.

Como você pode perceber, as raízes dessa árvore maldita não são poucas. Portanto, ao

ouvirmos a palavra; pedofilia, as mentes das zonas de esquecimento, não só devem metabolizar a calamidade por completo, como também desacreditar dos "esforços" nacionais para a preservação da honra e da integridade física e psíquica de nossos filhos.

No que tange a pedofilia ligada aos reféns abaixo da linha da pobreza, o empenho da elite é tão exacerbado, que a lei contra crimes sexuais junto com os parágrafos dos artigos do ECA, não são capazes de deletar as imagens das crianças negligenciadas que enfeitam diversas comunidades pedófilas de um site chamado: Orkut. Com os perfis dos internautas mantidos no mais absoluto sigilo pela Google (empresa detentora do Orkut), essas pessoas, se é que podemos nos referir a elas dessa forma, em plena época de cruzada contra a praga que arrasa multidões de indefesos, se sentem confortáveis para manifestarem seus pensamentos lascivos. A certeza plena na impunidade é tanta, que os vermes ficam à vontade para falar abertamente sobre as suas afinidades patológicas por seres imaturos sexualmente, incitar a propagação da prática obscena e ainda, sem qualquer receio ou pudor, confidenciar experiências nesse campo. Esse panorama libertino, onde violentadores se vangloriam publicamente de seus feitos escabrosos, é o reflexo direto da política de dominação, que classifica como hediondo só o que afeta os frequentadores da Ilha de Caras. É o produto final da torpe ideia formada, que aponta as torturas sexuais impostas as nossas meninas, meninos e mulheres, como uma espécie de carma que não se pode evitar. O que desperta o sentimento de impunidade nos moderadores e frequentadores das páginas de pedofilia do Orkut, é saber que mesmo que suas identidades sejam reveladas, a chance de verem o sol nascer quadrado é pra lá de remota. Pois os homens vestindo toga, são treinados para dosarem as punições de acordo o perfil dos molestados: vítima da alta classe, pena máxima para o violador, vítima da favela, pagamento de cestas básicas, afinal, nesse caso, pros boys não é estupro, e sim um programa.

O temor a possibilidade de um desequilibrado se valer da alta tecnologia para penetrar o espaço sagrado de seus lares e praticar desumanidades contra seus filhos, faz com que os ricos repudiem a pedofilia cibernética.

A convicção de não haver qualquer chance real de encontrarem as suas crias em boates ou em ruas escuras oferecendo seus corpos por dinheiro, faz com que eles não manifestem nenhum sinal de oposição a prostituição infantil.

Qualquer delito contra uma criança é uma ofensa grave e covarde! Deve ser punido com extremo rigor, independente da origem ou condição financeira da vítima. Um crime sexual é hediondo, quando atinge a criançada vivendo num cenário de penúria ou abundância. A tipificação de tal monstruosidade, não pode levar em consideração critérios como: saldo bancário, sobrenome ou cor da pele. Combater o estupro social apenas quando ele atinge o grupo à que se pertence, é tão ou mais obsceno do que se deitar com uma das crianças barbarizadas. Simboliza, entre outras coisas, o ápice do egoísmo! E é justamente, não só nesse egoísmo, como também na desenfreada ambição burguesa, que as labaredas de uma das piores faces da **Guerra Não Declarada** local, encontram ambiente propício para permanecerem acesas.

As porções generosas de excremento, acondicionadas nas caixas cranianas dos opressores, são a garantia de que a epidêmica violência sexual brasileira, continuará dizimando mais inocentes do que os exércitos de muitos territórios mergulhados em conflitos armados declarados.

Se depender dos neurônios de merda que gerenciam o "Brasil sem crises", a única medida delineada para o plantel de cerca de 500 mil reféns entre a primeira e a segunda infância estupradas diariamente, será ampliá-lo.

Levando em consideração que Darfur, a região que desde 2003 hospeda oficialmente a maior crise humanitária do mundo, dentro do ritmo atual de estupros de civis, precisaria de mais uma década para alcançar a cifra tupiniquim relativa apenas as crianças, concluo, que seja um elogio para a terra da alegria ser chamada de Darfur e uma imensa ofensa para os nossos irmãos Sudaneses. Peço desculpas ao povo sudanês, caso os tenha ofendido. A minha intenção não foi discriminá-los, mas apenas pegar o exemplo mais marcante de violência sexual usada como instrumento de guerrilha em nossos dias, para confrontá-lo com uma situação de similar, para muito mais grave, que nem ao menos é tida como violência. O paralelo traçado entre as duas situações, além de servir de comparativo, foi útil para desmascarar os agentes nos bastidores do comércio de seres humanos no Brasil e para mostrar que em poucos anos, se as "autoridades" e os endinheirados continuarem a dar amparo legal aos estupros em massa, chamados estrategicamente de "prostituição", seguramente venceremos a corrida contra os países do sudeste asiático, que disputam conosco a bizarra supremacia global no quesito.

Enquanto as respostas que o rema suscita forem dadas pelos nossos "amáveis líderes", a pátria continuará caminhando a passos largos para em breve, oferecer como atração turística, a maior legião de meninos e meninas prostituídas do planeta. É bom que se diga, que o paraíso tropical segue de vento em popa nas eliminatórias rumo à essa conquista... Já é o líder no ranking mundial de pornografia infantil pela internet.

A parte aliciada do contingente das favelas, nesse exato instante, segue pelos porões da "potência emergente", apresentando transtornos orgânicos e psicológicos e sentimentos de inferioridade como: baixa estima e falta de auto respeito. Nesse exato instante, esse grupo de alto risco está sendo infectado por DSTs e devorado pela ação corrosiva do consumo compulsivo de drogas lícitas e ilícitas.

É válido fazer uma ressalva sincera a respeito da aplicação das drogas nessas circunstâncias... A exemplo do que acontece com os moradores de rua, as substâncias entorpecentes, também nesse cenário de horror, funcionam como dispositivos de amenização da dor. Penso, que de cara limpa seja impossível suportar ser, por um minuto, parte atuante da engrenagem do Brasil prostíbulo.

Enquanto você lê está página, as vítimas sequestradas, aliciadas e induzidas, são descarnadas vivas do outro lado de nossas ruas, nas casas noturnas de nossos bairros e nos centros financeiros de nossas cidades. Não há como olharmos para o lado e não flagrarmos uma das nossas sofrendo com os abusos sexuais do sistema.

Tal situação, encontra explicação na ação do exército burguês que enche os cofres com essa indústria e, igualmente, na nossa aceitação silenciosa.

Um exército só é rebaixado moralmente numa guerra, quando a sua infantaria está em menor quantidade de homens e armas, se deixa enganar ou é desunido. Definitivamente, o nosso problema não é ausência de pessoal, submetralhadoras, bazucas e granadas para a batalha... Os inimigos nos humilham, porque entre os marginalizados falta orientação, direcionamento e principalmente coesão. O martírio das pobres almas começa, pontualmente, no segundo que as renegamos como integrantes de nossa população. Começa pontualmente, no segundo que passamos a participar do processo de desumanização, que substitui o status de gente das vítimas, pela condição objetivada de prostituta!

Não podemos admitir tamanha barbárie, com a denominação eufemista de "trabalho", afinal, trata-se de escravidão e estupro em larga escala. Não podemos admitir, que as pessoas dos bairros

carentes sejam comercializadas, afinal, elas não são bonecas infláveis para despedidas de solteiros. Aquelas que desde cedo aprendemos a ofender, são seres humanos com medos, sonhos, necessidades e desejos. São mães, filhas, irmãs, primas e tias. São pessoas que foram impedidas de crescer, porque tiveram as suas infâncias e adolescências sabotadas. São almas desafortunadas, forçadas a ceder o seu presente, para que muitas vezes os seus dependentes tenham algum futuro. São as nossas irmãs de guerra, que sobrevivem a aniquilação orquestrada pelos ricos, sem a proteção e o apoio de instituições, órgãos públicos ou leis. E infelizmente, também sem o auxílio da consciência popular. Enfim, elas merecem respeito igual a qualquer Rosa Parks da periferia, carregando nos ombros o peso do preconceito do mundo, por um lugar ao sol. Tratá-las com desprezo ou agredi-las com xingamentos, nos aproxima dos que depois do gozo, as descartam junto com os preservativos.

E um erro monumental fazermos coro e participarmos da estúpida rejeição social, pois aquilo que depreciamos com a nossa ignorância, é nada mais, nada menos, do que o nosso próprio povo. Não importa onde aconteça, no garimpo, numa boate, na avenida ou na rodovia, toda vez que uma das nossas é forçada a se deixar penetrar, simultaneamente, a honra dos moradores das áreas de abandono é covardemente atacada!

Aos interessados em construir um escudo contra esses ataques, deixo aqui uma sugestão para o início da empreitada... Já que dificilmente pegaremos em armas para executar um resgate geral, devemos começar sendo solidários, evitando os prejulgamentos infundados a respeito das que são levadas em pequenas embarcações para satisfazerem tripulações de navios em alto mar, das que atendem caminhoneiros nos postos de gasolina em estradas; das que de tanto fazer programas acabam morando nos hotéis; das que engravidam e dão à luz aos inocentes que receberão o legado da depravação como herança; das que se prostituem para financiar vícios e das que ao fim do expediente, se veem obrigadas a dormir em albergues, em baixo de viadutos ou encostadas nas portas de aço de lojas e bares. A solidariedade vinda da favela, despida de julgamentos e condenações, é muito importante para o único modelo de prisioneiro da **Guerra Não Declarada** brasileira, que não é contemplado nem com as citações de defensores dos direitos humanos. É um absurdo, termos dó dos meninos e meninas baleados nas operações da polícia e não nos compadecermos com as crianças violentadas pela ganância da playboyzada.

Este capítulo não é uma das inúmeras matérias jornalísticas oportunistas, confeccionadas em torno da problemática, com o intuito de vender revistas ou angariar audiência. Trata-se de um solitário e desesperado grito por justiça, desferido por um componente legítimo da classe pobre tiranizada!

A minha abordagem sobre o assunto, carrega a humilde pretensão de abrir a mente dos meus iguais.

Em caráter de urgência, é indispensável que todos nos pontos de exclusão entendam, que os opressores, além de exterminarem despossuídos com munições estatais mortíferas, com a fome, com as agruras do sistema carcerário, etc., também o fazem por meio de sucessivas sessões de sexo não consensual. E que aquelas que estão expostas no Showroom do descaso, não são promiscuas e pervertidas, mas nossas irmãs de martírio forçadas a vender seus corpos por coação financeira.

Espero que as palavras escritas por mim, sirvam de colírio para que muitos olhos enxerguem a indústria diabólica que a playboyzada genocida opera. Enxerguem a indústria que leva a criança para a prostituição; ergue impérios sobre os escombros de seu calvário; estimula desinformados

a recriminá-la; faz reportagens sobre a tragédia para atrair anunciantes; cria ONGs sem nenhum compromisso com o quadro lastimável das sobreviventes e enriquece ainda mais com as doações.

Passei horas pensando sobre o que escrever no final desse texto e cheguei a conclusão de que não há outra maneira de se finalizar um tema dessa magnitude, a não ser com uma dedicatória fúnebre.

Em memória das incontáveis vítimas que tombaram no front maldito chamado "prostituição" e das que lá padecerão até definharem, em razão dos atos criminosos dos ricos e da discriminação geral da nação.

Sub-Pátrias

Na definição do Programa das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (UN-HABITAT), as áreas preenchidas por moradias precárias, carência estrutural, ausência de regularização fundiária e gravíssima privação de rendimentos mínimos para o atendimento das necessidades primárias de seus moradores, são simples favelas. De acordo com a visão superficial dos "especialistas" da ONU, os fatores que diferenciam os campos de aflições, do patamar primeiro-mundista dos bairros nobres brasileiros, seriam meramente econômicos. Portanto, na conclusão dos "estudiosos" das Nações Unidas, as manchas dos cartões postais, não passam de aglomerados de habitações erguidos ao longo de certo tempo, em terrenos de terceiros, geralmente pertencentes ao poder público.

Já no meu modo de ver pessoal, os pedaços de chão sem valor imobiliário, devastados pela escassez e a violência, ultrapassam a classificação de "loteamentos degradados caracterizados por rendimentos per capitas inferiores", são autênticos países à parte.

A guerra quente, na qual guerreamos em total desvantagem, deu luz em inúmeros pontos das grandes cidades, à verdadeiros territórios sem Estado. Deu luz às "sub pátrias"! Deu luz às pátrias que nascem e vivem sem o amparo estatal. Deu luz aos mini estados falidos que não fazem parte dos mapas tradicionais das cidades; dos programas sociais; dos planos de civilização e cidadania; dos planos de urbanização ou dos planos de saneamento básico. Por fim, deu luz aos perímetros devastados, que apenas formam os contrastes nas paisagens paradisíacas.

As favelas nacionais, são pequenos países embargados por seu continente-mãe, povoados por milhares de rejeitados sociais, nivelados à pragas e maldições pela sociedade branca.

As favelas nacionais, são pequenos países embargados por opressores, que desconhecem o seu idioma, as suas tradições, costumes, estrutura política e cultural, mas que não ignoram os traços raciais e o padrão financeiro de seus ocupantes.

A multidão de desprezados, assentados após as fronteiras dos direitos humanos, é formada por homens, mulheres e crianças que habitam faixas territoriais situadas dentro da "Terra da alegria", mas que não tem a sua nacionalidade brasileira reconhecida, aceita e assegurada. São tratados como imigrantes ilegais por sua própria nação! Não são brasileiros. Não são cariocas, paulistas, mineiros ou piauienses, são favelados!

Assim como a favela não se resume cm uma localidade miserável, os favelados são bem mais do que simples pobres; são verdadeiros estrangeiros. Digo isso, não só por termos nas periferias dialetos, hinos e brasões próprios, mas por formarmos a massa populacional dos extra brasileiros (alusão aos extraterrestres).

Uma vez desprezadas pela cartografia comum, que produz os mapas tradicionais, as linhas divisórias de onde começam e terminam as localizações independentes (não por escolha) reservadas aos marginalizados, são encontradas na geografia delimitada pela miséria.

Cada bolsão de pobreza é uma pátria composta por pessoas afastadas a força da dignidade humana, assistidas exclusivamente pelos órgãos de repressão.

A demarcação sociológica, é o ponto cardeal, que dá rumo a agulha da bússola dos repressores

garantidores da padronização comportamental geral e letal. Com ela, mesmo os citados lugares sendo micro países clandestinos, sem CEP, menções em páginas de guias de ruas e nomes de moradores inclusos em listas telefônicas, os cães diabólicos não se deparam com a menor dificuldade em encontrar as suas latitudes e longitudes. Com ela, os cães diabólicos não se deparam com a menor dificuldade em encontrar as suas latitudes e longitudes, para aplicar as famosas e desprezíveis: atuações ostensivas, preventivas, tirânicas e assassinas que nos mantém na linha. Na linha de tiro!

Diferente dos internacionalmente denominados: Estados Falidos, onde o Estado oficial não tem poder de atuação ou das: sociedades sem Estado, idealizadas por pensadores anarquistas, nas nossas zonas de não direito, o Estado brasileiro optou por não existir e não atuar no quesito assistencial. O Estado brasileiro decidiu deixar essas extensões de terras sem lei, entregues à completa penúria e aos combates locais "particulares", idealizados em outras imediações.

No que tange a situação assombrosa, dos limbos mapeados sendo as orientações dos sistemas inteligentes de Registro Digital de Ocorrência (RDO) e de informações criminais (infocrim), a postura botada pelo Poder Público, burguesia e governantes eleitos com os votos dos seres invisibilizados, é a da mais absoluta indiferença!

Ao tempo em que os favelados sucumbem à privação alimentar e aos arsenais portáteis contrabandeados para as periferias, os que podem provocar alterações nos quadros dramáticos, permanecem estáticos e eufóricos, acompanhando a distância, o desenrolar mortal dos fatos.

O grau de desdém para com as localidades desamparadas é cão acentuado, que as víboras que engordam fortunas com o capital extraído desses setores, não se importam, nem ao menos, em recolher os corpos dos civis e "soldados" tombados em combate ou em socorrer os feridos. Para os forasteiros, os defuntos locais devem ser jogados nas encostas dos morros e os males e ferimentos causados via nutrição deficitária e munições pesadas, devem ser tratados nas farmácias de bairro. Para os forasteiros, os nossos países à parte, além da geração ininterrupta de dividendos, servem tão somente, para ilustrar teses e dissertações de doutorados na USP, oferecer matéria prima para roteiros de filmes de produtoras que não revertem um centavo de suas arrecadações milionárias para as comunidades usadas como locação e para dar prêmios KMMY para as coberturas parciais do Jornal Nacional, sobre o aniquilamento em escala industrial de jovens pobres.

Todos os "líderes" empossados a quilômetros de distância dos reinos onde os bebês aprendem a falar: **PAPÁ** antes de mamãe e papai, abdicam dos tronos. No instante em que as promessas de campanha surtem o efeito esperado, a primeira providência a ser tomada, é renunciar à qualquer tipo de autoridade no planeta dos barracos.

Pro prefeito, governador e presidente, foda-se quem mata! Foda-se quem morre! Foda-se a organização local! Fodam-se as políticas locais! Foda-se quem dá as ordens! Foda-se quem vende a droga! Foda-se quem compra a droga! Foda-se quem anda de moto com o fuzil pendurado nas costas! Foda-se a polícia que vende as armas e recebe a propina semanal! Fodam-se os moradores em meio ao fogo cruzado e a fome! Fodam-se as crianças que reproduzem cenas de crimes em suas inocentes brincadeiras! Fodam-se as crianças com paradas cardiorrespiratórias, após serem atingidas por um dos muitos "tiros a esmo", dados por atiradores de elite, da elite! Enfim, caindo nas contas pessoais, os tributos que são usados como combustível para o motor do sistema despótico e cleptocrático, pra alta classe e seus demônios: fodam-se todas as favelas e todos os favelados.

A barbárie ocorrida em nossas vizinhanças, choca a população que não participa da composição étnico-cultural dos guetos, tanto quanto os índices de criminalidade da Albânia. Tanto é verdade, que os dados que registram as crises humanitárias no Brasil, ganham tipos diferentes de interpretação na visão burguesa. Por exemplo: o mesmo rico que julga o nível de insegurança em sua rua arborizada, alarmante e inadmissível, considera que os números da violência nas regiões negligenciadas estão completamente dentro da margem de cálculo do inevitável para as grandes capitais. Em outras palavras: estritamente no caso das sub-pátrias, os gráficos das carnificinas atendem as expectativas da alta classe e portanto, são aceitáveis.

Como você pode notar, quando o assunto são as mazelas referentes aos nossos calvários, as mesmas não se mostram assustadoras, pois "não dizem respeito" aos que são de fora. Os playboys que vestem branco e se manifestam em cima de caçambas de caminhões, pedindo adesões em abaixo assinados, protestam, unicamente, contra as atrocidades que um dia, porventura, podem vir a lhes visitar. Quando dizem: "precisamos de segurança", não estão reclamando fórmulas que evitem a morte prematura de meninos e meninas nos becos e vielas da exclusão, mas, projetos que impeçam que um de sua casta acabe num porta-malas, dando as senhas de seus cartões bancários e de crédito.

Pra quem respira outros ares, o que acontece dentro dos recintos marcados por setas, etiquetas e círculos de giz da polícia científica, só diz respeito aos que vivem nesses recintos. Veja bem... isso, desde que as regras da cadeia alimentar dos capitalistas, não sejam infringidas. Isso... desde que os tidos como "cidadãos de segunda classe", não venham a tentar se alimentar de tragédias envolvendo as pessoas da mítica "raça superior".

Enquanto as privações fisiológicas e materiais, só direcionam as Picantes para perfurarem compensados e madeirites, não existem preocupações relacionadas às redomas do descaso, afinal, tratam-se de "problemas internos". Enquanto as faces macabras da brutalidade ficam represadas em um dos micro-brasis, não há intervenções, referências ou sequer objeções partidas de fora, afinal, mesmo sem qualquer vestígio de soberania, tratam-se de genuínas divisões políticas ou se você preferir, traiam-se de genuínos estados-nação renegados por seu Estado nacional.

A nossa galáxia insignificante só começa a ter uma enorme relevância para a playboyzada, na fração de segundo, em que um projétil de A K 47 ultrapassa a linha demarcatória do permitido e atinge os vidros da sala que acomoda uma obra de arte de Picasso. A nossa galáxia insignificante só começa a ter uma enorme relevância para a playboyzada, na fração de segundo, quando um canalha cobiçando um cargo público bem remunerado, passa a necessitar de uma grande encenação bélica. Nessas circunstâncias, qualquer ato isolado de um extra brasileiro, é prontamente entendido pelos donos do poder, como um atentado terrorista! É prontamente entendido pelos donos do poder, como uma "invasão" de seu espaço aéreo e terrestre! Aí, literalmente, o bicho pega! Aí, a situação se torna alarmante e vergonhosa. Aí, as autoridades precisam tomar providências emergenciais urgentes. Aí, as famílias abastadas, que nunca tiveram qualquer preocupação política e social, montam institutos em nome da paz, para exigir retaliações armadas contra a infantaria das barrigas roncando.

Nos parágrafos não regulamentados dessa lei do Abate burguesa, os "invasores" devem ser transformados em pacientes irreconstruíveis para a medicina de guerra. Desta forma, minutos depois das tais "agressões", supostamente praticadas por favelados, os Estados falidos e indefesos são invadidos e varridos por veículos de transporte de valores adaptados, equipados com blindagem nível III, com capacidade para transportar (dependendo do modelo) até 20 assassinos. Vale ressaltar, que essas máquinas de matar, são aparelhadas com o que a de mais moderno em equipamentos de uso policial. Na lista de acessórios, "estranhamente", só não constam aparelhos de gravação de áudio e vídeo, o que possibilitaria o monitoramento da tropa covarde.

Minutos depois das tais "agressões", entra em ação, em cada carro de combate, a cavalaria especial dos agentes designados para agir em momentos de "graves crises de segurança pública". Entra em ação, a cavalaria dos agentes incumbidos com a "nobre missão" de atirar por diversas escotilhas em idosos, adultos, adolescentes e crianças e de satirizar, ofender, humilhar e ameaçar por meio de rádio e de sistemas de alto falantes instalados nas fábricas de caixões sob rodas, todos os moradores do perímetro tomado. Ao final das ocupações genocidas, a exemplo do ritual ocorrido em todas as guerras regulares entre países, bandeiras com o símbolo do vencedor, normalmente uma caveira empalada em uma espada sobre duas pistolas, são hasteadas nos topos dos morros em referência a conquista momentânea das sub-pátrias em questão. Esse ato estúpido, emite a seguinte mensagem codificada aos escravocratas contemporâneos:

- Aí patrão, pode dormir tranquilo. Vossa excelência ainda permanece no controle.

Com o incentivo do alto escalão político e a tolerância dos santificados "cidadãos de bem", cm dias de alerta vermelho, esses homens treinados somente para matar, fazem o que nenhum chef gourmet é capaz de fazer, o prato predileto da playboyzada: a tal omelete, quebrando todos os ovos que encontram pela frente. Em entrevistas coletivas concedidas por secretários de segurança, tornou-se corriqueira uma declaração usada para justificar o excesso cometido por parte das forças policiais cm suas operações: **"é impossível fazer omelete sem quebrar os ovos".** Esse tipo de colocação, nada mais é, do que uma estratégia chamada "guerra psicológica", na qual, as mentiras ditas centenas de vezes convertem-se em verdades inquestionáveis. Com o uso desse expediente, os genocidas conseguem manipular as populações, dentro e fora dos mim-países, a acreditar nas argumentações cínicas das "autoridades", que tentam suavizar as afrontas diretas e abusivas aos desprivilegiados, cometidas pelos sanguinolentos exércitos tia burguesia.

A fidelização do público em geral às groselhas onde são mergulhadas as desculpas fajutas para os morticínios, além de nos manter em silêncio, inativos e agradecidos pelas chicotadas dadas pelos neoescravocratas, nos faz participar de outro raro fenômeno existencial, ao tempo em que os boys nos enxergam como uma nação à parte, nós, componentes das nações à parte, não nos vemos sequer como um mesmo povo. E já que não vemos nem como participantes de

comunidades formadas por pessoas ligadas pela mesma linguagem, cultura e angústias, deixamos de aflorar em nossas mentes, a consciência sobre a precisão de nos defender e reagir, enquanto população homogênea e massacrada. Sendo assim, por conhecerem a nossa completa falta de sentimento de coesão, os ricos sabem, que ao se sentirem ameaçados com o soar dos alarmes de perigo, podem enviar para os fronts e trincheiras edificados pela omissão estatal e civil, toda a sua força policial arbitrária, corrupta, excessiva e violenta, pois não haverá nenhum tipo de bateria antiaérea para reprimir as suas rajadas. Não haverá nenhum tipo de bateria antiaérea para reprimir as rajadas das corporações regulares de homicidas e também para reprimir as rajadas de seus esquadrões da morte clandestinos, pistoleiros de aluguel, grupos de extermínio, justiceiros e milícias paramilitares.

As sub-pátrias não contam com delegacias policiais confiáveis, constituídas e dirigidas por seus habitantes, para investigar as mortes ocorridas nas chamadas incursões do exército inimigo. Com isso, aquele famoso corporativismo entre a polícia militar, polícia civil e de uma sub-pátria, um boyzão aprendem, que não se pode julgar e condenar alguém friamente, apenas porque no código penal, redigido e revisado, por juristas brancos defensores de uma parcela da sociedade, seus atos apresentam-se como infrações de leis injustas. Ao permanecer 5 minutos dentro de uma redoma do descaso, até o homem mais esnobe, ignorante e preconceituoso, começaria a perceber, o abismo que separa a miséria real da miséria romanceada em livros, descrita por professores universitários e exposta em alguns documentários comerciais.

Este último parágrafo, é muito importante para ajudar a desnudar um pouco mais a face do Brasil das maquinações, contradições e distorções. Se você observar, verá que nele eu expus, que a pobreza que assola os micro-territórios embargados, tem diferentes interpretações. Por mais incrível que possa parecer, a atmosfera nacional de cinismo, abriga dois tipos de miséria: a cênica e a autêntica. Vale a pena escrever rapidamente sobre elas.

Na miséria cênica, apresentada em trabalhos artísticos (aquela que o grã-fino usa como base para estabelecer seus veredictos condenatórios), o quadro de pobreza extrema se mostra completamente reversível. Bastando para isso, a força de vontade do povo, o trabalho duro, a esperança no desconhecido e a fé em Deus. Os dramaturgos burgueses gostam de retratar os Estados falidos nacionais, como verdadeiros refúgios provisórios de famílias pobres. Gostam de retratá-los, como se fossem quilombos contemporâneos, onde mesmo com todas as dificuldades e injustiças sociais, a felicidade permanece presente, pois vencer na vida, pra cada tiranizado, é só uma questão de tempo. Resumindo: na penúria surreal, adotada como parâmetro pelo rico, não é preciso seguir o caminho das escopetas para se chegar à tão sonhada conquista financeira, basta ser um cidadão honesto e pacífico, temente as religiões e aos homens de posses. Desta forma, alicerçados em suas fábulas teóricas, os boys não encontram motivos ou razões que justifiquem a violação de suas normas. E assim, consideram que os que o fazem, devem morrer.

Já na miséria das noites rasgadas pelos fragmentos de chumbo expelidos pelas AR-15, a situação de indigência se mostra implacável e praticamente invencível.

Deixando as pessoas afetadas por cia, como se fossem doentes terminais, com pouquíssimas chances de uma sobrevivência digna. Em muitos casos, sobreviver de forma honrosa, significa puramente, recorrer à um tratamento extremista, com diversas doses do remédio que tem uma pistola com silenciador e mira laser, como princípio ativo.

De volta a ideia das placas convidativas... Quem sabe, ao ouvir as vozes de seus reféns, ao saber os seus nomes, ao tocar em suas mãos e constatar se tratar de gente, os integrantes da classe genocida começassem a pensar duas vezes antes de criminalizar a nação favelizada e passassem a desconsiderar a existência de um dos maiores mitos de sua mitologia burra: "o criminoso por natureza". Quem sabe, ao visitarem as suas senzalas e averiguarem a intensidade das feridas que provocam em seus escravos, alguns deles viessem a esboçar algum sinal de consciência sobre a sua inegável culpabilidade. Quem sabe, através do tal mecanismo de visitação, os crápulas começassem, um a um, a se colocar no lugar do tipo mais comum de réu no Brasil e a se indagar: será que eu também não seria "bandido", desempregado, passando fome e vendo minha família privada até dos itens mais básicos para uma subsistência medíocre? Será, que inserido num contexto social, onde a única porta de saída do inferno e de entrada para a sociedade do consumo, é o cadáver de uma vítima, eu também não sequestraria os filhos da tesoureira do banco e a obrigaria ir à agência em que ela trabalha, com câmeras e explosivos instalados no corpo e voltar com os malotes abarrotados de dinheiro?

A experiência do contato direto entre oprimido e opressor no âmbito de uma pátria órfã, não teria como objetivo a humanização da criminalidade e sim, a humanização da esfera dominante. Se for verdade, que os endinheirados têm coração, sentimentos como o remorso e a solidariedade, poderiam vir a ser despertados. Se for verdade, que os endinheirados têm cérebros funcionais, poderia se desabrochar em seus sistemas neurais, o entendimento sobre a complexidade conexa em cada ato criminoso.

Ao invadir os seus ouvidos, os relatos dramáticos de suas presas, não teriam a função de eufemizar as retaliações violentas que o burguês nos obriga a praticar contra os seus regimes injustos, mas de exibir o grau de burrice dos que idealizam e investem na eternização das sub-pátrias e seus índices assustadores de escassez e brutalidade. Os *relatos dramáticos* dos menos favorecidos, teriam o desígnio de explicitar para os que reproduzem as atitudes tirânicas de seus antepassados estúpidos, que cada pensamento fora da lei, é gerado na lacuna deixada pela falta de amor ao próximo por parte das pestes que controlam as sub-pátrias, direto do conforto das Casas Grandes.

Vedar um nada ilustre visitante, num panorama de barracos emanados pela poeira trazida pelo vento das vielas sem asfalto, pode servir para fazer com que ele aprenda, que: toda arma em punho num assalto, se enquadra no artigo 157, mas, cada artigo 157, tem a sua motivação desesperadora particular.

Vedar um nada ilustre visitante, na realidade à margem da sociedade, pode servir pra que ele aprenda, que: aquele saco de arroz supérfluo que apodrece em meio às teias de aranha de sua dispensa farta, pode ser o motor para a transformação de um

cidadão honesto, em um monstro.

De uma coisa eu sou convicto, não é assistindo novelas, minisséries e filmes cm coberturas triplex, que os que herdaram patrimônios e facilidades imorais, entenderão as reações extremas das pessoas rebaixadas à capachos dos novos barões de café. Para se compreender os atos daqueles que convivem com o fantasma da privação absoluta, é preciso viver a mesma desgraça, nem que seja por 24 horas.

A **Guerra Não Declarada** e a omissão estatal e elitista, conseguiram um feito "extraordinário"; transformaram as áreas ocupadas por cidadãos simples, motivados pela aflição, indignação e fúria ocasionadas pelo déficit de moradias, em territórios inimigos do Brasil oficial. Os playboys fizeram, com que o sonho da casa própria, se convertesse no pesadelo dos bolsões de exclusão, que dão forma aos micro-países bloqueados, econômica e socialmente, pelos membros da aristocracia demoníaca. Os metros quadrados, que a princípio deveríam abrigar temporariamente a solução para o drama habitacional, com o tempo foram metamorfoseados em zonas perpétuas de combate.

Os conjuntos de residências precárias e inseguras, que deveriam ser vistos como bairros humildes, passíveis de consternação, ganharam a conotação inadequada de: "bases militares". Logo, os seus moradores, no lugar de inquilinos da incompetência da gestão da máquina pública, receberam o título não merecido de: soldados de "exércitos populares". Exércitos esses, segundo declarações inverossímeis dos senhores das guerras, com mais poderio bélico do que as forças militares regulares. Na visão desvirtuada dos opressores, todos os brasileiros renegados pela "mãe gentil", mais do que estrangeiros, são fuzileiros bem armados e treinados, prontos pra vender drogas para os seus filhos e ludibriar os porteiros dos prédios de luxo, na tentativa de promover arrastões.

Para nos aproximarmos da magnitude da política de isolamento, da qual todos os favelados são reclusos, e preciso, tão somente, nos atermos à um dado importante; a situação calamitosa das sub-pátrias que passa despercebida pelos radares das organizações mundiais, cujo propósito é a proteção e o estímulo do progresso social, tios direitos humanos e da paz, quando ocorre em outras regiões do planeta, é vista como um verdadeiro Estado de Sítio medieval.

Os brasileiros não brasileiros, nos dias de hoje, sovem sob um tipo de castigo geral, bem parecido com o imposto aos palestinos por Israel. O drama no Oriente Médio, que deixa os voluntários da Anistia Internacional estupefatos, é bastante similar ao vivido pelos famintos que mesmo sem R$1 no bolso para comprar uma garrucha, são taxados de terroristas.

O que impede os bombardeios da Otan aos palácios de ditadores do Brasil, à exemplo do ocorrido na Líbia e as manifestações das instituições filantrópicas, é simplesmente a ilusão de ótica produzida pelos parasitas da alta classe local, para confundir o sistema visual dos gringos. A iluminação dos ensurdecedores trios elétricos, é perfeita para ofuscar as vistas dos integrantes de comitês humanistas. Com o brilho intenso das fantasias de carnaval e a ausência de barreiras físicas de oito metros de altura, separando as periferias e as favelas das faixas nobres, somente alguns extra brasileiros são aptos para verificar a existência dos nossos Gulags.

Independente de qualquer parecer internacional, uma coisa e certa: nenhum aglomerado de habitações no planeta, se aproxima tanto dos campos de concentração nazistas do que as sub-pátrias nacionais.

Nos assentamentos de refugiados espalhados mundo afora, é comum que a população seja atacada pela fome, por epidemias ou pela violência. Nesses reinos das trevas estrangeiros, ou o tormento surge em consequência de uma mazela ou de outra, raramente os três males agem de maneira simultânea. É somente nas ocupações das zonas desvalorizadas do Brasil, que testemunhamos a fatídica atuação em conjunto, da tríade responsável pelos adicionais por hora extra nos holerites dos coveiros.

Não se trata de bairros pobres, mas de alas de martírio!

Eu, você e todos os outros enclausurados nas redomas do descaso, atendemos à quase todos os requisitos das Convenções de Genebra, para a definição de um prisioneiro de guerra. Já nascemos capturados e desde a saída da maternidade, permanecemos encerrados em detenções com ou sem muros. Não é porque não estamos isolados por arames farpados e cercas eletrificadas, que deixamos de vegetar em centros de confinamento. Não é porque não vemos torres de observação, com vigias munidos de metralhadoras e espingardas de longo alcance, que deixamos de vegetar em centros de confinamento.

Os muros invisíveis que nos limitam como animais, são os maiores muros da vergonha que se tem notícia. Os mesmos intelectuais que comemoram a derrubada do muro de Berlim, são os que cimentaram esse obstáculo asqueroso entre o povo de uma mesma nação. O interessante, é que normalmente, os arquitetos de muros da vergonha, terminam ajoelhados frente à muros das lamentações. Ou melhor; frente aos muros das lamentações dos condomínios fechados, pedindo clemência aos tais soldados dos "exércitos populares".

E é justamente, o temor à chegada desse trágico dia; o dia do acerto de contas, que faz com que os porcos capitalistas entrem em desespero e busquem todo o tipo de soluções absurdas, como a instalação de placas de alerta para o seu povo. Ao levarem em consideração as leis do Brasil oficial, os inimigos dos pobres chegam a conclusão, de que mesmo chacinando gerações e mais gerações de favelados, serão sempre considerados inocentes e absolvidos por seus jurados e juízes. Porém, o mesmo não se pode afirmar em relação aos julgamentos ocorridos nos plenários de compensado e madeirite, apoiados no código penal das sub-pátrias. Todo opressor canalha sente, que existe um mandado de busca e apreensão expedido em seu nome, pela nação dos favelados. Todo opressor canalha sente, que a sua prisão preventiva está decretada, que uma vez preso, não terá direito a fiança ou habeas corpus e que jamais poderá esperar por seu julgamento em liberdade.

Os tribunais de justiça dos Estados falidos, são famosos por seu rigor, eficiência, rapidez e por seus veredictos, os quais não cabem recursos de apelações para impugnar as sentenças. Enquanto no Brasil oficial, entre o inquérito policial e o trânsito em julgado de um processo, uma decisão judicial definitiva demora anos ou até décadas, na favela, em minutos temos o veredicto, a condenação e a execução. No caso da playboyzada, devido a consciência amplamente pesada, eles imaginam

que o pronunciamento da sentença seja ainda mais veloz. Pois diante de seus antecedentes e da culpa comprovada, teoricamente, tornar-se-ia desnecessário que o acusador local se desse ao trabalho de ler o libelo acusatório para o corpo de jurados. A projeção da impossível absolvição, faz os assassinos sociais tentar de todas as formas evitar os bancos dos réus, sob os chãos de terra batida e o calor insuportável dos tetos improvisados com lonas. Sem direito à um advogado de defesa (a exemplo de sua justiça cm relação aos pobres) e tendo ampla ciência da gravidade de seus crimes contra a humanidade, cometidos cm conluio com sua corja de tiranos, o acusado reúne totais condições para antever com exatidão, que nem por um milagre, escapará da pena máxima. de posse da noção exata dos pecados que cometeram, quase todos os nossos rivais deduzem, que a entrada de um bacana numa zona ie não direito, seguirá apenas um roteiro:

- Então parceiro, para o carro! Conhece quem? Veio fazer o que aqui?

Gaguejou, não soube responder, não tinha uma visita previamente agendada à casa de um parente, então já era, espada de samurai e depois microondas! Em determinadas circunstâncias, não é preciso nem do interrogatório, só o comportamento da pessoa em questão, já denuncia o seu desconhecimento sobre as regras locais e a sua condição de forasteiro. Para a identificação de um inimigo perdido, sem a necessidade de uma pergunta sequer, basta que ele não mantenha o seu sedan do ano em velocidade reduzida, com os faróis baixos, luz interna acesa e vidros abaixados. Se estiver pilotando sua Harley Davidson, basta que tanto ele, quanto o acompanhante, estejam de capacetes.

As dimensões dos requintes de crueldade selecionados especialmente para os monopolizadores do poder, em represália instintiva às suas esculturas do descaso e abandono, chamadas "favelas", são medidas por eles, no juízo final, destinado aos seus amados policiais. O policial, ser desprezível que simboliza a violência estatal e a extensão dos mórbidos desejos burgueses, uma vez cativo nas chamadas áreas de risco, ganha uma noite no colo do capeta. Uma noite no colo do capeta, com direito a promoção de um civilizado e democrático plebiscito popular, para a escolha da morte mais dolorosa que lhe será imposta.

Partindo desta comprovação verídica e palpável, os endinheira dos se põem a "pensar":

- Se eles esmigalham o cão de guarda, o que não fariam com o seu dono?

Transtornados pelo pânico, é só a imprensa noticiar, que o churrasqueiro de um limbo invisibilizado assou o corpo de um dos seus capitães Nascimento, para que os pilhadores das riquezas do povo acordem molhados de suor, depois dos pesadelos onde aparecem amarrados com fitas adesivas e encharcados de gasolina, ao tempo em que pessoas riscam fósforos e gritam:

- VAI MORRER. VAI MORRER. VAI MORRER...

E só a imprensa noticiar, que as equipes de operações especiais cruzarão as fronteiras de um dos mini-brasis, com o objetivo de reaver o que sobrou de um dos

super-heróis dos acumuladores de fortunas de sangue, para que as seguradoras elevem os gráficos de apólices de seguro de vida contratadas.

Eduardo

Experiências de Guerra

Ser atendido, internado ou operado em um hospital do SLS (Sistema Único de Saúde), sistema esse que foi criado com a finalidade de "alterar" a situação da desigualdade na assistência à saúde da população, é o mesmo que assinar um atestado de óbito. Na rede hospitalar, que poderia perfeitamente adotar como sigla de identificação as letras "SOS", do tradicional pedido de socorro, pois é justamente o que os pacientes desejam, depois que adentram as suas dependências, a malvadez do inimigo não fica restrita aos ataques bacteriológicos que nos executam através de infecções hospitalares ou as ofensivas químicas embutidas nas medicações. Ao preencher a ficha de atendimento em uma das muitas recepções forradas de pessoas debilitadas, acomodadas em cadeiras de plástico desconfortáveis ou estiradas cm pisos imundos e gelados, além de estarmos nos cadastrando para a intensa exposição aos riscos causados pelas citadas armas de guerra, também estamos assumindo ingenuamente, a possibilidade real de sermos transformados em cobaias. Também estamos assumindo ingenuamente, a possibilidade real de sermos transformados em material biológico, destinado à experiências com fins didáticos e científicos, cm benefício da classe dominante.

A saúde pública brasileira, não passa de um grande laboratório clandestino. Os ambientes onde chegamos às pressas, com a esperança de cura para as patologias pré-fabricadas para nos consumir, são na verdade, centros de excelência cm pesquisas em favor da indústria farmacêutica e da saúde da playboyzada. Nesses lugares, marcados pelo entra e sai de ambulâncias, a última coisa que ocorre é o pronto reestabelecimento dos que carregam enfermidades lucrativas. O sistema não adoece o povo, para depois erguer centros médicos modernos e salvá-lo. O sistema adoece o povo, para assegurar votações, obras superfaturadas e para que a indústria dos remédios teste a eficácia de suas novas drogas, direto em seres humanos pobres. Os testes realizados em animais demandam tempo, dinheiro e ainda não garantem 100% dos resultados esperados, já que o homem reage de forma diferente à determinadas substâncias. Sendo assim, para evitar prejuízos nos negócios, nada melhor para as mentes doentes por papel moeda, do que ter à sua disposição órgãos de marginalizados, para que seus "cientistas" colham valiosas informações. Pouco importa, se os cidadãos reduzidos à camundongos deixarão os leitos hospitalares com sequelas para toda a vida, ou se nem os deixarão, o que interessa, é que a empresa que subornou o plantão médico, consiga o curinga que a coloca à frente de sua concorrente na corrida capitalista. Quem se incomodará se um experimento for malsucedido e terminar em óbito? Só a família do assassinado? Negativo! Ela, os estagiários de medicina e os doutores recém-formados. Os mesmos cidadãos, convertidos em colaboradores involuntários da "ciência", também são usados para que os filhinhos de papai treinem e exercitem na prática, os conteúdos teóricos

adquiridos em sala de aula, a fim de aumentar suas notas e ampliar o conhecimento que assegurará o não cometimento de erros, quando estiverem atuando em hospitais particulares como: o Albert Einstein, Sírio-Libanês ou o São Luiz.

Enquanto a sociedade discute se é ético ou não, extrair células tronco embrionárias de embriões que serão descartados por clínicas de fertilização, a aristocracia nacional, livremente, reconstrói seus corpos a partir dos resultados obtidos das desgraças de favelados. Enquanto a comunidade científica e os religiosos disputam uma queda de braço em favor da vida, pessoas de carne e osso são coisificadas, retalhadas e envenenadas, numa espécie de vestibular para a saúde sete estrelas.

Depois de termos as nossas vagas nas faculdades públicas de medicina roubadas e entregues aos herdeiros, ainda somos envolvidos em operações ardilosas, direcionadas para o aperfeiçoamento de suas formações médicas. Para que o grau de exigência da burguesia seja atendido, não basta que os "profissionais" da área aprendam disciplinas folheando apostilas, trancados dentro de classes. O certificado de qualidade e a honraria máxima concedida por um rico, a de "médico da família", só são obtidos após temporadas em campos de treinamento. Após o treino realizado com gente e doenças de verdade! Os hospitais e postos de saúde que "atendem" as periferias, tornaram-se i etapa final dos cursos de medicina da burguesia. Nesses, literalmente; corredores da morte, os aprendizes que servirão a alta classe, tem à sua disposição, um programa completo de especialização, que oferece graduação desenvolvida em recinto médico-hospitalar e ambulatorial, com direito a uso livre e irrestrito de cobaias humanas vivas para estudos. Se nas escolas públicas é comum que pais e alunos reclamem da ausência de livros, cadernos, giz, apagador e lousa, no estágio derradeiro do aprendizado em medicina, uma coisa é certa, os estudantes oriundos dos bairros de luxo, nunca sentirão falta de material escolar. Afinal, o Estado, comandado por seus pais, jamais deixará faltar um moribundo sem posses estendido em uma mesa de cirurgia para que eles façam picadinho.

Nos campos de treinamento dos herdeiros, as pesquisas relativas a situações simuladas em computadores, são completamente abolidas. O educando aprende a dissecar pacientes com as próprias mãos, aspirando o cheiro do sangue ainda em circulação. Neste processo de "ensino", eliminam-se as gravuras ilustrativas dos livros e apresenta-se ao vivo a anatomia interna do corpo humano, através de um tórax aberto ao meio. Nessa metodologia "educacional", o funcionamento fisiológico e metabólico dos desprivilegiados, mais do que ser observado e pesquisado em tempo real, pode também ser gravado em vídeo por celulares e filmadoras, para que os herdeiros compartilhem as imagens com amigos e familiares ou para que as postem no YouTube. Algumas dessas "obras primas" colocadas na rede mundial de computadores, sem a autorização do enfermo ou de seus familiares, ganham até ares de super produção, com legenda e narração formal:

- Agora senhores, vamos acompanhar o lento batimento cardíaco de uma pessoa com mau de chagas.

- Observem como o coração está inchado e com uma coloração diferente...

Normalmente, os vídeos de intervenções cirúrgicas, tem continuação na internet.

A passagem de um de nós pelo SUS, gera uma franquia com dois campeões de bilheteria: Condenados parte I; leito de morte e Condenados parte II; a autópsia.

Vivos ou mortos, os playboys adoram nos desmembrar em frente às câmeras!

Ao terminar de aproveitar toda a carga horária dos programas e residências médicas, realizados sob as orientações de profissionais "padrão ouro" da especialização médica e de fazer as anotações macabras em seus caderninhos de notas, os doutores da alegria dos endinheirados estão mais do que capacitados para ofertar os melhores serviços de prevenção, diagnóstico e cura de doenças, que um cheque especial pode pagar.

Enquanto os ricos recebem cuidados dos profissionais mais bem treinados e preparados da medicina do país, os que estão encerrados abaixo da linha da indigência são obrigados a deixar as suas saúdes precárias, a cargo de pessoas inexperientes, incompetentes, negligentes e insensíveis. São obrigados a deixar as suas saúdes precárias, sob a tutela daqueles que durante as suas estadas nas unidades hospitalares das regiões desvalorizadas, tratam todos os que precisam de ajuda, como verdadeiros animais. Opa! Por favor, deixe-me fazer uma pequena correção nessa colocação. Somos colocados em um patamar muito abaixo dos animais. Nem eles são tratados com tanta falta de amor, carinho e respeito. Quem dera, se no Brasil fossemos nivelados aos animais! Maus tratos contra um cachorro ou um gato, geram ondas de revolta, comoção e pressão da opinião pública.

Por exemplo: eu nunca tive notícias de passeatas contra o uso de humanos com vida, nas inúmeras experiências promovidas pelo SUS, por outro lado, a sociedade protetora dos animais constantemente protesta em praça pública, em repúdio a experimentação animal feita por indústrias, faculdades e forças armadas. Aqueles que amam os bichos lutam contra a vivissecção, que significa: dissecação anatômica, feita em animais vivos, com fins experimentais. Infelizmente, são pouquíssimos os que lutam contra a vivissecção realizada em moradores das zonas de exclusão! Não existe sociedade protetora dos homens, mulheres e crianças de baixo poder aquisitivo! Somente alguns raros voluntários aceitam, individualmente, declarar guerra contra as atrocidades que ocorrem nos locais que, a priori, deveriam salvar vidas. Eu sou um deles!

Em função da crueldade contra animais ser crime previsto no artigo 225 da Constituição Federal e no artigo 32 da Lei de Crimes Ambientais, os boys optaram por proteger os postulantes aos cargos de médicos classe A, da propaganda negativa relacionada a desumanidade. Desta forma, para evitar desgastes com ativistas e processos criminais por matarem porcos, coelhos e hamsters, os membros da alta sociedade preferem que seus pupilos se mantenham "íntegros" e dentro da lei, restando suas vacinas e medicamentos letais nos invisibilizados dos cinturões da miséria. Juridicamente e socialmente, os pobres são cobaias perfeitas para que os alunos e professores aflorem as suas personalidades Josef Mengele, fazendo experimentos que causam dor, stress, danos físicos e mentais e morte. Raramente, o uso de espécies oriundas das sub-pátrias gera polêmica, levanta discussões

acaloradas ou acaba em sanções de natureza administrativa ou penal.

Antes de prosseguir, quero fazer um esclarecimento: no Brasil, os animais foram substituídos pelos favelados apenas nas pesquisas e estudos realizados na busca de curas para as patologias dos endinheirados. Nas indústrias de cosmético, produtos de limpeza e até automotivas, eles continuam sendo subjugados conscientes e sem analgésicos, por desalmados homens de negócio, em testes de produtos comerciais. Animais ainda continuam sendo expostos à sessões hediondas de tortura, para que nossos olhos não lacrimejem em contato com o shampoo, para que a nossa pele fique perfumada ao usarmos determinado sabonete ou para que o motorista possa encher o rabo de whysk e estraçalhar seu carro num poste, com a certeza de que o air bag, que matou milhares de babuínos em Crash-tests (testes de impacto), o livrará da sepultura.

Não há como deixar de fazer uma analogia dos fatos hediondos comuns na saúde pública, com as experiências medicinais do médico alemão Josef Mengele. Mengele era o coronel-"médico" da SS (a tropa de elite nazista), que durante a segunda guerra mundial ficou conhecido como: o "anjo da morte". O apelido lhe foi dado, em referência a sua participação direta na tortura e assassinato, em nome da ciência nazista, de cerca de 400 mil pessoas, no campo de concentração de Auschwitz. Basta analisarmos as ocorrências do SUS, que veremos o brilho mórbido de suas "auréolas", na atuação "impecável" de seus discípulos. Os seus ensinamentos estão presentes, na criança que quebra a perna e sai do Pronto Socorro com a mesma amputada; nas radiografias pós-cirurgias, que frequentemente apontam a presença de luvas e outros utensílios hospitalares, esquecidos dentro de cavidades abdominais; nos incontáveis diagnósticos equivocados, que provocam o falecimento mensal de centenas de pacientes e na inabilidade daqueles que foram selecionados para cuidar dos enfermos carentes, em indicar doenças e tratamentos.

É impossível não nos sentirmos como as presas do anjo da morte original, sabendo que não passamos de moléstias sendo estudadas, para que os resultados beneficiem os que podem arcar com os custos de uma saúde de primeiro mundo. Se sairemos em direção à porta da rua ou a porta do necrotério, é só um detalhe. Para os seguidores de Mengele tanto faz! O que interessa é que ofereçamos em nossos corpos adoecidos, o tumor, o vírus, a bactéria, o ferimento, enfim, o material para o aprimoramento de suas análises.

As semelhanças com as vítimas de Mengele são tantas, que se não fosse por um pequeno diferencial, eu afirmaria que somos a sua continuação; após a morte, mesmo os judeus sendo enterrados em covas rasas e coletivas, eles descansavam em paz. O mesmo, dificilmente acontece conosco. Depois de em vida, colaborarmos a contragosto para a ampliação dos conhecimentos dos boys na arte da cura, quando mortos, prosseguimos em nossa saga de contribuidores por coação criminosa para o progresso da ciência. Ao invés de deitarmos cm um caixão, somos comercializados para as faculdades de medicina, para lá, protagonizarmos os papéis de rãs. Alguns de nós chegam a ser vendidos em fatias, para facilitar o processo educativo. Os pedaços de uma existência sofrida, boiam em vidros repletos de formol, sem causar qualquer constrangimento ou comoção. Os restos mortais de uma pessoa que teve

importância para os seus, que foi chamada de filho, pai ou mãe e que provocou lágrimas em sua partida, não desperta emoções nos riquinhos. Isso porque, em suas visões destorcidas, ser objeto de pesquisa fúnebre, é uma das funções sociais dos considerados cidadãos de segunda classe. Aqueles que rasgam as nossas vísceras, tem mais pudor e pesar quando cortam um pedaço de carne de boi, em cima de uma tábua de bater bife.

Ao esquartejarem o homem sem nome, apelidado de indigente, os futuros médicos dos bacanas cometem dois crimes previstos no código penal: destruição de cadáver e vilipêndio (desrespeito aos mortos e aos sentimentos de seus parentes). Obviamente, em um caís onde a classe dominante adoece pessoas menos favorecidas cura lucrar com os seus males, não devemos esperar que os descarnamentos de nossos corpos sejam vistos como atos infracionais. Tanto para as pessoas à frente das instituições de educação superior, quanto para magistrados, esse é o fim natural da trajetória dos que foram desfigurados pela penúria absoluta. Pra playboyzada, somos como o rebanho de gado que o criador aproveita tudo: enquanto vivo tira o leite, depois de morto vende a carne, o sangue, os ossos, os pelos, as peles, etc...

Se não fosse o temor as críticas da igreja e a reprovação por parte de algumas organizações internacionais de direitos humanos, os poderosos ampliariam o leque de utilidades de nossos cadáveres. Em tal hipótese, no lugar de nos limitarmos a condição de fornecedores de esqueletos, faringe, esôfago e pulmões para estudos, abasteceríamos a indústria de consumo, como matéria prima para a fabricação de bens duráveis.

E quase certo, que por esbarrar em preceitos morais, a reciclagem e conversão de nossos restos mortais em cinzeiros e pentes de cabelo, nunca ocorra. No entanto, não duvide, que se um dia os ricos brasileiros dominarem a técnica da polimerização (método de conservação, que deixa os corpos com um ar de plastificação, exibido há alguns anos na mostra Corpo Humano Real e Fascinante), mendigos, prostitutas, detentos e ex-presidiários acabem apresentados como estátuas em exposições. Com essa tecnologia sob o domínio do topo da pirâmide, somada ao juízo de valor que os mais privilegiados fazem dos pobres, os exemplares dos grupos mais marginalizados, fatalmente, seriam negociados em lojas de shopping como obras de arte. Não me surpreenderá, se no futuro, os bacanas brindarem os seus êxitos em negociatas, contemplando favelados sem vida decorando suas residências suntuosas. Não me surpreenderá, se no futuro, tomarmos os lugares dos animais empalhados e das cabeças de leões ou tigres, que ficam expostas nas salas de troféus de caça. Afinal, conforme os ditames da tirania burguesa e estatal, no plano carnal ou espiritual, a razão de nossa existência e prover ganhos e confortos para nobres. Não há como deixar de prever destinos assustadores, quando se subsiste na inaceitável condição de: roedor de ensaios clínicos em tempos de **Guerra Não Declarada.**

Sem o uso de anestesia, Josef Mengele uniu vasos sanguíneos e órgãos de gêmeos e os costurou uns aos outros, na tentativa de criar irmãos Siameses. Fez operações e amputações desnecessárias. Contaminou suas vítimas, na maioria crianças, com bactérias, vírus, febre amarela, cólera e tuberculose. Em seus corpos

criou diversas feridas, para que novos medicamentos fossem testados. Em seus olhos, injetou quantidades de tinta azul para análises posteriores das reações. Por último, dentro de seus incontáveis rituais insanos, queimou prisioneiros com bombas incendiárias e emergiu outros tantos em águas geladas, para observar os efeitos da hipotermia. Em qualquer outro país, a capivara desse criminoso de guerra, deixaria as pessoas boquiabertas. No Brasil, Mengele não passaria de mais um doutor, em mais um dia de "trabalho".

A similaridade de seus atos com as tragédias ocorridas no SUS é tamanha, que você leitor pode até estar achando que eu tenha me confundido e ao invés de ter citado as experiências realizadas por um psicopata nos anos de 1940, tenha descrito o cotidiano dos hospitais públicos brasileiros.

Caro leitor, as monstruosidades que relatei, são referentes sim, as praticas ocorridas no chamado: Zoológico (nome dado aos barracões dos campos de extermínio, onde eram acomodadas as cobaias humanas selecionadas para os experimentos) - porém, aviso desde já, que qualquer semelhança não deve ser descartada como mera coincidência. Pois, provavelmente, tais hediondidades devam ser leitura de cabeceira dos "renomados e respeitados" médicos, que atuam nos açougues destinados a "amenizar" o sofrimento dos habitantes dos limbos periféricos.

Em qualquer outro país, Mengele seria julgado e condenado por seus crimes contra a humanidade. No Brasil, as suas infrações não causariam sequer a abertura de uma simples sindicância ou a abertura de um inquérito policial para apuração dos fatos.

A atmosfera local de desvalorização de cidadãos pobres e a impunidade reinante, afiançam a incidência gigantesca de desgraças eviráveis. Por mais grave que seja o "erro" médico, por mais sequelas que ele deixe em uma pessoa e por mais falta de ética que um profissional da saúde apresente durante o desempenho de sua função, não existirão punições.

O ambiente desregrado, sucateado, abandonado e sem fiscalização de órgãos competentes, é um convite para que os seguidores do anjo da morte atendam em consultórios públicos e cobrem pelas consultas. E um convite para que os seguidores do anjo da morte, só marquem datas e realizem cirurgias, mediante ao pagamento de somas vultosas.

Quem veste o jaleco branco para assassinar pacientes e roubar-lhes seus órgãos, ganha apartamento de frente pro mar. Quem extorque pessoas desesperançadas à beira da morte, ganha utilitário esportivo para passear. Quem usa o estetoscópio e as seringas de injeção, com propósitos destoantes do juramento de Hipócrates feito no dia da formatura, sabe que, praticamente, não existe violação contra favelados que culmine em cassação de um registro profissional pelo Conselho Federal de Medicina.

Aquele que jurou nunca usar o seu poder e conhecimento para causar dano ou mal a alguém, sabe que nos vales das lágrimas, quem assina a cédula de identidade de médico, é praticamente
inimputável e incondenável.

Explodir uma ala inteira cheia de crianças carentes com câncer, não e garantia, de que o doutor responsável pelo atentado perderá o direito de exercer a sua profissão. Para que haja o acontecimento sobrenatural da; suspensão do exercício da medicina, é preciso no mínimo, que uma denúncia efetue a proeza de chegar ao Conselho Regional de Medicina, em que o infrator esteja inscrito. Essa tal de núncia, pode ser feita pela Comissão de "Ética" Médica do hospital (composta por médicos) onde tenha se dado o ocorrido, pelo Ministério Público, delegados de polícia, juízes, familiares e pelos próprios pacientes sobreviventes. Acho que eu não preciso escrever, o quanto é pra lá de remota, a chance de médicos denunciarem outros médicos. Tão pouco, creio que seja necessário que eu discorra a respeito da famosa; "vontade e dedicação", do Ministério Público, dos delegados de polícia e do Judiciário, em defender os interesses do povo. Sendo assim, na hipotética situação da explosão, só restariam os familiares e os pacientes sobreviventes para a tomada da medida cabível, que a tal circunstância levantada exigiria. Este fato, reduz consideravelmente a probabilidade de um anjo da morte pagar por danos causados por suas ações de incompetência ou má-fé.

Além de vencer a falta de estímulos ocasionada pelos exemplos de impunidade vistos em casos parecidos na TV e os muitos conselhos de; NÃO VALE A PENA, partidos de funcionários dos hospitais, a pessoa lesada que deseja entrar cm uma cruzada por justiça nesse campo, precisa estar numa maré de sorte pra Gastão nenhum botar defeito. Pois só com muita sorte, uma acusação é aceita por uma secretaria do CRM. Outra coisa, acusação aceita, não é sinônimo de veredicto favorável para o reivindicante. Afinal, os dados concernentes a uma suposta violação, depois de recolhidos por um conselheiro sindicante nomeado, são julgados por uma Câmara composta por seis médicos conselheiros e delegados, cuja tarefa é optar pelo arquivamento ou abertura de processo disciplinar. Você não leu errado. É isso mesmo! A reclamação endereçada contra um médico por negligência, imperícia ou imprudência, é analisada por uma comissão de colegas de profissão. Como eu e você sabemos, a relação entre colegas de trabalho, na maioria das vezes é caracterizada pela amizade, apadrinhamento de filhos, interesses incomuns e pela participação nas mesmas comunidades do Orkut, aquelas do tipo: eu adoro absolver meus parceiros. Durante o período de apreciação da acusação, o lobby e o corporativismo entram em cena. Sem isenção na apuração dos fatos, sempre se é tomado partido em favor do denunciado. Resultado: caso arquivado já na primeira etapa. Mesmo com indícios suficientes, urna denúncia raramente se transforma em uma sindicância. Mesmo com provas irrefutáveis, uma sindicância raramente se transforma em um processo ético profissional. E mesmo comprovado um crime, só por milagre, acaba em exoneração ou em cumprimento de pena. Traduzindo: dentro de um hospital público, só haverá advertência ou demissão, caso a troca do soro de seu filho por vaselina líquida, tenha como culpado alguém da área de enfermagem. Se tal bizarrice for cometida por um médico, a mesma constará nos respectivos autos (se houverem) como pura fatalidade. Quando se tratam de médicos, a irmandade presente nos laboratórios do SUS, é tão ou mais impressionante, do que a da Yakuza.

As ocorrências fatídicas, onde culpados são inocentados, ao tempo em que

favelados são enterrados, mais do que exibir a falência do setor, nos mostram que onde quer que seja; numa viela, numa classe escolar, no interior de um ônibus, numa cela ou num consultório médico, os mais abastados tem poder de vida e morte sobre a faixa populacional esquecida. Com metralhadoras ou tesouras cirúrgicas, eles estão livres para nos exterminar a bel prazer.

Para quem mora num dos milhares de bairros deixados de fora dos programas políticos e sociais, trombar uma viatura ou esperar a chegada de uma ambulância, tem a mesma conotação dramática. Entrar sob custódia em uma delegacia ou deitado numa maca cm um pronto socorro, não faz muita diferença para o nosso bem-estar. Devemos nos preocupar ao vermos um gambé correndo em nossa direção com uma pistola 1.40 e nos preocupar ainda mais, ao avistarmos os homens e mulheres, na maioria brancos, vestidos de branco, que executam exames relâmpagos com a finalidade de nos dispensar o mais rápido possível. Ao olharmos para a criatura que senta numa cadeira e do alto de sua prepotência prescreve medicamentos que são contraindicados para os nossos males, mas indicados para a lucratividade da empresa que financia a escola de seus filhos, temos que refletir e nos questionar:

- Será que estou diante do médico ou do monstro?

- Sou um paciente ou um porquinho da índia, a mercê da sanha comercial da indústria farmacêutica e da ganância desenfreada dos ladrões do topo da pirâmide?

As respostas para essas perguntas virão com o desenrolar dos dias. Se você sobreviver, você era o paciente e ele o médico. Se você morrer em casa ou peregrinado atrás de atendimento em qualquer uma das pocilgas do SUS, ele era o monstro que te tratou como um porquinho da índia, usado para a produção de vantagens financeiras para canalhas.

Pra finalizar, por lei e por justiça moral, aquele que é proibido de estudar medicina, não poderia ter o seu corpo usado nas aulas de anatomia, que visam dar a riquinhos, diplomas de doutores. Não são os cadáveres não reclamados vindos das favelas, que devem ser abertos por bisturis em autópsias com propósitos "educativos" e sim, os dos playboys. Se os cargos mais altos da saúde são reservados aos filhinhos de papai, eles que supram a demanda por defuntos nas universidades. Eles que doem as suas carcaças para a evolução da medicina, da qual são monopolizadores. Igualmente, os burgueses parasitas é que tinham que ser os humanos usados como cobaias vivas em hospitais, prontos socorros e postos de saúde da rede pública. Já que todos os resultados das pesquisas "científicas" só favorecem uma classe, nada mais correto e justo, que essa classe seja desossada nas baterias de testes de seu interesse.

Barracas de Feridos à Moda da Casa

Se levarmos em consideração, apenas a média nacional de prontuários médicos preenchidos por vítimas de arma de fogo, podemos afirmar que: as alas de emergência dos hospitais públicos brasileiros, são genuínas barracas de feridos de guerra. Todavia, mesmo com o número de atendimentos superando as marcas de conflitos militares como; Irã x Iraque (1980-1989) ou a invasão soviética do Afeganistão (1979-1989), enormes diferenciais em relação as barracas originais, as distanciam e muito, desse título. O maior deles, está no propósito central das equipes de "salvamento". No passado, os que atuavam nos postos de socorros de trincheiras ou de guerras de movimento, buscavam através de procedimentos clínicos, proporcionar aos alvejados com munições de grosso calibre, as suas prontas recuperações. No presente, no Brasil, os que deveriam oferecer cuidados médicos aos que foram baleados, cuidam para que eles no lugar de serem transferidos para setores de internação, sejam enrolados em lençóis e transportados para necrotérios.

Enquanto a frase mais comum nos hospitais de campanha do exterior era:

- **Reaja, seja forte, você vai conseguir.**

No país do carnaval, não se passa uma hora, sem que o afamado texto, carregado de falso sentimentalismo, ecoe pelos corredores da morte do SUS:

- **Sinto muito senhora.**
- **Fizemos de tudo, mas não foi possível salvar o seu filho.**

Por tradição milenar belicista, uma pessoa atingida por estilhaços de granadas ou disparos de pistolas, fuzis ou metralhadoras, tem que encontrar em um centro de emergência a sua última esperança. Fugindo à regra, aqui, para o homem, mulher ou criança que senti o enorme ardor depois do projétil da G40K fragmentar os seus tecidos musculares, é menos arriscado permanecer agonizando no front de batalha. Ainda mais, em se tratando de um violador do código de conduta estabelecido pelos ricos. Nessa circunstância, pode parecer absurdo, mas o farmacêutico do bairro traz muito mais resultados positivos, do que um médico plantonista. Por mais que o supervisor da farmácia da quebrada, não tenha feito medicina, duas vantagens são certas: ele não chamará a polícia e tão pouco autorizará as sessões de tortura em leito hospitalar, onde a cada pergunta não respondida a contento, os desequilibrados fardados apagam cigarros nas tatuagens de pólvora deixadas pelos tiros ou retiram tubos de oxigênio por alguns minutos.

Nunca é demais ressaltar, que danos cerebrais permanentes ou morte por falta de oxigênio no cérebro, são especialidades da polícia. Os seguranças particulares dos grã-finos, são peritos em dar gravata em favelados e apertar as suas artérias carótidas para provocar sufocamentos completos. Vide o emblemático sequestro do ônibus

174, em que Sandro Barbosa do Nascimento foi estrangulado dentro de uma viatura.

Do Alasca a Nova Zelândia, o sistema filosófico imperante em qualquer barraca de feridos, determina que todos os esforços sejam realizados, no sentido de busca da analgesia para as dores somáticas, ocasionadas por traumatismos diversos. Mais do que ter pessoas imbuídas na aplicação da escala analgésica da Organização Mundial da Saúde (OMS), estes lugares contam com socorristas que sabem que a cada minuto perdido, as chances de sobrevivência de uma vítima diminuem drasticamente. Por isso, não perdem tempo discriminando A ou B. Independente de cor, classe, sexo ou faixa etária, remediam todos os que precisam de ajuda. A pressa, a competência, a solidariedade e o amor ao próximo, são as peças fundamentais, que fazem com que, aqueles que dão entrada com quase todos os litros de sangue de seus corpos perdidos, ao invés de conhecer o purgatório, voltem para os braços de suas famílias.

Bom, verificando o fim pré-estabelecido dos tradicionais postos de socorro usados em guerras, concluo, que chamar as alas de trauma das unidades hospitalares brasileiras de barracas de feridos, é uma grave ofensa aos que vivem em função de levar auxílio médico e humanitário a quem precisa. Sendo assim, para não cometer urna injustiça colossal, vou fazer aqui a adaptação que me parece a mais apropriada para uma definição adequada. As únicas barracas de feridos do planeta que visam inchar obituários, não são simplesmente barracas de feridos como as demais. São barracas de feridos à moda da casa. A moda de uma casa classista, racista e eliminacionista, que considera descartável, todos os seres humanos que não dispõem de meios para participar da frívola sociedade de consumo.

Para que vidas não sejam perdidas em decorrência de graves estragos ocasionados em combates armados, é fundamental que haja: medicina compatível com a realidade, equipamentos em bom estado de conservação e funcionamento, medicamentos dentro do prazo de validade e principalmente, profissionais especializados e motivados. Exatamente, tudo o que uma pessoa crivada de balas não encontra nos locais reservados para o "salvamento" dos pobres.

A medicina nacional dos muitos Josefs Mengeles, não se reformulou na mesma velocidade e dinamismo, em que a revolução tecnológica produziu novas máquinas de matar. Não procurou se adaptar à uma realidade urbana, onde armas de uso restrito das foiças armadas e das polícias de todo o planeta, povoam os quatro cantos da pátria de chuteiras, fuzis e prostituição infantil. Os setores de emergência, que antes atendiam casos de doença na sua maioria, adentraram em uma nova era, mas apenas por parte dos lesionados. Este fenômeno incrível, resultou em pacientes com ferimentos de última geração, sendo tratados com mertiolate, gases e esparadrapos. Enquanto a classe médica do Brasil se empenha em encontrar a cura para enxaqueca, seus pacientes, há muito, já estão na época dos danos causados por munições perfurantes, disparadas de fuzis FAL 7.62, fabricados para transfixar alvos blindados.

Com as pessoas reduzidas à registros médicos dentro do futuro e os "profissionais" das barracas à moda da casa enraizados ao curandeirismo do passado, aconteceu o inevitável: o surgimento de um mega quadro de

incompatibilidade funcional. Nos dias atuais, raríssimos centros de saúde da rede pública nacional, possuem profissionais gabaritados para oferecer bons serviços, ao imenso contingente afetado pela **Guerra Não Declarada.** Não são poucos os hospitais que recusam **receber** baleados, por não disporem de especialistas no assunto. Quantas não são as histórias nas periferias, de jovens que tomaram tiros e morreram na porta de um PS, porque os seguranças alegaram não ter vaga ou um médico no plantão. Aparentemente, os quadros de funcionários dessas instituições estão completos. Porém, quando verificamos que aqueles que recebem salários para evitar falecimentos, não são capazes de encontrar projéteis em um corpo, nem com o uso de um aparelho de raio X, percebemos **o** tamanho da carência por mão de obra qualificada na área.

A saúde pública disponibilizada para as favelas, é recheada de doutores biônicos exercendo funções que não correspondem às suas capacitações. Se partirmos do princípio, de que diversos dos que suturam feridos por arma de fogo e dão alta em seguida, não estão a altura dos cargos que ocupam, podemos dizer que o SUS é um dos campos que concentra o maior número de vagas ociosas no país. Talvez, só perca para a política.

Confira a seguir, uma pequena fração da lista de vagas disponíveis no Sistema Único de Saúde.

Precisa-se de pessoas que possam reconstruir ossos dilacerados por granadas e reimplantar membros arrancados por escopetas calibre 12 ou por submetralhadoras FN P90, com capacidade de 900 tiros por minuto.

Precisa-se de pessoas dispostas e preparadas, para reanimar crianças de colo com paradas cardíacas, resultantes de rajadas de Browning ponto 50, capazes de derrubar helicópteros e aviões.

Necessita-se urgentemente, de oftalmologistas que recuperem visões em olhos que tiveram a retina, a córnea, a íris e a pupila derretidas por munições incendiárias.

No setor de queimados, há vagas para especialistas na recuperação de vítimas, que tiveram 80% de seus corpos carbonizados no interior de porta-malas.

Por fim, precisa-se de um batalhão de cirurgiões plásticos, peritos em reconstituição facial, para suprir a imensa procura por parte dos que tiveram os rostos desfigurados em sessões de tortura policial, ao ar livre ou em delegacias.

A medicina comum, empregada em nações pacíficas, não pode mais ser aplicada nos setores de emergência do Brasil. Para os padrões alarmantes da violência burguesa, este modelo convencional é totalmente arcaico e ineficiente. No território contagiado pela alegria infundamentada, só a adoção imediata dos conhecimentos e procedimentos médicos usados em caráter de urgência após ataques terroristas, pode trazer resultados satisfatórios no atendimento a população dizimada, nas estúpidas batalhas armadas clandestinas.

Quando os parciais meios de comunicação, atribuem à narco-guerrilha, a

responsabilidade integral pelo número impactante de macas congestionando os corredores, que despacham despedaçados a base de liga de chumbo para o IML, estão na verdade eximindo o Estado de sua culpabilidade. Estão na verdade isentando o Estado de uma culpa que começa na desigualdade social, passa pela cultuação da brutalidade, faz um Pit Stop na truculência dos órgãos repressores e termina na inoperância das barracas de feridos à moda da casa. A alegação rotineira das bestas à frente dos telejornalecos não carrega nenhum tipo de embasamento estatístico.

No cenário bélico desolador, as baixas referentes aos jovens costumeiramente denominados como "soldados do tráfico", representam a menor parcela do gráfico de sangue. Um Mengele de jaleco branco do SUS, trabalhando sob efeito de seu ódio de classes, produz muito mais mortes de favelados em um dia, do que as disputai por pontos de venda de drogas produzem em um mês. Atirar ou omitir socorro, tem o mesmo peso contribuitivo, para que uma ficha de cadastro hospitalar, se transforme numa declaração de óbito.

Como você pode perceber, no diagrama da mortalidade em escala industrial, a narco-guerrilha não perde em número de finado! apenas para os médicos e grupos de extermínio estatais. Ela também é goleada, pela única cultura distribuída de forma democrática pela escória do topo da pirâmide do país; a "cultura da violência"

Não bastasse um sistema falido de saúde, um regime de eliminação executado por políticos, gambés e alguns médicos monstros e as tragédias perpetradas pela injustiça social, ainda temos a cultura da agressividade tola e gratuita, para competir pelos metros quadrados das alas de trauma. Desavenças entre vizinhos, desentendimento entre casais, discussões no trânsito, tudo é resolvido pela via burra das PTs e Glocks. Aprendemos desde o berço, que a honra tem que ser cultivada com o velório alheio. Aprendemos desde o berço, que qualquer disse me disse, deve ganhar uma supervalorização letal, de preferência com requintes de crueldade, para o favelado igual a mim e a você, que cometeu a "grave ofensa" de olhar para o meu ou o seu rosto. Este preceito deve ser aplicado também, quando o nosso time de futebol perde, se um mano curte Rap e outro Funk ou se o volume do rádio da casa ao lado está alto demais. De acordo com o regulamento do mundo da ignorância, não existem razões fúteis para que um tambor de oitão gire. Para toda banalidade, há uma justificativa letal aceitável. Um esbarrão ou uma simples pisada no pé, são motivos mais do que suficientes para um homicídio qualificado.

A vida de valor inestimável, tem o seu real valor descoberto, assim que cada médico atesta a morte de um paciente.

- Enfermeiro manda recolher o 212, que ele empacotou.

- Ele é o que tomou vinte facadas por causa de uma dose de pinga?

- Não.

- E o adolescente que levou dez balaços, por causa de um eppendorf de cocaína?

Este exemplo, nos mostra a clássica forma de cotação de um ser humano do gueto. Morrer por uma dose de pinga, significa que o preço pago pela vida do finado

foi o de R$ 0,50. Morrer por algumas gramas de pó, significa que essa existência valeu R$ 10,00.

Em um panorama, onde todos são incitados a "dialogar" por intermédio de armas leves e pesadas, discordâncias banais terminam em lesões corporais, tentativas de homicídios, homicídios dolosos e as vezes, até em chacinas. Se não fossem os valores mórbidos vendidos ao povo pelos senhores das guerras, quase 100% das discórdias
terminariam apaziguadas assim que as cabeças dos envolvidos estilassem. É bastante comum, que os que cometem crimes motivados pela emoção provocada pela atmosfera da violência, ao caírem em si dentro de uma cela, sejam tomados por um grande sentimento de remorso. Inúmeros dos que estão cumprindo pena nesse exato momento, se arrependem imensamente por terem ceifado a vida de um semelhante por algo insignificante e, consequentemente, jogado o próprio futuro no lixo. É doloroso perder de 15 a 20 anos de sua liberdade mofando atrás das grades, porque num jogo de bola de várzea, um juiz apitou uma falta contra o seu time, você protestou e o protesto se transformou num bate-boca que desencadeou um enterro. É doloroso perder de 15 a 20 anos de sua liberdade, sabendo que você não é um assassino, mas um reflexo da brutalização das pessoas feito pela TV, educação, luta de classes e órgãos repressores.

Quando uma ditadura beligerante, onde o estado democrático de direito só têm chances de ser alcançado através de cotas ou negociações envolvendo reféns, é somada à um sistema popular de saúde precário e a uma nação doutrinada a acreditar que um rifle de assalto é a extensão do raciocínio lógico, o resultado catastrófico é somente um; o país "pacífico" que mais ceifa vidas precoces em todo o globo terrestre, via armas de fogo e omissão de socorro. Chegar à uma posição de líder em qualquer segmento é extremamente difícil, mas pode vir a ocorrer até por uma obra do acaso. Agora, manter uma hegemonia inabalável por um longo ciclo, aí, é só com muita competência no ramo. E é essa competência em desestruturar, segregar, massacrar e não socorrer adequadamente famílias pobres, que garante há décadas ao Brasil, a supremacia no quesito; assassinatos de jovens entre 15 a 24 anos. Apenas uma civilização dirigida por homens amamentados com pólvora diluída no leite, é capaz de atingir e conservar a marca vergonhosa de cerca de quase 10% de todos os homicídios do mundo.

Segundo um estudo do governo Suíço, divulgado há alguns anos atrás, sobre índices globais de violência; 52 mil mortes acontecem anualmente em todo o planeta, em decorrência de guerras. Nunca é demais lembrar que, o Brasil, sozinho, é responsável por algo em torno de 50 mil cadáveres por ano. Desta forma, se a **Guerra Não Declarada** nacional não fosse clandestina aos olhos internacionais, a cada 365 dias, a humanidade computaria algo em torno de; 100 mil óbitos, em consequência de combates armados.

A junção homem e máquina da Taurus, da Rossi e da Sig Sauer em nossa terra feliz, deu muitos frutos. E um deles, talvez o mais trágico de todos, aponta que nos dias atuais, o assassinato é a principal causa mortis entre os jovens brasileiros.

A cena rotineira, do garoto que chega baleado em um hospital carregado pelos

colegas e não encontra uma alma caridosa a fim de aplicar-lhe uma anestesia para diminuir o seu sofrimento, é um mecanismo burguês mais eficiente do que as cardiopatias, os acidentes vasculares cerebrais (AVC) e o câncer.

Seguindo as estimativas do IBGE, referentes a expectativa de vida da população, as pessoas assassinadas nos confrontos urbanos, deveriam viver no mínimo, até os 70 anos de idade. Ao dizimar por fuzilamento, alienação destrutiva e descaso médico, parte da nação dos favelados na faixa etária dos 20, o Brasil está escoando 50 anos de milhares de vidas produtivas, pelo ralo de sua pandemia de violência. Jovens que poderiam contribuir para o progresso e o desenvolvimento de uma pátria soberana, perdem o direito de envelhecer. É de praxe ouvirmos, que; um adolescente problemático não traz lucros à sociedade, mas o que dizer, de um cidadão adulto, trabalhador, contribuinte e cumpridor de seus deveres e obrigações? Digo isso, porque ao abater uma criança carente, os órgãos de segurança, além de assinarem um atestado de incapacidade na recuperação de pessoas que eventualmente delinquente, desperdiçam os grandes e exemplares cidadãos que esses meninos e meninas podem vir a se tornar no futuro, com um pouco de apreço e incentivo. Quando as tropas de elite passam com os pneus das viaturas sob as cabeças de menores infratores, simultaneamente, também esmagam o crânio do possível homem produtivo.

Quantos exemplos eu já vi com meus próprios olhos, de adolescentes que nos seus 15, 16 anos de vida, botariam fogo na Pajero do empresário com ele e a esposa dentro e assim que amadureceram e tomaram consciência sobre as aflições na vida do crime, se regeneraram, arrumaram empregos, constituíram família e se tornaram ótimos pais e mães. Só é irrecuperável, aquele que teve a respiração findada pelo barulho contínuo de um monitor cardíaco. Só é irrecuperável, aquele que não conseguiu sobreviver a ação de um atirador e a falta de ação de um residente burguês, preocupado em estudar as dimensões do orifício deixado pela passagem do projétil.

Uma breve explicação: se por um lado, os enfermos tradicionais tornam-se cobaias vivas, em outros setores dos hospitais públicos, nas alas de traumas, são poucos os que viram material didático. Os pobres alvejados não despertam tanto interesse em um anjo da morte, porque estragos causados por armas como a AR-15, não são comuns em bairros de alto padrão. Pros filhinhos de papai cobiçando a saúde sete estrelas, não faz sentido perder muito tempo estudando o seu poder de impacto em um corpo humano, sendo que as ocorrências envolvendo a sua classe social limitam-se aos calibres de menor intensidade. E um fato inquestionável; não foram apenas os tiros que deram aos moradores das sub-pátrias, uma expectativa de vida girando em torno dos 25 anos, mas também, o tratamento desumano dispensado aos favelados nos recintos hospitalares do SUS. São incontáveis, os que mesmo com várias balas alojadas, sobreviveriam com medicamentos, equipamentos, atenção e interesse dos corpos médicos "atuantes" em seus dramas.

A saúde pública está completamente falida e sem sombra de dúvidas, uma das razões, é o alto custo da violência, perpetuada pelos playboys carniceiros. O montante gasto com as vítimas de sua barbárie social, em atendimentos

emergenciais, ambulatoriais, internações, remédios e tratamentos posteriores, é retirado diretamente dos pacientes tradicionais. Quando um doente é internado no chão de uma UTI, significa que o seu leito pode ter sido destinado a um ferido por arma de fogo. Quando um remédio está em falta na farmácia de um hospital, significa que ele ou foi vendido pelos funcionários, ou não foi comprado porque a verba fora desviada, ou
possivelmente aplicada em civis descarnados pelos conflitos diários.

O mais impressionante, não é constatar que a falência do setor, deve-se, sobretudo, aos muitos prontuários preenchidos pela **Guerra Não Declarada** e sim constatar, que o quadro seria muito mais aterrador, se os atingidos nos frontes de madeirites e compensados fossem atendidos de maneira correta e eficiente. Se a fatura já é assustadora com a política do: deixa os despossuídos baleados morrerem imagine o tamanho dessa conta, se o propósito fosse salvar vidas? Imagine a cifra que a saúde pública demandaria, se a intenção da elite fosse oferecer condições de salvamento, para aqueles que chegam segurando os próprios intestinos? Ou seja, ou os médicos dão um doril e nos mandam pra casa ou a tragédia que já é assombrosa, mostra a sua verdadeira face. Se não morrêssemos nos primeiros dias de "internação", seria preciso que houvesse a construção de novos prédios para oferecer novos leitos. Seria necessária a contratação de novos profissionais, etc... A dizimação permite que a situação seja empurrada com a barriga.

Que coincidência! Faltam doutores para cuidar do povo e sobram alunos pobres afetados pelo terrorismo educacional fora das faculdades de medicina. A burguesia podia ao menos deixar, que nós mesmos cuidássemos de nossa gente, não é mesmo? Desta forma, não só as taxas de mortalidade na área da saúde seriam diminuídas, como também, as pessoas dos cinturões de pobreza não mais iriam para os hospitais, com a mesma esperança de quem vai para a guilhotina. Se nós tivéssemos os nossos lugares assegurados nesses postos, não seria mais comum, os episódios com enfermos implorando para morrer em suas residências. E simplesmente, inadmissível, que não sejamos nós nesse campo, a oferecer serviços aos nossos iguais. E simplesmente, inadmissível, que tenhamos que ficar de mãos atadas, enquanto filhinhos de papai fazem das pocilgas do SUS, versões descaracterizadas de câmaras de gás e cadeiras elétricas. E simplesmente, inadmissível, que doenças ou lesões causadas por instrumentos ofensivos, sejam agravadas em locais que deveriam curar e ofertar cuidados especiais pré e pós-operatórios.

Justiça seja feita, dentro de um ambiente hospitalar, os muitos discípulos de Mengele não participam de todas as mortes de alvejados. Os "socorridos" pela polícia, que dão entrada com rigidez cadavérica, representam uma parcela altamente expressiva dessa soma. A cada "plantão médico" diurno ou noturno, é deprimente testemunhar exemplares de minha gente chegando dentro de porta-malas de viaturas. Sendo retirados dos carros como se fossem pedaços inanimados de carne, por policiais felizes, vestidos com luvas cirúrgicas. Dói na alma vê-los carregando um de nós pendurado pelas roupas, arrastando as costas no chão e batendo o rosto nas portas que dão acesso as recepções. Nesse teatro mórbido de fingimento, os atores com porte de arma e distintivos, expressando ares de cinismo e deboche,

encenam dez, quinze, vinte vezes por semana, essas "nobres tentativas de preservação da vida" dos habitantes das periferias. Sinceramente, eu não vejo razão para as descaradas representações teatrais. Na atualidade, nem as crianças de colo abraçam mais as histórias imundas dos tais; socorros às pressas, produzidos pela corporação de assassinos. E de conhecimento público, que as prestações fictícias de "socorro rápido" por parte da polícia, são apenas técnicas adotadas para tirar os corpos das pessoas assassinadas dos locais dos crimes. Todos sabem, que estes "atos benevolentes" da sádica força policial brasileira são, tão somente, recursos sujos empregados para dificultar a ação da perícia na conclusão das investigações, se por milagre, elas houverem. Quase 100% dos "socorridos" pela instituição de serials killers, chegam aos hospitais com sinais visíveis de horas de óbito. Pode reparar nas reportagens, que a conversa é sempre a mesma:
- Soldados da polícia trocam tiros com bandidos... os elementos alvejados foram socorridos pela viatura número tal, mas vieram a falecer ao dar entrada no hospital tal.

É bem escassa a quantidade dos que não sucumbem ao fogo cuspido pelas metralhadoras 1.40 do Estado, seguido das temíveis horas de chiqueirinho, onde os gambés rodam em zigue-zague pela cidade passando a milhão por lombadas, para fazer com que a pessoa desfalecida bata com a cabeça e piore ainda mais o seu estado crítico.

Primeiro, a sociedade burguesa trabalha para te executar na rua, segundo no interior de um carro oficial e só em última instância, te finaliza numa UTI. Portanto, no assassinato frio e calculado de um favelado, os fardados de cinza e os de branco, só atuam em conjunto, nos casos dos que resistem a *via crucis* até chegada em um PS. Nessa circunstância, o grito de: encosta aí, e o pedido de: me passa o aspirador de sangue por favor, estão em completa sintonia. Nessa circunstância, se o gravemente ferido pudesse escolher, ia preferir uma morte instantânea e indolor, causada por uma sequência ininterrupta de disparos da infantaria burguesa, do que o martírio provocado pela indiferença dos boyzinhos que ocupam os nossos cargos de direito. Eu não sei o que é mais terrível; os tiros da polícia, o passeio fúnebre nas barcas ou as horas de angústia, dor e abandono nas alas de emergência hospitalar. Sobreviver as investidas dos batalhões de covardes é bem difícil. Sobreviver as investidas dos batalhões de covardes e ao despreparo e a preguiça dos Mengeles do SUS, é uma façanha para poucos.

É bem verdade que nenhum paciente pobre recebe tratamento humanizado, porém, nada se compara aos procedimentos aplicados em acusados de crimes. Não existe um ser que o Estado e a playboyzada odeie mais, do que aquele que pode lhes causar danos patrimoniais. Os que ameaçam os saldos bancários dos endinheirados, recebem da elite todos os préstimos de um manual de primeiro-socorros personalizado. Ao adentrar em uma das diversas barracas de feridos à moda da casa, o infrator por coação, dá muita sorte quando é colocado em uma maca sem colchonete e lençol. Normalmente, é arremessado contra o chão pelos gambés, para que agrave o quadro de politraumatismo e permaneça por horas agonizando no

cimento até morrer. Caso quebre o protocolo e suporte a iniciação junto com as severas hemorragias internas, após umas 16 horas de espera, o inimigo n° 1 dos endinheirados será atendido "às pressas", por "profissionais" que seguem determinações secretas tais como: economizar medicamentos e materiais cirúrgicos nesses tipos de ocorrências. Não tenho provas, mas a minha intuição me diz, que as ordenações expressas partidas do Ministério da Saúde sejam mais ou menos assim:

Atenção, senhores diretores clínicos.

Quando, se tratar de infratores da lei, no lugar de gastar um metro de fio de sutura para fechar um corte, recomendem aos seus médicos e enfermeiros, o uso de dez centímetros.

Sem mais para o momento.

Assinado: ministro da saúde.

Por conta do "excepcional" método de prestação de socorro, em que uma pessoa baleada sequer é colocada no soro, é terminantemente proibida a entrada de parentes nos setores de emergência. Afinal, ao ver o sangue de seu sangue jorrando de buracos de bala, enquanto todos os funcionários do hospital encaram a situação como a coisa mais normal do mundo, seria natural, um pai, uma mãe, um irmão, um marido ou uma esposa, tentar matar alguém. Ou, quem sabe, tentar processar alguém. Se houvesse justiça nesse país, quantos incompetentes empregados nesses abatedouros de humanos, não seriam presos por seus atos execráveis?

Com as suas práticas medicinais medievais, em nome da ciência que salva rico, os anjos da morte não cometem delitos de menor potencial ofensivo, eles se portam como participes do genocídio silencioso promovido pelos endinheirados.

Com as suas práticas medicinais medievais, em nome da ciência que salva rico, os anjos da morte ajudam a classe abastada a estraçalhar a Convenção das Nações Unidas Para a Prevenção e a Repressão do Crime de Genocídio.

Segundo o Artigo II desta convenção, para ser classificado como infrator, basta que um incompetente do SUS cause lesões graves a integridade física e mental de membros de um grupo, ou que submeta este grupo intencionalmente, à condições de existência que lhe ocasione destruição física total ou parcial. Para ser classificado como infrator, basta que um incompetente do SUS atue em conformidade com a cartilha da indiferença, destinada à grupos marginalizados.

É bem provável, que se os médicos da rede pública fossem submetidos a exames psiquiátricos forenses, a palavra psicopata aparecesse no espaço reservado para o resultado, em uma boa porção de laudos. Mesmo sem ser psiquiatra forense, me atrevo a expor e a defender uma tese de autoria própria. Eu realmente acredito, que as pessoas ligadas a área da saúde se dividem em duas frentes: uma pequena parcela, composta pelos que lutam contra os obstáculos governamentais, para proporcionar serviços de qualidade aos que necessitam, independente de gênero; e uma esmagadora maioria, formada por psicóticos preconceituosos que sentem profundo prazer com o sofrimento de seus pacientes. Eu realmente acredito, que dos que chegam ao êxtase com os gemidos e últimos suspiros de favelados, temos: os que deveriam estar em presídios federais, confinados em regimes disciplinares

diferenciados (RDD); e os que deveriam engrossar as fileiras dos manicômios judiciários, para tratar de seus distúrbios mentais desprovidos de emoções de natureza moral, como arrependimento, culpa e compaixão. Eu realmente acredito, que pelo perigo que representam para as periferias, os que fazem uso do jaleco branco com as insígnias do SUS para se comportar como demônios, deveriam ficar em isolamento eterno, sem qualquer contato com mundo exterior.

Se antes dos enterros de moradores de bairros esquecidos, pararmos para verificar o estado dos corpos saídos dos hospitais públicos, é bem capaz que demos falta de alguns dedos, pés e mãos. Afinal, é bastante frequente, que os matadores seriais guardem pertences ou pedaços de uma presa como recordação, ou para posteriormente, reviver a experiência do assassinato.

Qualquer pessoa que já teve o desprazer de entrar num hospital em um dos pontos de exclusão, com certeza, se lembra de ter presenciado uma das cenas mais angustiantes e mórbidas que um conjunto de "seres humanos" é capaz de produzir; doentes gritando por ajuda, enquanto atendentes conversam com amigos e namorados em seus celulares.

Qualquer pessoa que já teve o desprazer de entrar num hospital em um dos pontos de exclusão, com certeza se lembra de ter presenciado uma das cenas mais angustiantes e mórbidas, que um conjunto de canalhas é capaz de produzir; doentes se contorcendo por conta de dores insuportáveis, enquanto aprendizes de Mengele, completamente indiferentes a situação dramática, passam por eles envoltos em suas auras esnobes, conversando sobre o jogo de críquete.

Qualquer pessoa que já teve o desprazer de entrar num hospital em um dos pontos de exclusão, com certeza ficou tão traumatizada, que passou a aderir o pensamento mais comum sobre o tema nas áreas pobres: saúde pública, só se não tiver outro jeito.

As últimas coisas que os doentes ou feridos precisam, são de doses homeopáticas de discriminação, partidas dos arrogantes de narizes empinados, que antes de receber um número do CRM, se divertiam espancando mendigos.

A TV constantemente dá uma grande ênfase a teórica frieza do homem pobre. Conforme o conceito da elite, o encapuzado que grita assalto, é a denominação mais bem-acabada do termo. Diante de tal afirmação eu pergunto, se aquele que invade um apartamento de luxo é frio, qual seria a definição ideal para quem assiste de camarote vip, a morte de centenas de inocentes e não se comove e nem procura interferir? ICEBERG? A maior parte dos que hoje estão no sistema prisional cumprindo pena no artigo 121, não ficariam, indiferentes aos uivos de dor de um cão sarnento, quanto mais as súplicas de um semelhante adoecido. Nem eu, que sou acusado de ser um marginal de alta periculosidade, que faz apologia ao crime, conseguiria ser tão frio, quanto os que fizeram o juramento de Hipócrates. Juramento, o qual, em determinado ponto se lê: **aplicarei os regimes para o bem do doente segundo o meu poder de entendimento, nunca para causar dano ou mal a alguém.**

Falando ainda sobre o juramento de Hipócrates, é bastante contraditório, que alguns dos que tenham declamado esse texto a plenos pulmões na cerimônia de

formatura, em especial, o trecho: **a ninguém darei por comprazer, nem remédio mortal e nem um conselho que induza a perda,** sejam na atualidade os responsáveis pelas diversas eutanásias clandestinas, colocadas em prática diariamente nas barracas de feridos à moda da casa. Na falta de hospitais, medicina compatível com a **Guerra Não Declarada,** medicamentos, aparelhos médicos e médicos suficientes e eficientes, o médico plantonista é instruído a agir como Deus, decidindo os que vivem e os que vão para sete palmos abaixo da terra. Para que a rotatividade de pacientes seja mantida, o fluxo deve ser desobstruído, com a desocupação de vagas. Todos os pacientes têm um limite de tempo cronometrado para permanecer num leito. Zerou o cronometro; é despejo! Não existe tolerância. Se recuperou ou não, o espaço vai ser liberado. Nada garante a geração de mais espaços livres, do que o recurso da abreviação da vida de doentes incuráveis e curáveis, aplicado às escondidas. Este método de diminuição de contingente moribundo, é empregado de duas maneiras: com a distribuição de altas para pacientes não curados (para que estes descansem em paz em suas casas) e com o desligamento dos aparelhos que mantêm vivos os gravemente enfermos (para que estes terminem o tratamento no céu).

A metodologia das eutanásias clandestinas é bastante simples, veja um pequeno exemplo:

- Doutor, não temos aparelhos de oxigênio para todos.

- Tudo bem enfermeira, não esquenta.

- Retira daquele ali que a polícia trouxe ontem e põem no tiozinho que aparentemente é trabalhador.

- É melhor um empregado vivo pra minha obra, do que um ladrão pra me sequestrar num semáforo.

- Ok, doutor.

- Mas, o que que eu faço com o que vai ficar sem o oxigênio?

- Tenta ver se ele acorda, pra eu ou um colega dar alta.

- Se caso ele não parar de pé, joga num canto aí e vamo vê no que que dá.

Um Mengele do SUS, não leva em conta se a morte não é desejo do doente e de sua família, ou se seu quadro clínico é terminal ou não, se a fila tiver que andar, ele faz a fila andar. Se as senhas que surgem nos painéis eletrônicos das recepções, exigirem a disponibilização de novos leitos, pode estar certo, que ele fará alguém se debruçar num caixão pra chorar.

A estrondosa cifra nacional de cinquenta mil mortos anuais em decorrência da violência, não reflete apenas um país devastado pelos problemas socioeconômicos e comportamentais. Esta taxa de mortalidade incrível, denota também, a incapacidade e a falta de vontade dos membros do SUS, em oferecer socorro adequado as vítimas da **Guerra Não Declarada** do Brasil.

Não posso estimar com total precisão, quantos desses cinquenta mil caixões são de responsabilidade direta dos anjos da morte, mas posso afirmar com toda convicção, que a negligência, a imperícia, imprudência e a omissão dessas pessoas, fazem com que um atingido por arma de fogo, tenha mais chances de sobreviver

com os pés sob uma mina terrestre, do que com os pés num setor de urgência de um hospital público.

Algumas pesquisas mostram que 60% da população considera saúde pública brasileira péssima. Creio que nessas enquetes, os pesquisadores não ouviram as opiniões dos idosos que ficam em pé por horas em filas de espera; os doentes que aguardam meses por um consulta e anos por uma intervenção cirúrgica; as famílias que tiveram entes mortos na porta de um PS por falta de vaga; os cidadão que não receberam remédios vitais para as suas sobrevivências, na farmácias populares; as mães que deram à luz em estacionamento de hospitais; os pais das crianças sequeladas por diagnósticos equivocados; os parentes daqueles que morreram por falta de especialistas e os parentes daqueles que faleceram porque não preenchiam o pré-requisitos sociais para serem atendidos às pressas. Pois se assim o fosse, a soma dos insatisfeitos alcançaria a casa dos 100%. Diante do caos estabelecido na saúde pública, é difícil acreditar, que 40% dos que são forçados a utilizar o "socorro estatal", aprovem o que ocorre dentro de um hospital reservado aos excluídos.

Mais do que equipamentos, remédios e novos prédios para acomodar doentes, precisamos de favelados com diplomas de medicina para cuidar do povo. Nesse setor, só seremos tratados de forma humana, o dia em que forem contratados doutores que nos olhem como iguais. No dia em que forem contratados doutores, que ao verem crianças, adultos e senhores e senhoras de cabelos brancos clamando por uma cura ou pela amenização de uma dor, se lembrem de seus familiares e amigos. Na minha opinião, apenas um médico nascido na periferia, não olhará para um semelhante através da lente do preconceito e do racismo. Apenas um médico nascido na periferia, não verá um semelhante como uma patologia a ser estudada.

Dedico os capítulos; Emergências de Guerra e Barraca De Feridos À Moda Da Casa, aos que faleceram em razão da omissão de socorro recorrente no SUS, aos que foram feitos de cobaias vivas pelos Mengeles e em especial, ao meu irmão Silvio Alex Taddeo, que após receber alta no Hospital Grajaú, veio a falecer em casa três horas depois. Talvez o tenham dispensado, por pensarem que a sua deficiência física fosse resultado de alguma troca de tiros com a polícia.

Mutilados de Guerra

Desde a antiguidade, as guerras sangrentas são marcadas por pontos comuns: todas foram e são decretadas por covardes que permanecem sentados em tronos, ao tempo, em que soldados que desconhecem os motivos para barbárie lutam. Todas apresentam somas exorbitantes de cadáveres de civis e todas deixam pra trás um número expressivo de pessoas mutiladas fisicamente.

Do final dos anos 90 para o início do século XXI, os brasileiros passaram a ficar estarrecidos com notícias internacionais ou vídeos da internet, onde meninos e meninas afegãos ou iraquianos apareciam brincando equilibrados em muletas, após terem partes de seus corpos amputadas pelo fogo “amigo” do exército norte-americano.

Não só nos impressionamos com essas cenas fortes, como também nos emocionamos com as campanhas para a retirada das tropas dos Estados Unidos de territórios invadidos, adornadas com fotografias de soldados que haviam recebido pernas, mãos e braços mecânicos, como premiação pela tentativa de colonização de zonas petrolíferas. Enquanto muitos de nós se compadeciam até dos jovens do Tio Sam, capazes de urinar em defuntos inimigos e metralhar vans com crianças, uma das maiores legiões de deficientes físicos em decorrência da violência urbana e da ganância das amebas capitalistas foi ignorada.

É válido prestar solidariedade as pessoas de outros países, desmembradas por munições antiaéreas, mísseis ou facões, porém, não se pode esquecer das vítimas das minas terrestres do Brasil. Tão impactante quanto a imagem via satélite ou fibra óptica do estrangeiro, que não pode se locomover sem a ajuda de um suporte, deve ser a imagem real do homem aprisionado num carrinho de rolimã pelo opressor. As mãos que quase não alcançam o vidro do carro para pedir esmola, devido a altura de uma cadeira de rodas, quase sempre são de um ferido de guerra igual ao que foi deformado por morteiros no Vietnã.

As únicas diferenças entre os corpos decepados internacionais e os locais, é que os primeiros não carregarão traumas psíquicos por não configurarem sequer, como números nas estatísticas brasileiras. No Brasil, é terminantemente proibido que sejam realizados estudos e investigações a respeito desse assunto. Em torno da temática, paira a política pública do encobrimento da verdade. Tal estratégia, visa por meio da ocultação de dados e informações, impedir que os brasileiros se deem conta, de que possuímos um contingente de sequelados físicos tão numeroso quanto o de qualquer zona de batalha estrangeira. A escassez de dados, visa impedir que as pessoas que convivem com danos em sistemas ósteo-articulares, musculares e nervosos, vejam em seus quadros clínicos, as digitais do Estado e da elite. Sem a artimanha da indiferença representada na falta de gráficos e pesquisas, diversas das catástrofes geradas pela força mutiladora dos bacanas seriam de conhecimento

popular. Uma porcentagem considerável das deficiências físicas, hoje atribuídas ao azar ou à vontade de Deus, receberiam a sua interpretação correta.

Por experiência própria posso garantir, que familiares e muitos dos que convivem com algum tipo de deformidade, não ficariam nada satisfeitos ao compreender as razões reais para o grande fardo de sofrimento carregado. Por 18 anos assisti, sem poder fazer nada, uma maldita doença chamada distrofia muscular, pouco a pouco atrofiar os músculos do meu irmão até matá-lo. Ao ver meu irmão numa cama, quase sem movimentos nos braços e pernas, dependendo de mim até para beber um copo d'água, a minha revolta era tão acentuada, que eu confesso que se tivesse um culpado para aquela situação, eu teria arrancado a sua cabeça. A morte de uma pessoa querida é uma ferida na rima, que o tempo sabiamente, com o decorrer de anos ou décadas, vai cicatrizando. Já a deficiência física de alguém que você ama, e uma tortura permanente. Chorei desesperadamente, quando vi o menino, que repetidas vezes carreguei no colo, sendo colocado dentro de um carro do IML, entretanto, chorei mil vezes mais, nas incontáveis vezes em que vi os seus olhos marejados de lágrimas, fitando os moleques de sua idade jogando bola. Se uma patologia manifestada sem a participação do boy, já injeta ódio mortal num coração, imagine como ficaria o estado psicológico de alguém, ao perceber que existe um responsável direto pelo definha mento de uma pessoa de grande estima.

E é por isso, que do alto da autoridade que infelizmente eu tenho no assunto, eu digo, que os acumuladores de riquezas sabem que não seria nem um pouco interessante para os seus negócios, se o povo percebesse que a maioria das malformações congênitas, é consequência do vício de gestantes em drogas, bebidas alcoólicas e tabaco. Não seria nem um pouco interessante para as contas bancárias da elite, se o povo percebesse, que a maioria das lesões medulares é causada por ferimentos provocados por armas de fogo e armas brancas; que a maioria das amputações acontecem em decorrência de hábitos alimentares não saudáveis, tiros, acidentes de trabalho e torturas policiais e que grande parte das paralisias cerebrais, são provocadas pela desnutrição materna e pela subnutrição de crianças.

A minha afirmação sobre o temor dos boys em favelados descobrirem a existência de dolo burguês em quase todas hemiplegias, tetraplegias, paraplegias, cegueiras, surdezes, mudezes, etc., tem tanto fundamento, que o IBGE no Censo de 2010, nem ao menos se preocupou em perguntar aos entrevistados, se em suas residências haviam moradores com algum tipo de deficiência física. O governo e seus patrocinadores tem consciência, de que a amostragem de milhares de corpos parcialmente ou totalmente inutilizados por ações burguesas, podem chocar tanto ou mais, do que as pilhas de corpos decompostos em vielas. Nessa circunstância, os finados são evidências de um crime que são enterradas e logo esquecidas, enquanto os sobreviventes podem permanecer como provas vivas sendo constantemente lembradas.

Um simples questionário contendo três perguntinhas básicas, seria o suficiente para nivelar o "paraíso carnavalesco" às piores zonas de combate do planeta: **Quem são? Quantos são? E porque são?**

Respondida essa série de questões, os moradores de Cabul e do Iraque é que

sentiriam pena dos brasileiros.

Respondida essa série de questões, alguns brasileiros constatariam que as imagens lastimáveis do exterior, se repetem por aqui na mesma proporção e pelos mesmos motivos.

É fato, em nome da ausência de insurgências e da lucratividade das máquinas de fatiar pobres, deve ser mantido no mais absoluto sigilo que; em nosso território "pacífico", os danos neurológicos e ortopédicos, predominantemente, são resultados de fatores traumáticos, neonatais, virais ou bacterianos. Dito de outra maneira: em nome do fundamento perfeito dos corpos de muitos playboys, nem mesmo os portadores de deficiências devem saber, que a porção majoritária dos deficientes físicos no Brasil, são produtos finais da indústria de consumo, da truculência estatal e da desigualdade social gerada pela política corrupta.

Para os poderosos é vital, que além de não enxergarmos esse grupo, continuemos pensando que na terra da "alegria", os problemas cerebrais e locomotores. se resumem aos casos de limitações produzidas por fatores genéticos.

Acessibilidade, significa bem mais do que garantir a portadores de deficiências ou mobilidade reduzida, condição para utilização com segurança e autonomia, tocai ou assistida, dos espaços mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação. Significa reconhecer que o Brasil possui uma multidão de pessoas mutiladas pela **Guerra Não Declarada**, decretada pelos gestores das finanças nacionais. Significa reconhecer, que os pilares da denominação; deficiência física, na pátria de chuteiras, fuzis e prostituição infantil, são os cidadãos sem cidadania, que tentam se recuperar dos graves estragos deixados pelas ofensivas diárias dos idealizadores da luta de classes local.

Em conjunto com as placas que priorizam o atendimento as pessoas especiais, é preciso que a veracidade sobre esse desastre não natural se transforme em senso comum. Do Oiapoque ao Chuí, todos os favelados devem compreender, que os homens, mulheres e crianças que procuram incansavelmente alguma forma de reabilitação, na maioria das vezes buscam vencer as limitações funcionais, permanentes ou transitórias, deixadas como sequelas pelos ataques eliminacionistas da elite, que são promovidos por assinaturas em documentos ou por intermédio de tropas armadas.

Os parágrafos do decreto lei 5296, só culminarão em efetividade e reformulações, quando os que vivem em trincheiras contemporâneas estiverem cientes, de que boa parte das deformações e insuficiências de funções físicas e mentais, é obra da tirania dos ricos.

Todos os dias somos convidados a pensar, que a deficiência física no Brasil é uma questão de menor importância, cuja solução está cm adaptações simples como; o rebaixamento de calçadas. O que não é verdade! Em primeiro lugar, não se trata de um tema irrelevante e em segundo, as melhorias urbanas apenas são capazes de gerar um efeito amenizador. As resoluções definitivas, passam necessariamente, pela aplicação de políticas preventivas e reparativas. É preciso que se freie a ampliação desta população, coibindo fatores de risco, tais como; a indução ao crime, excessos

policiais, envenenamentos por drogas lícitas, decepamentos realizados por maquinários de indústrias, entre outros e que se ofereça aos parcialmente destruídos pela sanha capitalista do topo da pirâmide, apoio e mecanismos para o alcance do tão sonhado objetivo da recuperação.

Membros que não respondem à comandos cerebrais, correspondem à carga dramática menos aflitiva e dolorosa, da longa jornada de um atingido pelas bombas sujas dos mutiladores. Sem amparo governamental, donativos da Unicef ou da Care e cuidados dos Médicos Sem Fronteiras, os soldados gravemente feridos nos campos minados brasileiros ficam por conta própria. Diferente das crianças afegãs e iraquianas, não existe nenhuma organização internacional fingindo se importar com danos em suas estruturas esqueléticas, organismos e tecidos musculares. Diferente dos soldados norte-americanos, não recebem indenizações, tratamento médico e tão pouco, medalhas ressaltando atos de coragem e bravura. Quem é lesionado em um combate clandestino da elite, no lugar de ser condecorado com a Medalha de Guerra, Medalha de Campanha ou a Cruz de Combate, recebe o abandono como recompensa. Um mutilado pela guerra brasileira não ganha, nem ao menos, uma citação no site da Cruz Vermelha, famoso por denunciar graves violações em países que são palcos de conflitos armados.

Depois de convocados e de ter porcentagens significativas da funcionalidade de seus corpos comprometidas, os soldados marginalizados precisam de muita perseverança para conseguir configurar novamente como números estatísticos. Afinal, só com muita disposição e trabalho, se é possível lutar contra um regime abominável, em que a meta é fazer de limitações transitórias, dramas infindáveis.

Na falta de clínicas especializadas, barracos de madeira convertem-se em precários centros de reabilitação. Nos espaços divididos entre a miséria, insetos e ratos, são realizadas exaustivas sessões de fisioterapia receitadas por vizinhos, para que aqueles que tiveram a qualidade de suas vidas usurpadas pelo sistema, possam em dez ou quem sabe em quinze anos, dar alguns passos nas direções opostas às suas cadeiras de rodas. Ou para que, no mínimo, com o passar de longuíssimos períodos, levantem seus corpos repletos de escaras das camas metamorfoseadas em prisões perpétuas. Quando nenhum profissional da área da saúde pública se habilita a elaborar um plano de inserção biopsicossocial, cabe a força de vontade do excluído propiciar a sua reabilitação ortopédica. Quando nenhum profissional da área da saúde pública se habilita a verificar a extensão do dano cerebral que afetou uma fala, cabe ao desejo de viver do excluído ocupar o papel de terapia fonoaudiológica, para fazer com que um dia, ele possa pronunciar palavras outra vez. Para fazer com que um dia, ele possa dizer a todos que percebeu, que assim como o Estado, muitos dos que juravam amá-lo, o trataram como um objeto descartável. Para fazer com que um dia, ele possa exprimir em voz alta, uma frase de gratidão conexa à um pedido de perdão, para a senhora de cabelos brancos, insignificante nas horas dos roles com os manos, mais especial e insubstituível nas horas difíceis:

- **Obrigado mãe e desculpa por tudo o que eu te fiz passar.**
- **Se remorso matasse, eu já estaria morto.**

Imagino que não sejam poucos, os que hoje se aplicam em esgotantes baterias de exercícios vocais, com o intuito de usar o controle de um aparelho fonador, para agradecer uma das diversas mulheres trocadas pelas baladas, drogas, bebidas e vadias, que por amor a um filho, abriu mão de sua vida para viver em razão da dele. Não importa se um corpo não apresenta respostas a nenhum estímulo ou se um cérebro tenha tido perda definitiva e irreversível de suas funções, a fiel escudeira com marcas faciais que denunciam a chegada da idade avançada, sempre estará ao seu lado. No momento em que **o** mundo vira as costas para os que se tornam inválidos para os padrões da sociedade branqueada, praticamente, apenas as valorosas guerreiras da periferia se prontificam a assumir os postos de enfermeiras. Praticamente, apenas aquelas que constantemente são desobedecidas, ofendidas com palavrões e até agredidas por imaturos que ignoram os seus bons conselhos, aceitam o emprego vitalício, sem folga e férias, onde são forçadas a dividir as tarefas do lar com o serviço árduo e cansativo de reensinar pessoas possuidoras de imperfeições a usar o banheiro, segurar copos e talheres, falar, sentar, ficar de pé e caminhar. Dificilmente, um outro ser, além de uma mãe, ultrapassará os limites estabelecidos por doenças cardíacas e carregará no colo adolescentes e adultos praticamente inertes. Dificilmente, um outro ser, além de uma mãe, se predispõem a dar banho, a trocar a roupa e limpar a baba de alguém que foi mutilado pela guerra burra dos bacanas. Obviamente, toda regra tem a sua exceção. Existem várias esposas e outros tipos de familiares que não pulam do barco quando ele afunda. Ou melhor, que quando uma fatalidade dessas invade as suas residências, ao invés de tratar os que tanto carecem de afeto e carinho como estorvos, como faz a maioria, os amparam. Eu mesmo, fui uma dessas exceções escalando degraus de ônibus sem ajuda, trazendo nos braços uma cadeira de rodas e um menino que sonhava em ser como os outros.

A crise humanitária secreta aos olhos internacionais, faz com que homens, mulheres e crianças, que no passado foram autossuficientes, se tornem totalmente dependentes da solidariedade alheia para sobreviver.

Um dos processos mais difíceis atravessados por nossos mutilados de guerra, é o processo de adaptação à nova condição. A aceitação de um novo eu e das novas limitações físicas de um corpo danificado, passam por um caminho dramático e tortuoso. Poucos vencem o estado de depressão profunda e reencontram razões para viver. Nesse estágio, se pudessem reunir condições físicas por um minuto que fosse, muitos pediriam um revólver para usar a força passageira em suas mãos, para apertar o gatilho contra a própria cabeça. Os semblantes daqueles que vivem em estado vegetativo com algum grau de atividade cerebral, exprimem inconformismo e renúncia de vida. A cara piscada, parece que imploram com os olhos, para que seus parentes desliguem os aparelhos e os deixem partir, pondo fim a tamanho martírio.

O ponto nevrálgico para o reestabelecimento de uma pessoa que se sente inutilizada, é fazê-la crer que ainda vale a pena. E convencê-la, de que a cadeira de rodas, o colchão d'água, as muletas, os cães guias, os aparelhos auditivos e as próteses ortopédicas não são caixões, mas sustentáculos de era existência diferente. Diferente, porém não menos valiosa. Não é fácil fazer com que o rapaz famoso no

bairro pela velocidade e dribles no campinho de futebol, se sinta estimulado a lutar por um meta, que se alcançada, o permitirá no máximo, dar cinco passos sem a perda do equilíbrio.

Quando tive um problema vocal que me afastou dos palcos por alguns meses, os fatores mais agravantes para a demora de minha recuperação foram; a tristeza e o pessimismo quanto a resposta do tratamento. Saber que a carga de exercícios não era garantia de sucesso, não me estimulava nem um pouco. Só comecei a me curar, a partir do momento em que aceitei a situação desfavorável e aprendi a comemorar as pequenas conquistas. Logicamente, eu não tenho a menor pretensão de comparar a gravidade de uma fenda numa corda vocal com uma paraplegia por exemplo. Apenas usei a minha dolorosa experiência como paralelo, para dizer que eu sei bem o quanto a depressão e a ausência de otimismo, conspiram para a falta de progressos em qualquer circunstância. Se ouvir da fono, que se tudo desse certo, no máximo em um ano eu estaria cantando novamente, já foi o suficiente para me abater pro fundamente, imagine o estado patológico de sofrimento psíquico, daquele que recebe a notícia em um hospital, de que não importa o que faça, nunca mais será como antes.

Mesmo com a já citada falta de dados do governo brasileiro sobre o assunto, arrisco-me a escrever, que não existe país, contando todos os que se encontram bombardeados por confrontos mortíferos, onde mais do que aqui, se pronunciem a frase:

- Lamento muito senhora, o seu filho não irá mais andar.

Da mesma maneira que não há médicos e fisioterapeutas da rede pública, designados para atender os feridos pela estupidez dos endinheirados, não há psicólogos para fazer feridos e familiares aprenderem a conviver com as chagas definitivas, deixadas na maioria das vezes, pelo poderio bélico estatal. Sem terapias psicológicas, todos na casa são obrigados a tentar superar sozinhos este outro modelo de adversidade atroz, perpetrada nas favelas pelos ricos. A deficiência física dolosa e o silêncio ao seu redor, são tão hediondos, quanto o extermínio em massa e a propagação e perpetuação da indigência.

Dentre as centenas de tipos de deficiências físicas geradas pela aristocracia nacional, escolhi uma para fazer um pequeno raio X. Escolhi uma das mais corriqueiras das zonas de combate do Brasil; a paraplegia, em razão de lesões medulares traumáticas por armas de fogo da polícia. As crianças afegãs e iraquianas, são decepadas por tropas estrangeiras, já os brasileiros de todas as faixas etárias, são desmembrados por compatriotas. As periferias do Brasil, diariamente apresentam os desfiles de veteranos de guerra, onde os carros de combate e os uniformes, são substituídos por cadeiras de rodas e roupas surradas. Na luta de classes local, o soldado do exército invisível que não é declarado morto, em diversas oportunidades é declarado paraplégico.

Por ter presenciado com mais frequência a paraplegia em consequência de disparos à queima roupa, efetuados pela corporação de assassinos, usarei esse drama como pano de fundo de minha explanação. No entanto, isso não quer dizer que eu

esteja esquecendo dos irmãos de sofrimento que tiveram membros amputados, tetraplegia, lesões no cérebro e paralisias faciais, como resultado da indução à criminalidade. Creio que um passeio pelo cotidiano de quem teve os movimentos de suas pernas roubados pelo sistema, já seja o suficiente para jogar luz sobre o absurdo das deficiências físicas evitáveis. Parar de andar por uma obra do destino, é foda! Parar de andar, devido à falta de obras assistenciais e políticas públicas para os setores negligenciados, é inaceitável.

Não existe dor mais profunda, do que estar no mundo das limitações, sabendo que aqueles que te conduziram para este planeta, além de terem feito intencionalmente, podem se dar ao luxo de praticar um cooper matinal. Não existe dor mais profunda, do que estar no mundo das limitações, sabendo que se não houvesse um regime tirânico em vigência, cuja finalidade única é ampliar a concentração de renda, você ainda poderia calçar chuteiras e marcar gols na quadra de Society do bairro. Cansei de ver a alegria, a saúde e o vigor físico de conhecidos, se esvaírem por buracos de balas. E justamente por isso, por ter acompanhado de perto muitas ocorrências, onde a fusão pólvora e perseguido culminaram em defeitos locomotores, eu posso assegurar, que todas as histórias se parecem com a narrativa a seguir. Como não pode deixar de ser, pormenores como; número de tiros, se diferenciam entre os acontecimentos que levam pobres às cadeiras de rodas, entretanto, o conteúdo central, é sempre o mesmo em todos os eventos envolvendo uma viatura e um jovem do gueto desesperado para não perder a vida ou a liberdade. De dez em cada dez manos que foram feridos tentando equiparação social através de pistolas, viveram ou vivem uma tragédia parecida com a que você vai ler agora.

No exemplo mais comum de mutilação brasileira, assim que começam a ser sanados os estragos nos hemisférios cerebrais, danificados pela pancada na cabeça arremessada contra o para-brisa do carro em fuga e pelos chutes e coronhadas desferidos por policiais, o mutilado de guerra começa a recobrar a consciência. Depois de ter transitado por semanas, por todos os graus de um coma premeditado em mansões, sem nenhuma ajuda dos neurologistas, o sobrevivente acorda e vagarosamente abre os olhos. Bastante desnorteado, o primeiro raciocínio lógico é perceber que está numa cama diferente e em um quarto que não é o seu. Com muito esforço, compreende que se trata de um hospital. Vê-se cercado de pessoas estranhas, vestidas com roupas brancas. Nota que são médicos, enfermeiras e auxiliares de enfermagem. Essas pessoas não demonstram preocupação, mas mesmo assim perguntam:

- **Fulano, você consegue entender o que eu estou falando?**

Dão vários beliscões e leves palmadas para verificar se o seu corpo é capaz de responder as solicitações do mundo exterior. Seguido aos contatos físicos, indagam novamente:

- **Fulano, você conseguiu sentir isso?**

Na tentativa de conferir o nível de atividade cerebral, fazem um pedido:

- **Se você estiver compreendendo as nossas palavras, pisque os olhos duas**

vezes.

Os seus olhos dão um lento giro de 360 graus e ele se vê ligado à vários aparelhos que substituem o seu sistema orgânico. Nesse reconhecimento visual, um objeto de metal chama a sua atenção, é uma algema. Ela prende seu pulso à cama hospitalar. Ele sente que a sua respiração é artificial. A garganta arde, o peito é acometido por uma dor insuportável. A dor é causada por um tubo que fora introduzido na sua traqueia, para manter o ar circulando em seus pulmões através de ventilação mecânica. Instintivamente, tenta mover as mãos para arrancá-lo e percebe que não consegue. Elas não atendem aos seus comandos cerebrais. Tenta mexer as pernas e descobre que elas estão completamente paralisadas. Tenta gritar, chamar as pessoas que ele ama. Inútil, a voz não sai. Faz um esforço monumental para se levantar e é em vão, os seus reflexos nervosos e a sua sensibilidade ainda não foram readquiridos. Quase enlouquece com o barulho irritante vindo do indicador sonoro do monitor cardíaco, ligado a seu tórax por eletrodos.

Questões começam a bombardear a sua cabeça.

- **Caralho, o que será que aconteceu?**
- **Porque eu tô aqui?**
- **Que porra é essa?**
- **Porque será que eu não posso me mexer?**
- **Será que eu fiquei paralítico?**
- **Porque será que me algemaram?**

Orações que nunca foram proferidas por ele, começam a ficar tão comuns, que se tornam repetitivas e paranoicas.

- **Por favor meu Deus, não deixa isso acontecer comigo.**

Ninguém pode ouvi-lo. Os médicos não podem afirmar **com** certeza se ele tem consciência ou não. Os Mengeles que adoram ver as ameaças para as suas contas bancam? nessas situações angustiantes, não sabem se ele conseguirá sob reviver, se terá alguma evolução no quadro clínico, uma vida normal ou se será apenas um vegetal. As palavras cortantes e insensíveis das explicações dadas por eles aos parentes nos horários de visita, rasgam a sua esperança como se fosse uma frágil folha de seda:

- Olha mãe, eu vou ser bem tranco com a senhora, a única coisa a fazer pelo seu filho no momento, é rezar!

- Clinicamente, o que era humanamente possível e viável nós fizemos, só que, infelizmente, os tiros produziram um grande estrago.

- O quadro é praticamente irreversível.

- O jeito agora é entregar na mão de Deus.

- A senhora tem outros filhos?

É comum que os médicos do SUS façam esse tipo de pergunta na hora de encenar o papel do profissional consternado, principalmente, em se tratando de

casos envolvendo familiares de pessoas com extensa ficha criminal. Fico arrepiado ao imaginar, à que tipos de desumanidades as pessoas da área da saúde pública foram expostas na infância, para acreditar que seres humanos possam ser colocados no lugar de outros, como se fossem objetos. Nem os animais que dão à luz a ninhadas com mais de dez exemplares, aceitam passivamente que um deles seja retirado de seu convívio.

Ao ouvir a palavra tiro, o mutilado de guerra fica perplexo e intrigado.

- **Tiro? Que tiro?**
- **Quem será o filho da puta que atirou em mim?**
- **Quem será o canalha que há essas horas deve estar pelas ruas contando vantagem, enquanto eu tô aqui imóvel nessa porra dessa cama, sendo tratado como um cachorro vira-lata por esse bando de playboys de faculdade?**
- **Será que foi o porco do gambé que tá lá fora, montando guarda pra que eu não fuja ou não seja resgatado?**

O mais novo portador de mutilações físicas de guerra, ferve os neurônios para tentar recordar de alguma coisa. Para tentar encontrar um motivo que justifique ou ao menos explique as razões para a sua desgraça pessoal. Para tentar visualizar o rosto do verme que fez sua mãe chorar. Algumas cenas confusas surgem como flashes em sua mente. As lembranças são nebulosas e sombrias, mas ele, tomado por um sentimento de ódio incontrolável, esforça-se para enxergar a face do inimigo por trás da névoa. A vingança a essa altura é a sua única força motriz, porém, com o tempo, deixará de ser.

Nos casos de deficiências físicas dolosas, produzidas pelo Estado, o desejo obsessivo pela desforra, atua como uma faca de dois gumes. Num primeiro instante, funciona como o incentivo para uma recuperação total ou parcial e num segundo, como uma fonte de frustração e decepção para o ferido em combate, quando este percebe que as limitações provocadas pela elite, jamais o permitirão executar retaliações contra os seus agressores. Com o decorrer dos dias, semanas e meses, mais do que perceber que não fará ninguém pagar por seu quadro irreversível, o mutilado de guerra constata que foi condenado à uma prisão perpétua, a ser cumprida em uma instituição prisional intransponível: a prisão corporal. Ele, que muitas vezes conseguiu fugir de reformatórios, distritos policiais, Centros de Detenção Provisória e presídios, agora precisará de grandes doses de antidepressivos para suportar o fato, de que ninguém dá fuga do cárcere do próprio corpo. A cadeira de rodas, que chocou ao ser vista pela primeira vez estacionada ao lado de seu leito hospitalar, é pra sempre.

Em muitas situações de comas reversíveis, o reestabelecimento total da consciência, acontece num ciclo de 2 a 4 semanas. Com o passar desse período, alguns ex-combatentes urbanos recuperam a coordenação motora e a fala, ou parte delas. A recuperação lenta das funções perdidas à chumbo e pólvora, também é uma via de mão dupla. A demora pode ser uma catástrofe mergulhada em uma tristeza profunda ou um fator psicológico favorável para um progresso clínico. O esforço sobre-humano para reaver uma função do corpo usurpada pelo sistema, pode tanto

matar, como fazer despedaçados em frontes de batalha comemorarem aos prantos uma conquista mínima. Há circunstâncias, em que as pessoas agradecem aos céus por conseguirem um simples abrir e fechar de mão, um sorriso, um piscar de olhos ou o pronunciamento de uma palavra.

Depois de uma dura temporada de sofrimento, ceticismo, inconformismo, incertezas, dores e medicamentos, muitos aprendem apenas a valorizar o que conseguiram reconquistar e não mais se lamentar pelo que perderam. Ao invés de culpar a Deus, por um destino tão cruel dentro de uma nova vida repleta de limitações, o agradece por terem ficado apenas paraplégicos. Nesse ponto de evolução, onde o calor das emoções já foi arrefecido, é bastante natural, mutilados de guerra considerarem ter saído das empreitadas de alto risco, no lucro. Afinal de contas. dada a ferocidade da burguesia, poderiam ter morrido, ficado tetraplégicos ou na pior das hipóteses, poderiam nunca mais recobrar os sentidos e permanecer até o fim de seus dias, sem qualquer capacidade neurológica de tomar conhecimento dos fenômenos às suas voltas. A aceitação da imperfeição e a vibração pelos pequenos progressos, são tão somente, os primeiros passos daquele que não pode mais caminhar. Ao chegar ao fim a carga horária de internação autorizada para um marginalizado, quem não morreu deve parar. Não existe sensação mais gostosa para um doutor do SUS, do que assinar a permissão para a partida de um paciente pobre. Ainda mais sabendo que o seu destino é uma penitenciária. O dia da alta médica, no lugar de ser um momento comemorativo e especial, torna-se uma data extremamente delicada para aquele que depois de um confronto com os robocops saiu apenas tetraplégico. Nos minutos que antecedem o acontecimento, inúmeras dúvidas começam a ditar as reflexões do mutilado de guerra:

- **Será que as pessoas me aceitarão nesse estado?**
- **Como será que vão me olhar?**
- **Terão nojo de mim?**
- **Me tratarão com preconceito?**
- **Serei discriminado?**
- **Meus amigos terão vergonha de mim?**
- **Será que ainda terei amigos?**
- **E as minas? Será que conseguirei namorar alguém de novo quando eu sair da cadeia?**
- **Será que alguém me visitará enquanto eu estiver preso, agora que sou um deficiente?**

As malditas interrogações corroerão os seus pensamentos, até serem interrompidas abruptamente pela voz fria e desdenhosa de um agente do Estado:

- **Já arrumou suas coisas? Tá na hora.**
- **Vambora que eu não tenho a tarde toda pra ficar de babá de malandro.**

É chegada a hora. A cadeira de rodas, comprada com o dinheiro de uma vaquinha no bairro, já está a posta esperando o seu ocupante. Esperando outro ocupante, que por um crime de gravidade infinitamente inferior às verificadas nos

delitos que os boys cometem, cumprirá uma pena temporária, privativa de liberdade e outra eterna, privativa de felicidade. Sem jeito, demonstrando imperícia no trato com as quatro rodas que passarão a ser a extensão de seu corpo, começa a seguir na direção apontada pela placa de saída. Rapidamente se liga que é observado por todas as pessoas que ocupam os corredores do hospital. Em segundos percebe que o espanto presente na expressão curiosa, não é fomentado pela comitiva que o conduzirá à um distrito policial e posteriormente à um CDP, mas por seu novo estado físico. Não pode acreditar, mas é verdade, não só para os filhinhos de papai da medicina, como também para diversos de sua própria esfera social, a sua nova condição o coloca na posição de aberração. Os olhares que exprimem o juízo de anomalia para o seu ser, são só os vestígios iniciais da mega discriminação nacional para com a classe. Nesse instante, parte do trabalho de autoestima realizado pelos parentes, vai por água abaixo. O homem de cabeça erguida, ao sair do quarto, dá lugar a uma pessoa desmotivada e cabisbaixa. Aquele que nunca temeu entrar numa agência bancária em plena luz do dia ou bater de frente com **a** PM, agora está com o coração disparado, as mãos trêmulas e a respiração ofegante. O **pânico** visível em seu semblante entristecido, não se explica no tempo em que ficará **trancado numa instituição** prisional e sim, nos anos em que permanecerá aprisionado no mundo das limitações físicas. Após ter vencido todas as etapas da Escala de Glasgow; ter readquirido abertura ocular, resposta verbal, parte da resposta motora e ter vencido a ineficácia e a torcida dos Josefs Mengeles para que a circulação sanguínea em seu cérebro cessasse e para que o seu eletroencefalograma não detectasse nenhuma atividade elétrica (o que resultaria em morte cerebral e posteriormente em lucro com a venda de seus órgãos), o soldado defeituoso teme ser engolido pelo planeta dos homens fisicamente perfeitos.

Ele sabe que está numa contagem regressiva para o desconhecido. Sabe que passar pela porta do hospital, significa adentrar em um plano carnal, ignorado por muitos cidadãos que não são portadores de deficiências físicas. Sabe que passar pela porta do hospital, significa se transformar numa espécie de extraterrestre, que viverá numa "civilização" não adaptada para a sua existência. Uma "civilização" que o excluirá com suas barreiras arquitetônicas e sociais. Uma "civilização" onde os dirigentes não rebaixarão calçadas, instalarão rampas para ~~facilitar~~ a sua locomoção e tão pouco, colaborarão para a sua inserção profissional oferecendo-lhe cargos em empresas, mesmo que seja obrigatório pela lei n° 8.213 de 25 de julho de 1991. O mutilado de guerra descobrirá a sordidez desse mundo, ao constatar que muitas das empresas com mais de cem funcionários, que deveriam reservar de 2% a 5% de seus cargos para portadores de alguma deficiência física, preferem fazer manobras ou ser multadas pelo Ministério do Trabalho, do que atender essa parcela da sociedade. Não é raro, que empresários façam contratos de prestação de serviço com seus empregados evitando registrá-los, para manter o quadro de funcionários abaixo do número exigido para a reserva de cotas. Com tal artimanha, os patrões preconceituosos, além de se livrar dos personagens indesejáveis, fogem dos encargos trabalhistas dos "prestadores de serviço". O mutilado de guerra descobrirá a sordidez desse mundo, ao constatar que mesmo que um dia venha a encontrar uma

empresa cumpridora desse decreto, nunca será contratado, pois para a sociedade falsa moralista, o paraplégico que cumpriu pena reúne dois tipos de deficiências: uma física e outra moral. Se não existem vagas no mercado de trabalho para os deficientes convencionais, imagine para um ex-presidiário que apresenta problemas no seu sistema locomotor em razão de uma rajada de metralhadora 1.40, disparada pela polícia. A chance da ficha de um deficiente físico com antecedentes criminais receber o carimbo de aprovado de um empregador, é zero.

Ao se encaminhar sentido a saída, aquele que teve os passos roubados pelos ricos, está indo na direção das escolas públicas que não são preparadas para recebê-lo e que não são compostas por profissionais treinados e capacitados para lidar com casos de pessoas especiais. No país, onde os líderes fingem solidariedade as crianças afegãs e iraquianas decepadas, foda-se se um aluno é cadeirante. Ele que se vire para subir os inúmeros lances de escada, se arrastando e levando consigo os seus materiais escolares e a sua cadeira de rodas. Se um estudante tem algum retardamento mental que dificulta seu aprendizado, seus pais que o ponham numa escola particular especializada. Inclusive, serão até aconselhados a tomar tal providência por alguns diretores escolares, loucos para dispensar aquilo que consideram ser um problema. Para induzir a transferência, usarão como argumento o tratamento hostil dos outros alunos, recheado de piadas, apelidos e agressões.

- Vai por mim mãe, é melhor pra ele ser colocado em um ambiente onde todos os coleguinhas são parecidos.

Ao sair pela porta do hospital, será como se tivesse contraído lepra. Uns terão nojo, outros terão dó. Jamais será considerado como um homem normal novamente. De agora em diante, serão poucos os que não o olharão como uma aberração! De agora em diante, ao se referirem a sua pessoa, a maioria usará o termo depreciativo: aleijado! Pelo setor de emergência do Pronto Socorro entrou o bandido temido e respeitado por todos e sairá um deficiente físico.

Depois de uma longa e penosa temporada pelo sistema carcerário cumprindo as suas duas sentenças conjuntas: a privativa de liberdade e a privativa de uma parcela de seus movimentos corpóreos é provável, que no dia em que o seu alvará de soltura seja executado, estejam três ou quatro amigos em frente as muralhas o esperando com um carro. Eles estarão ao seu lado, até constatar que o ex-criminoso de alta periculosidade não metralha mais a porta giratória dos bancos; não explode mais o carro do diretor do presídio com C4; não comanda mais as ações criminosas ousadas que são manchetes nos jornais; não desfila mais de Hayabusa, cada dia com uma mina diferente na garupa; não lidera mais rebeliões em presídios e não causa mais inveja e temor em ninguém. O manterão no seu círculo de amizades, até testemunharem a decepção estampada nos rostos da molecada da quebrada ao o avistarem. Até verem que os moradores do bairro não mais o reverenciam e o admiram. Até verem que as crianças não querem mais ser iguais a ele quando crescerem.

Quando o homem deformado tentar vencer a ladeira íngreme, empurrando sozinho e lentamente a sua cadeira de rodas, o seu antigo brilho será esfacelado. Todo o currículo na criminalidade e conceito conquistados nas ruas serão apagados.

O mito do favelado que "venceu" o sistema através de uma submetralhadora, será reduzido a cinzas. Ou melhor, será substituído pela velha máxima do: o crime não compensa.

Uma pequena colocação. Esta afirmação deveria ser sempre apresentada acrescida de um adendo; o crime não compensa para os desprivilegiados.

A sua presença não causará mais impacto e sim aversão. Não lembrará nem de longe o herói de outrora do bairro, que era o tema das conversas em volta da fogueira e das letras de Rap e Funk. Enquanto uns comemorarão, outros cochicharão baixinho:

- É esse aí que era o monstrão que não dava boi pra ninguém?

- Foi nisso que se transformou o mano bicho solto da área? O espelho de todos os pivetes candidatos ao crime?

- É ele mesmo.

- Se fodeu grandão!

Em tom sarcástico alguns dirão:

- O destino é foda mesmo né tiozão! Num dia, o mano leva uma vida emocionante cheia de aventura e adrenalina dando perdido na Rota à 200 quilômetros por hora no Audi A6, no outro, leva uma vida melancólica, monótona e tediosa à 1 quilômetro por hora a bordo de uma cadeira de rodas.

Os mutilados de guerra que passaram e passam pelo doloroso e inevitável processo de rejeição, descobrem por meio deste tratamento de choque, que quase não há amizade, amor e lealdade, quando um homem perde seu poder, seu destaque e seu dinheiro.

Dificilmente a rapaziada da antiga gritará no portão, daquele que a renda foi reduzida à uma aposentadoria por invalidez, no valor de um salário mínimo, insuficiente até para a compra de seus remédios.

Dificilmente a rapaziada da antiga gritará no portão, daquele que no boteco não pagará mais a rodada de cerveja e as fichas de bilhar e que não bancará mais as festas regadas à maconha, cocaína, crack, whisky e vagabundas, em comemoração aos êxitos obtidos em grandes assaltos.

Suportar a solidão, é um dos desafios mais importantes para a sobrevivência de uma pessoa com mutilações físicas. Não é brincadeira conseguir tolerar a significativa redução de números de telefones de "amigos", na agenda do celular. Não é brincadeira conseguir tolerar a enorme quantidade de suas ligações não atendidas propositalmente, que vão para as caixas de mensagens. Em muitas situações, a rejeição se torna um obstáculo à ser vencido, bem maior do que a própria deficiência. Esses momentos da vida a princípio são bastante dolorosos, porém, com o decorrer do tempo, se tornam valiosas provações. Nessas horas, acontece uma seleção natural da vida. Um teste, em que os verdadeiros são classificados e os interesseiros eliminados. Só os aliados de coração, atados pelos laços da sinceridade e da transparência, restarão em companhia do combatente ferido. Só permanecerão ao seu lado, os que o consideram pelo o que ele é e não pelos bens materiais que ele

teve ou tem. Os abutres materialistas subiram como balões em dia de revoada.

Durante o processo seletivo para distinção das plantas que curam entre as ervas daninhas, o maior problema do homem que teve a funcionalidade de seu corpo subtraída pela aristocracia, será se ele ainda não tiver encontrado a companheira dos momentos tristes e felizes. O maior problema será, se ele ainda não tiver encontrado a guerreira, que permanecerá fiel ao seu lado na pobreza ou na riqueza, até que a morte os separe. E que a chance de uma vadia gananciosa, atraída pelo seu padrão de vida do passado, olhar para a sua cara novamente, é de uma em um milhão. As mesmas que não tiravam seu nome e seu pau da boca, não o cumprimentarão nem por caridade. Dos manos que perdem alguns movimentos do corpo, aos que saem de um presídio com cinquenta anos idade, todos, sem exceção, pagam um alto preço pela conversão de n° 1 da quebrada em veterano de guerra.

Mesmo com o governo brasileiro se esforçando para ocultar informações relativas ao assunto, é possível acessar a verdade por meio de levantamentos realizados por órgãos internacionais. De acordo com dados da Organização Mundial Da Saúde (OMS), por mês no Brasil, cerca de dez mil pessoas se tornam portadoras de deficiências físicas. Dentre as principais causas, somente os acidentes de trânsito talvez não devam ser atribuídos totalmente à política ditatorial da classe dominante. As causas restantes, estão completamente associadas à sua **Guerra Não Declarada.**

Oficialmente, os fatores primordiais para a disseminação em larga escala da chamada invalidez permanente no país são: **Os acidentes** de **trabalho;** ocorridos devido a carga horária desumana e o ritmo de esforço físico abusivo a que são submetidos todos os empregados, escravizados nos campos de trabalhos forçados da burguesia. **Os erros médicos:** ocorridos nos laboratórios de pesquisa do SUS (hospitais da rede pública), durante as experiências e estudos realizados com cobaias hu~~manas~~ vivas, vindas dos bairros periféricos. A **violência urbana,** que com seus embates travados com armas de fogo e armas brancas, respondem pela grande maioria das lesões medulares traumáticas. **As drogas lícitas e ilícitas;** que são usadas pelo regime segregacionista patronal, para no período de gestação e infância dos pobres, gerar as malformações e as doenças mentais, que impedem o desenvolvimento saudável de muitas de nossas crianças. **A alimentação hipocalórica e hipoprotéica e a má alimentação patrocinada pelas indústrias alimentícias e restaurantes de fast food;** que provocam desde paralisias à amputações.

Nesse exato momento, uma grande parcela dos que figuram nos estudos estrangeiros, feitos sobre as deficiências físicas provocadas pela ignorância do homem polido brasileiro, estão em filas de espera de entidades filantrópicas ou governamentais, sonhando com as vagas dos setores de fisioterapia. Sonhando em recuperar aquilo que o Estado e a burguesia lhes roubou.

Obviamente, em raríssimas situações, o produto do roubo será devolvido. Obviamente, em raríssimas situações, as portas das entidades que trabalham para o pronto restabelecimento físico e mental de cidadãos, estarão abertas para receber favelados mutilados pela guerra dos playboys. A explicação para isso é bem simples: aquele que ordena a seus assassinos que atirem, não ergue centros de apoio para

melhorar a qualidade de vida de suas vítimas.

Durante a leitura deste capítulo, estimada em 40 minutos, pra ainda mais azar dos favelados mutilados, a disputa por uma vaga em um desses centros de reabilitação ficou mais acirrada, pois novos nomes entraram nas listas de espera.

No decorrer desses 40 minutos de leitura, cerca de 4 pessoas foram mutiladas fisicamente no Brasil.

Os Automutilados

No reino da ganância e da ignorância, as mutilações de guerra são bem mais amplas e abrangentes do que as amputações, as paralisias cerebrais e a perda de movimentos físicos, em consequência de traumas causados por armas de fogo de alto impacto. Elas não arrancam apenas membros e limitam movimentos corporais, elas também decepam futuros, sonhos, liberdade e vínculos entre amigos, casais e familiares. Não existindo assim, uma única pessoa, em toda a sociedade, que seja imune aos processadores e trituradores de seres humanos da dominação burguesa. Nem mesmo os próprios burgueses estão a salvo de suas máquinas governamentais de moer vidas!

A violência é uma teia que liga um a um, cada ser vivo do planeta, em especial, os brasileiros. E a única força capaz de fazer uma aliança entre homens de diferentes níveis socioeconômicos. A **Guerra Não Declarada** da playboyzada, é o modelo mais primoroso dessa teia de violência. No mesmo tiro, temos a presença de atores de todas as esferas sociais.

Vou citar um rápido exemplo: os mega industriais da classe AAA, com autorização dos políticos também AAA, fabricam a arma e a vendem aos distribuidores da classe AA, que por sua vez, a contrabandeiam para os países latinos, onde lojistas da classe A, a repassam para compradores brasileiros também da classe A, para que estes a trafiquem para os negociantes da classe C, que a introduzirão nas comunidades das classes D e E, para que meninos também D e E invadam os apartamentos classes A, AA, AAA e matem as vítimas também A, AA, AAA. Fato que culminará em protestos e pressões públicas, articulados pela classe A, AA e AAA sobre os políticos e mega industriais da classe AAA e consequentemente, em meninos da classe D e E executados ou detidos por policiais D e E.

A teia da violência não é só um sinônimo de união fúnebre, é o maior exemplo de exercício de democracia no Brasil. Ela mutila a todos de forma física e social, independente de sua condição financeira, raça, cor, sexo, credo ou faixa etária. Não importam os bilhões nas contas bancárias da Suíça, todo rico está sujeito a perder suas orelhas num carneiro.

É bem verdade, que as mutilações de guerra ocorrem em todos os pontos geográficos do país dos muitos Brasis, entretanto, em cada um deles, elas apresentam características particulares. No Brasil nivelado ao padrão de desenvolvimento humano do continente africano, o corpo é triturado a contragosto pelo inimigo natural do homem pobre. Já no Brasil com ares europeus e primeiro-mundistas, os habitantes tomados pela burrice e por uma espécie de sentimento masoquista, se automutilam.

O que mais chama a atenção nas orelhas decepadas dos membros da elite, não

é a parte estética após os implantes cirúrgicos quase sempre imperfeitos e sim, o faro delas terem sido amputadas por vontade própria e livre escolha die seus donos.

Convido você leitor, a embarcar comigo em uma viagem rumo aos centros nacionais de bestialidade, situados nos bairros de alto padrão das chamadas classes A, AA e AAA.

Esses lugares são palcos de autoflagelações, automutilações e de milhares de suicídios sem bilhetes deixados para esclarecer as razões motivacionais. Na falta dos bilhetes suicidas, eu vou tentar explicar um pouco do comportamento autodestrutivo dos controladores das finanças e da política da nação.

A partir do ano de 1500, os antepassados festejados pelos ricos; os europeus estupradores, sequestradores, ladrões e assassinos, começaram a condenar com *SUA* sandice, o futuro de sua espécie. Iniciaram nessa época sombria. as fundações de uma organização social, pautada na injustiça e na violência. Junto com a pedra fundamental dessa nova sociedade, as antigas mentes psicóticas, estipularam as regras e as leis que garantiriam eternamente a aquisição de riquezas através da exploração dos subjugados. Isso, desde que as mesmas não fossem violadas. Para que a nova ordem se mantivesse absoluta, bastava aos senhores de engenho negar a cidadania à camada "inferior" e não extrapolar os limites de servidão, que cada homem preso aos seus grilhões era capaz de suportar. Era preciso somente seguir o parágrafo primeiro da cartilha da tirania:

Um ser humano pode até admitir a falta de liberdade e as longas jornadas de trabalhos braçais, mas reagirá de forma agressiva, se a estes abusos forem adicionados as chicotadas e o estupro de suas mulheres.

O plano era perfeito, se o equilíbrio não fosse quebrado. Os dominadores corrompidos e cegados pela força do poder em suas mãos, burlaram as determinações e se impuseram a primeira automutilação. Talvez, com base no pensamento da igreja do período colonial, que afirmava que; os negros não tinham alma, acreditaram que além da alma eles também não tivessem cérebro, sentimentos e emoções. Talvez, com base no pensamento da igreja do período colonial, acreditaram que as pessoas sem sobrenome eram máquinas de produção, que não sentiam dores, não se cansavam e não padeciam de doenças.

Visando a ampliação de suas fortunas, os escravocratas no desenrolar dos séculos impingiram aos servos os níveis mais degradantes e intoleráveis de indigência, brutalidade e escravidão. Esta atitude insana, selaria pela primeira vez a sorte da oligarquia nacional, pois seria o estopim da primeira onda tsunâmica de rebeldes e insurgentes a abalar um poder estabelecido. O grave erro dos senhores de posses do passado, fez com que a revolta popular varresse castelos no ano de 1888 e obrigasse a princesa Isabel a assinar a Lei Áurea. Sabe aquele dito que diz que devemos aprender com os nossos erros? Bom, parece que os ricos o desconhecem. Décadas depois errariam feio de novo.

Após completada a anulação da nação alforriada e a expansão do branqueamento cultural, as rédeas do país, perdidas por antepassados automutilados, estava de volta às mãos da elite. E por lá permaneceria eternamente, caso as antigas normas fossem adaptadas ao presente e devidamente respeitadas.

Para reinar de forma absoluta e soberana sob os destroços rescaldados da primeira onda tsunâmica de ira e revolta, bastava aos herdeiros decorar o parágrafo primeiro da cartilha da tirania versão atualizada:

Um ser humano pode até admitir a liberdade parcial e as longas jornadas de trabalhos braçais, mas atirará na cabeça de alguém, se à estes abusos, forem adicionadas a fome, a favela, a brutalidade estatal, a falta de direitos humanos, civis, políticos e sociais, a ausência de educação de qualidade e a carência econômica.

O plano de controle integral tinha tudo para dar certo desta vez, se não fosse um novo ato falho. Novamente, os mais privilegiados se deixaram cegar pela ganância exacerbada. Novamente, os mais privilegiados subestimaram o limite de resistência à dor do homem cativo. Esta nova atitude insana selaria pela segunda e derradeira vez a sorte da oligarquia nacional pois seria o estopim da segunda onda tsunâmica de marginalizados e excluídos a abalar um poder estabelecido. E desta vez para sempre.

O grande equívoco dos homens de posses do presente, fez com que **a** revolta popular nunca mais deixasse de burlar os sistemas de defesas dos bairros chiques, rara coagir playboys a assinar pedidos de resgates em sequestres. Esses dois momentos marcantes da história nacional, simbolizam o surgimento dos únicos poderes paralelos que ousaram desafiar a dominação dos nobres.

O primeiro reinado dos escravagistas caiu aos gritos de:

- Liberdade, liberdade, liberdade.

O segundo reinado dos escravagistas caiu aos berros de:

- Vai arrombado, mostra logo onde tá a porra do cofre ou eu derreto a sua cara na boca do fogão.

Enquanto a primeira leva de parasitas cometeu o erro de mutilar o seu poder absoluto, exagerando nas descarnações feitas pelos açoites, a segunda decapitou a cabeça da galinha dos ovos de ouro, ao abusar da ampliação dos bolsões de miséria, da desesperança, da indiferença e da sedução desenfreada ao consumo. O primeiro reinado foi derrubado no século XIX. Já o segundo, nas décadas finais do século XX estava completamente ruído. Quando os capitães do mato não conseguiram mais conter os insurgentes do passado, os cetros das autoridades reais foram calcinados. Quando os capitães fardados não tiveram mais forças para conter a ebulição nas senzalas contemporâneas, repletas de seres sedentos por justiça social, os novos reis foram calcinados.

O último vestígio de submissão total no Brasil, foi extinto com o surgimento das quadrilhas de pobres, organizadas pela voracidade dos opressores por papel moeda.

Ao arrebentar a barragem que o represava, o dilúvio de sangue inaugurou uma nova era. A era, onde as praias particulares são inundadas com a indignação e o inconformismo de jovens bombas invisibilizados.

Muito mais do que pôr fim ao novo legado de controle, a segunda onda

tsunâmica fez com que todos os herdeiros dos senhores feudais entendessem, que a partir de então, estavam condenados aos dentes da lâmina decepadora do destino. A segunda onda tsunâmica fez com que todos os herdeiros dos senhores feudais entendessem, que os escravizados contemporâneos não só tinham alma, como eram capazes de sonhar, como Zumbi dos Palmares sonhou com a liberdade. Eram capazes de desejar, como Mahatma Gandhi desejou a paz. Eram capazes de protestar, como Martin Luther King protestou pela igualdade racial. E eram capazes de lutar, como Malcolm X lutou pelos direitos do povo negro.

Da mesma forma que Rosa Parks cansou de ceder o seu lugar a passageiros brancos nos ônibus em Montgomery no Alabama, esta parte do povo encarcerado nas favelas por pressão física e psicológica, cansou de entrar pelas portas do fundo do país e de subir na vida apenas pelos elevadores de serviço. Cansou de se manter passiva dentro das senzalas de madeirite, olhando amedrontada pelas frestas seus semelhantes sendo jogados dentro de navios negreiros descaracterizados, apelidados de viaturas.

Após a queda da primeira monarquia de canalhas, os marginalizados aguardaram pacificamente por décadas por políticas afirmativas que assegurassem a sua inserção social, quando entenderam que a espera seria eterna, pois o opressor jamais cederia ao oprimido por iniciativa própria, resolveram buscar indenização a força, pelos serviços prestados à pátria. Resolveram buscar na marra, as suas cotas da sociedade. Resolveram rasgar a balas, o contrato social que dava poderes ilimitados aos bem-nascidos. Resolveram fazer com que os boys passassem a viver de forma vegetativa. E conseguiram!

Após a segunda e devastadora onda tsunâmica de rebeldes e insurgentes, a playboyzada foi aprisionada em um processo automutilatório infindável e imutável

No "paraíso tropical", o sentido literal do termo: riqueza, foi esquartejado pela imbecilidade dos endinheirados.

Da Grécia antiga às atuais ocupações norte-americanas, qualquer ofensiva militar de grande porte teve e tem como resultado, uma grande soma de prisioneiros feitos de escravos. Na **Guerra Não Declarada** do Brasil não é diferente. Nesse combate justificado na ambição doentia da playboyzada, os vencidos pela própria estupidez, hoje são os escravos de luxo de sua política de Apartheid social, cultural e racial. Os "nobres" da terra carnavalesca, são outros dos muitos casos ímpares apresentados pelo Brasil, na história das civilizações. Ú o único povo do mundo que se amarrou e se amarra à um pelourinho, para ser despedaçado em praça pública. As suas mentes psicóticas são uma incógnita até para os neurocientistas mais experientes do planeta.

Como visto anteriormente, a classe dominante, ao longo da história brasileira, provocou a si mesma duas importantes automutilações, sendo que a segunda foi a responsável pela perda definitiva do controle social total. Antes de escrever sobre as consequências diretas do comportamento escravizador autodestrutivo dos tiranos, quero deixar claro, que quando me refiro à perda do controle integral, não estou afirmando que os ditadores foram depostos e a favela assumiu o seu lugar de fato e de direito. Estou querendo dizer, que na atualidade os ditames do servilismo do topo

da pirâmide, não abrangem todas as pessoas esquecidas nos bairros pobres. Por exemplo: os playboys não conseguem impedir por meio de nenhuma força física ou alienadora, que aquele que deseje buscar igualdade social por meio de uma dock, o faça. Em outras palavras, ao provocarem a segunda automutilação emblemática, os ricos perderam o controle sobre a violência. Perderam a imunidade contra uma enorme parcela de marginalizados insubmissos. Logo, não há motivos para comemorações, afinal, o controle financeiro e político do Brasil, infelizmente, ainda está inteiramente em suas mãos. Aliás, no mundinho projetado pelas amebas investidoras da bolsa das desgraças alheias, não há motivos para que nós e nem eles comemorem.

É bem verdade, que a perda do estado de completa obediência servil da massa carente não os retirou das zonas de alto padrão, no entanto, os arrancou de suas zonas de conforto e segurança. Continuaram com os helicópteros, jatinhos e iates, mas perderam a tranquilidade para desfrutar dos prazeres que o dinheiro pode comprar. Continuaram com os jantares regados à vinhos no valor de mil dólares a garrafa, mas perderam o apetite com a gama de amputações que se auto infligiram.

A segunda onda tsunâmica de rebeldes e insurgentes, deu origem a um círculo vicioso de automutilações sucessivas, que nem mesmo as famílias mais abastadas do país, puderam e podem evitar.

Quando o poder paralelo, nascido pelo parto a fórceps, realizado pelos boys do século XX, passou a dar algumas cartas, a elite acostumada a fazer servos se curvarem, ficou de joelhos diante da força de retaliação do gueto.

Quando a diretriz de uma fração expressiva da sociedade branca, passou a ficar sob custódia dos descendentes de escravos e supliciados, só restou duas saídas aos continuadores do império do terror de seus antepassados: entrar em pânico e se esconder.

Desde a instituição, pela própria burguesia, de um grupo opositor ao seu poder criminosamente constituído, o burguês que criava todas as regras do jogo, se viu forçado a "viver" uma vida altamente regrada. O burguês que definia o comportamento de todos seus escravos, se viu forçado a seguir religiosamente um manual não escrito de conduta, onde a infração de qualquer ponto representa um ingresso à casa dos mortos. Representa a moagem de sua carne e ossos como se fossem restos de porcos.

Depois de promoverem a auto amputação de parte de seu domínio da pátria, os bem-sucedidos, através de suas ações político-sociais, impuseram a si mesmos a perda completa do direito de ir e vir. Todos os detentores do monopólio da riqueza nacional, perderam a prerrogativa de gozarem dessa garantia constitucional. Surfar na praia? Só mediante à escolta de um esquadrão da morte fazendo bico. Assim que a classe rica decepou o privilégio da sua livre locomoção, recebeu instantaneamente como premiação, duas incuráveis mutilações psicológicas: a Síndrome do Pânico e o Estresse Pós-Traumático. O temor mórbido, inspirado pelos favelados insurgentes, fez surgir a primeira patologia, enquanto a segunda, nasceu da revivescência dos momentos de horror, vividos em companhia de favelados insurgentes.

As ações atrozes dos que não dividem nada, dividiu a sua corja em dois grupos de afetados por esses modelos de perturbações mentais autoprovocadas; os que apenas sofrem de fobia de pobres, mas não tiveram qualquer tipo de contato desagradável com um pobre e os que sofrem de fobia de pobres somada a recordação de um evento traumatizante, proporcionado por um pobre armado.

No grupo n° l, afetado pela Síndrome do Pânico, a mutilação psicológica normalmente é ocasionada pelas avalanches de notícias difundidas pelos meios de comunicação, sobre a pandemia de violência nacional. As manchetes que expõem explicitamente as guerrilhas urbanas, exaustivamente divulgadas pela imprensa marrom, produzem nos endinheirados um efeito duplo. Quando os corpos desovados nos córregos são de despossuídos, o morador da cobertura milionária se transforma em um monstro insensível, por outro lado, quando os restos mortais são de um dos seus, o bacana se converte em uma pessoa tomada por sintomas tais como; calafrios, distorções de percepção da realidade, tonturas, palpitações e tensões musculares. A cena que mostra o cadáver no bairro chique, exibe uma mensagem em um alfabeto de fácil leitura. É um hieróglifo que todo boy consegue decifrar em segundos. Significa: contagem regressiva para que o mesmo aconteça com você e com os membros de sua família. Não há uma ameba capitalista que não agonize em meio à descargas de adrenalina, aceleração cardíaca e tremores, ao ver na TV, outro pertencente à esfera dominante sofrendo convulsões, sufocado pelo próprio sangue e vômito. Todos eles sabem, que quando o aparato de segurança pessoal e patrimonial falha, a profecia do; quem vive pela espada morre pela espada, se concretiza. É que nesse momento de concretização de predição de futuro, a espada da justiça promove uma nova série de mutilações na carne da burguesia em assaltos, sequestros e assassinatos. Não é errado afirmar, que a Síndrome do Pânico seja responsável pela maior epidemia da história da humanidade, pois ela infecta 100% dos abastados. Só pra se ter uma ideia do poder desta doença, a gripe espanhola, ocorrida em 1918, considerada como a maior pandemia de todos os tempos, matou apenas entre 2,5% a 5% da população mundial da época. A Síndrome do Pânico mata de medo todos os endinheirados!

No grupo n° 2; os que sofrem da Síndrome do Pânico associada ao Estresse Pós-Traumático, após a mutilação física, a mente já perturbada do rico é infestada por sequências de receios patológicos, que pouco a pouco deixarão a antiga personalidade de seu dono em pedaços. Agindo como um multiprocessador de alimentos, o cérebro abalado por coronhadas, espancamentos, tiros ou situações de cárcere privado, além da produção da insônia em decorrência de pesadelos, decepa a coragem da vítima em pisar na rua, ficar sozinha em casa e dormir com a luz apagada. Os que tiveram a integridade física ameaçada ou comprometida por jovens empurrados para a criminalidade, se apoiarão eternamente nas muletas dos calmantes. Os momentos vividos na ocasião do atentado sofrido, não serão apagados nem com anos de terapia médica. A paz psíquica e de espírito, cortada pela própria ignorância, jamais será reestabelecida. O sistema nervoso, não é como uma lagartixa que perde a cauda e depois se regenera.

Após a segunda onda tsunâmica, demorou algum tempo para que a elite

percebesse a sua derrota acachapante. Demorou algum tempo para que a playboyzada entendesse, que depois da instituição do último poder paralelo, ir ao cinema, ao teatro ou à um restaurante cinco estrelas sem um tanque de guerra (um BMW blindado) ou uma armadura (uma jaqueta aprova de balas), era é o mesmo que ingerir cianureto. Depois da segunda onda tsunâmica, demorou algum tempo para os assassinos sociais perceberem, que todos da sua laia estavam proibidos de respirar ar puro, caminhando nas calçadas e parques das cidades brasileiras.

A teia da violência, tecida por eles mesmos, os havia metamorfoseado em peixes que não podiam viver fora de um aquário de segurança, no entanto, a escória local só acordaria para essa realidade, no instante em que as taxas de assaltos, sequestros, roubos e homicídios, começassem a crescer de forma assustadora.

Somente na hora em que as rajadas de pistolas e submetralhadoras migrassem das periferias para as regiões de alto padrão, os escravizadores compreenderiam de vez, que haviam perdido a guerra e que a estratégia mais sensata a se adotar era a retirada às pressas.

Quando o sangue que minava nas áreas negligenciadas pelo poder público, passou a jorrar como água de chafariz nas localidades de grande valor imobiliário, estava decretado definitivamente, que sem equipamentos de proteção de última geração e o apoio tático de um novo exército não oficial, as vidas artificiais dos concentradores da renda brasileira não seria mais possível.

Mesmo com as suas tropas de covardes trabalhando noite e dia, para que o povo marginalizado reconhecesse corpos decompostos de seus filhos no IML, não havia mais volta, as imponentes mansões dos bairros projetados pela antiga oligarquia, não eram mais seguras. Os favelados invisibilizados, com as suas ações independentes e fora de sincronia umas com as outras, haviam conquistado parte do território inimigo. Obviamente, a nossa gente nunca tomaria posse dos suntuosos casarões abandonados e desvalorizados, mas com certeza, impediria que muitos dos arrogantes de nariz empinado e grande poder aquisitivo, permanecessem morando neles.

Agora era pra valer. Os problemas que não eram problemas das famílias da alta classe, haviam se tornado os maiores e mais preocupantes problemas dos psicopatas em peles de cordeiros.

Acuado e com o rabo entre as pernas, o monstro chamado elite, deu início a mais compulsiva corrida por proteção pessoal e patrimonial testemunhada na história da humanidade. Deu início a corrida estúpida e paranoica, onde cada distância percorrida, representou uma dolorosa automutilação em seu corpo viciado, desonesto e corrompido.

A impossibilidade de interferir no ímpeto de fúria de algumas mentes do gueto, fez com que o playboy se apressasse para redesenhar o seu próprio quintal.

Já que não era mais possível interagir nos campos de concentração, ordenando aos famintos que ficassem catalépticos aguardando o cumprimento de promessas políticas, tornou-se imprescindível para a conservação de seus sinais vitais, o surgimento de um novo estilo de vida no topo da pirâmide.

No lugar de promover a justiça social, os construtores de celas para crianças

pobres, preferiram fincar barras de ferro em seu universo, até se trancafiarem por completo em jaulas. Um animal irracional e domesticado, não admitiria passivamente “viver” em um cercado, mesmo que dentro deste houvesse as melhores rações do mercado. Eu não seria feliz vivendo atrás de muros de tijolos, mesmo que dentro destes houvessem todo ouro do mundo.

Alguns pobres estão atrás de grades devido a carência monetária. Todos os ricos estão atrás de grades porque são burros, egoístas e miseráveis.

Nos primeiros focos das novas insurgências, os burgueses parasitas tentaram fugir da violência, mudando-se para condomínios de luxo afastados das grandes metrópoles. Em seguida, aderiram à moda dos automóveis blindados. A falta de inteligência é tanta na camada “superior” da sociedade, que os idiotas acreditavam piamente, que a distância das favelas e o ato de trafegar nos grandes centros urbanos dentro de cabines protegidas por mantas de fibra de aramida, chapas de inox e cinco lâminas de vidros fixadas umas às outras, seria o suficiente para sobreviver à hecatombe de própria autoria. Não Foi!

Com o passar do tempo, as fitas VHS em que apareciam os seus entes queridos sendo torturados ou esquartejados vivos em cativeiros, soaram como avisos mediúnicos para a aristocracia local: o nosso aparato de proteção ainda não supri a necessidade; ainda somos vulneráveis, o pior vai acontecer...

Os avisos em formato de corpos carbonizados, mostraram que viver em lugares desertos como eremitas, amortecer impactos de balas e fazer do Brasil o maior mercado consumidor de veículos blindados do mundo, não era o bastante para a solução da crise da segurança pública brasileira. Deste modo, os enterros faltando pedaços não encontrados de playboys, tiveram duas consequências diretas: o aumento vertiginoso do extermínio de pobres e o inchaço do pacote de segurança com a adição demente de novos e novos itens supérfluos.

Em meio as altas labaredas das trevas, eis que nasce o conceito moderno de rico seguro. Um playboy bem protegido desde então, junto com a residência no condomínio fechado e um carro blindado, deveria possuir; uma escolta armada 24 horas por dia, circuitos de TV, cercas elétricas, cerca de infravermelho, alarmes, guaritas e rastreamento e monitoramento via satélite para seus bens e sua pessoa.

Infelizmente pros bacanas, os novos mandamentos e apetrechos de sobrevivência, não cumpriram satisfatoriamente a missão de protegê-los! E nem poderiam mesmo, afinal este não era o objetivo dos empresários que vendiam proteção ou que seguravam os seus patrimônios e vidas. Alguns canibais da alta classe não estavam satisfeitos em saborear apenas a carne das pessoas aprisionadas nos bairros esquecidos, desta forma resolveram se alimentar do semelhante rico. Resolveram ampliar os dígitos de suas contas bancárias, fazendo uso do temor paranoico de seus iguais.

O desequilíbrio mental em massa, provocado pelo surto de Síndrome do Pânico e Estresse Pós-Traumárico, fez com que as empresas oportunistas do ramo da segurança privada, enxergassem no Bum da violência o não rentável que ela representava. Os degustadores de carniça desse setor, passaram a investir pesado na problemática. Não na funcionalidade e aperfeiçoamento de produtos e serviços, mas

na distribuição de presentes em redações de jornais nacionais de imensa credibilidade, para que o marketing agressivo da insegurança total fosse alardeado. Quanto mais a frase; eu preciso reforçar a minha segurança, se tornava um mantra entre os boys, mais o negócio da indústria do medo prosperava. A técnica era e ainda *é* bem simples; os âncoras dão a notícia de maneira alarmante e sensacionalista sobre o grande número de veículos roubados e em seguida a emissora põe no ar o comercial da firma que oferece bloqueio total de carro estacionado, bloqueio 0800, apoio tático e terrestre e sirene viva-voz. Os âncoras dão a notícia de maneira alarmante e sensacionalista sobre o crescimento meteórico dos sequestros e homicídios e em seguida a emissora põe no ar o comercial das seguradoras, que por uma quantia X, oferecem amparo aos familiares de clientes em momentos difíceis da vida. Depois das propagandas executadas nos telejornalecos, era e é, só pôr o preço e despejar no mercado, as últimas tendências em aparelhos eletrônicos e planos para a "preservação" das vidas dos ricos e poderosos.

Como em qualquer comércio, neste também, os fatores como: valor e necessidade ficaram a cargo do nível de manipulação dos consumidores. Altamente influenciáveis pelos cadáveres em contato com o asfalto, os homens polidos educados nas melhores escolas do mundo, não perceberam que estavam mutilando as suas fortunas de sangue. Não só no passado, como agora, para impedir que um assaltante entre em uma casa, o dono gasta um montante anual, que daria para comprar duas casas equivalentes.

As empresas do ramo de segurança, em parceria com os grandes veículos de comunicação, bem mais do que desnudar um campo fértil para a sua expansão, conseguiram implantar no imaginário popular, que o perigo era constante e eminente. Conseguiram implantar no imaginário popular, que todos estavam imersos num mar de sangue bem mais profundo do que realmente ele era. Conseguiram implantar no imaginário popular, que para se chegar à superfície deste mar, era vital a aquisição dos produtos dos propagadores do pânico coletivo, custasse o que custar.

Enquanto os programas televisivos e as empresas movidas a caixões lacrados lucravam com a proliferação da atmosfera de terror, a segurança patrimonial e familiar tornava-se uma ideia fixa entre todos os brasileiros. Os que podiam pagar, tentavam construir a sua sorte. Os que não podiam, viviam à mercê dela.

Se antes, um membro da elite nacional ostentava joias e acessórios de grife para demonstrar o seu estatus social, agora, evidenciar alto padrão de vida, significava exibir o quanto ele gastava em proteção pessoal e patrimonial.

Com o avanço da internet, as manchetes direcionadas ou plantadas pelos investidores da barbárie urbana, ganharam outros grandes aliados para a ampliação da apreensão dos dominadores; os relatórios de órgãos internacionais, expondo os índices escabrosos da **Guerra Não Declarada** da burguesia. Relatórios como o do ONU, classificando em nível 5 várias cidades brasileiras numa escala de 1 a 7 num ranking de risco, fizeram e fazem, com que 11% do PIB do país, fosse e seja empregado na prevenção da violência. Fizeram e fazem, com que as empresas privadas, no lugar de elaborar projetos sociais, obras assistenciais ou expandir seus

negócios para gerar empregos, torrassem e torrem milhares de reais, para proteger bens e altos executivos.

Enquanto uma pequena parte da playboyzada usou a sua mente diabólica, para fazer da segunda onda tsunâmica de rebeldes e insurgentes um ramo super lucrativo, a outra permaneceu obcecada por vigilância física e em conectar a sua existência à uma central de operações. Apenas os que conseguiram trabalhar os índices de brutalidade ao seu favor lucraram, o resto pagou caro por optar pelo massacre de favelados, ao invés de sua educação e crescimento pessoal e profissional.

Passados alguns velórios, diferente da maioria dos homens pobres, o playboy compreenda que estava no meio de um combate sangrento, onde as chances de sobrevivência estavam conexas ao nível de impenetrabilidade de sua residência. Apenas assassinar crianças levadas à delinquência pela coação estatal e burguesa era muito pouco, pois tal estratégia produzia enorme satisfação pessoal e quase nenhuma sensação de segurança.

Para alterar o quadro que os deixava em risco absoluto, os viciados em nosso sangue precisavam de algo ainda mais eficiente. Precisavam ser tele transportados para uma realidade, em que os dizimadores pudessem estar vivos para soltar os rojões em comemoração as suas chacinas diárias. A fórmula encontrada, foi fazer de suas trincheiras, redomas de ignorância intransponíveis.

O termo: "morar", é revolucionado negativamente no Brasil. As palavras: "fortaleza urbana", são incluídas entre os nomes genéricos que designam as construções destinadas à habitação dos ricos. Nascem os modelos de arquitetura e engenharia que se adequam a intensidade do fogo inimigo.

Deste momento em diante, os doces lares dos opressores, só são doces, se contiverem alarmes residenciais com gravação e monitoramento de imagens 24 horas por dia, com direito a alerta automático para a polícia, em caso de tentativa de invasão. O sabor açucarado das moradias de alto padrão, dura até os detectores de arrombamentos de portas e janelas serem burlados pelo dinamismo de alguns excluídos e pela ambição dos próprios empresários do ramo da proteção. Os mesmos que vendiam os sistemas projetados para impedir o ingresso de estranhos ao interior dos recintos de luxo, negociavam com os estranhos, as técnicas para o desarme dos aparatos protetores.

A tecnologia sofrível das empresas de segurança, somada a completa falta de idoneidade dos empresários do setor, faz com que o boy traumatizado, busque outros tipos de equipamentos para decorar o seu lindo imóvel.

Quando não se confia mais em cabos, componentes de computadores e adesivos de alta visibilidade para a dissuasão de intrusos, o jeito é apelar. O jeito é partir para as portas balísticas, fabricadas para resistir ao impacto de armas de grosso calibre, como o fuzil AR-15.

Nesse ponto da história, o círculo vicioso já dá mostras de estar se tornando um cancro social irreversível. Nas mentes alucinadas e amedrontadas dos cidadãos de posses, o país se divide única e exclusivamente, entre os que estão bolando planos para assaltos e os que tomam medidas preventivas para detê-los. Já nesse estágio, uma criança que estende a mão em um farol para pedir esmolas, corre o risco de ser

alvejada impiedosamente por seguranças armados, presentes nos carros que fazem escoltas.

A época da **introdução** <&5 **pofias** ^liisticas, representa uma espécie de divisor de águas da Até a chegada desses dias, o **tumor maligno,** originado na *escada* da elite, poderia ser curado. **A** situação assombrosa, insana e suada do presente, naquele instante, ainda era completamenre remediável. Mais do que isso, esse espaço de tempo oferecia todas as informações necessárias para uma pessoa sensata concluir que; a paz não é construída com o levantamento de muros contra bandidos, mas com a contribuição pata que despossuídos não sigam a estrada dolorosa do crime.

Nesse patamar da involuçào nacional, já era mais do óbvio que a fórmula do; se esconder em castelos medievais defendidos por armas, estava fadada ao fracasso. Muitos playboys já tinham sentido na **pele** as consequências desse investimento errado. Bastava um pouco de bom senso e na atualidade, teríamos menos casas muradas **e** menos favelados encarcerados no sistema prisional. Preferiram perder a chance.

Mesmo sabendo que a violência nada mais era, do que o reflexo das políticas públicas desenvolvidas por seus fantoches nas casas legislativas e executivas e que as redomas de ignorância eram inúteis, os reféns da própria burrice optaram por não interferir no curso não natural dos acontecimentos. Até as chaves começarem a ser rodadas nas primeiras fechaduras de cinco pontos, eles tinham uma saída... Não seriam poucos, os que pagariam com a vida por desprezar a oportunidade de ouro, dada pelo destino.

Alguns sobreviventes só iriam entender que a sua classe adotara um caminho sem volta para as sepulturas, quando percebessem a artilharia do gueto, quinzenalmente, reduzindo as parafernálias de ponta das empresas de proteção em sucatas ultrapassadas.

Depois da segunda onda tsunâmica, a mutação do absoluto para obsoleto se transformou numa constante nesse setor. Num dia a sirene que inibia a ação criminosa era o último grito da moda dos genocidas paranoicos, no outro, não passava de material para ferro velho.

Outra coisa que se transformou numa constante ao longo das décadas, foi o agravamento dos transtornos psíquicos dos endinheirados, decorrentes do pânico. Na mesma medida em que o poder de agressividade do excluído ia crescendo, aumentava a mania de perseguição do burguês. A cada nova manchete policial, os distúrbios psicológicos da alta classe se acentuavam. Para tal comprovação não se fazia necessário acessar dados de pesquisas populares ou examinar gráficos estatísticos, mas somente, observar as adaptações realizadas nos domicílios de alto padrão.

Quanto mais as casas dos bairros chiques se tornavam inteligentes, mais os sinais da evolução do desequilíbrio mental dos abastados ficavam aparentes. Quanto mais as casas dos bairros chiques se tornavam inteligentes, mais ficava evidente que os mentecaptos haviam se condenado à finais trágicos e brutais. Quanto mais as casas dos bairros chiques se tornavam inteligentes, mais demonstravam a falta de

inteligência de seus donos.

Tomando como base as alterações feitas nos refúgios dos nobres, com o propósito de manutenção de circulações sanguíneas, posso garantir, que de trinta anos pra cá, a intensificação do emburrecimento dos sociopatas foi colossal.

O atrofiamento dos cérebros dos endinheirados, segue, mais ou menos, a cronologia a seguir...

Depois dos alarmes e das portas balísticas, as residências dos poderosos passaram à apresentar um outro item, que se tornaria a coqueluche entre os bacanas; um espaço sobressalente, especialmente projetado para a chegada de um hóspede indesejável. Além da senzala chamada de quarto de empregado, as moradias luxuosas começam à incluir em sua planta, outro cômodo em razão da existência da nação dos favelados, um quarto de segurança, popularmente conhecido como: o quarto do pânico. Fabricado por empresas especializadas em cofres, tratava-se de um cômodo blindado, equipado com linha telefônica própria e sistemas de monitoramento, que ofereciam a visualização das áreas internas e externas da casa. A sua função, era isolar os moradores locais de possíveis agressores, garantindo a integridade física e psicológica de todos, até a chegada rápida da polícia. Por favor, não estranhe a minha colocação a respeito da rapidez na chegada da polícia. Nos territórios primeiro-mundistas do Brasil, a média de demora entre a chamada e a aparição de uma viatura, é de 5 minutos. É só na periferia que essa média tende a ficar em torno de duas horas.

Quando por milagre, algum morador de uma região carente requisita o "apoio" da corporação de homicidas, aqueles que recebem o chamado simplesmente o ignoram ou retardam o atendimento de propósito. Fazem isso, na esperança de que quando cheguem ao local da ocorrência, os envolvidos tenham se matado. Normalmente, quando o 190 é acionado num cinturão de miséria, é para que sejam tomadas providências a retirada de algum corpo da via pública ou para que alguma senhora em trabalho de parto, que teve a infelicidade de não encontrar um vizinho com um carro na hora das contrações, seja auxiliada. Um pequeno esclarecimento: gestantes pobres indo para hospitais em carros de polícia, não é uma pratica comum nas periferias e favelas do país. Noventa e nove por cento das mulheres suburbanas, preferem dar à luz em casa ou caminhando em direção à maternidade,do que discar para o Copom. Os gambés quase nunca são chamados para solucionar crimes nas comunidades desassistidas, porque a maior parte dos crimes violentos envolvendo os seus habitantes, é praticada justamente por eles. Seria paradoxal pedir para um serial killer salvar uma vida, não é mesmo?

Voltando ao quarto do pânico. Não demorou muito, para que esse serviço, destinado a clientes de altíssimo nível social que se sentiam tão valiosos quanto suas joias e por isso queriam viver em cofres, fosse visto pelos olhos da ganância como algo antiquado e não confiável. As amebas capitalistas, descontroladas e obsessivas, precisavam de mais garantias para a impunidade de seus crimes contra a humanidade. Compor sentenças leves de um judiciário corrompido é fácil, entretanto, o mesmo não se aplica ao favelado no meio de uma sala, querendo reparação social com uma Rugger nas mãos. Desta forma, não podiam arriscar os

seus pescoços, apostando todas as suas fichas em um "simples aposento". E assim, a nova medida, tida como solução, veio inspirada nos conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a extinta União Soviética (a guerra fria). Após a segunda guerra mundial, as bombas atômicas eram a ameaça global, um simples boato sobre possíveis ataques nucleares, deixava a humanidade em choque. Esse estado paranoico, resultou na construção de inúmeros abrigos antinucleares nos Estados Unidos e na Europa. Os ricos brasileiros em seus surtos de delírios persecutórios, derivados de consciências pesadas, adotaram as mesmas técnicas de sobrevivência. Diante do prenuncio de perigo, sem qualquer domínio das faculdades mentais e principalmente, do pensamento lógico e racional, logo "pensaram":
- Já que estamos em guerra e vivemos sob intensa ameaça de ataques, então porque não construir os nossos próprios abrigos antinucleares?

Foi exatamente o que foi feito pelas mentes desequilibradas pela Síndrome do Pânico e pelo Estresse Pós-Traumático. A três metros da superfície terrestre, nasciam no subsolo das mansões brasileiras, os habitáculos de alta segurança, batizados com o nome de Bunker. O concreto especial e o revestimento com aço balístico, davam a essa aberração do mundo moderno o status de impenetrável. Com sua caixa d'água independente, abastecimento de gás, linha telefônica, internet e alimentação estocada, em casos de emergência, oferecia a toda a família automutilada, uma permanência confortável de até um mês.

Bom, alguns dizem que lugar de rato é no esgoto. Talvez ao caminharem pelos dutos do esgoto que criaram, estivessem caminhando em direção ao seu estado natural. Viver como fezes, insetos e ratazanas no subsolo da sociedade, é bem apropriado para uma grande parcela da nobreza nacional. Enxergo nesse modelo de Bunker um lado positivo, ele faz com que o seu dono se familiarize com a estadia **à alguns** palmos abaixo da terra.

Mesmo o Bunker sendo impenetrável, continha um grave defeito para os cérebros atormentados dos bacanas: oferecia proteção com tempo limitado. O tirano não queria estar rodeado por paredes blindadas apenas por um mês. Ele queria viver nessas condições para todo o sempre. Não demoraria muito para que essa lacuna fosse preenchida.

A crescente demanda por níveis insanos de segurança, faz surgir no mercado das asneiras, as empresas de blindagem residencial. A lei da procura descabida, gera a oferta daquilo, que seria no século XXI, o mais almejado item de segurança da catástrofe social brasileira. Gera as ilhas das fantasias, erguidas no meio do fogo escaldante do inferno terreno.

Senhoras e senhores, apresento o "maior invento" desde a criação da roda: a casa blindada.

É exatamente o que você leu. Hoje, os afortunados com fortunas de lágrimas não se escondem atrás de uma cerca elétrica, um cão de guarda, uma porta balística, num cômodo com linha telefônica ou em um Bunker, mas em residências do pânico. Por alguns milhares de reais por metro quadrado, qualquer mortal endinheirado e bestializado, pode se sentir um verdadeiro rei em um castelo hermeticamente

fechado, em que nem a entrada de ar passa despercebida pelos sensores de movimento. Na busca alucinada pelo conforto de estar vivo, não existem limites para a obsessão do playboy por proteção contra as crianças invisíveis das sub-pátrias.

No momento em que trabalho neste capítulo, o ápice da sanha burguesa nesse sentido, é a casa blindada. No entanto, devido ao seu inevitável e esperado fracasso, não será nenhum espanto pra mim, se em breve, surgirem as blindagens de carne humana ou a clonagem de parentes assassinados pela **Guerra Não Declarada** dos burgueses.

Tendo o conhecimento que tenho sobre o histórico de imbecilidade dos ricos no quesito violência, não ficarei nenhum pouco surpreso, se daqui alguns anos, o Brasil comportar entre os seus habitantes, a maior população de pessoas blindadas ou clonadas do planeta Terra.

O playboy demoníaco opera a empreiteira do mal, levanta presídios para o nosso povo, na mesma proporção em que levanta para o seu. Nos encarcera atrás de grades, para sobreviver enclausurado dentro das celas de ouro de seus palacetes.

O seu grau de irracionalidade é tão agudo que não o deixa compreender, que as grades, sendo de aço maciço ou de metal precioso, só tem uma função social a cumprir: a de aprisionar.

No desenrolar do processo de execução da ideia fixa de fugir das supostas mutilações físicas, impostas pelos meninos e meninas das favelas, ele foi se automutilando pouco a pouco, até decepar totalmente a sua liberdade.

Em sua busca mesquinha por paz e qualidade de vida para os membros de seu habitat, apenas logrou como êxito a solidificação do quadro de injustiça social mais vergonhoso do mundo e a deflagração da luta armada de classes mais sanguinária e duradoura de todos os tempos. A luta de classes que nem Karl Marx foi capaz de prever!

Durante os seus ataques de demência, blindou o carro, a porta, o quarto, o bunker, a casa, porém, não conseguiu blindar a sua felicidade e nem a dos seus.

Definitivamente, no Brasil, o dinheiro não compra a felicidade.

Hoje, os que nascem em berços cravejados de diamantes, não são felizes nem mesmo sob o efeito do anestesiamento provocado pela ingenuidade da infância. Se por um lado, os pais são como os cavalos selvagens capturados, que vivem há muito tempo em estábulos e por isso não se lembram de como é ser livre, por outro, as suas crianças não são conformadas como os animais nascidos em cativeiro. Teoricamente, elas deveriam ser completamente alegres, porque nunca sentiram o sabor da verdadeira liberdade, mas não são! Mesmo sem nunca terem conhecido o bem que lhes fora arrancado, cada célula de seus corpos suplica por esse direito universal.

Talvez, ao olharmos de longe os sucessores dos déspotas do presente, podemos até ter uma falsa impressão de que esteja tudo às mil maravilhas. Entretanto, se nos aproximarmos e encararmos olho no olho os rostos de cor anêmica dos pequenos confinados nas jaulas dos prédios imponentes, sem direito à banho de sol, veremos através de suas expressões faciais, que eles sentem que algo de muito valioso está sendo amputado de suas vidas. Vidas? Peço desculpas pelo meu pequeno lapso. Os

meninos e meninas da alta classe não vivem, eles vegetam.

Durante a primeira infância, para a preservação da espécie, os herdeiros do controle majoritário do amanhã (com exceção do controle de parte da violência) precisam ser cercados de cuidados especiais, em um ecossistema pré-fabricado. Se desenvolvem com todas as regalias, mas sem qualquer contato com o mundo exterior. Pois uma vez dentro da natureza, correm sérios riscos de extinção. A riqueza de sua casta os transforma em falcões peregrinos dotados de asas velozes, mas que não podem voar porque estão acorrentados à poleiros. Mesmo tendo a posse dos brinquedos mais caros e modernos que o dinheiro pode comprar, são sequestrados por uma imensa interrogação que inquieta as suas almas. Ao observarem das janelas das coberturas de milhões de dólares as pipas no céu, sendo desbicadas por meninos das comunidades pobres, perguntam-se:

- Porque será que eu não posso fazer como eles?

- Porque será, que eu não posso correr sem chinelos nas ruas de terra, jogar bola no campo, falar palavrões e tomar banho de chuva?

Independente de não possuírem maturidade suficiente para formar juízo de valor do que acontece às suas voltas, convivem com a estranha sensação de que são anormais. De que não são como as outras crianças. Não sabem expressar com palavras o que exatamente lhes fora roubado e quem roubou, mas percebem que vivem inícios de vidas postiças. Deduzem por instinto, que as suas infâncias estão sendo mutiladas!

Na fase da pré-adolescência, adolescência e pós-adolescência, os herdeiros já desenvolveram consciência sobre as consequências da estupidez crônica de seus pais. Já sabem que se tornaram alvos potenciais de sequestros e sequestros relâmpagos. Desta maneira, não se sentem seguros nas compras, baladas, escolas e faculdades sem a companhia de guarda-costas particulares.

Para facilitar a localização, assim como os mais velhos de suas famílias, muitos dispõem de chips GPS (Global Positioning System), implantados em um dos braços por meio de micro-cirurgias realizadas nos Estados Unidos.

A exemplo dos mais velhos, as suas existências são robótias, regradas, tensas e repletas de alucinações relacionadas a brutalidade urbana. A partir da pré-adolescência, as suas mentes também já foram devastadas pela Síndrome do Pânico.

Durante a faixa etária dos 10 aos 12 anos de idade, junto com o despertar da noção de juventude mutilada, vem a sensação de insegurança total e a necessidade de se converterem em androides programados e monitorados por satélites 24 horas por dia.

Nem bem saíram das fraldas e já estão tomados por pavores, receios e preconceitos sociais e raciais. Nem bem saíram das fraldas e já estão convictos, de que devem respirar somente cercados por espessas películas de blindagens e que todos os favelados precisam ser exterminados como baratas, porque são altamente perigosos.

Não existe diferença entre a juventude rica, encastelada atrás de muralhas com torres de observação e os homens que saem das prisões em condicional,

monitorados por tornozeleiras eletrônicas presas a seus corpos. Tanto o chip subcutâneo, quanto o chip da tornozeleira, só tem uma função social a cumprir: manter a liberdade de uma pessoa vigiada.

O conceito de liberdade do homem rico, é completamente contrário a razão! Que empresário, industrial, banqueiro ou político, pode se orgulhar da sociedade irracional que concebeu?

Qual cidadão bem-sucedido pode se sentir realizado, como arquiteto de uma sociedade onde a palavra: liberdade vem acoplada à receptores subcutâneos, satélites, centrais de operação e grupos de apoio tático?

Qual endinheirado pode olhar no espelho e não se envergonhar, por ter contribuído para que seus filhos vivam como humanoides, que não podem desviar um centímetro da rota pré-estabelecida?

Qual endinheirado pode olhar no espelho e não se envergonhar, por ter contribuído para que seus filhos vivam como humanoides, que não podem atravessar uma rua para pegar uma bola, sob o risco de fazer soar um alarme numa central de vigilância eletrônica ou que não podem dar um passo, sem que as suas latitudes, longitudes e altitudes sejam observadas? Nenhum.

Quando declaro que o abastado financeiramente é capaz de amar apenas os dígitos de sua conta bancária, para tal afirmação, não me fundamento na sua autoflagelação, que demonstra falta de amor próprio ou em seu regime político, que demonstra falta de amor ao próximo. Para tal colocação, contundente e generalizada, me apoio no legado repassado como herança maldita para as suas gerações futuras. O bacana antes de se suicidar, mutila sua prole e premedita a sua aniquilação.

Muitos membros da elite só compreendem a ferocidade da guerra mutiladora que patrocinam, ao serem mutilados na própria carne. Ao sentirem a faca de pão, lentamente amputar seus dedos. Ao confirmarem com exame de DN A, que a mão recebida é mesmo de um parente. Ou ao lerem o bilhete deixado pelo sequestrador num orelhão: **Se avisarem a polícia, amanhã, ao invés de um filho, terão uns cinco mil pedaços espalhados pela cidade!**

Quando são esmagados pelo peso da impotência, transmitido pelo caixão onde jaz um ente querido, é que muitos deles entendem, que a perda da liberdade e a aquisição de aparelhos bélicos e defensivos, não são a tradução fiel de: estado de segurança.

Nessa hora fatídica, os narizes se abaixam e a prepotência se encolhe, pois descobrem, que mesmo com as leis, a justiça, a política, o exército, a imprensa e a polícia a seu favor, não controlam totalmente o país.

Nessa hora fatídica, descobrem que foram enganados por seus consultores de segurança, ao terem sido aconselhados a cercarem as suas vidas com acessórios antibandidos.

Entre soluços, lágrimas e calmantes, se tocam de que deveriam ter sido persuadidos a investir nas crianças marginalizadas das favelas.

Não é preciso colocar na cintura uma Magnum 357 com o pente entupido para se proteger de um inimigo, se você não tiver inimigos.

Se ao invés de promover a exploração, o separatismo e o extermínio, a

playboyzada tivesse gastado suas energias e parte das finanças em prol da educação, igualdade social e recuperação de sentenciados, provavelmente nos dias atuais, os burgueses estariam andando nas ruas de mãos dadas, com os parentes que foram trucidados por sua teia de violência.

Provavelmente nos dias atuais, no lugar de estar rodeados **de se**guranças armados, faixa preta em várias artes marciais, especialistas em identificação e imobilização de agressores, estariam cercados de pessoas comuns, vindas de todas as esferas sociais. Pessoas estas, que não precisariam cobiçar as suas riquezas, pois num sistema igualitário, teriam meios para prover os seus sustentos de forma digna e satisfatória.

Por mais luxuosa e confortável que seja uma residência de mil metros de área construída, dentro de um universo de ganância desenfreada, ela sempre será um alvo de guerra. Ela sempre estará localizada numa zona de combate e sempre funcionará como trincheira.

Todo o aparato de proteção, por mais sofisticado que seja, apenas reforça a condição de mutilado de guerra de seu proprietário.

Cada contrato de prestação de serviço feito com uma empresa de segurança privada, é um bilhete suicida!

Outras Graves Mutilações

A teia de violência dos ricos e poderosos, deu contornos finais ao processo "evolutivo" dos homens. Fez surgir a partir do Homo Sapiens, um tipo de ser definitivo: o mutilado de guerra.

A classe rica, em especial, involuiu para aquilo que defino como: Homo Money entretanto, todos os humanos, independente de nível financeiro, são sequelados pela barbárie dos colecionadores de papel moeda.

Não importa se você possui todos os membros de seu corpo e em perfeito funcionamento, você se enquadra como um ferido em combate. Não é preciso que haja a perda de um braço ou de um movimento corporal, para que nos encaixemos dentro dessa definição, basta que estejamos vivos.

Como visto anteriormente nos capítulos: Mutilados de Guerra e Automutilados o conceito brasilis acerca do tema, não passa de mito. As mutilações não ocorrem somente nos conflitos do exterior e não ferem apenas a carne dos mais fracos, o processo está acima de geografia, cultura e é altamente democrático. No Brasil, no Iraque, no barraco ou na cobertura Triplex, todos arcam com as custas do "progresso humano" forjado no sangue derramado. Alguns arcam na posição de presas e outros na de carrascos. Empunhar uma espada ou ter o peito rasgado por ela, não faz diferença, quando o assunto é mutilação por intermédio da ignorância.

Se por um lado a Síndrome do Pânico é uma grave mutilação psíquica, a brutalidade como raciocínio lógico para a resolução de problemas, também o é. Aquele que atira e provoca uma paralisia facial, nada mais é, do que o reflexo de uma deformidade mental que se tornou congênita na nossa espécie.

Fomos modelados pela mentalidade de competição, conquista e êxito sob os destroços de semelhantes. O surgimento em cavernas, tendas, castelos, igrejas e cidades muradas da ideia da devastação como mecanismo de sucesso, deu início ao mais temeroso decepamento de todos os tempos: a amputação do estado natural do Homo Sapiens.

Devido a extirpação de nossas características psicológicas originais, a nossa raça nunca mais se limitaria a matar exclusivamente animais silvestres com vistas à alimentação e o aquecimento. Devido a extirpação de nossas características psicológicas originais, a nossa raça se desenvolveria sob três propósitos: dizimação, acumulação de riquezas e escravidão.

Quanto mais as máquinas de matar foram aperfeiçoadas pelas mentes diabólicas e egoístas, mais os homens se afastaram de suas origens. Quanto mais os cientistas a serviço de dominadores desenvolveram tecnologias para reprimir, subjugar e assolar as massas, mais os homens se distanciaram da definição literal da palavra: evolução.

Quando ouvimos a palavra evolução ligada aos seres humanos, imediatamente

temos a sensação de algo positivo. Nessa circunstância, logo nos vem a cabeça o símbolo de nosso "progresso" como espécie; o desenho do primata que vai passando por vários estágios, até se tornar o bípede com capacidade de fala e consciência de si mesmo. Todavia, a palavra que sugere um movimento progressivo de civilização, abrange muito mais do que o desenvolvimento físico e intelectual apresentado na famosa ilustração, abrange o estado anômalo dos cidadãos da nova era. Com a nova ordem estabelecida **pela** burguesia, os bípedes ficam em pé, mas para fazer os seus iguais caírem e se deitarem em túmulos. Aliás, na imagem que representa o progresso da raça humana, faltou um último personagem: um homem segurando uma arma de fogo.

Quando comparamos o pacatismo da pré-história com o cenário atual, onde 10% da população brasileira não é livre para sair às ruas e 90% está condenada à finais trágicos, não há como se escapar da conclusão óbvia: somos anomalias.' Somos anomalias de uma era belicista, materialista e consumista. Somos doenças originadas nas partes putrefatas das sociedades paranoicas e delirantes. Somos a fauna necrófaga não catalogada por biólogos, que sobrevive nos tecidos gangrenados dos sistemas falidos. Somos os mortos vivos, que em suas sobrevidas, desperdiçam a passagem por esse mundo, vagando em busca da paz que o egoísmo pulsante dos ricos jamais nos deixará encontrar. Somos o arremate dos seres mutáveis, que ao longo de séculos foram se adaptando geneticamente aos contextos sociais brutais, aos quais eram inseridos. Enfim, somos as criaturas produzidas pelo caldo primordial do dilúvio de sangue.

A ciência e a religião podem até não chegar à um consenso sobre as origens da vida humana, contudo, nenhum evolucionista ou criacionista pode discordar da tese da involução do homem, deformado pela violência dos poderosos. Nenhum cientista ou religioso pode contestar, que os fatores ambientais atrozes deformaram os nossos cérebros, ao ponto de nos deixar incapazes de idealizar e nos apoiar em filosofias pacifistas.

E fato, todas as pessoas da Idade Contemporânea foram desenhadas pela sucessão ininterrupta de acontecimentos e consequências catastróficas, de um passado marcado pela ignorância quase que generalizada. Todas aprenderam a cultuar guerreiros, que em "nome de Deus", decapitavam aqueles que ameaçavam os "povos escolhidos" e a jogar pétalas de rosas para reis e comandantes de exércitos, que expandiam os seus impérios aniquilando povos indefesos.

Uma das muitas provas de que somos produtos finais de uma epopeia de massacres, está conexa em boa parte de nossos nomes. Diversos são inspirados em situações de agressão, morte e covardia. Enquanto alguns representam heróis de confrontos épicos, outros homenageiam escravos e mártires assassinados.

Não é por acaso que a minha mãe me presenteava com soldadinhos de plástico e revólveres de brinquedo. Não é por acaso que as crianças de hoje são fissuradas em jogos de videogame e PC ultraviolentos.

A cultura oficial das nações, foi a ferramenta que manteve em carne viva, a maior mutilação de nossa espécie. Os livros escolares de todos os países, se encarregaram de propagar os atos bizarros de psicopatas, ladrões, genocidas e fanáticos, como

feitos extraordinários de bravura. Eu, como uma das quase 190 milhões de anomalias nacionais, aprendi na escola a ser mais violento lendo sobre reinos, territórios e povos, que eram conquistados por meio de holocaustos. Aprendi a ser mais violento lendo sobre as igrejas, que em "fogueiras santas" queimavam aqueles que se opunham aos dogmas sagrados de sua religião. Aprendi a ser mais violento lendo sobre a globalização, que em seu livre comércio, permite que empresas "íntegras" como a NIKE, explorem a mão de obra infantil em países subdesenvolvidos a um custo médio de 6 centavos de dólar a hora. Aprendi a ser mais violento lendo sobre a globalização, que em seu livre comércio, permite que super multinacionais chacinem milhares de inocentes, para saquear as riquezas naturais de suas terras, como fez a SHELL Nigéria com o povo Ogoni no Delta do Niger.

Os confrontos étnicos e religiosos, o separatismo de povos e classes, o terrorismo explícito e velado, a miséria endêmica proposital, as guerrilhas urbanas, a disparidade monetária, as programações televisivas de teor impróprio e indutivo, o explosivo comportamento familiar e social e os regimes ditatoriais, nos levam apenas à uma estúpida direção: a violência é a mola-mestra de nossa época.

Depois da implantação total da atmosfera corrosiva burguesa, passou a não existir dentre os habitantes da Terra, mais especificamente do Brasil, um cérebro sequer, sem a interferência do ambiente beligerante reinante.

Os seres humanos originais, aqueles que só matavam animais para se alimentar e se proteger do frio, perderam o seu espaço para os terráqueos "com maior grau de inteligência", que são capazes de assassinar só para ouvir o baralho do cadáver batendo de encontro ao chão. Perderam o seu espaço para os terráqueos que foram doutrinados pelo ideário que prega que só os tanques de guerra são capazes de garantir os apertos de mão. Perderam o seu espaço para os terráqueos que foram doutrinados pelo ideário que prega que só o poder bélico pode assegurar a soberania de uma população e que só assassinato de líderes políticos opositores em outros países pode dar a um povo a liderança global.

Por mais que uma pessoa da atualidade não seja capaz de matar uma mosca, a mesma não deixa de ter sido cunhada nas chamas do inferno particular dos ricos.

Definitivamente, a bondade extrema não é algo típico dos cidadãos contemporâneos. A violência foi impregnada em nosso DNA pela playboyzada. Vimos um rato, a primeira atitude não é deixá-lo ir embora, mas matá-lo. O jogador de futebol não jogou bem, a primeira atitude não é pensar que amanhã ele poderá melhorar, mas xingá-lo de filho da puta. Alguém nos fecha no trânsito, a vontade é de espancá-lo. O computador dá pau, damos logo um soco para consertar. O filho desobedeceu, o diálogo é aplicado logo depois que as chineladas terminam de educá-lo. É óbvio que cada pessoa pode se portar de uma maneira diferente diante de uma dessas ocorrências exemplificadas. Os desfechos citados nas situações não são regras. Eu mesmo, não mato um rato por dó, mas não perco a oportunidade de gritar um palavrão quando o centroavante do meu time erra um gol. O fator que desencadeia a agressividade de A pode ser uma besteira para B e vice-versa. Com esses pequenos exemplos estou querendo demonstrar que temos uma pré-

disposição nata para a agressividade verbal, em pensamento ou em vias de fato.

Um monge não apresenta um tipo de conduta próxima da que foi roubada de nosso antepassado comum porque seja natural, mas por consciência. Para destoar da normalidade, é necessário que ele se eduque por anos num monastério. Apenas se sujeitando há longas temporadas de estudos, um de nós se torna apto para controlar, quase que totalmente, os seus impulsos agressivos comuns. E por ironia do destino, aquele que consegue dominar a sua brutalidade congênita, se torna uma aberração para o restante de seus semelhantes. Tanto é verdade, que a maneira de proceder de um monge, é vista por inúmeras pessoas como uma coisa inusitada, exagerada e estranha.

São os valores adquiridos para o convívio em sociedade que atenuam a nossa agressividade natural. Sem as regras sociais e de civilidade, somos bárbaros. Se não houvesse o risco de prisão, imagine como seria a cifra anual de homicídios. Dito de outro modo, após a raça humana ter perdido as características que a aproximava das demais espécies, só nos tornamos menos violentos, se formos mutilando o nosso jeito de ser com a lâmina da educação.

Veja bem, escrevi menos violentos, pois esse é o limite máximo que a instrução pode alcançar. Não existem conteúdos pedagógicos capazes de nos isentar, por inteiro, da desgraça injetada em nossos corpos pela demência dos poderosos. Mais controlados ou menos controlados, todos carregamos em nossas mentes resquícios de discórdia, preconceito, fúria e medo. Todos somos afetados por um quark que seja de ódio.

Dentro de uma redoma de horror, ninguém foge das sequelas **deixadas** pelos conflitos. Qualquer anomalia originada nos campos minados, está fadada a carregar até seu último dia, os sintomas surgidos nos fronts de batalha. Qualquer anomalia originada nos campos minados, está fadada a ser hospedeira das doenças autoimunes, contraídas através das manchas de sangue ressecadas no asfalto. É impossível viver no epicentro das crises humanitárias sem ser atingido ou corrompido pelas nuvens de gás lacrimogêneo ou pela sinfonia de estampidos de tiros.

Realmente, é impossível estar no meio de uma epidemia sem ser contaminado pelo vírus amante, entretanto, como em qualquer surto de uma moléstia, no caso da violência existem graus diferentes de adoecidos.

Como já visto nessa obra em capítulos passados, estamos divididos em três níveis de psicopatia congênita: a intermediária, em que se encontram os indivíduos que manifestam uma agressividade dentro dos limites do tolerável e, as extremas, onde num ponto ficam os de agressividade baixa e em outro os excessivamente violentos. Os ricos estão na categoria dos ultraviolentos. Ou seja, os ricos estão na categoria dos cérebros maquiavélicos, que fabricam armas de destruição em massa, para matar sob o álibi de proteção e justiça. Os ricos estão na categoria dos cérebros maquiavélicos, que são capazes de promover auto-atentados, como se suspeita de Pearl Harbor e do 11 de setembro, para justificar ofensivas militares e que elitizam a cultura e a informação, para que diplomas, certificados e títulos expedidos pelas instituições educacionais funcionem como atestados comprobatórios de posição

social. É sempre bom lembrar, que no nosso paraíso tropical, bacharelados, licenciaturas, mestrados, doutoramentos, etc., não são usados em nome do progresso coletivo, são usados para que o homem de nível acadêmico superior, pise no compatriota inculto e mal sucedido. Esses documentos são artigos de luxo, com a mesma função das roupas de grife, que muitos idiotas compram por mil vezes o valor real do produto, apenas para ostentar a marca que lhes dará status. Mesmo sem a posse dos ditos documentos, eu posso atestar, que os homens talhados pelas súplicas de suas vítimas agonizantes, constituem a espécie mais tenebrosa do planeta Terra.

A história sangrenta da "evolução" da humanidade, é o elemento probatório que dá sustentação a minha alegação. Ela foi escrita de próprio punho através dos séculos por reis, presidentes, ditadores, papas, empresários, industriais, banqueiros e mega-investidores. As tragédias mais dantescas que os olhos dos homens testemunharam, carregam a caligrafia e o timbre com o brasão desses monstros.

Existe um ditado que diz, que a história é escrita pelos vencedores, na minha interpretação, este ditado é alterado para: a história é escrita pelos assassinos, até porque, morto não escreve.

Em resumo: a raça humana teve quase toda a sua bondade extirpada, porque os séculos de deformações neuronais, executadas por fatores ambientais mesquinhos e aniquiladores, não foram suficientes para que um instinto primitivo fosse modificado nas massas cinzentas irracionais dos abastados: o tribal. Este impulso que se conservou ileso, é o estímulo natural que os faz demonstrar toda a sua aversão e hostilidade as pessoas que não fazem parte de seu clã de canalhas. A alcateia que devora carne de gente, só admite os seus lobos na floresta.

Segundo a neurociência; os homicidas ultraviolentos podem ter irregularidades em regiões específicas da parte frontal do cérebro. Suspeito, que o instinto tribalista agressivo dos nobres, seja fruto dessas anormalidades anatômicas.

Diante de minha desconfiança, já que a nação das favelas não pode providenciar e executar a necessária lobotização em massa para coibir os comportamentos insanos dos boys, só nos resta a alternativa de nos impormos e deixarmos de assistir de forma estática, a teia de violência dos ricos mutilar os habitantes das áreas carentes.

Nos capítulos: Mutilados de Guerra e Automutilados falei a respeito das mutilações físicas dolosas e também do auto-decepamento de liberdades e vínculos afetivos da playboyzada, realizado por ela mesmo. Agora, depois de escrever sobre a maior amputação da raça humana, acho pertinente expor um pouco da série de amputações provocadas nas zonas de exclusão absoluta, pelos processadores e mutiladores dos assassinos sociais.

Mais atrás descrevi o estado obsessivo dos ricos por proteção, chegou a hora de detalhar melhor a sua outra ideia fixa: a compulsão por mutilar os membros, tecidos musculares, direitos, almas e destinos de despossuídos.

Em nosso caloroso país, um favelado pode até escapar da cadeira de rodas devido a uma lesão medular provocada por armas de fogo estatais, todavia, jamais deixará de viver uma existência ceifada em todos os sentidos. Cada minuto de vida,

representa um corte profundo em nossa penosa tomada.

Quando cito este outro transtorno compulsivo dos maníacos do topo da pirâmide, estou filando de algo muito maior do que uma mania por ganhar dinheiro ou contratar serviços de segurança privada. Estou me referindo a mm perseguição cruel e desumana, contra todas pessoas da classe D e E. Estou afirmando, categoricamente, que; a teia de violência burguesa, que coloca chips subcutâneos nos braços dos adolescentes bem-nascidos, está nos nossos encalços provocando mutilações, desde que somos espermatozoides atravessando o colo de um útero para fecundar um óvulo.

Não somos poupados das lâminas cortantes da elite, nem quando ainda somos fetos desprotegidos repousando dentro da bolsa amniótica de nossas mães. Nessa fase, já nos atacam com as suas famosas artilharias pesadas de drogas ilícitas como: a cocaína, o crack e a maconha e de drogas licitas como: o álcool, os agentes cancerígenos do cigarro, os medicamentos adulterados e os alimentos industrializados.

Nunca é demais recapitular, que com a aplicação dessa tática de guerra, o inimigo visa provocar através dessas substâncias, alterações no peso e no crescimento dos embriões da periferia, para que haja unia série de mortes perinatais, neonatais precoces e neonatais. Ou para que haja uma torrente de nascimentos prematuros de crianças com malformações congênitas. A lógica de tais ofensivas, é tentar aniquilar ou deformar na raiz, as possíveis ameaças a supremacia dos novos escravizadores.

A raiz da vida é o melhor ponto para a destruição do contingente do gueto. Nesse estágio, basta que nos assassinem e coloquem nas declarações de óbitos fetais que as mortes se deram por causas naturais tipo: infecções ou asfixias. Nesse estágio, basta que nos deteriorem propositalmente e coloquem nos relatórios médicos que os danos em nossos corpos indefesos, são anomalias morfológicas estruturais, decorridas de causas genéticas.

Temos uma vida intrauterina bastante problemática! Não gradeamos apenas contra os componentes químicos e naturais que nos bombardeiam, também lutamos para não sermos sacrificados ou desfigurados pelos fatores socioeconômicos. Dividimos com nossas genitoras, a prostração, o ódio, o desânimo, o ressentimento, o desalento e os pensamentos angustiantes, derivados do ambiente hostil que a enclausura e a suplicia.

Todos os problemas do mundo exterior, são transmitidos para os nossos receptores em ondas torturantes de alta frequência. Sentimos a rejeição do casal que discute para decidir se optam ou não pelo aborto. A rejeição daqueles que não irão abortar, mas encaram a chegada de mais um filho como uma verdadeira desgraça. Sentimos a tristeza da mãe, que ama o filho dentro do seu ventre, mas tem receio de não poder criá-lo dignamente. E, por fim, sentimos a depressão da gestante que teme a desnutrição fetal de seu futuro bebê, por não ter condições financeiras de consumir os alimentos que trazem benefícios a sua saúde.

Não só os petardos burgueses que explodem via placenta e o desamor a um feto indesejado, que influenciam na formação de uma personalidade, o cenário de miséria conturbado, repleto de desavenças e intrigas, também é especialista em impregnar

arquivos de maus sentimentos no subconsciente de seres que estão pra nascer.

Após sobrevivermos aos vícios, as rejeições, as fortes emoções consequentes de um universo sem harmonia e a ausência aguda de proteínas, glicose, gorduras, vitaminas e sais minerais, indispensáveis para o desenvolvimento intrauterino, enfim, nascemos. Quer dizer, enfim, alguns derrotaram a primeira etapa da mortalidade infantil e nasceram. Uns, já com sequelas de combate, outros sem, mas enfim, nasceram!

A primeira batalha da incessante **Guerra Não Declarada** do Brasil foi vencida, mas não se iluda... Nascer, é apenas passar pela sequência inicial de mutilações. Um ciclo infindável de privações logo na primeira infância, se encarregará de deixar claro, que há muito pouco a se festejar com a chegada ao mundo de um novo marginalizado. Um ciclo infindável de privações logo na primeira infância, se encarregará de amputar a infância e a ingenuidade de nossas crianças. Se encarregará de furar a balas a película de sonhos e fantasias, que deveria impermeabilizá-las.

Antes mesmo de tirarem as fraldas, os meninos e meninas dos becos e vielas são apresentados ao impiedoso mundo real. Sentem na pele os efeitos nocivos dos cérebros irracionais da manada dos quase humanos, que não se importam e não se comovem com o conteúdo de suas mamadeiras ou com a falta dele. A pobreza transforma os nossos pequenos em adultos mirins. A miséria faz com que tenhamos que despertar precocemente em nossos filhos, a consciência sobre a situação de penúria que os cerca. Desde o berçário devem aprender, que o projetista do carrinho de controle remoto não o criou para eles; que as bonecas, os heróis, as roupas infantis e os DVDs de desenhos animados que aparecem nos comerciais de televisão, não são desenvolvidos e nem fabricados para as crianças da favela e que o público alvo dessas indústrias, são os garotos brancos de olhos azuis, moradores dos bairros de alto padrão.

É muito violento e constrangedor para um pai, ter de estilhaçar com uma pedra de realismo, a infantilidade de seus filhos.

E muito violento e constrangedor para um pai, ser obrigado a sentar seus filhos no colo para explicar com sutileza, tentando não magoá-los, que a loja famosa de brinquedos não os quer como clientes; que o tênis que pisca a luz, o que tem rodinha na sola e o chinelo que tem cheiro de morango, não são feitos para os seus pezinhos e que o Mc lanche feliz não deseja trazer felicidade para eles, assim como o parque de diversão não deseja diverti-los.

A burguesia nos obriga a adestrar aqueles que mal formaram a sua razão, para que tenham comportamentos maduros, condizentes com a situação financeira de suas famílias. Como num treino de sobrevivência, periodicamente devemos instruí-los:

- Filho, se conforme.

- Os pacotes de biscoitos, as bandejas de danone e as barras de chocolate expostos nas gôndolas, por mais que estejam em posições estratégicas para te atrair, não podem ser consumidos por você.

- Mesmo que as suas glândulas salivares produzam um rio de água em sua boca, lembre-se, que por ser favelado, o sistema não o considera digno para

a apreciação dessas guloseimas.

Nas embalagens dos produtos destinados ao público infantil, deveria conter avisos com os dizeres: **PROIBIDO PARA O PALADAR DAS CRIANÇAS POBRES.**

O parágrafo II da lei 9.455, de 7 de abril de 1997, lei da tortura, prevê pena de 2 a 8 anos de reclusão para quem submete alguém à intenso sofrimento físico e mental. Esta é a punição que deveria ser aplicada aos governantes safados, que permitem que as prateleiras dos supermercados funcionem como máquinas cruéis de tortura, para os excluídos de todas as faixas etárias.

Não pense que só a privação dos bens de consumo básico, age na mutilação de nossas crianças. Agregados à carência do mínimo necessário para uma infância feliz, existem outros traumas... Algumas das crianças das periferias são arrancadas da escola e obrigadas por parentes e agenciadores a pedir esmolas ou a vender balas e doces nos semáforos. Mesmo o trabalho infantil sendo crime no Brasil e a Constituição Federal vedando expressamente qualquer trabalho para menores de 14 anos, todos os dias nas grandes cidades do país, faça chuva ou faça sol, quase que por 24 horas ininterruptas, um batalhão de pequenos excluídos é escravizado por adultos. As normas estabelecidas pela OIT (Organização Internacional do Trabalho) e pela UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), são dribladas impunemente aos olhos de toda sociedade civil. Algumas das crianças pobres são obrigadas a se prostituir, para sustentar os vícios dos pais. Muitas são transformadas em arrimo de família aos 5 ou 6 anos de vida. Diversas destas, quando chegam em casa sem algum ganho monetário, são espancadas com fios de ferro, furadas a faca e queimadas com cigarro.

Não são poucos os meninos e meninas carentes, que entram na segunda infância vivendo em abandono pelos bairros centrais.

Não são poucos, os que entram na adolescência enrolados em cobertores, cheirando cola, fumando crack e cometendo pequenos assaltos para sobreviver.

Quando o assunto é abandono - o multiprocessador da elite é perito em produzir meninos e meninas órfãos, na mesma velocidade em que gera menores abandonados que não foram abandonados.

Nesse segundo modelo, os que dormem ao relento à mercê das ações carbonizantes dos grupos de extermínio dos comerciantes locais, têm casa e família, mas optaram pela rua, por ser menos violenta e mais segura do que o? seus ambientes familiares. Fugiram dos maus-tratos cometidos por famílias desestruturadas pela injeção de álcool e drogas, executada pela nobreza tupiniquim.

Uma das facetas mais cruéis de uma guerra, é a desagregação de famílias. O mesmo choque emocional que desencadeou perturbações psíquicas e somáticas nas crianças judias, colocadas em caminhões nazistas para serem levadas para longe de seus pais, ou nas crianças africanas que testemunharam a decapitação com facões de seus progenitores por forças regulares, é compartilhado pelos adultos mirins brasileiros que conhecem prematuramente a dor da perda e da solidão.

No leque de opções da burguesia para fragmentações de laços consanguíneos de

despossuídos, temos uma enorme variedade, entretanto, me reservarei a escolha de apenas três para citar, pois do contrário, teria de escrever uns 100 livros só com esse tema.

No primeiro modelo do mostruário de separações entre parentes, encontramos as crianças que foram mutiladas com a morte dos pais na vida do crime. Destas, muitas não sabem descrever o formato de um carrinho a fricção ou de uma revista de colorir, mas são capazes de fazer excelentes retratos falados de velórios e enterros. Comumente, como acontece nas sub-pátrias, após a cerimônia fúnebre, passam a ser criadas pelos avós. Quando estes falecem, ficam sob custódia da selva de fibra de carbono e aço inox, que fatalmente as fará herdar o itinerário seguido pelos finados pais.

No segundo exemplo, temos os que têm pais vivos, mas não tiveram melhor sorte, pois foram abandonados por eles. Nesse tipo de decepamento, é normal que alguns nem se sequer cheguem a conhecer o homem e a mulher responsáveis por sua presença no mundo. Muitos eram fetos indesejáveis, que após terem sobrevivido à inúmeras tentativas de aborto, foram jogados no lixo dentro de caixas de sapato ou em sacos plásticos.

E por fim, no terceiro modelo, nos deparamos com um dos casos mais típicos de separação familiar em consequência do regime mutilador: o de pais que não abandonam os filhos, os amam como a sua própria vida, mas não podem ter o privilégio de viver ao lado deles. Refiro-me aos homens e mulheres privados de suas liberdades, que justamente se encontram em situação de cárcere, por tentar proporcionar vidas e futuros melhores as suas crianças. Nessa terrível circunstância, enquanto os pais envelhecem em celas, os filhos crescem em casas de parentes. Os contatos físicos acontecem com dia e hora marcados. São permitidos apenas aos domingos, nos horários de visita dos presídios.

As pequenas vítimas dessa hediondidade estatal e burguesa, se desenvolvem traumaticamente tentando entender, porque diferente de todos os amiguinhos, somente elas não podem conviver com a mamãe e o papai. Por inúmeras ocasiões, sentem um profundo aperto no coração, ao olhar das janelas das classes, outros pais esperando por seus filhos no portão da escola. Nas horas dos sinais, ao passo que todos comemoram e correm em direção da saída, normalmente elas caminham cabisbaixas, carregando um profundo vazio em suas almas. Uma saudade incontrolável mutila constantemente a capacidade de sentir alegria desses pequenos seres. São tristes, deprimidos e introvertidos.

Ao tempo em que os sonhos infantis na alta classe, custam algumas centenas de dólares, os sonhos de uma criança dessas, são bem mais modestos. Elas sonham com o comparecimento dos pais nas reuniões escolares, para que tomem conhecimento de seus desempenhos em sala de aula. Sonham em ser levadas por eles ao parquinho, ao cinema e ao estádio. Sonham em ter as febres medidas por eles nas horas das doenças. Desejam ver televisão ao lado deles, almoçar e jantar na mesma mesa e ganhar os seus abraços e beijos de boa noite. Gostariam que eles estivessem presentes, até mesmo para dar-lhes broncas. Os puxões de orelhas não seriam tão dolorosos, se garantissem ao final de todo dia, um encontro com os

personagens que habitam os seus mundos imaginários. Muitos meninos e meninas nessa trágica situação, desconversam quando ouvem perguntas sobre o paradeiro dos pais reclusos. Em tais circunstâncias, dizem que morreram ou que os avós são os seus pais biológicos. Nas cartas para o papai Noel ou nas orações a Deus, não pedem os triviais carrinhos de controle remoto e bonecas, pedem a presença deles. Pedem que as suas famílias sejam como quase todas as outras; com uma mãe arrumando a casa para o marido que chegará cansado do serviço.

As mutilações sofridas por nossas crianças, se configuram como o maior infanticídio da história. E a matança indiscriminada mais colossal que uma pátria mãe já impôs aos filhos renegados. Historiadores calculam, que o assassino de crianças mais famoso do mundo; Herodes, o governador da Judeia, tenha matado cerca de 20 crianças. O morticínio promovido pelas autoridades públicas, faz com que qualquer PM bata esse recorde, quase que por semana. O infanticídio da pátria mãe desnaturada, é cotidianamente posto em prática em quatro formatos de violência, são elas: física, sexual, psicológica e por negligência. Além do abandono, do trabalho infantil, da falta de acesso ao mínimo necessário para uma infância digna, do encarceramento em instituições destinadas a menores intratores, dos abusos sexuais e da orfandade daqueles que perderam os pais no mundo do crime, os guerreirinhos marginalizados pela nação, ainda são despedaçados diariamente nas favelas do Brasil. Em plena luz do dia, são mutilados fisicamente em confrontos armados contra policiais covardes ou em disputas sanguinárias por pontos de drogas.

Pensando melhor, os governantes não deveriam ser apenados apenas por tortura psicológica em supermercados, deveriam ser sentenciados à pena capital, por recrutamento infantil para a guerra. Deveriam ser punidos com a guilhotina, por transformarem os nossos filhos em meninos soldados.

Ao ver crianças africanas, à frente de tropas militares sendo forçadas por comandantes à detectar territórios minados pisando em minas terrestres, os playboys humanistas de merda ficam horrorizados! A primeira pergunta que fazem é: como que esses monstros são capazes de praticar atos tão selvagens?

As anomalias na parte frontal do cérebro do rico, não só aguça a sua agressividade, como também deforma sua personalidade. O estágio de depravação é tão alto, que os bacanas chegam ao cúmulo de fingir, que ignoram que temos exemplares muito mais inescrupulosos do que os comandantes mais pervertidos dos exércitos da África e que atrocidades no mesmo grau, ou em níveis muito mais elevados, acontecem a todo minuto no país da "alegria contagiante". Meninos com armas de grosso calibre sendo metralhados por forças militares estatais, não é uma exclusividade da República Democrática do Congo, de Angola, da Libéria ou do Nepal.

Os mesmos que se "comovem" com a situação vivida por crianças soldados nas 21 nações do planeta que as usam em seus conflitos armados, asseguram para que o mesmo aconteça com as nossas crianças no quarteirão de casa. Asseguram para que mesmo aconteça com as nossas crianças e depois argumentam, descaradamente, que a culpa pela carnificina infantil no Brasil, é do tráfico de drogas realizado por

moradores das comunidades pobres. Não custa repetir, que essa afirmação hipócrita é usada com dois propósitos: isentar os verdadeiros assassinos e colocar o povo da favela contra um bode expiatório também da favela.

Pra cima de mim não! Sei perfeitamente que as crianças são aliciadas pela condição de extrema pobreza em que vivem. Sei perfeitamente, que em muitas situações, a venda de drogas se torna a oportunidade única de acesso aos bens de consumo, que sempre lhes foram negados. Sei perfeitamente, que algumas vezes, esse meio de sobrevivência se apresenta como a forma derradeira para se colocar comida nas panelas de suas casas.

Você acha, que uma mãe que pede pro patrão da boca colocar seu filho no movimento, o faz por falta de amor? Negativo. O faz porque não aguenta mais vê-lo sonhando com aquilo que não pode ter. Porque não aguenta mais viver na miséria. O faz, porque a imagem da criança esquelética, sendo consumida viva por insetos e vigiada por urubus que esperam a sua morte para comer os seus restos mortais, também não é exclusividade do continente africano. As crianças desnutridas podem até não ser visíveis através dos vidros blindados das Mercedes Bens, do alto dos helicópteros EC175 ou depois dos brindes com taças de cristal e champanhe Perrier-Jouet 4 mil euros a garrafa, mas elas existem! E são até bem fáceis de serem detectadas. Por não se alimentarem de forma adequada ingerindo carne, feijão, leite e pães, são anêmicas e sem brilho nos olhos. Apresentam um retardo no seu crescimento e em seu desenvolvimento mental. São seres com 12 anos, com aspecto físico de 6. Quando uma mãe se vê obrigada a tentar ingressar o filho no mundo do tráfico, ela está fazendo uma opção entre vê-lo morrer de fome ou vê-lo morrer no crime. O que será mais doloroso, morrer lentamente de inanição ou instantaneamente por um tiro?

A ONU contabiliza nos dias de hoje, cerca de 300 mil crianças em combate no planeta. Os seus especialistas calculam, que desde 1987, mais de 2 milhões de crianças foram mortas em conflitos ao redor do mundo. Imagine se eles computassem nesses dados, as baixas sofridas nos morros cariocas, nas periferias de São Paulo e em todas favelas brasileiras. Os nossos meninos e meninas deveriam estar aprendendo e brincando e não matando e morrendo.

Ao entrarem na adolescência, os ex-adultos mirins recebem um presente valioso, ganham o que os neurocientistas denominam como: o amadurecimento do córtex pré-frontal. Esta transformação cerebral não é responsável somente pelo início do raciocínio lógico, crítico e abstrato e da grande capacidade de concentração e aprendizado, mas também por formar o juízo moral e conexo à ele, trazer os valores éticos.

Os nossos jovens de calças largas e bonés, ao serem agraciados com a percepção do certo e do errado, começam a ter a noção exata dos estragos que sofreram na primeira e segunda infância. Nessa fase, passam a tomar ciência de que a distância de uma família estruturada e a ausência nos recintos escolares, deixarão marcas eternas em suas vidas. Começam a sentir os sintomas de um futuro esquartejado. É comum, vermos alguns meninos entre 12 e 18 anos de idade sentenciando as suas existências, depois de compreenderem a engrenagem da sociedade esbranquiçada

decepadora. Nessa situação, é comum vê-los se conformando com trajetórias de dor e finais trágicos. Muitos deles chegam a afirmar que; a única possibilidade de se alcançar a felicidade, é através da explosão das paredes das transportadoras de valores.

Confesso que fico bastante deprimido, quando vejo garotos com vitalidade, potencial e toda vida pela frente, raptados pelo sentimento de desistência. Agindo como se fosse natural sermos mortos pela polícia ou sermos presidiários. Esclareço desde já, que tal comportamento não se trata da chamada síndrome de cachorro vira-latas. Os nossos adolescentes agem desta maneira derrotista, porque mesmo sem fazer a menor ideia do que seja sociologia, compreendem que largam na corrida social nas últimas posições, enquanto os herdeiros de fortunas ilegais partem da Poli Position. As suas previsões futuristas são pessimistas, porque foram traídos, sabotados, preteridos e mutilados por sua própria pátria mãe. As suas previsões futuristas são pessimistas, porque sabem, que premeditadamente, a via normal para a formação de um cidadão de bem: família, estudo, profissão e conquistas lhes fora arrancada a força pelo Estado. As suas previsões futuristas são pessimistas, porque sabem, que premeditadamente, lhes fora deixado como trampolim para o sucesso, o crime e as vagas nos serviços pesados e braçais. Alguns danos causados a eles serão irreversíveis, outros parcialmente contornáveis e raríssimos remediáveis por completo.

Ao mesmo tempo, em que se descobrem sem nenhuma base e apoio para o enfrentamento do mundo que os cerca, entram numa enorme crise existencial, acarretada pelo profundo ciclo de alterações físicas, psíquicas e sociais. Ao deixarem de **ser** crianças mergulham em intensas transformações, principalmente na área psicológica. Precisam buscar sua identidade, precisam de autoafirmação e visibilidade e precisam ser reconhecidos e respeitados pelas pessoas de seus bairros. O problema, é que esse respeito e reconhecimento, muitas vezes só o dinheiro pode comprar. Pra piorar, esse dinheiro não virá através de publicações científicas e sim, através de calos. Calos na ponta do dedo indicador por apertarem gatilhos ou calos nas mãos por segurarem enxadas, pás e vassouras.

Nesse estágio existencial, começam a namorar e a formar grupos de amigos. Milhares de cobranças são geradas. Regras são impostas para aceitação social. Do comportamental ao material, tudo passará pelos olhos analíticos da comissão julgadora da banca em que se almeje fazer parte. Da mesma forma que as amigas tiram barato e desprezam a adolescente que ainda é virgem, a considerando idiota e ultrapassada, os manos riem e excluem aqueles que não demonstram coragem e disposição para quebrar as regras do sistema ou que não ostentam roupas da moda, tênis de marcas famosas, bonés importados e relógios caros.

No mundo em que você vale o que possui, as pessoas populares são aquelas que impressionam os que estão a sua volta exibindo bens materiais ou executando feitos extraordinários. Como dificilmente nas ruas nós temos exemplos de vitória através dos livros, os futuros adultos ávidos por inclusão social, para serem aceitos, terão de se espelhar naqueles que compram carros, motos, casas ou montam negócios no bairro, com dinheiro proveniente de delitos.

O êxito na criminalidade passa a oferecer ilusoriamente aos adolescentes da periferia, tudo o que eles almejam. Passa a ser o sonho n° 1 de muitos jovens brasileiros desassistidos, pois deturpadamente significa: independência financeira, admiração, conforto e mulheres beijando os pés. Aliadas ao crime, a impulsividade, a falta de capacidade para medir as consequências de seus atos e a necessidade de ser alguém, são ingredientes de uma mistura explosiva, que faz voar miolos pelos ares. A implantação epidemiológica desse sonho nas cabeças dos nossos pré-adultos, é a realização do sonho dos ricos. Como a burguesia sempre ansiou e sempre trabalhou arduamente para que acontecesse: os desejos de ascensão através das armas de fogo, vêm em primeiro lugar na ordem natural das coisas na periferia.

Os adolescentes mutilados continuarão afastados das salas de aula como na infância, empobrecendo as conquistas culturais, intelectuais e científicas do país que os renega. As mentes desperdiçadas fora da escola, prosseguirão travando qualquer pretensão de desenvolvimento e crescimento nacional. Os filhos bastardos da nação, estarão pelas ruas praticando roubos e furtos que consigam suprir as suas necessidades básicas. A essa altura da vida, essas necessidades ainda se limitam à aquisição de celulares, de porções de drogas, bebidas ou à pequenas quantias de dinheiro suficientes para pagar a entrada do baile no final de semana. Poucos nesse estágio já estão à procura do golpe criminoso, que garantirá o seu futuro financeiramente. Mas esse quadro mudará em breve. E o cérebro maquiavélico do burguês sabe disso.

Pegando carona nesse tema, sinto que seja o momento propício para desmistificar uma ramificação da burguesia; os defensores da inimputabilidade até os 18 anos de idade. Quando assistimos a debates entre os detentores do poder da sociedade sobre a maioridade penal, notamos que mesmo entre os nossos inimigos, existe uma corrente contrária a opinião reinante de que; menores devem responder criminalmente como os adultos, por seus atos infracionais. A princípio, ao ver playboys discordando de uma ideia mutiladora de sua própria classe, a pessoa mais ingênua pode ser levada a cometer um erro monumental de interpretação, a respeito do caráter desses senhores. Pode ser induzida a pensar, que nem todos eles são maus. Pode ser induzida a pensar, que alguns até têm consciência, de que é o seu regime tirânico que transforma as crianças em situação de indigência em criminosos! Definitivamente, não são esses os fatores que os fazem lutar para que os nossos filhos não sejam responsabilizados por fatos puníveis. Esses “cidadãos exemplares”, que aparentemente são os mocinhos da história, são tão peçonhentos quanto os que querem a redução penal. Eles não estão lutando para proteger os nossos adolescentes, que por motivos socioeconômicos são levados a delinquir, ao contrário, também querem a sua destruição, só que de uma outra forma! Os “nobres cavalheiros” sabem perfeitamente, que na adolescência são raros os casos de crimes gravíssimos, pois os delitos de alta periculosidade, normalmente são motivados pelo desespero de chefes de família, que querem dar padrões de vida decentes aos seus dependentes. São poucos os menores que já constituíram família e carregam nos ombros o peso da responsabilidade que induz ao cometimento de crimes bárbaros. Os casos hediondos que chegam à TV, são exceções ínfimas, em relação ao enorme

contingente de menores infratores. Trocando em miúdos: nessa fase, mesmo que fossem julgados como adultos, as suas penas não seriam longas, porque os atos delituosos decorrentes dessa faixa etária, quase que na sua totalidade, não são de grande potencial ofensivo.

De posse dessa informação privilegiada, os homens "santificados" que defendem a inimputabilidade, não querem condenar o menino aprendiz de bandido, que rouba pra ter um iPod. Afinal, depois de pagar por seu delito leve, o garoto pode sair ainda jovem da prisão regenerado ou transfigurado na própria encarnação do demônio. Porque ceifar parte da liberdade de um favelado precocemente por um pequeno deslize, se mais tarde é possível arrancar toda a sua liberdade por um grande escorregão?

Em síntese, a corrente contrária a maioridade penal a partir dos 16 anos, é formada pelos assassinos sociais mais pacientes, frios e calculistas. A corrente contrária a maioridade penal a partir dos 16 anos, é formada por aqueles que preferem dar corda para o menino que sonha com um iPod, para pegá-lo depois dos 18 anos, na fase em que começará cometer crimes de proporções maiores. Os aparentemente mocinhos da discussão, querem sentenciá-lo a 30 anos de reclusão e libertá-lo já velho, quando não será capaz de causar mais danos a sociedade dos ricos.

A discussão da maioridade penal, se resume em: é mais viável destruir o adolescente ou o adulto? É melhor fuzilá-lo quando rouba balas ou carros-fortes?

A última coisa que um sádico partidário de um regime eliminacionista deseja, é ver alguém que quebrou as suas regras tendo uma segunda chance.

A última coisa que um sádico partidário de um regime eliminacionista deseja, é ver alguém que quebrou as suas regras tendo uma segunda chance de ser reincorporado ao convívio social ou ao cofre de sua mansão.

Não podemos nos deixar enganar, tanto na concepção dos que querem a maioridade penal reduzida ao berçário, quanto na dos que são contra, só existem 3 lugares para a faixa populacional excluída: a servidão, pros que acatam as suas normas e a cadeia e o caixão lacrado pros que as desafiam. Pra ambos os lados debatedores da questão, o menino que apresenta o que chamam de "desvio de conduta", não aparenta ter aptidão para fazer parte de sua força de produção. Pra ambos os lados debatedores da questão, o mesmo é considerado a maçã podre que deve ser tirada do cesto para não apodrecer as outras maçãs.

Muitos dos que embarcam no fatídico sonho de superstar do crime, terminarão espancados com barras de ferro por monitores em reformatórios "ressocializadores" ou nas gavetas geladas de necrotérios. Vários desses, não conhecerão a maioridade. Por outro lado, os que optam pelo caminho da honestidade, viverão na ociosidade por um bom tempo, sendo sustentados pelos pais. Mesmo antes da fase adulta, já colecionarão um pacote bem amplo de rejeições, na busca pelo primeiro emprego. São raros os adolescentes das favelas, que atendem as exigências das empresas que abrem vagas para novos funcionários: pele branca, pele branca, pele branca, experiência na área, estudo, certificados de cursos profissionalizantes e endereço. Isso mesmo que você leu, endereço!

Os mutilados de guerra que vivem refugiados em favelas, aterros sanitários ou em assentamentos de sem teto, não tem o privilégio de receber correspondência, direito à um número identificativo pregado na parede de madeirite de seu barraco ou à um CEP. Não estão no mapa! Com isso, não podem ser atendidos nos açougues do SUS e tão pouco, bater um cartão de ponto.

Nas entrevistas para empregos, ao preencher as fichas cadastrais, os candidatos invisibilizados deveriam colocar a verdade nos espaços destinados às respostas. Quem sabe assim, alguns patrões se sensibilizassem ou algumas víboras da política se envergonhassem.

No local reservado ao endereço, deveriam colocar: aterro sanitário. Abaixo, no campo obrigatório: **GRAU DE ESCOLARIDADE** deveriam escrever "nenhum" e ainda adicionar uma observação entre parênteses (na idade escolar, eu estava procurando lixos reaproveitáveis e recicláveis em meio aos dejetos da sociedade, para ajudar no sustento de minha família, com R$ 6 recebidos diariamente como forma de pagamento). Na hora do exame de saúde, deveriam economizar o tempo do médico, declarando as suas doenças pré-existentes, derivadas do contato constante com lixões e esgotos a céu aberto.

Os adolescentes do cinturão da miséria que conseguem algum emprego no mercado de trabalho, a exemplo dos pais, têm de se sujeitar aos subempregos. São compelidos a atuar em cargos inferiores, mal remunerados e sem a possibilidade de promoções. São compelidos a atuar nas profissões, que ao longo de 30 ou 40 anos, lhes premiarão no máximo, com uma casa na periferia composta por quarto, sala, cozinha e banheiro.

Os mutilados que são rejeitados pelo mercado formal e mesmo assim não são introduzidos na criminalidade, tentam prover os seus sustentos dentro da informalidade, fazendo serviços de pouca rentabilidade como: tomar conta de carros, vender doses de café em locais públicos ou comercializar produtos piratas contrabandeados do Paraguai.

Nos limbos brasileiros, nos tornamos adultos sonhando em interceptar a dona da joalheria que leva dinheiro vivo pra casa ou sonhando com o emprego que ofereça benefícios como; cesta básica, plano de saúde, vale refeição e bilhete único. Quase nunca crescemos almejando diplomas.

Somos doutrinados desde o primeiro passo, a entender que apenas duas portas se abrem para as pessoas dos bairros negligenciados: a da penitenciária e a do campo de trabalho inglório. Por isso, os que se desviam do caminho das calibres 12, sentem-se realizados quando se tornam escravos com direito à plano odontológico para toda a família.

No degrau mais baixo da desigualdade social, o cargo é a última coisa levada em consideração quando se pretende uma vaga numa empresa. Não interessa se o serviço é humilhante e extenuante, se ele oferecer além do salário de fome, algumas "vantagens" como registro em carteira, será considerado como uma conquista. Uma verdadeira dádiva!

O quadro dramático de adolescentes no crime, na ociosidade, em subempregos ou trabalhando na informalidade, piora sobremaneira, quando meninas que ainda

brincam de bonecas e meninos que chutam bolas de meia desejando ser jogadores de futebol, se transformam em pais e mães. Uma geração mutilada, fruto de famílias desestruturadas pelo sadismo burguês, fatalmente continua a saga de seus pais, gerando a próxima linhagem de filhos de pais mortos, desaparecidos, desconhecidos ou com os nomes tatuados no rol dos condenados.

Um cidadão começa com o nascimento, passa pela infância, pré-adolescência, adolescência, chegando por fim à fase adulta. E como uma corrida de revezamento, se o primeiro corredor tropeçar e cair, os outros atletas não irão cruzar a linha de chegada. Se a criança ou o adolescente tropeçarem, o adulto dificilmente chegará à vitória.

Depois das vocações amputadas aos milhares nas áreas saqueadas pela ganância burguesa, aquele que poderia ser um advogado, é transformado num traficante de drogas. Aquele que poderia ser um juiz, é convertido num assaltante de bancos. Aquela que poderia ser uma médica, é reduzida a garota de programa. Aquele que poderia ser um empresário de sucesso, gerador de oportunidades para os seus iguais, é metamorfoseado no servente de pedreiro ou no ajudante geral. Por fim, aquele que poderia ser um ser humano feliz e produtivo, engrossa as estatísticas das deficiências físicas dolosas ou das mortes violentas em consequência da **Guerra Não Declarada.**

Ao entrarem na fase adulta, os homens concebidos por famílias implodidas pelo caos urbano, estão no auge da "maturidade mental" esperada pelos bacanas. Gradualmente, no decorrer dos anos, o trabalho de anestesiamento elaborado pela elite, eliminou de suas mentes os pensamentos revolucionários, a busca por novidades, a impulsividade contra as regras estatais injustas **e** boa parte do ímpeto em assumir riscos para salvar o mundo. Nessa etapa, frequentemente as ideias libertárias já deram lugar ao "raciocínio consequente" e ao chamado; "comportamento responsável". Nessa etapa, os nossos pescoços já usam a coleira que nos impede de caminhar para as direções que julguemos mais corretas e convenientes. O livre arbítrio, que quando mais novos pensávamos que tínhamos, a essa altura já foi completamente esquartejado. E pior, o esquartejamento foi realizado com tanta habilidade pela playboyzada, que nem sentimos as suas lâminas fazendo as incisões em nossas carnes.

A tesoura amansadora do sistema é sagaz, corta aos poucos a fita vermelha que inaugura esse novo estágio de nossas vidas, para que não sejamos eletrocutados por uma descarga de milhares de volts de realidade. Para que não sejamos capazes de sentir o choque, com potencial para a produção das temidas retaliações contra os esquartejadores. Pense na dimensão da revolta que tomaria conta de um ser, se abruptamente, da noite para o dia, ele descobrisse que seus planos, sonhos e projetos foram incinerados por um bando de canalhas.

Seria como se derrepente alguém chegasse e dissesse:

- Então, queridão, pendura a chuteira que você não vai jogar no Manchester United. Não vai estrelar filmes, novelas, mini-séries ou peças teatrais.

- Não vai ser um cantor e fazer turnês mundiais. Não vai ser industrial, cientista, advogado, médico astronauta e muito menos, dono de uma mega

rede de lojas.
- De acordo com os ditames dos boys, você vai vestir um uniforme pra ser detento ou pra varrer ruas! Logicamente, que na segunda opção, caso tenha o ensino médio completo comprovado mediante a apresentação de histórico escolar.

Vagarosamente, o lado romântico, fictício e emocionante de nossas existências é decepado, temperado com pólvora e servido como prato principal nos jantares de gala dos grã-finos. E o mais dramático e fantástico de tudo isso, é que aceitamos esta prática como se fosse uma lei natural. A covarde lavagem cerebral realizada nos cérebros marginalizados quando ainda estão em formação, nos incuti uma mentalidade profundamente conformista. Dentro ou fora da criminalidade, todos os membros da nação dos favelados, através de seus atos e comportamentos, demonstram concordar passiva e pacificamente, em ser condenados aos corredores da morte da elite! Sem qualquer tipo de contestação de cunho real, dobramos os joelhos, nos curvamos diante de "nossos senhores" e acatamos as suas determinações psicóticas.

Conforme o conjunto de regras genocidas dos endinheirados que aprendemos a acatar em silêncio, todos que debutam na fase adulta pagam de uma forma ou de outra, pelo crime de terem nascido pobres. Os que se opõem com metralhadoras aos Gulags nacionais, recebem penas perpétuas a serem cumpridas por um longo período no regime fechado e um curto espaço de tempo no aberto. As duas etapas da punição dada aos "transgressores" de normas, são divididas da seguinte maneira: primeiramente, o presidiário cumpri a parte inicial da sentença dentro do cárcere e em seguida, após a expedição de seu alvará de soltura algumas décadas depois, cumpri o restante do castigo na condição eterna de ex-detento.

Basicamente, as pessoas, que pelos próprios ricos são incitadas a burlar os seus sistemas de segurança, são forçadas a permanecer presas nas masmorras dos rejeitados observando a juventude de seus corpos aceleradamente se esvair por entre os vãos das grades de ferro, para um dia deixarem as celas já com idades avançadas e engrossar a população de moradores de rua. Apenas um adendo: neste caso, só se matricula no sistema carcerário ou se torna ex-presidiário, aquele que consegue a façanha de sobreviver às inúmeras penas capitais estatais, aplicadas para executar infratores nas ruas e em pavilhões de presídios.

Analisando as tragédias ligadas ao crime e a situação desumana de abandono do sistema carcerário, rapidamente nos convencemos de que os que optam por não contrariar a casta dominante tem melhor sorte. **Negativo!** Os racistas e discriminadores da alta classe, são tão impiedosos com quem diz: Sim senhor quanto com quem grita: E um assalto. E exatamente como eu escrevi mais atrás: todos são punidos por terem nascido pobres.

Os recém adultos que escolhem ser trabalhadores, são condenados a penas perpétuas em regime semiaberto. Como recompensa pelo bom comportamento de não pegarem em armas, não vão para as prisões convencionais, passam o dia trancafiados em campos de trabalhos forçados e a noite tem o "privilégio" de dormir

em suas casas. Se por um lado a vida do crime oferece a possibilidade de escapatória da pena capital, por outro, essa chance não existe na vida honesta. Todos, sem exceção, serão assassinados por seus amos. Em seus atestados de óbito haverá uma infinidade de nomes e explicações para as causas de suas mortes injustas, entretanto, independente do parecer dos médicos legistas, todas serão consequência da L.E.R. Todas serão consequência das lesões por esforços repetitivos de vidas repetitivas e sem sentido. O mal que envia os apenados desse tipo de semiaberto para às coras, não é a doença de chagas, o câncer ou a pressão alta, mas o duro cotidiano de um subjugado. A insuficiência respiratória é só um termo técnico para camuflar que o que leva diversos para à sepultura é acordar às 4:00 da manhã, entrar num ônibus rumo ao centro às 5:00, desembarcar às 7:30, entrar na firma às 8:00, sair às 20:00, pegar o ônibus de volta para a periferia às 20:30, desembarcar às 23:00, chegar em casa por volta das 23:30 e dormir às 00:30 para repor as energias para um novo dia de capacho de um explorador. Igualmente aos escravos do período colonial, que devido as condições inumanas das lavouras, não resistiam por 10 anos, o trabalhador de agora, também não resiste por muito tempo ao capitalismo predatório praticado pela alta classe.

Mais do que assassinar pessoas, a rotina árdua do; viver em função da felicidade e do conforto dos endinheirados, produz um outro fenômeno bastante frequente nos campos minados; o fenômeno das crianças que não se encontram com os pais, mesmo morando na mesma residência. Os filhos, razão única do martírio e da transformação de adolescentes cheios de esperanças em máquinas inanimadas cumpridoras de ordens abusivas, muitas vezes, não só não conhecem os passos de sacrifício do pai ou da mãe, como mal conhecem o pai e a mãe. Quando acordam, ele ou ela já saiu, quando vão dormir, ele ou ela ainda não chegou.

Sabe aquela história, de que o dia de uma pessoa deve ser divido entre 8 horas de descanso, 8 de diversão e estudo e 8 de trabalho? No gueto, ela foi modificada para 20:30 de chibatadas contrastando com 3:30 de um sono mal dormido repleto de pesadelos sociais.

Já dizia Malcolm X: a pior escravidão é a da mente! Os efeitos da anestesia mental, produzem resultados inacreditáveis. São capazes de fazer com que escravos modernos acreditem que são alforriados, por receberem salários.

Nunca é demais salientar, que o salário é um prêmio inventado por matemáticos com chifres, tridentes e capas pretas, para ser trocado justamente pela liberdade do homem da classe mais baixa. É um valor elaborado sob medida, pra que o servo não morra de fome e seja coagido a voltar todos os dias para a labuta degradante. É um valor elaborado sob medida, pra que aquele que o receba nunca ascenda socialmente, faça fortuna e se liberte das garras do poder patronal.

Caro leitor, pense um pouco na escravidão de antes da falsa abolição. Quais eram os bens materiais de um escravo? Trapos de pano utilizados como roupas, restos de comida e um teto de uma senzala. Senzala esta, que não era de sua propriedade. Pois bem, agora vejamos o que o dito alforriado que recebe salário tem hoje. Ele tem: um emprego desumano, que lhe propícia um teto em habitações que as vezes apresentam condições piores do que a de uma senzala, roupas em estado

de trapos e restos de comidas. Resumindo, o assalariado, literalmente, se encontra no mesmo padrão de exclusão, sofrimento e miséria do antigo escravo. O salário foi instituído para trazer duas benesses ao senhor feudal: a de poder comprar um ser humano a prazo em suaves prestações (antes era necessário pagar o mercador **à** vista) e a de não precisar usar mais os serviços de capitães do mato para recuperar escravos fugitivos. Com o salário, os servos não fogem.

Os Homo Money são sanguessugas que só largam a pele da vítima, depois de extrair a sua vitalidade por completo em linhas de produção ou em celas superlotadas. Cravam os seus dentes afiados num jovem e só o largam aos 40, quando este não é mais útil às suas pretensões. Após envelhecermos em subempregos sem carteira registrada, somos descartados como papéis higiênicos usados. Somos dispensados para terminarmos as nossas "vidas" sem aposentadoria, solitários em asilos, dormindo em albergues, morando em caixas de papelão ou vegetando embaixo de viadutos à espera do bem-vindo falecimento. A velhice que deveria significar; descanso e respeito, se transforma num longa-metragem de terror.

Os fios de cabelos grisalhos, nessa fase, tornam-se nada mais do que um artifício para despertar a comoção alheia. Os fios de cabelos grisalhos, nessa fase, tornam-se nada mais, do que um mecanismo de sobrevivência, que serve para tentar aflorar a comiseração dos homens e mulheres que passam apressados em frente ao senhor de idade, que mantêm uma placa pendurada no pescoço descrevendo as suas inúmeras doenças, com a esperança de que alguém jogue uma moeda numa lata de leite em pó. No dito popular, quando uma pessoa quer aparecer, o mandamos colocar uma melancia na cabeça. No dito macabro, se um idoso quiser ser enxergado, terá de colocar uma placa no pescoço ou uma placa sob o corpo, como se fosse um outdoor ambulante das agências de empregos.

Os veteranos da **Guerra Não Declarada** do Brasil, terminam os seus dias catando restos de comida nas lixeiras dos bairros nobres. Isso obviamente, quando não são agredidos pelos porteiros dos prédios ou pelos vigias que fazem a segurança de algumas ruas e que são incumbidos com a "honrosa missão" de proibi-los de ter acesso aos "importantes" dejetos e detritos dos magnatas.

Os veteranos da **Guerra Não Declarada** do Brasil, chegam ao crepúsculo de suas existências recolhendo frutas estragadas jogadas no chão das feiras. Entre outros fatores, são obrigados a buscar alimentação nos sacos de lixo, porque é lá que os hotéis e restaurantes brasileiros preferem jogar as sobras dos almoços e jantares. Os empresários desses ramos alegam, que adotam essa medida para "preservar" a saúde dos mais necessitados, afinal, de acordo com suas as explicações, a comida que é dispensada já pode estar vencida e estragada, portanto poderia fazer mal a quem a consumisse. Na verdade, a explicação é outra; a comida vai para a lixeira, porque a playboyzada desses setores, além de ser malvada, acredita que se doasse os alimentos descartados, centenas de mendigos fariam filas na porta de seus estabelecimentos, afugentando as suas malditas clientelas selecionadas. Uma pergunta: se o temor real é esse, será que não poderiam doar toda a comida que desperdiçam para as instituições de caridade, para que elas as distribuíssem entre as pessoas carentes? Bom, poder, até poderiam, caso as suas índoles miseráveis não

fossem o empecilho.

Mesmo eu sendo um autodidata em maldade humana, juro que não consigo compreender, qual é o prazer da crueldade. Como pode, alguém sabendo que uma parcela considerável de seus compatriotas não tem o que comer, friamente jogar fora aquilo que atenuaria o martírio de milhares de pessoas? Como pode, alguém depois de promover tamanha desumanidade, deitar sua cabeça num travesseiro de pena de ganso e dormir tranquilamente? Como pode, esse alguém não sentir nenhuma gota de remorso por seu crime hediondo? Jogar comida no lixo num país habitado por famintos, é um crime hediondo contra a humanidade. Depois perguntam o porquê da atitude intempestiva do menino assaltante, que mesmo sendo atendido em todas as suas exigências, atira a queima roupa na cabeça do playboy que não esboçou qualquer tipo de reação.

Após os 40 anos de idade, uma pessoa mesmo possuindo diploma e uma boa formação profissional, encontra enormes dificuldades para se encaixar no mercado de trabalho. Após os 40 anos de idade, com baixo grau de escolaridade e nenhuma, ou quase nenhuma experiência comprovada em carteira, praticamente, só resta o ramo da reciclagem como alternativa para o mutilado de guerra da favela.

Com a formação educacional e profissional que é oferecida pelo Estado aos habitantes das zonas de carnificina, dificilmente quem "comemora" quarenta primaveras no gueto, deixa de se alistar no exército dos puxadores de carroça de papelão. Dificilmente, quem comemora quarenta primaveras no gueto, deixa de entrar na disputa com outros desesperados pelas latinhas de alumínio que ficam jogadas nos finais dos grandes eventos musicais e esportivos.

Falar a respeito desse metal leve me faz lembrar, que o Brasil é responsável pelo mais eficiente ciclo de reciclagem de alumínio do mundo. E porque será? Será que enfim, há um setor onde os energúmenos abastados brasileiros são competentes e autossuficientes? É claro que não! O país do carnaval ostenta essa "honraria", porque é o país que concentra o maior número de mutilados por cérebros irracionais burgueses vagando pelas ruas, enchendo sacos de farinha de trigo de 50kg com latas de refrigerantes e cervejas. A necessidade de subsistir dos abandonados pelo governo, fez a reciclagem prosperar. Prosperar não, se tornar um exemplo de efetividade. Quando os escravos eram forçados a colher cana-de-açúcar e café, o Brasil liderava essas culturas.

Retomando o tema central, a crise da meia idade não provoca somente a queda na produção de hormônios, ela esquarteja, carboniza e enterra o nosso espírito rebelde e contestador. No declínio da juventude, a nação dos favelados encerra definitivamente o ciclo de militância política, de lutas populares e pessoais, de protestos, reivindicações, piquetes e passeatas. Desse ponto em diante, somente procuramos meios para sustentar as nossas famílias. Desse ponto em diante, vivemos em função de fazer com que os nossos filhos tenham uma passagem pela Terra menos drástica do que foi a nossa.

Nos acréscimos do jogo perdido, a nossa existência sem qualquer significação, se assemelha à dos cães; nos conformamos apenas em nos alimentarmos. Esperamos que os nossos carrascos façam a "gentileza", de pelo menos, nos tratar como porcos.

Esperamos que os nossos carrascos pelo menos nos engordem, antes de nos abater.

Nos acréscimos do jogo perdido, abdicamos dos sonhos, do progresso e da felicidade.

Nos acréscimos do jogo perdido, ficamos estáticos, aguardando o dia em que rosquearão as chavetas da tampa de nossos caixões.

Os que enveredaram pelo mundo do crime e por sorte sobreviveram às penas capitais carcerárias, após o cumprimento das longas punições, saem das prisões com a roupa do corpo e a idade avançada. Tornam-se homens "livres", que se sentem mais confinados nas ruas, do que dentro do sistema carcerário. Longe do porto seguro equipado com aparelhos de raio-X, detectores de metal e 200 câmeras de vídeo, homens que nem se lembravam mais do que é sentir medo, ficam aterrorizados! Não sabem como se portar longe das grades. Sobrevivem como se estivessem em solo estranho. Sobrevivem como se pisassem em areia movediça.

Após um extenso período de privação de liberdade, se a cadeia não se transforma em um habitat natural é, no mínimo, convertida numa espécie de território demarcado. Desta forma, fora dela, os "recém libertos" após longas penas, ficam como os tigres retirados da selva; se sentem fracos e frágeis.

Após extensos períodos de privação da liberdade, os "recém-libertos" parecem saídos de uma máquina do tempo. Uma máquina desumana, que na viagem entre o passado e o futuro, bem mais do que rasgar o mundo antiquado anterior ao cárcere com arranha-céus, carros com inteligência artificial, câmeras fotográficas digitais, internet e tênis com bolhas de ar, decepou os melhores anos de suas vidas.

Totalmente deslocados, ultrapassados e desorientados, os antigos prisioneiros das grades de ferro terão novamente que aprender a viver dentro de um presídio. Terão de se adaptar a disciplina e aos novos perigos oferecidos por uma prisão em formato diferente: uma detenção sem muros!

Em uma semana nas ruas, compreendem que a tão sonhada liberdade, para um ex-presidiário significa apenas: mais uma etapa do regime de progressão de sua pena.

Alguns presos às vésperas da terceira idade, preferem nem sair das masmorras de concreto e aço. Do auge de suas experiências de vida, sabem que a solitária da detenção sem muros, é muito mais severa do que a tranca da prisão de segurança máxima. Do auge de suas experiências de vida, sabem que a sua massa carcerária é mil vezes mais cruel com um idoso, do que os indivíduos mais violentos reclusos nas instituições prisionais convencionais.

Nas cadeias tradicionais eles dividem centímetros de celas com homicidas, traficantes de drogas e assaltantes de banco, já na detenção sem muros, terão de conviver com gente barra pesada como: os genocidas, os traficantes de seres humanos e os super assaltantes, que através da corrupção política, roubam da população carente, moradias, escolas, hospitais, bibliotecas e creches.

Nas cadeias tradicionais, todos os presos são socialmente nivelados. Todos são números para o Estado. Já na detenção sem muros, os ex-detentos são imersos num patamar de miséria extrema e insignificância, ainda mais intolerável do que o habitual destinado as pessoas pobres. São imersos numa espécie de limbo do limbo social, de onde são obrigados a contemplar diante de seus olhos, os privilegiados, por meios

sórdidos, desfrutando de um mundo restrito de glamour e bem-estar. De onde são obrigados a contemplar os preconceituosos esfregando em seus rostos, um universo proibido para as contas bancárias menores do que nove dígitos. Um universo, cujo qual, os seus nomes nunca farão parte das listas de convidados, alunos e funcionários.

Os ex-presidiários pagam um alto preço por suas juventudes mu tiladas. Praticamente morrem em vida, por terem ficado em estado de abandono estatal, do dia que entraram no sistema prisional, até a hora da abertura dos portões para as suas saídas. Não existem oportunidades oficiais para quem não foi profissionalizado, alfabetizado ou regenerado. Muitos são colocados nas ruas sem, sequer, saber escrever o próprio nome. Não são preparados para sobreviver além das gigantescas muralhas, após a chamada: "quitação da dívida com a sociedade". Quando se trata de pessoas reclusas em face de delitos associados à miséria absoluta, fica difícil escrever a frase: dívida com a sociedade, sem sentir um enorme desconforto. Afinal, a "dívida" da maioria dos presos com a sociedade, é ínfima se comparada a dívida da sociedade para com os presos. Nesse caso, há uma grande inversão de valores na imputação dos termos: "credores e devedores".

Sem nenhum apoio ou incentivo governamental, jamais alcançam a chamada ressocialização. Num cenário, onde a cartilha empresarial não prevê, sob hipótese alguma, o direito a uma segunda chance, definitivamente, não há vagas no mercado para cidadãos com antecedentes criminais.

E por falar em emprego, quais cargos decentes os cidadãos descritos conseguiriam, depois de 15, 20 ou 30 anos vegetando dentro do cumprimento de penas, cuja finalidade era a vingança e não a recuperação? Quais serviços dignos estariam aptos a executar, depois de 15, 20 ou 30 anos de defasagem social, educacional e profissional? Por exemplo, no mundo em que muitos dos atuais ex-presidiários de longa data foram presos, as empresas exigiam do candidato certificado de conclusão do curso de datilografia. No mundo em que foram soltos, os patrões exigem, no mínimo, noção em informática e domínio de duas línguas estrangeiras.

Como acontece com todo ser humano, ao envelhecerem, os manos presos na juventude perdem as suas forças físicas e são acometidos por inúmeros problemas de saúde. Sendo assim, junto com o desaparecimento do vigor físico e mental e com o ganho de enfermidades, perdem também a capacidade para a permanência no crime. A máquina do tempo do cárcere é implacável, não te condiciona para a liberdade e ainda suga o fôlego para a escalada de muros, necessária para adentrar a loja e sair com os objetos de valor. Não te condiciona para a liberdade e ainda faz evaporar a energia para invadir delegacias e resgatar da carceragem os parceiros da quadrilha ou para fugir do GOE, correndo na contramão da avenida de tráfego intenso.

Quando deixamos uma cela depois de uma longa temporada torturante, não somos nós que cantamos vitória e sim, o sistema.

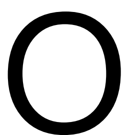
A playboyzada vence, toda vez que dizima ou transforma os seus "inimigos perigosos" em senhores decrépitos, adoecidos e inofensivos. A playboyzada vence,

toda vez que os converte em outros dos tantos moradores das periferias brasileiras, que esperam melancolicamente a foice da morte rasgar as suas vísceras envelhecidas, para libertar os seus espíritos.

Todos os veteranos da **Guerra Não Declarada**, terminarão de forma idêntica. No final das vidas vividas dentro dos processadores e trituradores de seres humanos dos ricos, trabalhadores ou criminosos, todos estarão em completo estado de mendicância.

Todos nós brasileiros homens e mulheres, crianças e idosos, negros ou brancos, pobres ou ricos, ateus ou tementes a Deus, carregamos feridas abertas deixadas pelos combates diários da guerra mais estúpida de todos os tempos: a Guerra Não Declarada da elite. Não existe escudo para nos defender. Não existe trincheira para nos proteger. Não existe abrigo para nos esconder. Dentro da teia de violência burguesa, todos somos anomalias da nova era! Todos somos mutilados de guerra!

A Guerra Nada Santa



atual cenário de discórdia generalizada apresenta, além dos saques e da perseguição aos que se opõem aos dogmas dos opressores, outra similaridade abominável com a época das cruzadas: a guerra nada santa.

Se na idade média, os embates se davam com intuito de islamizar ou cristianizar os povos do mundo, no Brasil atual, todos os cavaleiros cruzados que se digladiam "em nome de Deus", tentam a cristianização da nação.

No duelo tropicalista entre os "homens sacros", duas importantes alterações em relação ao passado são facilmente observadas. Na primeira, vemos que saiu de moda o artifício de ameaçar com suplício os adeptos da fé religiosa divergente, para que se convertam à uma outra doutrina. Os apanhadores de almas, ao invés de machados, agora preferem fazer uso da psicologia nociva, para arrebatar novos seguidores assim que as suas faculdades intelectuais estejam dissolvidas. E na segunda, constatamos que a guerra nada santa nacional, não é travada entre cristãos e mulçumanos. Em razão do contingente islâmico não ser muito numeroso em nosso país, os inimigos mortais milenares ficaram impossibilitados de se confrontar em nossa arena. Na falta dos seguidores do profeta Maomé, os cristãos locais tiveram de improvisar desavenças entre as vertentes de uma mesma religião.

Criar dentro da cristandade, dissidências culturais e interpretações diferentes dos ensinamentos de Cristo que terminam no deflagramento de batalhas, não é um fenômeno exclusivo dos brasileiros. Os nossos fanáticos religiosos apenas plagiaram uma constante global. Seguiram a tendência que foi iniciada no primeiro segundo após a retirada do Messias da cruz e acentuada em alguns momentos marcantes da história. Seguiram a tendência iniciada pós-crucificação que foi inflamada em acontecimentos como: a primeira grande divisão do cristianismo, ocorrida em 1054, quando opiniões teológicas divergentes provocaram a ruptura entre as igrejas do Ocidente e do Oriente e o nascimento do Protestantismo, originado na coragem de Martinho Lutero (1483-1546) em desafiar o poder papal.

No dia 31 de outubro de 1517, o monge alemão fixou na porta da igreja do castelo de Wittenberg, 95 teses para a reforma protestante. O ato movido pela indignação desse homem contra os dogmas católicos medievais, que contradiziam os ensinamentos das escrituras sagradas, entre eles a venda de indulgências que significava; que aquele que tivesse dinheiro poderia se ver livre dos pecados comprando perdões comercializados pela igreja, faria eclodir o maior racha da fé cristã.

Após um histórico secular de conflitos, nos dias de hoje, o cristianismo mais fatiado do que uma pizza, se apresenta em vários segmentos. Dentre eles, as duas

denominações majoritárias, são justamente as que contém os eternos adversários da guerra nada santa do Brasil; o catolicismo, representado pela Igreja Católica Apostólica Romana e o protestantismo, representado por dezenas de Igrejas evangélicas, divididas em três grupos: Históricos, Pentecostais e Neopentecostais.

A jihad nacional fica por conta do rebanho do Vaticano versus as igrejas neopentecostais e seu liberalismo teológico. Os principais rivais dos católicos no Brasil, são simbolizados pela Igreja Universal do Reino de Deus, fundada por Edir Macedo em 1977.

O estopim para a declaração da contenda "sagrada" local, foi aceso com a entrada das igrejas neopentecostais no ramo da comunicação. Ao encontrarem a possibilidade de levar através de ondas eletromagnéticas, cultos, crenças e testemunhos à todos os lares das comunidades sem expectativas econômicas, bispos e pastores acharam o mapa de uma **mina>** que não só guardava ouro, mas também uma artilharia pesada contra oponentes! Com a maravilhosa descoberta, rapidamente comprovaram que a máxima do mercado publicitário estava correta: a propaganda era mesmo a alma do negócio! Com a maravilhosa descoberta, rapidamente constataram que os conservadores tradicionais estavam errados, a TV não era coisa do diabo. Pelo menos, não para o bolso de alguns deles. O marketing agressivo elaborado pelos empresários da fé, seria a pedra fundamental de um crescimento Microsiftiano!

A divulgação maciça de regras doutrinárias flexíveis, que permitiam que mulheres se depilassem, cortassem os cabelos, se maquiassem, usassem calça e principalmente, que todos assistissem televisão com uma pequena ressalva: os programas da casa), somada à um brilhante e obsceno novo método de abordagem, faria com que o séquito de neofieis aumentasse vertiginosamente.

Diferente de padres e pastores reacionários, os neopastores em suas pregações ofereciam aos discípulos a ascensão social através da bíblia. Uma forma de catequização muito eficiente, em se tratando de pessoas pobres. Essa fórmula de sucesso os faria abocanhar não só os membros insatisfeitos das correntes Tradicionais e Pentecostais, como também converter milhares de inimigos.

Enquanto os autodenominados; bispos, apóstolos e missionários computavam e comemoravam novos adeptos, a igreja católica, que em 1940 detinha cerca de 95% da população religiosa, assistia estática a sua enorme legião de devotos decair. A partir do fim da década de 1970, os padres passaram a sentir o reflexo desse duro golpe. Esse verdadeiro nocaute acarretaria na perda de quase um milhão de correligionários por ano. O ritmo alucinante de debandada em face da hipnose dos televangelistas, promoveria algo até então impensável no país mais católico do mundo; deixaria a hegemonia do catolicismo brasileiro ameaçada para sempre!

De acordo com dados do IBGE, o estado de decadência incessante do catolicismo, fez com que essa ramificação crista chegasse ao século XXI representando cerca de 74% da população contra 17% de evangélicos, totalizados em mais de 30 milhões de pessoas.

Atrelado ao crescimento meteórico dos neopentecostais, cresceu o poder dos bispos e o patrimônio das igrejas. Só pra se ter uma ideia do que estou falando, na

atualidade, esse fantástico império vai muito além de luxuosas salas de culto climatizadas e acarpetadas. Os patrimônios sagrados incorporam gravadoras, construtoras, bancos, editoras, gráficas, hotéis e até empresas de táxi aéreo. Isso, mencionando apenas os investimentos ditos; "dentro da lei".

Dentre todos os empreendimentos "santificados", legais ou ilegais, morais ou imorais, os que mais chamam a atenção, são os do ramo da tele e radiodifusão. Sozinhos eles faturam anualmente algo em torno de 3 bilhões de reais.

Antes de prosseguir, só uma pequena observação: dentro desse milagre da multiplicação de cédulas de dinheiro, não estão somados os lucros da emissora neoevangélica mais importante do país; a Rede Record de televisão, comprada em negócio nebuloso, pelo valor de 45 milhões de dólares. Os veículos de comunicação da indústria da fé são obtidos por testas-de-ferro, pois pela Constituição Federal, as igrejas sejam elas quais forem, são proibidas de controlar empresas de rádio e TV.

A avalanche de doações voluntárias induzidas, resultou também na construção de diversos mega templos espalhados pelos quatro cantos do mundo. Fazendo com que hoje, algumas doutrinas evangélicas estejam presentes em mais países do que o McDonald's. A marca: Igreja Universal do Reino de Deus, mundialmente é tão ou mais famosa do que a Nike, a Coca-Cola ou o Pelé.

Para conter o avanço desse setor evangélico, só restou aos católicos a alternativa de contra-atacar usando as mesmas armas dos adversários. Diante da contabilização dos enormes prejuízos, os estrategistas de guerra não pensaram duas vezes: arregaçaram as mangas das batinas e foram para o front de batalha. Não é preciso ser especialista em operações militares para compreender, que para se chegar à vitória em uma luta, além de poderio bélico e de uma boa infantaria, é necessário ter como trunfo o apoio de tropas aliadas. Os católicos possuidores da maior bancada política do país não encontraram dificuldades em reunir um exército de simpatizantes à sua causa. R assim, pro combate "sagrado", logo ganharam o amparo de muitos presidentes da república, ministros das comunicações e congressistas, que "gentilmente" aprovavam concessões de rádio e TV em seu favor em nome de laranjas. Esse fato por si só, já oferecia uma situação muito cômoda, mas nada comparada a situação privilegiada que seria propiciada com o apoio incondicional das Organizações Globo, o maior conglomerado de empresas da área de mídia e comunicação do país. Em outras palavras, nada comparada **a** condição impar proporcionada pelo apoio dos detentores do monopólio da informação e da alienação da "terra encantada". Monopólio esse que é totalmente inconstitucional. Segundo o parágrafo 5º do artigo 220 de nossa Carta Maior: **os meios de comunicação não podem, direta ou indiretamente, ser objeto de monopólio ou oligopólio.**

Essa inigualável aliança, ou melhor, esse pacto com o diabo, daria contornos finais a formação do arsenal de guerra do catolicismo brasileiro. Depois de devidamente municiados, os líderes católicos e neoevangélicos, enfim, estavam prontos para amarrarem em seus corpos as bananas de dinamite da ignorância e darem início as séries inesgotáveis de atentados aos alvos inimigos. Vale lembrar, que no "combate divino", a posse dos meios de comunicação audiovisual é um

requisito obrigatório, porém não é necessário que um comandante cruzado seja proprietário de emissoras para dominar veículos de informação. Para burlar as leis constitucionais, não é preciso nem que os papas, cardeais, bispos ou pastores, tenham a simpatia de políticos ou de coronéis eletrônicos basta, tão somente, que eles tenham sido "abençoados" com uma soma vultuosa de papel moeda.

Por alguns milhões de reais, aqueles que não conseguiram ganhar concessões públicas de padrinhos para disseminar as suas ideias, podem arrendar as grades de programação de alguns dos canais televisivos mais tradicionais do país. O que diga-se de passagem, também é abusivo, arbitrário e inconstitucional. Afinal, a tele e a radiodifusão são serviços públicos concedidos para que os fiéis depositários dos meios de comunicação de massa promovam o entretenimento, a cultura, a educação e a informação. E não para que vendam doutrinas religiosas e princípios políticos. Ou tão pouco, para que substituam a contribuição que deveriam dar na construção da democracia e da cidadania, por programações voltadas a televendas de futilidades. Os veículos de comunicação, o Estado, a política e a justiça, devem ser obrigatoriamente laicos.

Desde a declaração não escrita dessa guerra surda, todos os dias tornaram-se o dia D, para que as duas denominações religiosas sem trégua ou cessar fogo, guerreiem por novos adeptos. Todos os dias tornaram-se o dia D, para que tentem através de canais abertos ou por assinatura, emissoras de rádio, sites, jornais impressos distribuídos gratuitamente ou por panfletos entregues por seguidores de porta em porta, aumentar os seus rebanhos, o volume de seus caixas e a audiência de seus programas de inutilidade pública.

Engana-se quem pensa que Jerusalém é a única terra santa em disputa no atual cenário religioso mundial. Os nossos "soldados de Cristo", também duelam pela posse em caráter definitivo de um outro solo sagrado. Essa outra terra que é o motivo de litígio, se chama: periferia. E nesse território santificado, devastado pela miséria em abundância e pela violência, que floresce um jardim de bons negócios. É lá que se localizam as sub-pátrias, habitadas por pessoas em busca de milagres, em busca de alegria e em busca de um terreno no paraíso. E lá que se localizam as sub-pátrias, habitadas por cidadãos ingênuos, dispostos a pagar altos preços pelo privilégio de no juízo final, se sentarem à direita do criador. E lá que se localizam as sub-pátrias, habitadas por abandonados sociais propensos a qualquer flagelo carnal, em troca de uma recompensa no plano espiritual.

Para a legião de charlatões com tino comercial, cada espírito assolado pelo regime opressor burguês torna-se um mini campo de petróleo, bastando uma perfuração profunda no cérebro, para que o lucro jorre sem parar por décadas. Para esses mercadores de "milagres", a santíssima trindade se traduz em: fiel fanático, dinheiro e poder e não em : pai, filho e espírito santo.

Na busca cega pelo aumento das boas ações, aquelas das bolsas de valores, não existem escrúpulos, ética, muito menos honra. Para obter êxito no sequestro de mentes desesperançadas, alguns dos estelionatários que se dizem a serviço de Deus, chegam ao cúmulo de prometer a cura de paralisias físicas irreversíveis ou de doenças como: a Aids e o câncer. Para dar veracidade a tal crença; da vitória do

poder sobrenatural da fé sobre a ciência, alguns atores são escalados para atuações em papéis que surpreenderiam até os críticos de Hollywood. Nos palcos de igrejas lideradas por maníacos, homens e mulheres contratados, encenam espetáculos grotescos e criminosos. Supostos paralíticos levantam-se de suas cadeiras de rodas, pessoas ditas cegas jogam as suas bengalas e passam a "enxergar" e falsos soropositivos apresentam exames atestando as suas "reabilitações miraculosas". Uma vez dentro de algumas das chamadas "casas do Senhor", as presas fisgadas nas favelas são testemunhas apenas de um milagre: veem homens e mulheres que não tem o que comer, sendo depenados.

Em minha vida convivi com diversas pessoas forçadas pelo Estado a trilhar o caminho do crime. Vi muitos dos meus manos, em consequência do tratamento social desumano, se tornarem homens frios e perigosos, mas com toda sinceridade, juro pelo mesmo Deus que os "homens santos" dizem representar, que jamais vi mentes tão diabólicas, quanto as de alguns daqueles que sobem nos púlpitos e diante de plateias de desesperados fazem pregações mentirosas. O ato mais bárbaro que tive notícia na periferia, é brincadeira de criança perto do que faz o "orador sacro", quando pega um microfone e dispara sua metralhadora de blasfêmias e heresias na direção de almas carentes.

Em troca do fim de enfermidades e doenças incuráveis, da salvação de todos os pecados mundanos e de brinde um lote no céu, os neoevangélicos de alguns Mcdonald's da fé exigem apenas do fiel que ele seja generoso ao deixar a sua doação na sacola passada pelos obreiros, ou na santa máquina de cartão de crédito e débito.

No caso dos católicos, a metodologia de cobrança por graças é similar, o que difere é a denominação dada à petição do dinheiro. Os padres não pedem mais o dízimo, esse termo foi abolido em 2005 pelo Papa Bento XVI. Agora eles solicitam, segundo o quinto mandamento de sua religião, que seus seguidores atendam as necessidades materiais da igreja, cada qual seguindo as suas próprias possibilidades.

As oferendas, o dízimo ou esse atendimento às necessidades materiais da igreja, teoricamente deveriam ser empregados em despesas de manutenção das casas do Senhor, tais como: gastos **com** contas de água, luz, telefone, aluguéis e pagamentos de funcionários. Na prática, os donativos arrecadados, muitas vezes, ganham outros destinos nada abençoáveis. Eles sào usados para a construção de luxuosas catedrais em outros países, com o argumento débil de: proclamação do evangelho para povos estrangeiros. São usados para que alguns líderes religiosos adquiram veículos de comunicação, sob o mesmo pretexto de; propagação da fé. São usados na compra de coberturas, mansões, carros importados, fazendas, aras, casacos de pele e joias. São usados para que muitos componentes das altas cúpulas façam viagens turísticas ao redor do planeta; para que façam noitadas em bordéis requintados; para que financiem campanhas políticas; para que corrompam a polícia; para que subornem magistrados e para que contratem advogados renomados, especialistas em encontrar as brechas na lei que garantem absolvições em processos de charlatanismo.

Para a manutenção de fortunas particulares, os membros do alto escalão dessas entidades "sem fins lucrativos", que muitas vezes são mais lucrativas do que os cassinos de Las Vegas, ainda contam com a isenção fiscal do governo. São libertos

do demônio do imposto de renda sobre o valor obtido em doações. Em alguns estados, não precisam nem da sessão do descarrego para se livrar de encostos como: o IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) e o IPVA (Imposto sobre a Propriedade de Veículos Automotores). Na minha opinião, as entidades filantrópicas que apresentam um certificado de filantropia conseguido legitimamente por seus préstimos nas áreas de assistência social, educação e saúde, são as únicas que fazem jus a essa imunidade tributária. Não compreendo a lógica governamental, em subsidiar igrejas que em seus estatutos tornam obrigatório que filiados contribuam com ofertas e dízimos, que em muitos casos, comprovadamente, são destinados à contas pessoais. Porque premiar instituições religiosas que não executam serviços e ações gratuitas, sem discriminação e sem exigência de contra partida do usuário, já que são esses os requisitos mínimos exigidos para a concessão de privilégios fiscais à organizações beneficentes? Esses bilhões de reais cm tributos, renunciados pelo Tesouro Nacional, poderiam ser revertidos justamente para as ações de caráter social, educacional, cultural, recreativo, terapêutico e beneficente, descritas nos estatutos dessas mesmas igrejas. Sendo a religião e o Estado separados, não há justificativa plausível, para que todos os cidadãos, independente de credo, arquem com a sonegação legalizada dessas instituições privadas.

A colaboração estatal, é um dos fatores que explicam a absurda proliferação de templos caça níqueis nas periferias do Brasil. Montar uma igreja é um dos negócios mais simples e rentáveis do país! O interessado, além de não precisar acreditar em Deus, também não precisa se preocupar com a burocracia, com a contratação de profissionais especializados ou com a compra de equipamentos sofisticados. Não é preciso nem ler as dicas do site do Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas empresas), é só aportar numa área carente, alugar um galpão com capacidade para umas 200 pessoas, comprar as cadeiras de plástico, um microfone, uma caixa acústica, colocar um nome de impacto do tipo; Agremiação Intergaláctica de Nosso Senhor, e faturar. A expansão não dependerá de anos de seminários ou cursos de teologia do pretendente e sim do poder de seu xaveco messiânico-capitalista, aplicado nos frequentadores. E muito fácil incutir no cérebro de pessoas iletradas, convicções como aquela do: quem retém o dízimo, rouba de Deus. Ou aquela do: quem não contribui com a igreja, agrada o capeta.

O baixo nível de escolaridade é um dos predicados para manipulação, mas não é o único. Pessoas cultas e bem estruturadas, na tentativa de serem filhos exemplares de Deus, também são facilmente guiadas por seus líderes religiosos. As palavras com segundas intenções, aplicadas em meio à hinos cantados com braços erguidos e gritos de aleluia, fazem surtir efeitos fantásticos. As crenças vendidas pelos berros entusiasmados de oradores eloquentes, são capazes de fazer com que fiéis de todos os patamares sociais, achem justo que seus líderes religiosos tenham um alto padrão de vida às suas custas. Aqueles que aceitam a riqueza alheia em prejuízo da sua, normalmente participam de doutrinas que pregam a prosperidade material para os que se voltam a Jesus. Nesse caso, parece que até hoje, só alguns bispos e pastores se voltaram para o Messias, pois só eles enriquecem.

Em tais doutrinamentos, para se alcançar o tão almejado crescimento

patrimonial, o bom seguidor da bíblia precisa apenas se submeter à sacrifícios financeiros. Traduzindo: além do dízimo, ele é obrigado a fazer periódicas ofertas extras à sua igreja. As pessoas que não se submetem à imolações monetárias superiores a um décimo de seus rendimentos, são discriminadas! São consideradas ovelhas desgarradas do rebanho! Muitas nessa situação, não chegam nem a receber o cobiçado diploma de bom dizimista, "assinado de próprio punho" por Jesus. Reza a lenda, disseminada pelos falsos profetas, que aqueles que não contribuem com doações generosas, são acometidos por diversos males; sucumbem a doenças, à violência, à solidão, à fome, ao desemprego e à miséria absoluta. No culto de libertação, os inadimplentes não são libertos dos demônios e espíritos caídos que "atuam em seus corpos". Um nome só é incluso nas listas de orações que "levam ao paraíso", mediante à pagamento. Que pode ser efetuado em dinheiro, cheque, cartão ou no boleto bancário.

Os deturpadores das palavras sagradas agem como se Deus fosse o dono de uma rede de empresas, atuante na área imobiliária, de segurança pessoal e patrimonial, seguro de vida, planos de saúde e previdência. Desta forma, a não quitação de débitos com um de seus procuradores implicaria na anulação de prestações de serviço e na invalidação do contrato de compra e venda do lote no céu. Raramente esses "representantes comerciais" do Criador recebem como castigo por seus pecados capitais, a penitência de rezar mil vezes por dia no interior de uma cela superlotada.

Na guerra nada santa, transfigurada praticamente em uma briga infernal por audiência entre duas emissoras de televisão, os adversários se comportam como verdadeiros jogadores de xadrez. A estratégia central é jogar no erro do oponente. A igreja A espera a falcatrua da igreja B vir à tona, para de forma sensacionalista, explorá-la ao máximo. A meta é desqualificar a religião envolvida em um escândalo, para deixá-la na berlinda diante da opinião pública. Na lógica da concorrência desleal, exaltar as próprias qualidades é muito pouco para transformar cidadãos comuns em consumidores vorazes de "produtos sagrados". O ideal é ter como trunfo, uma boa dose da sujeira dos desafetos para colocar nas fitas das metralhadoras.

Outra tática de guerrilha bastante tradicional no "canonizado" ramo do oportunismo, é a técnica de transformar os dogmas da religião A criticados pela sociedade, em bandeiras da religião B. Se na casa A de Deus são contra o aborto e o uso de contraceptivos, na casa B de Deus, não só se posicionarão a favor das pílulas anticoncepcionais para o controle de natalidade, como ainda se engajarão na militância para que casais possam recorrer ao aborto de um feto indesejável, caso não tenham condições de criá-lo.

Essa corrida infame pela sintonia de fiéis televisores, se enquadra nos moldes do marketing dos anúncios de automóveis. O publicitário capcioso tem de usar toda a sua astúcia e poder de convencimento, para fazer o consumidor enxergar num mesmo modelo popular, com cor, potência de motor e opcionais idênticos, algumas vantagens que o atraia. Desta forma, quanto mais defeitos de um rival forem mantidos no olho do furacão, mais lucros serão computados pelos tesoureiros do

atacante!

A direção da rede Globo, teoricamente católica, vai ao delírio quando em sua pauta "jornalística" surge algum conteúdo vexatório a respeito dos evangélicos. Quando isso ocorre, prontamente as imagens e os diálogos são inseridos em uma ilha de edição, para que resultados demoníacos como; a distorção ou a ampliação dos fatos (quando necessário), sejam obtidos. Após o devido tapa na notícia, o chamado furo de reportagem é levado ao ar de maneira maçante, tendenciosa e incansável durante dias, em todos os telejornais da casa. Foi justamente o que aconteceu no mês de maio de 1992. No dia 24 desse mês, muito mais por uma conspiração entre dirigentes globais e a polícia, do que propriamente por seus crimes, Edir Macedo foi parar atrás das grades. Por uma "estranha coincidência", no momento em que policiais civis cumpriam o mandado de prisão do Bispo acusado de charlatanismo, curandeirismo e estelionato, somente a equipe de "jornalismo" da TV Globo estava presente no local para fazer a cobertura do fato. Esse privilegio concedido pela polícia, sabe lá Deus à que preço, possibilitou que o acontecimento fosse veiculado com exclusividade no Fantástico daquele mesmo domingo e que permanecesse em destaque na programação por quase duas semanas, numa intensa campanha destrutiva. Essa foi uma, entre as tantas manchetes trabalhadas exaustivamente dentro do método: deturpar, massificar e aniquilar da imprensa sem compromisso com a verdade. Entretanto, nem sempre é necessário fazer uso da alteração de significados para a obtenção de resultados satisfatórios.

Alguns gols contra dos adversários, dependendo da gravidade, não precisam de recursos apelamos para chocar o grande público e render bons frutos aos alienadores da nação. A amostragem de gráficos do ibope em revistas de grande circulação ou nas próprias emissoras, apontando que na cidade tal a campeã abriu 15 pontos em cima da vice-líder, ajuda na corrida capitalista, porém, não é o suficiente para estabelecer uma supremacia intocada.

Como cm qualquer outra guerra, na guerra nada santa não basta vencer, o inimigo tem que ser abatido de modo que não possa produzir nenhum tipo de contra-ofensiva. Para que a vitória seja completa, é preciso que o adversário seja destruído completamente. Para isso, nada melhor do que a colaboração do próprio inimigo na sua mina. Nesse sentido, dois escorregões específicos cometidos por membros da Igreja Universal do Reino de Deus deixaram a família Marinho e associados em estado de êxtase. São eles: A Aula e o Chute na Santa.

Obviamente, assim como os evangélicos, a religião católica também cometeu escorregões que foram bastante aproveitados por seus adversários. Por ora escreverei sobre os dois erros citados e logo após falarei sobre o material que a Rede Record adora usar para afrontar católicos e globais e conquistar anunciantes.

Uma última observação: devido a enorme quantidade de denúncias de ambos os lados que chegam aos nossos lares todos os dias via satélite, para fazer esta abordagem, escolhi apenas os temas polêmicos que mais chocaram a sociedade. Não quero tornar o texto cansativo expondo dezenas de fatos que já são de conhecimento popular. Os pontos escritos a seguir, precisam ser adicionados ao capítulo para que o modus operandi dessas autênticas operações militares, seja posto

em evidência. São fundamentais para o desnudamento da face da cruzada brasileira.

Vamos ao primeiro escorregão, que fez com que champanhes fossem estourados aos montes nos corredores da Rede Globo: A Aula.

O curso técnico para a formação de depenadores, chegou ao conhecimento do povo em geral, como é de praxe, em primeira mão pelo jornal nacional. A população, em sua grande maioria, ficou estarrecida com a divulgação de um vídeo amador, em que apareciam os pastores da Igreja Universal do Reino de Deus, num verdadeiro Workshop da alienação extorsiva. Nesse evento, os educandos recebiam instruções de seu líder maior Edir Macedo, sobre as formas mais viáveis de convencer fiéis à "darem espontaneamente" doações em dinheiro. Durante a tal gravação, o comandante demonstrava parecer um profundo conhecedor da obra de Abraham Maslow, o criador da tese da Hierarquia de Necessidades Humanas. Segundo Maslow, as necessidades do homem se dividem em cinco níveis: fisiológicas, de segurança, sociais, de estima e de realização pessoal. Uma vez conhecedor nato do assunto, Edir Macedo discorria como um verdadeiro orador de conferência empresarial do gênero: remuneração e benefício. Com a destreza de um mestre, indicava aos seus aprendizes as frases chave para causar impacto, as expressões faciais mais adequadas para emocionar e as moedas de troca que deveriam ser oferecidas, para melhor espoliar as suas ovelhas.

Sigmund Freud, o pai da psicanálise, deve ter se revirado no túmulo ao ver o nascimento de mais um braço de sua criação: a psicanálise da ingenuidade. Esta vertente psicanalítica, consiste no estudo mental realizado por mercenários da fé em pessoas humildes, com o intuito de encontrar entre a população desassistida os mais dotados de inocência, para que possam se apoderar de suas almas e de suas poucas riquezas.

Ficou claro na ocasião, que mesmo usando o fato estrategicamente a seu favor, a Vênus platinada não produziu distorções do ocorrido. Diante da circunstância, do inimigo ter metralhado o próprio pé, o artifício habituai tornou-se completamente dispensável. As imagens não deixaram espaço para dúvidas ou especulações.

O bispo deixou muito bem explicitado em termos grosseiros como: OU DÁ OU DESCE, que a vida espiritual de seus seguidores para ele pouco importava.

O bispo deixou muito bem explicitado em termos grosseiros como: OU DÁ OU DESCE, que a sua meta religiosa estava limitada à arrecadação de goidos donativos.

Para evitar conclusões erradas, quero deixar claro que somente estou me atendo aos tiros. De forma alguma, estou generalizando e acusando os seguidores da doutrina religiosa da IURD de participarem do mesmo pensamento egoísta e interesseiro apresentado por seu líder máximo na época do ocorrido. Obviamente, nesse setor, como em qualquer outro, existem as pessoas boas e as más. No Rap, que é a minha religião, também é assim, há dezenas de manos de atitude contrastando com uma porcentagem bem expressiva de safados prostituídos, escondidos por trás de microfones, correntões e bonés.

Acredito sinceramente, que os homens e mulheres humildes que vão aos templos da IURD professar a sua fé, não aprovam o teor apresentado nas imagens

lamentáveis. Muitos devem até se sentir tristes em saber que naqueles dias, para alguns representantes da igreja, a única crença a ser seguida era a crença mercantilista.

A outra célebre jogada contra o próprio patrimônio da IURD; o Chute na Santa, ocorreu em 12 de outubro de 1995.

O dia 12 do mês de outubro é duplamente comemorado em no nosso país, é o dia das crianças e o dia de Nossa Senhora Aparecida, a padroeira do Brasil. Foi exatamente nessa data, enquanto os católicos presenteavam seus filhos e devotavam sua veneração e amor a sua santa, que o bispo Sérgio Von Helder teve a "brilhante" ideia de protagonizar um trágico teatro de imbecilidade e desrespeito a pluralidade religiosa. Em um programa apresentado por ele mesmo, chamado o Despertar da Fé, transmitido pela Rede Record de televisão, o desequilibrado resolveu fazer um protesto contra o feriado católico, acusando esta denominação de lucrar através da adoração de imagens de santos. Se para muitos católicos, a Teologia da Prosperidade significa simplesmente; estelionato contra os desprovidos de cultura e inteligência, para os evangélicos, a doutrina do catolicismo não fica nem um pouco atrás. Segundo eles, mesmo não apresentando atrações televisivas com emblemas hipnóticos, como; os baús transbordando tesouros ou os depoimentos de ex-fracassados que supostamente alcançaram graças através de encontros denominados como; a vigília dos empresários, os católicos não estariam livres da tentação das verdinhas. Para alguns protestantes, a cidade de Aparecida do Norte não passa de um lucrativo hipermercado religioso a céu aberto. Fidelíssimo à essa corrente de pensamento, Von Helder tentou provar que as imagens não possuíam poderes sobrenaturais e, portanto, não poderiam realizar milagres. Para isso, adotou uma prática comum em alguns templos evangélicos. Em rede nacional, começou a agredir um dos maiores e mais conceituados símbolos da fé católica. O fanático não só desferiu socos e chutes contra a estátua de Nossa Senhora Aparecida, como também a ofendeu com frases insultuosas:

- Será que Deus, o criador do universo, pode ser comparado a um boneco tão feio, tão horrível, tão desgraçado?

Em conveniente represália aos atos inconsequentes do extremista religioso, os bombardeiros da Rede Globo abriram fogo contra o seu alvo predileto. Mesmo sem se importar com as ofensas a santa ou com a indignação do povo, a emissora tripudiou sobre o fato. O plantão jornalístico antiprotestantes, em edições especiais, derramou todo o seu ódio e aversão aos evangélicos por meio de manchetes camufladas de jornalismo imparcial. A Vênus platinada, mais uma vez mostrava a sua face oportunista e a sua especialização em extração de lucros de situações de grande comoção pública. Ao fomentar ainda mais revolta na já imensa revolta popular, o clã Marinho objetivou desintegrar, de tuna vez por todas, o rival promissor Edir Macedo que já começava a incomodar, como demonstravam os gráficos do ibope da época.

A família detentora da comunicação nacional, vislumbrou nas agressões do lunático, uma oportunidade de ouro para ganhar alguns contratos de anunciantes da

concorrente. Afinal, que empresário em sã consciência associaria a sua marca à tal episódio? Mais do que isso, a família detentora da comunicação nacional enxergou uma chance única para desabonar para sempre, a emissora adversária na visão do povo. Enxergou uma chance única para implantar no subconsciente do coletivo brasileiro, o pensamento de que a Rede Record era o canal do bispo que não respeitava a sua padroeira e portanto, não merecia a sua audiência. Honestamente, não sei quem é pior, o agressor da santa ou aqueles que tentaram tirar proveito da ocorrência lastimável.

Na batalha dos homens ungidos com óleo de peroba, fatos como a prisão de Edir Macedo, a divulgação do vídeo caseiro com o mesmo Edir induzindo seus pastores a aplicar golpes em fiéis, o incidente do neopastor chutando a santa e a ficha criminal dos líderes da igreja Renascer em Cristo, valem como cestas de três pontos.

Contudo, nem só de manchetes bombásticas vive a Rede Globo de televisão. Na falta delas, o câncer das comunicações se municia em outras frentes para realizar os seus ataques satânicos. Na falta delas, o câncer das comunicações cria as suas próprias polêmicas, como; a mini-série Decadência. Na trama de Dias Gomes, o ator Edsom Celulari interpretava Mariel, um pastor evangélico desonesto, que enriquece através de pregações inflamadas, fanáticas e mentirosas. Indiscutivelmente, a veiculação dessa obra de ficção, tinha como fim, não só afrontar e ridicularizar a comunidade protestante, como também produzir um linchamento moral do líder da IURD. Nas explicações do autor e da emissora, a semelhança do personagem de Celulari com Edir Macedo foi descrita como mera coincidência. Acredite se quiser.

Num triste contexto, onde a religião e o negócio se confundem, ser perseguido pode nem ser tão ruim assim. O fundador da igreja Universal do Reino de Deus por exemplo, aproveitou os ataques globais e seus dias de prisioneiro para compor uma autobiografia. O livro intitulado: O Bispo A História Revelada de Edir Macedo, tornou-se um Best-seller instantaneamente. Sua tiragem inicial de 700 mil exemplares, foi um recorde absoluto no mercado literário brasileiro.

Quando templos sagrados são metamorfoseados em bases militares e trincheiras, nenhum soldado de ambos os lados é poupado. Enquanto os católicos apedrejam os líderes neopentecostais, os estilhaços das granadas neoevangélicas ferem as personalidades ilustres e badaladas do exército adversário. Uma das figuras mais contestadas pelo neopelotão de fuzilamento, é conhecida por: padre Marcelo Rossi. O sacerdote que não dispensa o brilho dos holofotes, é considerado por muitos, a maior celebridade clerical nacional! No entender dos adeptos de outras ramificações da cristandade brasileira, ele seria uma espécie de Pop Star da fé. Usaria a sua exposição global nas manhãs de domingo e a sua imensa influência junto a artistas e cantores famosos, para lucrar com vendas de CDs, atuações pífias em filmes e apresentações em programas globais.

Por mais que a autopromoção e o grande faturamento de padres sejam questionados pela corrente protestante, tais questões, não são usadas como pano de fundo exclusivo para as investidas contra o catolicismo. Nas ações de contra-ataque,

os neoevangélicos usam os seus destroieres para lançar mísseis também em outras direções. Nesse caso, a vingança não é paga somente com a mesma moeda! Os Bispos e os pastores neopentecostais, na hora de ir à forra, tem por predileção fazer uso da superexposição de escândalos sexuais envolvendo os concorrentes. A pedofilia é o ponto fraco da igreja católica mais atacado e comemorado por outras religiões. É um tipo de calcanhar de Aquiles! Os evangélicos apontam que nos dias amais, os sacrilégios condenados pela lei Mosaica concedida a Moisés pelo o próprio Deus no Monte Sinai, são cometidos livremente pelos cardeais que formam a Cúria Romana. Aqueles, que teoricamente e historicamente, se incumbiram do papel de livrar o mundo dos pecados, ao adotar posturas passivas diante de crimes sexuais cometidos por eclesiásticos, se tomam os maiores transgressores dos preceitos religiosos.

Entre a cruz e a espada da depravação, que fere os ensinamentos sagrados do homem que deu a vida em troca da salvação da humanidade, o Vaticano opta por acobertar o mau que deflora a virgindade de crianças. Essa postura imoral é pautada na bíblia do capitalismo. Mais precisamente, no versículo que diz, que; a propaganda negativa afasta os bons investidores. Suspeita-se, que a impunidade e a discrição nos casos de padres que em seu sacerdócio transformam paróquias em puteiros ou em locais de crimes hediondos, se deem por força de uma norma documental. Supostamente, a obstrução da justiça seria institucionalizada por um juramento secreto de silêncio chamado: Crimen Solicitations (Crime de Solicitação). O documento, cuja existência é negada pelos líderes católicos, teria sido escrito em 1962 e assinado pela alta cúpula da igreja, inclusive pelo então cardeal Joseph Alois Ratzinger, hoje, Papa Bento XVI. No tal documento, é ordenado ao clero, que todos os casos de abuso sexual de menores envolvendo sacerdotes católicos, devem ficar em segredo de pontifício. O acordo prevê a excomunhão dos eclesiásticos que denunciarem quaisquer detalhes sobre ocorrências de pedofilia dentro da igreja, para autoridades civis. O hipotético pacto, ainda conteria instruções detalhadas sobre a forma adequada de se lidar com sacerdotes, que no confessionário declarem os seus pecados sexuais. Em assuntos escabrosos envolvendo o bom nome da igreja, o procedimento recomendado a se adotar, é a norma do secretismo. Ou seja, bico calado!

Será que Jesus aceitaria ser crucificado novamente, se soubesse que aos pés de sua réplica em gesso, alguns daqueles que prometeram continuar o seu legado de amor ao próximo, molestam crianças?

Não sou adorador de Satã, mas é no mínimo intrigante, para não se dizer assustador, saber que os tão combatidos demônios não promoveram guerras, não queimaram pessoas vivas, não extorquiram seguidores, não violentaram crianças e muito menos acobertaram aqueles que o fizeram. Mais perturbador ainda, é crer que o diabo seja uma invenção artificial humana, produzida para garantir a sustentabilidade das religiões. Para se vender o bem é preciso semear o mal. Qual seria o nome mais usado pelos mercadores da fé para a promoção de seus negócios: Deus ou o Diabo? Isso, sinceramente eu não sei responder, mas de uma coisa eu não tenho a menor dúvida, o Satanás trucidado nas missas, é muito mais

misericordioso do que os pedófilos que se escondem por trás do sacramento da Ordem.

A moral e a ética católica são pulverizadas nos cultos protestantes, onde pastores de microfones em punho, alicerçam seus sermões fervorosos sob as faltas gravíssimas dos rivais. Antes dos louvores e dos milhares de améns, os candidatos ao passaporte para o cruzamento dos portões de ouro do céu são bombardeados por perguntas do tipo:

- Existe algo mais sórdido, mesquinho e inescrupuloso, do que homens designados à professar as palavras do Senhor, acobertando psicopatas estupradores para proteger o nome e a reputação de sua igreja?

O protecionismo da igreja católica é tão hediondo, quanto as violações sexuais cometidas por seus clérigos pervertidos. As suas normas de preservação patrimonial, não levam em conta as sequelas físicas ou os transtornos psíquicos gravíssimos que acometerão as vítimas e seus familiares. Não levam sequer em consideração, a possibilidade do maníaco em liberdade cometer eternamente novos delitos. Essa linha de raciocínio, nos evidencia uma filosofia cruel. A filosofia dos interesses da igreja, em detrimento de qualquer um. Mesmo que esse qualquer um, tenha 5 anos de idade.

Partindo do princípio que em qualquer quebrada nacional tal atitude é inadmissível, é mais do que chocante constatar, que em alguns templos do Criador que deveriam ser habitados por homens puritanos e de boa vontade, não existe pena a ser cumprida por tamanho ato pecaminoso. Em casos de estupradores apanhados pelas comunidades pobres antes da chegada da polícia, a justiça feita com as próprias mãos é mais do que certa. Fatalmente, com a aprovação unânime, o verme será linchado e posteriormente carbonizado vivo em meio aos aplausos dos expectadores. Quando um lixo humano desses dá sorte de ser preso antes da população amarrá-lo num para-choque e arrastá-lo por quilômetros, o maldito tem de ser retirado do local às pressas e sob forte proteção policial. Já ocorreram situações, em que os nervos estavam tão à flor da pele, que cidadãos comuns, mesmo sem nenhum parentesco ou vínculo de amizade com as vítimas, enfrentaram policiais armados na tentativa de assassinar maníacos sexuais. Nessas circunstâncias, os gambés para garantir a própria segurança, foram obrigados a se evadir do local atirando para o alto e jogando a viatura na direção da multidão. Enquanto fugiam como cães acuados em alta velocidade ouvindo os berros de justiça, as latarias dos carros que transportavam os causadores dos distúrbios eram amassadas por socos, chutes, pedradas e pauladas. Para que um sádico violador de crianças consiga adentrar uma delegacia respirando, é necessário, no mínimo, um colete balístico e a guarnição de uns vinte Robocops. Dependendo do grau de comoção popular, nem o aparato mencionado tem eficácia na preservação de sua vida.

Imagino como se posicionaria a mesma população que abomina a conduta monstruosa, que faz homens calmos se imbuírem de ódio e tentarem lavar com sangue a honra de pessoas desconhecidas, tomando ciência de que a sua aguardada missa de domingo, é celebrada por alguém que em casos semelhantes tem como

dever se manter omisso.

Alguns estudiosos fazem uma correlação entre a pedofilia de batina e o celibato obrigatório. Eu enxergo que a falta de avaliações adequadas de caráter e a impunidade, seriam os motores para o crime. Quando cito a palavra impunidade nesse tema, quero dizer que a mesma igreja que reconhece a pedofilia como um dos maiores problemas do catolicismo moderno, adota uma postura extremamente branda para lidar com a temática.

Aliás, esse negócio de reconhecer a pedofilia como um enorme problema interno, na minha visão, se resume à um falso Mea Culpa para encobrir a posição indolente da casa. Na minha visão, se resume à um falso Mea Culpa, para encobrir o conceito distorcido do Vaticano sobre o que seja severidade na hora de repreender ministros que seviciam crianças. Entenda por conceito distorcido, que os homens que levantam a batina para cometer essa prática asquerosa, recebem comumente castigos que não passam de punições simbólicas. Os acusados ou são transferidos de suas paróquias para outras ou levados à tratamentos psicológicos em clínicas especializadas. Em situações penalizadas com "extremo rigor", o padre pedófilo é retirado de suas funções clericais. Ao invés de entregar o criminoso as autoridades civis, os membros da Cúria Romana preferem pagar enormes reparações monetárias, em sigilo, para as famílias de crianças molestadas em suas sacristias. Desta maneira, evita-se os processos, a tão temida exposição pública **e** mantém-se a torpe credibilidade.

Na guerra, onde um erro cometido pelo adversário se equipara a um míssil tele guiado, imagine quanto vale ter na manga uma carta onde aparece a religião que no passado perseguia muçulmanos, povos pagãos e adeptos de outras crenças e os queimava em fogueiras, tendo hoje que se desfazer de propriedades para pagar indenizações milionárias a incontáveis vítimas, que alegam ter sido molestadas por sacerdotes.

Denúncias envolvendo padres que violam por anos as mesmas crianças confiadas a eles, que as induzem à consumir bebidas alcoólicas e substâncias tóxicas e à manter relações sexuais umas com as outras enquanto fotografam, filmam e se masturbam, quando bem trabalhadas pelos oponentes, podem significar o recrutamento de muitos devotos católicos envergonhados e desiludidos. Na mão de um bom marqueteiro, um crime brutal cometido por um eclesiástico, pode ser garantia de novos contribuintes. No Brasil, para a felicidade geral de muitos bispos e pastores neopentecostais e da Rede Record é claro, alguns clérigos sem vergonha ultrapassam as raias do impensável. Além de destroçarem órgãos genitais infantis e corromperem menores, os canalhas sórdidos e asquerosos ainda redigem diários glorificando os seus feitos aterradores.

O jornalismo anticatólico da vice-líder em audiência nacional, recebe de braços mais do que abertos em sua redação, as notícias em estado bruto sobre os praticantes dessas obscenidades. A exemplo da toda poderosa rival, as sórdidas manchetes de interesse pessoal, depois de lapidadas, viram os carros-chefes de sua grade de programação. Algumas profanações sacerdotais ao serem levadas ao ar pela emissora de Edir Macedo, despertaram no grande público interesse semelhante ao conferido

à capítulos finais das novelas das oito da concorrente. No rol dos escândalos que provocaram os maiores estardalhaços, temos a matéria de um padre que violentava crianças de rua e depois descrevia as experiências em cadernos de notas como contos eróticos e a reportagem a respeito de um frei, que merecia o prêmio de Hors Concours da depravação, por ter escrito o imoral e repulsivo: Manual do Pedófilo. infelizmente, você não leu errado, é isso mesmo! Além de todos os atos deploráveis registrados em diários e cadernetas de anotações, um desses excrementos teve a indecência de produzir um guia de auto-ajuda para os aspirantes a psicopatas sexuais. Em seu manual de pedofilia, destinado aos moradores das alas do seguro do sistema carcerário brasileiro e aos muitos colegas de profissão, o estuprador trajando batina e crucifixo ensinava passo a passo sua espécie de pesca predatória.

Confesso, que junto com a vontade de arrancar cabeças, fico pasmo em pensar que esses mesmos canalhas com gotículas de secreções vaginais e anais no pinto, subiam e em algumas situações ainda sobem em altares iluminados à velas, para bradar os pensamentos condenatórios de sua igreja.

Confesso, que junto com a vontade de arrancar cabeças, fico pasmo em pensar que esses mesmos canalhas depois de inúmeras conjunções carnais criminosas e hediondas, vinham e em algumas situações ainda vêm a público para reprovar o uso dos anticoncepcionais, da pílula do dia seguinte, o sexo fora do casamento e o uso de preservativos.

Confesso, que junto com a vontade de arrancar cabeças, fico pasmo em pensar que esses mesmos infratores de todos os artigos previstos no código penal para crimes sexuais, após provocarem rupturas himenais em menores, reprovavam e em algumas situações ainda continuam reprovando o aborto, mesmo em casos de estupro.

Normalmente esses crápulas despejam no mundo as suas cargas de falso moralismo, acreditando que com tal atitude consigam esconder *por atrás da imagem* de sua religião, as suas contradições e pecados assombrosos.

É bem provável que esses cérebros tomados por psicopatas sexuais imaginem, que o ato de cobrar resignação de seguidores à certos dogmas, provoque um tipo de equilíbrio na balança divina. Talvez creiam, que os seus atos monstruosos sejam compensados com supostas boas ações, como: livrar as pessoas de suas paróquias dos "caminhos errantes". Na minha visão, é só mais um fenômeno que se enquadra no famoso: faça o que eu falo, não faça o que eu faço!

Felizmente, pelo bem de boa parte da humanidade, a verdade é indomável.

Felizmente, pelo bem de boa parte da humanidade, a verdade é impossível de ser enclausurada até por paredes de dioceses repletas de arte barroca.

Sem o poder de trancafiar a verdade por trás dos vitrais que descrevem passagens bíblicas, após a sua vinda a tona, só resta aos líderes católicos tentar inutilmente se proteger da bomba atômica, em que ela é transformada sob o domínio de adversários.

Para finalizar o contra-ataque neoevangélico, vou falar sobre um outro pilar da luta entre os dois exércitos cruzados: o conservadorismo arcaico.

No centro dessa modalidade de discórdia, encontra-se o ponto fundamental

católico, que é o alvo das maiores críticas dos neoprotestantes nesse sentido: a reprovação do Papa, cardeais e sacerdotes ao uso de preservativos durante o ato sexual. De acordo com os neopentecostais, o catolicismo não se utiliza mais da Inquisição para assassinar os que se opõem às suas crenças, em contrapartida, condena aqueles que são a favor delas. Os líderes desse ramo da cristandade, são acusados pelos rivais de bíblia, de provocar com a promoção de seus conceitos estúpidos de livramento do pecado da carne, um verdadeiro genocídio em alguns países em desenvolvimento. Ao divulgar ideias contrárias a proteção sexual de borracha, estariam contribuindo seriamente para a disseminação do HIV/Aids em populações com autos índices de infecção. Mesmo com dados comprobatórios emitidos ao Vaticano pela Organização Mundial da Saúde, atestando a eficácia da camisinha quando usada de maneira correta, a igreja católica reluta na aceitação de sua eficiência, difundindo uma tese contestativa, que afirma que o vírus do HIV passaria pelos poros do preservativo por ser 450 vezes menor do que o espermatozoide. Para a Cúria Romana, a única fórmula de prevenção e de sexo seguro é a abstinência e a relação entre marido e mulher. Eu, Eduardo, acredito na informação sem distorções, como o melhor método preventivo.

Em sua revista eletrônica dominical, a rede Record de televisão costuma expor as condições de saúde em territórios africanos devastados pela Aids e aproveitar para responsabilizar em parte, o catolicismo pelos números alarmantes divulgados nos relatórios da ONU. Segundo a Organização das Nações Unidas, no mundo, a cada 14 segundos um jovem é infectado. Cerca de seis mil pessoas com idades entre 15 e 24 anos, são contaminadas a cada dia. A maior parte dessas ocorrências se dá em países habitados por populações com elevadíssimas taxas de pobreza e analfabetismo. E nesse ponto que residiria a suposta tragédia provocada pela alienação insana produzida pelos padres.

As nações assoladas pela falta de alfabetização convencional, representada no acesso quase nulo ao recinto escolar e barbarizadas pelo analfabetismo institucional, representado no acesso ao recinto escolar incompetente, viram facilmente massa de manobra. São completamente manipuláveis! As nações nessas situações, não oferecem as mínimas condições intelectuais para formular opiniões antagônicas aos pensamentos apresentados nas missas de suas paróquias. Com pouca ou nenhuma escolarização, os povos devastados pela pobreza acreditam piamente em cada palavra pronunciada pelos sacerdotes. Com pouca ou nenhuma escolarização, os pobres reféns da desinformação aguda jamais discordarão das afirmações do homem vestindo batina, que consideram um verdadeiro semideus.

Como que alguém que não sabe ler, escrever ou fazer contas de adição e subtração com dois algarismos, pode destoar dos ensinamentos de um "sábio", que se autodenomina o autêntico representante de Deus? Sem ter folheado um livro em toda a vida, como podem divergir de uma enciclopédia humana, que tem o domínio de vários idiomas, milhares de milhas em viagens de intercâmbio com populações de diferentes nações e que com grande propriedade discorre sobre um tema que lhes é apresentado como verdade plena e absoluta?

Nenhum devoto do catolicismo dentro das condições que relatei, tem qualquer

embasamento cultural para se opor à proibição do uso do preservativo, insistentemente professada nas igrejas católicas. Sem a vital emancipação mental, a lógica desses povos iletrados é: antes padecer da enfermidade do que perecer em pecado.

Em algumas regiões da África, o estrago provocado pela alienação "sacra" é tão devastador que as pessoas, sequer, assumem a existência da doença. São muitos os povoados onde é proibido até mesmo pronunciar a palavra Aids. São muitos os povoados onde os enfermos acreditam ser vítimas de bruxaria, inveja, maldição de espíritos antepassados ou de patologias ligadas à miséria. Mesmo os contaminados que tem alguma noção do que seja a doença, a mantém em segredo por vergonha e assim, ao continuarem fazendo sexo apenas com o amparo divino, espalham mais e mais o vírus mortal.

De acordo com os dados de um programa das Nações Unidas chamado Unaids, criado em 1996 com a missão global de fortalecer, liderar e apoiar uma ampla resposta à proliferação do HIV/Aids, existem hoje mais de 40 milhões de órfãos no território africano gerados pela expansão sem controle da doença. A epidemia estaria se tornando a maior causa de óbitos desse continente. O último relatório da Unaids, divulgado no boletim epidemiológico do site da instituição, estima que atualmente, mais de 33 milhões de pessoas sejam portadoras do vírus HÍV em todo o planeta. Só a África Subsaariana (também conhecida como a África negra) concentra cerca de 68% de todos os infectados e 76% de todas as mortes em decorrência da doença. Botsuana e Suazilândia registram as taxas de infecção mais altas do mundo, por volta de 40% de seus habitantes estão contaminados. Nessas nações, as estatísticas de mortalidade anuais referentes a Aids beiram a casa dos 25 mil óbitos.

Para compreendermos melhor a magnitude dessa catástrofe humanitária, façamos uma confrontação com os dados brasileiros ligados ao assunto. O Brasil tem cerca de 0,35% de contagiados em uma população de mais de 190 milhões de habitantes. Em vários territórios da Africa Subsaariana, uma em cada cinco pessoas tem o vírus ou já desenvolveu a doença. A expectativa de vida em alguns desses lugares, que antes girava em tomo de 66 anos, despencou para a faixa etária dos 40 anos de idade. Nos casos mais dramáticos e emblemáticos apresentados em determinados locais, a probabilidade de uma longa existência é ainda menor, atingindo a inacreditável média de 29 anos de vida. Entre os estupros epidêmicos cometidos por soldados contra mulheres e crianças civis, a falta de conhecimento a respeito da doença, que vai da prevenção aos cuidados após a contaminação e a doutrinação de alguns líderes religiosos, uma coisa é inquestionável: de cada três pessoas infectadas no planeta, duas são africanas. de cada três pessoas infectadas na face da Terra, duas habitam as áreas globais mais devastadas pela miséria e pela incultura em massa.

Realmente, não se pode atribuir à religião católica toda responsabilidade pelos números assustadores de mortos e infectados pelo HIV/Aids. Até porque, não é possível afirmar com precisão quantas pessoas acometidas pela enfermidade são seguidoras e praticantes do catolicismo. Todavia, é inegável que a sua posição reacionária e ultraconservadora, afirmando que o uso da camisinha não impede a

contaminação, estimula o seu rebanho a descartar a única forma de proteção eficaz contra a epidemia. Sendo assim, no meu modo de ver, o conservadorismo retrogrado católico responde por uma parcela das mortes de fiéis, que se tomam soro positivos por indução religiosa à prática de sexo sem prevenção.

Toda ovelha que é impedida de fazer uso do raciocínio lógico, para recusar uma situação sexual de risco incompatível com os dias atuais, é uma presa em potencial da patologia incurável. O argumento de que devotos exemplares se protegem sexualmente atendo-se aos ensinamentos bíblicos, que por sua vez, proíbem o sexo antes do casamento e o adultério, é simplesmente surreal e inaceitável!

De todos os devaneios entre as religiões, a convicção de que correligionários do catolicismo se casam virgens e praticam sexo só com cônjuges, seguramente concorre com chances reais para levantar o troféu de: a crença mais absurda do universo! Como podem controlar a libido sexual de seus fiéis, se não controlam nem a de parte de seu clero? Generalizar os cérebros de milhões de pessoas, como se fossem programas criados para ter ideias e comportamentos morais idênticos, é totalmente irresponsável. E tapar o sol com a peneira!

Será que todos os seguidores de Mahatma Gandhi eram pacifistas e também protestavam contra os ingleses, buscando a independência da índia adotando apenas o jejum como forma de afronta?

Será que todos os simpatizantes do nazismo que viveram a era hitlerista odiavam e matavam judeus?

Nada melhor do que a história de vida de Oskar Schindler para responder tal pergunta. Oskar Schindler foi um membro do partido nazista, que durante o holocausto se aproveitou do decreto que proibia judeus de serem proprietários de negócios, para se apoderar de uma fábrica de utensílios esmaltados e explorar a mão de obra de prisioneiros. Esse mesmo ser sem escrúpulos, que fez uso de um oportunismo imoral para enriquecer durante a segunda guerra mundial, protagonizou um dos gestos mais nobres da história contemporânea salvando 1.200 vidas humanas. Quando os altos comandantes nazistas ordenaram que todos os seus empregados fossem enviados aos campos de concentração, o homem que havia se tornado milionário, justamente pela falta de humanidade que o possibilitou escravizar semelhantes, gastou toda a sua fortuna ilícita comprando os seus próprios funcionários dos oficiais alemães. Os nomes das pessoas compradas foram colocados em uma lista, que ficou mundialmente conhecida como: A Lista de Schindler. Contradizendo qualquer preceito da intolerância racial, um integrante do partido nazista, seguidor de uma ideologia que assassinou mais de 6 milhões de judeus, foi convidado a plantar uma árvore na avenida Dos Justos no museu do Holocausto em Jerusalém.

Vou citar um último exemplo para ilustrar a minha tese de impossibilidade de exercimento total de controle sobre uma multidão. Quem apostaria que com a veneração que os Beatles recebiam de seus fãs, um deles mataria o líder da banda John Lennon?

A igreja católica erra ao acreditar que manipula totalmente os seus discípulos.

É bom que se diga, que o dogma suicida antipreservativo, não colabora apenas

com a propagação do HIV/ Aids, ele também contribui para a disseminação de outras DSTs (doenças sexualmente transmissíveis) e influi principalmente na falta de controle de natalidade das populações infectadas, provocando o nascimento dos inúmeros bebês contaminados, que mais tarde farão parte da geração dos órfãos da Aids ou das estatísticas de mortos.

Não faço coro com os neoevangélicos contra todas as orientações do catolicismo, mas sou absolutamente contra a difusão da ignorância. Ainda mais quando tal atitude contribui para a dizimação de povos.

A lavagem cerebral, somada à um estado de completa incultura, multiplica por mil a falta de controle sobre o HIV/Aids e sua letalidade.

Entre os novos hereges e os blasfemadores modernos, todas as doutrinas apresentam as suas cargas explosivas de argumentos estúpidos, pontos discutíveis e condutas lastimáveis.

E impossível apontar qual religião seria a mais nociva ou benéfica para os seus filiados: a aliada da Rede Globo, que excomunga a mulher que ingeriu a pílula do dia seguinte, ou a "associada" da Rede Record, que cobra altas taxas para que pessoas "tomadas por espíritos malignos" sejam exorcizadas pelas mãos "santificadas" de pastores.

É óbvio que seria uma leviandade de minha parte, tentar assinalar as crenças e as práticas mais corrosivas ou salutares ao povo em geral. Eu não teria suporte cultural, tão pouco experiências pessoais para tal.

Para processar um julgo imparcial, é preciso ter sido ao menos membro de todas as partes a serem analisadas. Só a vivência em campo em cada ambiente pode fornecer o material necessário para a formulação de um juízo de valor independente. Ao contrário disso, todas as minhas manifestações nessa direção poderiam soar como perseguição, falta de ética ou até como uma defesa de interesses próprios na estúpida Jihad tropical.

O que estou apto a relatar, é que qualquer religião, quando apresentada de forma distorcida e distante dos princípios morais de uma sociedade, não pode ser benigna para os seus seguidores. Qualquer filosofia que anexe aos ensinamentos sagrados a promiscuidade e a ânsia por poder, dinheiro e audiência televisiva, não passa de um regime funesto, que usa os mais fracos e ingênuos para atender aos propósitos pecaminosos de seus "santos líderes". Bem mais do que esclarecer, que eu não tenho conhecimento suficiente acerca do assunto para apontar qual denominação é melhor ou pior, quero que fique bem claro, que esse não é o objetivo deste capítulo. A minha missão nesse texto não foi apontar qual casa de Deus é a mais pútrida ou a mais imaculada. A minha missão nesse texto, não foi atacar A ou B. Pretendi com minha narrativa, tão somente, exibir com provas incontestáveis, outra modalidade de guerra do país "pacífico" mais violento do mundo. Pretendi com minha narrativa, tão somente, dar mais suporte e veracidade a minha alegação, de que; o território brasileiro é o único do planeta, há comportar todas as formas de combate existentes ou que já existiram.

Mesmo a religião não sendo um dos meus temas prediletos, esta obra não seria completa se eu não escrevesse um pouco sobre os conflitos nada sacros da terra do

carnaval. Esta obra não faria jus ao seu título, se eu me abstivesse de abordar um dos grandes modelos da profunda estupidez beligerante nacional.

Por ser um assunto demasiadamente abrangente, procurei não me estender e focar ao máximo nos pontos principais e mais evidentes da discórdia religiosa no contexto social brasileiro. Obviamente, diversos dados não foram citados por falta de espaço. Obviamente, eu sei que além das religiões representadas pela Rede Globo e Rede Record, outras travam duelos inúteis e infundados. Apenas optei por narrar a contenda entre esses adversários, por ser a disputa "canonizada" de maior expressividade na atualidade.

Com o pouco conhecimento que tenho sobre religião, a única coisa que posso afirmar com plena convicção, é que a guerra nada santa do Brasil segue tão sangrenta quanto as testemunhadas na época das Cruzadas.

Com o pouco conhecimento que tenho sobre religião, a única pergunta que me cabe fazer para pôr um ponto final no assunto é: **Será, que se o Criador exigisse a presença de dez líderes religiosos justos para não destruir o Brasil, nós não teríamos uma reedição de Sodoma e Gomorra?**

Ataques aos Poderes Criminosamente Constituídos

Pros filhos dos solos que se assemelham a Faixa de Gaza, a nossa pátria amada e idolatrada não é nem um pouco mãe gentil. A sua falta de amabilidade política, converteu crianças, pré-adultos e adultos em homens bombas! A sua falta de amabilidade política, converteu parte dos favelados em soldados suicidas, que a exemplo dos fundamentalistas da Al Qaeda, atacam prédios que simbolizam poderes criminosamente constituídos.

Se em 11 de setembro de 2001, os ícones do imperialismo norte-americano, conseguidos através da exploração e das dizimações de populações de países subdesenvolvidos foram implodidos, em maio de 2006, algumas marcas da imoralidade estatal nacional, também vieram a baixo na cidade de São Paulo. Em tal data, bem diferente da afirmação contida na nota da CONAMP (Associação Nacional dos Membros do Ministério Público), jovens marginalizados não afrontaram o estado democrático de direito ao investirem contra edifícios de fóruns criminais e contra sede do Ministério Público. Em tal data, jovens marginalizados atingiram os símbolos da desigualdade jurídica, carcerária e social do Brasil!

Ao contrário daquilo que na época foi descrito nos meios de comunicação, os excluídos trajando tênis, bermudas, camisetas, bonés, granadas, metralhadoras e galões de gasolina, não eram terroristas, mas manifestantes que protestavam em oposição ao poder judiciário monopolizado pelos ricos. Os estampidos dos incontáveis tiros, eram sinais de repúdio contra um sistema jurídico que nunca cumpriu as suas duas finalidades básicas: a obrigatoriedade de ser igualmente acessível a todos e a obrigatoriedade de produzir resultados socialmente justos e imparciais.

Ao contrário da deturpação da informação midiática daqueles dias, os excluídos de motos e toucas ninja não eram terroristas, mas manifestantes, que através de alvos como; policiais e agentes penitenciários, metralhavam simbólica e efetivamente a segurança pública elitista, que camufla grupos de extermínio com fardas e distintivos, e o sistema carcerário nacional falido, que ao invés de ser uma ferramenta usada para a ressocialização de cidadãos, é utilizado como um instrumento de promoção de vinganças contra favelados.

Em resumo: eram manifestantes fazendo uso da única forma de protesto possível aos favelados, para chamar a atenção do mundo para a engenharia burguesa que induz crianças ao consumismo, para depois torturá-las cotidianamente em depósitos de seres humanos.

Como é de praxe em todo tipo de insurgência popular, as causas para os levantes ocorridos no mês de maio de 2006 foram ignoradas e os efeitos sensacionalizados,

julgados e condenados. A imprensa marrom ganhou as suas notícias, os playboys responsáveis pelos desfechos mortais saíram impunes e os menos culpados foram convertidos em inimigos da sociedade. Não só nesse ponto, como em outros tantos, a onda de revolta que fez São Paulo parar, se assemelha ao fatídico 11 de setembro. Aliás, os dois eventos têm muito mais coisas em comum, do que escombros deixados por forças rebeldes. Guardadas as devidas proporções, como: a exposição jornalística de cada um e as armas empregadas nas ocorrências, não seria exagero afirmar, que os tais acontecimentos são quase que irmãos gêmeos.

Dentro dos aspectos idênticos observados por mim, sem sombra de dúvidas, os mais marcantes são os fatores desencadeantes. Ambas as tragédias foram provocadas exclusivamente pelos poderosos de suas respectivas nações.

E **é** justamente com base nessa conclusão, que eu convido você leitor, a ler em primeira mão, o único relato sobre os episódios, que de certa forma, os relaciona. E talvez, também o único, absolutamente pautado na verdade. A partir de agora, entenda realmente o porquê de mega construções serem reduzidas a poeira e ferros retorcidos no exterior e a razão da segurança pública virar pó em nosso território entrincheirado.

A superpotência norte-americana tem seus gastos militares estimados na casa dos 500 bilhões de dólares anuais. Pra se ter uma dimensão desse valor absurdo desperdiçado em proteção paranoica e agressões capitalistas, tal quantia seria suficiente para erradicar **a** fome no continente africano. Por anos, as cifras astronômicas destinadas à defesa e a aniquilação de estrangeiros inocentes, conferiram aos donos do mundo a certeza ilusória de sua invulnerabilidade. Esse sentimento reinou pulsante no coração de cada habitante dos Estados Unidos, até ser rasgado por alguns simples instrumentos cortantes, no pior ataque sofrido em seu território. Esse sentimento reinou pulsante no coração de cada habitante dos Estados Unidos, até o minuto em que homens supostamente armados com facas de plástico, acertaram em cheio os perpetradores e exploradores da miséria mundial.

Segundo a versão oficial dada pela Casa Branca, foram essas as armas usadas por "terroristas" para render os tripulantes e passageiros dos quatro Boeings sequestrados, transformados em mísseis. Foram esses objetos rudimentares, de valor irrisório para uma guerra internacional, que colocaram de joelhos a nação que dispõem dos equipamentos mais modernos e sofisticados para a produção de saques e destruição alheia em larga escala. Ainda de acordo com o relato dos representantes de Washington, sob o controle e a supervisão de Osama Bin Laden, 19 extremistas da Al-Qaeda, uma organização fundamentalista islâmica que conta com um pequeno arsenal bélico antiquado, protagonizaram uma série de atentados no país que gasta sozinho com as suas forças armadas, a soma dos dez maiores orçamentos militares do planeta.

Dois dos alvos mais importantes pulverizados em tal ocasião, foram os monumentos do poder sujo: as torres gêmeas do World Trade Center. Os memoriais à pilhagem das riquezas do terceiro mundo, estavam localizados no coração do distrito financeiro de Nova York, também conhecido como o local preferencial dos déspotas de todo o planeta para aplicação e multiplicação de suas fortunas ilegais e

imorais. Entre outras coisas, a ilha de Manhattan é o endereço das maiores lavanderias de dinheiro ensanguentado da face da Terra.

Mais do que boquiabertos com a demolição da simbologia que marcava a sua supremacia, os detentores da primazia tecnológica, econômica, industrial, comercial e militar do globo terrestre, ficaram completamente atônicos com a descoberta da nova modalidade de terrorismo sem nenhum precedente na história: a dos atentados suicidas, com uso de aeronaves comerciais.

Os detentores de 25% do PIB global sucumbiram, diante da quebra da prepotente impossibilidade de uma ofensiva surpresa ou anunciada, dentro de suas fronteiras.

A egolatria e a soberba, nunca os havia deixado sequer imaginar, que os cientistas militares de outras localizações, principalmente os oriundos de lugares inóspitos devastados pela fome, pudessem ser detentores de uma tecnologia tão inovadora e destruidora.

A egolatria e a soberba, nunca os havia deixado sequer imaginar, que os cientistas lapidados pela penúria pudessem produzir uma bioarma, não só capaz de desafiá-los, mas também de passar por seus radares sem ser detectada.

Dentro da arrogância predominante na atmosfera de superioridade cínica do Tio Sam, era completamente fora de cogitação conceber, que um dia, um rival vindo das entranhas da miséria desenvolveria uma máquina de matar, tão ou mais inidenficável, do que toda a sua frota de aviões invisíveis F-117.

Antes do 11 de setembro, ganharia uma camisa de força o estadunidense que sustentasse a tese, de que etnias consideradas por eles feitas da poeira dos pés dos Deuses, tivessem neurônios para criar aparelhos de guerra, com condições de burlar modernas baterias de defesa antiaérea e realizar rasantes, loopings e quedas livres em pleno espaço aéreo norte-americano.

A prepotência aguda dos maiores senhores da guerra de nossos tempos, os fez cometer o mais grave erro de planejamento militar de toda a sua história: subestimar os inimigos pobres. Menosprezaram os adversários pobres, que usavam como base um país com a economia e a infraestrutura em frangalhos, denominado de: Afeganistão. Desdenharam dos oponentes pobres sem pátria e sem bandeira, que em formato multicelular, se espalhavam por 45 países. Equivocaram-se ao pensar que controlavam as suas ações, permitindo que seus carros bombas explodissem apenas em embaixadas norte-americanas ou de aliados, situadas em outros países.

As mentes "brilhantes" que lideram o ranking das potências inovadoras com mais de 50 mil patentes anuais, demonstraram um nível primário de ingenuidade, ao julgar um adversário mortal, como sendo um inofensivo e manipulável inimigo íntimo. Justiça seja feita, esse pensamento tinha até uma certa lógica, pois estava fundamentado em experiências do passado. O líder da Al Qaeda, Osama Bin Laden, quando da ocupação do Afeganistão pelos soviéticos em 1979, havia lutado pela independência afegã e pelos interesses anticomunistas dos norte-americanos. Nessa oportunidade, os Estados Unidos deram bem mais do que apoio moral aos os rebeldes afegãos contra o exército vermelho, os Mujahedins (guerrilheiros islâmicos) que tencionavam expulsar invasores comunistas, foram treinados, municiados e

financiados pela CIA. Em outras palavras, antes da chegada do dia, em que precisariam fazer enormes listas com nomes de mortos e desaparecidos, os norte-americanos erroneamente concluíam que os seus antigos aliados não passavam de mansos fanáticos religiosos, equipados com armas ultrapassadas herdadas da corrida armamentista instaurada durante a guerra fria.

O fato de terem desdenhado dos estrategistas militares de outras nacionalidades, só serviu para amplificar a perplexidade, ao constatarem que haviam sido atacados em sua própria pátria e sem que seus magníficos brinquedos eletrônicos tivessem sido capazes de detectar um átomo dos responsáveis. Só serviu para amplificar a perplexidade, ao constatarem que haviam sido atacados em seu próprio quintal e sem que nenhuma das armas de seu poderoso arsenal de guerra tivesse sido capaz de interceptar um átomo da artilharia agressora.

O assombro coletivo tornou-se ainda mais exacerbado, com a comprovação de que aqueles que haviam tido tamanho êxito na operação, eram justamente os que vagavam no rol do descrédito: os inimigos íntimos.

Em meio as brasas do rescaldo, os ególatras descobriram, que além de ter a ousadia necessária para desafiar o grande satã (como boa parte dos supliciados mundo afora se referem aos Estados Unidos), os seus rivais possuíam um fator extra, determinante para o novo ciclo de terror que se iniciava. Os ególatras descobriram que os seus rivais eram soldados dotados de uma tática impraticável para qualquer exército ocidental: eram preparados para aceitar e executar todo tipo de operação de martírio, em nome da fé. O adversário suicida tinha a morte em batalha como conceito de premiação. Morrer em combate, significava: morrer por seu Deus Alá. Tarde demais compreenderam, que não se pode lutar contra guerrilheiros, cujo receio da perda da vida, não configura como o limite de suas ações.

Depois de retirarem quilos de ossos humanos debaixo de vigas de aço, entenderam que nenhuma tecnologia de última geração pode produzir um cenário de proteção efetiva, contra homens que fixam explosivos em seus próprios corpos e os detonam porque acreditam que dessa forma se tornarão mártires. Depois de encherem milhares de sacolas plásticas com fragmentos corporais, entenderam que nenhum aparato militar bilionário pode produzir um cenário de proteção efetiva, contra homens que pegam em armas para defender causas legítimas.

Mesmo tendo adotado neste trecho, a explicação contida no relatório da Comissão Nacional sobre Ataques Terroristas contra os Estados Unidos (Comissão 9/11), onde a rede Al-Qaeda aparece como autora única do 11 de setembro, não descarto a hipótese levantada por vários especialistas no assunto, amplamente divulgada na mídia independente e em documentários como: Loose Change, de que o evento se trataria de um mega auto atentado, realizado com o propósito de gerar justificativas para invasão do Afeganistão.

São Paulo é a potência da América Latina e o Estado mais rico da federação brasileira. Conta com um orçamento anual em segurança pública superior a RS 10 bilhões e um efetivo policial de mais de 150 mil homens.

No papel, todo esse aparato bélico, desenvolvimento e poder aquisitivo

impressionam, contudo, na prática a coisa não é bem assim. Na prática, toda a riqueza e a força genocida estatal do polo industrial, comercial e tecnológico do Brasil, não foram suficientes para impedir que os seus habitantes ricos sucumbissem atônicos, a uma série de ataques imprevisíveis realizados por pobres que não temiam a morte.

As "autoridades" e a burguesia da locomotiva do país, cometeram o mesmo erro dos norte-americanos. O erro de desprezar as mentes dos estrategistas de combate das sub-pátrias e o seu poder de fogo. Equivocaram-se ao crer que controlavam as ações dos oponentes, restringindo as suas ofensivas ao perímetro da periferia. Ficaram perplexos ao constatar, que os rivais, a quem fora negado a cidadania, uma bandeira e uma pátria, os havia atingido em seu próprio território de alto padrão.

Passaria o resto de seus dias num sanatório a base de choques e calmantes, aquele que cogitasse, que homens nascidos em mini estados falidos, fossem capazes de se espalhar em células guerrilheiras e dominar todos os pontos geográficos do mapa paulistano.

Nem no setor de "inteligência" da polícia civil poderiam prognosticar, que seres humanos confinados em bolsões do esquecimento **e** privados do próprio direito universal a vida, pudessem se organizar em hierarquias e sob regras estatutárias e promover uma luta armada contra o sistema opressor. Nem a previsão mais pessimista do melhor investigador da corporação, apontaria que jovens proibidos de alcançar o ensino universitário pudessem se tornar gênios de guerra como Sun Tzu e um dia fazer uso de métodos não convencionais para paralisar o Estado da maior metrópole brasileira.

Quebrando o paradigma, muitos dos marginalizados pela elite, não estavam cumprindo as suas penas ou vivendo na ociosidade como achavam os playboys. Estavam se articulando dentro e fora do sistema prisional. Se munindo de informações. Se politizando e principalmente se irmanando.

Enquanto a playboyzada comemorava fechamentos no azul, os reclusos dos depósitos de rejeitados sociais (com ou sem muralhas), não só montavam uma estrutura empresarial de deixar executivos de muitas multinacionais de queixos caídos, como também formavam um exército com um contingente superior ao das forças armadas e com um arsenal anos-luz mais poderoso do que o da polícia.

E assim, quando os grupos dominantes pensavam que davam todas as cartas no jogo, o mês de maio de 2006 chegou e em sua bagagem, no lugar de trazer um outono de clima ameno e romântico, trouxe consigo o braço mais forte dos excluídos para demonstrar todo o seu descomunal poder organizacional e letal.

E assim, quando os grupos dominantes pensavam que davam todas as cartas no jogo, o mês de maio de 2006 chegou e trouxe consigo o braço mais forte dos excluídos para fazer com que, em temor a sua sigla, magistrados enviassem às pressas as suas famílias para o exterior; promotores aderissem à moda dos coletes à prova de balas por baixo dos ternos; o comércio baixasse as suas portas e fosse decretado ao funcionalismo público um ponto facultativo de emergência.

E assim, quando os grupos dominantes pensavam que davam todas as cartas no jogo, o mês de maio de 2006 chegou e trouxe consigo a retaliação periférica às

políticas discriminadoras, que fez com que todo efetivo da polícia paulista se entrincheirasse atrás de barreiras feitas com cones e fitas amarelas e rezasse, ao tempo em que as suas viaturas, bases comunitárias, delegacias e corpos eram severamente perfurados e transfixados por disparos de G3, Uzi, Glogk e 380.

No mês das mães, a mãe que não é nada gentil pros filhos dos solos que se assemelham a Faixa de Gaza, ganhou de presente uma das maiores convulsões populares que se tem notícia no país das poucas mobilizações.

A luta anticomunista do governo militar brasileiro, instalado com o golpe de estado de 1964, eclodiu ferozmente entre os anos de 68 a 74 (os anos de chumbo da ditadura). Esse período foi marcado pela forte repressão as organizações de esquerda. Foram perseguidos, presos, torturados e mortos militantes da Organização Comunista Marxista Leninista (OCML), do Comando de Libertação Nacional (COLINA), da Aliança Libertadora Nacional (ALN), do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), da Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares), do Partido Operário Comunista (POC) e do Partido Comunista do Brasil (PC do B), entre tantos outros.

No final da década de 1960, muitos desses revolucionários que deram sorte ou o azar de sair com vida dos porões do DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informações Centro de Operações de Defesa Interna), acabaram trancafiados **na** galeria B do Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM). Acabaram confinados no tenebroso presídio carioca situado na Ilha Grande, apelidado de: o Caldeirão do Diabo!

A manutenção de discordantes do regime autoritário vigente em um cárcere comum e sem regalias, era vista pelos ditadores daqueles dias, como a fórmula mais eficaz (depois do assassinato) para o silenciamento definitivo de insurgentes.

Com a expectativa de que as mentes catequizadas pela doutrina de karl Marx fossem lobotizadas com instrumentos perfurocortantes artesanais, os presos políticos eram enviados propositalmente para o convívio diário com presos comuns.

Por serem os grupos esquerdistas formados, na sua imensa maioria, por pessoas privilegiadas com bons níveis culturais e padrões econômicos, logo as "autoridades" deduziram o que parecia ser o óbvio: **uma vez reclusos em estabelecimentos prisionais normais, seriam trucidados pelos presidiários tradicionais.**

Com o fantasma das represálias internacionais assombrando os líderes governamentais daqueles tempos, a opção de fuzilar todos os descontentes com os seus ditames arbitrários estava descartada. Sendo assim, nada parecia mais apropriado e eficaz, do que apostar as fichas no ódio de classes. Nada parecia mais apropriado e eficaz, do que transferir o serviço eliminacionista para os detentos oriundos das favelas. Nada parecia mais apropriado e eficaz, do que transferir o serviço sujo para as diferenças culturais, financeiras e sociais.

De fato, nesse ponto os tiranos estavam cobertos de razão. Tratavam-se de populações completamente distintas, com particularidades de sobra para a confecção de um imenso barril de pólvora. Entre os militantes que constituíam as frentes de resistência contra a ditadura, haviam professores, estudantes

universitários, intelectuais e políticos oposicionistas, enquanto a massa carcerária convencional, era formada por indivíduos com pouca ou nenhuma instrução, saídos dos setores mais negligenciados da sociedade. Analisando por essa perspectiva, a junção do homem culto com o homem sem alfabetização e despolitizado, tinha tudo para produzir como resultado, tão somente, uma considerável demanda por caixões de lata.

O tal plano perfeito até seguiria o seu curso natural, se não fosse por um pequeno detalhe não previsto, que surgiria como um verdadeiro milagre para colocar água no chopp dos déspotas canalhas. No lugar de uma chuva de enterros de prisioneiros como previam os radares meteorológicos da burguesia, o encontro entre os dois universos opostos, concebeu o inesperado intercâmbio cultural, que mudaria para sempre o crime no Brasil. Melhor! Concebeu o inesperado intercâmbio cultural, que provocaria um dos maiores revertérios da história brasileira. O feitiço viraria contra o feiticeiro e a pátria de chuteiras, fuzis e prostituição infantil, desde então, nunca mais seria a mesma.

Realmente, ao serem detidos numa das masmorras mais cruéis do sistema carcerário nacional, os homens que haviam praticado crimes políticos e atividades consideradas subversivas, foram distanciados de seus objetivos. O que os algozes do povo não contavam, é que quanto mais longe eles eram mantidos da tomada do poder das mãos dos generais, mais contribuíam para aproximar o país estupidamente alegre de uma revolução. Não a revolução pretendida pelos ideólogos contrários a direita tirânica, mas uma grande revolução.

No início, a estratégia estatal de aproximar exemplares de mundos diferentes com a intenção de vê-los arrancando os corações uns dos outros, quase deu certo. Os primeiros momentos da relação entre os habitantes dos dois planetas separados pelas fronteiras da desigualdade, não foram nada amistosos. Além das condições sociais e dos graus de instrução mais elevados dos revolucionários, as suas greves de fome, objetivando a separação dos demais, despertavam a cólera e a revolta dos presos comuns que se sentiam discriminados. A massa carcerária tradicional enxergava nesse tipo de manifestação, uma postura arrogante e contraditória, afinal, já que afirmavam pegar em armas pelo povo, não era lá muito correto expressar ideias que sugerissem qualquer tipo de superioridade.

Por terem transgredido a Lei de Segurança Nacional tentando implantar a democracia no país, os presos políticos não admitiam o cumprimento de penas em situação de igualdade com as pessoas que haviam cometido atos criminosos apoiadas em outras motivações.

As constantes reivindicações por tratamentos diferenciados e por transferências para locais condizentes com as suas posições, manteria aceso por um bom tempo o rastilho do mal-estar entre os dois lados. Manteria o rastilho aceso por um bom tempo, mas não em definitivo.

No exato instante, em que alguns motins esquerdistas em favor do respeito a integridade física e moral dos encarcerados passassem a beneficiar todo o coletivo, a bronca inicial começaria a se desfazer. Superadas as rusgas, em pouco tempo, os detentos pobres admirados com a organização dos companheiros marxistas

adotariam parte de sua disciplina, linha de raciocínio e conduta.

Em nenhum momento de nossa história, um estabelecimento prisional mereceu tanto o termo faculdade, como o Instituto Penal Cândido Mendes nessa época. As centenas de conversas informais entre os dois grupos, fariam com que os presos comuns aderissem não só as técnicas e logísticas aplicadas pelos guerrilheiros antes, durante e depois dos assaltos à banco, sequestros e confrontos com a polícia, como também as estratégias de sobrevivência, indispensáveis para os conflitos armados. As conversas didáticas, aparentemente despretensiosas, mais do que indicar para pessoas simples o modo mais adequado de agir em situações de extremo perigo ou a maneira apropriada de aplicação do capital conseguido em operações, foram responsáveis pela primeira repaginada do sistema penitenciário brasileiro executada por detentos.

É bom que se diga, que as reuniões ocorridas em celas, pátios e corredores, não funcionavam como aulas do crime entre alunos e professores. Até porque, os homens provenientes de morros e bairros periféricos praticavam atos ousados, bem antes da chegada dos colegas revolucionários. Muitos deles já possuíam armas de grosso calibre e cicatrizes resultantes de combates travados com agentes da lei. Esse congresso de representantes de extremos sociais distintos, funcionava mais como um simpósio de troca de experiências. Um lado aprendia com o outro.

Na prática, o que se percebe, é que o contato entre dois mundos divididos pelo machado capitalista, fez desabrochar um forte sentido organizacional e um espírito de irmandade na massa carcerária como um todo. Uma vez organizados, os presos pobres começaram a arquitetar planos bem elaborados de fuga e a comandar ações de dentro de suas celas para o mundo exterior. Uma vez organizados, os presos pobres começaram a desenvolver novos métodos de negociação com as direções dos presídios e a colocar o bem comum do coletivo acima do individual.

A introdução da nova mentalidade, fez com que uma máxima se tornasse senso comum atrás das grades de Ilha Grande: só através da união, é possível fazer surgir uma força capaz de aniquilar os inimigos que tentam impor regimes violentos, desumanos e humilhantes para as populações prisionais. A solidariedade aos justos, se tornou a palavra de ordem. As injustiças e os crimes entre reclusos, passaram a ser contidos e um novo e definitivo código de honra foi decretado.

Para o desespero da elite, aqueles a quem a alta classe se referia como: a escória – haviam fincado uma nova bandeira em seu esgoto. Um fator especial multiplicaria ainda mais a aflição dos endinheirados: essa nova casta de seres invisíveis se alimentava dos frutos proibidos da árvore do conhecimento. Essa nova casta de seres invisíveis saboreava, justamente, os frutos que continham as vitaminas necessárias para o crescimento forte e saudável, de espécies com motivos de sobra para a violência. Minuto a minuto, os desejos de vingança social eram mais e mais insuflados.

Enquanto de um lado, as consultorias jurídicas, ministradas por prisioneiros formados em direito, injetavam doses cavalares de revolta nos presos comuns com a ciência sobre as irregularidades e abusos contidos nas prisões, do outro, a apresentação da ideologia socialista se encarregava de promover em suas mentes, a

conscientização sobre o regime tirânico em que estavam imersos e a origem de sua situação de penúria.

Com o passar dos anos, no lugar de corredores lavados de sangue, o presídio apresentaria uma biblioteca paralela, composta por diversos textos de uma literatura marginal explosiva. Logo, os manuais de guerrilha urbana, com ensinamentos básicos sobre operações militares, se tornariam leituras obrigatórias, não só dos que cumpriam pena na Ilha, mais também de todos os detentos brasileiros com vocação para combatentes das regras arbitrárias de seu país injusto.

A herança cultural deixada pelos diálogos mantidos entre detentos políticos e comuns, transmitiram como legado à outras gerações um cenário composto por cidadãos privados da liberdade, informados, organizados e conhecedores de suas forças e direitos.

O período de troca de informações, pode ser considerado como: o renascentismo do cárcere, pois marcou o fim da era medieval e deu início a era moderna. O período de troca de informações trouxe amplas transformações culturais, sociais e econômicas. Esse encontro entre a classe média e rica e a faixa populacional abandonada, foi o marco de transição do sistema penitenciário escravagista com presos que não podiam abrir as suas bocas, para o sistema penitenciário escravagista com presos que mastigam "autoridades" públicas. Não seria incorreto atribuir também à esse ciclo, a denominação de: iluminismo marginalizado pois as mentes dos presos foram iluminadas.

Nesses dias revolucionários, a razão e a ciência foram enfatizadas para explicar a função social das cadeias e justificar a necessidade de um urgente amotinamento em massa. A luz da razão esclareceu, que a finalidade de uma masmorra brasileira, é tão somente castigar os que não concordam em ser escravizados e que para os poderosos, o despossuído deve ser um criado e aquele que se rebelar
ao destino programado, tem que ser detido numa cela. Já a luz da ciência, serviu para que fosse demonstrado, que é fisiologicamente impossível uma pessoa sair sem sequelas de um dos campos de concentração do Brasil.

Iluminados, os homens barbarizados pela engenharia ardilosa dos ricos perceberam, que independente da potencialidade de uma infração, todos os que são encerrados em pavilhões vigiados por guardas fortemente armados, são condenados à morte. Junto com essa dedução, automaticamente veio uma pergunta:

- Qual a lógica em pagar pelos erros mantendo um bom comportamento, se a regeneração e a recolocação de um recluso na sociedade, não fazem parte da política carcerária?

No momento em que essa interrogação foi acesa no interior de um depósito construído para abrigar seres humanos descartados pelo sistema, as forças repressivas governamentais deram adeus ao controle dos presídios da nação. A partir desse evento, as regras internas ficariam definitivamente a cargo de seus moradores. O século das luzes tupiniquim, deu luz ao Comando Vermelho.

No futuro, muitos dos militantes que integravam os grupos de guerrilha se transformariam em políticos e chegariam até mesmo a ocupar diversos cargos da

administração pública. Infelizmente, nenhum desses antigos combatentes, ao ser agraciado com um salário de parlamentar, colocou em prática as suas convicções da mocidade. Todos eles esqueceram das palavras de Carlos Marighela, que diziam que: **todo guerrilheiro é um revolucionário político, um patriota ardente e um lutador pela libertação de seu país.**

Não conseguiram ou não tentaram ser, nem um pouco diferentes dos generais que eles "abominavam" nos tempos da ditadura. A "ideologia esquerdista" dessas pessoas, não resistiu a ação do tempo. Aquilo em que se transformaram, deixa transparecer que todos eles apenas seguiam a tendência mundial da época, onde a maioria dos jovens sonhavam em ser Che Guevara.

Até o princípio da década de 1990, as "autoridades" de São Paulo declaravam em seus diversos blefes diários, usados como prova de sua "competência", que a existência de um poder paralelo, só seria possível no Estado do Rio de Janeiro, devido a sua geografia. De acordo com os mesmos, as favelas cariocas erguidas em morros íngremes ou em locais acidentados, favoreciam o seu domínio por quadrilhas armadas, pois impossibilitariam a entrada de viaturas.

Os cérebros nada brilhantes de governadores, prefeitos, ministros da justiça, presidentes do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária, secretários de segurança, secretários da Administração Penitenciária, cardeais da polícia civil, coronéis da PM e estudiosos no assunto, cometeriam mais um erro monumental de projeção em relação ao seu inimigo. Obviamente, não poderíamos esperar previsões acertadas de "especialistas" em segurança pública, que nunca levantaram o rabo das cadeiras vitorianas de seus escritórios e entraram num presídio, para olhar nos olhos de um cidadão reduzido à um número de matrícula e ouvir as suas reclamações. Obviamente, não poderíamos esperar previsões acertadas de "especialistas", que após rebeliões em consequência das barbáries estatais, apoiam que as portas dos quadriláteros que aprisionam dez vezes mais homens do que as suas capacidades, sejam soldadas por carcereiros. Isolar a comunidade de uma prisão numa espécie de buraco negro, é a forma encontrada pelos dominantes para elevar o grau de desumanidade governamental nesses lugares em circunstâncias de amotinamento. Aquele que destrói parcialmente um estabelecimento prisional para chamar a atenção do país para os seus problemas, além de ser forçado à permanecer por semanas sem água e luz em meio aos destroços, ainda corre o risco de ter adiado o seu julgamento que demorou anos para ser marcado.

O plano: desinformar para dominar até o início dos anos 90 funcionou perfeitamente bem em SP. Até essa data, tudo correu às mil maravilhas pros ditadores locais. O povo indesejável era afastado do raio de visão da playboyzada e ainda proporcionava lucros quando se opunha as ordenações de diretores de presídio carrascos. Os levantes sem liderança e planejamento, somente resultavam em licitações para reformas superfaturadas e para a construção das penitenciárias que o contribuinte custeia, mas a obra não sai do papel.

Só existia uma alternativa para que a questão carcerária paulistana parasse de ser uma angariadora de riquezas e votos para políticos e passasse a ser um problema de todos. Um evento incomum haveria de acontecer. Um raio teria de cair pela segunda

vez no mesmo lugar. E ele caiu! Novamente, dentro de um dos sistemas prisionais que mais viola direitos humanos em todo o planeta, o raio da conscientização atingiu em cheio parte de sua população. Para a surpresa geral, o inimaginável aconteceu: o pântano da morte, espontaneamente, havia fabricado mais vida inteligente. O pavor que compunha as síndromes do pânico de dez em cada dez pessoas de alto poder aquisitivo, virara realidade. Os favelados enclausurados nos abatedouros do Estado mais rico do país, mesmo sem projetos de alfabetização, também se tornaram detentores do conhecimento de seus direitos e de sua força de combate. O iluminismo do cárcere tinha feito escola e um novo intercâmbio cultural, realizado desta vez apenas entre menosprezados sociais, produziria a versão paulista do pesadelo do sistema: homens pobres unidos, armados de cultura marginal e fuzis.

Essas sementes regadas pela Lei de Execução Penal forjada no princípio da desforra, se transformariam em plantas carnívoras, peritas em triturar genocidas que se escondem por trás de empresas legalizadas, cargos públicos e partidos políticos, para degustar o sangue de nossas crianças. Os subestimados moradores das favelas, que nas bolsas de apostas da vida eram cotados como francos favoritos a se deitarem em urnas funerárias antes dos 25 anos de idade, correram por fora, contrariaram as estatísticas e fizeram picadinho do slogam da polícia e da playboyzada em geral: em São Paulo, o crime não se cria.

Os senhores e senhoras da elite, que desenvolveram tendinite de tanto fechar os vidros elétricos para não ter de dar moedas para as crianças em situação de miséria, tiveram de entregar em silêncio as chaves de todas as suas cidades aos adultos oriundos, do mesmo quadro alarmante de privação econômica dos garotos humilhados.

Os boys sentiram-se traídos por seus heróis, que haviam garantido, que o poder público jamais perderia o controle de São Paulo, que nenhuma organização tinha estrutura e força para tamanho feito e que aquelas que tivessem tal ousadia para tentá-lo, seriam desarticuladas antes de causarem quaisquer danos.

Na verdade, os bacanas tinham sido iludidos por seu próprio preconceito, anexo às suas áureas de superioridade. Eles haviam visto fundamento nas declarações dos imbecis que os representava, porque dois pontos iam de encontro com a sua crença de desdém em relação as mentes rivais: no Brasil, a maior parte dos detentos não ultrapassou o ensino fundamental e não há companheiros na cela ao lado com nível universitário para influenciá-los.

Pensavam: **sem nenhuma forma de ingresso à cultura, por qual motivo vão se rebelar contra a sociedade? No máximo, vão se revoltar contra a política prisional abusiva. E olhe lá.**

Participavam da ideia difundida na alta classe, de que bastava manter a norma adotada no sistema prisional, onde os presos só têm acesso as informações liberadas pelas direções das prisões, que todos estariam pacificados. Acreditavam, que bastava manter a norma carcerária reinante do; distanciamento da cultura transformadora, que todos cumpririam as suas penas felizes da vida, de forma calma e pacífica, à espera do "super juiz-corregedor" de suas respectivas comarcas, que numa bela manhã ensolarada, surgiria abruptamente e colocaria fim as sessões de torturas e

maus-tratos.

Talvez, se conhecessem a história de Zumbi do Palmares, saberiam que um homem não precisa ser intelectualizado para que seus instintos de liberdade e sua sede por justiça aflorem e o transformem em um rebelde. O cheiro da creolina usada para encobrir os odores do esgoto social das madames e dos grã-finos, faz com que homens exclusos extraiam sabedoria da mais profunda privação do conhecimento. O cheiro do desinfetante que ameniza o aroma de carnificina nas masmorras nacionais, faz com que homens exclusos se tornem combatentes, mesmo sem ler uma única página do manual do Guerrilheiro Urbano ou sem serem apresentados as obras de Karl Marx.

A única previsão dos opressores que estava correta, era a que afirmava que: na hora em que os habitantes da periferia se munissem de informação, a luta armada de classes ganharia novas feições. Nessa, a playboyzada teve 100% de acerto.

Os presos mais instruídos, imediatamente corrigiram as formas ineficazes de se pressionar um inimigo do porte do governo. A rebelião na prisão, que antes era insuficiente para que reivindicações fossem atendidas e ainda agradava o burguês, porque o confronto entre detentos e tropa de choque ocorria numa distância segura de sua rua arborizada, foi aperfeiçoada pelos novos estrategistas de guerra. Todos os problemas operacionais dessa questão foram solucionados, com a implantação da técnica inovadora, de envio de motim em domicílio à todos os bairros nobres. Com a adoção do terror Delivery, o sistema corrupto que optava por não negociar com presidiários insurgentes, passou a ter de ceder às suas exigências por imposição da opinião pública. O sistema corrupto passou a ter de ceder às exigências dos presidiários insurgentes, por imposição da mesma opinião pública, que foi induzida a acreditar, que o fator determinante para as ações dos aprisionados, era a comunicação de presos com o mundo exterior e não a atmosfera de atrocidades implantada no lado de dentro das muralhas.

Vale a pena escrever uma pequena observação sobre essa inversão de valores, pois em maio de 2006, me lembro de ter visto muitas pessoas da periferia reproduzindo o tal absurdo de culpar aparelhos telefônicos no lugar de playboys. Infelizmente, mesmo na era digital, com uma Lan House em cada esquina, a informação essencial ainda é uma mosca branca nos bairros carentes. Infelizmente, a informação essencial, ainda é um artigo de luxo, raramente encontrado nos lares humildes dos desassistidos. Por conta disso, naqueles dias a população de menor poder aquisitivo foi doutrinada pelas emissoras de TV a pensar, que o estado de caos instalado, se dava por causa das telecomunicações e não como um efeito colateral da má distribuição de renda, da falta de oportunidades e do tratamento desumano dispensado à favelados em prisões.

Só num país hipócrita, desregrado e imoral como o Brasil, a responsabilidade da sociedade embranquecida é debitada na conta de Graham Bell.

Só num país hipócrita, desregrado e imoral como o Brasil, as pessoas que deveriam ser reintegradas à sociedade, por lei, são obrigadas a se manter incomunicáveis com essa mesma sociedade que as espera.

Como é possível se readaptar à um ambiente, estando completamente isolado

num planeta distante?

Os falsos moralistas de plantão que focam na telefonia e desviam as atenções coletivas dos verdadeiros pilares do problema, são os mesmos que no passado culpavam a comunicação feita por bilhetes, cartas, visitas e advogados e serão os mesmos que no futuro acusarão a telepatia.

O celular e apenas o bode expiatório da vez. O celular é apenas o conto do vigário, que serve para fazer com que os alienados não busquem as verdades sujas e inconveniente sobre o assunto. Quanto mais os discursos demagógicos camuflarem o verdadeiro ponto nevrálgico do tema, menos a culpa será atribuída ao topo da pirâmide e seus fantoches na política. Só podemos aceitar a criminalização da telefonia, se abrirmos um dicionário e nele constar que a partir de agora, o significado da palavra telefone, agrega: incompetência, corrupção e extermínio estatal.

O que faz um detento se rebelar, não é fato dele possuir um celular, mas o fato dele não possuir nenhuma garantia de que seus direitos serão respeitados.

Será que é realmente o sinal dos celulares dos prisioneiros de guerra que devem ser bloqueados? Eu sou enfático em afirmar, que os monopolizadores do poder são os maiores clientes do disque morte. São as mãos perfumadas com colônias francesas, que contém os dedos que mais vezes apertam o Send, para dar avais de chacinas.

Os governantes sempre temeram mais os presos com nível universitário, do que os presos vindos das favelas. É consenso comum na alta classe, que os livros e uma escolarização decente, são mais letais do que quilos de explosivo plástico. Isso explica em parte, o porquê dos obstáculos intransponíveis que nos são impostos, com o propósito de decepar todas as chances de chegarmos ao ensino superior. A tese da nobreza nacional é bastante simples: o detento portando um diploma se tornaria mais violento, pois identificaria de pronto no cumprimento de sua pena, a pena extra empregada no âmbito das unidades prisionais. Enxergaria instantaneamente, a sentença bônus aplicada sobre a condenação infligida pelo judiciário.

Para a sociedade embranquecida, não basta castigar um habitante da sub-pátria que descumpriu as suas leis, o privando do direito de ir e vir. Para saciar os desejos sádicos dos endinheirados, ele tem de ser punido, tendo violentados todos os seus direitos como cidadão recluso. Ele tem de ser entregue à própria sorte, para sobreviver por conta e risco dentro de um reservatório de sangue.

Na ótica doentia do burguês, não é dever do Estado assegurar ao presidiário: alimentação, educação, saúde, vestuário, profissionalização e inserção no mercado de trabalho, agilização de processo, respeito a parentes em dia de visita e o cumprimento da pena em ambiente prisional higiênico e com a capacidade populacional respeitada. Pro rico, os exemplos citados são considerados regalias. E pasme! Esse pensamento não fica restrito aos prédios de luxo, ele também é compartilhado por muitas pessoas nas áreas de abandono!

No Brasil, após a venda constante de convicções cunhadas no racismo e no preconceito social, os formadores de opiniões tendenciosas que infestam os meios

de comunicação, tornaram cultural a ideia, de que o preso pobre, além de perder a sua liberdade, deve morrer de fome, sede ou frio, pois é irrecuperável. A filosofia do: regenerar, foi substituída pelo trancar e jogar a chave fora.

Dessa forma, sem qualquer amparo do Estado e com ampla aprovação da nação entorpecida mentalmente, os favelados brasileiros são encerrados por longuíssimos períodos em verdadeiras masmorras medievais. Eu disse: longuíssimos períodos e não: eternamente. E é isso que grande parte dessa nação parece desconhecer. O código penal brasileiro não prevê a prisão perpétua, para nenhum tipo de crime. Sendo assim, um dia, aquele que só recebe a dor como terapia recuperacional, passa pelos portões e volta às ruas. Provavelmente, sem muito amor à dar aos que o enterraram vivo em uma catacumba superlotada e aos que compactuaram com o funeral.

Se de um lado, a não democratização da educação beneficia a burguesia, fazendo com que muitos presos não saibam onde termina a pena e onde começa a tortura física e psicológica, do outro, beneficia ainda mais... A sabotagem educacional enraizada em nossa "civilização", além de permitir que os sádicos se divirtam com suplícios extras impostos aos marginalizados dentro de calabouços, garante por lei aos que roubaram os diplomas de favelados, a manutenção da segregação social atrás das grades.

A sabotagem educacional assegura aos boys diplomados, que por milagre são detidos, o direito à prisão especial. Quando eu falo de máfia, estou falando de coisas nesse sentido. Quando eu falo de máfia, estou falando do grupo de dominantes brasileiros, que escancaradamente e "legalmente", ampara a sua ideologia de superioridade. Estou falando do grupo de dominantes brasileiros que através dos parágrafos de suas leis, esfregam nas nossas caras, um processo discriminatório que garante tratamentos diferenciados a mesma raça humana.

Partindo do princípio que a cultura integral e um privilégio concedido apenas a elite, os governantes uniram o útil ao agradável. Transformaram a prerrogativa vergonhosa do diploma, em um certificado classista de intocabilidade penal. A minha colocação sobre o diploma ser uma prerrogativa vergonhosa, é apenas referente aos ricos, cuja formação acadêmica se dá, por eliminação desleal da concorrência. Na minha opinião, somente os pobres recebem o canudo por méritos totais. Somente os favelados não são privilegiados por manobras criminosas, para chegar à uma formatura.

Com o comprovante de conclusão do nível mais elevado do sistema educativo funcionando como espécie de pedigree de homens, o criminoso bem-nascido se livra de seu maior pesadelo: ter de manter contato com a chamada ralé de baixa escolarização. De posse do tal documento diferenciador de pessoas, o criminoso bem-nascido se livra de seu maior pesadelo: ter de conviver cm pé de igualdade com aqueles, que na sua visão distorcida, carregam a função terrena de cumprir ordens de sua gente.

Enquanto o boy diplomado transgride as normas sociais, o Estado administrado por seus cúmplices, ao acomodá-lo em celas separadas, tritura o artigo 5º da Constituição da República, que estabelece que todos são iguais perante a lei.

O “direito” à prisão especial numa pátria desigual como o Brasil, é uma regra tão escandalosa, que quase me faltam palavras para digitar. Entretanto, as palavras que me sobram, são extremamente úteis para que eu faça duas perguntas... Com base em que conclusões, que não sejam racistas e tomadas por quantidades embriagantes de ódio de classes, uma pessoa que detém um pedaço de papel emoldurado em uma parede, se torna melhor do que as outras? Por quais motivos, se não os discriminativos, um médico merece ser tratado de maneira mais digna do que um operário ou um mendigo?

Reza a lenda, que o tal privilégio da cela especial, se daria apenas para as prisões realizadas na fase processual. Traduzindo: os ricos ficariam isolados de nós favelados, apenas até a data de uma suposta sentença condenatória. Depois da condenação transitada em julgado, teoricamente, um detento de nível universitário perderia as regalias e seria obrigado a cumprir sua pena junto com a massa carcerária comum.

Analisando os pormenores do judiciário corrompido e parcial, que se apoia num código de processo penal a serviço dos poderosos, é bastante compreensível que não haja a necessidade de textos escritos separando as pessoas de esferas sociais dessemelhantes depois de julgadas e sentenciadas. Simplesmente porque, raramente um playboy ouvirá o veredicto de culpado, dito pela boca de um magistrado. No país da segregação institucionalizada, raramente um playboy terá um inquérito policial aberto contra ele. Raramente, o Ministério Público oferecerá uma denúncia contra ele. Caso essa denúncia venha a ser feita, raramente um juiz a acatará. E se por um evento sobrenatural, inexplicável pela ciência, vierem a aceitá-la, é praticamente impossível que o réu endinheirado, mesmo apenado, fique hospedado por 24 horas num aposento cercado por grades e guardas de muralha. Pra quem pode pagar os melhores advogados que o dinheiro pode comprar, não existem prisões temporárias, prisões preventivas, tão pouco, prisões definitivas.

Na atualidade, o sistema carcerário brasileiro opera com uma carga de 500 mil pessoas aprisionadas. Esse número assustador, ficaria muito mais aterrorizante, se pudéssemos contar com a presença da alta classe em suas dependências, mesmo que fosse nas tais celas especiais. Se a minha explanação sobre a inconfiabilidade do judiciário estivesse incorreta, mesmo que fosse em celas de ouro, teríamos um bom contingente de cobertos pelo artigo 295 do Código de Processo Penal.

Outro detalhe: pode estar certo, de que as cadeias nacionais não seriam ambientes fétidos, imundos e esquecidos, se as pessoas beneficiadas por essa aberração penal, comumente vestissem uniformes de presidiários. Se os privilegiados por essa hediondidade tivessem de cumprir as suas penas em celas convencionais, com toda certeza os presídios do Brasil seriam modelos de respeito e ressocialização. Ou melhor, se os privilegiados pela parcialidade jurídica temessem ser aprisionados em sucursais do inferno, com toda certeza deixariam de cometer os seus crimes.

É inaceitável, que em caso de detenção, as pessoas que foram agraciadas com o acesso às mais caras e conceituadas escolas e faculdades do país, possam manter os seus padrões de vida dos tempos de liberdade, no interior de instituições prisionais.

E inaceitável, que em caso de detenção, as pessoas que foram agraciadas com o acesso à todos os meios para a evolução pessoal e profissional, possam se isolar dos demais colegas de martírio, em suas celas particulares. Justamente aqueles que possuem os requisitos básicos para não delinquir; uma excelente condição financeira e uma boa bagagem cultural e que por isso, deveriam ter as punições mais severas ao infligir a lei, são presenteados com tamanha benesse.

Entre as incontáveis justificativas folclóricas para a sustentação dessa medida bizarra, uma em especial se destaca. Estou me referindo a alegação cínica, recheada de falsa preocupação social, que diz que tal afronta à inteligência popular, seria uma fórmula de se prevenir a expansão da violência. Segundo esse conveniente raciocínio burguês, o homem culto adicionado ao ambiente onde residem presos comuns, poderia influenciá-los e torná-los mais agressivos, a exemplo do ocorrido nas décadas de 1960 e 1970 no presídio de Ilha Grande. Esse argumento descabido, é usado de forma inútil, para tentar maquiar uma das maiores manifestações de corporativismo criminoso e de intolerância racial e social de nossa história.

Nas entrelinhas desse foro privilegiado destinado a todos os ricos, os autores da lei da prisão especial deixaram inteligível até para uma ameba, que a justiça elitista brasileira reverbera as ideias nazistas. Os cavaleiros da Klan da legislação penal, elegeram uma parcela da sociedade, a qual definem como superiora, merecedora de vantagens sociais sórdidas.

Os participantes do conceito da supremacia racial, consideram que os que ingressam na educação de nível universitário, em quase 100% dos casos a playboyzada, gravitam num patamar mais elevado da humanidade.

O diploma da universidade pública ou da universidade particular cara, é a insígnia dos nobres atuais. Como escrito anteriormente, funciona como o pedigree dos cães. Os que o tem, são considerados de raça pura, já os que não o possuem, são tidos como vira-latas. Os membros do judiciário brasileiro, quase que na sua totalidade, veem como legítimo, que mesmo cerceados de suas liberdades, os cães com pedigree mantenham os seus banhos e tosas e as suas porções de ração super premium.

Posso assegurar, que nenhum dos nazistas espalhados ao redor do mundo, dispõem de códigos penais e processuais, onde a sua ideologia abominável configura como lei.

Verdadeira ou fantasiosa a tática de isolamento de diplomados por temor à uma possível influenciação do coletivo pobre, uma coisa é visível: ela não deu certo.

Os representantes do Estado mais rico da federação constataram na própria carne, o fracasso de sua medida separatista prisional por grau de cultura, ao testemunharem os mais de R$ 10 bilhões anuais em investimentos na área de segurança pública, sendo derretidos pelos galões de gasolina que incendiavam dezenas de ônibus. Sendo explodidos pelas bombas caseiras feitas com garrafas Pet cheias de pólvora e pregos, que estilhaçavam vidraças de alvos civis. Sendo fuzilados por armas de grosso calibre, que trucidaram 42 membros de seu aparelho repressivo em quase 300 ataques. Ataques esses, que entraram para posteridade, assim como o 11 de setembro, deixando perplexos os mais de 40 milhões de habitantes dos 645

municípios paulistas.

O motor do Mercosul, conhecido pela frase de efeito: **São Paulo, a cidade que não para -** ficou paralisado. Ficou tão deserto, quanto uma cidade fantasma!

Nessa época, com base na luminosidade das fagulhas expelidas pelos tiros e nas chamas que incineravam o transporte coletivo de péssima qualidade, poderíamos até ter pleiteado o título de Paris a cidade luz.

A polícia truculenta, treinada para atirar pelas costas em suspeitos em fuga, foi surpreendida por homens que não temiam as suas armas em formato de sucata. Armas essas, que numa coronhada, são capazes de matar o agredido de tétano. Ao efetuarem disparos de seus jurássicos revólveres calibre 38, recebiam como resposta do fogo inimigo, estilhaços de modernas granadas jogadas por garupas de motos velozes. Os policiais doutrinados a executar covardemente suas vítimas indefesas em vielas escuras, não foram páreos para os homens incumbidos de abatê-los. Os que foram privados das salas de aula, deram um nó tático nos cérebros dos agentes de segurança.

Enquanto tentavam restabelecer a coordenação motora de seus corpos trêmulos, imploravam a Deus por suas vidas e se perguntavam:

- Como pode ser possível sermos atacados, humilhados e derrotados, pelas mesmas pessoas que todos os dias invadimos as suas casas, as desrespeitamos, as espancamos, as roubamos, as prendemos e as matamos?

É bem provável, que em meio ao choque instalado pelo pânico, outras perguntas também povoassem as mentes dos vigias particulares dos ricos, como por exemplo:

- Será que algum desses homens cortando o silêncio da madrugada com suas rajadas mortais, fora no passado, uma das muitas pessoas inocentes condenadas em consequência de nossos flagrantes forjados?

- Será que é **algum dos trabalhadores que obrigamos a pagar quantias absurdas com os seus salários de fome ou a assinar os documentos de transferência de seus automóveis usados, para não os prender?**

- Ou será que é um dos milhares de cidadãos negros, com a carteira profissional no bolso, a marmita na mochila surrada e a face corroída pelo cansaço, que nós torturamos física e psicologicamente, só por sadismo, para que nos entreguem as bocas de droga que sabemos que eles desconhecem?

É bastante comum nas periferias, policiais terem surtos de amnésia durante as abordagens e espancarem as pessoas sendo averiguadas, para que elas informem a localização exata de pontos de venda de entorpecentes. A perda de memória em relação à esses endereços, desaparece subitamente, nas noites em que as viaturas são estacionadas em frente as biqueiras, para que seus ocupantes arranquem dinheiro de traficantes ou ofereçam por ótimos preços, dúzias de armas e caixas de munições apreendidas.

Quando um gambé gritar: mão na parede! não se surpreenda, se ele te oferecer uma pistola ou uma submetralhadora. Não se surpreenda, se ele te oferecer um dos muitos brinquedos de fazer mãe chorar, que nunca vão parar nos depósitos de armas

da polícia, onde deveriam permanecer como prova até o fim do processo em que estão envolvidos e posteriormente serem destruídos por um rolo compressor.

Para se calçar contra o "temível adversário", popularmente conhecido como: as crianças das favelas a sociedade branca tentou fazer o papel do médico e psiquiatra Cesare Lombroso (1835-1909). Tentou fazer o papel do fundador da antropologia criminal ou da antapologia criminal, que me perdoe as antas. Tentou seguir os passos do "criminologista" italiano, que baseado em seus "estudos", apontava que a explicação para a tendência à delinquência estava na biologia e não no meio social em que o indivíduo está inserido.

Esse asno da psiquiatria defendia a tese, de que pelas características físicas de uma pessoa, era perfeitamente possível identificar um criminoso nato e antecipar seus atos ilegais. Um marginal por natureza deveria conter alguns dos seguintes estigmas: ter orelhas grandes e deformadas, sobrancelhas fartas, molares proeminentes e forma e dimensão da calota craniana anormais. De acordo com essa teoria estúpida, eu seria um fora da lei de alta periculosidade, pois atendo algumas das características apontadas pelo demente, tais como: orelhas grandes e sobrancelhas fartas.

Para os antropólogos criminais brasileiros a serviço da burguesia, a tese de Lombroso tem imenso fundamento, entretanto, há discordâncias no que diz respeito as marcas que desvendam a suposta "inclinação natural" ao banditismo. Na visão doentia e discriminadora dos Cesares Lombrosos nacionais, os pontos indicativos que comprovam a predisposição para o mau não estão nas orelhas, crânios ou sobrancelhas, mas na cor da pele e no patamar social.

Numa guerra declarada ou não, conhecer o adversário **é** uma das chaves para o sucesso. A playboyzada apoiada em sua ignorância lambrosiana, erroneamente, achava que possuía essa vantagem. O seu preconceito havia desenhado de maneira minuciosa, as feições a serem atacadas e exterminadas. A playboyzada apoiada em sua ignorância lambrosiana, erroneamente, pensava que para a sua eterna proteção e manutenção do controle social, bastaria manter sob vigilância, do berço ao cemitério, todos que se assemelhavam ao retrato falado do bandido padrão, confeccionado pelos gurus do ramo da segurança pessoal e patrimonial.

Se a maioria dos pobres é incapaz de visualizar mentalmente a fisionomia dos seus oponentes, os ricos imersos em sua arrogância e presunção, acreditavam ter feito a lição de casa. Não só viam em pensamentos o protótipo de seu inimigo público n° l, como tinham uma descrição detalhada de sua quantidade de melanina, de seus traços faciais, da textura do seu cabelo e de seu padrão financeiro. Não só viam em pensamentos o protótipo de seu inimigo público n° l, como imaginavam que mais do que nunca o tinham sob controle.

Em relação a crença da suposta submissão incondicional de favelados, havia motivos de sobra para que os abastados fossem guiados por esse vale das ilusões.

Após a identificação dos inimigos dos ricos, emissários fardados e de toucas ninja, foram enviados para as comunidades carentes, para que os votos de fidelidade às regras não escritas da burguesia fossem reafirmados. Emissários fardados e de toucas ninjas, foram enviados para garantir nas madrugadas, com que cada morador

da periferia compreendesse, que para os poderosos chefões do país, um homem negro ou pobre só fazia diferença vivo ou morto, se estivesse sendo explorado. Falharam na missão!

Até um dado momento, a calmaria perduraria no lado dourado do Apartheid. Até um dado momento, os Cesares Lombrosos nacionais acreditariam ter aperfeiçoado a fórmula absurda do asno original. Realmente, por muito tempo esse plano ditatorial pareceu ser infalível. Afinal, o povo sem força e representatividade política, desunido, desorganizado, confinado em linhas de produção ou em corredores da morte, aparentemente não reunia qualquer predicado para sair da incômoda condição de massa de manobra. Essa ciência seria exata, até ser furada a balas em maio de 2006.

O estado de emergência instaurado em São Paulo, jogou por terra a tese preventiva dos egocêntricos dos condomínios fechados. A vigília 24 horas por dia sob os estigmatizados pela discriminação vinda dos palácios urbanos, não foi suficiente para evitar a pane nos mecanismos de dominação. Acreditar conhecer as características físicas do perigo, não garantiu que a programação preparada para os habitantes da periferia permanecesse inalterada.

A criptonita dos boys estava localizada exatamente no seu equívoco de considerar os favelados como; "inimigos íntimos" e de atitudes facilmente calculáveis e antecipáveis. A criptonita dos boys estava localizada exatamente no seu equívoco de crer, que todos os aprisionados em bairros pobres eram limitados aos seus padrões comportamentais pré-estabelecidos.

Essa ideia era perfeitamente compreensível, partindo daqueles que tem familiaridade e amplo crédito na formação dos habitantes do limbo da sociedade. Já que é o Estado em extensão aos desejos da elite, que nos transforma em guerrilheiros furiosos e letais **e** que nos fornece granadas, pistolas, fuzis, metralhadoras e a motivação para as operações extremas, era mais do que natural que os embaixadores desse Estado pensassem conhecer profundamente os seus adversários **e a** sua capacidade destrutiva.

Com a quebra do protocolo, a aristocracia nacional ficou como o dono despreparado de um Rottweiler, que através da violência pensa mantê-lo completamente submisso, até que um dia, ao pronunciar as palavras: deita e rola é surpreendido por uma mordida com uma pressão de mais de uma tonelada no pescoço.

Quando as cenas com policiais sendo eliminados, capitadas por circuitos internos de TV em estabelecimentos comerciais onde normalmente os soldados fazem bicos ilegais de vigias, viraram destaques em todas emissoras do planeta, o governo e a burguesia deram adeus pra sempre ao controle das ruas. Naquele instante ficou nítido, que diante de um levante de grandes proporções, a corporação que tem a função de ser ostensiva, apenas podia ostentar velórios e enterros no mausoléu da PM. Naquele instante ficou nítido, que diante de um levante de grandes proporções, a polícia que tem a função de preservar a ordem pública, não era capaz de preservar nem a vida dos integrantes de seus batalhões.

Declarações de militares com os rostos encobertos para não serem

reconhecidos, comprovavam o quanto eles temiam os homens pobres. Se antes não saiam para trabalhar uniformizados, escondendo as fardas dentro de bolsas e omitindo dos vizinhos o verdadeiro emprego, agora também receavam usá-las em horário de serviço. Entrar numa viatura, era como adentrar em um túmulo.

As inúmeras execuções exibidas em telejornais somadas as fotos de guardas desfigurados por armas de grosso calibre expostas em sites de relacionamento, ridicularizaram os defensores da playboyzada! O rebaixamento moral foi tão acentuado, que fez com que o Ministério da Justiça colocasse à disposição do estado de São Paulo, a sua "tropa de elite" federal: a Força Nacional de Segurança Pública. A Força Nacional de Segurança Pública, é a satirizada polícia cenográfica do governo brasileiro. Esta instituição foi criada em 2004, para na prática, contribuir com a segurança pública, apenas fazendo parte do orçamento com os seus gastos em transporte aéreo, hospedagem e alimentação. A polícia que luta movida por um salário, se deparou com guerrilheiros que lutavam por uma causa e que estavam dispostos a morrer por ela, se assim preciso fosse.

O soldado que tem hora para largar a batalha para ir pra casa ver novela, não pode derrotar aquele em que a guerra foi transformada em sua morada. A Secretaria de Segurança Pública aprendeu à duras penas, que todo o seu aparato de segurança é inútil, contra pessoas que não possuem justamente o único sentimento capaz de frear o ímpeto de um ser humano: o medo da morte. O seu orçamento bilionário jamais será capaz de produzir tropas dispostas a seguir esse tipo de disciplina.

Estraçalhando todos os prognósticos e expectativas, o protesto dos homens crescidos no esquecimento dos bairros periféricos paralisou a locomotiva da América Latina e fez com que 82 unidades do sistema penitenciário brasileiro se rebelassem de forma simultânea. Mais do que isso, ganhou projeção nacional e internacional. Quem diria, as vozes, antes nunca ouvidas, estouraram os tímpanos do mundo.

Enquanto varriam os cacos de vidro após as explosões, a sociedade branca e sua força repressora tiveram de reconhecer, que na guerra das ruas os estrategistas criados em barracos de madeira são bem mais preparados e dinâmicos. Comparados com exército vencido, não cometem erros primários. Eles não ficam estáticos em castelos, como os delegados e investigadores ficam em delegacias; não se concentram em bases militares detectáveis, como os guardas das bases comunitárias e não usam uniformes e veículos oficiais para serem identificados e abatidos como os que tombam no famoso tiro ao pato. Ao contrário, a sua infantaria é invisível, imprevisível e mortífera.

Dentro da prepotência da alta classe brasileira, era fora de cogitação conceber, que seres oriundos das entranhas da miséria fossem capazes de lhe infligir uma derrota tão maiúscula, quanto à sofrida pelos norte-americanos em 11 de setembro de 2001. Nos dias de hoje, os seguidores desse raciocínio tentam curar os seus ataques de pânico com medicamentos antidepressivos, ansiolíticos e terapia.

Outros Tentáculos do Estado

A exemplo de outros países falidos em razão da corrupção endêmica, temos áreas dominadas por milícias. No Brasil, os focos de atuação dessas forças armadas clandestinas, são as favelas cariocas. O abandono do poder público nessas regiões inabitáveis, as tornou vulneráveis e propícias para a implantação de poderes políticos e militares irregulares. O desamparo estatal colocou o morador indefeso desses cenários desoladores, na posição de eterno refém de quadrilhas lideradas por funcionários do Estado e da polícia e por membros do primeiro escalão da política.

Calçados com o falso propósito de: libertar a população dos morros do subjugo do tráfico de drogas os bandos formados por policiais civis e militares, soldados do exército, ex-policiais, bombeiros e agentes penitenciários, efetuam impiedosas limpezas sociais. Dentro de sua representação teatral de benevolência para com a sociedade, esses esquadrões da morte invadem as comunidades carentes e expulsam ou eliminam todos os que eles julgam fazer parte do comércio de entorpecentes. Ao fim das chacinas e dos êxodos em massa, os lares dos familiares dos mortos ou escorraçados são arrebatados, os postos de comando das tropas destituídas são ocupados e os sobreviventes locais são apresentados à uma nova ordem de horror, nunca antes presenciada.

Em pouco tempo de domínio, os "paladinos da justiça" se mostram muito mais nocivos e tirânicos do que os "bandidos" que eles afirmavam combater. Depois que conquistam o território almejado, os milicianos exibem a face real de sua luta contra a criminalidade. A obsessão pelo papel moeda demora apenas alguns segundos para destruir a máscara da abnegação de fingimento. Os gritos comemorativos e as rajadas de submetralhadoras para o alto após as vitórias, não refletem o contentamento por terem livrado os fracos e oprimidos de supostos "criminosos" e sim, o contentamento por terem adquirido uma franquia de uma fábrica de fazer dinheiro.

Impor como lei a liberdade vigiada e a paz regrada aos habitantes recém "libertos", é a primeira medida dos "super-heróis" eleitos líderes por maioria absoluta de tiros.

Antes dos primeiros sorrisos, os que se consideravam barbarizados pela outra modalidade de "crime organizado" destronada, se familiarizam com a plataforma de governo do novo poder paralelo. O sentimento de saudade dos meninos chamados pejorativamente de: traficantes se torna inevitável, assim que os "pacificadores" em assembleia popular estipulam a sua lista de tributos e passam a monopolizar todas as ações rentáveis da comunidade.

A partir do momento em que os "benfeitores" começam a controlar as vans e as moto-táxis do transporte urbano de passageiros e a exigir percentuais sobre a distribuição de gás, eletricidade e sobre as vendas e as locações de imóveis, um

pensamento toma de assalto o subconsciente coletivo: **nós éramos felizes e não sabíamos!**

Além de ditar as regras comportamentais dos moradores e de depená-los, os autoproclamados justiceiros usam de outro artifício para interferir ainda mais em suas vidas... Postos de sentinelas são montados nas entradas e saídas das favelas, proporcionando um profundo constrangimento a crianças, mulheres, homens e idosos, revistados diariamente.

Aqueles, que segundo a imprensa e os cientistas sociais, estavam à mercê da ditadura dos barões da cocaína, um minuto pós-intervenção da nova associação, são incorporados à uma sociedade “livre”, que se materializa sob o toque de recolher. São incorporados à uma sociedade “justa”, erguida sob a expropriação dos bens dos que não podem se defender. São incorporados à uma sociedade “harmônica e democrática”, que se expressa sob a lei do silêncio.

No pacote dos impostos estabelecidos pelas milícias, os que mais saltam os olhos, são os tributos de proteção a vida e a empresa. Essas taxas semanais, cobradas de moradores paupérrimos e comerciantes das imediações, servem para garantir a segurança pessoal de cada indivíduo e o bom funcionamento dos pequenos negócios. Mais absurdo do que o valor paga é a finalidade do pagamento. Não pense você, que o carnê de "proteção" deve ser mantido rigorosamente em dia, para assegurar aos contribuintes a imunização contra criminosos convencionais. Nada disso! A quitação desses débitos infindáveis, serve estritamente para conter os atos violentos dos próprios para-policiais. É mais ou menos, como se a Porto Seguros cobrasse para não roubar os veículos de seus segurados.

Se prepare que a pior parte vem agora: inacreditavelmente, alguns cidadãos extorquidos, em tom de aprovação, declaram considerar esses tributos justos e ínfimos, por “assegurarem” o uso fruto de bens tão preciosos como a vida e o trabalho. Talvez, ao fazer tal colocação, essas pessoas se esqueçam de quão volumosa é a carga tributária paga por cada brasileiro. Inclusive por elas!

Eu tenho duas hipóteses para tentar explicar onde se fundamenta tal afirmação. A primeira: essas pessoas seriam coagidas sob ameaças de morte, a manifestar tamanho disparate em frente às câmeras, para dar legitimidade as ações das tropas letais. E a segunda: essa ideia encontraria respaldo na desilusão popular generalizada em relação a máquina governamental, que não reverte os bilhões em arrecadações em benefícios à população.

Cansados de não receber recompensas por suas contribuições financeiras para o custeio das despesas públicas, os cidadãos, vítimas dos extorquidores, se sentem premiados por financiarem uma prática, em que o resultado pode ser comprovado ao olharem no espelho. Afinal, nessa situação, o homem que permanece vivo é a prova cabal em carne e osso, de que o montante pago foi gasto em seu favor.

Apenas a título de curiosidade: não há registros mundiais que possibilitem apontar o inventor e o local de origem da tributação extorsiva. Apesar disso, é fácil assinalar quais foram os responsáveis por tornar esse método conhecido mundialmente. A expansão da tática de se lucrar por intermédio de ameaças, agressões e assassinatos, se deve a máfia Siciliana. Historicamente, os Dons sempre

adotaram nos bairros sob seus domínios, a cobrança de impostos travestidos de taxas de segurança alternativa, para proteger seus clientes dos próprios mafiosos.

Os favelados inadimplentes, não precisam temer pela possibilidade de inclusão de seus nomes nos cadastros do SPC (Serviço Nacional de Proteção ao Credito) ou da Serasa (Centralização dos Serviços bancários S/A). Devem se preocupar, tão somente, com as noites desagradáveis que terão em companhia de credores carrascos e de suas lâminas afiadas.

Advirto: não são só os maus pagadores que são descarnados vivos como punição. Qualquer pessoa que transgrida um dos parágrafos do código penal das "tropas salvadoras", está fadada a ser retalhada ao ar livre e aos olhos assustados de dezenas de testemunhas. O homicídio público funciona como aviso macabro aos demais.

Os tribunais paramilitares gozam de um privilégio singular, que os coloca num patamar além do bem e do mal. Os seus participantes formam uma ramificação não regulamentada das corporações governamentais, designadas para manter a ordem pública e proporcionar um ambiente seguro à toda coletividade. Vale lembrar, que muitos dos juízes, promotores, jurados e defensores que compõem esses plenários margeados por barracos, são agentes da lei na ativa, que exercem esses papéis de deuses em seus horários de folga. Portanto, os órgãos repressivos em que atuam quando estão de serviço, são os mesmos que deveriam regular os seus passos e coibir ou investigar e elucidar os seus crimes.

Acredito, que não haja no Brasil, um fator que contribua de forma mais significativa para modelar o sentimento de impunidade de um assassino, do que portar uma carteira de identidade policial.

Nos lugares sem o domínio das milícias, aqueles que se sentem acuados pela violência quebram a lei do silêncio e ligam para o 190 para fazer denúncias anônimas, já moradores das comunidades tiranizadas pelos homens pagos pela nação para servir e proteger, não perdem tempo com tal prática.

A noção delineada na própria pele, sobre o tamanho da cumplicidade entre os membros de todos os graus hierárquicos da segurança pública, os impede de recorrer ao Estado em busca de socorro contra os seus soldados covardes. Sabem que não é lá muito inteligente ligar para a polícia na esperança de que a própria polícia prenda elementos que incorporam os seus quadros de funcionários. Sabem que não é lá muito sensato, fazer queixas esperando que os algozes sejam processados administrativamente e recebam penas disciplinares ou sejam exonerados, por terem apresentado condutas incompatíveis com os seus cargos.

No nosso belo e ensolarado país, nenhum oficial perde a patente por humilhar, espancar, roubar, chantagear, torturar e matar pobres, pois tais atitudes são consideradas bem compatíveis com a filosofia do uso "legítimo" da força.

Quem vive nesses locais, não pode se dar ao luxo de confiar nos termos: autonomia e independência. Na dúvida, o recomendável para a manutenção da saúde, é acreditar que existem ligações orgânicas entre as Ouvidorias de polícia e os policiais civis e militares. Na dúvida, o recomendável é pensar, que não há isenção dos corregedores na apuração das infrações penais de seus colegas de profissão e

que não e nada seguro encaminhar reclamações ao Ministério Público. Aquele, que através do Disque Denúncia, divulga os nomes dos que usam distintivos para violar os direitos individuais e coletivos da população carente com atos violentos, desonestos e indecorosos, não faz outra coisa, se não marcar a data e o horário de seu enterro.

Numa sociedade corrompida, onde as organizações policiais primam pelo corporativismo, é impossível crer, que um denunciante estará seguro após dar seu depoimento. Mesmo que ele seja inserido em um serviço de proteção a testemunhas, ainda assim, o risco de morte é eminente, afinal, delegados terão ciência de seu paradeiro. Nessas circunstâncias, quais as chances reais de seu novo endereço ser mantido em sigilo, daqueles que objetivam o seu velório? Será que um membro da escolta ousaria se pôr na frente de projéteis de 357, para defender o acusador chave de um processo criminal contra um compadre de estande de tiros?

Outro comentário bem oportuno a se fazer em relação aos julgamentos ocorridos em áreas esquecidas, é que existe um grande diferencial entre os fatores motivacionais das facções e os do crime organizado da polícia descaracterizada. Os tribunais do tráfico, amplamente demonizados nos meios de comunicação, punem os informantes, os estupradores e aqueles que roubam da irmandade, já a magistratura dos robocops, penaliza os que não podem contribuir financeiramente com a sua usurpação.

Os xerifes são detentores de um poder absoluto sem paridade num morro carioca, em qualquer período da história. Essa demonstração de força, inédita no Rio de Janeiro, deve-se sobretudo ao apoio incondicional e a conivência dos governos municipais, estaduais e federal.

Vou citar um exemplo bem simples, que demonstra a dimensão do conluio entre legislativo, executivo e as legiões de genocidas. Alguns morros são invadidos com a colaboração de policiais fardados e com o apoio tático do famigerado caveirão. E mais, quando o aparato estatal não é utilizado no exato momento da ofensiva invasora, significa que no dia anterior a ela, uma operação oficial já foi realizada, com o nobre intuito de abrir caminho para as infantarias ilícitas. Com toda a máquina repressiva legal à disposição, é fácil concluir, que uma favela ocupada por milicianos, jamais será reconquistada por outras quadrilhas ou pela própria população.

Os supostos salvadores da pátria exercerão mandatos vitalícios. Aliás, é bom que se diga, que as autoridades e parte da sociedade civil, não fazem nenhuma objeção à esse domínio longevo. Uma: porque sempre foi a vontade do burguês instalar bases e infiltrar representantes para barbarizar o solo inimigo e duas: porque há décadas a falta de controle sobre as favelas da cidade maravilhosa tem sido um assunto indigesto, que os nossos amaldiçoados líderes engolem à seco.

Para os nossos amaldiçoados líderes, é uma questão de honra, recuperar de qualquer forma o título de posse dessas terras. Afinal de contas, um cenário com quadrilhas não subordinadas aos seus comandos, ditando as regras em qualquer ponto geográfico, representa além de uma derrota vexatória, um certificado de incapacidade política e de má gestão do dinheiro público.

A aprovação aos exércitos clandestinos é tão acentuada, que alguns governantes despudorados chegam a declarar; se tratar de grupos de autodefesa das comunidades e de um mal menor do que os traficantes. Não é difícil compreender, o porquê de tal afinidade e aceitação. As milícias são uma espécie de braço oculto da lei e da playboyzada! As milícias são um tipo de tentáculo da segurança pública, usado para fazer o serviço sujo do serviço sujo. Esse apêndice da tirania dos endinheirados, carrega uma procuração não escrita de todos os ditos cidadãos "honestos" da elite, para pôr em prática a sua tão sonhada esterilização socioeconômica em larga escala.

A alta classe enxergou nesse novo segmento de homicidas, uma oportunidade de ouro, para erguer das cinzas das ruínas ocasionadas por sua violência, a almejada civilização constituída por pessoas ricas e de pele branca.

O emprego das milícias nos morros do Rio de Janeiro, se apresenta como a maneira ilegal de se aplicar de forma legal (para o governo e afins), a **Solução Final Brasileira.** É a chance única, esperada por assassinos sociais há tempos, de harmonizar a eliminação cm massa de inocentes, com a impunidade dos mentores intelectuais da façanha.

Não é de hoje, que os ideólogos eugenistas nacionais entendem, que bem mais eficaz do que tentar o aperfeiçoamento genético de uma etnia através do cruzamento dos "melhores" da espécie, é promover o holocausto daqueles que não atendem as especificações de sua dita "raça pura".

Os projetos originais de dizimação total dos pobres estavam meio que engavetados, porque sempre esbarraram em problemas funcionais e burocráticos. Por mais que os parasitas das mansões sejam psicopatas, eles nunca tiveram culhões para apertar os gatilhos. Sendo assim, como alternativa para a falta de coragem, a solução encontrada para a realização de seus anseios, foi delegar a matança a terceiros.

Na gana de matar a fome voraz por carne humana, os antropófagos idealizaram e direcionaram aos bairros carentes, duas opções extremamente mortíferas: o programa de autodestruição e o de assolamento oficial.

Dentro das pretensões lúgubres dos boys, a auto aniquilação parecia ser uma fórmula de devastação muito promissora. Para que houvesse um congestionamento de carros funerários, bastava adicionar ao cotidiano acachapante de penúria das crianças, uma mistura explosiva que incluísse granada de mão, metralhadoras, pistolas automáticas e um manual com os principais capítulos da cultura do ódio. Essa técnica de extermínio até que deu retorno, porém, não o suficiente para inibir o apetite insaciável dos canibais.

Com os resultados insatisfatórios do plano A, as atenções se voltaram ao plano B: a carnificina legalizada.

A matança efetuada nas madrugadas por policiais, inegavelmente exibia um potencial muito superior a auto aniquilação, para atender a demanda da nobreza nacional por cadáveres. Exímios matadores, os racistas fardados não tenham as menores dificuldades em cumprir as tarefas transmitidas por seus amos. Tudo correria de vento em popa para os milionários, se não fosse por um pequeno empecilho: os seus pistoleiros de aluguel não podiam ultrapassar muito mais do que

já ultrapassam, os limites aceitáveis pelos órgãos internacionais.

Aumentar em demasia o morticínio legal não era viável, pois acarretaria em alguns resultados negativos como: as manchetes bombásticas nas primeiras páginas de todos os jornais conceituados do planeta.

Esse tipo de exposição, poderia ser catastrófica! Poderia gerar repúdio, cobranças e sanções por parte dos países desenvolvidos. Desta forma, o mais "sensato" para os opressores, foi se conformar por um tempo com a quantidade de miolos espalhados pelo morticínio dentro das leis, por mais que ela estivesse bem aquém de suas expectativas.

As experiências malsucedidas deixaram claro, que para a extinção por completo dos indesejáveis, seria necessário que os ricos tivessem além da polícia, um exército irregular à sua disposição. Seria necessário que os ricos tivessem um batalhão de mercenários, que pudesse transitar com liberdade pelas áreas de risco, sem ter os seus atos abomináveis questionados ou repreendidos. Seria necessário que os ricos tivessem uma tropa formada por soldados que não precisassem se preocupar com prisões, julgamentos e condenações e que agissem em sintonia com as forças de segurança oficiais e com o governo, sem que as suas ações em conjunto fossem detectadas pelos institutos mundiais de direitos humanos. Era preciso que os endinheirados tivessem as milícias!

Depois de açudes de lágrimas transbordados e de inúmeras tentativas aniquiladoras frustradas, finalmente estava encontrada a maneira mais eficiente de se promover uma limpeza social, sem deixar respingos de sangue inocente em ternos engomados de homens bem-nascidos, em fardas de chefes de polícia e em camisas de seda de políticos.

São raros os homens no mundo que ostentam o privilégio de matar livremente, sem serem acusados ou punidos por seus feitos hediondos.

Os criadores das milícias tupiniquins devem ter sido nomeados cavaleiros brasileiros honoríficos pelo presidente da república. Devem ter recebido a mão de muitas filhas de parlamentares em casamento, por desenvolverem o método mais rápido e seguro de um governo promover suas medidas genocidas secretas de "combate à criminalidade", sem arranhar a sua imagem e sem se envolver diretamente.

A falsa cruzada contra o banditismo usada pelos milicianos, não passa de um plágio dos modus operandi dos administradores do poder público.

No Brasil, a luta clichê "contra a violência", sempre legitimou as chacinas estatais nas periferias. Desde que se entende por gente, o cidadão comum é doutrinado a acreditar que segurança pública e necropsia são sinônimos.

Adestrar pessoas ingênuas a crerem que os fins justificam os meios, evita que algumas indagações desagradáveis sejam suscitadas. Como por exemplo: porque em nosso país, é preferível se gastar fortunas com a construção de presídios e cemitérios, do que com edificações de escolas e salários de professores? Porque será, que especialistas e estudiosos burgueses da barbárie, julgam ser mais coerente pulverizar os efeitos e não as causas?

Diante de uma nação formada por 10% de assassinos e cúmplices e quase 90%

de reféns da deseducação, a classe dominante se tornou licenciada, para através de suas leis, policiais e grupos paramilitares, ceifar à bel prazer as vidas prematuras das crianças que ela deveria amar, proteger e educar.

Ao inalar o odor emitido pelos corpos decompostos, aqueles que se recusam a aclimatar-se ao holocausto, são levados à um questionamento introspectivo. Em meio as crises de rinite, provocadas pelo perfume da morte no ar, ponderam e tentam intuir, em que pilar se equilibraria a lógica doem:2 para tamanha faxina étnica e social. Perguntam-se: a explicação estaria na intolerância com as diversidades? Ou simplesmente na psicopatia?

Creio que a resposta possa até comportar essas duas especulações, mas na minha visão, a principal justificação, é sem sombra de dúvidas, a ganância. Arrasar vidas significa; absolutismo, já, respeitar direitos e liberdades individuais, corresponde; a divisão de poder.

Estamos em um país, em que os seus dirigentes optaram por erguer matadouros ao invés de templos do saber, não só por ignorância, psicose ou racismo, mas principalmente por cobiça.

O mais trágico ao fazermos uma fria avaliação sobre essa intensa hecatombe alicerçada na ambição, é verificarmos, que a finalidade dos que a produzem, é alcançar a lucrativa honra de conduzir o destino da nação! Congratulações aos playboys! Eles lograram êxito em sua empreitada! E daí? Uma vez de posse do controle da pátria, quais foram as realizações positivas desses vermes? Nenhuma.

Os pobres foram impedidos à pólvora de se aproximar do leme da embarcação, para que os ricos provocassem o seu naufrágio. A sua gestão fraudulenta, nos atolou na condição inalterável de terceiro mundo. A sua gestão fraudulenta, nos atolou na condição de país atrasado cientificamente, tecnologicamente, economicamente, culturalmente e politicamente, nos atolou na condição de país conhecido no mundo inteiro, apenas pela violência, futebol, carnaval e por ser um dos maiores exportadores do planeta de crianças destinadas à prostituição infantil e a extração de órgãos.

O homem rico deveria ter vergonha de se olhar no espelho, sabendo que todo o subdesenvolvimento do Brasil, é reflexo de sua absoluta inoperância no papel de líder.

Algumas pessoas pobres cometem o enorme erro de se incomodar com as críticas internacionais a respeito de nossa falência como sociedade. Antes de vestirmos a carapuça, é vital lembrarmos, que a partir do momento em que nos subtraíram os recursos para a nossa ascensão pessoal, cultural e profissional, levaram com eles a responsabilidade sobre a situação constrangedora onde se encontra a terra estupidamente feliz. Numa colisão entre veículos, a culpa recai sobre o condutor e não nos passageiros. Ainda mais naqueles que foram acomodados no banco de trás. Portanto, os termos: incompetentes, selvagens, violentos, promíscuos, corruptos e antiquados pertencem inteiramente aos boys.

A última coisa que pretendo fazer em minha vida é ser advogado do diabo, mas diferente dos poderosos, eu tenho a verdade como princípio. Por esse motivo, não posso negar aos nossos ilustres endinheirados, um atenuante por seu monumental

fracasso administrativo. Nunca, nenhum porta-voz da realeza subiu numa tribuna e nos informou, que os porcos exterminavam os povos das camadas desprivilegiadas, para que o Brasil fosse incluído no grupo dos países mais industrializados. Nesse ponto eu tenho de ser justo, em todo tempo, a conduta dos nobres nacionais foi bastante transparente. Em época alguma eles se furtaram de deixar **claro,** que os bairros miseráveis eram e são devastados por lucro e não em nome da evolução e progresso da nação.

Em algumas "memoráveis" ocasiões, a mortandade como negócio se mostrou tão agigantada em nosso país, ao ponto de impressionar até mesmo os que já estão habituados a conviver diariamente com tragédias mais dantescas provocadas pela plavboyzada.

No baú das más recordações, entre tantas lembranças ruins, uma especificamente merece ser revivida por dois motivos: por ter se tornado emblemática no quesito "limpeza social" e por carregar uma grande carga premunitiva. No momento em que escrevo está obra, muitos brasileiros vivem a expectativa da Copa do Mundo e das Olimpíadas. Ao tempo em que os endinheirados soltam rojões e fazem contagens regressivas, eu prevejo a tempestade de desgraças que se abaterá sob as cabeças dos excluídos. Não é que eu não seja um amante dos esportes, é que eu já assisti esse filme e não gostei nenhum pouco do final.

Há alguns anos atrás, os cariocas sentiram na carne as consequências do Business equilibrado na trucidação de favelados. O matar salutar para as finanças, ficou mais do que visível entre os dias 13 e 29 de julho de 2007. Mais precisamente, na realização dos jogos Pan-Americanos do Brasil, o "acamado": Pan do Rio.

Só a título de esclarecimento: os jogos Pan-Americanos são uma espécie de segunda divisão das Olimpíadas. É o "mega evento" do esporte, onde os atletas de primeira grandeza não costumam dar o ar da graça nas competições. Para os governantes, os jogos funcionavam como uma espécie de vestibular, para que o Brasil demonstrasse aos inspetores da Fifa que o país reunia condições estruturais para sediar a Copa do Mundo de 2014 e também para que os indivíduos da oligarquia do Rio de janeiro o usassem como uma vitrine, para exibir ao Comitê Olímpico Internacional (COI), que a cidade estava apta a organizar as Olimpíadas de 2016.

A desconfiança popular em relação aos gastos bilionários com o espetáculo, logo foi contornada através de propagandas governamentais, que expunham os "benefícios" que o povo herdaria antes, durante e após o fechar das cortinas. Alguns dos prêmios de consolação para as personas non gratas nas arquibancadas do estádio e dos ginásios olímpicos seriam: a melhoria do transporte público, bairros urbanizados, novos e modernos equipamentos de segurança e a geração de milhares de empregos. Infelizmente, a herança deixada aos excluídos da lista de convidados da festa, não foi tão agradável conforme o prometido!

Alguns dados históricos revelam, que na Grécia antiga, os jogos olímpicos eram realizados com o objetivo mítico e fúnebre de reverenciar os mortos. Tenho que tirar o chapéu para as autoridades brasileiras, pra a minha ingrata surpresa, os batalhões de covardes comportavam profundos historiadores! Os maníacos

captaram, como poucos, o espírito e a essência do passado e deixaram como legado para as comunidades carentes, dezenas de famílias homenageando seus falecidos em missas de 7º dia. Deixaram dezenas de mães desconsoladas e confusas, tentando compreender o porquê da perda banal de um filho sem antecedentes criminais.

O ponto central do projeto de "embelezamento" da cidade, confeccionado pelos medalhistas em tiro ao alvo, era tirar do raio de visão de um grupo seleto da humanidade, os favelados, os mendigos, os pedintes, os menores abandonados, os viciados, os vendedores ambulantes, os flanelinhas, enfim, todos os negros e os pobres.

Dias antes do tiro de largada da maior celebração poliesportiva já realizada em nossa pátria, o governo carioca, com total apoio do governo federal, deu início a sua faxina. **Com** a "singela" intenção de testar a eficácia da segurança do Pan, que tinha como missão proteger 5.662 atletas e mais de 300 mil turistas, um comboio de 1.350 homens, entre policiais e soldados da força nacional de segurança, invadiram o Complexo do Alemão e deixaram um saldo de 19 mortos (segundo dados oficiais). Esses números são contestados pelos moradores locais. De acordo com a versão das testemunhas oculares, o relatório da Secretaria de Segurança omitiu pelo menos 11 cadáveres. Acredito cegamente nas palavras das testemunhas pobres!

Um laudo produzido pelo médico-legista Odoroitton Larocca Quinto, encomendado pela Comissão dos Direitos Humanos da Ordem dos Advogados do Brasil, concluiu que a maior parte das vítimas, reunia sinais claros de execução.

Será que uma nação civilizada, massacraria 30 compatriotas para que turistas brasileiros pudessem tomar água de coco e comer prostitutas na beira da praia?

Será que uma nação civilizada, construiria instalações esportivas usando ossos de sua gente como tijolos, para que turistas brasileiros pudessem torcer por seus conterrâneos?

E impossível precisar quantas foram as baixas ao longo dos 17 dias de competição, entretanto, não é difícil calcular o que tenha sido a carnificina. Para chegarmos próximos da cifra macabra, basta usarmos como referenda, a matança ocorrida nos períodos que antecederam a cerimônia de abertura.

O país que chacinou dúzias de pobres para criar uma imagem impecável de seriedade e honestidade, é o mesmo que orçou inicialmente o Pan-Americano em R$ 409 milhões e gastou aproximadamente R$ 5 bilhões.

As 2.252 medalhas disputadas, tiveram apenas a cor azulada dos corpos entrando em estágio avançado de decomposição. Os únicos recordes quebrados, foram os de sadismo e de animosidade de uma pátria para com o seu povo marginalizado. O local apropriado para a solenidade de encerramento sem um necrotério e não o Maracanã, onde Garrincha fez a alegria do povo.

O hábito maquiador governamental, é bastante familiar pra mim. Conheço bem algumas dessas técnicas sórdidas, que visam manter a sujeira em baixo do tapete, para que os gringos não a vejam. Moro há uma distância razoável da região de Interlagos. Na véspera do grande prêmio do Brasil de fórmula 1, é hilário assistir os funcionários da prefeitura providenciando desesperadas reformas às pressas, tentando disfarçar as agruras das imediações da pista, pintando os muros do

autódromo e as faixas de sinalização para motoristas e pedestres.

Ou os nossos “amados" líderes são muito burros ou são descarados ao extremo, pois não é preciso ser urbanista para saber, que tais obras nunca produzirão os efeitos esperados. Aliás, nesse caso, elas contribuem para retratar justamente o oposto. Mesmo com todo o empenho de nossos ignóbeis dirigentes, os reparos de última hora não apagam das retinas dos estrangeiros as favelas da vizinhança, as pessoas humildes transitando pelas ruas e a localidade onde a prova acontece. Gastam centenas de galões de tinta e se esquecem de que grande parte dos turistas chega ao evento de helicóptero, sobrevoando todas as áreas devastadas pela guerra da desigualdade social. O trabalho de camuflagem é tão primário e ineficiente, que eu acredito que os pilotos devam até correr com um equipamento adicional, exclusivo para a etapa brasileira: um colete a prova de balas por baixo do macacão.

A quem os governantes hipócritas pensam que enganam, com essas tentativas inúteis de mascarar uma filial do inferno? As amebas que nos guiam para o abismo, creem que isolar os indesejáveis em morros, bairros periféricos, presídios ou em mesas de autópsias durante acontecimentos de repercussão planetária, faça com que os estrangeiros engulam a sua propaganda falsa de país seguro, organizado e confiável. Presumem que com esse artifício, revigoram a reputação brasileira no exterior, diminuem o risco Brasil e persuadem investidores a avistarem em nossas florestas, um porto seguro para as suas fortunas.

As “autoridades” deveriam adotar outras medidas para esconder o seu verdadeiro país. Já que não investem em programas sociais e na educação para conter a violência, deviam eliminar todos os meios de comunicação que pudessem noticiar as nossas desgraças cotidianas. Ou melhor, nos aeroportos, eles poderiam aplicar nos olhos dos visitantes internacionais, um colírio que os impedisse de enxergar. Só com milhares de litros desse colírio mágico, a pobreza que cresce como fungos no cimento frio da selva de pedra, seria ocultada.

Ao abordar esse tema complexo, é impossível não se fazer uma nova pergunta: se a miséria do povo os envergonha tanto, porque ao invés de realizarem manobras mirabolantes para encobri-la, não desenvolvem políticas públicas para extingui-la?

Os órgãos repressivos do Estado, legais e irregulares, foram autorizados para varrer do mapa todos aqueles que não atendem aos requisitos financeiros determinados e ao modelo de excelência internacional do ser humano perfeito.

A sentença de morte, sem direito a apelação, deve ser proferida sem exceção, a todos que não apresentem um certificado de alto padrão e o biótipo europeu ou norte-americano.

As artilharias pesadas dos burgueses tentam apagar a força, que somos a nação fora da África com a maior população de origem africana do mundo. Os ignorantes que manifestam profunda aversão aos semelhantes segregados, esquecem que mesmo enterrando todos os negros e os menos favorecidos, ainda assim, os assassinos e os mandantes serão mestiços. Esquecem, que por mais sangue inocente que carreguem nas mãos, ainda assim, a afrodescendência não será extirpada de seus corpos. Sempre existirá um elo genético entre as classes sodais.

Além da aliança biológica transmitida por antepassados comuns (o sr de

escravos estuprador e a escrava estuprada), os racistas dos condomínios de luxo terão de conviver a contragosto com uma outra realidade; se as **crianças** da periferia não se enquadram nos moldes dos países ricos, as da classe AAA também não passam pela peneira racista primeiro-mundista.

É provável que um dia, os membros da segurança pública, os políticos, as milícias e a playboyzada tenham êxito em sua desprezível limpeza socioeconômica. Nessa data apocalíptica, eu gostaria muito que houvesse vida após a morte, para que do céu, do purgatório ou do inferno, eu pudesse testemunhar os seus semblantes de frustração, ao concluírem que todo o seu esforço destrutivo foi em vão. Ao concluírem que tamanha dizimação covarde, não alterou uma vírgula da concepção das pátrias desenvolvidas sobre o Brasil. Ao concluírem que para os estrangeiros, os esnobes preconceituosos locais continuam sendo macacos saídos de bosques latino-americanos.

Para o playboy brasileiro ter a noção exata de como os olhos dos gringos o veem e o verão, mesmo depois de que, porventura, seu programa de extermínio seja concluído, basta lembrar de como os seus olhos enxergam a legião de crianças e adultos abandonados pelas ruas. O sentimento de nojo e repulsa nutrido contra a mulher malvestida, com cabelos sem pintura, unhas por fazer, calçando chinelos de dedo, um pé de cada número e segurando um recém-nascido sob um sol de 40 graus para comover motoristas em troca de míseras moedas, é o mesmo sentimento que os estrangeiros sentem e sempre sentirão pelos membros da elite nacional.

Felizmente, para o Ministério dos Esportes, para as empreiteiras e para as redes hoteleiras, o vestibular do Pan-americano deu frutos duplos. O presidente da Fifa, Josefh Blater, abraçou o xaveco e anunciou em uma cerimônia ocorrida em Zurique, na Suíça, o país da **Guerra Não Declarada** como anfitrião da Copa do mundo de 2014. Da mesma forma, em uma eleição realizada em Copenhague na Dinamarca, a cidade do Rio de Janeiro foi escolhida pelos membros do Comitê Olímpico Internacional, para sediar os Jogos Olímpicos de 2016. Suo frio, só de imaginar o que os governantes já devem estar arquitetando para que os nobres visitantes não "firam" as suas frágeis íris azuladas, tendo de encarar os habitantes de barracos.

Nas ruas brasileiras um fato atípico marcou o ato de proclamação da escolha do local do maior evento futebolístico do planeta: a indiferença. A apatia do povo humilde em relação a novidade, comprovou apenas uma coisa: que o morticínio do Pan do Rio, não passou despercebido. Nessa "feliz data", foi impossível flagrar expressões de euforia nos rostos dos cidadãos comuns. Contrariando as tradicionais comemorações populares, não houve queima de fogos nas periferias, discursos inflamados e tão pouco caravanas de trios elétricos comandando carnavais fora de época. Ainda bem que não ocorreu nenhuma micareta, se não teríamos que nos deparar com as costumeiras sessões de tortura que acontecem em Salvador, para que os favelados não se aproximem das cordas que circundam os que podem pagar por um abadá.

Em relação as Olimpíadas, é bem verdade, houve um pouco mais de celebração e entusiasmo. Porém, nada de saltar os olhos. Ninguém é bobo. Todos nós invisibilizados sabemos, quais são os propósitos aterradores escondidos nas letras

miúdas dos tais eventos. Qualquer pessoa com pleno funcionamento do hemisfério cerebral esquerdo (parte responsável pelo raciocínio lógico), é capaz de antever o que virá pela frente. Qualquer pessoa com pleno funcionamento do hemisfério cerebral esquerdo, é capaz de deduzir que a parcela pobre da pátria de chuteiras, terá de se transformar na parcela pobre da pátria do tênis running, para correr das cusparadas das submetralhadoras ponto 40 da polícia.

Falando em cérebro, é bom que o hemisfério direito (responsável pela criatividade) também esteja em dia nas caixas cranianas dos moradores dos guetos nesses dias "esportivos", afinal, todas as pessoas de menor poder aquisitivo precisarão inventar seus próprios modelos de arca para sobreviver aos dilúvios de lágrimas.

Esclareço, que esse tremendo desinteresse coletivo, não se justifica apenas pelo temor a violência estatal. Saber que haverá uma festa na sua vizinhança exclusiva para forasteiros, onde a sua entrada não será permitida, com certeza não é motivo para fazer nenhum mortal pular de alegria. É de conhecimento público, que pros filhos da exclusão social, a realização da Copa do Mundo e das Olimpíadas em nosso território ou no exterior, não faz a menor diferença. Com o salário que o trabalhador escravizado recebe, ele jamais poderá arcar com os custos de um ingresso para qualquer uma dessas festas do "esporte". Um sub-empregado não gritará gol dentro de um estádio na Copa do Mundo do Brasil, nem se tiver aberto uma conta bancária para poupar parte de seus ganhos mensais no dia do anúncio de Joseph Blatter. Com os rendimentos de um investimento realizado em cima de uma sub-remuneração monetária, com sorte, o personagem do meu exemplo, talvez lá pra 2038, pudesse ter a honra de assistir uma emocionante partida entre Uzurbequistão versus Belarus.

A experiência adquirida em 2007, nos mostrou que nessas ocasiões especiais e assassinas, o que sobra diretamente para os que estão abaixo da linha da indigência, são as lembranças póstumas e os santinhos acondicionados nas caixas de sapatos.

Esse é o preço pago para se herdar, algumas das benfeitorias em infraestrutura que as cidades sedes são obrigadas a providenciar, por chantagem dos órgãos do exterior.

Esse é o preço que será pago, para que os marginalizados se sentem nas arquibancadas padrão Fifa para acompanhar os embates dos campeonatos regionais, depois que os gringos se cansarem de vibrar com os nossos craques sob os holofotes do mega espetáculo internacional.

A taça e as medalhas mais cobiçadas do esporte mundial, precisarão de braços e pescoços bem fortes para sustentar seus respectivos pesos, pois estarão encharcadas de sangue.

Nos dias de hoje, é notório que ainda vivemos o início da faxina promovida pelas milícias em convênio com o governo e os carniceiros do topo da pirâmide, porém, na velocidade em que o expansionismo dos paramilitares avança por novos territórios, não seria nenhum delírio prever, que os idealizadores da Solução Final Brasileira um dia poderão completar a sua missão.

Estamos diante do que sempre se afirmou ser uma lenda: o crime perfeito. Não existem meios para anular o poder dessa associação nefasta.

Pergunto: que força o cidadão comum tem em suas mãos para combater o Estado fingindo não ser Estado?

Como é possível lutar contra tropas clandestinas do Estado, contando apenas com os mecanismos desse mesmo Estado para se defender?

Que instrumento legal o povo pobre tem à sua disposição, para conter uma organização inalcançável pela Constituição, pelos códigos penais e processuais, pelas pressões populares, pelos órgãos repressores tradicionais e pelas sanções políticas e econômicas da ONU?

Estamos diante do mais brilhante plano de extermínio de todos os tempos.

Os genocidas nacionais com as suas ações descentralizadas, transfiguradas em duelos entre quadrilhas, tornaram-se invisíveis e intocáveis até para a Corte Penal de Haia. Não existe uma instituição, um político ou homem de negócio a quem se possa imputar a culpa.

Os algozes quando assassinam, representam toda uma classe, contudo, quando miraculosamente são presos, como que por encanto, se convertem em bandidos agindo em prol de seus próprios interesses.

Morram de inveja líderes da Al-Qaeda, os terroristas da burguesia brasileira nunca serão confinados na prisão de Abu Ghraib ou no Campo de Detenção da Baía de Guantánamo.

Marginalização e Linchamento Físico e Moral

Os opressores são como Pit Bulls, enquanto o corpo se mexe, eles mordem e arrancam todos os pedaços possíveis. Os maiores psicopatas não são os que ostentam os currículos mais extensos de assassinatos, mas os que são capazes de oferecer o grau mais elevado de dor às suas vítimas.

Bem mais torturante para um povo do que ver a sua nação favelizada, é sentir na pele a criminalização incabível de todos os moradores das regiões favelizadas. É ter de engolir a seco, a amargura deixada pela violência psicológica, que lhe atribui culpas que não condizem com o seu comportamento. E não poder se defender das baterias covardes dos atentados contra a sua moral. É ser culpado, mesmo que se prove ao contrário.

Os que se nutrem dos tecidos mortos e da necrose cerebral de parte dos menos favorecidos, não se dão por satisfeitos com as incisões dos legistas. As suas anemias por falta de defuntos decompostos, só são atenuadas com as incisões realizadas nas almas de suas presas. Os seus alvos indefesos devem sofrer sérios ferimentos nas carnes e nos espíritos. Devem sofrer linchamentos físicos e morais. Igualmente aos machucados nas peles, as suas reputações devem ser soterradas pela lama dos preconceitos, das injúrias, das calúnias e discriminações. De acordo com o ideário dos assassinos sociais, na falta da lesão corporal dolosa, a agressão verbal deve ser intensa e atuante.

Os enquadros da polícia podem até ser esporádicos, mas não as afrontas produzidas pela intolerância dos mais abastados. Podemos passar um dia sem sermos constrangidos em enquadros vexatórios, porém, não podemos ficar um minuto sem fazer uso de uma etiqueta de "inferioridade".

Os rivais dos excluídos sabem que o sofrimento que antecede o momento de um falecimento, dura minutos ou no mais tardar horas.

Já o sofrimento que precede o dia do falecimento, pode ser estendido por anos ou décadas. A ideia do playboy **é** justamente essa: alongar o martírio dos flagelados. Açoitar pelo maior tempo possível, as costas dos anulados sociais, com as tiras da estigmatização. Ele não quer barbarizar o seu inimigo somente por horas, ele quer descamá-lo por dentro e por fora, por longuíssimas temporadas. Antes de atirar em nossas cabeças, ele quer praticar crimes contra as nossas honras. Ele quer nos ofender de todas as formas. Como um o tabagista que necessita do último trago, o viciado em desgraças alheias necessita que a uma funerária "doada" seja ocupada por um corpo aniquilado em todos os sentidos. Por um corpo repleto de perfurações na pele e no caráter.

Para que o ponteiro que marca o nível da satisfação pessoal do playboy fique

parado no ponto máximo, é preciso que a denominação: favelado seja sempre acompanhada de adjetivos de teor altamente depreciativo. É preciso que o vocábulo: favelado abranja muito mais do que homens, mulheres e crianças em estado de miserabilidade total. E preciso que esta palavra esteja conexa a todo tipo de desvio de conduta e moral.

Nenhuma guerra é uma guerra de fato, sem a presença do dispositivo da difamação. Todos os grandes massacres históricos, foram legitimados por meio da técnica da rotulação de adversários. Devemos matá-los, porque são perigosos! Devemos matá-los, porque não acreditam em Deus! Devemos matá-los, porque são geneticamente inferiores!

Não existe mecanismo mais eficaz para a autorização de uma ofensiva, do que macular a imagem de um adversário diante da opinião pública. Do que criar modelos de monstros, que "precisam" ser jogados aos pedaços em covas rasas.

No regime eliminacionista brasileiro, não é diferente. Para que os enterros dos anulados sociais não fossem e não sejam questionados, todos os que integram os cinturões de miséria foram marcados pelo carimbo da marginalização. Após um longo processo difamatório, o rico local conseguiu a proeza de fazer da escassez econômica, um sinônimo de má índole. Nos dias de hoje, os que se abrigam em casebres insalubres em áreas de risco, mais do que serem considerados cidadãos de segunda classe, carregam sob os ombros, a sombra da vadiagem, do banditismo e da promiscuidade.

No século XXI, os aprisionados nas trincheiras clandestinas, não são considerados apenas pessoas de baixa renda. Na classificação generalizada da burguesia, eles são seres corrompidos, obscenos, pervertidos, ignorantes e extremamente violentos! Na ótica do Brasil embranquecido, todo nordestino é burro, toda mulher da periferia é vagabunda, toda criança pobre é degenerada, todo negro é ladrão, traficante ou sequestrador, todo barraco é um depósito de entorpecentes e de armas e toda favela é um ponto de tráfico.

Por mais que as chances sejam remotas, há possibilidades reais de se fugir ou até de se bater de frente com um braço armado do Estado e da burguesia. Não são raros os episódios, em que viaturas tiveram de pôr marcha ré na entrada de uma favela e sair em desabalada carreira. Entretanto, não possuímos qualquer sistema de defesa contra artilharia difamadora do burguês.

As trincheiras favelizadas, famosas por não garantir as nossas integridades físicas, também fracassam na missão de assegurar a nossa devida integridade moral. Os conjuntos populares formados pelas moradas, que por lei deveriam ser asilos invioláveis dos indivíduos, falham na proteção de nossas honras, mesmo tendo os indicadores dos próprios institutos de pesquisa dos endinheirados a seu favor. Falham, mesmo tendo ao seu lado os indicadores estatísticos que apontam que; apenas 1% dos ocupantes dos assentamentos descritos como ilegais, cometem delitos.

As paredes de compensado que não funcionam como redomas protetoras contra as intempéries climáticas, funcionam menos ainda, quando se trata das verborragias que saem das línguas ferinas, que visam retaliar a dignidade de seus

moradores. Não existe nenhum tipo de revestimento material ou jurídico que nos proteja das ofensas e falsas acusações disparadas pelos donos de carros blindados.

Tanto faz a maneira honesta em que nos comportemos, o que vale como verdade absoluta para a sociedade racista, é a visão **dis**torcida da aristocracia nacional a nosso respeito. As falsas provas testemunhais e circunstanciais dos boys, tem muito mais valor probatório, do que as provas reais de nossas inocências. A High Society não carece de dados científicos para estabelecer, que segundo a sua presunção, todo ser humano de poder aquisitivo modesto, em sendo do sexo masculino, é um gangster em potencial e em sendo do sexo feminino, é uma propensa prostituta. Para tanto, necessita apenas da comprovação oferecida pela estupidez de seu preconceito.

Aqueles que têm o controle social nas mãos, recebem o direito indecoroso de esculpir o formato do jogo e delinear o estereótipo dos jogadores. No game pardal, somente o lado dos poderosos pode interagir direcionando a condução das partidas, os seus resultados e as características dos derrotados. No game parcial, os negligenciados atuam apenas como os avatares do Xbox, são criados e personalizados da forma que os controladores julgam mais conveniente.

Bom, já que há pouco mencionei, que conforme a playboyzada as favelas são pontos de drogas, vou aproveitar a deixa para escrever sobre o tema que responde pela maior porcentagem da criminalização que paira sobre os campos minados.

É mais do que importante para o habitante da periferia, saber que as substâncias usadas como objeto do apedrejamento moral de sua gente, são embaladas em outros invólucros além dos tradicionais pedaços de sacolas plásticas e dos pequenos recipientes. Já que mesmo sem revender ou tocar em uma grama de cocaína, todos nós favelados, sem exceção, ao sermos baleados por policiais somos traficantes, nada mais justo, do que a nação do artigo 33 por coação burguesa, **conhecer** as letras miúdas desse mundo. Nada mais justo, do que os taxados pelos órgãos de imprensa como: a praga do país descobrirem as farsas por trás da mítica "preocupação com a saúde pública. Nada mais justo, do que os taxados pela burguesia como: os inimigos do país descobrirem que a proibição das drogas nada tem a ver com solidariedade ou consciência estatal.

Por mais que todos os dias nos deparemos com os estragos causados pelas drogas, a noção geral dos pobres sobre o tema é bastante superficial. Conhecemos histórias sobre confrontos por pontos de venda, mortos em desacertos com a polícia, condenações, casos de overdose, vidas e famílias destruídas, porém não temos muita intimidade com o assunto. Nem mesmo a parcela daqueles 1% de despossuídos que se envolve em sua comercialização, faz a menor ideia de como e porque, o burguês as proibiu, as supervalorizou, as fez virar uma mania mundial e posteriormente, as fez chegar nas mãos de cada criança do planeta.

Sinto muito orgulho em escrever, que a única informação sólida a respeito da engenharia que mais põem granadas sob custódia de pessoas refenizadas pela penúria, nos foi transmitida pela música do gueto. Graças ao Rap nacional, tornou-se cultural nos bolsões de esquecimento, a atribuição acertada da culpabilidade sobre

a produção das drogas e a sua mega distribuição no atacado; aos grandes investidores milionários. Por conta do relato ritmado de iguais, praticamente todos os domiciliados nos metros quadrados desenhados pela mesquinhez dos anticristos brasileiros, aprenderam a reproduzir o básico:

- Nos morros, nas favelas e nos bairros miseráveis, não existem lavouras onde são cultivadas as matérias primas das drogas.

- Não há super laboratórios e nem estrutura logística para se fazer girar uma máquina tão complexa.

Em resumo: o estilo musical, tão marginalizado quanto os seus ouvintes, teve êxito total em difundir que os homens que dão fôlego à esse comércio valioso, definitivamente, não se enquadram no perfil de filhos das comunidades carentes. Dito de outra forma: os semianalfabetos munidos de canetas e microfones, fizeram com que todo favelado, do mais intelectualizado ao menos informado, se tornasse ciente e convicto, de que são os ricos que produzem e trazem os tijolos de drogas para serem desmembrados e vendidos no varejo pelos excluídos.

Pelo menos nesse ponto, só me cabe parabenizar todos os favelados brasileiros! Parabenizar os que se prontificaram a informar os seus semelhantes e os que deram ouvidos aos seus semelhantes.

Pelo menos nesse ponto, nem a alienação endêmica conseguiu sabotar a capacidade de comunicação e avaliação do coletivo periférico. É bem verdade que ainda somos ingênuos para velejarmos com segurança nos mares de sangue repletos de tubarões brancos, porém, essa demonstração múltipla de consciência já denota um tímido pontapé inicial rumo ao começo da reversão do afogamento em massa.

Recapitulando: quando se fala em transações envolvendo estimulantes, depressores e alucinógenos, todos nós sabemos que os playboys são, de longe, os grandes produtores, negociadores e beneficiários desse mercado! Até aí firmeza! Entretanto, a história tem bem mais páginas, do que as que são de conhecimento comum. Existem muitos mais dados sórdidos, do que os que configuram no imaginário popular.

As responsabilidades da burguesia em relação a esse tema, ultrapassam as atribuições popularizadas. A alta sociedade não é só a força motriz e consumista da indústria dos entorpecentes. A alta sociedade não é só a escória que transfere a sua culpa na questão, para os que são marginalizados pelo seu preconceito. Ela responde integralmente também por um título ainda mais grave: o de mentora e fundadora do narcotráfico nos moldes de violência como conhecemos em nosso tempo. Vou mais além, as famílias influentes são tão implicadas na constituição das características brutais desse negócio bilionário, que se não fosse irregular, o ramo da loucura por recreação apareceria patenteado com os seus nomes e sobrenomes nos Institutos de Propriedades Industriais (ou órgãos semelhantes) de cada país.

Abordar um tabu amplamente polêmico como as drogas, é muito proveitoso para a minha pessoa sob vários aspectos. Em um deles, a abordagem toma possível mostrar a minha posição sobre a vertente mais controversa do assunto, que diz respeito a sua legalização ou não e em outro me ajuda a explicitar alguns detalhes

sobre os mecanismos secretos que fomentam a guerrilha urbana mais fértil da atualidade nos quesitos: corpos desfigurados e caixões lacrados.

Vejo no esmiuçamento dessa questão, tão ocultada do domínio público, uma considerável chance de que seja reparado um pouco da épica inversão de valores, que há quase cem anos assola as nossas já tão devastadas vidas precárias. E uma oportunidade ímpar de jogar no ventilador, para que se espalhe com o vento, a verdade indigesta que comprova que no mundo em que se vende doses artificiais de desinibição, euforia, relaxamento, sonolência, anestesiamento e alegria, entre inúmeras outras sensações de prazer e alívio, os mocinhos são os bandidos e os bandidos são os mocinhos.

Desde a primeira página deste escrito, em momento algum eu me acovardei, fui omisso ou me mantive em cima do muro. Então, não seria logo agora, diante da lenda urbana mais inverossímil e inconsistente entre as várias que permeiam os nossos fronts de batalhas, que eu modificaria o meu comportamento.

E impossível ver uma criança estendida no chão, imersa na poça de seu próprio sangue, vítima das famosas incursões policiais para apreensão de drogas e não fazer um retrocesso mental e questionante à raiz da tragédia. Porque? Quando? Onde? Quem é o culpado? Quem foi o imbecil que optou por essa política de combate? Porque a adoção da repressão violenta, ao invés da convivência tranquila com essas substâncias? Porque alguns ingredientes drogantes são legais e outros não, se todos levam a destruição e ao óbito ao serem consumidos em excesso? Enfim, enquanto perduram os períodos de dor e angustia, não se pode impedir que muitas mentes sejam invadidas por avalanches de perguntas nessas direções.

Não ter as respostas que preenchem os espaços em branco do questionário, além de não ser vergonha, não desabona nenhum dos menos favorecidos. Dentro do nosso quadro fatídico de absoluta negação de cidadania, trata-se de uma ocorrência até natural! De uma ciência exata! Afinal, a falta do saber é o resultado direto da exclusão. Todos aqueles que analisarem o contexto em que os favelados subsistem concordarão, sem pestanejar, com essa minha alegação. Na verdade, aqueles que examinarem a fundo o atual modelo de conviviabilidade entre as classes econômicas brasileiras, não só participarão do meu ponto de vista, como concluirão que: surpreendente seria, é se fosse diferente.

E com muito pesar que comunico; que enquanto se mantiver intacto o regime de castas em vigor, a profunda ausência de conhecimento dos menos privilegiados a respeito dos temas letais que povoam as periferias nacionais continuará sendo inevitável! Antes de me aprofundar na temática das drogas, vou fazer um breve resumo do porquê de o nosso universo ser muito mais pontuado por interrogações, do que por pontos finais.

Todo marginalizado ao nascer, adentra em um país, que apesar de subdesenvolvido, já apresenta uma consolidada e imutável organização demográfica, política, cultural, ambiental, financeira e "moral". Como todos os seres mortais, aqueles que saem do ventre materno em meio à miséria, antes de ganhar um tapa na bunda desferido pelo obstetra, recebem de sua terra natal um pacote indigesto de boas-vindas. Este embrulho congênito vem recheado com: leis, regras, costumes,

tradições, privações, ditames, sentimentos, injustiças, regimes e discriminações de todas ordens.

Como já é sabido, os humanos descamisados não vêm de fábrica equipados com enciclopédias. Não estreamos no planeta com páginas do GOOGLE acopladas no lóbulo frontal do cérebro. Algo que, utilmente, nos possibilitaria realizar pesquisas sobre as incógnitas que nos foram transmitidas a força ainda na fase espermatozoidal. Por não virmos ao mundo equipados com esses opcionais de luxo, logo entende-se, que antes de termos idade suficiente para fazermos uso correto do SECOND LIFE versão real, ao qual fomos inseridos, seria apropriado que passássemos anos a fio estudando intensamente os seus incontáveis manuais de instruções. Pois só mediante a esse procedimento, os riscos de graves acidentes seriam diminuídos ou anulados. É aí que o bicho pega! Pra ser mais preciso, é justo na bendita hora em que a leitura dos explicativos do universo a nossa volta desponta como crucial para a manutenção da vida, é que percebemos a base de munições de fuzil, que o Software conhecido popularmente como: sistema no que tange a linhagem dos despossuídos, não oferece nenhum suporte técnico. Descobrimos em sacos pretos do IML, que nas situações de emergência, a nossa faixa populacional não conta com a segurança de um botão F1 para apertar e buscar ajuda.

Convertendo tudo o que eu escrevi de maneira metafórica para uma linguagem mais inteligível: ao encerramento dos trabalhos de parto, as nossas queridas mães pariram muito mais do que simples bebês. Elas deram à luz a criaturas destinadas a continuar um infame legado étnico-social. O legado inglório de herdar, não só todas as mazelas do matadouro chamado: Brasil como também a sua recusa em detalhar o conteúdo do que fora herdado. Taí a ciência exata que institui a desinformação como um estado natural dos excluídos.

Como pudemos notar no decorrer desse pequeno texto, as muralhas de interrogações que circundam os nossos purgatórios, se equilibram sob um pilar bastante simples: o da lógica da coerência. Não há como compreendermos a dimensão das desgraças recebidas por hereditariedade, se não fomos e não somos civilizados com cultura e normas pedagógicas de qualidade, fornecidas por nossa própria pátria. É impossível dominarmos temas, que em tempo algum, nos foram explicados.

Para que conheçamos o tal universo que por má vontade nos acolheu, é mais do que necessário que nos apresentem a narração escrita dos fatos ocorridos no passado. De preferência, é vital que nos cedam um dossiê completo e minucioso, contendo todas as biografias dos personagens notáveis que o construíram ou o destruíram. Ao contrário disso, como dizemos na gíria, ficamos de chapéu em relação a atmosfera sombria ao nosso redor!

Ninguém nasce sabendo, quais são as disciplinas imprescindíveis para a sobrevivência no emaranhado de informações. Ninguém nasce sabendo, quais são os males que habitualmente nos devoram e os seus respectivos antídotos. E muito menos, ninguém nasce sabendo, como a engrenagem que rege a humanidade é operada. Acredito que nem os paranormais sejam capazes de absorver conhecimento estando atrelados à estatutos, regimentos, regulamentos e instituições

que não manifestam interesse em ensiná-los e orientá-los.

No caso das drogas, observo na periferia, que a falta da relação recíproca: "educar e aprender" nos faz usar um chapelão de modelo mexicano. Dos fenômenos bizarros que eclodiram por culpa da deformada socialização do saber nacional, sem sombra de dúvidas, um dos mais significativos está em curso neste exato segundo, em todos os bairros invisíveis do território verde e amarelo. No fenômeno singular que me refiro, milhares de pessoas em estado de completa leiguice, permanecem vinte e quatro horas por dia, expostas à todos os efeitos catastróficos causados pela proibição descriteriosa dos narcóticos.

É nauseante atestar, que para a camada carente não foi dado sequer, o direito de acesso ao teor que elucida os motivos verídicos para a sua aniquilação. Conhecer os pormenores factuais das causas mortis que costumam dilacerar os nossos parentes, vizinhos, amigos e conhecidos, era o mínimo que deveríamos receber dos abutres que elegemos.

Historicamente, as verdades inconvenientes sempre nos foram vedadas. Pra quem sobrevive em meio ao que a sociedade intolerante estereotipou como: "assentamento clandestino" não existe, nunca existiu e nem nunca existirá, balcão de informações.

Como já frisei anteriormente nesta obra e volto a repetir; desde a sua aparição na face da Terra, a meta vil do burguês, toda via, foi fazer a plebe permanecer iletrada para tirar vantagem de sua ignorância. Todo playboy antes de decorar as palavras papai e mamãe, grava um ditado na memória: **o que o os olhos não veem o coração não sente.** Desta forma, todos os habitantes das periferias brasileiras sabem que determinadas drogas são proibidas, entretanto, pratica mente só os ricos brancos conhecem as razões racistas e capitalistas que sustentam as suas proibições.

E é justamente com o propósito de findar algumas das dúvidas póstumas que tornam o nosso cotidiano ainda mais atribulado, que eu, um simples rapper, que tem a bagagem cultural composta basicamente por literatura marginal, resolvi apertar o gatilho da minha PT mental. E é justamente com o propósito de findar algumas das dúvidas póstumas que tornam o nosso cotidiano ainda mais atribulado, que eu, um simples rapper, armado apenas de convicções, resolvi rasgar para as regiões em eterno ostracismo, um pouco do manto de mistério que acoberta esse tema mortífero.

A instrução que adquiri por iniciativa própria, me dá o respaldo para crer, que serei capaz de contribuir para dissipar a névoa obscura que encobre a questão em alguns cérebros. O tempo urge! Já está mais do que na hora de dissecarmos ao máximo essa mentira colossal. De botarmos alguns pingos nos Is.

Não podemos esquecer, que se depender das vias estatais, esse serviço de utilidade pública, com debate, discussão e abordagem imparcial, nunca chegará às favelas. Há muito tempo, os nossos condutores bestializados já deveriam estar fornecendo ao povo através de educadores em salas de aulas, todo o conteúdo pertinente ao assunto. Para que esse mesmo povo, se tornasse apto a se defender das inúmeras acusações injustas, baseadas em fatos corrompidos. Para que esse mesmo povo, se tornasse apto a formular o seu próprio juízo de valor e as suas

convicções, sobre o que vulgarmente não passa de uma ação elitista de falso puritanismo. Tendo as drogas, uma atuação onipresente em nossas vidas desde antes do berçário, as mesmas deveriam ser matéria obrigatória em todas as escolas do país.

Portanto, como a pólvora das batalhas não nos permite a comodidade de aguardar que sonhos se tornem realidade pela vontade do inimigo, cabe a nós, os papéis de libertários. É um dever cívico de todo militante das ruas, se intrometer no processo diabólico que visa nos emburrecer, na tentativa de minar o seu raio de atuação. Geraldo Vandré: quem sabe faz a hora, não espera acontecer!

Aqueles que se sentem capacitados, têm o compromisso moral de participar dos levantes que sequestram informações restritas e as repassam aos que ainda carecem e exigem esclarecimentos sobre o funcionamento do seu lote de purgatório. Só através desses discretos atos de revolta popular, a nossa gente como um todo, passará a compreender a tônica da guerra em que foi aprisionada para matar e morrer.

A insurgência dos rebeldes dos barracos, é a única fórmula para que os que desconhecem os pontos que fundamentam a calamidade que os cercam, passem a enxergar com os olhos da razão, todos os elementos que, propositalmente, transformaram um problema de saúde pública em milhares de casos de polícia.

A nossa resistência e oposição contra as farsas estatais e burguesas, podem até ser pequenos passos na visão do opressor, mas são gigantescos saltos para a nação de marginalizados. Tenho tanta fé nesse pensamento, que do dia em que fui vitimado por uma overdose de conscientização, até hoje, obsessivamente, procuro dar esses saltos a cada minuto.

As raízes que lapidaram o meu caráter, me forçam a ser uma adaptação de Robin Hood, ano 75, modelo século XXI, cuja tarefa no plano terreno, é conseguir ilegalmente os dados secretos dos chacais para reparti-los com os meus irmãos de sofrimento. As raízes que lapidaram o meu caráter, me forçam a roubar dados sigilosos, para suavizar as chagas das almas que foram limitadas por coação intelectual, as inverdades contidas na convencional alfabetização tendenciosa.

Para começar a desvendar, o que possivelmente seja o maior segredo guardado a sete chaves dos invisibilizados, teremos de retroceder há alguns anos no tempo. Antes de iniciar a nossa retrospecção, é prudente fazer um aviso: nesta odisseia que vamos embarcar, é certo que não encontraremos dinossauros, mas de antemão, asseguro a você leitor, que bateremos de frente com monstros que fariam o tiranossauro Rex tremer como um dócil gatinho siamês.

No fim do século XIX, surgiu nos Estados Unidos uma corrente de ideias entre as mentes puritanas da época, advertindo que o consumo de drogas no país havia atingido um patamar insustentável. De acordo com a visão apocalíptica predominante nesses dias, a ação degenerativa de tais pragas no meio social era tão devastadora, que punha os valores morais e religiosos das "honradas famílias brancas locais, sob ameaça de extinção. Com base nessa "reflexão", a esfera elitizada local chegou a um consenso sentenciador irrevogável: o problema sepulcral e estupefaciente deveria ser eliminado com urgência.

Os policiais do planeta deliberaram que: a segurança universal só estaria

garantida, se fosse ceifada de sua pátria e posteriormente, da face da Terra, uma das práticas mais antigas da humanidade. Os senhores do mundo deliberaram que: os humanos (principalmente os norte-americanos) só estariam a salvo, se o consumo de drogas fosse completamente erradicado.

Para efetuar a proeza da almejada mega erradicação, aqueles que a cobiçavam, num surto agudo de "genialidade", conceberam uma fórmula única e derradeira: a proibição total e em âmbito mundial, de todas as substâncias psicoativas destinadas a fins recreacionais. Em seguida ao encontro da alternativa burra, que na época se presumia ser a ideal, os ianques, sem qualquer consulta prévia à outras nações, inauguraram a mais desastrosa de suas falsas militâncias visando a paz mundial.

A prepotência norte-americana aliada a um PIB estratosférico e a uma força militar sem igual, funcionaria como uma procuração em nome de todos os terrestres. Essa procuração não escrita, daria permissão irrestrita para que eles brincassem de Deus. Para que os megalomaníacos, a exemplo do todo poderoso, o pai de Jesus Cristo, criassem um novo universo: o nosso atual universo de trevas, onde todas as substâncias drogantes são consideradas lícitas ou ilícitas, de acordo com as determinações do Tio Sam.

Em tese, a mentira sobre a preocupação dos Estados Unidos em relação a segurança universal, é a versão oficial para a proibição mundial dos narcóticos.

Essa desculpa esfarrapada vestida de "filantropia", é tão convincente, quanto as alegações de inocência de Maluf em seus processos.

Antes de assinalar os reais motivos para a resolução que culminou na maior revolução negativa da era contemporânea, é fundamental que eu apresente uma breve tomografia sobre a convivência entre os povos antepassados e as drogas, quando estas configuravam em conformidade com as leis. Até porque, só deste modo, se é possível ter a noção exata do tamanho da arrogância dos EUA e do estrago causado por seus decretos despóticos no destino de cada terráqueo.

Indícios arqueológicos revelam, que há mais ou menos 12 mil a.C., os homens primitivos já procuravam atenuar dores, suprimir necessidades fisiológicas e obter lampejos de alegria por meio de essências capazes de ocasionar reações narcotizantes no sistema nervoso central. Os chineses a cerca de 7 a 8 mil anos precedentes a chegada do Messias, usavam a Cannabis Sativa, planta da qual deriva a maconha, como medicamento. Os Gregos e os Romanos, empregavam as suas fibras na produção têxtil Gutenberg, considerado o inventor da tipografia moderna, ao produzir o seu primeiro livro: a BÍBLIA usou papel de cânhamo (fibra derivada da Cannabis Sativa).

É no mínimo paradoxal, não é mesmo? A religião que fundamentou os dissimulados puritanos criminalizadores das drogas, foi impressa pela primeira vez em páginas fabricadas com a planta da qual se origina a maconha! E ainda tem mais; os esboços originais da declaração da independência norte-americana e da constituição do país "reto e abstêmio", foram estampadas sob o mesmo material. Às vezes eu me pergunto: será que os proibicionistas fumaram uma dessas páginas?

Opa! Quase ia me esquecendo de uma outra notinha bem interessante que circula internet afora: as velas e as cordas da embarcação de Cristóvão Colombo, o

descobridor da América, também eram confeccionadas com fios de cânhamo.

A folha da planta sul-americana cientificamente conhecida como: Erythroxylon Coca famosa por conter o alcaloide mais combatido mundialmente: a cocaína há cerca de 3 mil anos executa um nobre papel dentro de diversas culturas. Por possuir agentes que causam a inibição do apetite e da sede e a redução da fadiga, no passado esta folha foi responsável por abrandar o sofrimento de incas, peruanos e bolivianos, entre outros. Os membros desses povos, uma vez famintos, sedentos e estafados, apelavam para a mastigação do vegetal demonizado pela ditadura global made in USA.

O aumento da resistência dos indígenas usuários era tão acentuado, que se deve a essa particularidade, o fim da primeira onda restritiva, da qual a folha de coca foi vítima. A princípio, os espanhóis colonizadores tentaram vetar o seu uso por julgarem ser um comportamento pagão e distante dos ensinamentos cristãos, porém, bastou constatar o quanto as suas propriedades vitalizantes aumentavam a disposição de seus escravos, para que as implicâncias se dissolvessem.

No presente, milhares de camponeses da Bolívia, Peru e Colômbia, os chamados cocaleiros, sobrevivem do seu plantio. Em nossos dias, em face das pressões vindas de Washington e acatadas pelo governo colombiano, os plantadores dessa região são coagidos, sob risco de prisão, a abandonar a sua atividade agrícola. Pela vontade dos moradores da Casa Branca, seria abolido até o tradicional chá de coca, utilizado para amenizar o desconforto causado pela altitude, em lugares localizados a muitos metros acima do nível do mar.

Os residentes da Avenida Pensilvânia n° 1600, são filhadaputamente engraçados! Quando a folhinha perseguida está in natura, em estado pastoso ou em formato de chá ou pó, eles se mostram intransigentes e implacáveis, agora, quando a plantinha surge dissolvida num certo líquido escuro. HUM, aí a postura agressiva e inalterável cede lugar a receptividade e a conivência.

Já faz tempo que muitos sabem, que uma parte da Erythroxylon Coca chega à quase todos os lares do mundo, incomparavelmente mais por intermédio das garrafas e latas de Coca-Cola, do que via narcotráfico.

E por falar no refri, que como diz a redundante propaganda: não tem sabor como o seu. E é claro que não haveria de ter mesmo, afinal, para imitar o seu gosto inigualável, seria preciso que os químicos das concorrentes adicionassem em seus preparos, uma certa folhinha. Algo terminantemente inviável para outras fábricas, já que tal ato, só não constitui crime para a Comissão de Narcóticos da ONU, se for cometido pela THE COCA-COLA COMPANY.

Bom, como eu ia dizendo e por falar nesse tal refri que goza de privilégios mercadológicos exclusivos, a água gaseificada de composição "ultra sigilosa" nasceu para rivalizar com uma mistura italiana de álcool etílico e cocaína, batizada como: vinho MARIANE. Reza a lenda, que esta bebida tonificante era tão venerada na Itália, que o Papa Leão XIII afeiçoado a uns goles entre uma missa e outra, chegou a presentear o seu criador Angelo Mariani com uma medalha de ouro.

Citando ainda a popular; farinha, as partículas de superpoderes vendidas em cada esquina do Brasil, num dado momento foram bastante empregadas no tratamento

de viciados em morfina. Constantemente, os pacientes de Sigmund Freud deixavam o seu consultório carregando receitas que continham a prescrição do ouro em pó. Ouro em pó este, que diga-se de passagem, podia ser comprado legalmente em qualquer farmácia da Europa. O pai da psicanálise e consumidor apreciava e muito as reações euforizantes geradas pelo estimulante.

Além da Cannabis Sativa e das folhas de coca, os antepassados dos cidadãos restringidos em sua liberdade individual, também fizeram uso de outras substâncias. Os sumérios por exemplo, quando desejavam satisfação e bem-estar, recorriam aos efeitos energizantes da planta da alegria: o ópio. Já os egípcios se deixavam fascinar pelas peculiaridades terapêuticas do suco das papoulas. Nunca é demais ressaltar, que as tropas norte-americanas muito se valeram das qualidades medicinais dos opiáceos, no tratamento de seus soldados feridos em combates.

No século XXI, é comum vermos líderes ingleses tremulando a bandeira da proibição, pouco tempo atrás, a coisa era bem diferente. Tão diferente, que o seu país chegou a promover duas guerras contra a China (as guerras do ópio), com a intenção de compeli-la a aceitar em seus domínios a venda do produto anestésico europeu, cultivado na índia.

Por fim, a heroína criada pelo laboratório alemão Bayer, foi largamente usada na cura de incontáveis patologias entre os anos de 1874 até 1920 (quando o seu uso tornou-se ilegal).

Através dessa exposição simplificada, feita a partir de informações de domínio público, fica nítido, que a caça aos ingredientes abominados, é algo relativamente novo entre as civilizações. Se por um lado, a proibição global das drogas, instigada e imposta pelos porcos imperialistas não completou cem anos de existência, por outro, a liberdade de cultivo, transporte, armazenamento, venda e consumo durou por volta de 11.900 longos anos. Isso, se nos apoiarmos unicamente em achados da arqueologia.

Creio, que não preciso nem dizer, que são raríssimos os relatos que apontam algum tipo de violência relacionada aos entorpecentes, em eras anteriores ao período contemporâneo. Antes da política intervencionista OF AMERICA, o relacionamento entre a raça humana e as drogas era de certo modo, bastante pacífico! Talvez não muito saudável, mas consideravelmente mais calmo.

Mesmo de posse desses dados, os norte-americanos tomados por seus genes da ambição, distorceram costumes e tradições milenares e os atropelaram com o seu sacro gangsterismo voraz.

E de conhecimento geral, que o maior talento dos líderes dessa nação, é criar fábulas ameaçadoras para justificar os seus atos animalescos e posteriormente lucrar com suas políticas saqueadoras. Não é nenhum exagero afirmar, que por **MONEY AND POWER,** os nossos neocolonizadores são capazes de tudo. Lembra do termo: fulano é tão louco por status que vende a própria mãe? Então, **é** bem por aí!

Esclareço não se tratar de antiamericanismo barato de minha parte! Meu libelo acusatório, está calçado em uma lista extensa de fatos assombrosos. Bebi direto em fontes intragáveis.

No currículo de enriquecimento ilícito dos senhores do planeta, aparecem: auto

atentados para avivar o patriotismo entre os seus e induzir a aceitação de guerras imorais; o financiamento de dezenas de golpes de Estado em países falidos; genocídios; implantações de ditaduras no exterior; intervenções armadas tencionando a instalação de pseudodemocracias ou de bases militares; assassinatos de autoridades; o despejamento proposital de heroína e cocaína em seus próprios bairros negros, etc., etc., etc., etc., etc., etc...

Como em toda boa "cruzada pacifista" que carrega a etiqueta USA, o plano antidrogas não fugiu as regras do: primeiro alarma^ para embutir um clima de emergência à uma situação e depois forjar um bode expiatório a ser abatido. No caso do bode expiatório, é bom que eu me expresse no plural. E bota plural nisso.

Segundo ficou determinado pelos "brilhantes cérebros" alimentados com proteínas e vitaminas extraídas de massacres terceiro-mundistas, a culpa pela transformação de um hábito inerente à evolução humana em um comportamento de risco, depravado, tumultuoso e mortal, não cabia aos "imaculados" estadunidenses brancos, ricos e "rígidos de princípios"! Sendo assim, a bússola da ignorância, em seu direcionamento incriminativo, apontou a sua seta preconceituosa em outro sentido. Apontou na direção dos imigrantes estrangeiros. Conforme o relato dos difamadores; estes personagens ao imigrar para o sonho americano, teriam trazido consigo substâncias naturais, semisintéticas e sintéticas, além de seus costumes demoníacos de consumo, originários de seus respectivos continentes corrompidos. Surge aqui, o primeiro pilar verdadeiro da proibição: a xenofobia.

Ironicamente, já na gênese da penalização das drogas, a perseguição aos estrangeiros colocava os males causados pelas mesmas num patamar secundário. Aliás, nessa trama, os malefícios a saúde, tanto no início, meio ou fim, nunca saíram das posições de meros figurantes.

O preconceito aos grupos minoritários, é uma peça chave na montagem do quebra cabeça. Pois é ele que nos faz perceber, que aquilo que os defensores da criminalização realmente apontavam como o grande risco a sobrevivência de seus pares, não eram os entorpecentes em si, mas a suposta violência causada por homens não brancos, que teoricamente se descontrolariam após inalá-los, injetá-los ou ingeri-los.

Tanto é verdade que os proibicionistas não viam as drogas como o problema principal, que ao advogarem em favor de sua extirpação, pouco falavam que o perigo real aos norte-americanos brancos estava no prejuízo físico e psíquico causado a eles por eles próprios, por fazerem uso em demasia das essências combatidas. Raramente, o vício dos "cidadãos puros" estava incluso na pauta das discussões. Resumindo: a atmosfera cínica dos anos que mudariam o mundo, deixava transparecer descaradamente, que o problema central estava na fúria do visitante toxicômano e não no modo de vida desregrado da aristocracia da região.

Se tivessem assumido, que aquilo que os encaminhava para a tão propagada ruína, era a alta taxa de dependentes entre os norte-americanos brancos, ao invés da repressão local e mundial, poderiam ter adotado as corretas medidas preventivas, clínicas e educacionais. No lugar de gastar tempo, energia e dinheiro perseguindo inocentes, poderiam ter buscado reabilitar compatriotas viciados, através de grupos

de apoio e sessões de psicoterapia. Esses seriam os procedimentos naturais adotados por indivíduos, associações ou governos que primam por preservar vidas e não por destruí-las.

Definitivamente, o combustível que acionava o motor da proibição, não era o gesto sublime de salvar de si mesmas, as pessoas que por diversão atacavam os próprios neurônios na ânsia do prazer proporcionado pela alteração da consciência.

No contexto geral, um terço da oposição aos entorpecentes, não passou de desculpa para a fundação de uma conspiração organizada contra os forasteiros, que viam na América do Norte o retrato da esperança de dias melhores.

Impossibilitados de barrar ou diminuir a entrada incessante de milhares de imigrantes, os embriões dos White Power avistaram na conversão dos alvos em agentes patogênicos daninhos ao seu país, a saída para promover uma sonhada limpeza étnica. A ideia era: já que não se pode deportar a todos, então, que pelo menos criemos pretextos e leis para prendê-los e matá-los!

A maquinação sagaz representava na visão dos racistas, a chance de acertar as contas com aqueles que haviam invadido o seu "solo sagrado" e o "contaminado" com os seus genes. A maquinação sagaz representava na visão dos racistas, a chance de se vingar daqueles que atravessaram as suas fronteiras, para "roubar" as riquezas alheias.

Para que a maquinação de potencial assustador começasse a render velórios, era preciso que um obstáculo fosse transposto: convencer a sociedade sobre a necessidade da faxina. O que, dependo das alegações, poderia vir a ser tão difícil, quanto roubar doces de uma criança.

Na tentativa de vender o peixe podre de forma veloz, os idealizadores da mentira passaram a especificar em documentos a culpa **de** cada viajante e a sua contribuição na anunciada "aniquilação da sociedade branca local". Nada melhor para persuadir populações, do que papéis carregados de inverdades, timbrados e assinados por cavalheiros, aparentemente distintos.

Desta forma, periodicamente pareceres enganadores brotavam como fungos parasitas, em relatórios encomendados a profissionais prevaricadores de diversas áreas. Degenerados que se faziam passar por antropólogos, sociólogos, psicólogos, intelectuais, cientistas e médicos, logo produziram uma celebre e bestial classificação. A partir da qual, ficou instituído que a chegada da maconha se devia aos mexicanos, do ópio aos chineses, do haxixe aos africanos, da cocaína aos sul-americanos e da heroína e morfina aos europeus pobres.

Esses "estudos" (se é que podemos chamar assim), mais do que apontar as nacionalidades de hipotéticos fornecedores, também cumpriam a função de alertar sobre graves riscos! Alguns dos temores descritos eram: a possibilidade de mulheres brancas serem atraídas por chineses às casas de ópio ou serem estupradas pelos pretos cocainados (como a sociedade da época se referia aos negros).

De acordo com os tais laudos impericiais, um afro-descendente drogado adquiria força sobre humana e se transformava em um monstro sexual, capaz de cometer atrocidades impensáveis.

As descobertas conseguidas "cientificamente" por meio de doses generosas de

achismo, má fé e intolerância racial, intensificaram a campanha de reação ao "perigo internacional", engordaram as fileiras favoráveis, mas não foram suficientes para que os puritanos atingissem os seus objetivos por completo. Para a obtenção do apoio generalizado e incondicional, era fundamental ter na cartola outros coelhos tão robustos quanto o apelo xenófobo.

Não demoraria muito para que os defensores disparassem mais dois petardos adicionais. A força de impacto desses últimos instrumentos de ataque seria tão avassaladora, que asseguraria com folga o sucesso da empreitada.

Apenas o racismo como suporte da criminalização, já seria algo inominável, contudo, como escrevi antes, a ele cabe apenas um naco do mérito da catástrofe. Nem só de preconceito racial vive uma proibição mundial de narcóticos. Para fisgarem o seu séquito de partidários, os proibicionistas de plantão trabalharam com outras armas além do preconceito, uma dessas armas atende pelo nome de: temor capitalista! Surge aqui, o segundo pilar verdadeiro da proibição.

Sabedores de que não existe nenhum lugar do corpo onde um burguês sinta mais dor do que no bolso, os "bem-aventurados" trataram de espalhar alguns boatos pelos veículos de comunicação. Alguns boatos, que quase provocaram uma epidemia de colapsos nervosos nos setores de alto padrão. As manchetes bombas sustentavam dados aterrorizantes para os homens de negócio, afirmavam que; as drogas afetavam o rendimento produtivo de empregados.

Ao término da leitura dos tabloides que davam os furos de reportagem, os grandes empresários, industriais e comerciantes, como que por encanto, passavam a se interessar pela marginalização dos comportamentos pessoais de sua mão de obra. Os psicomaterialistas tinham crises de arritmias cardíacas, só de pensar em suas produções declinando, em consequência da perda de eficiência de operários. Num estalo de dedos, a abstinência da classe trabalhadora, tornou-se primordial na visão mercantil dos patrões.

A difusão do pavor, acabou saindo melhor do que a encomenda. As notícias alarmantes não se limitaram em causar preocupações ligadas à quantidade e a qualidade das manufaturas, elas também fizeram emergir duas aflições aterradoras relacionadas à remuneração paga aos subalternos. A primeira fazia referência ao destino dos ganhos, nesse caso, o medo era que as bebidas, o jogo, a prostituição e as drogas, desviassem parte dos ordenados que os abutres esperavam reaver ao vender aos próprios servos os seus bens de consumo e a segunda, estava no temor de que com os produtos do mal abocanhando uma fatia considerável dos vencimentos, pudessem surgir reivindicações por reajustes salariais. Afinal, quanto mais gastos com coisas supérfluas, maiores são as possibilidades para pedidos de aumento.

(FALTA PÁGINA INTEIRA)

tidrogas norte-americanas contra as populações subdesenvolvidas. Parece-me claro, que os covardes fardados devem desconhecer que humilham, amedrontam, torturam e matam cidadãos indefesos, para perpetuar a ideologia das associações religiosas antivício (antiestrangeiros) e as ambições dos amantes do capital. Parece-me claro, que os covardes fardados devem ignorar que lotam carceragens, porque um dia, a união por interesses econômicos e preconceituosos entre esses grupos, formou um maremoto de insensatez, que veio a desaguar na legislação primogênita de uma prole de normas, que colocaram universalmente na criminalidade todos os fabricantes, vendedores e consumidores de narcóticos do mundo.

Só um segundo, deixa eu fazer uma ressalva: a insciência dos lambe saco de playboy sobre a temática, não é nenhum atestado de inocência. Por favor, não me interprete errado! Pode estar certo que nada mudaria se soubessem que são constituídos com a genética perseguida pelas leis que defendem. Os seus instintos assassinos não seriam menos famintos e apurados, com a obtenção do conhecimento, de que aquilo que colaboram para banir de nossa galáxia é a etnia que abrange: seus amigos, familiares e a eles próprios. Lembre-se, que 99% dos agentes de segurança residem em comunidades pobres e nem por isso pensam duas vezes pra cumprir o juramento de servir e proteger os opressores que arrasam as classes D e E. Classes D e E, que por outra coincidência, são as quais eles pertencem.

Depois de investigar um pouco da extensão do excremento que boia na latrina dos perversos, devemos nos sentar no sofá e ligar a TV num telejornal, para realizarmos um auto teste. Se no instante que virmos ou ouvirmos os propagadores oficiais das mentiras sobre o tema, no interior de nossa caixa craniana se manifestar qualquer tipo de concordância, é sinal de que ainda não estamos preparados. É sinal de que ainda precisamos estudar o assunto mais a fundo. Normalmente, nessa experiência, alguns segundos de exposição às ondas televisivas já são suficientes para que aqueles que estejam prontos, fiquem com a pele toda empolada em virtude de uma grave reação alérgica.

Após a absorção plena do colírio que cura as cataratas da doutrinação, ninguém que tenha juízo continua sendo induzido a compactuar com as antas sensacionalistas dos portais de "informação". Ao final do tratamento com o santo remédio, os reabilitados deixam de ser forçados, por falta de autoridade no assunto, a fazer coro com os repórteres policiais que dizem: que a culpa por helicópteros da polícia sendo abatidos por armas de uso restrito do exército, é dos traficantes dos morros.

Um cérebro devidamente catequizado pela verdade, começa a raciocinar livremente e a compreender a face real da trama. Sou uma prova viva do que estou afirmando. Por exemplo, no famoso episódio do pássaro de ferro transfigurado em destroços tostados, a ausência de amarras em minha mente, não só tornou possível que eu contestasse a retórica que responsabilizava favelados, como também fizesse o seguinte questionamento provocativo:

- Cadê a coragem dos lixos humanos que julgam o mundo de olho nos índices de audiência, pra falar que os grupos de extermínio ao invés de chacinar dezenas de civis em retaliação ao acontecido, deviam ter chacinado dezenas de políticos norte-americanos? Ou melhor, deviam ter chacinado dezenas de

políticos brasileiros, incluindo entre eles, o homem que exerce o cargo de Secretário Nacional de Políticas Sobre Drogas do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República.

Quem pensa de forma independente, sabe que são esses robôs que derrubam aeronaves, por aceitarem ficar sob o domínio USA, sem ao menos avaliar quais danos a tal posição passiva traz a nossa sociedade. Olha eu aqui deixando a ingenuidade me conduzir ao erro. Eu disse, sem ao menos avaliar? Que piada!

Os observadores do OBID, o Observatório Brasileiro de Informações Sobre Drogas, mais do que ninguém, são capazes de dimensionar com muita propriedade a trágica relação custo benefício da submissão. Não é de graça que os membros da Secretaria Nacional Antidrogas (SENAD) aceitam combater, "pelo bem dos racistas norte-americanos", os ditos "hábitos destrutivos dos subdesenvolvidos". Em um comércio, que conforme relatórios da ONU, movimenta por ano cerca de US$ 322 bilhões no mundo, é bastante conveniente fazer vista grossa à uma política preconceituosa, que exige que o país, ao qual foi impingido o status de ameaça às nações ricas, pulverize aquilo que os gringos julgam ser tumores malignos.

Como vê, não estamos diante de um hipercomplexo de cachorro vira-latas, onde os nossos "representantes" concordam que todos somos nocivos aos "nobres" brancos estadunidenses e por isso devemos ser eliminados às pressas, como um favor aos seus donos. Aliás, essa opção de inferioridade psicológica, nem consta na lista que contém os fundos de lógica das atitudes pró Estados Unidos, daqueles que deveriam ser desovados em carrinhos de supermercados no lugar de nossas crianças. Os fundos são outros. Mais à frente falaremos sobre alguns deles.

Por ora vou me ater somente à um, ao que figura com a pompa de único e oficial: o Fundo Nacional Antidrogas (FUNAD). Este órgão governamental, trata-se de uma entidade financeira, que além de ser favorecida com verbas orçamentárias da União, ainda é agraciada, após decisões judiciais ou administrativas, com outros presentinhos. Estou falando de todos os bens de valor econômico, apreendidos em operações contra o narcotráfico.

Ter ciência sobre a existência do FUNAD e a forma como ele é bancado é muito importante, mas não tanto, quanto saber que ele responde exclusivamente pela capitalização legal do caixa do Programa Nacional Antidrogas. Em outras palavras: licitamente, o governo federal colhe dinheiro ligado à proibição daquilo que os abastados denominam como; o maior flagelo social brasileiro, apenas por este ralo. Um ralo, que por mais que escoe recursos dos contribuintes, não deixa de apresentar dois pontos negativos aos gatunos; se comparado a fábula bilionária produzida pelas regras proibitivas, nem é lá tão rentável assim e as suas contas ainda estão sujeitas a auditorias. Vai que um dia por milagre, aparece um auditor incorruptível!

Peço a você leitor, que me faça uma gentileza sobre esse dado, que tenta nos convencer de que o Estado só disporia de um solitário e pouco vantajoso mecanismo de arrecadação. Por favor, o guarde bem na memória, pois daqui a pouco, ele será essencial na construção de um argumento dentro de uma nova abordagem. No momento, vamos continuar focados no auto teste em frente ao

aparelho de TV, ligado no jornalismo pardal.

Se você pretende realizá-lo, há uma recomendação a ser seguida: engula com antecedência uma carteia de comprimidos pra dor de cabeça e outra pra tontura. Essa ação preventiva se faz necessária, porque assim que as erupções cutâneas são controladas, a pessoa aprovada é esmagada com a queda de uma ficha de 100 toneladas, que produz uma vertiginosa impressão de vacilo. A pessoa aprovada é esmagada com queda de uma ficha de 100 toneladas, que produz o famoso:

- Caralho mano! Como que eu não vi essa porra antes?

A sensação tonteante se dá, quando abruptamente passamos a perceber, quantas vezes por dia, impunemente, um escroto que mancha a profissão de jornalista comete crimes contra a honra dos favelados, com seus discursos irresponsáveis. A sensação tonteante se dá, quando passamos a mensurar a quantidade de processos por calúnia, difamação e injúria, que caberia nas costas desses asnos por apenas uma hora de programa no ar.

É fato, se não fosse a nossa brutal desinformação coletiva, os passeios pelos artigos do código penal dos ditos "âncoras" resultariam em tantas condenações, que eles teriam de apresentar os seus espetáculos apelativos por vídeo conferência direto de uma cela. Só pelos delitos de ofensa à memória da pessoa falecida, cuja pena pode chegar a dois anos de prisão, cada imbecil desses, com acúmulo de sentenças, cumpriria uns 30 anos em regime fechado.

Alegar sem nenhum indício, que um morador da favela é um bandido, só porque a polícia o matou, é uma das mais graves violações das normas morais.

Outra vez, peço licença para fazer uma ressalva: esse é um caso bem diferente da ignorância policial. Não pense que as redações dos jornalecos da imprensa forjada no sangue do menos favorecido, são povoadas por neurônios mortos. Negativo! As enxurradas de groselhas tóxicas não são despejadas por despreparo, incultura ou pelo acaso, mas por extremo corporativismo. O entorpecimento mental em massa dirigido pelos meios de comunicação, é um plano habilmente elaborado para eternizar a camuflagem sob os alicerces reais desse crime monumental contra a humanidade. Quando eu digo crime, entenda: **A PROIBIÇÃO DOS ENTORPECENTES** e não a venda e o consumo.

Moral dessa historinha putrefata: antes de verificarmos as proporções do excremento na privada burguesa, enxergamos na imprensa marrom somente um tom de parcialidade em favor da alta classe e isso quando enxergarmos! Depois do colírio mágico, vemos de forma nítida, toda a sua falta de compromisso com a verdade no exercício de porta voz dos poderosos e a sua cooperação para a nossa destruição.

Conhecer os pilares genuínos da proibição, é uma via de mão dupla. Da mesma maneira que a luz lançada sobre a escuridão finda diversas dúvidas, ela faz suscitar outras tantas.

Ao levantarmos os tapetes persas, a maior interrogação que emerge do amontoado de lixo escondido, é a que aparece anexada à esta pergunta: que vantagem a obediência cretina a um ato que favorece só aos Estados Unidos trás

para os brasileiros? Para a população comum, a reposta me parece óbvia: **NENHUMA.** Mais e quanto aos que compõem o grupo dominante? Será que no que tange a essa escória, o X também seria assinalado na opção nenhuma? **NANANINANÃO!** Como eu escrevi anterior mente, existem vários fundos de lógica que efervescem a ideologia proibicionista pelas bandas dos condomínios fechados.

Lembra daquele dado a respeito do FUNAD que eu pedi pra você guardar? E a partir de agora que ele invade a cena.

Você não acha bastante estranho, que os parlamentares nacionais que entram na política por ser um atalho para as fortunas, sejam defensores de um imbróglio fracassado, modelado exclusivamente para o progresso dos norte-americanos, apenas em troca de
repasses da União e de alguns patrimônios confiscados de supostos traficantes? Pior, não é esquisito, que a alta classe que comanda o comércio, os bancos, as fábricas, que monopoliza a informação e que influencia os três poderes, não tenha nenhum retorno financeiro por sua posição apoiante? Aliás, "só tenha prejuízos". Afinal, é o que dão a entender os discursos de seus membros, quando estes protestam contra a violência, deitando ou colocando cruzes pretas nas areias de praias.

Porque ser partidário de uma solução, que segundo eles mesmos, deflagra a guerra que espanta os turistas de seus hotéis, que afugenta o investimento estrangeiro de seus negócios e que trava o crescimento do país, onde um dia viverão seus netos, bisnetos e tataranetos? Espero que ninguém venha me dizer, que é pela saúde do coletivo. No século XXI, essa desculpa "filantrópica", além de não colar mais, já soa até como antiquada. Garanto que o bem-estar do povo negligenciado, também nunca entrou na pauta dos nossos "puritanos" de filosofia elitizada.

Se confrontarmos as divisas que podem ser geradas pela descriminalização das drogas, com atual mítico "retorno zero" do burguês com relação ao assunto, fica mais do que claro, que no quesito: finanças a proibição perde de goleada para a legalização.

Por mais animalizados que sejam os homens que ocupam os cargos políticos e as cadeiras das presidências das grandes empresas, eles não são estúpidos! Não esqueça, de que estou falando de profissionais na arte de lucrar. Não se esqueça, de que estou falando de monstros capitalistas, cujo único desígnio na Terra, é amontoar papel moeda num cofre. Portanto, é mais do que improvável que esses senhores com os seus olhos clínicos de especialistas, não consigam visualizar os benefícios contidos na desinterdição das substâncias psicoativas recreacionais. É impossível, que com toda a perícia que eles dispõem para esquadrinhar e localizar empreendimentos promissores, os experts não vejam que a liberação total é mais rentável, saudável e pacífica.

Bom, cheguei no ponto. É nessa tecla que eu quero bater. Afinal de contas, se os cães farejadores de dinheiro, que não dispensam uma boca livre, tem ciência de que a legalização das drogas oferece maior ganho monetário e melhor qualidade de vida a nação, então qual é a explicação para que nem mesmo a discutam seriamente? Simples: ter na manga da camisa de força, uma alternativa que proporcione os

ganhos monetários da legalização multiplicados por mil.

O repúdio a cogitação de um debate civilizado sobre a questão, prova que a motivação por trás do apoio aos gringos, ultrapassa as ideologias humanistas e os carros importados apreendidos por chefes de polícia insatisfeitos com as propinas semanais. Fica transparente como os líquidos usados no refino de cocaína, que dentro da falsa cruzada pela extinção do narcotráfico, existem outras fontes de renda bem mais frutuosas. Eu diria, bem mais frutuosas do que o próprio narcotráfico!

Para te deixar em estado de catalepsia, revelo que não estou fazendo menção à fontes clandestinas. Os chafarizes de lucro a que faço referência, são sujos, mas totalmente lícitos! Pro grande público, eles podem até não aparecer vinculados ao tema, mas com certeza, os seus dividendos são computados em muitos balanços contábeis da guerra fajuta contra as drogas.

Reafirmo as minhas palavras: dentro de um quadro, em que os recursos inerentes ao assunto obtidos pelo governo e a HIGH SOCIETY se restrinjam aos anunciados, a legalização como negócio, comparativamente oferece uma rentabilidade muito superior. Já o mesmo eu não posso afirmar, quando se trata das receitas diretas e indiretas, oriundas da quase invisível indústria da proibição.

A estimativa da ONU, perto da cifra não propagada da repressão fictícia, é equivalente a uma porção de entrada em um banquete. A luta de mentira fornece à tesouraria de seus articuladores, um montante de benesses que nenhum tipo de abolição ligada aos entorpecentes pode cobrir. O negócio de fachada de articular e coordenar atividades que visam prevenir e impedir o uso indevido de psicotrópicos e garantir a reinserção social de usuários e dependentes químicos, é uma verdadeira mina de diamantes azuis.

O mega potencial de prosperidade desse ramo é tão assustador, que eu acho que o dia 26 de Junho; "O Dia Internacional Contra o Abuso e Tráfico Ilícito de Drogas", tenha sido instituído para celebrá-lo!

É, a coisa tá cheirando mal! Não sou encanador, mas preciso ir até o fundo do esgoto pra dar uma olhada mais de perto nas fezes que entopem a tubulação. Nas fezes que formam o tabu da legalização.

Se há uma posição onde eu jamais permaneço, esta posição é em cima de um muro. Então, antes de dar início ao texto final desse capítulo, nada mais justo e correto, do que eu declarar em qual lado estou. Eu, Eduardo, sou a favor da legalização de todas as essências estimulantes, alucinógenas e depressoras. Completamente contra o consumo desses ingredientes, mas inteligentemente a favor de suas liberações por completo.

Sou a favor do fim da hipocrisia sobre todas as drogas, fabricantes, vendedores e usuários, porque no meu entender a criminalização não significa; preservação de vidas e sim a manutenção da maior indústria nacional: a indústria da proibição.

Ao contrário do que é dito nas propagandas repassadas no boca a boca, a repressão aos ingredientes demonizados não visa proteger criancinhas, mas sustentar um verdadeiro WALMART da morte. Busca unicamente imortalizar um sólido mercado, repleto de filiais descaracterizadas e descentralizadas, que bem mais do que por sua truculência, chama atenção por uma outra peculiaridade diabólica: a

especialidade de se manter oculto para os desavisados, ao mesmo tempo em que é nutrido com toneladas de ossos humanos.

Por mais que a mídia carniceira noticie cinicamente, que aqueles que se beneficiam economicamente dos entorpecentes estão nos morros, a coisa não é bem assim. Listei alguns dos diversos motivos que fazem os proibicionistas brasileiros baterem os dois pés por sua “causa humanitária”. Vamos à eles...

A artimanha de preservar a marginalização de folhas, pastas, comprimidos, etc., contribui para aguçar e espalhar a síndrome do pânico, provocando assim uma assustadora impulsão nos negócios de seguradoras e de empresas de proteção pessoal, patrimonial e corporativa. Ao incutirem no imaginário popular, o horror a violência ligada à narcoguerrilha como pole position entre os temores urbanos, os manipuladores sociais fazem com que as apólices de seguros residenciais, empresariais, automotivos e de vida, se tornem obsessões coletivas. Nesse quadro de histeria plantada, as ovelhas assustadas que dispõem de maior poder aquisitivo, além de correr para obter os seus certificados de indenizações em casos de sinistros, aproveitam a tendência para adquirir às pressas os nada baratos kits de sobrevivência artificial. Essa tal pressa, se quadruplica nas situações onde os palácios e os estabelecimentos comerciais têm as favelas como vizinhas indesejáveis.

O ato que imputa à um simples baseado a conotação de superameaça ilícita, é um dos grandes responsáveis pela revolução arquitetônica dispendiosa das cidades sitiadas por morticínios. Tem participação ativa e destacada na promoção da reurbanização projetada pelo medo. Responde por uma parcela considerável das casas e firmas equipadas com as parafernálias mais modernas e tecnológicas que o setor de segurança pode oferecer. Responde por uma parcela considerável da frota de veículos revestidos com camadas generosas de materiais antibanditismo, tais como; mantas balísticas e cintas de aço e também por uma parcela, mais do que considerável, das milhares de matrículas de herdeiros em colégios e faculdades no exterior e em instituições locais munidas com detectores de metais e vidraças a prova de projéteis de AR-15.

Surpreendente? Você ainda não viu nada! Isso é só um aperitivo!

O combate a dita degeneração social por meio da extinção brutal dos vícios, gera empregos para um exército de vigias particulares, faz pipocar as famosas e lucrativas licitações para a construção de presídios de segurança máxima (vencidas “estranhamente” pelas empreiteiras aliadas do governo) e posteriormente também dá um jeito, para que surjam os postulantes as vagas nessas masmorras.

Posso dizer sem medo de errar, que a imposição USA, é a menina dos olhos do vantajoso (para o playboy) sistema carcerário nacional. Nada no Brasil aprisiona mais gente pobre, do que a interdição das drogas.

O proibicionismo aumenta o concurso público para todas as esferas dentro das corporações policiais, multiplica o efetivo dos batalhões especiais, proporciona o enfrentamento constante que serve para ser usado pelos agentes de segurança como base nas reivindicações por melhores salários e presenteia a indústria armamentista com uma extensa gama de transações financeiras. Tão extensa, que as fábricas bélicas para atender a demanda por sangue, são forçadas a conservar duas contas

distintas na mesma guerra. Na conta oficial, aparece o Estado como cliente, comprando periodicamente todo o arsenal legal, que só uma falsa repressão pode exigir e no caixa dois despontam os fregueses preferenciais: os meninos do morro que gastam fortunas com fuzis, pistolas e submetralhadoras contrabandeadas. É obvio que as encomendas dos compradores vips, oriundos dos habitats de tábuas, sarrafos e caibros, tem total anuência governamental. Até porque, sem essas aquisições no shopping center lúgubre, o pandemônio teria fim, fato que implicaria em operações no vermelho para os personagens a seguir...

Sem as metralhadoras Ponto 50 expelindo chumbo nas madrugas das áreas de risco, pela conquista de pontos de tráfico, a máfia farmacêutica, os fabricantes de itens ortopédicos e parte da classe médica ficariam bastante decepcionadas. Esses três setores executam um trabalho de equipe, onde não pode faltar uma matéria prima especial disponibilizada em grande quantidade pela proibição: os feridos.

O esqueminha milionário de ajuda mútua vitalícia entre os nobres cavalheiros, funciona da seguinte maneira: em troca de enormes gratificações, os homens de branco receitam aos dilacerados nos combates, medicamentos, próteses, muletas e cadeiras de rodas das marcas estipuladas pelos donos de laboratórios e pelos industriais que afirmam amenizar o sofrimento de portadores de necessidades especiais.

Nunca é demais lembrar, que na medicina brasileira quanto mais um doutor Mengele inventar doenças, cirurgias e tratamentos, mais ele receberá presentes caros e viagens para simpósios na Europa e América do Norte, custeados por multinacionais beneficiadas com seu mau-caratismo.

Outros executivos que se ressentiriam muito com a falta de granadas temporizadas e de impacto explodindo nos bairros carentes, são os do ramo funerário. Quando a trinca maquiavélica que age nos hospitais públicos perde um mutilado de guerra, os papa defuntos ganham um novo cadáver para explorar. As vítimas da repressão tóxica, mantêm aquecida à procura por caixões, sepulturas, preparações de corpos e ornamentos e ainda garantem o excesso de trabalho das gráficas produtoras de santinhos de falecidos.

A tipificação dos narcóticos como a grande úlcera de nosso país, também configura como pano de fundo das campanhas eleitorais dos falsos salvadores da pátria, que fazem dos campos minados seus currais eleitorais. Mais do que isso, o caráter apelativo embutido nessa classificação, ao ser potencializado e bem trabalhado, põe nas cadeiras do legislativo e do executivo, todas as raposas ardilosas, que ao fim da contabilização dos votos, engavetam os discursos populistas e se transformam em covers de Hugo Chaves.

Para a alegria geral do Brasil europatizado e norte-americanizado, além de tudo o que eu já relatei, a proibição ainda mostra-se como o estopim das batalhas que mais matam afrodescendentes na faixa etária entre 16 e 25 anos. Esse extermínio por sua vez, corresponde pela maior fonte de renda dos proprietários de editoras, já que é ele que dá origem as pautas das reportagens que catapultam as vendas de suas revistas semanais, quinzenais, mensais e de seus jornais impressos.

A trituração da carne pobre jovem, igualmente, é o carro chefe da grade

programação dos telejornais espirra sangue, aqueles que o telespectador tem de assistir trajando capa de chuva.

Ao mirar na criminalização absurda, mais precisamente, em sua vocação nata de estupenda geradora de divisas, eu não posso deixar de fazer uma pergunta; o que seria do judiciário, sem a perseguição aos cultivadores, transportadores, fornecedores, repassadores e consumidores? Afinal, é como eu havia escrito antes, nada em nossa terra caliente arrasta mais cidadãos desprivilegiados aos tribunais, do que a invenção norte-americana chamada; tráfico de drogas. A
oposição estatal e burguesa as ideias de liberação dos estupefacientes, é o fermento do pão ganho por juízes, promotores, defensores, diretores de presídio, agentes penitenciários, etc...

Ufa! Creio que por minha pequena amostra, contendo alguns dos negócios gerados por essa indústria de possibilidades infinitas, tenha dado para constatar, o quanto é vantajoso tremular a bandeira "filantrópica" da erradicação "pelo bem estar de todos".

A causa "humanista" do: "reprimir para proteger" - se assemelha ao slogan da propaganda do Neston: **existem mil maneiras de ganhar dinheiro através da proibição, invente a sua!** Só não invente de sugerir à um grupo favorecido, a legalização, que fundiria a motorização desse exímio maquinário de obtenção de ganhos.

Todos os exemplos que foram apresentados por mim, são apenas parte integrante de uma vastidão ilimitada de probabilidades. Faça um rápido exercício, seguindo o mesmo tipo de raciocínio e comprove o que estou afirmando. Pense em todas as sucursais que podem ser atadas à essa maldita matriz proibitiva e você verá que o meu relatório não cobriu nem 10% de um iceberg colossal.

É bem verdade, que no princípio, os idiotizados do chamado: Eixo do Mal aderiram a política de proteção aos brancos norte-americanos contra nós mesmos, por receio às suas temidas sanções políticas e econômicas. Todavia, o temor como ferramenta motivacional, durou somente até os abutres perceberem o potencial financeiro que as drogas haviam ganhado na clandestinidade. Assim que verificaram o lado promitente dos produtos que tinham nas mãos, com muita felicidade, se tomaram signatários da Convenção Única de 1961, sobre Entorpecentes. Nunca, o dito popular derrotista e conformista: **se não pode vencê-los, junte-se a eles -** foi aceito de tão bom grado.

Fazendo uma breve explicação: no papel, a Convenção Única de 1961 Sobre Entorpecentes, é um tratado internacional assinado por 73 países, que acordaram entre si, a promessa de colaboração mútua para a regulamentação e combate das tais essências demoníacas. E correto afirmar, que esta data deu início à restrição global. No entanto, fora do papel, esta Convenção também pode ser chamada de: o dia em que a coação norte-americana ao mundo, foi documentada.

Um líder de uma nação sob influência financeira e militar dos Estados Unidos que não a acatasse, faria um voo com destino ao cemitério, a bordo de um avião da CIA. A viagem só de ida, era uma das rudes modalidades empregadas pelo Tio Sam, em nome da extinção universal daquilo que entendem como: comportamentos

pecaminosos e não produtivos.

Ao me deparar com a série de oportunidades originadas pela proibição, eu só posso presumir, que o seu criador deva ter recebido um prêmio Nobel secreto de economia. Se não chegou a tanto, penso que por ter revolucionado o comércio mundial, no mínimo, deva ter rolado aí uma medalhinha de maior empresário de todos os tempos! Nada é mais aprazível em mercados estagnados ou em decadência, do que a hipervalorização instantânea de commodities, que antes eram cotados a preços inexpressivos! O homem que teve essa brilhante ideia, pode ser comparado ao inventor do fogo, da roda e da Internet.

Depois que os nossos insetos peçonhentos entenderam que a lógica do esquema dos gringos, não era salvar ou impedir o consumo de ninguém, mas fazer com que viciados passassem de dependentes químicos a criminosos dispostos a praticar barbaridades, a fim de financiar vícios caríssimos, bastou se espelharem nos professores do primeiro mundo para colherem os frutos.

Como é de praxe em toda ação genocida, o primeiro mandamento a ser seguido; era o da invisibilidade. Em qualquer área de atuação relacionada as drogas, sendo lícita ou não, desde o pacto global made in USA, o mais prudente sempre foi usar uma fantasia de Gasparzinho na festa dos milhões. O empresariado que almeja viver dos negócios indiretos, tem de evitar a todo custo que o grande público perceba o link de seu ramo com a catástrofe da proibição e os ricos que desejam trabalhar diretamente com as essências psicoativas, jamais podem deixar as suas digitais, pegadas, salivas ou fios de cabelos na cena do crime.

Estes últimos senhores, mais do qualquer um, sabem muito bem dançar conforme a música. Ou melhor, conforme o tilintar das moedas. A experiência deles nessa direção, já vem de anos atrás.

No dia em que as drogas foram retiradas das prateleiras das farmácias, o playboy atacadista se viu cercado por certos dilemas: parar com a venda, vender na própria cobertura Triplex ou, EURECA, copiar os puritanos norte-americanos. Dito de outro modo: ou, EURECA, montar franquias em locais bem distantes de seu lar e transferir para terceiros a incumbência do repasse aos toxicômanos. Dito de outro modo: ou, EURECA, tornar-se invisível num passe de mágica, manter a atividade comercial a todo vapor a uma distância que anule qualquer suspeita de vínculos e deixar a bronca pros reféns da fome segurarem.

A adição dos favelados na indústria nacional da proibição, representou a morte de dois coelhos com uma cajadada só. O aliciamento das pessoas na miséria garantiu a distribuição no varejo e o sigilo absoluto sobre a identidade do proprietário das produções. Com o emprego dos marginalizados, os burgueses eliminaram definitivamente os riscos de serem flagrados durante negociações com representantes de países agrários, de serem presos dirigindo caminhões, pilotando barcos, submarinos ou aviões com cargas perigosas e ilegais e de serem mortos portando pochetes cheias de cápsulas e pequenas embalagens nos arredores de seus bairros de arquitetura paisagística. Quer dizer, pensando bem, o uso do homem pobre representou uma verdadeira chacina de coelhos! Pois além da discrição em relação aos bacanas, do resguardo da pele dos indivíduos de posses e da introdução

dos produtos nas áreas carentes, ele também assegurou a aceitação destes entre as pessoas menos abastadas.

Nada foi mais acertado e promissor, do que dar o domínio das revendas das sub-pátrias aos habitantes locais, que falavam a mesma língua da comunidade e que tinham as características físicas e sociais parecidas com as da maioria dos moradores da região. O processo de inclusão dos psicoativos seria absolutamente mais complexo e demorado, se as mãos que pegassem as cédulas de dinheiro e dessem o objeto de desejo do usuário, não fossem familiares e confiáveis.

E desta forma, ao datar da entrada das drogas na ilegalidade, os donos das toneladas de cocaína, heroína, maconha, LSD, etc., acumulam fortunas e mais fortunas, sem que haja qualquer ligação das mesmas aos seus reais provedores.

Tá aí, um dos gigantescos impasses sobre a questão: porque a alta classe findaria uma vantajosa **Guerra Não Declarada,** onde os rostos dos contemplados pela derrama de lágrimas, nunca vão aparecer estampados na capa da Veja? Porque a alta classe findaria uma vantajosa **Guerra Não Declarada,** onde os verdadeiros chacinadores, em nenhuma circunstância, serão associados as tragédias que ocasionam? Pior! Além de não serem responsabilizados por suas ações hediondas, ao vestirem a camisa da continuação da marginalização de um dos costumes mais antigos da humanidade, marginalização esta que apenas traz como consequência aos excluídos um tsunami de sofrimento, ainda transitam perante a sociedade como intelectuais sensatos. Veja você que absurdo! Já o Eduardinho aqui, por estar expondo esse conteúdo com seu ponto de vista, será taxado como irracional, simpatizante do narcotráfico, viciado advogando em causa própria, etc., etc., etc...

Mas será que o Eduardo é tão inconsequente e desinformado assim? Vejamos no decorrer das páginas seguintes, quais são os argumentos desse ignorante que vos escreve para sustentar a sua opinião legalista.

Amor ao Pró$$$imo?

Vamos fingir por um momento, que por trás da falsa cruzada não exista uma mega indústria lucrativa da morte e que a única preocupação da ala proibicionista que ruge pela hegemonia eterna de sua ideologia, esteja ligada realmente à saúde pública. Já que essa é a desculpa predileta deles, vou me limitar a ela para provar, que nesse caso também, a tese continuísta do atual modelo dos defensores não apresenta consistência para ser aceita e tão pouco dispositivos para promover a beneficiação alardeada como meta.

Começo dizendo, que os critérios dos opositores da liberdade individual para definir os ingredientes que representam os perigos tóxicos mais danosos à sociedade, são levianos. As suas conclusões são desprovidas de prudência e senso analítico. O pseudogesto de caridade não é embasado em pesquisas científicas, mas apenas na coação dos Estados Unidos. Se não fosse dessa maneira, esses cidadãos "inteligentes" pleiteariam uma restrição total e não parcial.

Desenhemos aqui um quadro hipotético para ilustrar a falta de coerência dos nossos "anjos da guarda". Imagine você, tendo nas mãos o poder de cura sobre a Aids e o Câncer (doenças com graus de letalidade semelhantes), sendo que o seu propósito sincero é a salvação de todos os enfermos, o que você faria?

(A) Erradicaria as duas doenças.

(B) Combateria apenas a que atendesse aos seus interesses.

Num cenário de preocupação real para com os semelhantes, todos os males que podem afetar e debilitar a população seriam atacados e não só uma pequena parcela deles. Situações espinhosas não permitem espaços para exceções.

O dilúvio de contradições em que essas pessoas estão imersas é tão profundo, que eu desafio qualquer um antipático a legalização a subir num púlpito e agraciar a plateia com razões plausíveis e convincentes, que expliquem uma pequena incoerência; o porquê da perseguição a determinadas drogas que oferecem baixos níveis de agressividade aos seus simpatizantes, enquanto outras, comprovadamente muito mais devastadoras, são aceitas, absolvidas e festejadas. Sabe quando veremos esse tipo de palestra? Nunca! Porque qualquer criminalizador tem pleno conhecimento do que acabo de afirmar; de que o seu discurso não está pautado em exames, estudos, testes, informações, observações ou análises e sim na indução do primeiro mundo e na ganância dos poderosos.

Tô quase quebrando a minha promessa de não trabalhar com a face econômica do tema nesse trecho. É que quando se tira a ganância do foco, aí que a coisa perde o sentido lógico mesmo. Afinal de contas, sem o dinheiro e a balela da preservação de vidas, o único gancho que segura a criminalização é a burrice!

Qual o fundamento de uma luta que tenta abolir apenas algumas substâncias

recreacionais e que deixa fora de seu raio de atuação todas as drogas que são usadas para fins científicos, espirituais, ritualísticos e médico-farmacológicos?

Você não acha esquisito, termos permissão para morrer de overdose em qualquer circunstância, menos se estivermos nos divertindo? Será que o problema estaria relacionado às baladas? Só se for com as baladas que não são regadas a litros de um certo veneno legal, que aparece mais na TV do que o símbolo da rede Globo.

Não é segredo pra ninguém, que a maior diferença entre as drogas lícitas e ilícitas não está presente nas reações ou prejuízos físicos, mas na definição legal ou ilegal. Não existem drogas mais ou menos perigosas, todas representam ameaças aos seus adeptos. O poder destrutivo, tanto das toleradas, quanto das amaldiçoadas, obedece a um parâmetro de equivalência. O que diferencia o nível de estrago que ambas produzem, é o organismo de cada um e a dosagem absorvida. Michael Jackson por exemplo, morreu vítima de uma mistura de pílulas de Lorazepan e Propozol, medicamentos vendidos livremente. Final parecido pode ter tido a atriz Brittany Murph, cujas suspeitas do falecimento recaem sobre o analgésico VICODIN. Logo, não há meio termo para o assunto! Ou se proíbe tudo o que é prejudicial ou não se proíbe nada.

Esse é um dos pontos que mais fortificam a minha indignação. Ora, porque a nação das favelas tem que engolir, sem se rebelar, um movimento mentiroso, em que os seus engajados apenas acatam ordens delegadas por estrangeiros? Porque a nação das favelas tem que engolir, sem se rebelar, um movimento em que os seus sectários não tiveram a decência de sequer realizar uma seleção por periculosidade, para tomar as suas decisões. Minto, nem ao menos tiveram a honradez de tomar as decisões. Como podemos prolongar a aceitação da retórica, de que estão nos protegendo a força, se o tal processo de extirpação do mal, não abrange nem um terço dos componentes que nos são daninhos?

Confesso, sempre que faço um cálculo de cabeça sobre o tempo que estimo que levará para o meu povo deixar de se submeter como cordeiro à esse desprezível decreto preconceituoso, forjado no racismo, na xenofobia e no capitalismo, tenho um ataque de inconformismo e revolta. A angústia que me toma é tão profunda, que o meu espírito chega a ficar sufocado. Se é que é possível!

É frustrante pensar, que na atual conjuntura mortífera e impiedosa, quando deveríamos estar nos elevando ferozmente contra as leis **e** os legisladores que apagam todo e qualquer vestígio de uma luz no fim do túnel da pacificação, estamos curvados e passivos. Estamos acorrentados à um pacote de prescrições sem pé nem cabeça. Vivo em constante contagem regressiva para o fim dessa aflição!

Para dar uma ideia de quão ridícula é a posição dos partidários da proibição de substâncias e da legalização da ignorância, eu vou montar um exemplo usando uma clássica droga legalizada. Esse exemplo ilustrará bem, o tamanho da imbecilidade de se endossar uma proibição feita ao acaso. Esse exemplo mostrará de maneira cristalina, **o** erro crasso que é prosseguir atendendo recomendações por imposição e não por convicção. Presta atenção nas alterações que seriam promovidas, se a roleta do destino tivesse parado em outros psicotrópicos no lugar dos habituais.

Por um detalhe técnico, eu não sou considerado um viciado criminoso, pois sou

adepto da substância psicoativa mais consumida do planeta: a cafeína. Bebo quase uma garrafa por dia do líquido que, em longo prazo, causa efeitos como: agitação, irritabilidade e perturbações estomacais. Escapei por um triz de ter que escrever este livro atrás das grades. A minha sorte foi que os norte-americanos não inventaram, por capricho, uma legislação penal contra o café. Se isso tivesse ocorrido, não só eu, como milhões dos meus conterrâneos perderiam a liberdade e o título de pessoa de bem. Afinal, o Brasil é o segundo maior consumidor do mundo. Se os gringos tivessem embaçado nesse costume brasileiro, hoje, o nosso país, por ser o maior produtor entre todas as nações, seria um território mais perseguido do que a Colômbia. Na atualidade, nos sentamos num bar e sem incômodos tomamos uma dose desse saboroso estimulante, somente porque no final do século XIX a referida bebida não era uma tradição da cultura chinesa, mexicana ou africana.

Como a interdição não passa de uma escolha pessoal, seus idealizadores por vontades súbitas, poderiam ter proibido as peras, o arroz, o chapéu, o bigode e o cavanhaque. Já pensou, que se os norte-americanos daquela época quisessem, hoje seria um crime ter pelos no rosto! E aí, lá ia o Eduardo de novo para o presídio.

Entendeu à que tipo de normas a humanidade da era digital se sujeita? Um belo dia, um neocolonizador se incomoda com o cheiro da maconha, ordena a caça às bruxas e num piscar de olhos, sem questionamento dos prejudicados, temos a construção de um paradoxo doentio. Temos a proibição da Cannabis Sativa, na mesma civilização moralista que mantém legalizada a morfina, um opiáceo cujos efeitos são idênticos aos da heroína.

Quando cito o café como umas das drogas irrestritas, a primeira coisa que eu ouço é:

- Mas peraí Eduardo! Tem muita distância entre uma carreira de pó, uma pedra de crack e um cafezinho.

Esse tipo de indagação defensiva, busca exibir uma característica inexistente no ventre da proibição; a de que os arquitetos da cagada optaram com total consciência, por só penalizar as essências mais pesadas.

Basta um brinde, para percebemos que a tal colocação é totalmente enganosa. Pra saúde individual, o álcool é tão ou mais prejudicial, do que qualquer ingrediente criminalizado. Ele destrói física e psicologicamente o consumidor, o vida em pouco tempo e após alguns anos o leva ao óbito. No que diz respeito ao bem-estar coletivo, as consequências são ainda mais catastróficas! Ele abala e desagrega as famílias de alcoólatras, está envolvido na grande maioria dos acidentes de trânsito e abocanha um pedaço bem salgado do orçamento anual do Ministério da Saúde. O perigo anexo a água que passarinho não bebe é tão desmedido, que nos próprios comerciais os fabricantes fixam um prenuncio das tragédias que estão por vir. **SE FOR BEBER NÃO DIRIJA.**

Mas não se engane, não é só a bebida alcoólica que se enquadra como modelo de droga não proibida que proporciona riscos graves à sociedade, semelhantes ou maiores do que os das restritas.

Na lista dos que não são alvos dos “não pecadores”, temos os anfetâminicos,

que são bastante usados como remédios para emagrecer e como rebites pelos motoristas de ônibus e caminhões que desejam permanecer acordados por dias rodando pelas estradas. Eles provocam dependência crônica, crises de abstinência e irreversíveis degenerações celulares no cérebro.

Porque será, que tantas pessoas fazem uso dessas bombas teleguiadas para ter o corpo perfeito? Normalmente porque estão fora de forma, devido ao abuso do açúcar! Se não bastasse o doce veneno historicamente estar associado a desgraças como: a escravidão africana no presente, o seu consumo diário causa ataques cardíacos, derrames cerebrais e diabetes. Isso, sem mencionar que esse pó branco é o grande vilão da obesidade mundial, que empurra milhares de doentes para o vício mortal dos anfetamínicos.

Qual pó mata mais, o que adoça a nossa vida ou a cocaína? Um baseado perto de uma Coca Cola gelada ou de um guaraná espumante com teores elevados de açúcar, é tão inofensivo quanto uma maçã. Que o diga os pobres coitados iludidos por reclames estrelados por celebridades, que depois de verem as suas massas corpóreas triplicando, acabaram em cadeiras de rodas devido a amputações de membros, em razão de doenças como: a diabetes.

A primeira coisa que um jogador deveria fazer numa campanha publicitária dessas, era trocar as falas indutivas do tipo: abra essa emoção para:

- Se você me admira e quer ser igual a mim, nunca ponha essas merdas dentro de seu corpo.

- Pois ao ingeri-las constantemente por um curto período, a última coisa que sobrará de você, será uma perna para chutar uma bola.

Acho que não preciso discorrer sobre o cigarro e as suas mais de 4.700 substâncias tóxicas, que atingem não só aqueles que as inalam propositalmente, como também os que estão próximos aos fumantes. Perdoe a minha abissal falta de conhecimento, mas eu não me lembro de nenhuma droga ilícita que tenha o poder de causar a morte por consumo daqueles que não são usuários dela. Creio que assassinar consumidores passivos, seja um privilégio apenas do tabaco enrolado em mortalha de papel. Mortalha? Que sugestivo não é mesmo? Por esse ângulo, a fumaça cancerígena da indústria tabagista aniquila mais seres humanos inocentes do que as balas perdidas.

Da mesma forma, penso eu ser redundante, descrever os males causados pelos esteroides e anabolizantes ou as reações nefastas dos inúmeros medicamentos utilizados para a elevação do ânimo, da autoestima, para a redução da ansiedade, do stress, para o fim da insônia, etc...

Um simples analgésico ofertado na gôndola de uma drogaria pode te viciar e dependendo da quantidade absorvida, vir até a te levar para o sono eterno!

E por falar em sono, uma conversa pra boi dormir que circula há décadas nos meios de comunicação, é a de que a maconha seria o passaporte para os entorpecentes mais perigosos. Mentira! A porta para o mundo da loucura é aberta por outras chaves. As drogas mais consumidas na pré-adolescência são: a benzina, o éter, o álcool, a cola de sapateiro e o cigarro. Dos cinco exemplos, é fácil perceber

que todos são legais. Já na adolescência e fase adulta, os jovens que entraram no chamado: antro da perdição não vão para as ruínas viajando exclusivamente a bordo das famosas essências perseguidas. Negativo! No tal caminho sem volta, muitas vezes o combustível pode ser uma mistura de álcool comprado no mercado com medicamentos tarja preta, adquiridos sem receita por menores em qualquer farmácia da esquina. Ou pode ser a atual febre de todas as festas Raves: a bomba compilada com o lícito e o ilícito. E comum a juventude burguesa potencializar narcóticos, adicionando anestésicos veterinários, antirretrovirais e remédios para impotência e para narcolepsia.

Ao olharmos um adepto dessa combinação explosiva pela ótica puritana, estaríamos frente a frente com um cidadão metade viciado e metade reto? E aquele que repassou a embalagem contendo a junção do bem e do mal, seria 50% traficante e 50% farmacêutico? Diante desse enigma, qual o julgamento mais justo a ser feito? Condenar uma parte do corpo pela venda da droga e deixar livre o restante que comercializou o medicamento?

Para dar o tiro de misericórdia nesse conservadorismo tolo, vou expor um derradeiro dado que evidencia ainda mais a irracionalidade aguda dos proibicionistas. No mesmo ambiente complexo em que se penaliza uma parcela das drogas recreacionais, ingredientes com a função de reproduzir as mesmas reações dos proibidos transitam dentro da lei. Estou me referindo as "LEGAL HIGHS", substâncias criadas artificialmente em laboratório para oferecer os efeitos da maconha, do ecstasy, do LSD e da cocaína. Quando nos deparamos com notícias desse tipo, o primeiro pensamento que vem à mente é:

- **Caralho! Solucionaram a questão!**
- **Enfim desenvolveram algo que proporciona as almejadas sensações de prazer e alivio, sem causar estragos a saúde.**

Não neste caso. Especialistas são categóricos em afirmar, que os produtos legais, assim como os co-irmãos plagiados, podem causar aos usuários danos orgânicos e transtornos psíquicos crônicos. Conclusão: as "LEGAL HIGHS", oferecidas em lojas europeias e compradas no Brasil via Internet, tanto quanto as demonizadas, apresentam em suas composições altíssimo potencial de dependência e destruição.

E é nessa atmosfera sem sentido, que gerações de excluídos estão sendo dizimadas, muito menos pelos cachimbos e canudos, do que pelas metralhadoras da PM, pelas doses de álcool e pela nicotina.

Quando as autoridades divulgam os seus relatórios alertando sobre o perigo que as drogas representam, sempre esquecem de especificar, que a bebida sozinha mata mais do que todas os estupefacientes juntos. Não é incrível que a droga mais letal não seja sequer enquadrada como droga? Mais incrível ainda, fica a posição retardatária dos demonizados alteradores de atividade mental, quando acrescentamos na contabilização das sepulturas, o companheiro quase que inseparável do copo: o cigarro. Com a adição dessa dupla de dinâmica na conta, as taturanas no espelho, os fininhos, as pedras e até a merla preparada com ácido de bateria, cal, querosene entre outros solventes, passam de aniquiladores atrozes para

a condição de matadores inexpressíveis.

Ao concluirmos que o opressor nacional, não é nada mais do que um mero importador barato de crenças, conceitos, dogmas e punições primeiro-mundistas, torna-se um absurdo execrável admitir a intromissão estatal na vida do indivíduo. Ao se fundamentarem numa cruzada racista, xenófoba e capitalista, os controladores dos órgãos repressores perderam qualquer credibilidade moral, para condenar o desejo do cidadão em aliviar as suas tensões, ansiedades, medos e sensações físicas desagradáveis pelo modo que julgar mais conveniente.

Entramos naquele velho paradigma: para cobrar, é preciso ser correto. Para se exigir decoro, é preciso ser o retrato fiel da equidade. Como que um pai que se embriaga, urina nas roupas e dorme no próprio vômito, pode aconselhar um filho a não beber? Eu espero que um governo que deseja me tutelar e me conduzir, seja no mínimo, formado por parlamentares honestos e que esses nobres membros do parlamento, tenham pelo menos pleno conhecimento acerca do conteúdo dos projetos de lei que aprovam, engavetam ou reprovam.

Nada melhor ao refletir sobre as substâncias mais danosas à sociedade, do que fazê-lo abrindo um pacote de batatas fritas recheadas de gorduras trans, capazes de aumentar os níveis de LDL (colesterol ruim), ou mastigando pedaços de sanduíches pobres em nutrientes, presentes nos cardápios das lanchonetes onde o palhaço é você.

Quero aproveitar a deixa, para indicar ao leitor um filminho bem educativo. Assista o documentário: Super Size Me A Dieta do Palhaço onde um mano muito corajoso realiza a arriscada experiência de tentar permanecer vivo por 30 dias a base da MC alimentação. Após ver este vídeo, é bem provável que você passe a ter uma opinião bem próxima da minha, de que se os nossos representantes políticos e os defensores da repressão a ferro e fogo primassem mesmo pela saúde pública, na porta de cada restaurante desses haveriam fotos iguais as das embalagens dos maços de cigarros, enfeitadas com a frase: **O Ministério da Saúde adverte, comer nesses centros de exploração trabalhista, é encomendar a sua urna funerária precocemente!**

Não vou mais me estender nesse desmascaramento de vermes. Está mais do que nítido, que a solidariedade passa bem longe da interdição dos narcóticos. Essa desculpa é de uma desfaçatez tão elevada, que não é capaz de iludir nem um cérebro com a percepção da realidade distorcida por um baseado de 25 gramas. Essa colocação ultrapassa as raias da canalhice! Insulta e subestima a nossa inteligência.

Por não nos verem promovendo manifestações contra a falta de veracidade de asseverações desse tipo, os poderosos acabam tendo uma impressão errada daquilo que pensamos. Acham que porque não nos amotinamos, compramos satisfeitos tudo o que nos é vendido. Vai nessa! Pra toda regra há exceções. Asseguro que muitos mutilados de guerra não estão amansados por falta de ideias divergentes das dos opressores, mas por pavor a violência estatal. Não tenho dúvidas, de que numa posição de segurança, qualquer favelado que ouvir a pergunta:

- Você acredita na face caridosa dos proibidores e na sua preocupação social?

Responderá sem pensar: **E lógico que não!**

Talvez alguns não consigam traduzir com palavras a explicação para a sua desconfiança, ou apresentar uma série de detalhes como eu fiz aqui, mas com certeza, a incredulidade nas intenções bondosas do inimigo reinará por unanimidade.

O que eu quero dizer com isso, é que independente do grau de escolaridade e da bagagem cultural de cada morador das zonas de conflitos, todos que estão nas linhas de tiros sabem, por instinto ou pela convivência forçada com a burguesia, que as drogas não são mantidas na clandestinidade por filantropia e sim por lucro.

Quebrei a promessa! Citei novamente a ganância como a motivação central nos dias de hoje, para a idiota criminalização. De qualquer forma, o argumento de proteção e amor ao próximo, que fica muito bonito na campanha do candidato, nas páginas do Estadão ou no discurso do chefe do Denarc, não nos convence.

Quero a Legalização das Drogas e a Proibição da Ignorância e do Walmart da Morte

Legalizar ou não? Eis a questão! A princípio parece uma indagação simplista, sobre um assunto sem muita importância, de interesse exclusivo de usuários preocupados com suas situações perante a justiça criminal. Algumas pessoas chegam a cometer o erro de achar, que pelo fato de não darem uns dois ou não traficarem, elas não têm nada a ver com a polêmica. Um grande equívoco! Eu não preciso cheirar cocaína, injetar heroína na veia ou estar de micro-Uzi defendendo uma biqueira, para ser afetado direta e indiretamente pelos dentes afiados dessa indústria. Dependentes químicos ou "caretas" sóbrios, todos são lesados pela proibição.

E é por essas e outras, que a discussão a seu respeito tem de ser encarada com muita seriedade. Ela tem de fazer parte das conversas corriqueiras entre casais, pais e filhos, vizinhos, colegas de trabalho ou de escola, professores e alunos. Enfim, esse tema de vida ou morte deve estar em cada lar brasileiro. Ele tem de ser anexado em algum espaço entre o futebol e o carnaval. E obrigatório, o quanto antes, que essa adaptação seja feita, principalmente por nós, que costumeiramente prestamos condolências segurando alças de caixões de parentes e amigos.

Definitivamente, não nascemos fadados a sermos as cobaias dos Estados Unidos, que devem permanecer estáticas, enquanto são exterminadas numa inútil derrocada. Quantos corpos são precisos pra que aquele que tem o poder de mudança nas mãos, entenda que no que diz respeito a preservação de vidas, essa experiência fracassou? Quantos corpos mortos eu não sei, mas vivos e mobilizados eu faço uma ideia.

Por mais descrente que eu seja, acalento a esperança de que com uma sonora mobilização em massa, uma onda de bom senso pode ser despertada a força. Por ser uma pessoa cética ao extremo, não costumo perder meu tempo alimentando falsas expectativas, mas neste caso, existe um bom motivo para a administração desse sonho. Já ouve uma situação parecida que terminou com o desfecho que eu almejo. E o mais inacreditável, esse acontecimento se deu na América do Norte.

Depois de treze anos, o fiasco da lei seca pôs fim a proibição yanque das bebidas. E adivinha porque isso ocorreu? Porque o resultado da interdição havia gerado, como no caso das drogas, um lucrativo mercado que sobrevivia bem mais das tragédias ocasionadas por ela, do que da venda do álcool ilegal.

Se um dia, os donos do mundo foram forçados por pressões de manifestantes a reconhecer um erro dessa magnitude e voltar atrás em suas decisões, não custa imaginar que isso venha a acontecer também em nossa terra. Dependendo da

circunstância, não é vergonha admitir-se um otimista, por mais utópico que possa parecer. Numa guerra injusta e covarde, a esperança é uma das armas de um exército despreparado. É fato, numa luta desigual, além de depender de nossa perseverança, temos que contar com a razoabilidade dos rivais. O que naturalmente, não é lá muito viável! Talvez, nem os chineses tivessem paciência para esperar pelo milagre que anseio. Mas fazer o que? Estou me adequando a triste realidade do Brasil favela.

Sem o controle do poder público, acabou nos restando como saída; a boa vontade ou o medo por parte dos algozes. Quem sabe uma hora, após ouvirem exaustivamente os nossos gritos nos megafones e os passos de nossas marchas, a sede do rico por sangue cesse. Ou seja, cessada na marra.

Só uma ressalva para não ser injusto: a evidente falta de organização do povo carente nessa direção, também é um reflexo do bom e velho planejamento de emburrecer e confundir dos oponentes. Num combate sangrento, nada é mais eficaz para a vitória dos tiranos, do que desviar o foco do adversário em desvantagem, implantando no seu cérebro preocupações manipuladas. Se você, ao mesmo tempo em que queima lentamente os pés de alguém, decepa com um machado as suas mãos, é possível que ele nem sinta a dor provocada pelas chamas. É provável que no susto, a violência impactante faça
com que a vítima se acostume com o sofrimento causado pelo fogo e só perceba as queimaduras quando os pés já tenham virado cinzas. Agora, já sem a preocupação em relação às machadadas, a pessoa fará de tudo para resguardar os seus pés.

Atualmente nos encontramos desta forma, desorientados e levados convenientemente a enxergar apenas os problemas que, se resolvidos, não afetariam o desempenho das máquinas de multiplicar fortunas da classe dominante.

Os porcos que nos governam e que enchem o rabo com o dinheiro proveniente da indústria da proibição, sabem o quanto é perigoso para eles, que os pormenores de um assunto como esses se tornem de conhecimento geral. O temor dos investidores mórbidos não é infundado, como são os motivos que sustentam as suas sanções estúpidas. Imagine o que já teria acontecido, se a legião dos favelados fosse íntima do tema? Há décadas teríamos reclamado no mínimo, um referendo.

E é aí que mora o X da questão. Será que se houvesse participação popular nas tomadas de decisões, o Brasil continuaria sendo um gomo da corrente proibicionista? Será que continuaríamos pousando de aliados devotados dos brancos estadunidenses, os protegendo das “tribos latino-americanas”?

Eu aposto e ganho, que num plebiscito acessado por pessoas pobres com um nível decente de erudição, a legalização total venceria por maioria esmagadora. Minha previsão se concretizaria por uma simples razão: uma vez informados, todos passariam a perceber o cheiro irrespirável da hipocrisia. Vou te falar, nem o odor de um cadáver faz frente a este cheiro. Não se espante se você começar a sentir um pouco desse perfume com a continuação da leitura. E que o aroma é tão forte, que ele é capaz de ultrapassar os limites da imaginação e materializar-se em suas fossas nasais, na medida em que você for assimilando os escritos a seguir. Em sendo necessário, ponha um pregador no nariz e vamo que vamo!

Aqueles que são contra a liberação, argumentam que com ela haverá uma

superoferta e em consequência da grande disponibilidade, o consumo aumentará consideravelmente. Dizem esses críticos, que
com mais pessoas consumindo, acontecerá um anárquico tumulto.

Ao ouvir esse tipo de argumentação, prontamente me vem o seguinte raciocínio: pra se formular a ideia de que a drogatização nacional opera no seu limite máximo, é preciso saber ao menos, o número exato de usuários. Pois bem, de quais fontes eles retiraram esse dado? Eu nunca vi nenhum deles com uma prancheta batendo de porta em porta na periferia, para indagar se os habitantes locais têm o hábito de dar uns tirinhos. Qualquer dependente químico que pediu auxílio ao SUS para a sua desintoxicação, foi dispensado antes da ficha de atendimento ser preenchida. E por fim, eu, em tempo algum testemunhei um movimento de admissão pública de vício.

Se não foram a campo, se não colheram auto declarações e se não dispõem de cadastros hospitalares, então como podem afirmar que se mais dez fumarem haxixe sucederá um descontrole social generalizado? Agora, em relação ao detalhe da temida ultraofertação, além de rolar no chão de tanto rir, eu só posso perguntar:
- Em que país esses seres vivem?

Até parece que na juventude eles não frequentaram festas universitárias. Até parece que eles não mexem nas gavetas e mochilas de seus filhos e que não observam seus olhos avermelhados, suas falas arrastadas, suas gargalhadas repentinas e suas inexplicáveis agitações, tremores, paranoia e agressividade. Até parece que nunca espiaram a galera do seu círculo de amizades fazendo nos toaletes dos restaurantes ou boates cinco estrelas, o famoso barulho de aspiração, que é a marca registrada da absorção de cocaína.

Algumas drogas podem causar atrofia mental, a ignorância causa! Posso crer, que somente cérebros atrofiados não consigam compreender, que no Brasil a proibição só existe no que se refere à repressão e a violência contra favelados. Já no quesito; dificuldade de aquisição, o grau é zero. Nos bairros esquecidos, é mais fácil comprar um quilo de SKANK do que pão. Faça um teste, peça para uma pessoa que vá comprar produtos da cesta básica e para outra que vá comprar drogas e você verá que o encarregado de ir a biqueira voltará muito mais rápido.

É uma insanidade imaginar, que com a existência de tanta demanda, algumas letras frias colocadas em um papel por juristas, impeçam a circulação intensa dos psicoativos. Portanto, não vejo lógica em acreditar, que uma mudança na atual legislação aumentaria o uso daquilo que todos já são livres para usufruir quando bem entendem e aonde querem. Isso inclui as ruas e as praças de nossas cidades. Ou será que os defensores da criminalização também nunca presenciaram um homem caminhando pelas calçadas fumando um baseado?

A melhor definição que faço a esse respeito, é que as drogas são liberadas em nosso país de maneira não oficial. Convivemos com um regime de legalidade de fato, que só não ostenta certificados e que não foi impresso no Diário Oficial da União. Não sei nem se é correto o emprego do termo: "legalização clandestina". Até porque, essa colocação denota algo que é feito às escondidas. Não seria esse o caso! A cracolândia ilustra bem o que eu digo. Quer dizer, as cracolândias. Já que nesse

instante, cada estado do Brasil tem a sua.

Sendo bem sincero, aqueles jovens encontram alguma dificuldade para adquirir e derreter as suas pedras de crack? Aliás, a liberdade nesse ponto é tão acachapante, que já dá margem para uma interpretação de abandono. E o dedo burguês apertando o gatilho para as mortes lentas dessas crianças, pré-adolescentes, adolescentes e adultos.

- **Opa Eduardo, agora você caiu em contradição.**
- **Essas pessoas não tão gozando da licença para o consumo que você tanto prega?**

Eu prego a licença para o fim da hipocrisia e da matança indiscriminada. Eu prego a inserção desse tema na educação familiar e escolar. Eu prego que o Estado substitua a penalização e a indiferença sobre o usuário, por proteção, cuidados clínicos e acompanhamento psicológico. E prego um quadro de desmarginalização, onde viciados não sejam tratados como peso morto. Sejam levados a um consumo seguro e responsável, como o que existia antes do decreto USA. Nessa época, os médicos conseguiam fazer com que aqueles que não podiam largar o vício através de tratamentos, levassem vidas normais supervisionadas. Para traçar um paralelo, minha mãe tinha problemas cardíacos e era obrigada a tomar drogas controladas para sobreviver. É a mesma coisa! Só muda que uma substância vem da bocada e a outra da farmácia. Num mundo legal e tolerante, dependentes químicos não são descartáveis como papel higiênico.

As drogas podem matar, o desprezo mata! O atual modelo da cracolândia não é prudente, porque faz parte de uma metodologia de assolamento. Serve para os defensores da continuação irresponsável, propagarem imagens falsas de como seria o cotidiano dos usuários com o advento da liberação. Lembre-se: não vemos centenas de bêbados numa convenção etílica nas ruas e também não vemos os doutores, juízes, políticos, etc., chegados num tapa ou numa cafungada, enrolados em cobertores vagando pelas madrugadas. Aquelas almas que perambulam nas áreas centrais das grandes cidades, não refletem a quantidade exata dos consumidores e nem as condições físicas e sociais de todos os adeptos. Aliás, se todos os consumidores de drogas do Brasil estivessem nas cracolândias, o país estaria parado, afinal, boa porcentagem da população faz uso de algum tipo de substância ilícita. O ponto que eu quero chegar é o seguinte: o tal quadro de indigência que assistimos nesses bolsões de entorpecimento, se deve bem mais a omissão governamental, do que propriamente ao uso de drogas. Não que com isso eu esteja eufemizando a nocividade dos chamados psicotrópicos pesados e me colocando a seu favor. Mais uma vez reitero, que sou partidário da legalização e não dos narcóticos. Penso, que com ela um viciado pode vir a falecer por overdose e com a proibição o mesmo pode morrer e levar junto o menino do morro que porta a glock e a criança que nunca ouviu a sigla LSD.

Contesto a alegação, de que com o fim da interdição cresceria o consumo, apresentando dados e não expondo achismos. Veja como as minhas provas são contundentes: em 23 de agosto de 2006, o então presidente Lula sancionou a Nova

Lei Antidrogas, que aboliu a pena privativa de liberdade para os usuários nacionais e nem por isso o número de viciados se multiplicou. E nem por isso, aquele que já se drogava antes da entrada em vigor dessa mudança passou a correr nu e a defecar ao ar livre.

Na verdade, ao invés da prevista explosão de loucura e caos, o que aconteceu foi a diminuição de dependentes químicos espremidos em celas. Hoje só presenciamos casos de viciados no cárcere, porque a alteração penal ficou com um pequeno defeitinho. Nada demais! Os nossos "nobres legisladores" só esqueceram de estabelecer a quantidade que distingue o comprador do vendedor. Deixando assim, a sorte do usuário a cargo da interpretação do policial que fizer a abordagem. Se o tira estiver de mau humor, sendo chifrado pela mulher ou com o seu sadismo a flor da pele, já viu né. Deixando assim, a sorte do usuário aos cuidados de um juiz que avaliará as condições em que se desenvolveu a apreensão, as circunstâncias sociais e pessoais, bem como a conduta e os antecedentes do agente. Não preciso dizer, qual o artigo que é assinado por um pobre preso fumando unzinho em um terreno baldio da periferia.

Num tribunal justo, bastaria essa prova contendo de forma documental e sacramental, essa espécie de descriminalização brasileira, para eu obter ganho de causa na discussão acerca do aumento desordenado ou não do uso com o fim da proibição. Mas não é apenas nesse indício que está formulado o meu ponto de vista. Tenho mais outros dois motivos, não menos incisivos, para prosseguir na direção contestativa. Repudio as premonições dos advogados do diabo, por viver dentro de um cenário onde não há nenhum empecilho para o acesso aos entorpecentes e também por experiência própria. A cachaça não é liberada? Beleza! Então o que explicaria eu não ter o costume de beber, já que pela argumentação de meus opositores, a simples etiqueta de legalidade provocaria um surto consumista em massa? Eu não bebo, porque tenho informações sobre os males do álcool e sobre o quanto as indústrias desse ramo fúnebre lucram com as nossas cirroses. Fui educado para não ser alcoólatra. A minha conscientização não permitiria que eu colocasse uma gota desse veneno na boca, nem se eu tivesse pré-disposição orgânica para o alcoolismo. O que é muito estranho! Pois, seguindo a tese restritiva, sem a tutela estatal eu teria de ser um assíduo frequentador de boteco. Sem nenhuma autoridade reprimindo o conteúdo que eu coloco no copo, eu teria de ser degenerado e depravado. Surpresa! Eu não sou! Creio que uma prova de carne e osso, deva desconcertar todos os idiotas que seguem na linha teórica do: "liberou desandou". Ao contrário do que esses deformadores de opinião instituíram, as pessoas não vão se transformar em viciados da noite para o dia, só porque as drogas foram para as prateleiras de bares, padarias e farmácias. Parece até que existe uma fila de candidatos a dependentes físicos e psíquicos esperando o sinal verde para se acabar.

O que eu admito que poderia ter chances de ocorrer, seriam as experimentações provocadas pela indução de comerciais. Isso é claro, se numa hipotética atmosfera liberal houvessem concessões e lacunas para a tal coação mental ser posta em prática. Esse "se", não é razão para maiores preocupações, por tratar-se de algo perfeitamente controlável. Trocando em miúdos: o único elemento que definiria a

expansão ou a manutenção do consumo nos moldes atuais, seria a postura do governo. Se fosse complacente com os industriais, permitindo a aliciação por meio de materiais promocionais, caminharíamos para um surto epidemiológico, se fosse severa e rigorosa, impedindo integralmente a veiculação de propagandas em todos os meios de comunicação, teríamos a conservação do quadro atual.

Vale lembrar, que o consumo do cigarro decaiu, na mesma proporção em que os informes publicitários diminuíram. Nos anos 50 e 60 o fumo era moda, porque atores como: Marlon Brando e James Dean apareciam nas cenas dos filmes em sua companhia.

As crianças só vão ter o desejo de degustar um salgadinho de determinada marca, se forem cooptadas por reclames capciosos. Quando os nossos filhos nos pedem biscoitos recheados, o fazem porque os seus fabricantes já executaram, através das ondas televisivas, o seguimento de merchandising sedutora, estrategicamente direcionada as pequenas mentes que não tem capacidade intelectual para questionar os malefícios ou os benefícios daquilo que lhes é oferecido. Se anulássemos essa ferramenta de hipnose, a criançada iria se contentar em mastigar brócolis. O mesmo se aplica as drogas!

Até que se prove ao contrário, somos seres humanos, o que significa: frágeis seres consumidores. O trabalho dos grandes executivos das multinacionais, é encontrar os mecanismos que despertam vontades e necessidades pré-fabricadas na legião de compradores por impulso em potencial. Equipes de especialistas meditam 24 horas por dia, em busca da fórmula ideal para laçar mais e mais ovelhas. Se esses ases da psicologia humana conseguem fazer um par de NIKE ser metamorfoseado em um item vital para a nossa sobrevivência, pense nos apelos tentadores que eles seriam capazes de conceber para empurrar no povo produtos tão prazerosos como os entorpecentes. Depois de um bom esquema de publicidade, certamente muitos não sairiam da cama antes de meter uma agulha na veia. No Brasil, bastam duas chamadas divertidas de 30 segundos, para que um objeto supérfluo ganhe um caráter de imprescindível.

Como disse antes, na minha visão, a promoção instigante seria o único perigo para a abertura de uma temporada de novas adesões. Atando as mãos de determinados abutres, atam-se todas as possibilidades de crescimento do consumo! Sem a glamurização, não há sequestro cerebral. No modelo de legalização defendida por mim, com educação e sem indução, não existem cantores famosos declarando na frente do logo de uma empresa, que o seu sucesso é consequência do péssimo hábito das drogas fabricadas por ela. E nem atores de novela das oito conclamando a todos para que provem o novo sabor da **MACONHA SUPER CANNABIS** ou da **COCAÍNA ALTA PUREZA.** Não há espaço para um cachimbo com o rosto da bolacha trakinas dizendo:

- Hei amiguinho, leve-me pra casa pra nós brincarmos o dia e a noite inteira. Há, Há, Há...

Ser favorável à legalização significa, tão somente, apoiar a regulamentação de um quadro já existente. Até os meus adversários ideológicos reconhecem a nulidade

da proibição teatral. Nem eles podem se esquivar do regime de legalidade extraoficial em vigência, pois nas vidas dos brasileiros, as drogas são onipresentes como o ar. Estão nos jardins de infância, nas escolas, nas universidades, em empresas, no mundo artístico e esportivo, no covil político, nos bares, boates, igrejas, etc...

Os proibicionistas têm a perfeita ciência, de que a abstinência total pretendida por eles, é puro surrealismo. Os proibicionistas têm perfeita ciência, de que a extinção dos psicoativos é uma quimera!

Independente de quantos pobres sejam encarcerados ou assassinados, de quantos laboratórios sejam desmantelados, de quantos carregamentos sejam apreendidos, de quantas plantações sejam queimadas e de quantas toneladas sejam diariamente incineradas em solenidades armadas para destacar feitos de secretários de segurança, em tempo algum viveremos sem a presença dessas substâncias.

Não sou o dono da verdade, mas sentencio: aquele que torce o nariz para a minha colocação, não tem o mínimo conhecimento daquilo que defende.

Defronte da certificação de que a erradicação é impossível, devemos proceder de que maneira? Devemos ficar deitados no chão protegidos das munições traçantes de uma guerra que só favorece os ricos, esperando que os confrontos intermináveis terminem ou devemos tentar buscar soluções pacíficas, que se enquadrem aos nossos dias e que proporcionem um convívio harmônico com os estupefacientes como houvera no passado?

Ideologias tirânicas de povos antigos, não podem continuar regendo os destinos de cidadãos contemporâneos. Nesse sentido, temos de adequar a nossa legislação penal e a Constituição Federal à realidade local. Temos que linká-las aos costumes do presente. Modernizar leis, não é elevar penas visando castigar favelados, é suprimir a defasagem da regra estabelecida por direito, com o seu tempo.

A situação dos narcóticos é análoga ao drama da Aids. Não se pode proibir que as pessoas exerçam o direito individual ao sexo, mas pode-se educá-las para que o pratiquem com segurança.

Um dos meus maiores temores, é que um dia as minhas filhas resolvam se drogar. Na eminência desse desastre, eu tenho duas saídas: esperar que elas por instinto, ao verem os telejornais ou as ridículas campanhas governamentais, passem a temer a aproximação com os temidos venenos ou as conscientizar sobre a danosidade dos mesmos, para que não haja o fatídico contato. Prefiro enfrentar os meus fantasmas armado com a segunda opção!

Em uma atmosfera inteligente, pais conversam com os seus filhos. Todos os temas, dos mais escabrosos aos mais lights são discutidos. Não existem tabus. Se as drogas jamais deixarão de estar a poucos passos do meu portão, só me resta preparar aqueles que eu amo para se adaptarem a esse carma imutável. Só me resta combater os perigos com o diálogo aberto e sincero.

- Gabriela e Duda, vêm cá que eu preciso falar com vocês. Lá fora, entre legais e ilegais, existe uma lista interminável de entorpecentes. Todos, sem exceção, são prejudiciais e letais! A proibição é fictícia, não passa de uma câmara de combustão que movimenta os pistões de um motor que produz riqueza aos poderosos e missas de sétimo dia aos moradores das periferias e

favelas.

- Diferente do que alguns de seus professores desinformados ou mal-intencionados tentam enfiar em seus cérebros, a restrição não tem nada a ver com saúde pública e proteção social, mas apenas com geração de divisas.

- Com certeza esses ingredientes extremamente perigosos aparecerão nas mãos de seus colegas. E é muito provável, que em um dado momento de suas vidas, eles sejam oferecidos a vocês. Quando isso ocorrer, a resposta certa a ser dada é: NÃO! Explico porquê...

- Inicialmente, essas essências causarão ótimas sensações, porém, após um pequeno período de uso, os resultados serão devastadores! Observem as condições físicas, psíquicas e sociais de parte dos dependentes químicos de longas datas e vocês comprovarão, que as aventuras alucinógenas, depressoras e estimulantes, não compensam! Dou preferência por adotar com a minha família um método educativo e transparente, no lugar das estratégias repressivas com palavrões, gritos, castigos e assuntos inabordáveis.

A motivação de um jovem para o consumo, nunca será diminuída com o silêncio omissivo ou com surras, mas com tratamentos repletos de informação. Qualquer pretendente a usuário perde parte ou a totalidade de seu estímulo, se as drogas forem retiradas da fábula criada no seu imaginário inconsequente e levadas à um ambiente sombrio, asfaltado por tragédias!

A franqueza com aqueles que devemos proteger, é a única alternativa para se evitar o pior. Até porque, a tendência natural no nosso regime de restrição fictícia, é que a juventude seja induzida ao vício. Numa conjuntura desregrada como a que estamos imersos, é muito mais comum que um adolescente venha a se drogar, do que o oposto. De um lado, para frear seu ímpeto, ele tem desinformação absoluta e de outro, para o conduzir ao mau caminho, ele tem a proibição com o seu marketing subliminar.

A propaganda apelativa oculta no ato de proibir, coloca sobre um produto não permitido, uma áurea especial. Isso faz com seja despertado nos alvos, o desejo e a curiosidade. Como diz o ditado: tudo o que é proibido parece ser mais gostoso! Se vedassem a circulação de merda, é capaz que em um segundo, possuir pedaços de bosta se tornasse a última palavra em hábito de pessoas descoladas à frente de seu tempo.

Depois que a proibição aflora as novas vontades nos indivíduos, inicia-se um grave transtorno mental, os cérebros enfeitiçados são invadidos por uma dose mortal de ilusão. Aquele que consome o ilegal, passa a acreditar que é visto pelos trutas da banca como um mano foda, que transgride as normas e que não tem medo da polícia. Passa a achar que ao invés de consternação, seus atos atraem o respeito de seus iguais. Depois que a burguesia faz um dos nossos sentir a sensação de poder do fruto proibido, somente o trilho da conscientização feita por pais, amigos ou profissionais, pode impedir que os móveis de casa sejam trocados por dezenas de pinos.

Falando em conscientização, será que o boy dentro da mansão age da mesma

forma educacional e esclarecedora que o Eduardo? Duvido! O opressor não deve se dar ao luxo de manter diálogos preventivos com a sua cria, por ser refém da própria indiferença. O opressor não deve se dar ao luxo de manter diálogos preventivos com a sua cria, primeiro; porque ele pensa que os combates só são travados no quintal do vizinho e segundo; pelo fato de grande parte dos pontos de tráfico se concentrarem nas áreas pobres, ele crê que seus herdeiros serão desmotivados naturalmente pelo horror de terem de subir um morro. Nisso, o burguês tem até uma certa razão,

normalmente as suas proles não caminham pelas vielas, elas passam de BMW, compram os seus bagulhos e os fumam ou os cheiram no percurso da faculdade. Essa passagem rápida, é um dos fatores que fazem com que a classe dominante ainda seja inclinada a criminalização. Os herdeiros não permanecem nos campos minados tempo suficiente para serem executados com rajadas dadas a queima roupa pelos homens da lei.

No rol dos argumentos difundidos pelos nobres puritanos, tem um que merece ser impresso numa folha de sulfite, emoldurado e pendurado na parede. Estou falando da mentira deslavada, que tem a audácia de tentar nos convencer, de que com a liberação precisaríamos ampliar o sistema público de saúde e o seu orçamento para atender o número crescente de viciados. Já dei vários exemplos anteriormente, de que não vejo probabilidades do estouro de uma toxicomania generalizada. Mas vamos supor, que o errado seja eu e os ilegalistas de fim de semana estejam certos. Caso ocorresse um aumento de consumidores, o SUS não teria nenhum problema estrutural ou financeiro para recebê-los. Uma vez que haveria uma expressiva redução de vítimas da violência. Que se não me falha a memória, são as que correspondem pela maior fatia das previsões orçamentárias da União. Na pior das hipóteses, aconteceria uma substituição. Uma troca. Um usuário a mais, para dez baleados a menos.

Quando escrevo frases como: vítimas da violência ligadas a narcoguerrilha eu sempre paro e começo a refletir sobre o âmago da questão. Frequentemente me vem à cabeça um mesmo pensamento: será que as pessoas não percebem que o dilúvio de sangue se dá, porque um cidadão dono de seu próprio corpo, quer ser livre para colocar dentro dele a merda da substância que quiser? E o mesmo que pessoas morrerem, porque um alguém decidiu por um piercing ou fazer uma tatuagem.

Esses dias dei um salve no meu parceiro Renato Guerreiro da Sul, pra colar na minha casa e fazer uma tatuagem no meu abdômen, teria alguma lógica uma criança de colo inocente ser assassinada por isso? Então o que explica punir alguém, se esse alguém tomar drogas e só fizer mal a si mesmo?

- Mas peraí Edu, o problema é que ele nunca faz mal só a si mesmo. Quase sempre prejudica a ele e a terceiros.

- Não existe essa possibilidade de aniquilação exclusiva!

Ok, deixe me ver, quais são mesmo as desgraças causadas a terceiros por viciados em drogas? A propaganda diz que eles financiam o tráfico. Discordo! Quem gere o atacado e o varejo desse comércio, são os investidores da indústria da proibição.

Quem gere o atacado e o varejo desse comércio, são os que fazem coro para o continuísmo da interdição, para permanecerem obtendo vantagens com a derrama de lágrimas da miséria.

O telejornal mostra famílias demolidas pelo uso abusivo dos filhos. A culpa das drogas na desestruturação familiar é secundária. As bolas de ferro que derrubam as paredes do sossego são: a falta de educação sobre o assunto e a ausência de um sistema social solidário que seja capaz de garantir ao usuário a sua cidadania e por tabela a sua subsistência normal. Bom, se a polêmica está em torno das catástrofes proporcionadas aos outros, então temos que antes de condenar qualquer entorpecente, desintegrar as fábricas de biritas. Já vi centenas caindo de bêbedo, por outro lado, foram bem poucos aqueles que eu vi não podendo fazer o 4 devido ao consumo de maconha ou cocaína.

Deixo claro, que a minha preocupação maior está em brecar o extermínio nos campos de concentração brasileiros, contudo, não posso me furtar em expressar aquilo que eu acho ser correto. Pode parecer um comentário irresponsável, mas, se destruir, também é um direito de cada ser humano. É a liberdade individual em pleno exercício! Seguindo o raciocínio idiotizado dos repressores, não faz sentido pra mim ser execrado por queimar um fininho e não ter pena a ser cumprida numa eventual tentativa de suicídio. Se a intenção dos "imaculados" protecionistas é penalizar os comportamentos autodestrutivos, aquele que corta os pulsos não deveria tirar uns anos de cadeia?

Pros governantes prepotentes o indivíduo comum não tem discernimento para definir o que é bom para a sua saúde. Sendo assim, tem de permanecer em observação vigiado 24 horas por dia, até o fim de sua vida. E no instante que ousar desobedecer a essa determinação, deve ser barbaramente supliciado junto com toda a classe menos favorecida. Antes de sermos arrasados pelas pedras de crack, desde o berçário já tivemos o nosso livre arbítrio esfacelado pelas autoridades. Eu considero, que quando o Estado me fiscaliza, me restringe e me impossibilita de ser soberano, ele comete um ato mil vezes mais criminoso do que a ingestão de drogas. Um vereador, um deputado ou um senador que não contestam os alimentos industrializados, que com suas toxinas podem causar intoxicação botulínica naqueles que os engolem (entre tantos outros males), não podem interferir nos narcóticos que eu queira inserir no meu organismo. Juro, que por mais que eu tente, não consigo encontrar fundamentos que justifiquem um governo democrático, me tutelando e me cerceando em relação a esse tema. Mais absurdo ainda, é testemunhar minha gente empunhando metralhadoras e pistolas, queimando ônibus e promovendo rebeliões em presídios, na tentativa de manter vivo o direito ao consumo. Eu sempre observei que a inteligência não vem do estudo, ela é dom nato! Mesmo longe de uma alfabetização ideal, muitos moradores das favelas dão sinais evidentes de simpatia pela legalização total. Mostram-se ser candidatos perfeitos aos postos das traças que uma hora devorarão o manto espesso da hipocrisia.

Outra coisa que foge a minha capacidade de compreensão, é o preconceito descarregado covardemente nas costas dos dependentes químicos. Onde está a lógica em uma sociedade discriminar, agredir e ofender a imagem e honra daqueles

que mantêm hábitos parecidos com os de quem bebe álcool e fuma cigarro? Porque um fumante ou aquele que degusta um vinho é tratado com respeito, enquanto o ser que o organismo apresenta pré-disposição para a dependência de drogas ilegais, é insultado com expressões chulas de baixo calão tipo: morto vivo? Porque os que mantêm hábitos tabagistas e alcoólicos são considerados cidadãos, enquanto o ser que como um doente crônico qualquer carece de remédios para sobreviver, é desprezado socialmente?

Quanto mais eu examino com atenção esse cancro instaurado por encéfalos impensantes, mais eu reafirmo a minha postura de defensor da abolição do decreto USA. Quanto mais eu passo noites em claro velando urnas funerárias de pessoas que tinham todo o futuro pela frente e tiveram as suas passagens no plano terrestre ceifadas pelo capricho, racismo e a ganância dos burgueses, mais eu concluo: **está na hora da descriminalização total.**

Quando me refiro a descriminalização total, não pense que estou falando da aberração instituída com a Nova Lei Antidrogas, que suaviza a vida do consumidor somente na letra fria de uma norma. Esta recente medida é outro truque de um emaranhado de farsas. Ela não acaba com a carnificina e nem retira do viciado o estigma de bandido. Portanto, é mais uma das diversas chacotas feitas com a cara do povo! É uma piada de mau gosto, mas que serviu para provar, que se forem desapertadas as amarras da irracionalidade, não teremos nenhum surto de drogatização.

O tiro saiu pela culatra! O feitiço virou contra o feiticeiro! Os criadores da pérola cometeram o erro mais grave de uma guerra, municiaram os rivais.

Esses senhores nunca tiveram o intuito de preservar aquele que fuma pedra ou cheira lança perfume, a intenção única foi implantar no imaginário popular mais uma inverdade, da vasta coleção de pilantragens estatais e burguesas. A intenção foi mostrar que o governo federal, aquele que quase não destina nenhum centavo para o tratamento de viciados e que não os atende na rede pública de saúde, tem algum tipo de preocupação relativa ao assunto. Foi uma excelente maneira de agradar a alguns sem ter que mexer nos bolsos.

Garanto que essas horas deva haver por exemplo, muitos simpatizantes de um baseado dizendo, que o Brasil está caminhando para se tornar um país moderno como a Holanda.

O que adianta descriminalizar o usuário e manter na ilegalidade aquilo que o adoece? Creio que o leitor já deve ter percebido, que a inteligência e a hombridade não são os fortes da turminha do poder. Afinal, dentro do atual cenário de burrice e canalhice agudas, o consumidor mesmo descriminalizado, tem de adentrar em um universo ilícito para adquirir os seus produtos ilegais. Mais uma vez, tenho que fazer um comparativo direto com o álcool e o fumo, os seus adeptos não são taxados de imorais, indecentes e promíscuos, porque as drogas que absorvem não estão fora da lei.

Esta alteração legislativa sobre a questão das drogas, também pode ser usada em nosso favor para uma outra finalidade: para fazer com todos vejam, que na temática dos entorpecentes, todas as ações que foram postas em prática até hoje foram

fracassos! E porque isso ocorreu? Simplesmente porque em nenhum ato deflagrado, a legalização foi prevista ou até mesmo discutida.

Todas as derrocadas, se devem ao medo dos negadores dessa verdade em admitir que não se combate e muito menos se erradica as drogas, apenas se é possível conviver com elas. A questão é: pacífica ou violentamente.

Não só a playboyzada, como também os favelados, já escolheram de que forma querem lidar com aquilo que jamais será extinto. Os endinheirados preferem o prosseguimento dos massacres, já com os massacrados a história é outra. Independente de terem opiniões formadas ou não sobre o rolo compressor que esmaga os seus familiares e amigos, eu sei bem qual é a vontade oculta dos que são mutilados pela enganação da ilicitude irresponsável. Por instinto de sobrevivência, o silêncio das áreas de risco clama sem saber pela legalização! Não pelo fato dos habitantes locais serem favoráveis as drogas, mas por serem iguais a mim, partidários do fim dos sacrifícios em ritmo industrial.

Os defensores da vida formam um grupo composto por pessoas que vivem com o subconsciente atormentado pela dor da perda de entes queridos e pelos que amargam os pêsames antecipados de seus parentes envolvidos ou não nos narco-conflitos.

Na minha exclamação: ENTES QUERIDOS estão inclusos não só viciados e crianças atingidas por balas perdidas, mas igualmente as pessoas que ganham a vida dentro do tráfico: os meninos do morro. Meninos esses, que costumeiramente não são citados como vítimas. Quando uma tiazinha residente em favela, aparece na reportagem aos prantos implorando por providências, a leitura que faço, é que ninguém está mais disposto a pagar um preço tão alto para fazer os opressores felizes. Mesmo aquele que nunca pisou os pés em uma sala de aula, tem ciência de que a mortandade não terá fim por sua geografia e por uma outra comodidade oferecida aos bacanas; não importa quantas crianças de nossas comunidades tombem no cumprimento da contenção, sempre haverá um substituto para transportar as gramas de cocaína para os narizes dos bairros chiques. Ninguém tem mais estômago para ver os filhos escondidos e atentos em lajes nas madrugadas, tentando identificar um inimigo invasor para carbonizá-lo vivo em pneus encharcados com querosene. As marcas nos ombros dos garotos franzinos feitas pelas correias que seguram fuzis do mesmo peso que eles, deixam hematomas nas almas de pais que há tempos perderam as esperanças. As marcas nos ombros dos garotos franzinos feitas pelas correias que seguram fuzis, deixam hematomas nas almas de pais que não sabem qual palavra de ordem gritar, qual ideologia seguir e nem que adversário vencer.

Aviso a todo o meu povo querido: quando, após as chacinas promovidas pelos esquadrões da morte da polícia, vocês levantam cartazes com a palavra: JUSTIÇA inconscientemente vocês estão pedindo a liberação das drogas. Quando, ainda no mesmo tipo de episódio, vocês se insurgem contra a tirania estatal armada, a causa que está sendo defendida, é o fim da coação norte-americana, que pulveriza todas as chances de vivermos em paz. Diante desse modelo de ocorrência, implorar pelo cessar fogo, é suplicar pela legalização já.

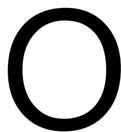
- Mas aí Eduardo, cê tá ligado que o tráfico, mesmo na clandestinidade, salva uma pá de vida e dá uma pá de oportunidade pra quem nunca teve nenhuma. Acaba sendo a única alternativa pra aqueles que tão faminto no mundão sem horizonte, estudo, profissão, etc. e tal.

- Essas fitas aí de legalização que cê tanto debate, não vai ser uma maneira pro opressor safado arrancar o ganha pão de vários sofredores?

- Na humildade! Tem o dom de explicar essa parada.

Com todo prazer!

Meu Modelo de Descriminalização Ideal

 que jamais poderia acontecer em um processo de legalização, é a injustiça.

Aqueles que arriscaram as suas vidas trocando tiros em bocas de fumo, não podiam, uma vez legalizada a sua profissão, ver os boys se apoderando de seus meios de subsistência. O fim da ilicitude só seria bem-vindo nos solos minados, se todos os que hoje sobrevivem do narcotráfico não fossem prejudicados. Passados pra trás!

Como escrevi antes, a minha ideia de descriminalização, tem a pretensão apenas de regularizar um mundo já existente. Utópico? O utopismo deve-se ao fato de residirmos em um país dirigido por amebas sem compaixão! Acredito, que no dia que o primeiro norte-americano "puritano" vislumbrou propagar o seu preconceito racial em formato de proibição antidrogas aos quatro cantos do mundo, os comparsas que tomaram conhecimento do plano, também devam ter pensado não passar de uma fantasia! Diferente do resultado objetivado pelo burguês liberalista com neurônios adormecidos, aquilo que eu julgo ser mais sensato, não subtrai dos morros uma das suas únicas fontes de renda. Em outras palavras; a legalização defendida por mim, não lesa e nem destitui de cargos os que têm no repasse dos entorpecentes o único sustento. No meu projeto de salvação, não está incluso entregar de mão beijada as revendas dos bairros pobres aos burgueses. Se nos usaram até hoje nessas funções, no melhor da festa merecemos permanecer com os títulos de propriedade como forma de indenização justa. Bem, justa, justa, não é... Se eu for falar em reparação adequada, os sujeitos que foram transformados em criminosos pela interdição norte americana, deveriam ser anistiados pelo governo, assim como o são os meninos soldados africanos resgatados pela Unicef. As fichas dos que já foram presos tinham de ser limpas e os que estão embolorando em presídios deveriam receber o perdão presidencial. Isso tudo, fora o ressarcimento financeiro! Moralmente, um jovem que foi privado das vias normais para a sua ascensão social, ao invés de ser punido com tiros, algemas e celas, faz jus a uma gorda compensação em dinheiro por danos físicos e morais. Faz jus a uma gorda compensação por ter carregado uma culpa por anos sendo inocente.

No mundo do Eduardo, como num passe de mágica, os antes mega traficantes deixam a marginalização descabida, para se tornarem executivos do mercado formal. As organizações criminosas se transformam em imensos conglomerados de acionistas e investidores. O dono da biqueira vira o dono de uma filial. O gerente é convertido em gerente de uma loja. Os funcionários marcados para morrer precocemente, ganham a chance de fazer carreiras e de se aposentar.

Os homens que no passado compravam arsenais bélicos de tenentes corruptos para proteger os seus negócios, passam a ter as leis e os órgãos públicos a seu favor. Nenhum grupo tem mais que formar bondes para invadir favelas nas madrugadas a fim de dominar os paióis, os laboratórios e os pontos de venda de rivais. O viciado, até então considerado vagabundo e pervertido, começa a ser enquadrado da forma exata como é: um cidadão normal que mantêm hábitos relaxantes iguais aos de quem bebe ou fuma cigarro.

Basicamente, na minha visão de legalidade, a estrutura organizacional seguiria os moldes do submundo ilegal, só que com algumas agradáveis diferenças. Diminuiria a população carcerária, os mortos relacionados ou não ao tráfico e o custo da saúde e da segurança pública. As drogas deixariam os postos de grandes promotoras de enterros, para ocupar as vagas de genitoras de riqueza nacional. Não precisaríamos nem comemorar a descoberta do Pré-sal. Em vez de gastar rios de dinheiro com a repressão, o Estado arrecadaria impostos que poderiam ser revertidos em outras áreas como: moradia, transporte, construção civil, ensino, saneamento básico e etc... Gerando assim empregos e a integração de excluídos.

Os recursos economizados seriam bastante úteis também para promover a única erradicação viável ligada ao tema: a extinção do pavor da expansão do consumo! Para isso, bastariam ser feitos investimentos no tratamento de viciados, na construção de hospitais, ambulatórios e centros de saúde especializados e na realização de campanhas educativas para desestimulo do vício.

Nada seria mais útil, do que empregar numa área tão negligenciada como essa, parte da superverba da liberação. Nunca tivemos campanhas contra as drogas, somente aberrações! No planeta do Eduardo, a cocaína, a maconha, a heroína, o crack e o ecstasy, a exemplo do combustível dos brahmeiros, seriam vendidos em estabelecimentos registrados em juntas comerciais. Com um detalhe, sem a presença de empregados segurando ameaçadores fuzis PARAFAL e sem o perigo de uma operação surpresa dos pelotões de fuzilamento. Tirando essas pequenas alterações, a fórmula comercial praticamente seria a de sempre: o boy planta, cultiva, colhe, sintetiza, transporta em seus navios, submarinos, aviões e caminhões e o morador da periferia revende no varejo. Esse método de produção e difusão de perturbadores mentais, não é nenhuma novidade fora da clandestinidade. Você já o viu antes. Aliás, da cevada ao copo, o vemos o tempo todo.

Tudo bem, tudo bem, eu confesso: a minha maquete pacificadora em vários trechos plagia a atmosfera de liberdade que as bebidas, o fumo, os alimentos nocivos e as drogas farmacológicas gozam. Talvez, o único ponto totalmente original no meu esboço de pacificação esteja na sua fundação. Esteja num alicerce comum entre todos os habitantes dos campos de concentração modernos: o anseio frenético pelo término da guerra absurda. Quando eu digo que todos nutrem essa mesma ansiedade, não estou deixando ninguém de fora. Absolutamente, ninguém! Incluo também nessa colocação, os que transfixam os tetos das viaturas do alto dos morros.

Pergunte a qualquer um no comando operacional de uma quebrada, se ele não ficaria feliz em ter a sua situação revista pelas autoridades e ainda poder proporcionar divisas para serem convertidas em obras sociais. Dez em cada dez

detentos pulariam de alegria, se pudessem trocar um calabouço de quatro metros quadrados por um aconchegante escritório de empresário. Se pudessem, no lugar de terem de negociar com o governo carbonizando ônibus, serem recebidos em palácios para montar parcerias que levassem ajuda imediata às comunidades carentes.

Os manos que são mordidos semanalmente pelos dentes afiados da corporação policial, que cobra encargos pesadíssimos, não se oporiam em pagar PIS, ICMS, Confins, IR, CSLL, IPI e II. Na ponta do lápis, seria até mais barato e vantajoso pagar impostos mensais, do que as propinas semanais!

Não proponho a cessação da distribuição atacadista ou varejista, até porque não sou nenhuma uma anta! Se eu sei que isso nunca irá acontecer, não vou perder o meu tempo formulando conversa fiada! Proponho pôr as coisas em ordem, retirando desse ramo o emblema estúpido da extraoficialidade. Beneficiando assim, os que sempre foram empurrados para o fogo cruzado. Com a implantação das minhas ideias, os lugares devastados pela violência ganham vocações econômicas saudáveis e é reduzido a pó o caráter ilícito de práticas corriqueiras e aceitáveis por toda a sociedade, quando são realizadas em outros ambientes:

- **Garçom, me traz um whisky 12 anos.**
- **É pra já cavalheiro.**

Temos no citado exemplo, um modelo tolerado de compra e venda de drogas, que nada mais é, do que uma maneira idêntica do procedimento efetuado entre compradores e vendedores de merla.

E por fim, com as minhas almejadas modificações, e eliminada a maldita e ignóbil criminalização das pessoas que são consideradas bandidas e que são executadas friamente por ocupantes de caveirões, pelo simples motivo de fornecerem aos consumidores, aquilo que eles desejam injetar nos seus cérebros.

Um atendente de uma lanchonete não é criminoso por me vender um Mc lanche feliz, mesmo que isso delete toda a minha ideologia, se assim eu quiser. Qual o sentido em um vendedor de narcótico ser farmacêutico, dono de bar ou de restaurante, enquanto o outro é o inimigo público número um da nação? Onde está a distinção entre eles, se todos comercializam a ruína de seus clientes?

Não é viagem da minha parte, sonhar que um setor de capacidade financeira incalculável, possa produzir um mercado de trabalho em conformidade com as leis da sociedade embranquecida, para abrigar os que dão sangue em becos e vielas. Não é loucura da minha parte, talar sobre carteiras assinadas ou aposentadoria para as crianças que atualmente carregam granadas nos bolsos, numa pátria onde os que por ofício distribuem essências muito mais danosas, são agraciados com essas prerrogativas. Porque conceder direitos trabalhistas a um traficante e ao outro não?

Como eu sei, que qualquer tese que impeça os ricos de terem o retomo monetário pretendido é considerada uma heresia, é obvio que os proibicionistas deturparão as minhas palavras e agora sim me darão o rótulo definitivo de: sindicalista do crime. Não será surpresa, se até me acusarem de ser filiado à alguma facção criminosa. O que na minha opinião, é muito mais preferível, do que ser

associado à um banco ou à determinados partidos políticos.

É compreensível ser sentenciado como um militante da bandidagem, pelos que encaram a periferia como espécie de Matrix! Como esperar que compreendam o amor ao próximo conexo nas minhas explanações, se os que eu pretendo salvar, pra eles são personagens inanimados que habitam um universo virtual, que só existe quando eles desejam.

Ao playboy, é dada a regalia de poder pegar o seu controle remoto e desligar a matança na hora em que estiver de saco cheio. Pra quem mora em Perdizes por exemplo, o massacre de favelados é opcional. Quero ver defuntos, ligo no telejornal espirra sangue. Hoje eu não quero, não ligo no telejornal espirra sangue. Pra High Society, o abate em larga escala se assemelha à um filme de ficção! A enxurrada de mortos comove tanto, quanto uma enxurrada de manequins de plástico. Este é o grande divisor de águas. Este é o ponto central que faz dos boys seguidores da proibição e do Eduardo favorável à legalização. O Eduardo não escuta falar sobre a guerra, ele faz parte dela. Ele acende velas ao lado de amigos cobertos com jornais. Ele sente na carne as consequências drásticas da manutenção da sandice.

Porque a playboyzada liberaria as drogas, se pra essa corja asquerosa, os corpos decapitados nas fotos feitas pelos batalhões da polícia e postadas em comunidades do Orkut, não são de seres humanos? Porque instituiriam o mundo de Eduardo, para proteger cidadãos considerados por eles de segunda classe? Porque descriminalizariam a sua galinha dos ovos de ouro, quando na verdade pode-se usar o combate ao narcotráfico como álibi para a promoção de uma varredura de indesejáveis em anos de Copa do Mundo e Olimpíadas?

Quem sabe os pensamentos dos parasitas sociais se parecessem com os meus, se esses sádicos psicóticos tivessem escutado as centenas de depoimentos e conversas informais, que ao longo da minha carreira como rapper, eu tive a oportunidade de obter de pessoas frustradas e depressivas. Quem sabe os pensamentos dos sanguessugas da nação se parecessem com os meus, se eles tivessem ouvido as lamentações que eu ouvi, partidas de pessoas frustradas e depressivas que se encontravam na criminalidade por falta de opções. Falta de opções sim! Falta de chances para impulsionar os seus progressos pessoais. Falta de chances para prover as realizações de seus sonhos de consumo.

Nós da favela não somos peixes, que se dão por satisfeitos apenas enchendo a barriga, também almejamos ter um carro zero, uma residência confortável, filhos estudando em boas escolas e um negócio honesto garantidor do futuro de nossas famílias. Enfim, ambicionamos tudo o que a novela nos induz continuamente, segundo após segundo a querer ter. Ambicionamos tudo o que os raios hipnóticos dos branqueadores nos impõem como vital, para sermos bem-sucedidos, respeitados e admirados.

Não gritamos: deita filho da puta que é um assalto por sermos sadomasoquistas, por gostarmos de prisões, polícia, tiros, torturas e sofrimento de parentes. Quando optamos por trucidar o código penal, na grande maioria das vezes fomos conduzidos por uma força maior: a nossa condição de extrema penúria e indigência. Qual abastado se conformaria em passar toda a sua existência cobiçando apenas um prato

de comida? Nenhum! Ainda mais em se tratando de seres que se alimentam com papel moeda!

É provável que se houvesse um diálogo entre aquele que é uma matrícula numa unidade prisional e o que o colocou nessa condição, a crosta de ódio no hemisfério cerebral esquerdo dos geneticamente ditadores se soltasse e desta maneira as pessoas esquecidas começassem a ser humanizadas dentro de suas mentes doentias. Seria essa, uma boa alternativa para que fosse despertado naquilo que cada opressor chama de: coração a urgência de uma revisão do antológico erro proibitivo.

Sejamos francos e objetivos, como sabemos que esse tipo de situação nunca irá ocorrer, até porque, se um bacana adentrar em um pavilhão a sua síndrome do pânico o mata em menos de um minuto com um ataque cardíaco fulminante, a legalização por solidariedade aos moradores dos bairros invisíveis está completamente descartada! Os autênticos senhores da guerra só deixarão de conduzir as marionetes a bel prazer para o forno crematório, no instante em que elas conseguirem se impor e dizer não! No instante em que elas conseguirem se impor e gritar a plenos pulmões:

- Chega porra! Não queremos mais ser barbarizadas!

Há pouco citei a urgência de substituição das aberrações propagandísticas que infestam os meios de comunicação, por campanhas que tenham o cunho genuíno de salvação e que não fiquem limitadas aos portais da grande mídia. É inadmissível que os esclarecimentos que a nação tanto carece sobre esse assunto, fiquem restritos a um seguimento áudio visual e que o direito de manipulação dessas informações seja concedido a meia dúzia de burgueses descompromissados com o povo. Seja concedido a meia dúzia de burgueses que matam mais com sua precariedade argumentativa, do que propriamente as drogas.

As criações desses "gênios" da publicidade, no que se refere a expectativa das cabeças de bom senso, já nascem condenadas ao insucesso. Os tais "esforços" sistemáticos pelo "bem-estar coletivo" através da orientação, nada mais são, do que gargalos usados para obtenção de resultados específicos como: o fortalecimento de políticos e o enriquecimento de donos de produtoras de comerciais, entre tantos outros canalhas.

As más intenções dos incumbidos de transmitirem os aconselhamentos de tamanha importância, aparecem explícitas já na proposta intrínseca em cada vídeo, jingle ou outdoor. Observe e você verá, que as mensagens são focadas na direção de um público X: o jovem que nunca se drogou. O rumo adotado é sempre o da prevenção e nunca o da desintoxicação.

Os governantes nos mostram claramente, que o país abre mão daqueles que estão doentes. Os mortos vivos, como eles gostam de apelidar, não são essenciais para a nação. Os "nossos senhores" eliminam essa parcela da população de suas pretensões, assim como faziam os nazistas com os operários que não eram vitais para o trabalho. Igualmente ao empresariado USA do passado, os homens de negócio locais não querem a mão de obra corrompida, que pode atrasar o ritmo de suas produções ou roubar parte delas para custear vícios.

Os dependentes químicos de qualquer faixa etária, são preferidos pelos donos do Brasil, dentro de jaulas, em sepulturas ou caídos em poças de vômitos nas ruas. O último propósito que aquele que produz um material promocional ligado à questão deseja atender, é o d e desencorajar um assíduo consumidor a continuar na estrada de sua ruína. Porque recuperar, se podem matar! Qual método é mais oneroso? Um tratamento longínquo ou uma bala varando a caixa craniana?

Devemos presumir, que ao mirarem todo o conteúdo cultural para uma única direção, aqueles que compõem a zona alvo ao ouvirem a palavra: cocaína correrão mais rápido do que o Usain Bolt para longe dela. Definitivamente não! Mesmo as campanhas unilaterais sendo concentradas num ponto exclusivo, elas não são capazes de atingir metas satisfatórias. Isso ocorre, porque além de não serem propagadas pelos canais adequados, são construídas por teóricos que passaram a vida inteira do colégio particular para a cobertura de luxo.

Por jamais terem pisado no barro de um bairro segregado, os teóricos não possuem habilidade, sensibilidade, intimidade com o tema e experiências sociológicas, psicológicas e antropológicas para entrar na mente de uma criança. As suas abordagens são pejorativas e insultantes, passam a quilômetros de distância da realidade. Tentam demover as pessoas das ideias tenebrosas, unicamente pelo medo e mesmo assim fracassam.

Pedrinho é o mais atrasado da classe por ter fumado maconha! Vemos aqui, que o personagem ao invés de ser exposto como um consumidor, que eventualmente precisa de cuidados clínicos, é associado preconceituosamente a um burro. Qual reação intimidativa esse tipo de discurso provoca no menino que fuma maconha e ainda sim tira excelentes notas? Que efeito atemorizante tem sobre aquele que até já largou os estudos, o apelo que diz que: o estudante será um péssimo aluno se der uns dois. Você tem alguma dúvida que em ambos os casos, ninguém dará muito crédito a este estúpido aviso de perigo.

Alguns publicitários preferem as abordagens preventivas, que afirmam para os mais novos que as drogas são destrutivas e não são prazerosas. Outra péssima tática de se seguir. Afinal, na medida em que um novato experimenta um dos ingredientes descritos como: intragáveis para a sua surpresa, no lugar de morrer instantaneamente, as suas tensões e ansiedades são aliviadas, o cansaço é diminuído, os músculos relaxam e o corpo leve, desinibido e eufórico passa a flutuar numa áurea de paz de espírito e alegria. Agora reflita comigo, ao término da anestésica viagem, o estreante no mundo das drogas acreditará em quem? Nos parceiros que ofereceram o bilhete de embarque, com o irresistível argumento do: "você não sabe o que tá perdendo", o qual ele comprovou na prática ser verdadeiro ou nas demonstrações bizarras de falta de noção acerca do assunto?

Outra coisa que me chama bastante atenção na promoção desse "serviço público" através dos meios de comunicação social, é a agressividade incontida contra os usuários. O que, se analisarmos, é uma grande contradição governamental. Ora, se por um lado você abole das leis a pena de prisão ao consumidor por considerá-lo uma vítima, como que nas suas campanhas antidrogas, ele continua figurando como o grande vilão da história?

Nos reclames "salvadores", o viciado é sempre colocado na posição de culpado, nunca de doente. É ele quem financia o tráfico! E ele que promove a matança! É ele que impede a instalação da harmonia na terra carnavalesca! Imagine eu chegar num cidadão soro positivo e dizer:
- Aí mano, você tem o vírus HIV, portanto é o responsável direto por todas as mortes no mundo ligadas à doença!

Nos set de filmagens, os atores que representam os roteiros instrutivos nesse sentido, obrigatoriamente deveriam ler textos com teores elucidantes parecidos com o a seguir:
- Senhores pais, as drogas transformadas em obsessão pela sagacidade de estrangeiros e mantidas em caráter de restrição por interesses de uma indústria multibilionária, são prejudiciais à saúde de seus filhos!
- Pensando nisso, o governo federal em parceria com os governos estaduais e municipais incluirá esse tema entre as matérias obrigatórias de todas as escolas brasileiras.
- Com o exercício incansável da troca de informações, impediremos que os racistas capitalistas, instauradores e fomentadores da narcoguerrilha, prossigam mastigando os esqueletos dos nossos queridos meninos e meninas enclausurados na miséria.

Bem mais do que na TV, no rádio, na Internet e nas revistas, as cruzadas educacionais, tanto no terreno preventivo como no da desintoxicação, devem acontecer desde a primeira infância, nos recintos que ministram o ensino. E crucial aproveitar a idade escolar para inserir a conscientização, pois esse é o período da vida onde o cérebro e os valores morais estão sendo formados. É nessa época normalmente, que as células nervosas ainda estão completamente sadias e invioladas. É mais fácil catequizar uma mente sem doutrinas, hábitos e manias, do que exorcizá-la e reensiná-la a ver o mundo a sua volta. Colocar um alicerce num prédio depois de construído é bem mais complicado para o arquiteto, do que o fazê-lo no início da obra.

Advirto: não basta levar a temática às salas de aula de vez em quando, o assunto deve ser apresentado e discutido todos os dias dos anos letivos. O que significa, abolir de vez as bizarras palestras semestrais efetuadas por PMs despreparados, que com a boca falam: não se droguem e com olhos exprimem; não vemos a hora de pegarmos vocês com uma paranga, para desintegrarmos os seus ossos faciais como fazemos há décadas com os seus pais. Só o intenso e extenso aprendizado fará com que na fase adulta, seja mais natural uma pessoa dizer não à uma pedra de crack do que sim.

Como sabemos que a obrigatoriedade da matrícula escolar para os estudantes entre 6 a 14 anos, por inúmeros motivos, não abrange a todas as famílias e que a maior parte dos jovens da periferia larga os estudos para trabalhar antes até da pré-adolescência, seria necessário que assistentes sociais capacitados visitassem constantemente os lares humildes, com o encargo de orientar pais e responsáveis

sobre todas as facetas dos entorpecentes. Desta forma se evitaria que aqueles que foram privados da absorção da instrução via escola, ficassem confinados aos órgãos comunicadores tradicionais.

Não pense que a ideia das visitações periódicas é esdrúxula e impossível de ser posta em prática. Quando o governo quer, nem os animais são esquecidos. No zoológico municipal, todos os dias, as antas, as girafas, as onças, os macacos, etc., são inspecionados por tratadores.

Se os dados ligados ao assunto fossem inseridos no contexto escolar e familiar, as campanhas de revistas, rádio e TV deixariam de ser as únicas fontes de conhecimento, para se tornar complementos. Ao serem levadas a atuar dentro de sua verdadeira vocação, as aberrações deixariam de ser ferramentas inúteis.

Lembrando: que para fazer jus ao papel de agregadoras de valores, mesmo no cenário descrito, essas abordagens devem ser no mínimo politicamente corretas. **Pedrinho não é burro porque fuma maconha!** Ele foi uma vítima de uma situação de descaso. Se a indiferença social permanecer, Pedrinho em breve estará espancando os seus familiares para roubar os eletrodomésticos da residência e trocar na biqueira.

Somente as cenas com o Pedrinho chutando violentamente a cara da mãe, podem fazer um dependente se identificar com a situação e procurar ajuda. Um viciado não vai se reconhecer na imagem onde aparece uma pessoa que ao tempo em que cheira cocaína relincha como um jegue. A sua atenção vai ser atraída pelo chamamento do locutor que sentencia;

- Assim como você, o Pedrinho sempre se julgou no controle da situação. Até que hoje, numa crise de abstinência, ele foi roubar uma pessoa na rua e morreu linchado por populares.

- Sinceramente, foi melhor o Pedrinho ter morrido. Porque se ele fosse pra cadeia, seria espancado na viatura, na delegacia, no bonde e ao chegar na penitenciária.

- Enquanto o Pedrinho estivesse na prisão, a sua família sofreria com a solidão e com o fato de ter de acampar à noite ao lado das muralhas para fazer as visitas.

- Como é de praxe, a pena do Pedrinho seria cumprida em um estabelecimento prisional bem afastado de sua cidade natal, fazendo com que os parentes cumprissem uma tortuosa via crúcis para poder abraçá-lo.

Um outro detalhe: essa carga emocional não adianta de nada, se for aplicada em doses com duração de 30 segundos, em intervalos de atrações televisivas. Não podemos esquecer, que a pausa de um TALK SHOW, é justamente o momento em que você vai mijar! As invocações que carregam o desígnio de impedir tragédias, tanto num ambiente de legalidade ou fora dele, não podem estar sujeitas a limitações estipuladas por empresas mercantilistas, como as emissoras de televisão.

Essa roupagem de choque deve ter programas específicos em horários nobres e infantis. A mensagem conscientizadora deve aparecer adaptada dentro da linguagem dos desenhos animados, das novelas e filmes, para que desta maneira seja assimilada

de forma natural.

Um sistema que sempre colheu os frutos que desejou nos alienando para o mal, se quiser, obterá resultados gratificantes nos alienando para o bem. Ninguém vai deixar de experimentar drogas ou interromper o vício, por causa de uma propaganda idiota e discriminatória que contém o slogan clichê: a droga é uma droga.

Não ter campanhas elaboradas com a real finalidade de ajudar pessoas já é algo abominável, contudo, isso ainda não se compara ao fato de padecermos com a falta de debates sobre a questão. Como a proibição é benéfica somente para os ricos, o assunto jamais foi tratado com a devida importância no país. O conteúdo que pode ser a salvação ou aniquilação de milhares de inocentes, nunca foi presença marcante nos órgãos de comunicação ou nas casas legislativas.

No Congresso Nacional, aqueles que ousaram a quebrar a lei do silêncio e se colocar na posição de legalistas, não encontraram apoio sequer dos próprios colegas de partido. Em seus discursos, além de contar com uma plateia indiferente, ainda ficaram estigmatizados pelos dois ou três que prestaram atenção as suas palavras, como pessoas ávidas por liberdade narcótica.

Os descontentes com a farsa em vigência, são forçados a engolir dois atos tirânicos numa só garfada: aceitar a proibição e acatar a proibição de se falar sobre a proibição! Numa suposta sociedade civilizada, a discussão a respeito das drogas não pode ser encarada como um pleito em favor da imoralidade. O que estimula o uso, não é tocar no assunto e sim a omissão.

Já pensou, se aos domingos ao invés de assistirmos programas com quadros que usam a miséria alheia para angariar fundos, nós tivéssemos opções voltadas à cultura? Meu sonho é ver no lugar das aberrações por pontos de audiência, atrações que verdadeiramente estimulam o pensamento coletivo acerca de qual mundo queremos para os nossos filhos e netos: o que proíbe as drogas e libera as mortes ou o que proíbe as mortes e libera as drogas.

Seria uma data extremamente feliz pra mim, o dia em que eu conseguisse substituir um BIG BROTHER da vida, por espetáculos que nos retirassem por completo do limbo intelectual. Eu ficaria muito contente, se as grades de programação que tanto frequentam os nossos lares, nos mostrassem a verdade.

O povo que só tem a TV como lazer, precisa saber que os norte-americanos temem a legalização global por um simples motivo: com a liberação total nessa dimensão, países sul-americanos como a Colômbia, Bolívia e o Peru sairiam do domínio do Tio Sam, para se tornar potências econômicas mundiais. O mesmo aconteceria com o devastado Afeganistão! As drogas seriam os campos de petróleo dessas regiões miseráveis quase falidas.

A interdição em escala global, é uma bênção para os Estados Unidos, que desta forma, impede povos famintos de se tornarem autossuficientes, ricos e poderosos e consequentemente de virem a ameaçar a sua hegemonia e liderança planetária. Como mencionou o ator Chris Rock em seu show de humor, se as terras Yankees fossem férteis para o cultivo das substâncias proibidas, haveria um revendedor autorizado em cada esquina norte-americana. O povo mais consumista do planeta Terra se deliciaria em McCracks, em KFC com frango e cocaína e nos Starbucks de

erva.

A inteligência maquiavélica dos gringos ou a ignorância e a desinformação de suas presas, é de tirar a minha toca preta! Mais do que ninguém, eles têm ciência do que representaria em nível de competitividade financeira um país como o Brasil numa América Latina próspera. Dentro de um quadro de descriminalização sem fronteiras, a terra do futebol se agigantaria! Afinal, como é cantado no hino nacional, somos gigantes pela própria natureza! Sendo assim, o nosso gigantismo natural seria ainda mais potencializado.

Qual é a ação normal dos que não foram agraciados pela mãe natureza com riquezas naturais? Demolir todas as chances de evolução dos que foram! Não se esqueça de que o capitalismo se resume à uma corrida suja rumo ao pote de ouro, onde qualquer fim indecente justifica os meios! Entre outras coisas, a proibição global da atualidade funciona como uma grande sabotagem mundial contra os países neocolonizados.

E por falar em nação gigante e soberana, essa tal nação autossuficiente, orgulho de todos os brasileiros, não é um sonho tão distante de se realizar. Ela começará a ser erguida das cinzas, assim que pararmos de nos deixar levar pelas mentiras de opressores nacionais e internacionais. Assim que entendermos de uma vez por todas, que a repressão policial não é só desperdício de dinheiro do contribuinte, é jogar no lixo valiosas vidas humanas e com elas o progresso de nossa pátria.

A ilegalidade foi a única solução apresentada até hoje, para se lidar com o problema criado propositalmente. Já está provado, comprovado e recomprovado, que essa alternativa é uma barca furada! Independente do fio condutor, a contrapartida a retórica estabelecida como verdade inalterável, tem de ser levada aos ouvidos da massa.

É vital que os enganados ouçam: que estamos prontos para legalização sim! A verdade é completamente o oposto! A sociedade nunca se mostrou pronta para a proibição! Declarar que uma espécie, que possivelmente desde o seu primeiro dia de existência tenha convivido com as drogas, não está preparada para viver ao seu lado pacificamente, é um sacrilégio! Porque será, que sempre estivemos aptos, até a intromissão dos brancos estadunidenses? O descontrole social acontece é exatamente agora. É na atualidade que não sabemos o número exato de viciados ou de usuários eventuais e que não temos educação específica sobre o tema. É nesse instante que não existe qualquer regulamentação sobre aquilo que o consumidor ingere. A vigilância sanitária fica a cargo do fornecedor sensato, que não quer o mal de seu cliente. Com a legalização, as drogas teriam embalagens como os produtos alimentícios e os medicamentos. Nos rótulos apareceriam descritos os ingredientes das composições e os seus efeitos colaterais. Não vejo algo assim, como um descontrole social!

É vital que os enganados ouçam: que a criminalidade não aumentará com a liberação dos narcóticos. E só pararmos e pensarmos um pouco, o que faz uma pessoa delinquir para adquirir um pino? O seu preço. Certo! O que encarece o produto? O risco da apreensão, a segurança com a operação, o arsenal comprado para defender as revendas, as cargas perdidas e principalmente a corrupção policial,

para que haja o transporte e o comércio seguro. Na ausência desses fatores inflacionários embutidos, os valores das drogas despencariam e ocorreria justamente o inverso, as pessoas sairiam do crime. Com o barateamento dos provedores de recreação, ninguém mais precisaria roubar pedestres para arcar com a sua intoxicação.

É vital que os enganados ouçam: que a proibição oferece ao Estado um conforto singular; o de não ter de se preocupar com a faixa populacional envolvida no tráfico. Para essas pessoas, não é preciso criar vagas no ensino fundamental ou superior e nem no mercado de trabalho. Elas não protestam por cotas, ações afirmativas, melhores salários, etc... Os que gerem o mundo oficial não precisam perder noites de sono pensando em onde acomodar os habitantes das comunidades paralelas, basta aniquilá-las!

Não vou mentir, o opressor não deixará de ter uma certa razão, ao afirmar que nestes capítulos sobre as drogas advoguei em causa própria! Seu único erro estará no motivo apontado para a construção das minhas teses de defesa. Advoguei em causa própria sim, mas não por ser um viciado em substâncias tóxicas, mas por ser um viciado em amor ao próximo. Não aguento mais ver a minha gente dividida entre os que são dizimados e marginalizados por exercerem funções que poderiam ser perfeitamente lícitas, os que vivem em estado de choque com medo do próximo projétil de HK e os que aos prantos procuram sentido para viver, depois que uma bala perdida encontrou o endereço de suas casas.

Pros corações de pedra das coberturas requintadas, os corpos _ nos caixões lacrados e “doados” são apenas pedaços de carne. São apenas os pretos, os favelados, os semianalfabetos, os bandidos, os nordestinos, a escória! Pra mim, eles representam o meu povo! São iguais a mim! Tem os mesmos problemas, dores e alegrias! Vestem-se de forma semelhante a minha! Moram em campos de exclusão como eu! Ouvem os mesmos tipos de músicas! Falam a mesma língua, as mesmas gírias e os mesmos palavrões! Basicamente, tem os mesmos sonhos que eu tenho!

Em cada moleque descalço da periferia gritando: Toca logo a bola porra! eu vejo um Eduardo. Ainda mais se estiver usando um fundo de garrafa, com uns dez graus de miopia! E são esses meninos e meninas, mais do que quaisquer outros, que com a proibição racista, burra e capitalista, perderam o direito de permanecer entre nós após os vinte e cinco anos. Nessa idade ou já foram assassinados ou já estão condenados a uma longa pena de reclusão.

Cada um deles que se vai, leva um pedaço meu para a sepultura! Vê-los enjaulados como animais, entristece profundamente minha alma! Não houve até hoje, um show que eu fizesse em uma cadeia, que depois eu não precisasse de uns quinze dias para me recuperar da depressão. Antes testemunhar os meus consumindo e comercializando drogas livremente, do que os ver com os miolos espalhados pelo chão ou vivos carregando o título inapropriado de: inimigos públicos do Brasil. Como é que eu posso admitir o extermínio desses milhares de Eduardos por uma força armada, que chega ao morro sob efeito de drogas e a mando de burgueses que passam horas fora de órbita, devido as suas balinhas e os seus cristais? Como é que eu posso admitir ser cerceado por leis produzidas por

autores, os quais eu não tenho qualquer informação sobre seus hábitos, costumes e vícios? Que direito tem, um ser humano falho e cheio de defeitos, para decretar normas que impeçam as pessoas de controlar os seus próprios corpos? Se todos são iguais perante a Constituição Federal, porque para alguns é dado o privilégio de domínio sobre os outros? Só pelo fato deles terem tido o benefício do acesso as melhores universidades? Por serem bem-nascidos? Quem pode me assegurar que o juiz que bate o martelo e me condena a dez anos de prisão por tráfico, antes do veredicto não cheirou uns três riscos no banheiro? Tendo em vista o perfil das festas Raves e dos cruzeiros marítimos frequentados por futuros promotores de justiça e magistrados, fica difícil aceitar a punição e a execração de um pobre por venda de entorpecentes.

Sem o manto da hipocrisia, imagino como seriam as reais motivações para as penalizações dentro dos tribunais:

- Meritíssimo, peço a vossa excelência a condenação do meliante, porque a farinha que ele me vendeu me deu dores de cabeça.

- Sr. promotor, acatarei o seu pedido, pois também achei que não era da boa.

- E o Sr. defensor público, tem alguma objeção?

- É óbvio que não nobres cavalheiros! Por mim tudo bem. Quanto mais tempo o réu estiver numa masmorra, mais tempo ele será meu cliente.

Nas minhas considerações finais, quero reafirmar que o narcotráfico não é uma questão a ser resolvida com polícia, exército, marinha, aeronáutica, prisões perpétuas ou penas de morte, mas com inteligência e coerência. Os norte-americanos, todos os dias, nos dão nítidos exemplos de que a cruzada contra as drogas e uma farsa! Nos provam, a todo o momento, que é um erro monumental tentar combatê-las com o artifício das artilharias de guerra. Se a nação que está na vanguarda global, em todos os sentidos, fracassa na empreitada, pense nas chances de êxito nessa direção por parte das pátrias que não dispõem de bilhões para investir em ações repressivas. Quando uma perna gangrena, a amputamos para que uma existência não seja perdida. Está na hora de fazermos os monopolistas do poder deceparem de nossa sociedade a sua política gangrenada, racista, ambiciosa e submissa aos Estados Unidos, para que as vidas de gerações e mais gerações de cidadãos humildes sejam preservadas. O maior bem de uma nação é a sua gente e não as suas reservas em dólar!